

ARQUITETURA SUBJETIVIDADE E CULTURA

CENÁRIOS DE PESQUISA NO BRASIL E PELO MUNDO
CRISTIANE ROSE DUARTE_ETHEL PINHEIRO_ORGS.



ARCHITECTURE

SCENARIOS AND TRANSVERSAL PATHS FOR RESEARCH
CRISTIANE ROSE DUARTE_ETHEL PINHEIRO_ORG.



& CULTURE

SUBJECTIVITY



Neste novo livro produzido pelo Laboratório Arquitetura, Subjetividade e Cultura – LASC / PROARQ / UFRJ, desta vez oriundo de diversas parcerias nacionais e internacionais que fazem parte da trajetória de pesquisa de mais de **20 anos do LASC**, é apresentada a multidimensionalidade da Arquitetura em seu campo ampliado. Trata-se de uma amostra de textos escritos por notáveis pesquisadores – parceiros acadêmicos – que jogam olhares diversos, vindos da arquitetura, da psicologia, da antropologia e da sociologia sobre temas voltados ao espaço construído e às experiências que este proporciona. O livro **“Arquitetura, Subjetividade e Cultura . cenários de pesquisa no Brasil e pelo mundo”** apresenta conceitos e reflexões que alargam as fronteiras do conhecimento nessa área que, muito mais do que técnica e artística, é campo de vivências e emoções humanas.

As Organizadoras

In the new book produced by “Laboratory Architecture, Subjectivity and Culture” - LASC / PROARQ / UFRJ, made of several national and international contributions from partners that make part of our research trajectory of more than **20 years**, the multidimensionality of Architecture is presented in its expanded field. This book is a sample of texts written by notable researchers who throw different looks derived from architecture, psychology, anthropology and sociology, on themes focused on the built and void spaces and the experiences that they can provide.

“Architecture, Subjectivity and Culture . scenarios and transversal paths for research” enlightens concepts and reflections that widen the frontiers of knowledge, through much more than technical and artistic realms. This work is a field of human experiences and emotions.

The Organizers

COPYRIGHT © 2020 DOS AUTORES

1ª EDIÇÃO / 1ST EDITION
RIO DE JANEIRO, 2020

**PROJETO EDITORIAL /
PRESS PROJECT**

LASC/PROARQ - PROGRAMA DE
PÓS-GRADUAÇÃO EM ARQUITETURA

**COORDENAÇÃO EDITORIAL /
EDITORIAL COORDINATION**

CRISTIANE ROSE DUARTE
ETHEL PINHEIRO

**PRODUÇÃO EDITORIAL E GRÁFICA /
EDITORIAL AND PRESS PRODUCTION**

DENISE CORRÊA
MARISTELA CARNEIRO

**REVISÃO DE TEXTOS /
TEXT REVIEWERS**

ETHEL PINHEIRO
ILANA SANCOVISCHI
LEONARDO MUNIZ
ALGO MAIS SOLUÇÕES

**CAPA, PROJETO GRÁFICO E DIAGRAMAÇÃO /
COVER, GRAPHIC DESIGN AND LAYOUT**

VINICIUS SCHELCK | SCHELCK STUDIO

TRADUÇÕES / TRANSLATIONS

INGLÊS E FRANCÊS PARA PORTUGUÊS / ENGLISH AND FRENCH TO PORTUGUESE

BARBARA THOMAZ
CRISTIANE ROSE DUARTE
ETHEL PINHEIRO
NATÁLIA RODRIGUES DE MELO

FRANCÊS E PORTUGUÊS PARA INGLÊS / FRENCH AND PORTUGUESE TO ENGLISH

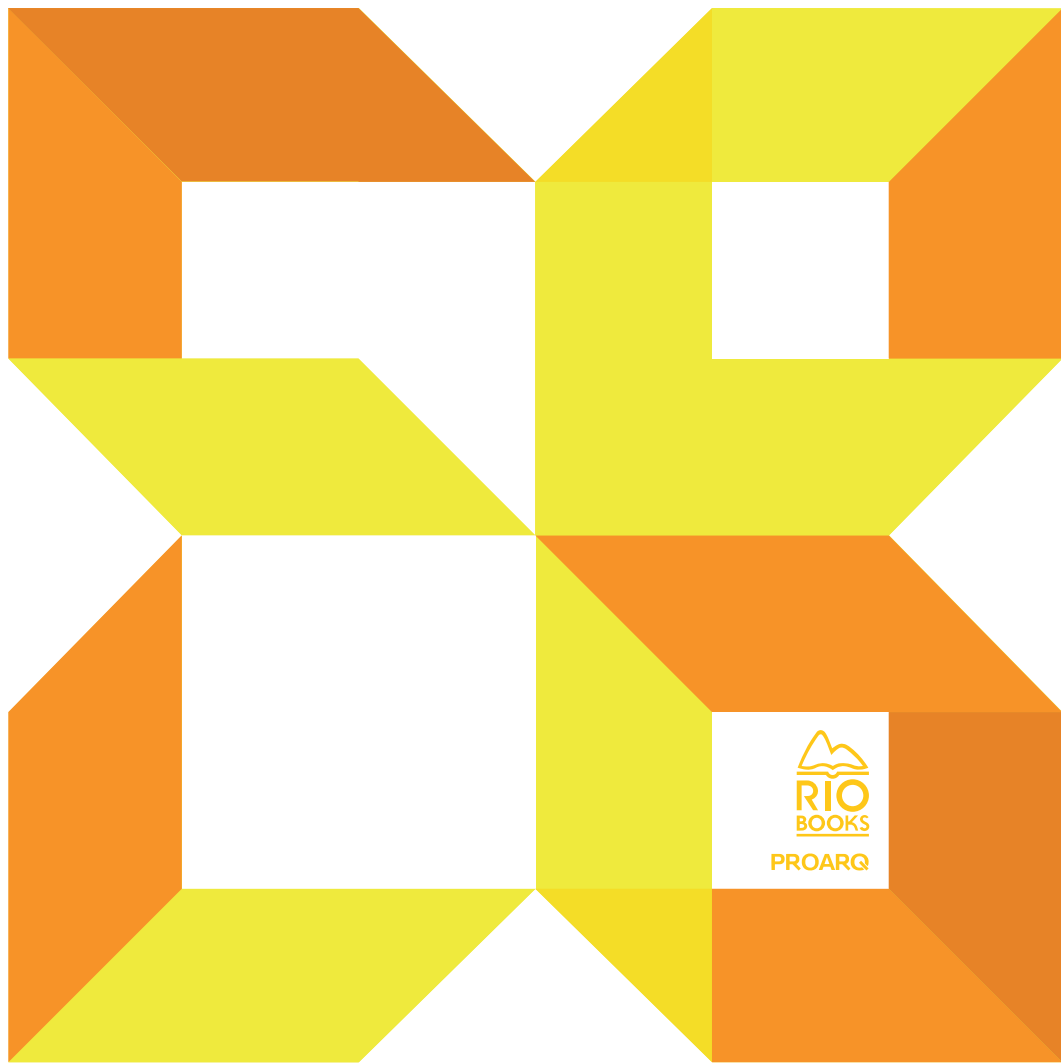
ELIZABETH CONNOLLY
GOOD DEAL CONSULTORIA
LINGUÍSTICA

**IMPRESSÃO E ACABAMENTO /
PRESS AND FINISHING**

RIO BOOKS

ARQUITETURA SUBJETIVIDADE E CULTURA

CENÁRIOS DE PESQUISA NO BRASIL E PELO MUNDO
CRISTIANE ROSE DUARTE_ETHEL PINHEIRO_ORGS.




RIO
BOOKS
PROARQ

12	APRESENTAÇÃO
24	CRISTIANE ROSE DUARTE SILÊNCIO, MEMÓRIA TRAUMÁTICA E RESSIGNIFICAÇÃO DO LUGAR: O CASO DO MEMORIAL DA ABOLIÇÃO DA ESCRAVIDÃO DE NANTES
60	ETHEL PINHEIRO PELO FIO DE ARIADNE: INCURSÕES LABIRÍNTICAS NA CIDADE-ENTRE
108	JEAN-FRANÇOIS AUGOYARD UMA TRAVESSIA DAS AMBIÊNCIAS DENTRO... ACIMA, LONGE DE... ATRAVÉS DE...
172	JEAN-PAUL THIBAUD RUMO A UMA “ECOLOGIA AMBIENTE” DO URBANO
200	PAULA UGLIONE MEMÓRIA, ARQUIVO E VONTADE DE LEMBRAR DA/NA CIDADE
236	NEIVA VIEIRA DA CUNHA MEMÓRIA DAS POLÍTICAS PÚBLICAS EM FAVELAS E DAS FORMAS DE SEGREGAÇÃO SOCIOESPACIAL NO RIO DE JANEIRO
266	GLEICE AZAMBUJA ELALI AMBIÊNCIAS CRIATIVAS NA CIDADE
302	NIELS ALBERTSEN METÁPOLIS ANTROPOGÊNICA: ATMOSFERA, ANTROPOCENO, URBANIDADE
338	PAULO AFONSO RHEINGANTZ LUGARES, PAISAGENS E INTERFACEAMENTOS ENTRE CORPOS, AMBIÊNCIAS E SENTIDOS

374

RACHEL THOMAS

DA CIDADE PACÍFICA À ASSEPTIZAÇÃO
DAS AMBIÊNCIAS URBANAS AS MODULAÇÕES
DO SENSORIUM HUMANO

414

NICOLAS TIXIER

CORTAR A CIDADE PELO MEIO:
AMBIÊNCIAS, TRANSECTOS E PROJETOS

458

FELIPE BEROCAN VEIGA

MARCO ANTONIO DA SILVA MELLO

ANTROPOLOGIA E ARQUEOLOGIA URBANA, UMA
CONTIGUIDADE PROBLEMÁTICA: CONTROVÉRSIAS E
DISPUTAS NO CAMPO CIENTÍFICO

496

SORAYA SILVEIRA SIMÕES;

MARCO ANTONIO DA SILVA MELLO

CIDADES PLANEJADAS, CIDADES REAIS:
PROSTITUIÇÃO E A PRODUÇÃO DA UMA
NARRATIVA CRÍTICA URBANA

532

ROBERT MOSES PECHMAN

CAI A NOITE SOBRE A CIDADE: IMAGENS SORRATEIRAS
DA URBE NA PINTURA DE JAN SIEBERT

570

ÍNDICE REMISSIVO

582

CONSELHO EDITORIAL

ARCHITECTURE

SCENARIOS AND TRANSVERSAL PATHS FOR RESEARCH
CRISTIANE ROSE DUARTE_ETHEL PINHEIRO_ORG.



& CULTURE

SUBJECTIVITY



18	PRESENTATION
42	CRISTIANE ROSE DUARTE SILENCE, TRAUMATIC MEMORY AND RESIGNIFICATION OF PLACES: THE MEMORIAL TO THE ABOLITION OF SLAVERY IN NANTES
84	ETHEL PINHEIRO ARIADNE'S THREAD: LABYRINTH INCURSIONS IN THE IN-BETWEEN CITY
140	JEAN-FRANÇOIS AUGOYARD A JOURNEY THROUGH AMBIANCES WITHIN... ABOVE, FAR FROM... THROUGH...
186	JEAN-PAUL THIBAUD TOWARDS AN AMBIENT ECOLOGY OF THE URBAN
218	PAULA UGLIONE MEMORY, ARCHIVE AND THE WILL TO RECALL THE/IN THE CITY
252	NEIVA VIEIRA DA CUNHA MEMORY OF PUBLIC POLICIES IN FAVELAS AND OF SOCIO-SPATIAL SEGREGATION IN RIO DE JANEIRO
284	GLEICE AZAMBUJA ELALI CREATIVE AMBIANCES IN THE CITY
320	NIELS ALBERTSEN THE ANTHROPOGENIC METAPOLIS: ATMOSPHERE, ANTHROPOCENE, URBANITY
356	PAULO AFONSO RHEINGANTZ PLACES, LANDSCAPES AND INTERFACES AMONG BODIES, AMBIANCES AND SENSES

394 **RACHEL THOMAS**
FROM THE PEACEFUL CITY TO
THE ASSEPTIZATION OF URBAN AMBIANCES
MODULATIONS OF SENSORIUM HUMANO

436 **NICOLAS TIXIER**
CUTTING THE CITY IN HALF:
AMBIANCES, TRANSECTS AND PROJECTS

478 **FELIPE BEROCAN VEIGA**
MARCO ANTONIO DA SILVA MELLO
ANTHROPOLOGY AND URBAN ARCHAEOLOGY,
A PROBLEMATIC RELATIONSHIP: CONTROVERSIES AND
CONFLICTS IN THE SCIENTIFIC COMMUNITY

514 **SORAYA SILVEIRA SIMÕES;**
MARCO ANTONIO DA SILVA MELLO
PLANED CITIES, REAL CITIES:
PROSTITUTION AND THE PRODUCTION
OF CRITICAL URBAN NARRATIVE

552 **ROBERT MOSES PECHMAN**
NIGHT FALLS ON THE CITY: STEALTHY IMAGES OF THE
URBE IN JAN SIEBERT'S PAINTINGS

570 **REFERENCE LIST**

582 **EDITORIAL BOARD**



CENÁRIOS E CAMINHOS TRANSVERSAIS DA PESQUISA EM ARQUITETURA E URBANISMO

Experimentar uma cidade é o mesmo que atravessá-la por cenários, corpos e ideias. Atravessar uma cidade por meio da arquitetura e demais ciências afins é o mesmo que decifrá-la. Nos mais de vinte anos de pesquisas desenvolvidas em parcerias com diversos pesquisadores nacionais e internacionais pelo Laboratório *Arquitetura, Subjetividade e Cultura* - LASC / PROARQ / UFRJ, nada mais próprio e ajustado do que cunhar este livro com o mesmo nome.

No embalo da produção bibliográfica que, em 2019, demonstrou a abrangência das pesquisas desenvolvidas no LASC por seus mais diversos temas e pesquisadores, este livro volta-se agora para 'fora' e apresenta o conjunto de estratégias, produção de conceitos e construção de elos com o mundo das parcerias acadêmicas, demonstrando a força do olhar sobre cidades e arquitetura, no universo público ou privado, por meio de disciplinas transversais como a antropologia, a sociologia, a psicologia e a história social.

Um pouco mais além, o livro ***“ARQUITETURA, SUBJETIVIDADE E CULTURA . cenários de pesquisa no Brasil e pelo mundo”*** revela também os contrastes e as possibilidades de

ampliar os métodos de enfrentamento dos dilemas a que somos submetidos, por meio de vieses subjetivos e culturais. Tais dilemas tem sido enfrentados, há muitos anos, através de sólida união com os pesquisadores que preenchem as páginas deste livro, juntamente às coordenadoras e organizadoras desta obra. Os resultados trazem, assim, diretrizes, encaminhamentos e uma dose de esperança para quem lida com a arquitetura e o urbanismo.

Neste sentido mais amplo de abordagem, por meio de transversalidades, apresentamos os capítulos que compoem este livro, começando por um texto sensível da coordenadora do LASC, **Cristiane Rose Duarte** que, com base no conceito de Memória Traumática e tendo como exemplo o Memorial da Abolição da Escravidão, em Nantes, busca demonstrar que os espaços das cidades podem alavancar processos de ressignificação nas narrativas de seus habitantes.

O Segundo capítulo deste livro é estruturado pelo movimento tênue e simbólico do “fio de Ariadne”, pelo qual outra coordenadora do LASC, **Ethel Pinheiro**, descobre os labirintos de uma Cidade-Entre. Baseado em sua Tese defendida em 2010, e em reverberações de conceitos com que a autora já trabalha há mais de dez anos em pesquisas e orientações, o capítulo apresenta a ideia de ambiência e de memória como um caminho rumo ao futuro e uma possibilidade de interpretação da complexidade dos muitos espaços que vivemos hoje em dia.

Jean François Augoyard, por sua vez, brilhantemente reaviva a *travessia* a que somos submetidos por meio das ambiências. O tema ‘ambiência’ é colocado em questão, mas também as significações, as metáforas e as possibilidades de transgredir ações cotidianas por meio do encontro com a arte, com a filosofia e com o campo social em que estamos imersos. Olhando ‘de dentro’, ‘acima’ e ‘através’ das ambiências, a grande meta deste capítulo é nos provocar a estender tais travessias pelo tanto que nossa experiência nos permitir.

Ainda ensejante nas ambiências, **Jean-Paul Thibaud** nos direciona à dimensão sensível e emergente delas, enquanto representação de uma ecologia dos sentidos. A noção de uma “ecologia ambiente” é apresentada como um viés prático da experiência, que convoca nossa percepção e, antes disso, nossa sensibilidade às pequenas percepções do mundo. Baseado em palavras de ação que autores como Gibson e Guattari convocaram, ao trazer a ideia de uma ecologia sistêmica, Thibaud devolve, com suas conjecturações sobre ambiência, o direito à cidade e à relação sensível de/com tudo que nos rodeia.

Paula Uglione nos brinda com um texto incontornável, trazendo os conceitos de Memória e Arquivo (teorizações vindas do setor de pesquisas da psicanálise) que, ao abrir o hori-

zonte do campo ampliado da arquitetura e do urbanismo, podem contribuir de forma relevante para a pesquisa em nossa área. Para demonstrar essa transversalidade conceitual Paula adorna o texto com três pesquisas desenvolvidas no LASC sobre, respectivamente: o bairro do Leblon, o Cassino da Urca e a região da praça Mauá. Demonstra, com esses trabalhos, que os arquivos de memória são montados por traços selecionados por aqueles que contam uma história e que essa história não se anula com as transformações da urbe.

Neiva Vieira da Cunha traz de volta a questão da memória, mas, neste caso, a memória social e política dos corpos que habitam favelas no Rio de Janeiro. A autora apresenta o processo de construção social da memória das políticas públicas que foram historicamente submetidas às favelas do Rio de Janeiro, e os efeitos de segregação socioespacial que invariavelmente seguiram os processos de erradicação de favelas, principalmente nas décadas de 1960 e 1970. Neiva expressa, de forma contundente, o processo de produção do espaço urbano como resultado de uma constante necessidade de apartar, excluir e expulsar grupos vulneráveis da vida cotidiana, transpondo o direito de classes populares viverem e conformarem as ambiências que tanto reconhecemos como ‘cariocas’.

Ao debruçar-se sobre os atributos das ambiências que inspirariam as pessoas a agir de forma criativa, **Gleice Azambuja Elali** apresenta os resultados instigantes de um *survey online* efetuado junto a profissionais e estudantes de arquitetura e urbanismo. Tais resultados transcendem os aspectos meramente físicos e apontam para a emergência de questões sobre ambientes restauradores, sobre o perigo da gentrificação e sobre importância da democratização e da participação popular nos espaços urbanos.

Niels Albertsen, olhando para a metrópole como uma construção em profusão, situa seu capítulo entre discussões sobre atmosfera (entendida, aqui, como ambiência), antropoceno e urbanidade. Partindo da ideia de um paradoxo da Era Urbana, e as implicações desse paradoxo para a ideia de urbanidade, Niels fala da Metápolis e do Antropoceno (designação cunhada por alguns geólogos da atualidade para a época geológica que passamos) como um resultado de disputas e interpretações. Por fim, trata das atmosferas como uma relação sensorial do homem com este mundo. Versando sobre cidades, épocas, clima e o conceito cunhado de “era da atmosfera”, Niels nos apresenta a importância de validarmos nossas ações políticas em direção a um emaranhamento de ambiências, de modo a atuarmos *afetivamente* nesta urbanidade.

Na sequência, **Paulo Afonso Rheingantz** continua a refletir sobre paisagens e cidades por meio das ações corporais que unem, invariavelmente, ambiências e sentidos. O autor

discorre sobre a abordagem experiencial e o método de “observação incorporada” como caminho para as pesquisas em arquitetura e urbanismo, trazendo a Teoria-Ator-Rede como balizadora da necessidade de estar presente e atento para as “falas do corpo e da voz” de tantos atores envolvidos nos cenários de pesquisa. Em profunda relação sincrônica e temática entre as abordagens do PROLUGAR e do LASC, Paulo Afonso consegue mostrar as convergências e associações das ações dos grupos mencionados, em prol da multiplicidade de performances que corporificam a vida urbana.

Rachel Thomas traz resultados de uma pesquisa que se interessou por ambientes “pacificados” e “asseptizados” em três cidades: Montreal, Salvador e Grenoble. Ela observa que, durante o ato de caminhar, os pedestres adaptam seus ritmos, gestos e expressões corporais em função das variações dos ambientes, mas vê que essa redução dos conflitos, essa homogeneização das atitudes, diminui a capacidade de promoção de encontros e de reconhecimento do Outro.

No texto seguinte, **Nicolas Tixier**, atual diretor do Cresson/ ENSA-Grenoble, explora as possibilidades metodológicas da noção de “transepto”, não apenas como técnica de representação, mas também como prática de campo, principalmente quando colocado na escala de um projeto de espaço urbano público. Constrói-se, assim, uma possibilidade de alinhamento de situações e ambiências em relação a um contexto espacial que se reveste de significados, abrindo-se ao debate participativo entre os atores envolvidos no projeto.

Felipe Berocan Veiga e **Marco Antonio da Silva Mello** contam os percalços ocorridos durante a tentativa frustrada da criação do LAU (Laboratório de Arqueologia Urbana) no Museu Nacional da UFRJ. A relevância deste relato não reside apenas no fato de que o LAU poderia ter consolidado uma linha de pesquisa voltada para a arqueologia urbana tão bem trabalhada no livro *“Quando a rua vira casa. A apropriação de espaços de uso coletivo em um centro de bairro”* (Vogel e Mello, 1981). Mais do que isso: essa história lembrará a todos nós que os bastidores da academia possuem um lado obscuro composto de disputas políticas que muitas vezes dificultam a edificação do conhecimento. Conscientizamo-nos, assim, que abrir-nos aos desafios das novas ideias com humildade científica se faz, mais do que nunca, uma atitude extremamente necessária e premente.

Soraya Silveira Simões e **Marco Antonio da Silva Mello** lançam a discussão sobre o direito de estar nas ruas. Neste sentido, jogam o foco na questão da prostituição, iniciando o texto com uma retrospectiva da mobilização e das lutas das prostitutas pelo direito ao trabalho desde a década de 70. Em seguida, apresentam resultados de pesquisa efetuada

em 2014, quando monitoraram 83 pontos de sexo comercial na cidade do Rio de Janeiro durante a Copa do Mundo de 2014, detectando as ações de controle e repressão de direitos empreendidas com o objetivo de esconder diversas atividades cotidianas enquanto a cidade permanecia sob os holofotes do evento futebolístico.

Encerrando este volume, **Robert Pechman** nos apresenta um cenário, de fato. Falando sobre as cenas noturnas a partir de pinturas de Jan Siebert, de forma poética e livre, Robert simplesmente nos pede: “atente”! Selva, mistério, medo, miríade ou frustração, a noite é o caminho que devemos percorrer metaforicamente para sondar nossos desejos e alentos, nossas dores e promessas. Todo o capítulo fala de um atravessamento da noite, mas também de uma descoberta e de um caminho.

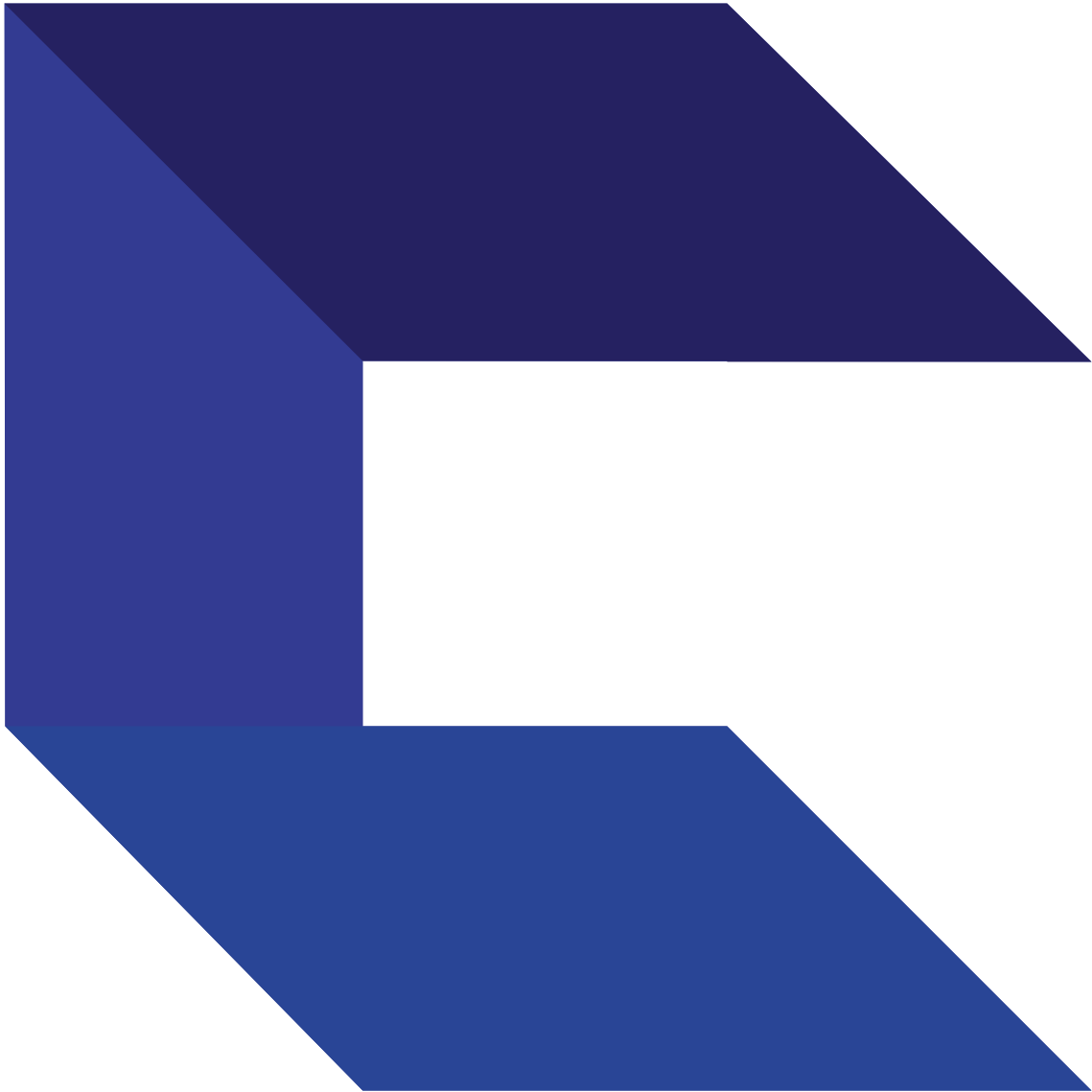
Não podemos deixar de expressar nossa gratidão, neste momento, à equipe sempre atenta e competente que, de braços dados, nos auxiliou na recepção, montagem e acompanhamento das revisões de todos os capítulos deste livro. A essa equipe de pesquisadores, formada por Barbara Thomaz, Estela Almeida, Ilana Sancovschi, Leonardo Muniz e Marília Cecon, nosso grande obrigada!

Um outro agradecimento, imprescindível, deve ser feito ao Conselho Editorial deste livro, que com toda a experiência e generosidade permitiu elevar (ainda mais) a excelência de todos os capítulos aqui apresentados.

Caminhamos sempre para atravessar as ambiências, assim como nos atravessamos, diz Jean François Augoyard no terceiro capítulo deste livro. Mas também atravessamos cidades simplesmente para nos mantermos vivos e conhecermos, em profundidade, o papel da arquitetura e do urbanismo em suas muitas dimensões.

Desejamos, assim, que todos esses cenários apresentados possam atravessar seu conhecimento e trazer luz a novas formas de pensar e agir.

Cristiane Rose Duarte & Ethel Pinheiro
Organizadoras



SCENARIOS AND TRANSVERSAL PATHS FOR RESEARCH IN ARCHITECTURE AND URBANISM

Experiencing a city is the same as traversing it through scenarios, bodies and ideas. Crossing a city through architecture and other similar sciences is the same as deciphering it. In more than twenty years of research developed in partnership with several national and international researchers by the 'Architecture, Subjectivity and Culture Laboratory' - LASC / PROARQ / UFRJ, nothing is more proper and adjusted than to co-create this book with the same name.

In the wake of the bibliographic production that, in 2019, demonstrated the scope of the research developed at LASC by its most diverse themes and researchers, this book now turns to go 'outside' and presents the set of strategies, production of concepts and construction of links with the world of academic partnerships. It also demonstrates the strength of looking at cities and architecture, in the public or private universe, through transversal disciplines such as anthropology, sociology, psychology and social history.

A little further, the book "**ARCHITECTURE, SUBJECTIVITY AND CULTURE. scenarios and transversal paths for research**" also reveals the contrasts and the possibilities of expanding the methods and facing the dilemmas to which we are subjected, through cultural biases. Such dilemmas have been faced, for many years, through a solid union with the re-

searchers who fill the pages of this book, together with the coordinators and organizers of this work. The results thus bring guidelines, guidelines and a dose of hope for those who deal with architecture and urbanism.

In this broader sense of approach, through transversalities, we present the chapters that make up this book, starting with a sensitive text by the LASC coordinator **Cristiane Rose Duarte** who, based on the concept of Traumatic Memory, and having the Abolition Memorial as an example of slavery in Nantes, seeks to demonstrate that city spaces can leverage processes of resignification in the narratives of its inhabitants.

The second chapter of this book is structured by the tenuous and symbolic movement of “Ariadne’s thread”, through which another LASC coordinator, **Ethel Pinheiro**, discovers the labyrinths of the In-between City. Based on her thesis defended in 2010, and on reverberations of concepts that the author has been working on for more than ten years of research, the chapter presents the idea of ambiance and memory as a path towards the future and a possibility of interpreting the complexity of the many spaces we live in today.

Jean François Augoyard, on his turn, brilliantly revives the ‘crossing’ we are subjected to through ambiances. The theme ‘ambiance’ is brought into question, but also the meanings, metaphors and possibilities of transgressing everyday actions through the encounter with art, with philosophy and with the social field in which we are immersed. Looking ‘from the inside’, ‘above’ and ‘across’ the ambiances, the great goal of this chapter is to provoke us to extend such crossings as far as our experience allows us.

Still mentioning in the ambiances, **Jean-Paul Thibaud** directs us to their sensitive and emerging dimension, as a representation of an ecology of the senses. The notion of an “environmental ecology” is presented as a practical bias of experience, which calls for our perception and, before that, our sensitivity to the small perceptions of the world. Based on words of action that authors like Gibson and Guattari summoned, and by bringing the idea of a systemic ecology, Thibaud returns to the right to the city and the sensitive relationship of / with everything around us.

Paula Uglione presents us with an unavoidable text, bringing the concepts of memory and archive (theorizations coming from the research sector of psychoanalysis) that, when opening the horizon of the expanded field of architecture and urbanism, can contribute

in a relevant way to research in our area. To demonstrate this conceptual transversality Paula adorns the text with three kinds of research developed at LASC on, respectively: the Leblon neighborhood, the Cassino da Urca and the Praça Mauá region. It shows, with these works, that the memory files are assembled by lines selected by those who tell a story and that this story is not canceled by the transformations of the city.

Neiva Vieira da Cunha brings back the issue of memory, but, in this case, the social and political memory of the bodies that inhabit favelas in Rio de Janeiro. The author presents the process of social construction of the memory of public policies, that have historically been subjected to the favelas of Rio de Janeiro, and the effects of socio-spatial segregation that invariably followed the processes of eradicating favelas, especially in the 1960s and 1970s. Neiva expresses, bluntly, the production process of urban space as a result of a constant need to separate, exclude and expel vulnerable groups from everyday life, transposing the right of popular classes to live and conform the ambiances that we both recognize as ‘cariocas’.

When looking at the attributes of the ambiances that would inspire people to act creatively, **Gleice Azambuja Elali** presents the compelling results of an online survey carried out with professionals and students of architecture and urbanism. Such results transcend the purely physical aspects and point to the emergence of questions about restorative environments, about the danger of gentrification and about the importance of democratization and popular participation in urban spaces.

Niels Albertsen stares at the metropolis as a profusion, and places his chapter between discussions about atmosphere (understood here as ambiance), anthropocene and urbanity. Starting from the idea of a paradox of the Urban Era, and the implications of this paradox for the idea of urbanity, Niels speaks of Metapolis and the Anthropocene (designation coined by some geologists today for the geological era that we are going through) as a result of disputes and interpretations. Finally, he deals with atmospheres as a sensory relationship between man and this world. Addressing cities, times, climate and the coined concept “era of the atmosphere”, Niels presents us with the importance of validating our political actions towards an entanglement of ambiances, in order to act affectively in this urbanity.

In the sequence, **Paulo Afonso Rheingantz** continues to reflect on landscapes and cities through bodily actions that invariably unite ambiances and senses. The author discusses the experiential approach and the method of “embedded observation” as an effective way for research in architecture and urbanism. He also brings the Actor-Theory-Network as a marker of the need to be present and attentive to the “statements of the body and the voice” of so many actors involved in the research scenarios. In a deep synchronic and thematic relationship between the PROLUGAR and LASC approaches, Paulo Afonso is able to show the convergences and associations of the actions of the mentioned groups, in favor of the multiplicity of performances that embody urban life.

Rachel Thomas brings the results of a research that was interested in “pacified” and “aseptic” environments in three cities: Montreal, Salvador and Grenoble. She observes that, during the act of walking, pedestrians adapt their rhythms, gestures and body expressions according to the variations of the environments, but sees that this reduction of conflicts, this homogenization of attitudes, decreases the ability to promote encounters and recognition from the other.

In the following text, **Nicolas Tixier**, current director of Cresson / ENSA-Grenoble, explores the methodological possibilities of the notion of “transept”, not only as a representation technique, but also as a field practice, especially when placed on the scale of a public urban space plan. Thus, a possibility of aligning situations and ambiances in relation to a spatial context that is covered with meanings is built, opening up to participatory debate among the actors involved in the project.

Felipe Berocan Veiga and Marco Antonio da Silva Mello recount the mishaps that occurred during the failed attempt to create the LAU (Laboratory of Urban Archeology) at the UFRJ National Museum. The relevance of this report lies not only in the fact that the LAU could have consolidated a line of research focused on urban archeology so well worked on in the book *“Quando a rua vira casa. A apropriação de espaços de uso coletivo em um centro de bairro”* / ‘When the street becomes home. The appropriation of spaces for collective use in a neighborhood core’ (Vogel and Mello, 1981). More than that: this story will remind all of us that the backstage of the academy has a dark side composed of political disputes that often hinder the building of knowledge. We are aware, therefore, that opening ourselves to the challenges of new ideas with scientific humility is, more than ever, an extremely necessary and urgent attitude.

Soraya Silveira Simões and Marco Antonio da Silva Mello launch the discussion about the right to be on the streets. In this sense, they focus on the issue of prostitution, beginning the text with a retrospective of the mobilization and struggles of prostitutes for the right to work since the 1970s. Then, they present results of research carried out in 2014, when they monitored 83 points of ‘commercial sex’ in the city of Rio de Janeiro during the 2014 World Cup, detecting the actions of control and repression of rights undertaken in order to hide various daily activities while the city remained in the spotlight of the football event.

To close this book, **Robert Pechman** presents a scenario, in fact. Talking about the night scenes from Jan Siebert’s paintings, in a poetic and free way, Robert simply asks us: “watch out”! Jungle, mystery, fear, myriad or frustration, the night is the way we must go metaphorically to probe our desires and breaths, our pains and promises. The whole chapter speaks of a crossing of the night, but also of a discovery and a path.

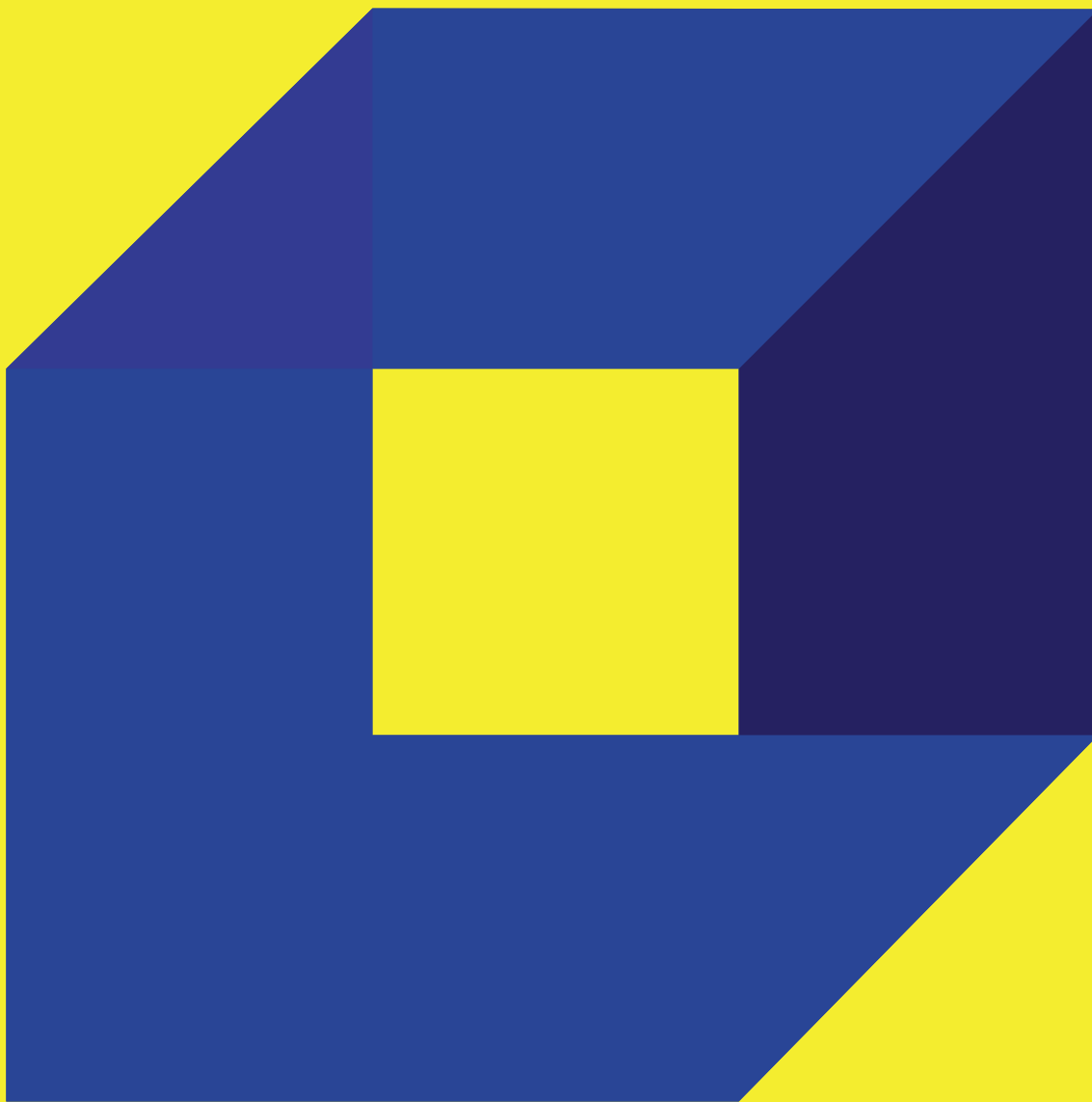
We cannot fail to express our gratitude, at this moment, to the always attentive and competent team that “arm in arm” helped us in receiving, assembling and monitoring the revisions of all chapters of this book. To this team of researchers, formed by Barbara Thomaz, Estela Almeida, Ilana Sancovschi, Leonardo Muniz and Marília Ceccon, our biggest thanks.

Another essential acknowledgment should be made to the Editorial Board of this book, which with all the experience and generosity allowed to raise (even more) the excellence of all the chapters hereby presented.

We always walk as a way to cross the ambiances, says Jean François Augoyard in the third chapter of this book. But we also cross many cities so as to stay alive and to know, in depth, the role of architecture and urbanism in their many dimensions.

We hope, therefore, that all these scenarios presented can cross your knowledge and bring light to new ways of thinking and acting.

Cristiane Rose Duarte & Ethel Pinheiro
Organizers



SILÊNCIO, MEMÓRIA TRAUMÁTICA E RESSIGNIFICAÇÃO DO LUGAR: O CASO DO MEMORIAL DA ABOLIÇÃO DA ESCRavidÃO DE NANTES

Em 2000, durante um congresso sobre a relação entre psicologia, arquitetura e urbanismo,¹ a psicóloga Denise Jodelet palestrou acerca dos resultados de uma pesquisa fascinante. Seus alunos, incumbidos de compilar os mapas mentais feitos por moradores de Vichy e de Nantes, na França, detectaram a existência de alguns locais que não eram mencionados, verdadeiras zonas “de silêncio” nos discursos a respeito dessas cidades.

1. Organizado pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) – Programa de Pós-graduação em Arquitetura (Proarq) e Programa de Pós-graduação em Psicossociologia de Comunidades e Ecologia Social (Eicos) –, sob organização de Vicente del Rio, Cristiane Rose Duarte e Tania Maciel.

Estudando mais a fundo a causa da omissão desses espaços nas narrativas dos habitantes, Jodelet e sua equipe descobriram que esse “silêncio metafórico” tinha uma estreita relação com fatos ocorridos no passado dessas cidades que até hoje causavam vergonha a seus moradores.

Em Vichy foi detectado um estigma social ligado ao período da Segunda Guerra Mundial, quando a cidade foi o centro administrativo de um Estado acusado de ser muito fraco em relação aos nazistas, sob o comando do general Pétain. Segundo Jodelet, “na elaboração dos mapas mentais não se mencionava ou nunca se mostrava aqueles que foram os lugares ocupados pelo governo de Pétain” (2002, p. 41).

Por sua vez, Nantes, situada a 50km da desembocadura do rio Loire no oceano Atlântico, é uma cidade milenar dotada de exemplares arquitetônicos representantes de diversos períodos históricos. Apesar de sua arquitetura belíssima, alguns edifícios construídos nos séculos XVII e XVIII se situavam nessa zona de “silêncio”, pois, de acordo com Jodelet (2002), havia na cidade a percepção de que essa arquitetura estaria relacionada a uma burguesia que enriqueceu mediante o comércio de escravos capturados na África e vendidos nas Américas. Havia, de certo modo, uma condenação desse passado que liga a história da cidade aos navios negreiros, e, como resultado desse incômodo, os moradores sentenciavam ao “esquecimento” a arquitetura da região localizada entre a Praça Graslin e o Cais de la Fosse, no centro de Nantes.

Em 2012, doze anos após a palestra de Jodelet, algo muito interessante aconteceu em Nantes: a prefeitura da cidade promoveu a construção do Memorial da Abolição da Escravidão, justamente no local onde o estigma pesava sobre a cidade, no Cais de la Fosse. Muitos viram nesse novo espaço um vetor de remissão de pecados históricos, uma possibilidade de redenção.

Este trabalho foca no caso do Memorial da Abolição da Escravidão de Nantes como oportunidade para comentar os conceitos de memória traumática, de resiliência e de sua relação com o lugar. Buscamos ainda demonstrar que os moradores não usam os espaços das cidades apenas como suporte espacial de sua construção identitária, mas também da ressignificação da própria existência como grupo social.

O ESPAÇO COMO BASE DE CONSTRUÇÃO COTIDIANA DA IDENTIDADE E DA MEMÓRIA

O exemplo do Memorial da Abolição da Escravidão não pretende esgotar a questão da complexidade das relações entre o ser humano e o espaço construído. O que buscamos, no presente capítulo, é trazer alguma contribuição para o campo de arquitetura e urbanismo por meio de uma base multidisciplinar que possibilitará análises de subjetividades inscritas nos espaços sob narrativas² que conectam os lugares, o indivíduo e sua cultura. Para tanto, faz-se necessário delinear alguns conceitos e demonstrar o entendimento das noções de identidade, memória e ressignificação do lugar, de modo a permitir o avanço das discussões apresentadas mais adiante.

Tema recorrente em nossos trabalhos,³ temos buscado entender as formas pelas quais o sentido de identidade é construído pelos indivíduos que ancoram no lugar⁴ sua compreensão do *eu* e, com ela, moldam os sentidos de sua existência, representando, por meio de seu espaço, “quem sou, quem quero ser, quem quero que os outros pensem que sou” (DUARTE et al., 2007, p. 509).

A identidade é um conceito que traz consigo a noção de pertinência e reconhecimento de si mesmo, sempre contrapondo as relações de igualdade e diferença, sendo uma construção dinâmica que não se esgota no tempo nem na complexidade das cidades atuais.

2. As narrativas, como se sabe, contam histórias construídas pelos sujeitos como forma de atribuir significado e situar suas identidades no contexto espacial e temporal. Segundo Assumpção e Ferreira, as narrativas fazem parte do próprio narrador, pois “é a sua representatividade na experiência existencial” (2017, s/p). Para Benjamin (1987), as narrativas transmitem uma mensagem inteligível no âmbito de um grupo cultural. Assim, elas contribuem, de certa forma, para a construção da memória coletiva dentro de cadeias de significantes sociais e culturais comuns aos grupos.

3. Ver as pesquisas do Laboratório Arquitetura, Subjetividade e Cultura (Lasc), vinculado ao Proarq da UFRJ, em: <www.lasc.fau.ufrj.br>.

4. Neste texto, o conceito de lugar é considerado estabelecido pela geografia humana, ou seja, é o espaço ao qual as vivências e os afetos agregaram valor e significados (TUAN, 1983).

As identificações pessoal e grupal são (re)construídas na cotidianidade. Trata-se sempre de um processo dinâmico que, paradoxalmente, é fundamental para que o indivíduo e os grupos tenham sentimentos de perenidade e estabilidade em relação a si mesmos e ao mundo que os cercam. Como diz Lima, o sentimento de constância da noção de identidade é “uma espécie de defesa pessoal e da capacidade humana de manter no âmbito do consciente” a história de vida de cada um (2009, s/p).

A identidade e as identificações, no nível individual ou coletivo, engendram um conjunto complexo de elementos – como a visão de mundo, a maneira de agir, as crenças, a cultura –, e por eles se pode “reconhecer” signos dessas identidades e identificações. De fato, é o exercício da simbolização que cria, perpetua e transmite a cultura ao longo das gerações.⁵ Segundo White, “todos os símbolos devem ter uma forma física, pois do contrário não podem penetrar em nossa experiência, mas o seu significado não pode ser percebido pelos sentidos” (1955 *apud* LARAIA, 2003, p. 55).

Verificamos que, quando ocorre a dotação de afeto ao lugar, quando vão sendo construídos sentimentos de pertencimento e aparecem ações de apropriação simbólica do espaço, o indivíduo está moldando um lugar para si enquanto [re]constrói a própria identidade (DUARTE, 2010).

A memória, por sua vez, é indissociável da identidade. Não há construção identitária sem memória, e vice-versa, porque a busca memorial é constituída por uma identificação do *eu* que reordenará sua história. Os espaços e a memória estão entrelaçados com a identidade na medida em que as experiências rememoradas constroem um sentimento de familiaridade com os lugares e as situações, sugerindo uma sensação de pertencimento.

Cabe frisar, contudo, que a memória não é uma lembrança de um fato que ocorreu, e sim uma reconstrução do passado. Em nossas pesquisas, a memória é tomada, a exemplo de Ricoeur (1990), como trabalho – trabalho esse que é sempre de (re)montagem de arquivos (DERRIDA, 2011). Face aos acontecimentos de nossas vidas, somos constantemente convocados a “construir as nossas próprias histórias individuais e coletivas” (DUARTE; UGLIONE, 2005, p. 3).

5. Segundo Reis et al., “os significados simbólicos devem ser entendidos como uma fração integrante do vasto conjunto de valores constituintes de uma cultura” (2011, s/p).

Pinheiro nos remete a esse trabalho de (re)montagem ao mencionar que a apreensão da memória que

faz emergir significados e valores dos lugares, atribuídos por indivíduos que neles estão, fomenta as ligações simbólicas entre o ambiente de uma pessoa e suas crenças essenciais [...]. Na busca pelo resgate das memórias urbanas, o passado tende a ser recriado de forma a refletir nítida e metaforicamente os desejos do presente (2010, p.8).

Assim como a identidade, a memória é sempre ancorada no espaço. Ao traçar um paralelo entre a psicologia ambiental e a arquitetura, tratando das relações entre memória, significação e identidade, Jodelet lembra que as principais abordagens por meio das quais a psicologia ambiental contribui para estudos “sobre o homem e o ambiente estão vinculadas às representações socioespaciais e à memória dos lugares, que envolve a identidade dos indivíduos e dos grupos” (2002, p. 34).

Para Halbwachs (1990), os lugares, em sua condição de materialização da perenidade das coisas, permitem que os indivíduos se sintam parte de uma história e fazem com que os grupos sociais reforcem os laços de pertencimento e enraizamento. Essa memória coletiva deriva de um processo de negociação e seleção de lembranças a fim de que seja reconstruída sobre uma base comum.

A construção permanente da memória, contudo, não segue uma lógica cronológica. Ao contrário, ela se destaca e se dinamiza ao sabor da intensidade e da importância de cada acontecimento. Ancorada nos espaços que lhe conferem materialidade, a memória é um reinventar constante que evolui enquanto construímos nossa identidade cotidianamente. Assim, a memória é “a ferramenta convocada a trabalhar nos acontecimentos da vida, nas rupturas de identidade, nos rasgos de reconhecimentos. Porque ela cria, ela inventa uma teia de significados a partir da qual uma (nova) vida poderá acontecer” (UGLIONE; DUARTE, 2011, s/p).

SILÊNCIO, MEMÓRIA TRAUMÁTICA E RESSIGNIFICAÇÃO

No trabalho de Jodelet (2002) citado na Introdução deste texto, a menção ao “silêncio” é compreendida metaforicamente por espaços que foram omitidos das narrativas dos habitantes. A inexistência de ações de apropriação nesses locais também faz parte desse silêncio metafórico que, paradoxalmente, tem muito a nos dizer. O silêncio indica o “local do crime”, como diz o psiquiatra Boris Cyrulnik; ele é revelador e comunica um incômodo que não se consegue mencionar: “O silêncio evoca a vertigem do vazio” (2012).

O silêncio que revelou a Jodelet (2002) os fatos de um passado que traz vergonha para os habitantes de Nantes e Vichy encontra explicações no trabalho de Pollak, que assevera:

Essas lembranças são transmitidas no quadro familiar, em associações, em redes de sociabilidade afetiva e/ou política. Essas lembranças proibidas [...], indizíveis [...] ou vergonhosas [...] são zelosamente guardadas em estruturas de comunicação informais e passam despercebidas pela sociedade englobante. Por conseguinte, existem nas lembranças de uns e de outros zonas de sombra, silêncios, “não ditos”. (1989, p. 6).

Em oposição à memória oficial com a qual o Estado busca escrever sua versão da história, Pollak (1989) denomina “memória subterrânea” àquela repassada entre gerações por meio da história oral, muitas vezes como parte das culturas minoritárias e populares. Por sua vez, Cyrulnik (2012) chama de “memória traumática” quando esta é dominada pelo incômodo que produz o silêncio. Para o autor, enquanto a memória sã é evolutiva e produz constantemente representações do passado, a memória traumática é estagnada no tempo e se vê condenada a uma repetição eterna do sofrimento ocasionado pelo trauma.⁶

6. Segundo Uglione (2008), um trauma envolve sempre alguma ruptura quando a memória é acionada pelo psiquismo para o trabalho simbólico de ressignificar o que foi rompido ou danificado.

Alguns acontecimentos do passado podem, portanto, ser considerados traumas na história de determinadas cidades quando fixam uma marca que impede o trabalho de resignificação para a [re]construção das narrativas de seus habitantes. Uma vez que é necessário buscar no passado os elos que permitem a antecipação do futuro, tais habitantes se percebem impotentes perante a história e perdem as rédeas de suas narrativas. Daí se manifesta o silêncio.

Como se vê, um acontecimento traumático pode cobrir uma cidade com o manto do silêncio metafórico e gerar um estigma no lugar, repassado através de gerações. Contudo, esse estigma pode ser rompido e escapar desse ciclo vicioso se essas memórias desencadearem um impulso de resiliência.

Para Cyrulnik (2011), a resiliência é o poder de modificar a conotação afetiva do trauma. Nesse processo, é necessário haver uma materialidade que ancore as alterações nas representações. Quando algo se rompe na perenidade das referências constituídas, acontece “certa implosão do eu, que obriga a máquina escriturária da memória a trabalhar na busca de novas significações para aquilo que se rompe nos acontecimentos, nas transformações pelas quais a vida está perpassada” (UGLIONE; DUARTE, 2011, s/p). Os indivíduos se veem, então, impelidos a construir novos sentidos para as experiências passadas, e novos significados se atrelam à sua história.

Assim, segundo Silva et al., a resignificação

consiste na capacidade do ser humano de, a partir da reflexão acerca de um acontecimento outrora vivenciado, atribuir-lhe significados, ora distintos da significação realizada na época, ora reafirmando-os. Isso permite que em um outro momento de vida, o indivíduo utilize seus aprendizados de forma nova, adaptada à situação com a qual se depara e que, por alguma razão, requisitou aquele aprendizado adquirido no passado (2008, p. 78).

No âmbito de pesquisas em arquitetura e urbanismo, cabe jogar o foco sobre o espaço e suas possibilidades de fornecer ao indivíduo a matéria, a substância e o embasamento para os processos psíquicos que levam à ressignificação de suas experiências, de sua história de vida.

Scolari, que estudou a ressignificação da identidade de um grupo social por meio dos vínculos territoriais afetivos e funcionais do espaço, ressalta que é pela “apropriação do espaço que começa a se fundar a ressignificação da identidade” desse grupo (2006, p. 135).

Diversos autores reconhecem ligação inexorável entre o espaço e o processo de ressignificação das identidades desenvolvido pelos grupos sociais. Souza, por exemplo, lembra que a ressignificação parte da essência do sujeito que, “para se realizar e continuar existindo, ressignifica parte de sua história” (KINN, 2010 *apud* 2013, p. 237) e demonstra que os processos de “mutações no lugar” promovem reações que ressignificam os modos de vida, os vínculos que as pessoas têm com o território, as sociabilidades e a própria estrutura das famílias (2013, p. 237). Por sua vez, Damião desvenda o uso do espaço por jovens da periferia de São Paulo, sustentando que, geralmente marginalizados e incompreendidos pelo consenso midiático, eles são capazes de ressignificar os espaços, transformando-os em lugar e rompendo com as “imposições que a racionalidade capitalista planeja sobre o espaço urbano” (2014, p. 18).

Interessamo-nos pelo papel do espaço construído como base fomentadora do processo de ressignificação. Ao ressignificar o espaço, ressignificamos nossa própria existência. Acreditamos que o caso da construção do Memorial da Abolição da Escravidão, em Nantes seja um exemplo que pode ilustrar esse processo.

O MEMORIAL DA ABOLIÇÃO DA ESCRAVIDÃO DE NANTES

Como mencionado na Introdução, a cidade de Nantes prosperou muito do fim do século XVII até meados do XVIII com o comércio de escravos, sendo o principal porto de partida para os navios negreiros franceses. As atividades dessas expedições consistiam em trocar mercadorias por escravos africanos, levá-los para as colônias francesas da América e das

Antilhas e retornar à Europa com carregamentos de açúcar, café, algodão e especiarias. Cerca de 450 mil africanos foram vítimas dessas expedições que se iniciaram em Nantes.

A diretora do Patrimônio Municipal de Nantes, Marie-Hélène Jouzeau, lembra que, após a abolição da escravidão na França, em 1848, os habitantes da cidade não costumavam relembrar o passado abertamente (DEFAWE, 2012).

Como visto mais acima, o trabalho de Jodelet (2002) detectou que a população de Nantes reconhecia uma região do centro da cidade como local ligado simbolicamente a esse passado. De fato, foi do Cais de la Fosse que zarpou a maior parte dos navios negreiros, e até recentemente o local permanecia sem atrair grandes laços afetivos dos habitantes. Até 2005, o cais se limitava a um estacionamento de veículos a céu aberto.

A prefeitura de Nantes conseguiu identificar não só que essa parte da cidade tinha uma lacuna de afeto dos habitantes, mas também o potencial histórico com força suficiente para gerar movimentos de ressignificação do lugar. Assim, foi lançado um concurso internacional de projetos para o Memorial da Abolição da Escravidão com o objetivo de criar uma marca de reconhecimento das responsabilidades históricas do passado e oferecer uma reflexão sobre a importância da salvaguarda dos direitos humanos. O projeto selecionado foi o de autoria da dupla composta pelo artista polonês Krzysztof Wodiczko e pelo arquiteto estadunidense Julian Bonder. A obra do projeto definitivo foi iniciada em 2010 e inaugurada em 2012.

1. Cais de la Fosse, Nantes.

Fonte: acervo da autora, 2018.



O projeto aproveita parte da estrutura do Cais de la Fosse e ocupa o espaço subterrâneo que fica abaixo da esplanada, de 7 mil m², onde antes funcionava o estacionamento (Figura 1). A esplanada tem piso de concreto sem alisamento, com as britas aflorando, “salpicado” de pequenas placas de vidro translúcido – cerca de 2 mil placas –, nas quais estão escritos os nomes dos navios negreiros e as datas em que zarparam de Nantes, além dos portos de escala e dos postos avançados de comércio escravagista (Figuras 2 e 3).

O memorial aproveita o formato do cais e se desenvolve longitudinalmente, ao lado do rio Loire, por cerca de 90 metros. Os autores do projeto ressaltam que o memorial não é um museu, e sim um caminho reflexivo.



2. Esplanada de acesso ao Memorial, Nantes.

Fonte: acervo da autora, 2018.

3. Uma das 2000 placas contendo datas e nomes dos navios negreiros que zarparam de Nantes.

Fonte: acervo da autora, 2018.

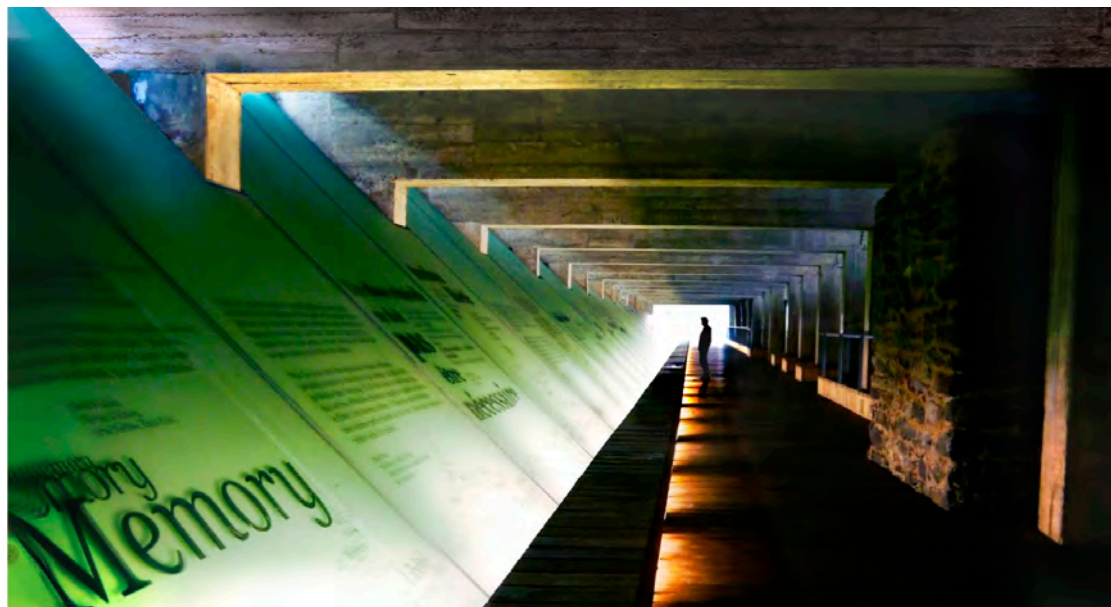


O espaço subterrâneo surpreende pela ambiência multissensorial, tendo piso de tábuas de madeira e iluminação difusa, em que o visitante imediatamente percebe a alusão aos porões de navios negreiros (Figura 4). Por entre os pilares do cais, é possível ter a visão do rio, quase na mesma altura do piso. Ouvem-se o barulho da passagem de barcos e o grito das gaivotas, sente-se o cheiro do mar que não está muito distante, assim como percebe-se o som da rua, ao longe, o que traz uma ideia de multitemporalidade. Além disso, percebe-se uma paisagem sonora que mistura murmúrios do dia a dia: sons de gotas de água, de utensílios domésticos, de roldanas. O olhar é atraído para painéis de vidro opacos que oferecem inscrições, textos, mapas, canções e narrativas sobre diversas questões ligadas à escravidão, ao abolicionismo e aos direitos humanos (Figura 5).

Por ocasião da construção do memorial, apareceram diversos textos em jornais e revistas que faziam aflorar, abertamente, esse sentimento de vergonha do passado: “Por muito tempo, Nantes enterrou esse passado vergonhoso que, contudo, foi responsável por dar forma à cidade por meio das construções que pertenciam às ricas famílias escravagistas” (FRANCE 3, 2012). O prefeito Jean-Marc Ayrault retrucava: “Não existe nenhum país que tenha se tornado mais forte sem encarar de frente seu passado” (FRANCE 3, 2012).

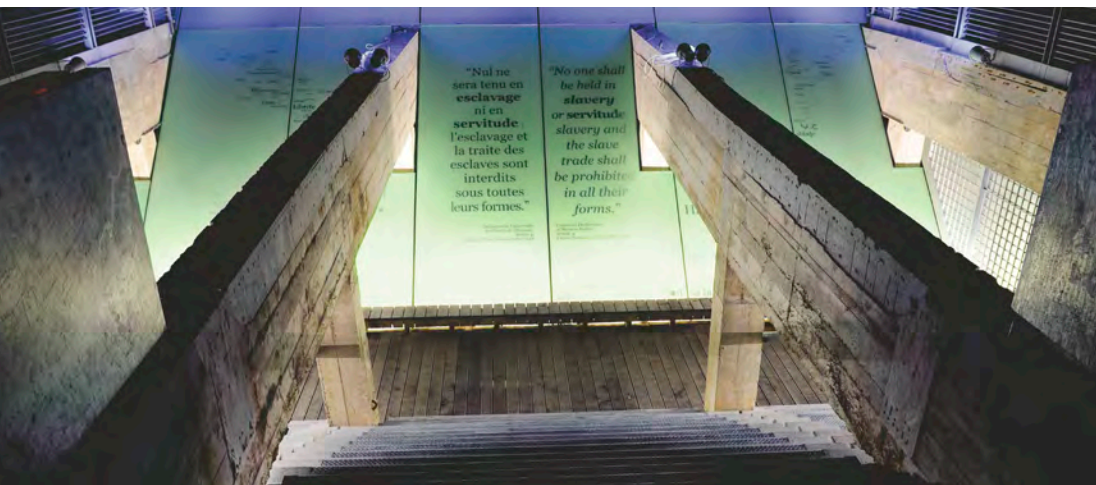
O memorial recebeu algumas críticas logo após a inauguração. Alguns veículos de imprensa reclamaram do fato de ele ter sido construído, em sua maior parte, no subsolo, acu-

4. Espaço interno do Memorial.
Fonte: acervo da autora, 2018.



sando os autores de perpetuar simbolicamente no subterrâneo o assunto da escravidão; outros acusavam a prefeitura pelo eventual benefício político levantando a suspeita de que a população talvez não assimilasse bem a mensagem pretendida. Surgiram também aqueles ainda mais críticos, que questionavam se a institucionalização da lembrança da escravidão poderia perpetuar “as relações de domínio entre aqueles que tiveram o poder de dar a liberdade – e teriam hoje a possibilidade de celebrar essa doação – e aqueles que não puderam fazer nada além de aceitá-la” (CIARA, 2020).

A popularidade do memorial, porém, foi grande desde a inauguração. O lugar foi apropriado pelos moradores não só com intensa visitação, mas também com subversões



5. Painéis do Memorial.

Fonte: acervo da autora, 2018.

6. Algumas placas substituídas, com nome de imigrantes mortos na atualidade.

Fonte: acervo da autora, 2019.



espaciais e ações de reivindicação política. Um exemplo disso ocorreu na madrugada de 1º de abril de 2019, quando algumas das placas de vidro contendo o nome dos navios negreiros no piso da esplanada foram substituídas por outras, nas quais apareciam referências a imigrantes mortos na atualidade (Figura 6). A ação foi reivindicada por um grupo autodenominado Collectif Baudroie, que publicou um manifesto declarando repúdio à inação do governo francês frente à morte de refugiados que arriscam diariamente suas vidas na esperança de uma existência mais justa e digna: “Decidimos jogar luz nesses milhares de nomes esquecidos a fim de lhes dar a humanidade que a França e a responsabilidade mundial lhes roubaram” (FRANCEBLEU, 2012, s/p).

Na sequência, a prefeitura de Nantes publicou uma nota informando que deixaria as placas de protesto no local por alguns dias, em respeito ao direito de manifestação, uma vez que a função do memorial é justamente lutar contra as discriminações de toda espécie.

Entre muitos outros exemplos, podemos citar a manifestação contra o racismo ocorrida em 9 de junho de 2020 em várias partes do mundo, simultaneamente ao funeral do afro-americano George Floyd, em Minneapolis, nos Estados Unidos. Em Nantes, o ato foi convocado por associações de luta pelos direitos humanos, contra o racismo, e marcado para a esplanada do Memorial da Abolição da Escravidão. Por oito minutos e quarenta e

7. Manifestação na esplanada do memorial, quando foram feitos 8 minutos de silêncio.

Fonte: Philippe Gambert, 2020.



seis segundos,⁷ centenas de manifestantes permaneceram ajoelhados na esplanada, em silêncio, com os punhos cerrados (Figura 7).

Em resumo, o espaço do memorial se tornou ponto de encontro de diversas manifestações políticas, atos de protesto e, sobretudo, ações pelos direitos das minorias. Acreditamos, portanto, que o caso ocorrido em Nantes possa ilustrar muito bem o trabalho de Pollak (1989, p. 7), para quem

o problema que se coloca a longo prazo para as memórias clandestinas e inaudíveis é o de sua transmissão intacta até o dia em que elas possam aproveitar uma ocasião para invadir o espaço público e passar do “não-dito” à contestação e à reivindicação (1989, p.7).

ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

Iniciamos nossas considerações finais colocando em contraposição o silêncio citado no início deste texto com o silêncio de mais de oito minutos durante a manifestação de junho de 2020 acima mencionada. O primeiro, metafórico, representava o entrave traumático rebatido no espaço de uma cidade que viveu mais de 150 anos sob o estigma social ocasionado pelas ações do passado. O segundo, libertador por ser expressão de uma convicção, representa o efeito da resiliência de uma cidade que foi capaz de mudar a conotação afetiva e ressignificar parte de sua história. De fato, em Nantes, como vimos, a memória traumática (CYRULNIK, 2012) era uma obstrução ao processo de construção das representações identitárias de seus habitantes.

Os processos coletivos, assim como nos ensina Halbwachs (1990), caminham lado a lado com as subjetividades dos indivíduos. O autor trabalhou com a ideia de memória coletiva não como elemento de dominação ou imposição de uma história reinterpretada pelos grupos dominantes, mas como fator positivo de coesão social, pela adesão afetiva que proporciona.

7. Tempo que George Floyd ficou imobilizado sob os joelhos do policial, até seu falecimento.

Se por um lado o processo de ressignificação ocorre quando o indivíduo (ou o grupo socio-cultural) busca reconstruir o significado de sua existência, por outro nos parece inegável que o espaço construído tenha um papel importante nesse processo, acelerando-o, facilitando as relações intersubjetivas e sendo a base para a materialização de sonhos e aspirações.

A construção do memorial foi capaz de criar um lugar em seu sentido afetivo e referencial, dotando a própria cidade de um senso ético e político que era almejado pelos habitantes.

Em nossa viagem a Nantes, fomos lembrados várias vezes, por diferentes moradores, que o memorial é o primeiro monumento da Europa dedicado à abolição da escravidão. Eles demonstraram orgulho por estar nessa situação de vanguarda, um orgulho claramente contraposto à antiga vergonha, um radiante contraposto ao antigo silêncio. Uma nova identidade cidadina parece surgir então, demonstrando a força das referências espaciais na construção das narrativas identitárias num processo de ressignificação.

REFERÊNCIAS

- ASSUMPTÃO, R. V.; FERREIRA, J. V. Narrativas da cidade: uma aproximação entre memória coletiva, cidade e literatura. **Anais do XVII Enanpur São Paulo**, 2017. Disponível em: anpur.org/xvii-enanpur/principal/publicações/. Acesso em: 17 nov. 2019.
- BENJAMIN, W. **Obras escolhidas: magia e técnica, arte e política**. São Paulo: Brasiliense, 1987.
- CIARA, G. Instituer le souvenir de l'esclavage en Guadeloupe et à Nantes : les contentieux du don commémoratif. **Ethnologie française**, v. 1, n. 177, 2020, p. 125-141. Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=7287973>. Acesso em: 25 maio 2020.
- CYRULNIK, B. **Resilience: how your inner strength can set you free from the past**. Londres: Tarcher/Penguin, 2011.
- CYRULNIK, B. **La Mémoire Traumatique**. Palestra na Université de Nantes publicada em 29 de novembro de 2012. Disponível em: www.youtube.com/watch?v=rd13inJYbQk. Acesso em: 20 maio 2020.
- DAMIÃO, P. L. **A ressignificação do espaço: produção e circulação de cultura contra-hegemônica na periferia da cidade de São Paulo**. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo. São Paulo, 2014.
- DEFAWE, J.-P. Nantes inscrit son passé de port négrier dans la ville. **Le Moniteur**, 22 mar. 2012. Disponível em: <https://www.lemoniteur.fr/article/nantes-inscrit-son-passe-de-port-negrier-dans-la-ville.1490849>. Acesso em: 20 nov. 2019.
- DERRIDA, J. **Mal de arquivo: uma impressão freudiana**. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 2011.
- DUARTE, C. R. et al. O projeto como metáfora: explorando ferramentas de análise do espaço construído. In: DUARTE, C. R.; RHEINGANTZ, P. A.; AZEVEDO, G.; BRONSTEIN, L. **O lugar do projeto no ensino e na pesquisa em arquitetura e urbanismo**. Rio de Janeiro: Contracapa, 2007, p. 504-519.
- FRANCE 3 – Pays de la Loire. **Mémorial de l'Abolition de l'esclavage de Nantes: un passé assumé**. (vídeo 10m17s). Publicado em março 2012. Disponível em: www.youtube.com/watch?v=5jtLX818Fw&t=188s. Acesso em: 20 maio 2020.
- FRANCEBLEU, F. R. **A Nantes, les plaques du Mémorial de l'abolition de l'esclavage ont été détournées**. 1º abr. 2019. Disponível em: www.francebleu.fr/infos/societe/a-nantes-les-plaques-du-memorial-de-l-abolition-de-l-esclavage-ont-ete-detournees-1554129058. Acesso em: 19 jun. 2020.
- GAUCHARD, Y. Nantes affronte son passé négrier avec son Mémorial de l'abolition de l'esclavage. **Le Monde**, 18 abril de 2012. Disponível em: www.lemonde.fr/societe/article/2012/04/18/nantes-affronte-son-passe-negrier-avec-son-memorial-de-l-abolition-de-l-esclavage_1687088_3224.html. Acesso em: 15 out. 2019.
- HALBWACHS, M. **La mémoire collective**. Paris: Albin Michel, 1990.
- JODELET, D. A cidade e a memória. In: RIO, V. del; DUARTE, C. R.; RHEINGANTZ, P. A. **Projeto do lugar**. Rio de Janeiro: Contracapa, 2002.
- LARAIA, R. de B. **Cultura: um conceito antropológico**. Rio de Janeiro: Zahar, 2003.
- LIMA, V. M. F. de. A construção do conceito de identidade urbanística como contribuição ao campo do desenho urbano. **Cadernos do LINCC – Linguagens da cena contemporânea**, v. 3, n. 3, 2009, s/p. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/clincc/article/view/14850>.

- PINHEIRO, E. Cultura, subjetividade e experiência: dinâmicas contemporâneas na arquitetura. **Anais digitais** do I Enanparq, 2010. Disponível em: www.anparq.org.br/dvd-enanparq/simposios/105/105-691-2-SP.pdf.
- POLLAK, M. Memória, esquecimento, silêncio. **Estudos Históricos** (Rio de Janeiro), v. 2, n. 3, 1989, p. 3-15.
- REIS, A. T. L.; BIAVATTI, C. D.; PEREIRA, M. L. E. Estética urbana: uma análise através das ideias de ordem, estímulo visual, valor histórico e familiaridade. **Ambiente Construído** (Porto Alegre), v.11, n. 4, out.-dez. 2011. Disponível em: www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1678-86212011000400013.
- RICOEUR, P. **Soi-même comme un autre**. Paris: Éditions du Seuil, 1990.
- SCOLARI, R. M. D. **Ressignificação da identidade através do trabalho e moradia dos catadores de material reciclável da Associação de Recicladores Cidadão Amigos da Natureza do município de Erechim** (RS). Dissertação (Pós-graduação) em geografia – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2006.
- SILVA, C. S. C da et al. Resignificação da experiência de orientação profissional. **Revista Brasileira de Orientação Profissional** (São Paulo), v. 9, n. 1, jun. 2008, p. 75-86.
- SOUZA, E. A. **O território e as estratégias de permanência camponesa da Comunidade Pedra Lisa no processo de expansão das lavouras de cana-de-açúcar em Quirinópolis-GO**. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-graduação do Instituto de geografia IGUFU, Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2013.
- TUAN, Y-F. **Espaço e lugar: a perspectiva da experiência**. São Paulo: Difel, 1983.
- UGLIONE, P.; DUARTE, C. R. **Lugares em suspensão na cidade: memória, acontecimento e as (re)configurações urbanas**. In: 9º seminário Docomomo Brasil – Interdisciplinaridade e experiências em documentação e preservação do patrimônio recente. Brasília, junho de 2011. Disponível em: www.docomomobsb.org.
- UGLIONE, P. (2008). **Arquivo Memória do lugar: memória e histórias da cidade**. Tese doutorado Programa de Pós-graduação em Arquitetura da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ).

CRISTIANE ROSE DE SIQUEIRA DUARTE

Docente do quadro permanente do Programa de Pós-graduação em Arquitetura – PROARQ/UFRJ; professora titular aposentada da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal do Rio de Janeiro - FAU/UFRJ (1983-2017). Graduada em Arquitetura pela UFRJ e Architecte-DPLG pela École d'Architecture de Paris-La Villette; é mestre pela Université de Paris XII (Paris-Val-de-Marne) e doutora pela Université de Paris I (Panthéon-Sorbonne). Tem pós-doutorado na University of California, Berkeley. Pesquisadora 1A do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq). Coordenadora do Laboratório Arquitetura, Subjetividade e Cultura do PROARQ (LASC/Proarq). É parecerista ad hoc de órgãos de fomento nacionais e membro de comitês científicos e editoriais nacionais e internacionais. Foi membro do comitê de assessoramento do CNPq. Foi coordenadora de área da FAPERJ.



SILENCE, TRAUMATIC MEMORY AND RESIGNIFICATION OF PLACES: THE MEMORIAL TO THE ABOLITION OF SLAVERY IN NANTES

In 2000, during a conference on the relationship between psychology, architecture and urbanism,¹ psychologist Denise Jodelet spoke about the results of her fascinating research. Her students, tasked with compiling the mental maps made by residents in Vichy and Nantes, in France, detected the existence of some places that were not mentioned, true “silence” zones in the discourses about these cities. While deeply studying the reasons for such omissions regarding these spaces in the narratives of the inhabitants, Jodelet (2020) and her team discovered that this “metaphorical silence” had a close relationship with events that occurred in the past in these cities that still caused major shame for residents.

1. Organized by the Federal University of Rio de Janeiro (UFRJ) - Postgraduate Program in Architecture (Proarq) and Postgraduate Program in Community Psychosociology and Social Ecology (Eicos) -, coordinated by Vicente del Rio, Cristiane Rose Duarte and Tania Maciel.

In Vichy, a social stigma linked to the Second World War period was detected, when the city was the administrative center of a State accused of being very weak in relation to the Nazis, under the command of General Pétain. According to Jodelet, “while creating mental maps, the places occupied by Pétain’s government were never mentioned or shown” (2002, p. 41).

In turn, Nantes, located 50km from the mouth of the Loire River in the Atlantic Ocean, is a millenary city endowed with architectural examples representing different historical periods. Despite its beautiful architecture, some buildings built in the 17th and 18th centuries were located in this “silence” zone, because, according to Jodelet (2002), there was a perception that this architecture would be related to a bourgeoisie in the city that was enriched through the slave trade captured in Africa and sold in the Americas. There was an attempt to somewhat condemn this past that links the history of the city to slave ships, and as a result of this discomfort, the residents were sentenced to “forgetting” the architecture of the region located between Graslin Square and Cais de la Fosse, in the center of Nantes.

In 2012, twelve years after Jodelet’s lecture, something very interesting happened in Nantes: the city government promoted the construction of the Memorial to the Abolition of Slavery, exactly in the place where the stigma weighed upon the city, at Cais de la Fosse. Many saw this new space as a vector for the remission of historical sins, a possible redemption.

This work focuses on the case of the Memorial to the Abolition of Slavery in Nantes as an opportunity to comment on the concepts of traumatic memory, resilience and its relationship with the place. We also seek to demonstrate that residents do not use city spaces only as a spatial support for identity construction, but also to redefine their own existence as a social group.

SPACE AS A BASIS FOR THE DAILY CONSTRUCTION OF IDENTITY AND MEMORY

The example of the Memorial to the Abolition of Slavery does not intend to exhaust the issue of the complex relations between human beings and built environments. In this

chapter, we seek to contribute to the field of architecture and urbanism through a multi-disciplinary basis that will enable an analysis of subjectivities included in the spaces under narratives² that connect places, individuals and their culture. Thus we must outline some concepts and demonstrate the understanding of the notions of identity, memory and re-signification of places, in order to enable the discussions presented further on.

As a recurring theme in our work,³ we have sought to understand the ways in which the sense of identity is built by individuals who anchor⁴ their understanding of the *self* in places and, with it, shape the meanings of their existence, representing, through their space, “who I am, who I want to be, who I want others to think I am” (DUARTE et al., 2007, p. 509).

Identity is a concept that brings with it the notion of belonging and self-recognition, continuously contrasting the relations of equality and difference, as a dynamic construction that does not end over time or with the complexity of today’s cities.

Personal and group identifications are (re) constructed in everyday life. It is always a dynamic process that, paradoxically, is fundamental for individuals and groups to have feelings of permanence and stability in relation to themselves and the world surrounding them. As Lima says, the feeling of constancy within the notion of identity is “a form of personal defense and the human capacity to consciously maintain” each individual story (2009, s / p).

Identity and identifications, at the individual or collective level, encompass a complex set of elements - such as the worldview, the way of acting, beliefs, culture - and through

2. Narratives, as we know, tell stories constructed by the subjects as a way of attributing meaning and positioning their identities in a spatial and temporal context. According to Assumpção and Ferreira, a narrative is part of the narrator himself, because “it is his representation of an existential experience” (2017, s / p). Benjamin (1987) considers that narratives convey an intelligible message within a cultural group. Thus, they contribute, somewhat, to the construction of collective memory within a chain of social and cultural significance that is common to groups.

3. See the research carried out by the Architecture, Subjectivity and Culture Laboratory (Lasc), linked to UFRJ Proarq, at: <www.lasc.fau.ufrj.br>.

4. In this text, the concept of place is considered to be established by human geography, that is, it is the space to which experiences and affections add value and meanings (TUAN, 1983).

them it is possible to “recognize” signs of these identities and identifications . In fact, it is the exercise of symbolization that creates, perpetuates and transmits culture throughout generations.⁵ According to White, “all symbols must have a physical form, otherwise they cannot penetrate our experience, but their meaning cannot be perceived by the senses” (1955 *apud* LARAIA, 2003, p. 55).

We found that when there is an endowment of affection for the place, when feelings of belonging are built and actions of symbolic appropriation of space appear, the individual is structuring a place for himself while [re] building his own identity (DUARTE, 2010).

Memory, in turn, is inseparable from identity. Identity cannot be constructed without memory, and vice versa, because the memorial search is established by an identification of the *self* that will reorganize its history. Spaces and memory are intertwined with identity as the recalled experiences build a feeling of familiarity with places and situations, suggesting a sense of belonging.

It should be noted, however, that memory is not a reminder of a fact that has occurred, but a reconstruction of the past. In our research, memory is considered work, such as Ricoeur (1990) suggests - work that always involved (re) assembling archives (DERRIDA, 2011). Faced with the events of our lives, we are constantly called upon to “build our own individual and collective stories” (DUARTE & UGLIONE, 2005, p. 3).

Pinheiro leads us to this (re) assembly work by mentioning that it is the apprehension of memory that

provides meanings and values to places, attributed by individuals who are in them, it fosters symbolic connections between a person’s environment and his or her essential beliefs [...]. While seeking to rescue urban memories, the past tends to be recreated in a way that clearly and metaphorically reflects present desires (2010, p.8).

5. According to Reis et al., “Symbolic meanings must be understood as an integral part of the vast set of values that represent a culture” (2011, s / p).

Such as identity, memory is always anchored in space. When drawing a parallel between environmental psychology and architecture, dealing with the relationships between memory, meaning and identity, Jodelet recalls that the main approaches through which environmental psychology contributes to studies “on man and the environment are linked to socio-spatial representations and the memory of places, which involves the identity of individuals and groups” (2002, p. 34).

Halbwachs (1990) considers that places, that materialize the perpetuity of things, allow individuals to feel they are part of a story and make social groups reinforce the bonds of belonging, establishing roots. This collective memory derives from a process of negotiation and selection of memories so that it can be reconstructed on a common basis.

The permanent construction of memory, however, does not follow a chronological logic. On the contrary, it stands out and dynamizes with the intensity and importance of each event. Anchored in the spaces that provide materiality, memory is a constant reinventing process that evolves as we build our identity on a daily basis. Thus, memory is “the tool selected to work on the events of life, the identity ruptures and tearing of recognitions. Because it creates and invents a web of meanings from which a (new) life can occur” (UGLIONE; DUARTE, 2011, s / p).

SILENCE, TRAUMATIC MEMORY AND RESIGNIFICATION

Jodelet (2002) cited in the Introduction of this text, “silence” is understood metaphorically as spaces that have been omitted from the inhabitants’ narratives. The lack of appropriation actions in these places is also part of that metaphorical silence that, paradoxically, has a lot to say. The silence indicates the “crime scene”, as the psychiatrist Boris Cyrulnik says; it is revealing and communicates a nuisance that cannot be mentioned: “Silence evokes the vertigo of emptiness” (2012).

The silence that revealed to Jodelet (2002) the facts of a past that brings shame to the inhabitants of Nantes and Vichy can be explained through Pollak’s work, where he states:

These memories are transmitted in the family setting, in associations, in networks of affective and / or political sociability. These forbidden, [...] unspeakable or shameful [...] memories are zealously kept in informal communication structures and are overlooked by the encompassing society. Consequently, they exist in the memories of some individuals while representing shadow areas for others or silences that are “unspoken”. (1989, p. 6).

Contrary to the official memory that the State seeks to base its version of history upon, Pollak (1989) calls “underground memory” that which has been passed on between generations through oral history, often as part of minority and popular cultures. In turn, Cyrulnik (2012) considers “traumatic memory” to be dominated by the discomfort that produces silence. The author also considers that while a healthy memory is evolutionary and constantly produces representations of the past, a traumatic memory is stagnant in time and is condemned to an eternal repetition of the suffering caused by the trauma.⁶

Some events in the past can, therefore, be considered traumas in the history of certain cities when they set a mark that prevents resignification work for the [re] construction of resident narratives. Since it is necessary to search in the past for the links that enable the anticipation of the future, these inhabitants perceive themselves as powerless while facing history and lose control of their narratives. Hence there is silence.

Thus, a traumatic event can cover a city with the mantle of metaphorical silence and generate a stigma in the place, passed on through generations. However, this stigma can be broken and escape from this vicious cycle if these memories trigger an impulse of resilience.

Cyrulnik (2011) considers that resilience is the power to modify the emotional connotation of trauma. In this process, there must be a materiality that anchors the changes in the representations. When something breaks in the perpetuity of the constituted references,

6. According to Uglione (2008), trauma always involves some rupture when the memory is triggered by the psyche for the symbolic work of resignification towards what has been broken or damaged.

“a certain implosion of the self occurs, which forces the memory writing machine to work to search for new meanings for what is broken in the events, through the transformations that permeate life” (UGLIONE ; DUARTE, 2011, s / p). Individuals, then, see themselves as impelled to build new meanings for past experiences, and new meanings are linked to their history.

Thus, according to Silva et al., the resignification

consists in the human being’s ability, upon reflecting on an event experienced, to assign meaning to it, which is sometimes different from the meaning attributed at the time and sometimes reaffirming these meanings. This enables individuals to use his or her experiences in a new way, during another moment in life, adapted to the situations faced, which for some reason required such experience acquired in the past (2008, p. 78).

In the field of research in architecture and urbanism, it is necessary to focus on space and its possibilities of providing the individual with the material, substance and basis for psychic processes that lead to the resignification of their experiences, their life stories.

Scolari, studied the resignification of the identity of a social group through the affective and functional territorial ties of space, and highlighted that it is through the “appropriation of space that the resignification of identity begins in a group” (2006, p. 135) .

Several authors recognize an inexorable link between space and the process of resignification for identities developed by social groups. Souza, for example, recalls that resignification begins with the essence of the subject who, “to be fulfilled and continue to exist, providing resignification for part of his story” (KINN, 2010 *apud* 2013, p. 237) and demonstrates that the processes of “mutations in place” promote reactions that cause the resignification of lifestyles, the bonds that people have with the territory, sociability and the actual structure of families (2013, p. 237). In turn, Damião unveils the use of space by youth from the outskirts of São Paulo, highlighting that although they are generally marginal-

ized and misunderstood by the media consensus, they are able to provide resignification for spaces, transforming them into places and rupturing the “impositions that capitalist rationality plans for urban spaces”(2014, p. 18).

We are interested in the role of the built space as a basis for promoting the resignification process. Through the resignification of space, we perform the resignification of our own existence. We believe that the case of the construction of the Memorial to the Abolition of Slavery in Nantes is an example that can illustrate this process.

THE NANTES MEMORIAL TO THE ABOLITION OF SLAVERY

As mentioned in the Introduction, the city of Nantes prospered greatly from the end of the 17th century to the middle of the 18th century with the slave trade, as the main departure port for French slave ships. The activities of these expeditions consisted in exchanging goods for African slaves, taking them to the French colonies in America and the Antilles and returning to Europe with shipments of sugar, coffee, cotton and spices. About 450,000 Africans were victims of these expeditions that started in Nantes.

The director of the Municipal Heritage of Nantes, Marie-Hélène Jouzeau, recalls that, after the abolition of slavery in France in 1848, the inhabitants of the city did not openly remember the past (DEFAWE, 2012).

As seen above, the work by Jodelet (2002) detected that the population of Nantes recognized a region of the city center as a place symbolically linked to that past. In fact, it was from Cais de la Fosse that most of the slave ships sailed, and until recently the place did not establish great affective ties with the residents. Until 2005, the pier was limited to an open-air car parking lot.

The municipal government in Nantes was able to identify not only that this part of the city had a lack of affection from residents, but also the historical potential with sufficient strength to generate movements of resignification for the place. Thus, an international project competition was launched for the Memorial to the Abolition of Slavery with the aim

of concretely recognizing the historical responsibilities of the past and reflecting on the importance of safeguarding human rights. The selected project was created by a Polish artist Krzysztof Wodiczko and an American architect Julian Bonder. The final project began in 2010 and the memorial was launched in 2012.

The project takes advantage of part of the structure in the Cais de la Fosse and occupies the underground space that is below the esplanade, with 7 thousand ^{m²}, where the parking lot previously existed (Figure 1). The esplanade has concrete floor that is not smooth, with apparent gravel, “speckled” with small plates of translucent glass - about 2 thousand plates - with the engraving of names of slave ships and the dates when they sailed from Nantes, as well as connecting ports and slave trade outposts (Figures 2 and 3).

The memorial takes advantage of the format of the pier and is positioned longitudinally, alongside the Loire River, for about 90 meters. The authors of the project emphasize that the memorial is not a museum, but a reflective path.

The underground space is surprising by its multisensory ambiance, with wooden plank floors and diffused lighting, where visitors immediately perceive the allusion to the holds of slave ships (Figure 4). Between the pillars of the pier, it is possible to view the river, almost at the same height of the floor. You can hear the noise of passing boats and scream-

1. Cais de la Fosse, Nantes.
Source: Author's collection, 2018.



ing seagulls, you can smell the sea not far away, as well as the sound of the street at a distance, which provides an idea of multi-temporality. In addition, there is a soundscape that mixes murmurs from day to day: sounds of water drops, household utensils, pulleys. Eyes are drawn to opaque glass panels that offer inscriptions, texts, maps, songs and narratives on various issues related to slavery, abolitionism and human rights (Figure 5).

During the construction of the memorial, several texts appeared in newspapers and magazines that openly touched on this feeling of shame from the past: “For a long time, Nantes buried this shameful past that was responsible for shaping the city through the build-



2. Access esplanade to the Memorial, Nantes.

Source: Author's collection, 2018.

3. One of the 2000 plaques containing the dates and names of the slave ships that sailed from Nantes.

Source: Author's collection, 2018.

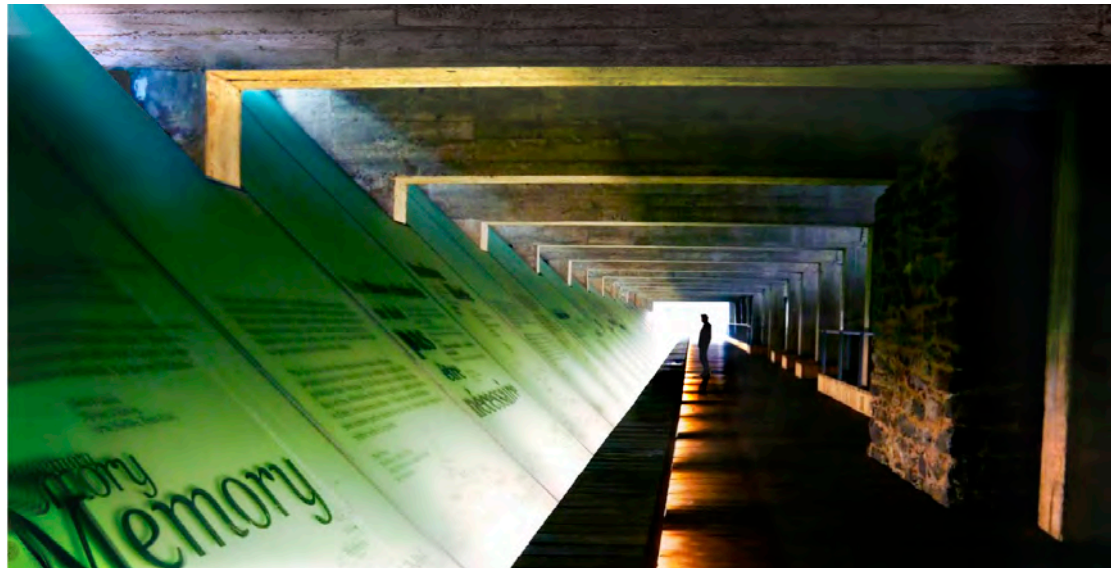


ings that belonged to wealthy slave trading families”(FRANCE 3, 2012). Mayor Jean-Marc Ayrault replied: “There is no country that has become stronger without facing its past” (FRANCE 3, 2012).

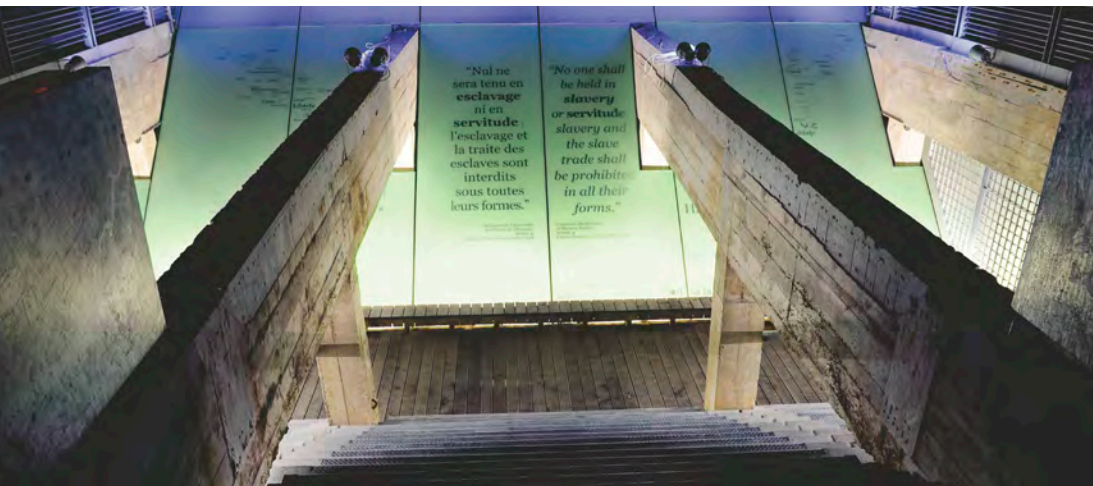
The memorial received some criticism shortly after the inauguration. Some media outlets complained about the fact that it was mostly built underground, accusing the authors of symbolically perpetuating the subject of slavery underground; others accused the city for the possible political benefit, raising the suspicion that the population might not perceive the intended message well. There were also those who were even more critical, who questioned whether the institutionalization of the memory of slavery could perpetuate “the dominant relations between those who had the power to provide freedom - and today would have the possibility to celebrate this donation - and those who could not do anything but accept it”(CIARA, 2020).

The memorial’s popularity, however, has been great since its inauguration. The place was occupied by residents with intense visitation, but also lead to spatial subversions and political protest actions. One example of this took place in the early hours of April 1, 2019, when some of the glass plates containing the name of the slave ships on the esplanade floor were replaced by others, with references to immigrants who died recently (Figure 6). The action was claimed by a group calling itself Collectif Baudroie, which published a manifesto declar-

4. Internal space of the Memorial.
Source: Author’s collection, 2018.



ing rejection towards the French government's lack of action towards the death of refugees who risk their lives daily hoping for a more just and dignified existence: "We decided to shed light on these thousands of names forgotten in order to give them the humanity that France and the worldwide responsibility stole from them" (FRANCEBLEU, 2012, s / p).



5. Memorial panels.
Source: Author's collection, 2018.

6. Some signs were replaced, with names of immigrants killed recently.
Source: Author's collection, 2019.



Subsequently, the city of Nantes published a note stating that it would leave the protest signs in place for a few days, respecting the right to protest, since the role of the memorial is precisely to fight against all types of discrimination.

Among many other examples, we can mention the protest against racism that took place on June 9, 2020 in various parts of the world, at the same time as the funeral for African-American George Floyd, in Minneapolis, in the United States. In Nantes, the protest was convened by associations fighting for human rights, against racism, and was scheduled to take place at the esplanade of the Memorial to the Abolition of Slavery. For eight minutes and forty-six seconds,⁷ hundreds of protesters remained kneeling on the esplanade, in silence, with clenched fists (Figure 7).

In short, the memorial space became a meeting point for several political demonstrations, protests and, above all, actions advocating for the rights of minorities. We believe, therefore, that the case that occurred in Nantes can very well illustrate the work by Pollak (1989, p. 7), for whom

7. The time that George Floyd was immobilized under the policeman's knees, until his death.

7. Protest at the memorial esplanade, with 8 minutes of silence.

Source: Philippe Gambert, 2020.



the long-term problem for clandestine and inaudible memories is that of their intact transmission until the day when they can take advantage of an occasion to invade public space and move from the “unsaid” to the contestation and claims (1989 , p.7)

SOME CONSIDERATIONS

We begin our final remarks by comparing the silence mentioned at the beginning of this text with the silence of more than eight minutes during the June 2020 protest mentioned above. The first example metaphorically represented the traumatic obstacle in the space of a city that experienced more than 150 years of social stigma caused by actions in the past. The second example, is liberating as it represents the expression of a conviction, represents the effect of the resilience of a city that was able to change the affective connotation causing the resignification of part of its history. In fact, in Nantes, as we have seen, traumatic memory (CYRULNIK, 2012) was an obstruction to the process of building the identity representations of its residents.

Collective processes, as Halbwachs (1990) teaches us, go hand in hand with individual subjectivities. The author worked with the collective memory concept not as an element of domination or imposition of a history reinterpreted by dominant groups, but as a positive factor for social cohesion, due to the affective adhesion it provides.

If, on the one hand, the reframing process occurs when individuals (or a sociocultural group) seeks to reconstruct the meaning of their existence, on the other hand it seems undeniable that the constructed space has an important role in this process, accelerating it, facilitating intersubjective relations and being the basis for the materialization of dreams and aspirations.

The construction of the memorial was able to create a place in its affective and referential sense, endowing the city itself with an ethical and political sense that was sought by residents.

On our trip to Nantes, we were reminded several times, by different residents, that the memorial is the first monument in Europe dedicated to the abolition of slavery. They

showed pride in being in this avant-garde situation, a pride clearly opposed to the old shame, a radiant counterpoint to the old silence. A new city identity seems to emerge then, demonstrating the strength of spatial references towards the construction of identity narratives in a resignification process.

REFERENCES

- ASSUMPÇÃO, R. V.; FERREIRA, J. V. Narrativas da cidade: uma aproximação entre memória coletiva, cidade e literatura. *Anais do XVII Enanpur São Paulo*, 2017. Available at: anpur.org/xviienanpur/principal/publicações/. Accessed on: 17 Nov. 2019.
- BENJAMIN, W. *Obras escolhidas: magia e técnica, arte e política*. São Paulo: Brasiliense, 1987.
- CIARA, G. Instituer le souvenir de l'esclavage en Guadeloupe et à Nantes : les contentieux du don commémoratif. *French Ethnology*, Vol. 1, n. 177, 2020, p. 125-141. Available at: <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=7287973>. Accessed on: 25 May 2020.
- CYRULNIK, B. *Resilience: how your inner strength can set you free from the past*. London: Tarcher / Penguin, 2011.
- CYRULNIK, B. *La Mémoire Traumatique*. Palestra na Université de Nantes publicada em 29 de novembro de 2012. Available at: www.youtube.com/watch?v=r-d13inJYbQk. Accessed on: 20 May 2020.
- DAMIÃO, P. L. A resignificação do espaço: produção e circulação de cultura contra-hegemônica na periferia da cidade de São Paulo. *Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo*. São Paulo, 2014.
- DEFAWE, J.-P. Nantes inscrit son passé de port négrier dans la ville. *Le Moniteur*, 22 mar. 2012. Available at: <https://www.lemoniteur.fr/article/nantes-inscrit-son-passe-de-port-negrier-dans-la-ville.1490849>. Access on: November 20, 2019.
- DERRIDA, J. *Mal de arquivo: uma impressão freudiana*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 2011.
- DUARTE, CR et al. O projeto como metáfora: explorando ferramentas de análise do espaço construído. In: DUARTE, C. R.; RHEINGANTZ, P. A.; AZEVEDO, G.; BRONSTEIN, L. *O lugar do projeto no ensino e na pesquisa em arquitetura e urbanismo*. Rio de Janeiro: Contracapa, 2007, p. 504-519.
- FRANCE 3 - Pays de la Loire. *Mémorial de l'Abolition de l'Esclavage de Nantes: a passé assumé*. (video 10m17s). Published on March 2012. Available at: www.youtube.com/watch?v=-5jtLX818lFw&t=188s. Accessed on: 20 May 2020.
- FRANCEBLEU, FR Nantes, the plaques du Mémorial de l'abolition de l'esclavage ont été détournées. 1 April 2019. Available at: www.francebleu.fr/infos/societe/a-nantes-les-plaques-du-memorial-de-l-abolition-de-l-esclavage-ont-ete-detournees-1554129058. Accessed on: 19 jun. 2020.
- GAUCHARD, Y. Nantes affronte son passé négrier avec son Mémorial de l'abolition de l'esclavage. *Le Monde*, April 18, 2012. Available at: www.lemonde.fr/societe/article/2012/04/18/nantes-affronte-son-passe-negrier-avec-son-memorial-de-l-abolition-de-l-esclavage_1687088_3224.html. Accessed on: 15 Octobre, 2019
- HALBWACHS, M. *La mémoire collective*. Paris: Albin Michel, 1990.
- JODELET, D. *A cidade e a memória*. In: RIO, V. del; DUARTE, C. R.; RHEINGANTZ, P. A. *Projeto do lugar*. Rio de Janeiro: Contracapa, 2002.
- LARAIA, R. de B. *Cultura: um conceito antropológico*. Rio de Janeiro: Zahar, 2003.
- LIMA, V. M. F de. *A construção do conceito de identidade urbanística como contribuição ao campo do desenho urbano*. *Cadernos do LINCC – Linguagens da cena contemporânea*, v. 3, n. 3, 2009, s/p. Available at: <https://periodicos.ufrn.br/clincc/article/view/14850>.
- PINHEIRO, E. *Cultura, subjetividade e experiência: dinâmicas contemporâneas na arquitetura*. *Anais digitais do I Enanparq*,

2010. Available at: www.anparq.org.br/dvd-enanparq/simpósios/105/105-691-2-SP.pdf.
- POLLAK, M. Memória, esquecimento, silêncio. *Estudos Históricos* (Rio de Janeiro), v. 2, n. 3, 1989, p. 3-15.
- REIS, A. T. L.; BIAVATTI, C. D.; PEREIRA, M. L. E. Estética urbana: uma análise através das ideias de ordem, estímulo visual, valor histórico e familiaridade. *Ambiente Construído* (Porto Alegre), v.11, n. 4, out.December.2011. Available at: www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1678-86212011000400013.
- RICOEUR, P. *Soi-même comme un autre*. Paris: Éditions du Seuil, 1990.
- SCOLARI, R. M. D. Ressignificação da identidade através do trabalho e moradia dos catadores de material reciclável da Associação de Recicladores Cidadão Amigos da Natureza do município de Erechim (RS). Dissertação (Pós-graduação) em geografia – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2006.
- SILVA, C. S. C da et al. Ressignificação da experiência de orientação profissional. *Revista Brasileira de Orientação Profissional* (São Paulo), v. 9, n. 1, jun. 2008, p. 75-86.
- SOUZA, E. A. O território e as estratégias de permanência camponesa da Comunidade Pedra Lisa no processo de expansão das lavouras de cana-de-açúcar em Quirinópolis-GO. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-graduação do Instituto de geografia IGUFU, Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2013.
- TUAN, Y-F. *Espaço e lugar: a perspectiva da experiência*. São Paulo: Difel, 1983.
- UGLIONE, P.; DUARTE, C. R. Lugares em suspensão na cidade: memória, acontecimento e as (re)configurações urbanas. In: 9º seminário Docomomo Brasil – Interdisciplinaridade e experiências em documentação e preservação do patrimônio recente. Brasília, June 2011. Available at: www.docomomobsb.org.
- UGLIONE, P. (2008). *Arquivo Mnemônico do lugar: memória e histórias da cidade*. Doctoral thesis Postgraduate Program in Architecture at the Faculty of Architecture and Urbanism in the Federal University of Rio de Janeiro (UFRJ).

CRISTIANE ROSE DE SIQUEIRA DUARTE

Retired full professor at the Faculty of Architecture and Urbanism at the Federal University of Rio de Janeiro - FAU / UFRJ, permanent professor at the Post-Graduation Program in Architecture - PROARQ. Undergraduate degree in Architecture from UFRJ and Architecte DPLG from ENSAPLV; master's degree from the Université de Paris Est-Créteil and PhD from the Université de Paris I Panthéon-Sorbonne. Postdoctoral degree at the University of California, Berkeley. She is a 1A Researcher at the National Council for Scientific and Technological Development (CNPq) and coordinates the Research Laboratory for Architecture, Subjectivity and Culture (LASC / PROARQ). A member of the advisory committee at CNPq and scientific coordinator of the AUD area at FAPERJ.



PELO FIO DE ARIADNE: INCURSÕES LABIRÍNTICAS NA CIDADE-ENTRE

Este é o labirinto de Creta cujo centro foi o minotauro, que Dante imaginou como um touro com cabeça de homem e em cuja rede de pedra se perderam tantas gerações como Maria Kodama e eu nos perdemos naquela manhã e continuamos perdidos no tempo, esse outro labirinto.
(*Atlas*, Jorge Luis Borges)

POR CIDADES E LABIRINTOS

A preocupação com as cidades contemporâneas tornou-se tópico de interesse mundial, por diversos motivos que variam desde a desapareição dos seus limites até o fato de que, pouco a pouco, têm se dissolvido socialmente (e espacialmente) pela constante injeção das tecnologias informacionais. Falar de espaços públicos no campo de arquitetura e urbanismo é, assim, uma das estratégias para se falar de cidades, uma vez que toda ação humana pode ser representada e analisada a partir dos espaços de articulação coletiva e do desenrolar do cotidiano público, elementos de composição do ideário de toda *polis*.

É sabido que as estruturas que nos permitiram definir cidade entre os séculos XV e XIX se inverteram quase totalmente em pouco mais de cem anos, e a reflexão sobre o que é cidade, e como interferir nela arquitetônica e urbanisticamente, tornou-se uma questão. Contudo, os intervalos da cidade isoladamente (ruas, calçadas, edifícios) não são o bastante para caracterizar a complexidade dos grandes centros atuais e, assim, o corpo ascende em sua função diagramadora, passando a ocupar lugar de destaque nas teorias contemporâneas em arquitetura.

O corpo errático e não linear, presente em contextos urbanísticos atuais, ainda herméticos e métricos, performa facilmente como um desbravador de caminhos e um questionador de padrões pelo poder da resistência, diferentemente do corpo medieval, que assumia a forma da cidade como uma resposta ao seu trafegar por entre edifícios e praças, ou do corpo renascentista, criando centralidades por direcionamentos impostos. Apesar de mais livre e autocentrado, o corpo contemporâneo (entendido como matéria) não consegue compreender a cidade em totalidade: fabrica novas ideias de cidades ao andar, experimenta a Cidade-Entre¹ e – por isso – muitas vezes se perde pelo fio que conduziu seu traçado.

1. Desenvolvida e defendida no Proarq/UFRJ (2006-2010), a tese de doutorado *Cidades “Entre”: dimensões do sensível em arquitetura ou a memória do futuro na construção de uma cidade* (2010) foi referendada por uma expressão representativa desse “novo” estado dos espaços públicos: a dimensão *desejante*. O termo, oriundo do confronto de diversas recentes teorias contemporâneas sobre espaços sonhados e espaços virtuais, fez emergir não apenas a noção de “limites periféricos” ou conformativos, mas, principalmente, o papel do imaginário e dos sentidos para fabricar nos usuários a compreensão de um tráfego entre experiências, ou de um “terceiro-espaço” (SOJA, 1966), ou uma “cidade metafórica” (CERTÉAU, 1994).

Tal fio, intangível, mas sempre aparente, atravessa labirintos. Não por menos, a imagem do fio de Ariadne é constantemente citada pela filosofia, psicologia e mitologia, entre outras esferas que tangem seu significado metafórico, vinculado ao símbolo do labirinto; o fio é constantemente visto como o instrumento pelo qual qualquer habitante guia sua jornada terrena e se enreda no caminho labiríntico que constrói para si em toda composição espacial. O fio é, em si, a própria complexidade da cidade.

Falar desse mito – mais conhecido como “o labirinto do minotauro”, que narra a trajetória de Teseu, herói que salvou Creta do terrível minotauro, o devorador de jovens – é um caminho para ponderações. Não apenas o herói precisou igualmente ser salvo (ao receber o fio de ouro de Ariadne, que deveria ser acompanhado para que ele não se perdesse no labirinto), como também precisou se reposicionar espacialmente, percebendo que o ponto de partida e de chegada eram os mesmos. O fio continha, assim, uma resposta temporal aos dilemas espaciais colocados.

Viver esse labirinto-cidade exige um exercício de constante interpretação desse fio. Fabio Duarte (2002) coloca esse dilema como uma questão de aparelhagem do conceito de espaço (e de cidade): por meio da certeza da modificação das matrizes espaciais urbanas desde os anos 1960, e em oposição ao espaço moderno hegemônico (e homogêneo) dos planos ofertados desde o final do século XIX, surge a valorização das características próprias a cada lugar, atingindo uma mescla de ações intervencionistas no século XXI e a adoção de conceitos mais humanistas para a interpretação dos espaços – entre eles, a noção de ambiência que temos desenvolvido dentro do conjunto de estudos sobre arquitetura e subjetividade no Laboratório Arquitetura, Subjetividade e Cultura do Programa de Pós-Graduação em Arquitetura da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal do Rio de Janeiro (LASC/Proarq/UFRJ).²

Questões como *transitoriedade e memória* circulam por entre as novas formas de apreensão das cidades contemporâneas, na crise tátil do corpo que não necessita de

2. Grupo de pesquisa sediado no diretório do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) LASC, sob coordenação das professoras doutoras Cristiane Rose Duarte e Ethel Pinheiro Santana.

muitos esforços para se locomover – e se mantém muitas vezes dessensibilizado – e no movimento cada vez mais acelerado de informação e bens de consumo.

Tais questões trouxeram a esta autora, ainda no início do séc. XXI, o reconhecimento de que, além da cidade fisicamente estabelecida e da cidade a ser edificada, existe um “Entre” talhado como que pelo fio de Ariadne, como Certeau (1994) comentou em suas “caminhas pela cidade”. Tal ideia de cidade, delineada ainda à época de meus estudos doutorais, corrobora-se pelo entendimento de uma memória do futuro:

[...] escapando às totalizações imaginárias do olhar existe uma estranheza do cotidiano que não vem à superfície, ou cuja superfície é somente um limite avançado, que se destaca sobre o visível. Essas práticas do espaço remetem a uma forma específica de ‘operações’ (‘maneiras de fazer’), a ‘uma outra espacialidade’ (uma experiência ‘antropológica’, poética e mítica construtora do espaço) e a uma mobilidade opaca, de nova memória. Uma cidade transumante, ou metafórica, insinua-se assim no texto claro da cidade planejada e visível e é, de fato, cidade. (CERTEAU, 1994, p. 171-172).

A certeza de que os pedaços que compõem as cidades (espaços de interseção, públicos ou privados, edifícios, monumentos e marcos), como defendido por Lynch (1960), não são simplesmente bastantes para caracterizar a complexidade que os grandes centros incorporam, e de que a imagem das cidades – dentro de uma teoria da representação, apontada por Moscovici (1978)⁵ – tem sido trabalhada de forma a incorporar outros componentes de ordem sensorial e subjetiva, reforça o valor dessa “nova” memória.

3. O conceito de “representação social” surgiu do trabalho pioneiro de Serge Moscovici, intitulado *La psychanalyse, son image e son public* (tese defendida em 1961), que se ocupava do estudo da difusão da psicanálise em diferentes âmbitos da população parisiense da referida época, de sua apropriação e transformação para outras funções sociais. Egressa da tradição da sociologia do conhecimento, a proposta se tornou o cerne de uma abordagem psicossociológica, ambicionando a redefinição dos problemas da psicologia social. Moscovici defendeu a tese de que a representação social da psicanálise era multifacetada, ou seja, que a visão consensual da psicanálise diferia de forma consistente de sua definição científica.

Os resultados desse fenômeno para a mudança da noção de cidade instituída por um estruturalismo comum no século XIX e início do XX, são de diversos níveis: social, filosófico, econômico e ambiental. Neste sentido, a ideia de uma Cidade-Entre une-se à ideia de uma cidade subjetiva, banhada pela individualidade de seus praticantes e demarcada pela necessidade de mobilidade nos mais diferentes níveis de absorção do transitório, seja ele presente nas relações entre real × abstrato, planejado × imaginado, contínuo × descontínuo ou na dissolução das noções geográficas, como iniciamos o texto deste capítulo.

Além de Soja (1996) e Certeau (1994), outros importantes autores (DELEUZE, 1988; CASTELLS, 1995; RANDOLPH, 2001) enfatizaram, no início do século XX, que a difusão de uma cidade composta de espaços públicos compactos em sua rede social e digital pode promover uma “metacidade”, conformada por uma postura diferenciada de participação no mundo – aquela que subtrai relações de espaço e substitui pelas de tempo.

Por essa razão, questionar a cidade requer um passo adiante sobre o papel do corpo, dos sentidos e da memória, pois, toda experiência corporal articula um duplo: um movimento externo e extensivo, mas visível, feito por deslocamentos; e um intensivo e interior, dentro da existência humana, no conjunto de suas memórias, de sua inteligência e sensibilidade. Os labirintos a percorrer são, portanto, intrínsecos e extrínsecos, e não há resposta imediata para os problemas que as cidades nos impõem. Mas há tempos a se investigar.

DE QUE TEMPO, POR QUAL MEMÓRIA?

Se o tempo é uma metáfora para toda cultura e para toda cidade, podemos dizer que a questão do(s) tempo(s) e de sua relação com o espaço parece ter sido respondida por sua possibilidade de contagem. De fato, o tempo parece irreal e é apenas uma invenção social que auxilia os depósitos materiais, estimula as conquistas do porvir e exprime um sistema

Dentro dos parâmetros desenvolvidos para a análise da representação, o autor descreve as duas formas de elaboração das representações sociais: a objetivação e a amarração (ancoragem). Nas palavras de Moscovici (1978, p. 111), “objetivar é reabsorver um excesso de significações materializando-as (e adotando assim certa distância a seu respeito). É também transplantar para o nível de observação o que era apenas inferência ou símbolo”.

de valores. Mas, por sua natureza associada à existência humana, nada é mais palpável nas sociedades que o tempo.

A partir dessa capacidade imagética de reproduzir cenários, sons e reinterpretar o vivido, muitas pessoas conseguem “expandir” a noção de tempo, um efeito que traz o passado para o tempo futuro – não apenas instantâneo. Nessas considerações, o presente não se materializa, ele simplesmente não existe como entidade de valor: é representacional (HALL, 1989, p. 139).

A variação da noção de tempo, desse modo, comporta uma “miscigenação”, que produz a interpolação da “real” existência do espaço com as consequências de formas diferenciadas de fixação do tempo. Surge, assim, um referencial “tempo” justaposto, em que o relógio que controla os percursos humanos é ditado por uma agenda ou uma lista de prioridades e a experiência de espaço não é dada simplesmente pela quantidade de minutos despendida no local, mas pela intensidade com que mergulhamos nas dimensões volumétricas, por meios físicos ou mesmo digitais. Assim, o espaço passa a ser um *médium* entre os diversos contextos temporais, e o tempo histórico dá margem a novas interpretações.

Huyssen (2000) coloca que o fim do século XX foi marcado por um deslocamento na experiência e na sensibilidade do tempo; e esse “tempo das cidades” é um escrutinador das relações de permanência e apropriação, de acordo com a intensidade da permanência em determinadas situações. Diante das transformações dos desejos e aspirações sociais, assim como dos limites geográficos, desloca-se, assim, para uma sensação temporal de justaposição de tempos: “quanto mais rápidos somos empurrados para o futuro global que não nos inspira confiança, mais forte é o nosso desejo de [...] encontrar um resíduo temporal em busca de conforto” (HUYSSSEN, 2000, p. 75).

Sob o conceito ocidental de “flecha do tempo”,⁴ as desarticulações com o tempo passado e o avanço das esferas tecnológicas podem ser vistos como elementos que provocam trans-

4. O conceito de “flecha do tempo” surge com Ilya Prigogine, prêmio Nobel de Química de 1977. Sustenta que o universo é o resultado de transformações irreversíveis em grande escala. A irreversibilidade é uma propriedade comum a todo o universo, basta pensar que todos (e tudo) envelhecemos na mesma direção. Nada nem ninguém rejuvenesce enquanto outros (e tudo) envelhecem – daí o conceito de “flecha

formações na forma de se compreender o espaço físico e com os lugares de intervenção arquitetônica na cidade, sempre solicitados pelo papel da memória.

A constituição da palavra “memória” remonta ao *mnemon* grego, que historicamente representava uma pessoa separada para guardar a lembrança do passado na sociedade. Na mitologia, o *mnemon* é o servidor de um herói que o acompanha sem cessar para lembrar-lhe de algo que poderia lhe causar a morte, caso esquecido. O *mnemon*, obviamente, era um tradutor das lembranças e, por isso, escolhê-lo bem era uma premissa fundamental. Le Goff (2003, p. 419) comenta que, com o desenvolvimento da escrita, as “memórias vivas” transformaram-se em arquivistas e o papel do *mnemon* passou a ser atribuído à memória registrada, facilmente encontrada por estar catalogada: “A memória, como propriedade de conservar certas informações, remete-nos em primeiro lugar a um conjunto de funções psíquicas originais, graças às quais o homem pode atualizar impressões ou informações diversas [...] que ele representa como passadas”.

Com a perda dos *mnemones*, a língua falada e escrita passou a prevalecer sobre a função de se “reter” uma informação. Estando à disposição alheia, a qualquer hora e local, o registro memorial passou a ocupar esse cargo e se instaurou como objeto fixo arquivável.

Platão (2003, p. 274-275)⁵ apresenta no *Fedro* a lenda do deus egípcio Thot, patrono dos escribas e da astronomia, inventor dos números e do alfabeto. Ele afirmava que, inventando os últimos dois elementos, Thot transformou a memória, mas contribuiu para enfraquecê-la mais do que desenvolvê-la. Platão criou, assim, o papel do arquivo móvel (e das atuais pastas eletrônicas de todos os computadores no mundo, assim como de “nuvens” e dispositivos móveis), ao que Derrida (1995) prontamente se dispôs a criticar e ontologizar.

Com Agostinho de Hipona, o Santo Agostinho (CILLERUELO, 1954), a memória passou a penetrar o homem interior, sendo repostada pelos estímulos do exterior, assim como se espera da reminiscência. Mas foi também a partir desse pensador essencial ao pensamento cristão ocidental que a memória ganhou *status* de entidade estática, pronta a ser recuperada quando da manipulação das lembranças.

do tempo”. No “antipositivismo” de Prigogine aparece um caminho por onde as probabilidades reduzem a pó as certezas, com aplicações que se espalham por todo o corpo da ciência, inclusive das humanidades.

5. Diálogo entre Sócrates e Fedro sobre a *retórica*, ou melhor, sobre a genuína arte de falar.

Assim como a racionalidade medieval acreditou na escritura como chave para “congelar a memória”, a modernidade do século XX foi aquela que começou a desconfiar disso, dando campo ao reconhecimento de que o efeito do arquivamento pode não ser necessariamente o de “conservação” da memória, mas, pelo contrário, o de sua substituição (HUYSSSEN, 2000; JEUDY, 1990; NORA, 1997).

Nesbitt (2000), observando a evolução dessa teoria, assinala que na arquitetura e no urbanismo a memória ganha ‘novo estatuto’ no século XX, pois aproxima-se do espaço físico construído como realidade vivenciada – como ambiência. A apreensão da memória nos conduz, dessa forma, à construção do sentido urbano: faz emergir os significados e valores dos lugares, atribuídos por indivíduos que neles estão, e também fomenta as ligações simbólicas entre o ambiente e suas crenças essenciais; faz crescer as ressignificações.

A memória, nesse novo cenário, retorna ao corpo e, então, invade a arquitetura – não mais como escala a ser adequada ao desenho espacial, mas como corpo que experimenta, que sente e conduz toda proposta arquitetônica. A memória, deste modo, é força significativa nesse corpo que “potencializa” o mundo. É a *memória sensível* que se relaciona com os lugares na reaproximação que a arquitetura faz entre o corpo e o edifício, entre o corpo e a cidade (VIDLER, 2006).

Por isso, a valorização da memória como uma resposta ao tempo das metrópoles torna-se questão das mais atuais na análise do espaço urbano. Como é, de fato, algo científico, a memória está relacionada ao trato humano que lida com as emoções e é contingente do sistema sensível que desenvolvemos em relação ao mundo. E se as referências físicas são desarticuladas com uma rapidez nunca vista na história mundial, e se o papel da memória – como elemento associado à escrita – se restringe ao arquivo, então é por meio de uma análise subjetiva que podemos delinear outras saídas.

Tal objetivação da memória atravessa os liames da esfera privada e comove as experiências subjetivas cotidianas da cidade contemporânea. Para Randolph (2001) a investigação do “novo” não pode ser realizada sem dar conta do “velho”. Aí reside o desafio de estudar a cidade contemporânea diante de suas mensagens memoriais e metafóricas, as memórias cotidianas talhadas pela presença de diversas esferas de tempo, sobretudo o futuro (que é combustível para a dimensão desejante), como também as memórias fabulosas e históricas.

Memórias sensíveis – impregnadas de odores, sons, cores e texturas – são as que importam nesse contexto. Com o decorrer das análises e aprofundamentos empreendidos em minhas pesquisas pós-doutorais, tornou-se incipiente usar o termo “memória” de forma isolada, historicamente, para fundamentar o entendimento atual de cidade.

Todo este cenário oferecido permite comprovar que, se a memória é construção, e se o jogo de linguagens impostas por edifícios e espaços livres não deve se engessar como visão simplesmente “compositiva” da arquitetura, então a “contação” de histórias (dos habitantes) deve refazer as noções representativas da cidade (como grande objeto sensível), assimilando instâncias de tempo e da memória sensível – por sua vez, proporcionada pela imersão nas ambiências e pelo relacionamento com as teorias sobre a memória do futuro.

MEMÓRIA DO FUTURO, OU, PROJEÇÕES

O entendimento de que uma “memória do presente” faz parte da compreensão de um mundo construído e habitado, fato discutido desde Santo Agostinho (354-430), foi imprescindível para a estruturação de um pensamento que usa a memória sensível como campo de estudo das cidades em diversos tempos.

A experiência humana é atravessada por uma indeterminação radical que só não causa mais insegurança porque, paradoxalmente, conduz a uma solução: vislumbramos um futuro possível, pois ele dá sentido a nossa experiência atual, assim como demos sentido às experiências de nossos antepassados e assumimos suas mudanças como nossas.

Em sua abordagem sobre os caminhos da arquitetura, Brandão (2006) coloca que o fenômeno de “retenção de imagens” tem feito com que o ato de recordar desapareça e transforme símbolos em imagens com valores reais e disformes, um simulacro perfeito, como alguns teóricos já mencionaram (BAUDRILLARD, 1991; HUYSSSEN, 2000; NORA, 1997). Porque é possível enumerar e catalogar tantas ruas, quadras, tantos edifícios e espaços quanto os livros incontáveis da Biblioteca de Babel de Jorge Luis Borges⁶ é que a memória contemporânea falsifica a ordem das coisas – e, como sabido, a memória mente.

6. Ver Borges, J. L. *Ficções*. Rio de Janeiro: Globo, 1989.

Foi no reconhecimento do mundo urbano que, entretanto, a memória ganhou suas mais variadas articulações e seus “falseamentos”. Mongin (2003) cunha o termo “urbanidade geral” ou “urbanidade generalizada” para frisar que ainda que a cidade atual produza experiências de afastamento, na sua natureza embriagadora, heterogênea e difusa, ela tem uma vitalidade que potencializa, em seu habitante, experiências intensas de memória desejante com o mundo, que não se fixam em passados ou presentes.

As reinterpretações da entidade tempo constroem, por consequência, uma noção diferenciada de espaço adotada como repositório de uma memória corporal, como argumentado por Bergson (1990). Não uma memória fixa, como já comentamos; também não uma memória exclusivamente sensível, que se utiliza da sensorialidade presente. Falamos de uma memória do futuro, um conceito que explora a compressão do tempo – ou tempos. Da mesma forma que usufrui do espaço modificado (e se subjetiva), o corpo também busca na recordação do movimento articular as representações do seu presente e os desejos de futuro. O corpo aparece como um limite entre passado e futuro, e só ele trabalha inteligentemente para comprovar esse tipo de memória.

A memória do futuro, assim, diferentemente das interpretações fixas de memória até o início do século XX – associada a um processo de “perder e ganhar” ou simplesmente “relembrar” –, surge para possibilitar a compreensão da junção entre a cidade física e a cidade imaterial, produzida por diversas subjetividades.

O conceito, primeiramente apresentado por Pierre Janet (1928), é o elo que interliga o panorama transitório e descontínuo da cidade contemporânea com uma imagem “real” preenchida de sentidos por um “novo” homem errante, mais ágil, menos paciente, mais preocupado com a utilização de seu tempo útil, menos ligado às especificidades e exigências da vida social imposta nos séculos antecedentes.

Em 2008, a Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) se articulou em torno da memória do futuro. Com o tema “A Arte da Memória e a Memória do Futuro” do (Instituto de Estudos Transdisciplinares Avançados, IEAT-UFMG), os pesquisadores envolvidos buscaram ressoar transdisciplinarmente os desafios que competem ao homem do século XXI enfrentar. E, atuando em conjunto com diversas ciências, a arquitetura se posicionou frente a

esse impasse como polo estruturante dos atos humanos e como tensionadora de (novas) ações memoriais.

Claudine Haroche,⁷ nesse campo, incita o desgarramento da ideia de memória como passado, como coisa estável, fixa, que não carrega as mudanças das subjetividades proporcionadas pelos avanços mundiais e de sua total necessidade de adaptação. Se tudo muda, os registros memoriais, por sua vez, mudam e constroem cidades outras daquelas percebidas anteriormente. Imagem e simulacro são, portanto, conceitos associados ao de memória do futuro.

Da tecnologia da informação para a arquitetura e o urbanismo, passando pelo trabalho investigativo da tese de doutorado que desenvolvi (Pinheiro, 2010, p. 95), pode-se explicitar a memória do futuro como

aquela que opera nos limites promovidos pela distância do tempo linear deixado para trás e pela proximidade de um futuro que se apresenta, subjetivamente, ideal; que possui uma realidade própria e quando, fixada em imagem(ns), diagnostica e critica o tempo presente, fazendo surgir uma metáfora das relações de ordem pessoal, social e cultural; que funciona como um ímã na construção de uma cidade desalojada, talhada em espaços imateriais.

A memória do futuro, portanto, é o elo que associa o espaço da cidade em que se catalisam as lembranças e aquele produzido por um ideário individual e coletivo (um imaginário,

7. “Claudine Haroche é socióloga/politicóloga que há muito corre riscos que poucos de seus pares ousam. [...] A ousadia de Claudine Haroche é a de encarar o homem contemporâneo: sua maneira de ser (como homem social), sua maneira de sentir (como sujeito dos afetos). Portanto, ‘se governar’, ‘governar os outros’, é o fascinante tema dessa pensadora que não cessa de instigar a que nós pensemos, como herdeiros de uma esquecida pólis e tributários de uma pouco lembrada ‘politesse’, que, quer queiramos ou não, está na base da constituição do processo civilizatório ocidental” (texto lido por Robert Pechman, por ocasião da palestra de Claudine Haroche em abril de 2008 no Instituto de Pesquisa e Planejamento Urbano e Regional da UFRJ – Ippur).

antes de tudo), favorecendo a construção de uma Cidade-Entre O “presente das coisas futuras” (LE GOFF, 2003), que Santo Agostinho defendeu é, assim, resultado de uma interpretação consistente do poder de mudança associado aos avanços da sociedade, da comunicação, dos espaços construídos e da forma de operação contemporânea da memória.

Foi somente quando o conceito de memória do futuro se fez claro, na pesquisa da tese (PINHEIRO, 2010), que o entendimento do efeito metafórico da extensão de memória se fez *transtemporal*,⁸ e também labiríntico. Quanto mais o habitante tenta se projetar ao futuro, mas responde ao passado, criando possíveis (novos) futuros.

É a partir desses parâmetros que o corpo e a cidade se fundem em imagem em movimento, pois a memória do futuro é aquela que faz existir o lugar da experiência. Trata-se da memória não (arquivista) do passado (enquanto realidade indestrutível), mas memória que talha no espaço o tempo do devir, lá onde o desejo traceja e habita o espaço. Memória que estabelece o presente-passado de qualquer indivíduo, de forma a presentificar o futuro.

CIDADE-ENTRE: DO TEMPO À MEMÓRIA

Neste momento do texto, torna-se importante justapor todos os conceitos apresentados, como caminho possível para desfazer o emaranhado dos fios (de Ariadne) e buscar a saída desse labirinto. Se o mundo surge a nós, primeiramente, como objeto sensível⁹ que se alinha com a nossa representação pessoal, é pelo “corpo a corpo” e pela noção da relação entre memória e desejo que nossa aventura pelo conhecimento espacial tem início.

8. Fazendo alusão à palestra “*As Machinas Memoriales* e as memórias como invenção do discurso”, da professora Maria do Céu (Escola de Belas-Artes da Universidade Federal de Minas Gerais – EBA/UFMG) durante o evento “A Arte da Memória e a Memória do Futuro”, produzido pelo Instituto de Estudos Avançados Transdisciplinares (IEAT/UFMG) em 26 de novembro de 2008. Disponível em http://www.ufmg.br/ieat/index.php?option=com_content&task=view&id=409&Itemid=9. Acesso em: 11 fev. 2009.

9. Sensível é “aquilo que pode ser percebido pelos sentidos. Nesta acepção, ‘o sensível’ é o objeto próprio do conhecimento sensível, assim como ‘o inteligível’ é o objeto próprio do conhecimento intelectual” (ABBAGNANO, 1970, p. 840).

A associação do papel do corpo (como matéria) no reconhecimento das imagens (como memória) é assunto tratado por Bergson (1990) como sistemática de tempos. O panorama filosófico-fenomenológico sobre a união dessas duas entidades (imagem e memória), no campo da representação, acontece no que Bergson (1990, p. 17) nomeou como “teoria da memória”: “Tudo deve se passar, portanto, como se uma memória independente juntasse imagens ao longo do tempo à medida que elas se produzem, e como se nosso corpo, com aquilo que o cerca, não fosse mais que uma dessas imagens”.

Se o passado sobreviria somente nos corpos por meio de mecanismos motores (ou a memória impregnada na transmissão do movimento), Bergson (1990) se perguntou se seria possível que um corpo sem experiências pudesse englobar a memória. A resposta foi uma nova hipótese (desmembrada em duas): 1) o passado pode sobreviver a partir de lembranças independentes; e 2) o reconhecimento de um objeto se faz pela ação do movimento (quando emana de relação com o próprio objeto) ou por representações (quando emana do sujeito). Isso significa que culturas e cidades precisam de corpos que estejam prontos a experimentar.

Com a injeção da necessidade de sensibilidade na compreensão do espaço físico, por volta da metade do séc. XX, que se associa ao termo “espaço-tempo” como definido por Gideon (1967), a ideia de corpo mótil modificou-se gradativamente às custas de um reposicionamento do indivíduo como entidade subjetiva. A cidade e o corpo, especialmente na contemporaneidade, passaram a jogar com sistemas que envolvem processos complexos que permanecem invisíveis ou inespecificados, trazendo certa “liquidez” dos atos, como quando entramos e saímos de ‘salas de bate-papos virtuais’ ou quando precisamos usar a cidade como um meio de passagem a outra cidade, por problemas de mobilidade sempre crescentes — o que poderia ser entendido como a falácia de nossa relação sensível com o espaço-tempo.

Para desfragmentar (usando um termo da ciência da computação) essa noção, os(as) habitantes de todas as cidades passam a buscar os relatos e as memórias sobrepostas por tempos e subjetividades provenientes da memória do futuro, como apresentada: aquela que funciona como estrutura globalizante.

Quando Virilio (1993) construiu sua tese de uma cidade vinculada às imagens circulantes e à velocidade imperante, também Castells (1995) funcionou como um apoiador, ao dizer que tudo é um processo construído sistemicamente, e que a cidade-informação é essa cidade intermediária, que necessita dos avanços e da junção de tempos para se arraigar completamente. Também quando Deleuze (1988) recriou sua ideia de cidade contínua e Soja (1996) defendeu a “terceira-cidade” e a “cidade-imanente”, ambos acabaram juntos alertando que o processo de reconstrução é um processo temporal, subjetivo, transitório, randômico e – consequentemente – memorial. Não na memória dos traços passados – novamente frisando –, mas na memória do futuro.

Para Soja (1996), de forma ampla, quando o corpo se “insere” no espaço e interage nele/com ele, nasce um lugar “outro”, um espaço terceiro, que é a mescla de um primeiro espaço (receptor de lembranças) e de um segundo (ideário). Esse terceiro espaço emerge de sensações, atividades e elementos imateriais que se agregam à espacialidade e conferem ao usuário da cidade (e à própria cidade) a noção de um único conglomerado. É a cidade vertiginosa, porém fruto de operações de justaposições de tempos reais. Cidade do inconsciente, Cidade-Entre.

A noção de Cidade-Entre, como defendida (PINHEIRO, 2010), não é totalmente nova no campo da arquitetura. Importantes teorias comprometidas com as relações fenomenológicas do lugar (e da arquitetura) têm se interessado, há mais de sessenta anos, pela dimensão existencial colocada sobre o mundo construído. Teorias que recuperaram termos e ideais propostos desde os romanos – como o termo *genius loci*, mais tarde definido como *caráter* por Aldo Rossi (1995) e flexibilizado por noções de cidades múltiplas e genéricas como em Rowe (1984) e Koolhaas (1995).

Na esfera da percepção, a Cidade-Entre se associa às abordagens fenomenológicas que trouxeram para a arquitetura uma ideia de cidade mais sensorial, na qual o corpo é objeto aflorado das camadas sensíveis; uma cidade na qual experiências menos ordinárias, e consequentemente mais transitórias, surgem para trabalhar o ambiente construído, fazendo do corpo o elemento tátil que torna possível a cidade.

Quando mencionamos “Cidade-Entre” não falamos de uma cidade bombardeada por prognósticos futuristas ou heterotópicos de escassez do espaço físico e inteligências arti-

ficiais, como nos foi apresentado por filmes como *Blade Runner* (de Ridley Scott, 1982) ou *O quinto elemento* (de Luc Besson, 1997); falamos de uma cidade habitada e construída no campo tangível das vivências, muito mais próxima do *Manifesto Mobile Architecture* feito por Yona Friedman, em 1956¹⁰ ou da “Nova Babilônia” de 1959, nos Escritos Situacionistas¹¹, como Constant Nieuwenhuis coloca:

La création d’ambiances favorables à ce développement [humain] est la tâche immédiate des createurs d’aujourd’hui. (...) Nous verrons dans un instant à quel point cette proposition s’est avérée intenable.(...) L’émergence subséquente du “happening”, de “l’environnement” et de la “performance” m’a conduit à penser librement.

A criação de ambiências favoráveis a esse desenvolvimento [humano] é tarefa imediata dos criadores de hoje. (...) Vemos, num instante, o quão insustentável essa proposição se tornou. (...) A emergência subsequente do ‘acontecimento’, do ‘ambiente’ e da ‘performance’ me levou a pensar [na cidade] livremente. (CATÁLOGO DA EXPOSIÇÃO Constant. New Babylon, 2016, p. 272, tradução livre da autora)

Para o arquiteto Yona Friedman, de origem húngara, fugir das marcas da Segunda Guerra Mundial foi um passo direto para o planejamento da *Vila Espacial*. Expressando-se por colagens, desenhos, composição gráficas espacialmente “subvertidas”, como seus contem-

10. Em 1956 Yona Friedman apresentou ao X Congresso Internacional de Arquitetura Moderna (CIAM X), realizado em Dubrovnik, na antiga Iugoslávia, o *Manifesto de l’Architecture Mobile*, um sistema de construção de permitia aos habitantes determinar o projeto de suas próprias habitações. Publicado depois em 1958, um de seus trabalhos mais importantes teve como título *L’architecture mobile*, onde apresenta *La ville spatiale* (a Vila Espacial), um conjunto de megaestruturas preexistentes nas cidades para proporcionar aos cidadãos uma vida pautada na flexibilidade de usos e decisões.

11. Constant Nieuwenhuis expõe seus primeiros estudos sobre “Nova Babilônia” com o título “Outra cidade para outra vida”; nele vemos um escrito de fuga, de apelo à outra dimensão física para a construção de uma outra cidade. Constant continuaria a modelá-la, até publicar em 1974 o manifesto denominado ‘New Babylon’.

porâneos do Archigram e Superstudio na metade do século XX, a cidade da “resiliência” e da ultrapassagem de uma condição momentânea se instaura. Por meio de proposições de comunicação (metrô suspensos), torres de estocagem e flexibilidade da habitação, Friedman pensava a cidade como sempre “outra” (figuras 1 e 2).

**1. Desenho sobre a Ville Spatiale,
Yona Friedman (1958)**

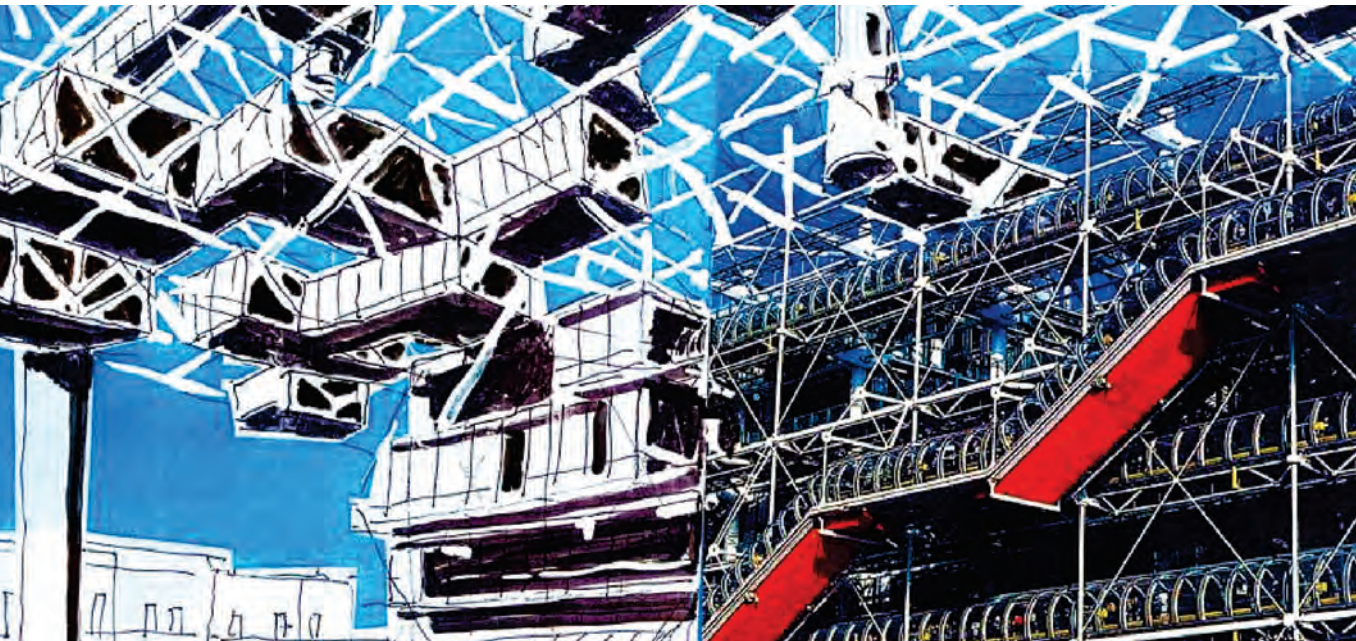
Fonte: Disponível em: <https://www.archdaily.com.br/911883/os-desenhos-mais-representativos-e-inspiradores-de-yona-friedman>.

**2. Desenho/colagem sobre a Ville Spatiale,
Yona Friedman (1958)**

Fonte: Disponível em: <https://www.archdaily.com.br/911883/os-desenhos-mais-representativos-e-inspiradores-de-yona-friedman>

3. Desenho à lapis, New Babylon (1997)

Fonte: Constant: Art et utopie. Paris: Cercle d'Art. Disponível em: <http://www.cronologiadourbanismo.ufba.br/apresentacao.php?idVerbete=1396#prettyPhoto>.





Já a Nova Babilônia encontra no escape da área fisicamente estabelecida para as cidades a solução para a manifestação e evolução de outra cidade, densamente povoada de vontades e concreto. Na busca por essa cidade, Constant Nieuwenhuis constrói seu projeto de futuro a partir de colagens, pinturas e tantas técnicas outras que, por si, já demonstram a necessidade de materialização urgente dessa cidade. Ela não é uma metáfora do que o futuro, no jogo ativo com o passado, pode reservar (figura 3).

Uma cidade que se pretende existir aporta nos estudos situacionistas de Nieuwenhuis, sem a necessidade do corpo domá-la; uma cidade que é vista além daquela que fisicamente se estabelece, adornada de corpos, aporta em Yona Friedman. Nas duas cidades, as intenções são originalmente similares: o desejo por algum tipo de construção.

Contraopondo-se ao modelo do espaço cartesiano, matemático e transparente à razão, emergiu paulatinamente na arquitetura e no urbanismo, por meio dos movimentos empreendidos por diversos pensadores no campo teórico do final do séc. XX, a noção de um espaço da experiência. Arquitetura e cidade, pensadas em continuidade à corporeidade, ligadas à experiência atual e sensível do corpo no espaço físico, ainda que não desvinculadas do horizonte histórico e cultural, se materializam na Cidade-Entre.

Alguns fenômenos da contemporaneidade vêm estruturando nas cidades (cada vez mais urbanas) a existência “carnal” de uma cidade entremeada com os desejos de permanência e mobilidade, uma cidade que não comporta o extrato físico e, por conseguinte, tem vários nomes.

A partir dessa condição sensível, explicitada em diversas e diferentes condições subjetivas e desejantes, a cidade imaterial se consolida e encontra espaço de sobrevivência. As experiências contemporâneas, essas nas quais as raízes (cognitivas e afetivas) de ligação do corpo com o mundo são marcadas pelo permanente-refazer-dos-registros, passam a ser rastros da memória.

Diferentemente de um “palco” asséptico para as interações humanas e a vida urbana, a cidade e a arquitetura passam a ser vistas como atores que interagem com toda a realidade – humana, física, social, geográfica – do espaço, compondo juntos e indistintamente um horizonte de velocidades e cenas. Cidade-“Entre”, em toda a sua conceituação. E o sujei-

to que agora anda pelas cidades é um *nômade* (DELEUZE; GUATTARI, 1995) a deslocar-se pelos espaços em linhas abstratas e vetoriais, procurando um fio imaginário.

UM FIO INFINITO

Um corpo só é um corpo quando tecido pelo fio que conduz a outros corpos. A imagem do fio de Ariadne, neste momento, nos propõe uma multiplicidade de conexões em tempo constante; o vaivém de informações constitui importante processo de comunicação que se desenvolve nos recortes espaciais (materiais ou imateriais) escolhidos para seu desenvolvimento. O fio de Ariadne, mais do que conduzir a uma saída (impossível de se encontrar no labirinto, como encena a mitologia), transporta os homens para a vivência desse labirinto, fazendo-o campo de exploração. O fio não apenas conduz para fora, mas determina a dimensão desse labirinto – que faz, de quem busca o caminho, um nômade.

O deslocamento rápido do nômade, movido pelos estímulos intensos da cidade onde vive, é a condição mesma de seu caminhar em direção a territórios sempre “fora do alcance, não por serem inimaginados, mas ao contrário, porque estão sempre sendo traçados” (DELEUZE; GUATTARI, 1995, p. 72).

Porém, o nômade não é um sujeito sem identidade ou desprovido de seus *arquivos de memória*. Pelo contrário, sua memória é a força dos movimentos no (eterno) trabalho de “inventar” sua Cidade-Entre. Há um exercício de memória no andar do nômade-habitante-pela-cidade que é o de remanejar, a cada instante, os pedaços do que experimenta na cidade complexa.

Se assim a cidade contemporânea se apresenta, também assim sua apreensão se faz: ambulante, multiplicadora, desenfreada. Mas, ao passo que as imagens se proliferam, diminuem os anseios por fidelidade ao relato histórico e ao enredo.¹² Ao fabricar mais e repetidos modelos de estruturas linguísticas em sítios cheios de retalhos superpostos, a arquitetura se insere na condição de transportadora da informação, não de retentora.

12. O estudo de narrativas associadas ao campo arquitetônico pode auxiliar a compreender melhor tais relações, o que não é foco deste trabalho.

Mas o que marca a cidade contemporânea, senão a compreensão de que a contemporaneidade não tem um limite definido, espraia-se por todas as rebarbas possíveis? Atrela-se, assim, um processo de subjetivação que aponta para o surgimento de um universo homogêneo em sua *diversidade*, trazendo a ilusão de que a cidade é única em sua estruturação, de que o urbano está em todo lugar, de que o mundo é uma extensa cidade.

É justamente na transposição dos espaços tradicionais, consolidados e históricos para a “colagem urbana”,¹³ flexível e mutante que há, primeiramente, o surgimento de um espaço urbano que se reproduz nas memórias fabricadas. Em um segundo plano, há um esmaecimento das relações de *pertencimento*, ao que Jameson (1997) já havia chamado de “esmaecimento dos afetos”, e que o autor associa à perda da noção de territórios. Ainda nos afetamos, podemos nos perguntar? De certo que sim; ainda precisamos do poder de estabilidade que os lugares fornecem. Talvez, hoje, estejamos fazendo isso em completa mobilidade de tempos e espaços possíveis e, ainda assim, reinterpretando novos (possíveis) espaços urbanos.

Diante do momento derradeiro em que nos intitulamos urbanos, Mongin (2003, p. 35) coloca que “a expressão da nova imagem das cidades designa um reino de urbanidade generalizada: o urbano em todo lugar, seja ele onde for”. Pode-se entender, assim, que abordar o urbano como um objetivo ou “força empreendedora” representa uma tentativa de analisar a constituição do corpo e da memória, nossos primeiros suportes informacionais, em qualquer espaço que trafeguemos.

Nenhum outro conceito se encaixa com mais fidelidade do que o de memória do futuro, nesse sentido, com seu corolário de “previsão” e “retenção”. Ao admitir que tal conceito é possível, que ele participa da interpretação do espaço físico das cidades, também admitimos que a cidade é sempre uma criação. Como a ação impetrada por Ariadne na entrega do fio de ouro que conduz à mesma entrada e saída, a Cidade-Entre não nos coloca em percurso linear ou premeditado.

Uma Cidade-Entre é narrada todos os dias por cada habitante. Ela é construída e reconstruída mantendo algumas ou muitas características da malha urbana representada

13. Numa alusão a Rowe (1996).

em planos e mapas, mas transmuta seu enredo no exercício da memória. Cada vez que uma esquina é “dobrada”, ou um evento nasce, a cidade é outra. É preciso estar nela, de alguma forma, para entender seu enredo. É preciso recontá-la, constantemente para que seja compreendida.

E por que exigir uma mesma narrativa por tantas vezes? A psicanálise responde a isso claramente: para dominar melhor o relato. Controlando o enredo, as personagens, os locais de desenvolvimento do fato e as inquietações próprias das mudanças, o futuro se antecipa (FREUD, 1996).

O conhecedor da narrativa é o autor de tal enredo e espera o seu desfecho, pois confirma o roteiro pelo que considera conhecido. Na repetição evocativa da memória, mesmo que sempre representada (ou seja, nunca real), se desenvolve o conceito de memória do futuro na construção de uma Cidade-Entre, tal qual o labirinto protegido pelo minotauro – em cujos corredores o fio de Ariadne guiou Teseu, mas que foi, de fato, ele mesmo, o condutor de novos desfechos e possibilidades. O labirinto, a cidade é sempre um recomeço.

REFERÊNCIAS

- ABBAGNANO, N. **Dicionário de filosofia**. São Paulo: Mestre Gol, 1970.
- BAUDRILLARD, J. **Cultura y simulacro**. Barcelona: Kairós, 1991.
- BERGSON, H. **Matéria e memória**. Trad. de Paulo Neves da Silva. São Paulo: Martins Fontes, 1990.
- BRANDÃO, C. A. L. **As cidades da cidade**. Belo Horizonte: Ed. UFMG; IEAT, 2006.
- CATÁLOGO DA EXPOSIÇÃO produzida no Museu Reina Sofia. **Constant. New Babylon**. Julho, 2016. Disponível em: < https://issuu.com/museoreinasofia/docs/constant_ingles_web>. Acessado em 15/04/2020.
- CASTELLS, M. A era da informação: economia, sociedade e cultura. *In: ---. A sociedade em rede*. São Paulo: Paz e Terra, 1995.
- CERTEAU, M. Caminhadas pela cidade. *In: ---. A invenção do cotidiano*. Petrópolis: Vozes, 1994.
- **L'invention du quotidien**. Paris: Union Générale d'Éditions, 1980.
- CILLERUELO, L. **La memoria Dei' segun San Agustin**. Augustinus Magister: Congrès International Augustinien. Paris: Etudes Augustiniennes, 1954. p. 499-509.
- DELEUZE, G. **Diferença e repetição**. Trad. de Luiz Orlandi e Roberto Machado. Rio de Janeiro: Graal, 1988.
- DELEUZE, G.; GUATTARI, F. **Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia**. São Paulo: Ed. 34, 1995. v. I.
- DERRIDA, J. **Mal de arquivo: uma impressão freudiana**. Paris: Gallilée, 1995.
- DUARTE, F. **Crise das matrizes espaciais: arquitetura, cidades, geopolítica, tecnocultura**. São Paulo: Perspectiva, 2002.
- FERRAZ, M. **Memória do futuro. Universia**, 19 nov. 2004. Disponível em: <http://www.universia.com.br/materia/materia.jsp?id=5695>. Acesso em: 5 fev. 2008.
- FREUD, S. **Obras completas**. Rio de Janeiro: Imago, 1996. [Edição standard brasileira das obras completas de Sigmund Freud].
- GIDEON, S. **Space, time and architecture**. Harvard: Harvard University Press, 1967.
- HALL, E. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 1989.
- HUYSEN, A. **Seduzidos pela memória: arquitetura, monumento, mídia**. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2000.
- JAMESON, F. **Pós-modernismo, a lógica cultural do capitalismo tardio**. São Paulo: Ática, 1997.
- JANET, P. **L'évolution de la mémoire et de la notion du temps**. Compte rendu intégral des conférences faites en 1928 au collège de France. Paris: A. Chahine, 1928.
- JEUDY, H. P. **Memórias do social**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1990.
- KOOLHAAS, R. SMLXXX. *In: ---. The generic city*. Rotterdam: 010 Publishers, 1995.
- LE GOFF, J. **História e memória**. Trad. de Bernardo Leitão e outros. 5. ed. Campinas, SP: Ed. da Unicamp, 2003.
- LYNCH, K. **The image of the city**. Cambridge: The MIT Press, 1960.
- MONGIN, O. De La Ville à la Non-ville. *In: RONCAYOLO, M.; JACQUES, L.; PAQUOT, T.; CARDINALLI, O. De La Ville e du Citadin*. Paris: Éditions Parenthèses, 2003. p. 35-51.
- MOSCOVICI, S. **A representação social da psicanálise**. Rio de Janeiro: J. Zahar, 1978.
- NESBITT, K. (org.). **Uma nova agenda para a arquitetura: antologia teórica (1965-1995)**. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.
- NORA, P. **Les lieux de mémoires**. Gallimard, Paris, 1997.
- PINHEIRO, E. S. **Cidades "entre": dimensões do sensível em arqui-**

- tetura ou A memória do futuro na construção de uma cidade. 2010. Tese (Doutorado) – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2010.
- PLATÃO, **Fedro**. Rio de Janeiro: Martin Claret, 2003.
- RANDOLPH, R. O espaço na/da sociedade da informação: reflexão teórico-metodológica e crítica a respeito do seu novo caráter enquanto ciberespaço. *In: ÉTICA, PLANEJAMENTO E CONSTRUÇÃO DEMOCRÁTICA DO ESPAÇO*, 9. **Anais [...]**. [S.l.]: Anpur, 2001. p. 1756-1767.
- ROSSI, A. **A arquitetura da cidade**. Rio de Janeiro: Martins Fontes, 1995.
- ROWE, C. Collage City. Cambridge: MIT Press, 1978. *In: NESBITT, Kate (org.). Theorizing a new agenda for architecture*. New York: Princeton Architectural Press, 1996.
- SOJA, E. **Thirdspace: journeys to Los Angeles and other real-and-imagined places**. Cambridge, Massachusetts: Blackwell, 1996.
- VIDLER, A. The b-b-b body: block, blob, blur. *In: HAUPTMANN, D. (org.). The body in architecture*. Rotterdam: 010 Publishers, 2006. p. 130-137.
- VIRILIO, P. A cidade superexposta. *In: ----. O espaço crítico*. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1993. p. 7-21.
- **Estética de la desaparición**. Barcelona: Editorial Anagrama, 1988.

ETHEL PINHEIRO SANTANA

Formada com Magna cum laude em Arquitetura e Urbanismo pela Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal do Rio de Janeiro - FAU/UFRJ (2001). Professora associada da FAU/UFRJ, com mestrado (2004) e doutorado (2010) pelo Programa de Pós-graduação em Arquitetura (Proarq). Docente do quadro permanente e atual coordenadora do Programa de Pós-graduação em Arquitetura - PROARQ (2020-2021). Editora-chefe da revista científica Cadernos PROARQ (ISSN 2675-0392), parecerista ad hoc de órgãos de fomento nacionais e membro de comitês científicos e editoriais nacionais e internacionais. Coordenadora de Projeto CAPES-PrInt (2019-2023) e do Laboratório Arquitetura, Subjetividade e Cultura (LASC/Proarq).



ARIADNE'S
THREAD:
LABYRINTH
INCURSIONS IN THE
IN-BETWEEN CITY

This is the Cretan labyrinth, with the minotaur at its center, which Dante imagined as a bull with the head of a man with a stone net where many generations got lost, such as Maria Kodama and myself got lost that morning and are still lost in time, which is no doubt another labyrinth.

(Atlas, Jorge Luis Borges)

THROUGH CITIES AND LABYRINTHS

The concern with contemporary cities has become a topic of worldwide interest, for several reasons ranging from the disappearance of their limits to the fact that, little by little, they have dissolved socially (and spatially) through the constant introduction of information technologies. Speaking of public spaces in the field of architecture and urbanism is, therefore, one of the strategies to talk about cities, since all human action can be represented and analyzed from the spaces of collective articulation and the unfolding of public daily life, elements that compose the ideals in every *polis*.

The structures that allowed us to define a city between the 15th and 19th centuries were almost completely inverted in just over a hundred years, and the reflection on what a city is, and how to interfere in it architecturally and urbanistically, has become an issue. However, the intervals in the city viewed in an isolated manner (streets, sidewalks, buildings) are not enough to characterize the complexity of today's great centers and, thus, the body rises in its diagramming function, occupying a prominent place in contemporary theories in architecture.

The erratic and non-linear body, present in current urban contexts, while hermetic and metric, performs easily as a pathfinder and a questioner of patterns by the power of resistance, unlike the medieval body, which assumed the shape of the city as a response to its movement between buildings and squares, or the Renaissance body, creating centralities by imposed directions. Despite being freer and more self-centered, the contemporary body (understood as matter) cannot comprehend the city in its entirety: it manufactures new ideas of cities as it moves and experiences the In-between-City¹, and therefore is often divorced from its guiding thread.

1. Developed and defended at Proarq/UFRJ (2006-2010), the PhD thesis *In-Between Cities: sensitive architecture dimensions or future memory in the construction of a city* (2010) was based on a representative expression of this "new" state of the public spaces : the desiring dimension. The term, originating from the confrontation of several recent contemporary theories about dreamed spaces and virtual spaces, has led to the emerging of not only the notion of "peripheral" or conformity limits, but, mainly, the role played by imaginary and the senses that manufacture the understanding of a traffic between experiences, or a "third-space" (SOJA, 1966) among users, or a "metaphorical city" (CERTEAU, 1994).

Such thread, despite intangible, is always apparent, goes through labyrinths. That is why the image of Ariadne's thread is constantly cited by philosophy, psychology and mythology, among other spheres that discuss its metaphorical meaning, linked to the labyrinth symbol; the thread is constantly seen as the instrument by which inhabitants guide their earthly journey and entangle themselves through the labyrinth path they choose to build with every spatial composition. The thread is, in itself, the very complexity of the city.

Talking about this myth - popularly known as "the minotaur's labyrinth", which chronicles the trajectory of Theseus, the hero who saved Crete from the terrible minotaur, the youth-eater - is a pathway for reflection. Not only did the hero also need to be saved (upon receiving the golden thread from Ariadne, who should be accompanied to not get lost in the maze), but also needed to reposition himself spatially, realizing that the starting and ending points were the same. The thread thus contained a temporal response to the spatial dilemmas posed.

Experiencing this labyrinth-city requires an exercise of constantly interpreting this thread. Fabio Duarte (2002) poses this dilemma as a matter of equipping the concept of space (and city): through the certainty of modifying urban spatial matrices since the 1960s, and in opposition to the modern hegemonic (and homogeneous) space of the plans offered since the end of the 19th century, there is an appreciation of the specific characteristics in each place, reaching a mixture of interventionist actions in the 21st century and the adoption of more humanist concepts for the interpretation of spaces - among them, the notion of *ambiance* that we have developed within the set of studies on architecture and subjectivity at the 'Architecture, Subjectivity and Culture' Laboratory of the Postgraduate Program in Architecture, at the Faculty of Architecture and Urbanism at the Federal University of Rio de Janeiro (LASC / Proarq / UFRJ).²

Issues such as *transience* and memory circulate among the new forms of apprehension in contemporary cities, in the tactile crisis of the body that does not need much effort to move around - and remains desensitized often- and the increasingly accelerated circulation of information and consumer goods.

2. Research group based in the directory of the National Council for Scientific and Technological Development (CNPq) LASC, coordinated by Professor Drs. Cristiane Rose Duarte and Ethel Pinheiro Santana.

Such issues lead this author, even at the beginning of the XXI century, to recognize that, in addition to the physically established city and the city to be constructed, there is something in “Between” shaped as if it were Ariadne’s thread, as Certeau (1994) commented in his “walks through the city”. This concept of a city, outlined at the time of my doctoral studies, is corroborated by the understanding of a memory of the future:

[...] escaping from the imaginary totalizations of the perspectives there is a strangeness of everyday life that does not come to the surface, or whose surface is only an advanced limit, which stands out over that which is visible. These practices of space refer to a specific form of ‘operations’ (‘ways of doing’), to ‘another spatiality’ (an ‘anthropological’, poetic and mythical experience that builds space) and to an opaque mobility, of new memory. A transhuman or metaphorical city is thus insinuated in the clear text of the planned and visible city and is, in fact, a city. (CERTEAU, 1994, p. 171-172).

The certainty that the pieces that make up cities (intersecting spaces, public or private, buildings, monuments and landmarks), as defended by Lynch (1960), are simply not enough to characterize the complexity that large centers incorporate, and how the image of cities - within a theory of representation, pointed out by Moscovici (1978)³ - has been

3. The concept of “social representation” emerged from the pioneering work of Serge Moscovici, entitled “La psychanalyse, son image and son public” (thesis defended in 1961), which was concerned with the study of the spread of psychoanalysis in different areas of the Parisian population of that time, appropriation and transformation to other social functions. Originating from the tradition of the sociology of knowledge, the proposal became the core of a psychosociological approach, aiming to redefine the problems of social psychology. Moscovici defended the thesis that the social representation of psychoanalysis was multifaceted, that is, that the consensual view on psychoanalysis differed consistently from its scientific definition. Within the parameters developed for the representation analysis, the author describes two forms of elaboration on social representations: objectification and anchoring. Moscovici (1978, p. 111), considers that “objectifying is reabsorbing an excess of meanings by materializing them (and thus

developed in order to incorporate other components of a sensory and subjective order, reinforcing the value of this “new” memory.

The results of this phenomenon to modify the notion of the city instituted by a common structuralism in the 19th and early 20th centuries, are positioned at different levels: social, philosophical, economic, and environmental. In this sense, the idea of a In-between City joins the idea of a subjective city, bathed by the individuality of its practitioners and demarcated by the need for mobility at a variety of levels of absorption regarding what is transitory, whether it is present in the relations between real × abstract, planned × imagined, continuous × discontinuous or in the dissolution of geographical notions, as mentioned in the beginning of this chapter.

In addition to Soja (1996) and Certeau (1994), other important authors (DELEUZE, 1988; CASTELLS, 1995; RANDOLPH, 2001) emphasized, in the beginning of the 20th century, that the diffusion of a city formed by compact public spaces in its social and digital network can promote a “metacity”, shaped by a different form of participation in the world - one that subtracts space relations and replaces them by time relations.

Thus, questioning the city requires a step forward on the role of the body, senses and memory, since every bodily experience articulates two representations: an external and extensive movement, that is visible, made by displacements; and an intensive and interior movement, within human existence, through a set of memories, intelligence and sensitivity. The labyrinths to be traversed are therefore intrinsic and extrinsic, and there is no immediate answer to the problems that cities impose on us. But there are times to investigate.

WHICH TIME, WHICH MEMORY?

If time is a metaphor for every culture and city, we can say that the issue of time (s) and its relationship with space seems to have been answered due to its possible quantification. In fact, time seems unreal and is just a social invention that helps material deposits,

adopting a certain distance from them). It is also the act of transplanting what was simply an inference or symbol to the level of observation”.

stimulates the achievements in the future and expresses a system of values. But, due to its nature associated with human existence, nothing is more palpable in societies than time.

Based on this imagery capacity to reproduce scenarios, sounds and reinterpret experiences, many people are able to “expand” the notion of time, an effect that brings the past into the future - not instantaneously. In these considerations, the present time does not materialize itself, it simply does not exist as a value entity: it is a representation (HALL, 1989, p. 139).

The variation of the notion of time, therefore, involves a “miscegenation”, which produces the interpolation of the “real” existence of space with the consequences of different forms of fixed time. Thus, a juxtaposed “time” reference appears, in which the clock that controls human paths is dictated by an agenda or a list of priorities and the experience of space is not simply the amount of minutes spent in a place, but the intensity with which we immerse ourselves in volumetric dimensions, by physical or even digital means. Thus, space becomes a *medium* between different temporal contexts, and historical time leads to new interpretations.

Huyssen (2000) states that the end of the 20th century was marked by a shift in experience and in time sensitivity; and this notion of “time in the cities” is a scrutinizer for the relations of permanence and appropriation, according to the intensity of permanence in certain situations. Due to the transformations of social desires and aspirations, as well as geographical limits, there is a displacement to a temporal feeling of a juxtaposition of time: “The faster we are pushed into the global future that does not inspire confidence, the stronger our desire to [...] find a temporal residue in search of comfort” (HUYSSSEN, 2000, p. 75).

Under the Western concept of the “time arrow”⁴, disarticulations with the past and the advancement of technological spheres can be seen as elements that cause changes in the

4. The concept of a “time arrow” arises with Ilya Prigogine, 1977 Nobel Chemistry Laureate. He supported the idea that the universe is a result of irreversible transformations on a large scale. Irreversibility is a property common to the entire universe, and one must simply think that everyone (and everything) will age in the same direction. Nothing and nobody rejuvenates while others (and everything) is aging - hence the concept of a “time arrow”. In Prigogine’s “antipositivism”, a path appears where the probabilities reduce the certainties to dust, with applications that spread throughout the body of science, including humanities.

way we understand physical space and places of architectural intervention in the city, requested by the role of memory.

The constitution of the word “memory” goes back to Greek *mnemon*, which historically represented a separate person to keep the memories of the past in society. In mythology, the *mnemon* is the servant of a hero who constantly accompanies him to remind him of something that could cause his death, if forgotten. The *mnemon* was, of course, a translator of memories, so choosing him well was a fundamental premise. Le Goff (2003, p. 419) comments that, with the development of writing, “living memories” became archivists and the role of the *mnemon* started to be attributed to registered memory, easily found because it is cataloged: “Memory, as a property of preserving certain information, takes us first of all to a set of original psychic functions, thanks to which humans can update impressions or different information [...] that are represented as past”.

With the loss of *mnemones*, the spoken and written language began to prevail over the role of “withholding” information. While being at the disposal of others, at any time and place, memory records started to occupy this position and were established as fixed archivable objects.

Plato (2003, p. 274-275)⁵ presents the legend of the Egyptian god Thoth in *Phaedrus*, as patron of scribes and astronomy, an inventor of numbers and the alphabet. He claimed that by inventing the last two elements, Thoth transformed memory, but contributed to weakening it more than developing it. Plato thus created the role of the mobile archive (and of the current electronic folders in all computers in the world, as well as the “clouds” and mobile devices), to which Derrida (1995) was ready to criticize and ontologize.

With Augustine of Hippo, Saint Augustine (CILLERUELO, 1954), memory started to penetrate the inner man, replenished by external stimuli, as is expected from reminiscence. But it was also based on this thinker that was essential to Western Christianity that memory gained the *status* of a static entity, ready to be recovered when manipulating memories.

Just as medieval rationality believed in writing as a key to “freeze memory”, modernity in the 20th century began to doubt this, leading to the recognition that the effect of archiving

5. Dialogue between Socrates and Phaedrus on rhetoric or rather, the genuine art of speaking.

may not necessarily be that of “preserving memory”, but replacing it instead HUYSSSEN, 2000; JEUDY, 1990; NORA, 1997).

Nesbitt (2000), observing the evolution of this theory, points out that in architecture and urbanism, memory gains a ‘new status’ in the 20th century, as it approaches the constructed physical space as an experienced reality - as an ambiance. The apprehension of memory leads us, in this way, to the construction of the urban sense: it makes the meanings and values of places emerge, attributed by individuals who are in them, and it also fosters the symbolic links between the environment and its essential beliefs; it originates new meanings.

In this new scenario, memory returns to the body and then invades architecture - no longer as a scale to be suitable for spatial design, but as a body that experiences, feels and conducts all architectural proposals. Memory, in this sense, is a significant force in this body that “potentiates” the world. It is the *sensitive memory* that relates to places in the rapprochement that architecture establishes between the body and the building, between the body and the city (VIDLER, 2006).

Thus, the value of memory as a response to time in metropolises becomes a very current issue in the analysis of urban space. As it is, in fact, something scientific, memory is related to the human capacity to deal with emotions and is contingent in the sensitive system that we develop towards the world. And if physical references are dismantled with a speed never seen in world history, and if the role of memory - as an element associated with writing - is restricted to this archive, then through a subjective analysis we can outline other possibilities.

Such objectification of memory crosses the links of the private sphere and approaches the daily subjective experiences in the contemporary city. Randolph (2001) considers that the investigation of that which is “new” cannot be carried out without considering the “old”. Therein lies the challenge of studying the contemporary city through its memorial and metaphorical messages, everyday memories shaped by the presence of different spheres of time, especially the future (which is fuel for the dimension of desire), as well as fabulous and historical memories.

Sensitive memories - permeated with odors, sounds, colors and textures - matter most in this context. During the analysis and deepening undertaken in my postdoctoral research, using the term “memory” in an isolated way became incipient, historically, to support the current understanding of the city.

This scenario allows us to prove that, if memory is a construction process, and if the set of languages imposed by buildings and free spaces should not become plastered as a simply “compositional” view of architecture, then the “storytelling” (of residents) must reestablish the representative notions of the city (as a great sensitive object), assimilating instances of time and sensitive memory - in turn, provided by an immersion in the ambi-ances and relationship with theories about the memory of the future.

FUTURE MEMORY, OR PROJECTIONS

The understanding that a “present memory” is part of the understanding of a constructed and inhabited world, a fact discussed since Saint Augustine (354-430), was essential for the structuring of a thought that uses sensitive memory as a field of study for cities at different times.

The human experience is penetrated by a radical indeterminacy that only doesn't cause additional insecurity because, paradoxically, it leads to a solution: we envision a possible future, because it gives meaning to our current experience, as well as we provide meaning to the experiences of our ancestors and consider their own changes to be ours.

In his approach regarding architecture pathways, Brandão (2006) states that the phenomenon of “image retention” has caused the act of remembering to disappear and transform symbols into images with real and misshapen values, a perfect simulacrum, as some theorists already mentioned (BAUDRILLARD, 1991; HUYSEN, 2000; NORA, 1997). Just as it is possible to count and register as many streets, blocks, buildings and spaces as the countless books in the Jorge Luis Borges' Library of Babel⁶, the contemporary memory also falsifies the order of things - and, as is known, memory lies.

6. See Borges, J.L., *Ficções*. Rio de Janeiro: Globo, 1989.

It was through the recognition of the urban world, however, that memory gained its most varied articulations and its “falsifications”. Mongin (2003) coined the term “general urbanity” or “generalized urbanity” to emphasize that although the current city produces experiences of distance, in its intoxicating, heterogeneous and diffuse nature, it has a vitality that enhances, in its inhabitant, experiences with intense desiring memories towards the world, which are not fixed on the past or present.

Consequently, the reinterpretations of the time entity build a differentiated notion of space adopted as a repository of body memory, as argued by Bergson (1990). Not a fixed memory, as we have already mentioned; also not an exclusively sensitive memory, which uses present sensorial aspects. We speak of a memory of the future, a concept that explores the compression of time - or times. Just as it takes advantage of the modified space (and subjectifies itself), the body also seeks within memories based on articulate movement, the present representations and future desires. The body appears as a limit between past and future, and only the body works intelligently to prove this type of memory.

The memory of the future, thus, unlike fixed interpretations of memory until the beginning of the 20th century - associated with a process of “losing and winning” or simply “remembering” - appears to enable the understanding of a connection between the physical city and immaterial city, produced by diverse subjectivities.

The concept, initially presented by Pierre Janet (1928), is the link that connects the transitory and discontinuous panorama of the contemporary city with a “real” image filled with meanings by a “new” wandering man, that is more agile, less patient, more concerned with how useful time is spent, less linked to the specificities and demands of social life imposed in previous centuries.

In 2008, the Federal University of Minas Gerais (UFMG) worked around the concept of future memory. With “The Art of Memory and Future Memory” as a theme (at the Institute for Advanced Transdisciplinary Studies, IEAT-UFMG), researchers involved sought to resonate through a transdisciplinary approach, the challenges faced by individuals in the 21st century. By working together with various sciences, architecture has positioned itself towards this impasse as a structuring pillar for human actions and as a tension factor for (new) memorial actions.

Claudine Haroche,⁷ in this field, incites the straying of the idea of memory as a past, stable or fixed thing, which does not carry the changes in subjectivities brought about by world advances and its complete need for adaptation. If everything changes, the memorial records, in turn, change and build cities other than those previously perceived. Image and simulacrum are, therefore, concepts associated with the memory of the future.

From information technology to architecture and urbanism, through the investigative work performed for my doctoral thesis (Pinheiro, 2010, p. 95), future memory can be explained as the memory

that operates within the limits promoted by distancing itself from linear time left behind and through the proximity of a future that is subjectively ideal; has its own reality and when, fixed in image (s), it diagnoses and criticizes present time, leading to a metaphor of personal, social and cultural relations; that works as a magnet in the construction of a homeless city, carved into immaterial spaces.

The memory of the future, therefore, is the link that associates the space in the city in which memories are catalyzed and that which is produced by an individual and collective ideal (an imagination, above all), favoring the construction of an In-Between City, the “present of future things”(LE GOFF, 2003), which Saint Augustine defended and is therefore the result of a consistent interpretation of the power of change associated with advances in society, communication, constructed spaces and the contemporary way of operating memory.

7. “Claudine Haroche is a sociologist / political scientist who has been taking risks for quite a while, that very few peers would dare to take. [...] Claudine Haroche’s boldness towards facing the contemporary man: his way of being (as a social man), how he feels (as the subject of affections). Therefore, ‘governing’, ‘governing others’, is the fascinating theme chosen by this thinker who never ceases to instigate us to think, as heirs of a forgotten polis and tributaries of a ‘politesse’ that is mostly forgotten, which, whether we like it or not, is at the basis of the constitution of the western civilization process”(text read by Robert Pechman, during the lecture by Claudine Haroche in April 2008 at the Institute of Urban and Regional Research and Planning at UFRJ - Ippur).

It was only when the concept of future memory became clear, during the research for my thesis (PINHEIRO, 2010), that the understanding of the metaphorical effect of the extension of memory became *transtemporal*,⁸ and a labyrinth. The more the inhabitant tries to project himself into the future, the more he responds to the past, creating possible (new) futures.

Based on these parameters, the body and city merge into a moving image, since the memory of the future provides existence to the place where the experience occurs. It is not the memory (archivist) of the past (as an indestructible reality), but memory that cuts into space with the time leading to development, where desire traces and inhabits space. Memory that establishes the present-past of any individual, in order to present the future.

IN-BETWEEN CITY: FROM TIME TO MEMORY

At this point in the text, it is important to juxtapose all the concepts presented, as a possible way to untangle the tangled threads (by Ariadne) and seek a way out of this labyrinth. If the world appears to us, initially, as a sensitive object⁹ that is aligned with our personal representation, it is through the “body to body” process and the notion of the relationship between memory and desire that our adventure for spatial knowledge begins.

The association of the role of the body (as matter) in the recognition of images (as memory) is a subject discussed by Bergson (1990) as a time system. The philosophical-phenomenological panorama regarding the union of these two entities (image and memory), in the field of representation, occurs in what Bergson (1990, p. 17) considers the “memory

8. Referring to the lecture “Memory Machines and memories as an invention of discourse”, by Professor Maria do Céu (Escola de Belas Artes, Universidade Federal de Minas Gerais - EBA / UFMG) during “The Art of Memory and Future Memory” an event produced by the Institute for Advanced Transdisciplinary Studies (IEAT / UFMG) on November 26, 2008. Available at http://www.ufmg.br/ieat/index.php?option=com_content&task=view&id=409&Itemid=9. Accessed on: 11 February 2009.

9. Sensitive is “what can be perceived by the senses. In this sense, ‘the sensitive’ element is the object of sensitive knowledge, just as ‘the intelligible’ element is the object of intellectual knowledge”(Abbagnano, 1970, p. 840).

theory”: “Everything must happen, therefore, it is as if an independent memory gathered images over time as they are produced, and as if our body, with its surroundings, was nothing more than one of these images”.

If the past would survive only in bodies through motor mechanisms (or the memory impregnated in the transmission of movement), Bergson (1990) wondered if it would be possible for a body without experiences to encompass memory. The answer was a new hypothesis (split into two): 1) the past can survive from independent memories; and 2) the recognition of an object occurs through an action of the movement (when it arises from a relationship with the object itself) or by representations (when it arises from the subject). This means that cultures and cities need bodies that are ready to experiment.

With the inclusion of the need for sensitivity in the understanding the physical space, around the middle of the XX century, which is associated with the “space-time” term defined by Gideon (1967), the idea of a mobile body which gradually changed at the expense of repositioning the individual as a subjective entity. The city and the body, especially in the contemporary world, started to interact with systems that involve complex processes that remain invisible or unspecified, bringing a certain “liquidity” in actions, as when we enter and leave ‘virtual chat rooms’ or when we need to use the city as a means of moving to another city, due to ever-increasing mobility problems - which could be understood as the fallacy of our sensitive relationship with space-time.

To defragment (using a computer science term) this notion, the inhabitants of all cities start looking for reports and memories superimposed by times and subjectivities coming from future memory, as presented: which functions as a globalizing structure.

When Virilio (1993) constructed his thesis of a city linked to circulating images and prevailing speed, Castells (1995) also acted as a supporter, stating that everything is a systemically constructed process, and that the information city is this intermediate city, which requires advances and the combination of times to become completely rooted. Also when Deleuze (1988) recreated his idea of a continuous city and Soja (1996) defended the “third-city” and the “immanent city”, both ended up highlighting that the reconstruction process is a temporal, subjective, transitory process, that is random and - consequently - memorial. Not in the memory of the past traces - emphasized again - but in the future memory.

Soja (1996) considers, in broad terms, that when the body “includes itself” in the space and interacts in it / with it, an “other” place is born, a third space, which is the mixture of a first space (receiver of memories) and a second (ideal) space. This third space emerges

**1. Drawing on the Ville Spatiale,
by Yona Friedman (1958)**

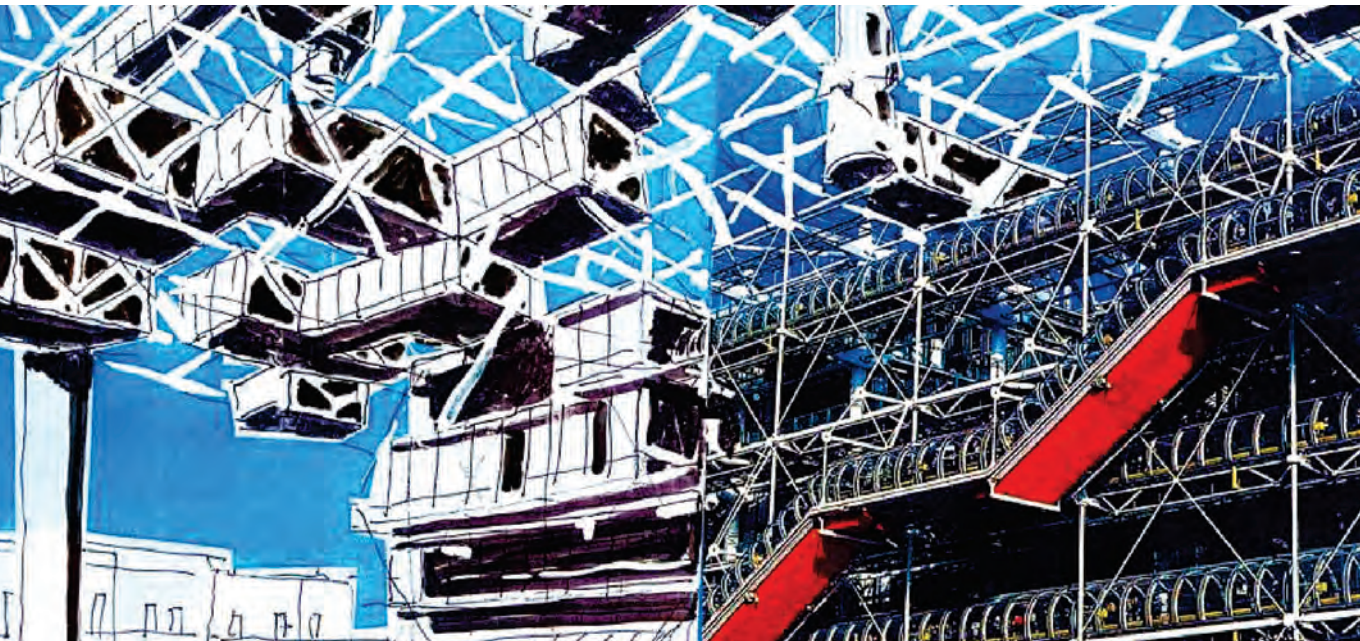
Source: Available In: <https://www.archdaily.com.br/br/911883/os-desenhos-mais-representativos-e-inspiradores-de-yona-friedman>.

**2. Drawing/collage on the Ville Spatiale,
by Yona Friedman (1958)**

Source: Available In: <https://www.archdaily.com.br/br/911883/os-desenhos-mais-representativos-e-inspiradores-de-yona-friedman>.

3. Pencil drawing, New Babylon (1997)

Source: Constant : Art et utopie. Paris: Cercle d'Art.
Available in: <http://www.cronologiadourbanismo.ufba.br/apresentacao.php?idVerbete=1396#prettyPhoto>





from sensations, activities and immaterial elements that add to spatiality and give the city user (and the city itself) the notion of a single conglomerate. It is a vertiginous city, but the result of real-time juxtaposition operations. An unconscious, In-Between City.

The In-Between City concept, as defended (PINHEIRO, 2010), is not entirely new in the field of architecture. Important theories committed to the phenomenological relations of place (and architecture) have been interested, for over sixty years, in the existential dimension placed on the constructed world. Theories that recovered terms and ideals proposed since the Romans - such as the term *genius loci*, later defined as character by Aldo Rossi (1995) and adapted by notions of multiple and generic cities presented by Rowe (1984) and Koolhaas (1995).

In the sphere of perception, the In-Between City is associated with phenomenological approaches that provided architecture with the concept of a more sensorial city, in which the body is an object that emerges from sensitive layers; a city in which less ordinary experiences, and consequently more transitory experiences, appear to develop the constructed environment, making the body the tactile element that makes the city possible.

When we mention the “In-Between City” we do not speak of a city bombarded by futuristic or heterotopic prognoses of scarcity of physical space and artificial intelligences, as presented to us by films such as *Blade Runner* (by Ridley Scott, 1982) or *The Fifth Element* (by Luc Besson, 1997); we speak of a city inhabited and built on the tangible field of experiences, much closer to the *Mobile Architecture Manifesto* by Yona Friedman, in 1956¹⁰ or the “New Babylon” of 1959, in the *Situationist Writings*¹¹, as Constant Nieuwenhuis puts it:

10. In 1956 Yona Friedman presented to the X International Conference on Modern Architecture (CIAM X), held in Dubrovnik, former Yugoslavia, the *Manifesto de l'Architecture Mobile*, a building system that allowed residents to determine the design of their own homes. Published later in 1958, one of his most important works was entitled *L'architecture mobile* where he presents *La ville spatiale* (the Space Village), a set of pre-existing mega structures in cities to provide citizens with a life based on the flexibility of uses and decisions.

11. Constant Nieuwenhuis presents his first studies on “New Babylon” with the title “Another city for another life”; with escape writings, appealing to another physical dimension for the construction of another city. Constant would continue to model it, until publishing in 1974 the manifesto called ‘New Babylon’ ”.

La création d'ambiances favorables à ce développement [humain] est la tâche immédiate des createurs d'aujourd'hui. (...) Nous verrons dans un instant à quel point cette proposition s'est avérée intenable.(...) L'émergence subséquente du "happening", de "l'environnement" et de la "performance" m'a conduit à penser librement.

The creation of favorable environments for this [human] development is an immediate task for today's creators. (...) We immediately notice how unsustainable this proposal has become. (...) The subsequent emergence of 'event', 'environment' and 'performance' led me to think [about the city] freely. (EXHIBITION CATALOG Constant. New Babylon, 2016, p. 272, free translation by the author)

For Hungarian-born architect Yona Friedman, escaping the marks of World War II was a direct step to plan the *Space Village*. Expressed by collages, drawings, graphic compositions, that were spatially “subverted”, like his contemporaries with Archigram and Superstudio in the middle of the 20th century, the city of “resilience” and overcoming of a momentary condition was established. Through communication propositions (suspended subways), storage towers and housing flexibility, Friedman always thought of the city as “another” (figures 1 and 2).

New Babylon, on the other hand, finds in the escape from the area physically established for cities, the solution for the manifestation and evolution of another city, densely populated with desires and concrete. While searching for this city, Constant Nieuwenhuis builds his future project based on collages, paintings and many other techniques that, by themselves, demonstrate the need for the urgent materialization of this city. It is not a metaphor for what the future, in its active interactions with the past, can hold (figure 3).

A city that is intended to exist contributes to Nieuwenhuis' situationist studies, without the presence of the body to tame it. Another city is seen beyond that which is physically established, adorned with bodies, supported by Yona Friedman. In both cities, the intentions are originally similar: the desire for some type of construction.

Opposing the Cartesian model of space, mathematical and transparent to reason, it gradually emerged in architecture and urbanism, through the movements undertaken by several thinkers in the theoretical field at the end of the XX century. with the notion of a space for experiences. Architecture and city, designed in continuity to corporeality, linked to the current and sensitive experience of the body in the physical space, although not disconnected from the historical and cultural horizon, materialized in the In-between City.

Some contemporary phenomena have been structuring in cities (increasingly urban) the “carnal” existence of a city interspersed with the wishes of permanence and mobility, a city that does not include the physical extract and, therefore, has several names.

Based on this sensitive condition, made explicit in several different subjective and desiring conditions, the immaterial city is consolidated and finds space for survival. Contemporary experiences, those in which the roots (cognitive and affective) of the body’s connection with the world are marked by the permanent-remaking-of-records, become traces of memory.

Unlike an aseptic “stage” for human interactions and urban life, the city and architecture are seen as actors that interact with the whole reality - human, physical, social, geographical - of space, composing an indistinctly united horizon of speeds and scenes. The concepts supporting the In-Between City. And the subject who walks through the cities is a *nomad* (DELEUZE; GUATTARI, 1995) moving around spaces in abstract and vector lines, looking for an imaginary thread.

AN ENDLESS THREAD

A body is only a body when woven by the thread that leads to other bodies. The image of Ariadne’s thread, at this moment, proposes a multiplicity of connections in constant time; the shuttle of information represents an important communication process that is developed in the spatial perspectives (material or immaterial) chosen for its development. Ariadne’s thread, more than leading to an exit (impossible to find in the labyrinth, as mythology plays out), transports men to the experience of this labyrinth, making it a field of

exploration. The thread not only leads outwards, but determines the size of this labyrinth - considering those searching for a path to be nomads.

The rapid movement of the nomad, driven by the intense stimuli in the city where he lives, is the very condition of the search towards territories that are always “out of reach, not because they are unimagined, but on the contrary, because they are always being traced” (DELEUZE; GUATTARI, 1995, p. 72).

However, the nomad is not a person without an identity or *memory archives*. On the contrary, his memory is the strength of the movements in the (eternal) pursuit of “inventing” his In-between City. There is an exercise in memory on the nomad-inhabitant-through-the-city, which is to relocate, at every moment, the pieces of what he experiences in the complex city.

If the contemporary city thus presents itself, then its apprehension also occurs in this way: it is mobile, multiplying and unrestrained. But, as the images proliferate, the yearnings for loyalty to the historical report and plot diminish.¹² By making more repeated models of linguistic structures in sites full of overlapping flaps, architecture is included in the condition of an information carrier and not a retainer.

But what marks the contemporary city, if not the understanding that contemporaneity does not have a defined limit, and it is spread throughout all possible burrs? Thus, a process of subjectification that points to the emergence of a homogeneous universe in its *diversity*, bringing the illusion that the city is unique in its structuring process, that the urban element is everywhere and that the world is an extensive city.

It is precisely in the transposition of traditional, consolidated and historical spaces for the “urban collage”, which is flexible and changing, that there is an initial emergence of urban space reproduced in manufactured memories. Secondly, there is a fading out of the relations of *belonging*, to what Jameson (1997) had already called “fading affections”, and

12. The study of narratives associated with the architectural field can help to better understand such relationships, which is not the focus of this work.

13. Referring to Rowe (1996).

which the author associates with the loss of territorial notions Can we ask ourselves, are we still affected? Certainly, yes; we still need the power of stability that places provide. Perhaps, today, we are doing this with the complete mobility of possible times and spaces, and yet, reinterpreting new (possible) urban spaces.

In view of the final moment when we call ourselves urban, Mongin (2003, p. 35) states that “the expression of the new image of cities designates a kingdom of generalized urbanity: the urban everywhere, wherever it is”. Thus, approaching the urban element as an objective or “entrepreneurial force” represents an attempt to analyze the constitution of the body and memory, our first informational supports, in any space we travel through.

No other concept can faithfully fit in as well as that of the future memory, in this sense, with its corollary of “prediction” and “retention”. By admitting that such a concept is possible, and that it participates in the interpretation of the physical space of cities, we also admit that the city is always a creation. Like the action brought by Ariadne in the delivery of the gold thread that leads to the same entrance and exit, the In-Between City does not put us on a linear or premeditated path.

An In-Between City is narrated every day by each inhabitant. It is built and rebuilt keeping some or many of the characteristics of the urban fabric represented in plans and maps, but transmutes its plot in the exercise of memory. Each time a corner is “turned”, or an event takes place, the city is different. You have to be in it, somehow, to understand its plot. It is necessary to retell it, constantly so that it may be understood.

And why demand the same narrative so many times? Psychoanalysis responds to this clearly: to better master the story. By controlling the plot, the characters, the places where the fact is developed and the concerns regarding changes, the future is thus anticipated (FREUD, 1996).

The connoisseur of the narrative is the author of such a plot and expects its outcome, as it confirms the script that is known. In the evocative repetition of memory, even if always represented (that is, never real), the concept of the memory of the future is developed through the construction of an In-Between City, just like the labyrinth protected by the

minotaur - through which Ariadne's thread guided Theseus through the corridors, although he himself did conduct the new outcomes and possibilities. The labyrinth, the city is always a new beginning.

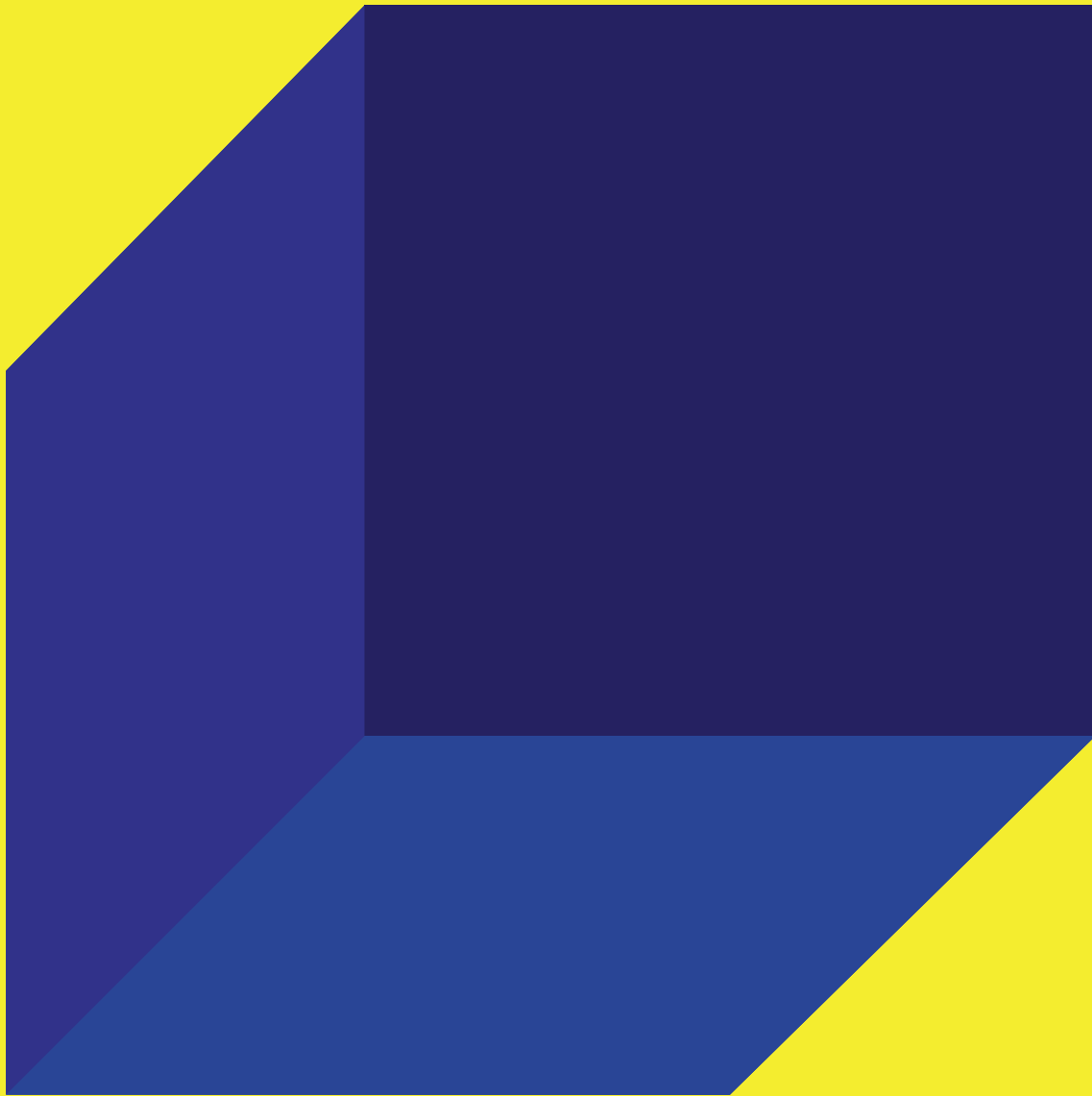
REFERENCES

- ABBAGNANO, N. **Dicionário de filosofia**. São Paulo: Mestre Gol, 1970.
- BAUDRILLARD, J. **Cultura y simulacro**. Barcelona: Kairós, 1991.
- BERGSON, H. **Matéria e memória**. Trad. de Paulo Neves da Silva. São Paulo: Martins Fontes, 1990.
- BRANDÃO, C. A. L. **As cidades da cidade**. Belo Horizonte: Ed. UFMG; IEAT, 2006.
- EXHIBITION CATALOG produced at the Reina Sofia Museum. **Constant New Babylon**. July, 2016. Available In: <https://issuu.com/museoreinasofia/docs/constant_ingles_web>. Accessed on 04/15/2020.
- CASTELLS, M. A era da informação: economia, sociedade e cultura. *In: ----. A sociedade em rede*. São Paulo: Paz e Terra, 1995.
- CERTEAU, M. Caminhadas pela cidade. *In: ----. A invenção do cotidiano*. Petrópolis: Vozes, 1994. -----. **L'invention du quotidien**. Paris: Union Générale d'Éditions, 1980.
- CILLERUELO, L. **La memoria Dei' segun San Agustin**. Augustinus Magister: Congrès International Augustiniennes, 1954. p. 499-509.
- DELEUZE, G. **Diferença e repetição**. Trad. Luiz Orlandi and Roberto Machado. Rio de Janeiro: Graal, 1988.
- DELEUZE, G.; GUATTARI, F. **Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia**. São Paulo: Ed. 34, 1995. v. I.
- DERRIDA, J. **Mal de arquivo: uma impressão freudiana**. Paris: Gallilée, 1995.
- DUARTE, F. **Crise das matrizes espaciais: arquitetura, cidades, geopolítica, tecnocultura**. São Paulo: Perspectiva, 2002.
- FERRAZ, M. **Memória do futuro. Universia**, 19 nov. 2004. Available at: <http://www.universia.com.br/materia/materia.jsp?id=5695>. Accessed on: 5 February 2008.
- FREUD, S. **Complete works**. Rio de Janeiro: Imago, 1996. [Edição standard brasileira das obras completas de Sigmund Freud].
- GIDEON, S. **Space, time and architecture**. Harvard Harvard University Press, 1967.
- HALL, E. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 1989.
- HUYSEN, A. **Seduzidos pela memória: arquitetura, monumento, mídia**. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2000.
- JAMESON, F. **Pós-modernismo, a lógica cultural do capitalismo tardio**. São Paulo: Ática, 1997.
- JANET, P. **L'évolution de la mémoire et de la notion du temps**. Compte rendu intégral des conférences faites en 1928 au collège de France. Paris: A. Chahine, 1928.
- JEUDY, H. P. **Memórias do social**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1990.
- KOOLHAAS, R. SMLXXL. *In: The generic city*. Rotterdam: 010 Publishers, 1995.
- LE GOFF, J. **História e memória**. Trad. de Bernardo Leitão e outros. 5. ed. Campinas, SP: Ed. da Unicamp, 2003.
- LYNCH, K. **The image of the city**. Cambridge: The MIT Press, 1960.
- MONGIN, O. De La Ville à la Nonville. *In: RONCAYOLO, M. ; JACQUES, L. ; PAQUOT, T. ; CARDINALLI, O. De La Ville and du Citadin*. Paris: Éditions Parenthèses, 2003. p. 35-51.
- MOSCOVICI, S. **A representação social da psicanálise**. Rio de Janeiro: J. Zahar, 1978.
- NESBITT, K. (org.). **Uma nova agenda para a arquitetura: antologia teórica (1965-1995)**. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.
- NORA, P. **Les lieux de mémoires**. Gallimard, Paris, 1997.
- PINHEIRO, E. S. **Cidades "entre": dimensões do sensível em arquitetura ou A memória do futuro na construção de uma cidade**. 2010. Doctoral Theses- Faculty of Architecture and Urbanism,

- Federal University of Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2010.
- PLATÃO, **Fedro**. Rio de Janeiro: Martin Claret, 2003.
- RANDOLPH, R. O espaço na/da sociedade da informação: reflexão teórico-metodológica e crítica a respeito do seu novo caráter enquanto ciberespaço. *In: ÉTICA, PLANEJAMENTO E CONSTRUÇÃO DEMOCRÁTICA DO ESPAÇO*, 9. **Anais [...]**. [S.l.]: Anpur, 2001. p. 1756-1767.
- ROSSI, A. **The architecture of the city**. Rio de Janeiro: Martins Fontes, 1995.
- ROWE, C. *Collage City*. Cambridge: MIT Press, 1978. *In: NESBITT, Kate (org.). **Theorizing a new agenda for architecture***. New York: Princeton Architectural Press, 1996.
- SOJA, E. **Thirdspace**: journeys to Los Angeles and other real-and-imagined places. Cambridge, Massachusetts: Blackwell, 1966.
- VIDLER, A. The b-b-b body: block, blob, blur. *In: HAUPTMANN, D. (org.). **The body in architecture***. Rotterdam: o10 Publishers, 2006. p. 130-137.
- VIRILIO, P. A cidade superexposta. *In: ----. **O espaço crítico***. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1993. p. 7-21.
- **Estética de la desaparición**. Barcelona: Editorial Anagram, 1988.

ETHEL PINHEIRO SANTANA

Undergraduate degree with Magna cum laude in Architecture and Urbanism from the Faculty of Architecture and Urbanism of the Federal University of Rio de Janeiro - FAU / UFRJ. Associate professor at FAU / UFRJ, with a master's and PhD from the Post-graduation Program in Architecture (Proarq). Permanent professor and current coordinator of the Post-graduation Program in Architecture - PROARQ (2020-2021). Editor-in-chief of the scientific journal *Cadernos PROARQ* (ISSN 2675-0392), ad hoc reviewer of national development agencies and member of national and international scientific and editorial committees. Project Coordinator CAPES-PrInt (2019-2023) and Architecture, Subjectivity and Culture Lab Coordinator (LASC / Proarq).



UMA TRAVESSIA DAS AMBIÊNCIAS DENTRO... ACIMA, LONGE DE... ATRAVÉS DE...

Proponho uma travessia das ambiências, como parte dos estudos em arquitetura, por inúmeros motivos. Primeiro, eu mesmo fiz uma longa travessia no campo das ambiências, começando na década de 1970 até agora. Esse longo caminho começou sozinho, mas tornou-se, a partir de 1980, um percurso coral, um acordo harmônico com toda a equipe do CRESSON.²

Amparado nessa experiência, posso dizer que as ambiências nunca acabam. Na realidade, nós já estamos dentro de uma ambiência. O que acontece, na verdade, é que simplesmente mudamos de ambiência ou de atmosfera. E a pesquisa e o estudo das ambiências, também

1. O texto aqui apresentado é uma transcrição revisada e traduzida da palestra de abertura de Jean François Augoyard no evento “Ressensibilizando Cidades . ambiências urbanas e sentidos / Resensitizing Cities . urban ambiances and senses”, promovido pelo LASC/PROARQ/UFRJ e pela Rede Internacional de Ambiências entre 2 a 5 de outubro de 2019, no Rio de Janeiro, e gentilmente cedido pelo autor. Por motivo de coerência das expressões de tempo, e também idiomáticas, algumas adaptações foram necessárias ao longo do texto (N.T.).

2. CRESSON: UMR Ambiances, Architecture, Urbanités; CNRS/Direction de l’Architecture/ENSAG, Ministère de la culture.

nunca se esgotam. Sempre há um novo item, novas análises, novos parceiros. A rede <ambiances.net>, que criamos com Jean-Paul Thibaud, em 2008, cresceu exponencialmente e abrange hoje os cinco continentes. Assim, realmente acredito que nunca acabaremos com as ambiências. Todas as novas contribuições, as novas ideias, serão muito bem-vindas.

Há, no entanto, duas outras conclusões que eu tiro dessa travessia, duas constatações um pouco desencorajadoras. Primeiro, **a ambiência talvez não exista**. Sinto muito por todos que chegam e dizem: “vou enquadrar a ambiência, defini-la finalmente”. A segunda má notícia é: **a ambiência é indizível**. Nós não podemos dizê-la. Seria, portanto, paradoxal nos reunirmos hoje para discuti-la. Valeria mais a pena, talvez, pintarmos as ambiências, dançar as atmosferas todos juntos, colocá-las na música.

Mas então por que a ambiência não existe? Porque a ambiência *no singular* não existe. Não existe jamais uma ambiência; o que existem são ambiências que mudam o tempo todo e de maneiras diferentes, dependendo de mil fatores. Creio que vocês já suspeitam: a ambiência é uma noção perfeitamente abstrata. Em geral, nenhum conceito pode fechar qual é a essência de uma ambiência. Sempre há alguma coisa que falta, um novo elemento, uma pequena singularidade que acontecerá. O que existe no singular é *uma* ambiência determinada. Teríamos, mesmo assim, paradigmas gerais e abertos em outras línguas? Em alemão, a noção de *stimmung* reúne de maneira maravilhosa e intensa tudo que faz sentido na ambiência. Ela atravessa a dimensão física (concordância), a modalidade psicológica (tonalidade afetiva), a sintonia com os outros, a ressonância com o mundo. Os conceitos em francês (*ambiance*), em espanhol (*ambiencias*), em chinês (*shin*) têm um significado muito geral, mas trabalham em extensão e permanecem muito abertos – logo, incertos.

É, na verdade, essa abertura extraordinária que possibilita nossa Rede Internacional de Pesquisa com o LASC (Laboratório Arquitetura, Subjetividade e Cultura da UFRJ) em torno da palavra “ambiência”, que soa bem tanto no campo anglo-saxão quanto nas línguas latinas. É, como dizemos em francês, “um albergue espanhol”. Qualquer um pode contribuir com algo. Cada um pode trazer sua experiência, depois desenvolvê-la e trocar com os demais. Se tivéssemos um conceito muito fechado, como acontece com frequência dentro do saber, rapidamente alguns diriam: “Esse não é o meu território” ou “Não quero ninguém neste território, se você não pensa como eu”. Felizmente, a ambiência é uma noção perfeitamente ecumênica.

Então, por que a ambiência seria indizível? Sem dúvida, ainda podemos dizê-la, dado que falaremos sobre ela aqui, e depois em outros lugares, na vida cotidiana. Mas, inicialmente, estamos falando de coisas que existem aqui e agora. As ambiências são tangíveis, audíveis, visíveis, singulares e, portanto, vão além da linguagem. E, ao mesmo tempo, tentamos aproximá-las, “laçá-las”, como diziam os estóicos: “*É preciso laçar a oportunidade pelo cabelo*”. Além disso, em francês, a palavra indizível também significa “eu não sei o quê”, algo impalpável, volátil, exatamente atmosférico. Estou pensando no trabalho inspirador de Tellenbach (1968) sobre o sabor, os cheiros e o ar. Tellenbach é um dos primeiros grandes autores modernos a falar sobre a ambiência, porque ele fala do vento, dos cheiros, dos fluxos: tais como muitos intangíveis que debocham das competências linguísticas.

Dessa forma, com as palavras que pudermos, começamos por entrar na ambiência, antes de estarmos acima, e finalmente através. Vamos primeiro por dentro, a primeira etapa de nossa travessia.

DENTRO

Para esta primeira exploração, escolhi alguns conceitos que me parecem importantes. Aqueles que conhecem o CRESSON conhecem a noção de efeito que propus na década de 1970 e depois desenvolvi com este laboratório (AUGOYARD, 1995b; AUGOYARD; TORGUE, 2006). Os efeitos ambientais são noções intermediárias que tentam reunir e cruzar, tanto quanto possível, o concreto e o abstrato, o singular e o universal, o coletivo e o singular. Portanto, é um conceito precioso para aqueles que ao mesmo tempo pensam e fazem o espaço edificado. Alguns desses efeitos nos guiarão, em particular, à imersão, ao assíndeto e à metábole, que foram descobertos e extensamente estudados dentro do aspecto sonoro, do visual e inclusive do olfativo.³

3. Um grande livro sobre os odores e os efeitos olfativos será lançado a partir da tese de um dos meus ex-alunos de doutorado, Suzel Balez (2001), devo mencionar.

IMERSÕES

A *imersão* é, primeiramente, a situação mais inata da sensação. Estou *dentro* de uma atmosfera (usaremos este termo, agora), mas não estou consciente disso. Estou em um estado fusional, onde meu Id⁴ se dilui. Eu estou mergulhado dentro. Mergulhado, por exemplo, como mergulhamos no rock a 100 ou 105 dB com uma perda da personalidade. Então, o objeto e o sujeito cruzam-se, misturam-se, fundem-se. Quando você está em um show de rock, você não diz mais “eu sou o sujeito que está nessa música e eu também distingo os outros sujeitos”; há apenas um grande som e uma dança geral. Você está dentro de um grupo fusional rítmico. Existem muitas outras situações análogas nas quais a matéria sensível e a emoção são perfeitamente confundidas, cada vez que você está em uma atmosfera sem perceber com precisão: situações extraordinárias ou sublimes (devido a fenômenos naturais ou culturais), mas é também o caso da trama de atmosferas cotidianas.

Um segundo efeito vem neutralizar a percepção possível do fundo atmosférico. É o *assín-deto* que elimina e suprime. Esse é o exemplo de linguagem do telegrama. Nós removemos muitos elementos do discurso. Dizemos: “Eu-aqui-Rio-ponto”. Mantemos o mínimo inteligível. Da mesma forma, na percepção do presente, existem todos os tipos de cortes, de elisões e de supressões. Façamos um teste imediatamente. Eu pergunto a vocês:

- Qual era o ruído de fundo dominante deste lugar até agora?

Silêncio. Então uma mulher na plateia responde:

- Aqui? Ar-condicionado!

Não imagino que a cada segundo você dissesse: “Ah, espere! Temos um ar-condicionado muito interessante! Ele é um pouco oscilante aliás etc.”. Assim você não teria mais me ouvido! Essa é a experiência que nós podemos fazer de forma fácil com todo mundo.

4. Sistema básico da personalidade, que possui um conteúdo inconsciente, de acordo com a segunda teoria freudiana do aparelho psíquico (N.T.).

Pergunte a si mesmo: “Do que eu me lembro hoje? Quais atmosferas precisamente marcaram as horas precedentes?” Da luz na entrada de quando você subiu as escadas ou pegou o elevador? Você fez elisões, na maior parte do tempo, e o que excluiu te permitirá valorizar as coisas mais importantes. Por exemplo, em uma troca verbal, valoriza-se o conteúdo da voz, em vez da entonação ou a textura da voz. Por fim, há também um assíndeto radical, justamente o fato de eu não perceber as circunstâncias qualitativas de tempo e lugar, exceto aquelas que servem ao que tenho que fazer. Nada foi memorizado da ambiência de fundo porque a percepção era perfeitamente insignificante do ponto de vista consciente.

Outro efeito que me parece interessante é o *bourdon*⁵. O efeito de *bourdon* é justamente esse ar-condicionado do qual podemos estar conscientes agora. Temos um som contínuo que realmente não muda e que pode acontecer e do qual podemos esquecer muito rapidamente por sua monotonia. A vida cotidiana, especialmente urbana, é cheia de *bourdons*, ou teores. Dessa forma, a circulação pode ser violenta, na qual não se pode distinguir os sons uns dos outros. Nas minhas investigações, disseram-me: “há muito barulho, mas ainda consigo distinguir um caminhão, um carro, um garoto que grita, uma voz... estou em casa. Mas outras vezes é impossível: tudo se funde, tudo se confunde”. A situação então se torna potencialmente angustiante, “inabitável”, dizem as pessoas, porque a percepção não se ampara em mais nada. Outra experiência das variedades de *bourdon*: você está em uma rua muito barulhenta, em seguida você entra em um prédio, fecha a porta e, de repente, não resta mais nada. Você entrará em outro *bourdon* que será um “silêncio ensurdecador” que diríamos parecer com um oxímoro poético. Nós chamamos isso de ‘o efeito de corte’.

O ANTICATEGORIAL

No momento em que estamos na nossa travessia, qual tipo de relação nós temos com a ambiência? O que acontece quando nada se acontece na percepção?

5. Efeito Bourdon é uma deformação axial do tubo de medição da pressão mecânica por manômetros. O elemento de medição é muitas vezes referido como um tubo de Bourdon: o engenheiro francês Eugène Bourdon utilizou esse princípio funcional em meados do século XIX. O som, contínuo, permite aferir a pressão e delimitar as relações atmosféricas.

Primeira observação: quando nenhuma percepção visual ou auditiva distinta do ambiente não é autêntica, quando esquecemos o que é perceptível e somos submergidos pela ambiência, estamos em um estado pré-verbal: esse momento no qual não temos a consciência clara do que nos circunda nem as palavras que seriam necessárias para dizê-la precisamente.

Esse *status* infracategórico foi muito bem desenvolvido pela fenomenologia, e em especial pela Escola de Darmstadt. Um grande historiador da filosofia, Hermann Schmitz, escreveu páginas absolutamente apaixonantes sobre as raízes do pensamento ocidental. Antes do século IV a.C., o modelo cultural era o modelo da *Ilíada*. Ou seja, os humanos são completamente fustigados e orientados pelos deuses sobre como eles devem executar disputas e conflitos. Não possuem nem ao menos suas emoções. São os deuses que as enviam a eles e quem lhes jogam em todos os afetos possíveis. E, nesse caso, eles não têm nem mesmo a consciência de ser sujeitos – um pouco que seja –, donos de seus próprios destinos e das situações às quais estão submersos. Teríamos assim um modelo histórico do pensamento da era pré-socrática, entre os séculos IV e V a.C. Esse momento propriamente atmosférico seria então uma etapa da história do pensamento ocidental.

Contudo, a segunda observação, característica do momento atmosférico, é de se estar imediatamente abaixo da distinção entre objeto e sujeito. O objeto sentido e o sujeito que o sente fundidos em único sentir. Sobre esse assunto, é necessário citar Erwin Strauss (1935), um fisiologista da primeira metade do século XX, convertido à fenomenologia convencido que a experiência laboratorial sobre o comportamento humano, *in vitro*, omite o essencial das situações vividas. O que ele diz? Que nosso estado emocional e nosso modo de ser na situação presente estão enraizados em uma articulação indissolúvel entre o sentir e o se-mover, tese que a recente neurofisiologia contemporânea validou completamente.

Esse *stimmung* (que pode ser traduzido aproximadamente por “tonalidade afetiva”) conhece dois modos principais: o do pático – estou imerso na situação e sem volta – ou o do cognitivo, quando percebo claramente as coisas e distingo as qualidades. Outra distinção: os momentos páticos são divididos segundo duas tonalidades principais. A primeira vai em direção à euforia. É uma fusão consentida com o prazer. Eu “deixo acontecer”, como diria Malebranche, fazendo eco aos estoicos ou ainda a Lao Tzu. A segunda tonalidade é inclinada à disforia, com o sentimento de ser jogado, impotente diante do que está aconte-

cendo. E as emoções negativas me dominam: situação típica amplificada no drama antigo em uma longa fila inaugurada pela *Ilíada* e por *Ésquilo*.

METÁBOLES

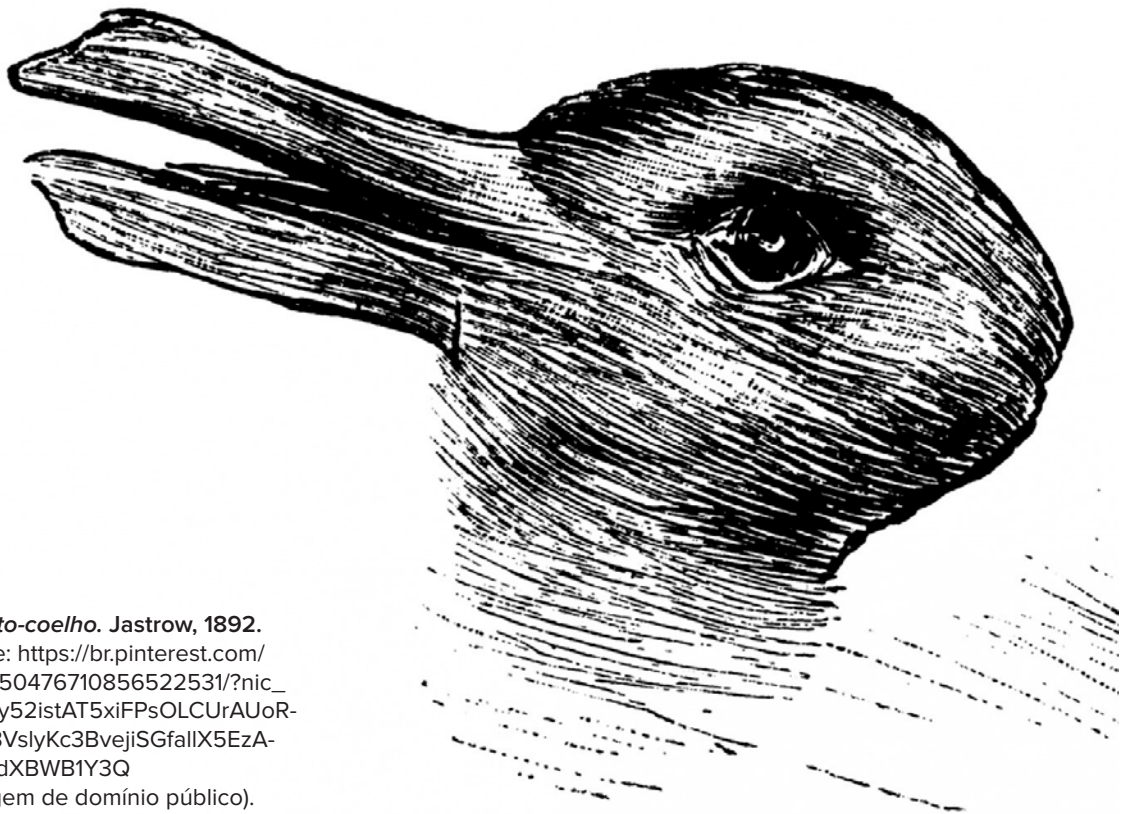
Gostaria de passar para uma forma um pouco menos radical de envolvimento, que é o esquema da metábole. O que é isso? Todos conhecemos essa ambiência que podemos evocar como “isso lateja, isso sussurra, isso cintila”, lista que podemos continuar de acordo com os vários registros sensoriais. Um exemplo perfeito é o brilho do mar refletindo o sol; o barulho de uma feira-livre animada, mas na qual podemos distinguir os sons. Nessas situações, os componentes de um lugar, de um momento, mantêm um relacionamento instável entre eles.

Se nos referirmos à teoria da *Gestalt*, as figuras emergem do fundo, mas voltam rapidamente para dar lugar a outras aparições que logo desaparecerão, e assim reiteradamente. Dessa vez, porém, e diferentemente da imersão, podemos perceber os elementos que emergem, mas, de acordo com a ordem do tempo, muito fugazes, eles permanecem indescritíveis. Voltamos então a um contexto que pode ser percebido globalmente e de acordo com os vários registros sensoriais. Na visão, vamos alternar entre acomodação no infinito e foco. Na audição, existe uma escuta discreta, flutuando com a emergência repentina, mas logo em seguida com o desaparecimento do som. No campo dos odores – que me faz pensar justamente no precioso livro de Suzel Balez, que será publicado em breve, e deriva de sua tese (BALEZ, 2001), existe o “efeito *patchwork*” que se manifesta quando diferentes cheiros coexistem em desordem e logo emergem cada um à sua vez para em seguida desaparecer em uma mistura metabólica, instável.

INCERTEZA MANTIDA

Não se sai facilmente dessa hesitação entre o distinto e o indistinto, global e preciso; trata-se, portanto, sempre de um esquema de “estar em”, mas de uma forma particular e

limítrofe. Em termos de percepção, a atenção é suspensa, quase desafiada pela dificuldade de identificar os diferentes elementos separadamente. O processo de objetivação permanece parcial. Há uma espécie de vertigem de percepção ilustrada pelo famoso desenho da “ilusão do pato-coelho”, de Jastrow, amplamente comentado por Ernst Gombrich (1987), cujo trabalho original data de 1960, e Ludwig Wittgenstein (1922). É um pato, é um coelho? Nenhuma percepção duradoura é possível, nem para um nem para o outro, menos ainda para uma visão sintética satisfatória e completa de todo o desenho.



1. *pato-coelho*. Jastrow, 1892.

Fonte: https://br.pinterest.com/pin/850476710856522531/?nic_v1=1ay52istAT5xiFPsOLCUrAUoR-Nx8BVslYKc3BvejiSGfallX5EzA-z32lidXBWB1Y3Q

(imagem de domínio público).

Segundo Gombrich (1987), é impossível separar a forma da sua interpretação. Sem dúvida, trata-se aqui de um desenho-pegadinha presente em um jornal humorístico alemão em 1915. Mas uma experiência mais comum pode ser feita na pintura figurativa, como Gombrich observa ainda nos mesmos parágrafos. É impossível ver ao mesmo tempo a tela inteira e os detalhes das pinceladas. É necessário recuar para ver o todo. É a mágica da relação entre arte (a construção) e a ilusão (a representação figurativa).

Além disso, toda uma corrente de arte de meados do século passado brincou com essa incerteza da percepção. Ela vai de Delaunay a Vasarely, passando por Escher. Mas nós também encontramos esse tipo de percepção fragmentada na obra de Jerome Bosch, onde é difícil definir onde se encontra realmente o ponto cosmogênico, como diria Kandinsky. Não sabemos exatamente como e a partir de onde o mundo se organiza porque estamos juntos em seu interior. “Articulando em uma linguagem, continuamos provando que não estamos mais lá”, comenta Michel de Certeau (1976). Andamos de um lugar para outro sem domínio estável, como ainda nas gravuras japonesas dos séculos XI e XII, livres de toda a continuidade entre os padrões: aqui uma árvore, ali uma casa de chá. Não há na verdade nenhuma perspectiva, e não sabemos exatamente no que focalizar. Melhor assim, isso significa que, com nossas pernas, virtualmente, vamos andar nesta cena ou nesta paisagem povoada de figuras autônomas e livremente articuláveis.

Evidentemente, esses metabóles fervilham em nossas vidas diárias, especialmente em nossa experiência auditiva. Em um primeiro momento, poderíamos ter uma opinião negativa dessas metabóles sonoras, porque a distinção, a inteligibilidade dos significados, a clareza da composição, para falar em termos musicais, não são muito funcionais. Mas não são necessariamente negativas.

Vamos escutar o som das nossas feiras-livres⁶. Penetram mutuamente o barulho das bancas, dos engradados, dos cortadores, das balanças, com os rumores das trocas comerciais, com os burburinhos das conversas que o ar carrega, tudo isso no contexto de ‘acidentes atmosféricos’ e passagens mais ou menos distantes de veículos. Segundo a opinião dos

6. Jean François indicou ouvir, durante a palestra, o som “Entrada do edifício sobre as grandes avenidas de Grenoble” (14 - Les halls et leurs effets. 2’27”. CRESSOUND). Disponível em: <https://aau.archi.fr/cresson/cres-s-o-u-n-d/sonorite-sociabilite-urbanite-audio/>

citadinos, é sem dúvida o espaço público comum mais caloroso e mais pático da cidade. Existe um contato livre e o sentimento de estar de fato dentro! Outro exemplo multissensorial são as estações ferroviárias na hora do *rush*. Elas nos dão essa impressão visual, tátil e sonora de estarmos submersos ao mesmo tempo que somos capazes de captar alguns itens sensíveis distintos sem termos que nos perguntar o tempo todo como saímos disso. Momentos de abandono no fluxo diário são possíveis.⁷

E se, em tais situações, a questão é, em última instância, encontrar a função do caminho utilitário de saber como sair dela, é também a pergunta que podemos nos fazer quando estamos em nossa travessia. Como se extirpar da sedutora atmosfera fusional? Em outras palavras, como passamos do atmosférico para o ambiental?

Uma sequência emblemática do filme de Andrei Tarkovski, *Nostalgia* (00.46'37" - 00.48'16"), nos ajudará a seguir em frente (AUGOYARD, 2011): um homem: solitário/diante de uma paisagem/cortado por uma moldura/da qual ele não faz parte. Com esses quatro personagens, temos tudo o que é necessário para compreender uma situação com vários nomes: suspensão, promontório, ponto de vista, mirante, mergulho (no cinema), visão em perspectiva (na pintura) – e a paisagem toscana que é vista na sequência de Tarkovski é uma forte indicação da origem desse dispositivo. Em todo caso, nós emergimos de tudo o que seria fusional, propriamente atmosférico. A distância se agrava, um efeito de afastamento.

ACIMA, LONGE DE...

Nesse momento, nós emergimos. Saímos da pregnância atmosférica. O que não significa que a atmosfera desaparece; mas o sentir imediato cede um lugar ou uma janela para percebê-la. Podemos então deixar a noção de atmosfera para falarmos mais de ambiência. Eu falei anteriormente sobre Hermann Schmitz, esse grande filósofo alemão, que também diz que após a *Ilíada* chega a *Odisseia*. É uma bela figura emblemática do que acontece

7. François tornou a indicar outro tipo de som, “Todo mundo está indo”. (21 - Tout le monde s'en va. 1'48". CRESSOUND). Disponível em: <https://aau.archi.fr/cresson/cres-s-o-u-n-d/la-portee-ferroviaire-audio/>

na Antiguidade e que marcará todo o continente ocidental. É igualmente uma ajuda para pensarmos sobre a transição delicada da atmosfera para a ambiência.

Na *Odisseia* aparece, então, o famoso e astuto Ulisses, que lutará contra todo o mundo, contra quem está acima e quem está abaixo. No final, ele sobreviverá, pois é o último a deixar essa terrível aventura. Terá lutado contra os deuses, mas também contra os humanos e seus familiares, em uma longa série de episódios que mostram que ele é capaz de controlar todas as suas emoções e confiar apenas em si mesmo. Entre uma centena de exemplos, lembremo-nos simplesmente da passagem em que ele pediu aos remadores que tapassem os ouvidos para que pudessem atravessar um trecho perigoso e que também o amarrassem ao mastro, de modo que ele ouvisse o canto traiçoeiro e sedutor das sereias sem ceder à miragem mortal delas. Privação sensorial de um lado; restrição da capacidade de agir do outro. É o teste do divórcio entre sensação-emoção imediata e autonomia da vontade. A *Odisseia* é o momento de uma metamorfose crucial na formação do pensamento ocidental, com a primeira ascensão de um sujeito dotado de quatro capacidades: se extrair do mundo dos objetos, elaborar conceitos, ter emoções próprias, estar consciente de si mesmo. A era do pensamento grego clássico pode começar com Sócrates na base dessa oposição, ponto por ponto, às características da representação de um mundo dito arcaico. Ulisses é a ressurreição do sujeito que lutará para ganhar gradualmente sua autonomia até a era clássica.

ACIMA DAS NUVENS

Gostaria de refletir com vocês sobre uma célebre representação pictórica desse desenvolvimento do sujeito que atingiu seu auge na articulação dos séculos XVII e XVIII. É a pintura de Caspar David Friedrich, que vocês obviamente conhecem. O *Viajante sobre o mar de névoas* está situado no alto de um promontório, muito emblemático da era romântica em que o EU quer se afirmar e se elevar acima do mundo. Mas, para além da euforia inicial, a retirada para dentro de si e a afirmação da subjetividade têm um preço. É o preço de ser exilado do mundo. E essa pintura descreve perfeitamente esse esquema de estar distante, oposto, longe, sem que o objeto seja, contudo, negado. Pelo contrário, há uma oscilação, uma relação dialética (esse é o tempo de Hegel) entre fascínio e distanciamento.



2. Viajante sobre o mar de névoas (Caspar David Friedrich, 1818).
Fonte: <https://www.wikiart.org/pt/caspar-david-friedrich/caminhante-sobre-o-mar-de-nevoa-1818> (imagem de domínio público).

Toda a história da paisagem ocidental é atravessada por essa tensa implicação entre sujeito e objeto. Aqui vemos o resultado de uma construção de certa representação do espaço cujos princípios foram estabilizados a partir do Renascimento e dos dois séculos seguintes. Lembro-me das quatro particularidades principais da paisagem ocidental que afetam diretamente a representação das ambiências. Primeiro, há o distanciamento; existe esse “colocar a distância” de um país outrora estabelecido, cultivado e agora visto como o que chamaremos de *paesaggio*, cortado e enquadrado por um dispositivo visual seletivo, a *veduta*. Logo, o *voyeur*, isto é, o sujeito está fora de foco. E é justamente porque está fora de foco que ele pode objetivar, cortar e enquadrar. Segundo, a construção geométrica do dispositivo visual aparece com a invenção da chamada perspectiva à italiana (Alberti, Dürer). Em terceiro lugar, a paisagem será afetada pela caracterização do espaço do tipo cartesiano – posteriormente aperfeiçoado por Newton – com seus parâmetros próprios (continuidade, homogeneidade, isotropia etc.) que permitem tratar um dado espacial por uma série de operações racionais (permutação, substituição, subsunção...) e, portanto, recompondo-a: o que será então o objeto dos tratados sobre a paisagem e sobre a arte dos jardins. E, finalmente, aparece a “*artiation*” (ROGER, 1978), porque a paisagem ocidental é pensada e concebida a partir de um diálogo especializado entre “Arte e Paisagem” que vislumbra a natureza como uma obra e o trabalho como uma invenção (no sentido primário: encontrar, reencontrar).

Voltemos ao nosso viajante sobre o seu promontório. O efeito de corte por contraluz é impressionante. Essa relação altamente contrastada entre figura e fundo acentua a lacuna ontológica entre o sujeito e a parte da natureza representada, como se houvesse uma pintura dentro da pintura. O artifício aqui é representar o viajante de costas. Suficientemente distante do motivo de sua contemplação, uma figura exilada da paisagem, ele convida o espectador da pintura a adotar seu próprio ponto de vista. “*Coloque-se atrás de mim e veja a natureza como eu vejo*”.

A era clássica e o primeiro romantismo vão assim exacerbar o paradoxo do *paesaggio* do Renascimento. A partir do século XVII, a arte da paisagem pictórica se torna autônoma como gênero e, ao mesmo tempo, o homem como motivo começa a realmente sair das pinturas. Caspar Friedrich consagra essa despedida do sujeito à paisagem da qual ele se tornará o mestre exilado. A solidão meditativa é óbvia. Podemos quase ouvir o silêncio da fenda entre o observador e o panorama. Três outras pinturas de Caspar Friedrich, *Nas-*

cer da lua sobre o mar, Paisagem ao crepúsculo com dois homens e A mulher ao pôr do sol, mostram uma estrutura semelhante. Os personagens não estão de frente para nós. Eles estão virados, como o viajante, como o herói de Tarkovski, que inaugurou nossa sequência de suspensão e cujo rosto só podemos entrever no final e na penumbra. Envoltos e reclusos em sua subjetividade, eles começam a se ausentar do que contemplam. Como não pensar então nas célebres páginas de Michel Foucault (1968) sobre o sujeito desaparecido sem deixar traços. Para nós exala, enfim, dessas pinturas, uma tonalidade afetiva latente tingida de crepúsculo, uma ausência e um impulso de morte. Em todo caso, um “nunca mais”.

PONTO DE ESCUTA VERSUS PONTO DE VISTA

Uma pequena observação para aqueles que trabalham próximos às ambiências: tudo isso é uma questão de *ponto de vista*. Será suficiente então que eu sugira a vocês que escolham preferencialmente um *ponto de escuta*. O que ocorreria com essa paisagem do Viajante? Passei muito tempo com os estudantes de arquitetura para inquietá-los com essa pergunta anteriormente feita por Leonardo da Vinci, em seus diários (DA VINCI, 1942). Ele escreve que ficou se perguntando a vida inteira qual diferença havia entre um forte barulho distante e um fraco ruído próximo. Nesse enigma, nós nos damos conta que, de repente, não é tão simples quanto o *ponto de vista*. O que podemos dizer sobre nossos olfatos e sobre uma paisagem aeráulica? Um estudante fez um DEA (*Doctorat en Architecture*) junto à nossa formação doutoral sobre a “paisagem aeráulica”, a paisagem dos sons e dos fluxos. O trabalho é composto de antes e depois. O que é uma dimensão sonora e uma dimensão olfativa? Qual é então a natureza dos limites? São tantas as perguntas que temos realmente interesse em fazer quando trabalhamos com as ambiências e que questionam seriamente esse plano dominante da distância visão-tátil.

PRIMEIRO MODO DO ESTAR DISTANTE: CAIR NO ABANDONO

Uma entrada muito forte na representação visual do espaço não existe sem consequências. O primeiro preço a se pagar por essa distância e por esse exílio é o preço do abandono.

Aqui temos um belo poema, Salvatore Quasimodo (1930), que exprime perfeitamente esse sentimento tranquilamente patético de estar exilado do mundo:

*Ognuno sta solo sul cuor della terra
Trafitto da un raggio di sole:
Ed è subito sera.*⁸

Tudo é dito tão brevemente. A noite cai como o golpe do destino. Tanto os brasileiros como os portugueses estão familiarizados com a *saudade*, que se baseia na pungente incerteza do destino longe do local de origem. Da mesma forma, a tradição suíça de *saudades de casa*. Vertigem do trágico. Penso também em Blaise Pascal, quando ele se pergunta o que é o homem e responde: “É um eu jogado ao acaso em frente ao infinito”.

Sugiro outra sequência de *Nostalgia*, de Andreï Tarkovski. A noite cai num quarto de hotel. Além da chuva e da cintilação de uma luz incerta. Nada está acontecendo. Logo não haverá mais horizonte, porque as aberturas ornadas de um azul lunar não oferecem nenhuma promessa e tudo escurece. Um cão entra e se mistura no escuro. O homem cai na cama. O que era distinto desaparece lentamente. O atmosférico assume o controle. Estamos de fato dentro desse sentimento de abandono nostálgico e da perda de si que foi amplamente analisado por toda a cadeia existencialista que vai de Kierkegaard a Heidegger, *Sein und Zeit* (1927). É a questão do ser no tempo, quando tudo está terminado, tudo está fadado à finitude. E colocamos entre parênteses o biológico, o fisiológico e o impulso da vida. Resta a consciência infeliz descrita por Hegel. É um beco sem saída, é o caminho da abandono.

SEGUNDO MODO DE ESTAR DISTANTE: CONQUISTAR O MUNDO PELO CONHECIMENTO

Mas o distanciamento tem outra propriedade. Ele me permite poder dominar o mundo. Afastando-me do sensível pregnante, posso distinguir, abstrair, categorizar, como vimos

8. Todo mundo está sozinho no coração da terra / Perfurado por um raio de sol: / E é imediatamente tarde (Trad. Livre).

na revolução renascente da paisagem. Atualmente, os exemplos mais correntes no urbanismo, na arquitetura, na geografia e no cinema são as vistas aéreas. Quer se trate da maquete, da vista em perspectiva, da foto do conjunto, do “mergulho”, do Google Maps etc., tudo isso é resultado de uma elisão, de uma saída do atmosférico e da experiência sensível.

Vou dar um exemplo dessa fabricação de mundo, da (re)construção da realidade ambiental. Vejamos um trecho do filme *De olhos bem fechados*, de Stanley Kubrick.⁹ É a cena em que o herói deambula pelas ruas de Nova York à noite, seguido por outro homem de longe.

Temos a impressão de estar em Nova York, mas é uma recomposição, uma reconstrução meticulosa de uma ambiência que tem um aparente calor através das cores e de todos os marcadores característicos dessa cidade. Na verdade, tudo se passa em um estúdio de Pinewood. Tudo é absolutamente recomposto. Mas, para a visão, se insinua gradualmente a estranheza perturbadora do espaço e a própria existência desse homem nessa situação. E a escolha de Kubrick é justamente ter um cenário que seja extremamente preciso. Muito mesmo. Porque uma série de detalhes imperceptíveis, particularmente climáticos, tecem uma atmosfera hiper-realista. Mas, como Platão dizia sobre o cenário do teatro, são necessárias falsificações suficientes e de aproximações para dar a sensação de verossimilhança.

Esse tipo de inquietação que aparece pouco a pouco nos levará ao estado psicológico do herói que é vítima do ciúme, possuído por um ressentimento que o obceca. Ele não vê mais a realidade ao seu redor.

Na experiência urbana cotidiana, frequentemente fazemos esse movimento de afastamento da atmosfera. Algumas vezes, fazemos para *dominar a situação, relativizar, recolocar as coisas em perspectiva*, como dizemos em situações muito restritivas ou estressantes. E esse poder, quando há algum resultado, pode dar uma sensação de euforia passageira. Toda a aventura ocidental da categorização do modelo aristotélico parte dessa atitude antropológica de poder extrair-se do fluxo ambiental. Nosso tipo de conhecimento por conceitos definidos supõe isso. Muito frequentemente, nós saímos da globalidade prática e vamos usar os elementos cenográficos para uma função indexada, para orientações situacionais, e encontrar apoios contextuais para a ação. Esse processo de construção da

9. Jean François Augoyard sugeriu o trecho exato do filme: *Eyes Wide Shut*, de Stanley Kubrick., cena 31: 01.56'37" - 01.59'37".

realidade funcional pressupõe a distinção de registros sensoriais e a seleção correta para uma melhor eficiência. Mas também o domínio das emoções para racionalizar a situação diante do mundo e dos outros.

Nossa peripécia termina aqui? O saber é o fim da travessia das ambiências? Terminar com esse dualismo que sanciona a ruptura entre sujeito e objeto? Como se houvesse apenas duas atitudes possíveis em relação às ambiências: estar englobado e eventualmente contemplar, ou analisar e conhecer. Em outras palavras, do ponto de vista da pesquisa, as ambiências devem ser entendidas apenas pelo lado de dentro, como uma atmosfera vivida, ou do lado de fora, como um conjunto de fenômenos físicos, sociais e culturais que são claramente descritíveis e relativamente objetificáveis? Falta uma via dinâmica e proativa. Algo como o pragmatismo (no sentido de uma teoria da ação) das ambiências.

Após as conferências anteriores¹⁰, nossa rede começou a dar cada vez mais espaço a uma terceira via. Vejam, de 2008 a 2018, o aprofundamento progressivo das questões que comandavam cada Congresso:

- O que é que faz uma ambiência? Quem cria uma ambiência e como? O que é uma ação ambiental?¹¹

Assim, além de dentro e fora, pode ser necessário reconsiderar as virtudes de uma travessia prolongada pela diagonal, em algum lugar entre o subjetivo e o objetivo, entendendo-os de maneira diferente.

10. Jean François Augouyard se refere à participação nas edições anteriores dos Congressos Internacionais da “Rede Internacional de Ambiências”: 2008 (Grenoble, “Creating an Atmosphere”), 2012 (Montreal, “Ambiances in Action), 2016 (Volos, “Ambiances Tomorrow).

11. cf. 2008–Congress (Grenoble) “Creating an atmosphere”, cf. 2012–Congress (Montreal) “Ambiances in action”, cf. 2016 (Volos) “Ambiances Tomorrow”, todos estão disponíveis em: Events of the Network: <https://ambiances.net/>

ATRAVÉS

Nessa nova maneira de apreender uma ambiência, mergulhamos sem dúvida novamente no atmosférico, ou melhor, no sentir as qualidades da atmosfera – agora, contudo, para fazer alguma coisa, para reagir e agir. Instintivas, intuitivas ou especializadas, as habilidades trabalham a partir dos componentes ambientais. É uma reorganização do ambiente sensível para um presente orientado: o que *há para fazer*. Proponho quatro figuras principais desse *híbrido* cotidiano, quatro esquemas sensório-motores: o desbravamento (para traçar seu próprio caminho no meio complexo e resistente), encontrar o segmento correto, tirar proveito das ofertas arquitetônicas, reimaginar o dado sensível.

DESBRAVAR: TRAÇAR SEU PRÓPRIO CAMINHO

Peguemos o exemplo do meu primeiro trabalho sobre os deslocamentos apoiados em narrativas de percursos cotidianos (AUGOYARD, 1979). As pessoas me contavam seu *modo de andar*. Eu as encontrava várias vezes e escutava sobre todas as variedades de trajetos em um primeiro momento. Eu desenhei os trajetos, primeiramente, em um plano de fundo e depois os interpretei qualitativamente – o que muda tudo.

Entendam o plano de fundo do bairro de Arlequim: a calçada para pedestres tem 1 km de extensão, com prédios que atingem dezesseis níveis e equipamentos integrados enxertados ao longo das calçadas. Há um parque de 15 hectares com um lago, que é um exemplo de urbanismo em 1970 (ver Figura 3).

Nessa prancha desenvolvida, detalhei dois caminhantes durante um período de quinze dias da vida cotidiana deles. O primeiro (percursos em amarelo) trabalha no serviço público e faz um pequeno trajeto para pegar seu carro no edifício-garagem que vemos à esquerda, e depois segue para onde trabalha. Ele faz um caminho minúsculo (menos de 100 m). Logo, essa pessoa é alguém que parece morar no bairro, pelo menos. No entanto, o segundo caminhante (o que está em azul) é um jovem professor. Ele frequenta uma grande parte do bairro e, quando os paisagistas e urbanistas observam isso, eles ficam encantados. “Ah, nós fizemos um bairro que é bem ocupado e cheio de pessoas que vão a todos os

lugares. Isso é formidável!” Mas o esquema demonstra apenas um traçado do deslocamento, porque, na realidade, o verdadeiro desbravamento é completamente diferente.



3. Prancha de Caminhadas no Bairro Arlequim.
Fonte: Autor, 1979.

O caminhante do trecho azul está sonolento: é seu cachorro que o leva para passeios matinais e noturnos. Ele está cansado, ele pensa em seus alunos, em suas aulas. Consegue cumprir grandes distâncias à pé, no entanto, em termos de qualidade e de experiência não é grande coisa. Além disso, ele costuma dizer: “Não me lembro bem. Talvez eu tenha ido lá... Ah, não, eu tive que passar em outro lugar”. O primeiro caminhante, por outro lado, mesmo que faça uma jornada muito curta, tem uma leitura extremamente aprofundada de todas os indicadores possíveis: uma pequena poça de urina, a carcaça de uma caixa registradora largada na via, garrafas de cerveja e uma bolsa abandonada. Ele imagina o que aconteceu na sua ausência, e também durante à noite. Ele tem sempre narrativas muito ricas dos trajetos percorridos. Dessa forma, reinventa constantemente o espaço que atravessa, e isso é para ele condensar no seu imaginário a vida no bairro.

Além desses dois exemplos extremos, para todos os habitantes, os mesmos percursos descritos podem ser muito diferentes de acordo com os dias da semana. É como ocorre na língua, existem sentidos próprios e figurados e, portanto, uma espécie de retórica de pedestres, uma maneira de fazer o deslocamento. A gente não “preenche” o plano. Não há lógica de conteúdo/de acomodação no espaço vivido. Na vida cotidiana, nós praticamente sujeitamos o espaço construído a uma fragmentação permanente e ao desejo do sentir e da ação.

Na verdade, essa fragmentação, e às vezes grandes “exclusões” ou esquecimentos, abrem espaço para que coisas importantes aconteçam no futuro. Sob todas as práticas de pedestres observadas e além de um catálogo abundante e variado de configurações espaço-motoras, duas figuras fundamentais e perfeitamente complementares garantem a lógica, ou melhor, a retórica dos deslocamentos. Uma cria o vazio é a figura preciosa do assíndeto: esquecimentos, insignificâncias, sem as quais tudo ficaria cheio demais. A outra permite valorizar o que é importante e caracterizar o perfil original, pessoal, de cada passante: é a figura da sinédoque, onde o parcial, o singular e o acidental ocupam todo o espaço necessário.

A mesma pessoa pode fazer o mesmo percurso todos os dias, mas aos domingos, por exemplo, quando leva seus amigos para visitar o bairro, o mesmo percurso tem uma densidade emocional e qualitativa completamente diferente. Essas são experiências que todos nós já tivemos. Essas ações configuradoras, evidentemente, usam os elementos da

ambiência que serão valorizados, reelaborados para certa *direção do sentido*, no sentido prático (direção) e no que faz sentido para o passante nesse momento.

ENCONTRAR O SEGMENTO CORRETO

Esse é o segundo esquema, também muito cotidiano. Coloca em jogo a astúcia, a artimanha, o híbrido grego, para poder se virar, apesar dos obstáculos. Lembro-me de uma cena sonora gravada em um grande conjunto em que uma mãe do oitavo andar tinha possibilidade de vigiar seus filhos brincando no andar de baixo, apenas pelo som. Quando as crianças queriam chamar sua mãe, percebiam que pela voz falada, mesmo intensa, era impossível – por causa do barulho de trânsito. Então, intuitivamente, elas usavam a a melodia, a musicalização da voz: “MamAaAnhêeeeE!”, ou o que se permite emergir da rua. Existe uma pequena permeabilidade acústica à modulação de agudos que vai ser usada para que possamos nos fazer ouvir, e essa chamada se torna um jogo que outras crianças entendem da mesma maneira.¹²

Outro exemplo foi registrado em Bogotá, na Colômbia, pelos pesquisadores do CRESSON. Em uma rua muito barulhenta, pode-se escutar, ainda assim, o único som que poderia surgir: pequenos sons agudos. É um mendigo que faz tilintar ritmicamente pequenos pedaços em um recipiente de metal. Dessa vez, no segmento de frequência, soma-se um segmento de frequência e de ritmo. É perfeito! Isso é exatamente o que se precisava fazer para atrair a atenção nesse meio carregado de médios e graves. Muitas são essas situações em que uma habilidade intuitiva consegue destacar sua presença. Elas dizem respeito a todas as idades da vida, muitas profissões no espaço público e nos canteiros de obras, sem esquecer as frequentes situações domésticas em que não faltam competições de som. Vamos ser astutos, vamos encontrar uma maneira de nos virar, fazendo com que isso funcione. Em suma, estamos por vezes dentro, mas também muito distantes para escolher o procedimento correto que permita que a comunicação ou a interação funcione.

12. Augoyard sugeriu ouvir o som “Trocás orais 1. A proxemia acústica no ambiente”. (Echanges oraux 1. La proxémie acoustique dans l’habitat. 22’09”. CRESSOUND). Disponível em: http://doc.cresson.grenoble.archi.fr/index.php?lvl=notice_display&id=4798

Mencionei o trabalho que realizamos nesse sentido, no CRESSON, em particular sobre os efeitos sonoros (AUGOYARD; TORGUE, 1995, 2004, 2006), efeitos visuais e efeitos olfativos, que são ferramentas que nós utilizamos muito. Sobre os efeitos visuais (CHELKOFF; THIBAUD, 1992), há o enquadramento seletivo pelo qual extraímos algo da paisagem, do conjunto, da atmosfera do biótopo, do meio em que estamos. Também podemos ter efeitos de exposição possibilitados pelos contrastes luminosos. Muitas vezes, não refletimos antes de realizar essa adaptação às propriedades físicas e espaciais do meio, cujos defeitos são então devolvidos em uma qualidade favorável à minha ação.

APROPRIANDO-SE DAS OFERTAS ARQUITETÔNICAS

Não podemos esquecer as possibilidades dadas pelas ofertas arquitetônicas e urbanas, no sentido das *affordances* de Gibson (1979). É apaixonante observar como as pessoas usam toda uma série de pequenas coisas na vida cotidiana: os meios-fios das calçadas, as colunas e postes, os parapeitos, os desníveis dos revestimentos, os recantos, ranhuras e degraus. Eu fiz isso por quatro anos com uma equipe *multi-site* do CRESSON para diversificar os tipos de tecidos urbanos e as culturas locais (AUGOYARD et al., 2003). Os comportamentos e condutas são extremamente variados: vamos do mimetismo ao humor ou à ironia, passando pelo jogo, pela agressividade e, claro, à utilidade inesperada do objeto ou do dispositivo espacial. Todos esses elementos, todas essas ofertas, estão sujeitos a “reempregos”, a desvios, a reutilizações e a transfigurações. Para qual finalidade, na maioria das vezes? Sair da rotina urbana!

Uma sequência tirada do filme *Os amantes de Pont-Neuf*, de Leos Carax, ilustra perfeitamente o emprego lúdico de ofertas arquitetônicas, intencionais ou não, disseminadas por toda a cidade. Aqui, todos os acessórios da ponte – corrimãos, guarda-corpos, parapeitos, ranhuras e degraus, luzes da rua – entram em um balé interativo e jubiloso, misturado com personagens ou elementos, que não sabemos quem leva à dança e quem exulta. Abordamos, assim, uma quarta maneira de penetrar as ambiências, brincando com suas proposições.

RESSENTIR A CIDADE

A quarta maneira de atravessar as ambiências envolve o que podemos chamar de uma ressensibilização, um reavivamento sensorial, uma mudança de tonalidade nas percepções e nas representações usuais e despercebidas.

Principal ator dessa remodelagem do ‘sentir’ no espaço urbano, as ações artísticas públicas conheceram um crescimento notável e foram incentivadas a partir da década de 1980, tendo por efeito principal estimular a imaginação adormecida.

A arte “fora dos muros” veio para modificar o hábito dos espectadores que, sacrificando os rituais do teatro, do concerto, do cinema, esqueciam as riquezas do palco ordinário do espaço público, onde o único design publicitário triunfava sobre todas as suas cores ao lado da triste estátua na praça.

Como descobrimos durante nossa pesquisa de dez anos sobre esse novo fenômeno, surgiu então uma nova figura resultante de uma mistura entre a emoção provocada por um gesto artístico profissional e a ação banal de passear no espaço público. É a figura do “espectador”, espectador não cativo, livre para reagir da sua maneira e, às vezes, parceiro da ação artística (AUGOYARD *et al.*, 1999; 2000).

Ao transformar a cidade ao desejo da dramaturgia, da narração ou da sonorização, as situações festivas da rua abrem brechas na compactação das representações urbanas habituais. O transeunte surpreendido poderá reter algo da ordem do “isso é possível”.

Por que uma praça não se tornaria um dormitório de táxis que ‘roncam’, por que as fachadas não seriam abrigos de uma casa de ópera, uma estátua venerável – o pivô de um carrossel carnavalesco, ou mesmo o prédio preto de um grande anfiteatro universitário, uma misteriosa nave espacial a contornar com muito cuidado? Por que um monte de galhos em forma de buraco não deveria ser a pupila profunda de um peixe gigante?

Assim, a imaginação criadora dos artistas urbanos, atores, músicos, artistas plásticos e grafiteiros geralmente produz uma orientação perceptiva, baseando-se em elementos do espaço urbano para transfigurar a atmosfera dos lugares. Depois que o evento artístico termina, muitas vezes restam traços de memória, não apenas da ordem do “eu nunca

tinha visto isso”, mas também de um “não posso mais passar por lá sem rever ou reouvir o que aconteceu”. Daí, por vezes, as condutas impertinentes que persistem na prática da escalada, da travessia, dos atalhos improváveis, da transgressão de códigos sensoriais recebidos ou emitidos, esquecendo as fronteiras entre o público, o semiprivado e o privado (institucional).

Porém, no nível mais profundo do ordinário, também gostaria de lembrar que as experiências atmosféricas estão em perpétua modificação. Esquecemos demais de observar em detalhes as geografias sensíveis produzidas intuitivamente pelos habitantes.

Novamente, o imaginário ressingetiza sem cessar o sensível e reconfigura sem parar a percepção das paisagens mais familiares, cuja aparente estabilidade é enganosa. É que o hábito perceptivo se apoia muito nas aparências visíveis. Contudo, cada sentido tem sua própria lógica. Por exemplo, um limite sonoro não é de forma alguma um limite visual, como não é, da mesma forma, para um gradiente olfativo, uma decomposição tátil, ou um limiar da sensação aeráulica (temperatura, pressão do vento). As sensorialidades que se articulam fundamentalmente baseadas na temporalidade desenham os territórios em modificações perpétuas, geralmente ínfimas, mas muito reais. Sob os hábitos perceptivos pessoais, sociais ou culturais, sob a própria percepção, o sentir e o se mover seguem seu curso, tecendo os territórios, articulando as qualidades do espaço e das relações com os outros. É a carne do impulso vital.

Tais dinâmicas atmosféricas são muito comodamente observáveis pelo pesquisador ou pelo próprio habitante durante mudanças notáveis nas condutas automáticas, nos deslizes sensíveis ou nos desvios espaciais que ocorrem por descuido. Assim: errar o caminho, ver ou ouvir de forma diferente do habitual – correndo o risco de falso reconhecimento – se deixar surpreender profundamente pelos indicadores olfativos ou sonoros, e não com os da visão costumeira, ir e voltar sem se estabelecer em um conglomerado de sensações obedientes a lógicas (metáboles intersensoriais), são tais deslizes. Ou ainda: estar perdido quando um dos componentes da ambiência modifica, sem que nos demos conta da tonalidade afetiva esperada; presenciar um amanhecer ameaçador, um horizonte comido pela tempestade, um odor sulfuroso que se insinua na tranquilizadora intimidade doméstica sem que ninguém saiba sua origem, o inesperado de uma voz amiga que surge em um local ressonante de vozes hostis. Às vezes, as insolências (no sentido etimológico) deliberada-

mente tônicas são decididas ou inventadas quando a repetição dos mesmos modos de 'ser' repentinamente se tornam insuportáveis.

O imaginário oferece, então, os recursos inesgotáveis para as ações motoras (se perder de propósito na cidade, andar em círculos) e para ações sensíveis que modificam o ordenamento do espaço, suas cores, suas perspectivas ou impõem sons ou odores invasivos.

Na bela ilustração trazida pelo cinema, em *I want to sleep alone*, por Tsai Ming Liang, nós vemos um grande colchão vagando pela cidade, como uma espécie de inseto grande cujas pernas são as pernas dos homens que o transportam para organizar uma ocupação. Por sua incongruência, esse corte transversal irônico descontextualiza uma cidade inexpressiva, dando-lhe toda outra tonalidade afetiva, provocando no espectador uma respiração alegre, uma espécie de júbilo em que o impossível é alcançado.

CONCLUSÃO PARA PROLONGAR A NOSSA TRAVESSIA

Para concluir a nossa viagem, acredito que há duas maneiras de responder ao desafio deste audacioso Evento (Ressensibilizando Cidades / Resensitizing Cities) em que estamos. De um lado, avançar as pesquisas sobre as ambiências; por outro lado, apontar as possibilidades de aprimorar práticas especializadas em ambiências arquitetônicas e urbanas.

Na pesquisa, existem três maneiras de observar e compreender as ambiências.

MERGULHAR/IMERGIR

A primeira maneira é a imersão segundo o esquema geral descrito na primeira parte de nossa travessia. Essa é a nossa atitude cotidiana mais intuitiva e imediata, e a que concerne ao etnógrafo, mas com a diferença de que este último tem também uma atenção flutuante pronta para captar indicadores notáveis ou traços relevantes que caracterizam a tipicidade dessa ambiência nesse momento.

Esses destaques no fluxo ambiental que têm uma influência sobre o nosso sentimento da situação e sobre nossas condutas, mas que na maioria das vezes não atingem a consciência, são, por exemplo, os limites qualitativos, os dominantes sensoriais, o ritmo da evolução dos fenômenos sensíveis etc. Nenhuma pesquisa há, então, sem matéria singular e contextualizada. As ambiências, as atmosferas são descritas como o interior. Uma vez coletados esses indicadores, o problema do etnógrafo (ou aspirante) é o acesso ao universal, à generalização e à verificação esperada em um relatório de pesquisa.

No entanto, é impossível reproduzir esses fenômenos de forma muito detalhada, e também de agrupá-los. Lembro que, de maneira mais ampla, a epistemologia contemporânea mostra a impossibilidade de uma posição de suspensão/isenção do pesquisador. As condições de observação impregnam sempre o processo e os resultados.

Restam, portanto, a declaração das interações relativamente comparáveis, a análise estrutural de uma sequência e a narrativa da experiência do observador a ser comparada com a narrativa dos habitantes do local pesquisado. Entre outras referências, podemos mencionar as técnicas de direção das narrativas, “*de la conduite de récit*” (AUGOYARD, 2001a), entrevista sobre a escuta reativada, “*l’entretien sur écoute réactivée*” (AUGOYARD, 2001b), e o método dos percursos comentados, “*la méthode des parcours commentés*” (CHELKOFF; THIBAUD, 1997).

IDENTIFICAR CONCEITOS ADAPTADOS AO CAMPO DAS AMBIÊNCIAS

A segunda maneira é encontrar conceitos adaptados ao campo das ambiências. Não é um processo fácil, no que diz respeito às ambiências, porque a passagem da atmosfera observada para a ambiência conceitualizada continua tensa e perigosa (cf. DUARTE; THIBAUD, 2013). Tarefa nada fácil, porque nenhum conceito é totalmente adequado.

Seja um conceito do campo da física, ou das ciências humanas e sociais, ou das ciências da concepção e da representação do espaço construído, ele será sem dúvida pertinente e esclarecedor para as ambiências apreendidas a partir do campo de onde vem, mas sempre transportará consigo o tipo de pensamento cujo ele é resultado.

No entanto, um fenômeno ambiental é sempre complexo. É necessário – portanto, “forjar” (como disse Nietzsche) novos conceitos transversais abertos tanto às diferentes disciplinas envolvidas como à variedade extremamente diversificada e em evolução de situações da ambiência. Se não são conceitos fechados, devem ser paradigmas, conceitos que reúnem e representam o máximo possível de situações singulares. Podemos citar, como exemplo de paradigmas, os efeitos (usados anteriormente), as figuras (como figuras de deslocamentos) (AUGOYARD, 1979) e a ambiência propriamente dita, desenvolvida em nosso laboratório “Ambiências, Arquitetura, Urbanidades” há pelo menos trinta anos e valorizada interdisciplinarmente por sua abrangência.

DESENVOLVER UMA TEORIA DA AÇÃO AMBIENTAL

Essa terceira orientação foi a menos trabalhada no conjunto das pesquisas internacionais sobre as ambiências. O que é uma ação ambiental quando geralmente pensamos que uma ambiência é essencialmente uma questão de percepção? Quem faz/cria as ambiências? Como criamos uma ambiência na vida cotidiana? Como elas são fabricadas pelos profissionais de arquitetura, de urbanismo, de paisagismo, do *design*? Como operam os doadores das ambiências tais como os marcadores de estação, as tonalidades das aparências dos ocupantes do espaço público? Eu gosto desta frase do cantor Pat Calahan: “As pessoas são a melodia da cidade”.

COMO MELHORAR PRÁTICAS ESPECIALIZADAS SOBRE AS AMBIÊNCIAS ARQUITETÔNICAS E URBANAS?

Nesse campo de atividade, há perguntas genuínas que eu quero fazer ingenuamente. Mas o colóquio será a ocasião correta para esclarecer muitas coisas com as habilidades de cada um de vocês.

Eu diria, antes de tudo, que é necessário favorecer a qualificação ambiental a partir dos prazeres da imersão. Penso em particular nas acentuações dadas aos ritmos arquitetôni-

cos, aos tratamentos das cores, à variedade qualitativa dos materiais, à paisagem aérea composta pela massa da totalidade urbana e sem detalhes, e às diferenças de profundidade dos edifícios. Sem dúvida, qualquer arquitetura e qualquer composição urbana de sucesso, no sentido de proporcionar prazer e emoção, respeita justamente essa riqueza de qualidades.

Mas o equilíbrio é um pouco complicado entre o que não atinge os sentidos, o que propõe uma atmosfera latente e a valorização de diferentes sinais sensíveis que chamarão uma atividade perceptiva, talvez um jogo, de fontes de prazer estético. Em todo caso, há um trabalho importante a ser feito sobre a emergência das propriedades sensíveis passivas do espaço organizado.

Gostaria apenas de evocar um exemplo arquitetônico notável. Durante uma pesquisa de quatro anos em Paris e duas outras cidades francesas, a fim de conhecer melhor a percepção estética da arquitetura (AUGOYARD *et al.*, 2003), encontramos algo absolutamente unânime: todos os habitantes lamentam a ausência da variedade em certas composições arquitetônicas (foram citados revestimentos muitos simples, painéis monótonos, as massas urbanas monótonas, as proporções muito regulares em sua multiplicidade). Nós não gostamos de nada que é uniforme, no qual a percepção não pode se agarrar – é bom frisar, qualquer que seja o estilo e o tipo de tecido urbano. É a riqueza de informações sensíveis que deve, portanto, ser valorizada.

Em seguida, e isso não é contraditório, não devemos esquecer o valor de uma não intervenção positiva. O excesso de estímulos, o excesso de gestos arquitetônicos provocam um sentimento de desconforto. Bernard Lassus (1995), arquiteto e paisagista que tratou do *design* de vários navios de cruzeiro, percebeu que as pessoas reclamavam que tudo era previsível demais, tudo era determinado pelo lazer. Ele então propôs um espaço vazio e neutro, como uma respiração dentro da superabundância dos espaços afetados. Uma não-intervenção positiva em um plano diretor, um projeto do conjunto de um bairro nos encorajaria a cuidar dos buracos, dos espaços brancos, vazios, das zonas de “fuga”. Isso parece muito importante e também envolve a responsabilidade das pessoas que trabalham as ambiências.

Última conclusão prática: ***as ofertas devem ser incentivadas***. Ainda vemos muitas arquiteturas e muitos urbanismos que não oferecem possibilidades à imaginação e o estí-

mulo às *affordances* de Gibson (1979). Para os projetistas, entre demais e nada, a escolha é difícil, mas, no trabalho de composição das formas e volumes, há sempre a ocasião de acentuar um pouco os pequenos acidentes, as rugosidades, as dobras, as angulações, as perfurações, as reverberações sonoras ou luminosas, os sinais enigmáticos ou paradoxais – todas as proposições passivas não obrigatórias que permitem a liberdade de apreender ou não esses pequenos gestos. Penso que devemos ainda, e sempre, reabilitar as dimensões do orgânico, do plural, da disparidade que podem dar prazer e conforto aos espaços que habitamos. É uma maneira discreta, mas eficaz, de “ressensibilizar” a cidade.

REFERÊNCIAS

- AUGOYARD, E. 13 interludes filmiques pour les ambiances. *In*: AUGOYARD, J.-F. (dir.). **Faire une ambiance**. Grenoble: À la Croisée, 2011. p. 474-481. (Actes de Colloque).
- AUGOYARD, J.-F. *et al.* L'espace urbain et l'action artistique. **[Rapport de recherche] 42 bis**, CRESSON; Plan Urbain, 2000, 115 p.
- AUGOYARD, J.-F. *et al.* **L'expérience esthétique ordinaire de l'architecture**. Grenoble: CRESSON UMR 1563; Ministère de la Recherche, ACI Ville, 2003. 2 tomes, 521p.
- AUGOYARD, J.-F. *et al.* Médiations artistiques urbaines. **[Rapport de recherche] 42b**, CRESSON; DDF; FAS; DIV; Ministère de la culture; Plan urbain, 1999, 207 p.
- AUGOYARD, J.-F. La conduite de récit. *In*: GROSJEAN, M.; THIBAUD, J.-P. **L'espace urbain en méthodes**. Marseille: Editions Parenthèses, 2001a.
- AUGOYARD, J.-F. La sonorización antropológica del lugar. *In*: AMERLINCK, M. J. (ed.). **Hacia una antropología arquitectónica**. Trad. J. L. Carles. Jalisco, Mexico: Ed Universidad de Guadalajara, 1995a. (Colección Jornadas Académicas).
- AUGOYARD, J.-F. La vue est-elle souveraine dans l'esthétique paysagère?. *In*: ROGER, Alain (ed.). **La théorie du paysage en France (1974-1994)**. Seyssel: Ed. Champ Vallon, 1995b.
- AUGOYARD, J.-F. L'entretien sur écoute réactivée. *In*: GROSJEAN, M.; THIBAUD, J.-P. **L'espace urbain en méthodes**. Marseille: Editions Parenthèses, 2001b.
- AUGOYARD, J.-F. **Pas à pas**: essai sur le cheminement quotidien en milieu urbain. Paris: Ed du Seuil, 1979.
- AUGOYARD, J.-F.; TORGUE, H. **A l'écoute de l'environnement**: répertoire des effets sonores. Marseille: Parenthèses, 1995.
- AUGOYARD, J.-F.; TORGUE, H. (eds.). **Repertorio degli effetti sonori**. Lucca: Libreria Musicale Italiana, 2004. [Trad. di Sabrina Doria, a cura di Adolfo Conrado, versione riveduta e corretta da J. F. Augoyard].
- AUGOYARD, J.-F.; TORGUE, H. (eds.). **Sonic experience**. Montréal: McGill University Press, 2006.
- BALEZ, S. **Ambiances olfactives dans l'espace construit**: perception des usagers et dispositifs techniques et architecturaux pour la maîtrise des ambiances olfactives dans des espaces de type tertiaire. 2001. Thèse (Doctorat en Architecture, aménagement de l'espace) – Université de Nantes, 2001.
- BINNSWANGER, L. **Das Raumproblem in der Psychopathologie**. Berlin: Springer, 1933. [Trad. Fr.: Le problème de l'espace en psychopathologie. Toulouse: Université Toulouse II Le Mirail, 1999].
- BINNSWANGER, L. **Introduction à l'analyse existentielle**. Paris: Éditions de Minuit, 1971.
- CERTEAU, M. de. Délires et délices de Jérôme Bosch. **Jardins. Contre Nature**. Traverses, Paris, n. 5/6, p. 37-54, 1976.
- CHELKOFF, G.; THIBAUD, J.-P. **Ambiances sous la ville**. Grenoble: CRESSON; ENSAG, 1997.
- CHELKOFF, G.; THIBAUD, J.-P. **Les Mises en vue de l'espace public**. Grenoble: CRESSON, 1992.
- DA VINCI, L. **Carnets**. Paris: Gallimard, 1942.
- DUARTE, C. R. de S.; THIBAUD, J.-P. **Ambiances urbaines en partage**. Paris: Métis Presses, 2013.
- FOUCAULT, M. **Les mots et les choses**. Paris: Gallimard, 1968.
- GIBSON, J. J. **The ecological approach to visual perception**. Boston: Houghton Mifflin Harcourt, 1979. [Trad. Fr.: Approche écologique de la perception visuelle. Paris: Ed Dehors, 2014].

- GOFFMAN, E. **Interaction ritual: essays on face-to-face behavior.** New York: Pantheon Books, 1982.
- GOFFMAN, E. **The presentation of self in everyday life.** Edinburgh: University of Edinburgh; Social Sciences Research Centre, 1959.
- GOMBRICH, E. **Art and illusion. A Study in the Psychology of Pictorial Representation.** Oxford: Phaidon Press, 1987.
- LASSUS, B. L'obligation de l'invention: du paysage aux ambiances successives. In: ROGER, A. (ed.). **La théorie du paysage en France (1974-1994).** Seyssel: Champ Vallon, 1995. p. 424-437.
- QUASIMODO, S. **Acque e terre.** Firenze: Solaria, 1930.
- ROGER, A. **Nus et paysages.** Paris: Aubier, 1978.
- SCHMITZ, H. **Kurze Einführung in die Neue Phänomenologie.** Freiburg: München, 2014.
- STRAUSS, E. **Vom Sin der Sinne.** Berlin: Springer Verlag, 1935. [Trad. Fr.: Du sens des sens. Grenoble: Ed. Jérôme Million, 1989].
- TELLENBACH, H. **Geschmack und Atmosphäre.** Salzburg: O. Müller, 1968. [Trad. Fr.: Goût et atmosphère. Paris: Presses universitaires de France, 1983].
- WITTGENSTEIN, L. **Tractatus Logico-Philosophicus.** London: Routledge, 1922.

JEAN-FRANÇOIS AUGOYARD

Graduado em Filosofia, Sociologia, Musicologia. Doutor em Planejamento Urbano. pesquisador do Centre National de la Recherche Scientifique (CNRS). Fundador do Centre de Recherche sur l'espace sonore et l'environnement urbain (CRESSON). Atuou como professor convidado em diversas universidades do mundo. Possui publicações em diversos países (livros e artigos) e orientou um grande número de teses desde que fundou o departamento de pós-graduação "Ambiances architecturales et urbaines".



A JOURNEY THROUGH AMBIANCES² WITHIN... ABOVE, FAR FROM ... THROUGH...

I propose a journey through ambiances, as part of architecture studies, for several reasons. First, I have gone on a long journey through the field of ambiance myself, since the 1970s. When this long journey began, I was on my own, but since 1980 it has become a choir experience, a harmonious tune with the entire CRESSON team.⁵

1. The text presented here is a revised and translated transcript of Jean François Augoyard's opening lecture at the "Resensitizing Cities. urban ambiances and senses" event, promoted by LASC / PROARQ / UFRJ and by the International Ambiances Network between October 2-5, 2019, in Rio de Janeiro, and kindly granted by the author. Due to the coherence of the expressions of time, and also idiomatic expressions, some adaptations were necessary throughout the text (NT).

2. The word "ambiance" is fully applied all over the world to express the "the character and atmosphere of a place". Nonetheless, the studies on 'Ambiances' started at CRESSON - France in the 1970's, mainly developed by Jean François Augoyard, created a concept that could not simply be changed to "ambiance". That is why we decided to keep the word "ambiance" in this whole paper (Translator's note).

3. CRESSON: UMR Ambiances, Architecture, Urbanités; CNRS/Direction de l'Architecture/ENSAG, Ministère de la culture.

Based on this experience, I can say that ambiances never end. Actually, we are already in an ambiance. What actually happens is that we simply change our ambiance or atmosphere. And ambiance research and studies are never ending. There is always a new item, new analyzes, new partners. The network <ambiances.net> we created with Jean-Paul Thibaud in 2008, has grown exponentially and now reaches five continents. So, I really believe that ambiances will never end. All new contributions, new ideas, are most welcome.

There are, however, two other conclusions that I draw from this journey, two somewhat discouraging findings. First, **ambiance may not exist**. I feel bad for those who begin saying: “I’m going to classify ambiance and finally define it”. Secondly: ambiance is **unexplainable in words**. We cannot describe it. It would therefore be paradoxical to meet today to discuss it. Perhaps it would be more worthwhile to paint ambiances, dance through the atmospheres together, make music with them.

But why is it that ambiance doesn’t exist? Because ambiance *in its singular form* does not exist. There is never one ambiance; there are ambiances that change all the time and in different ways, depending on a thousand factors. I think you already suspect this: ambiance is a perfectly abstract notion. In general, no concept can define the essence of ambiance. There is always something missing, a new element, a small singularity that will take place. What exists in its singular form is *a specific ambiance*. Would we still have general and open paradigms in other languages? In German, the notion of *stimmung* *brings* together in a wonderful and intense way everything that makes sense in ambiance. It goes through the physical dimension (concordance), the psychological modality (affective tone), attunement with others, resonance with the world. The concepts in French (*ambiance*), Spanish (*ambiencias*), Chinese (*shin*) have a very general meaning, but they work with an extension and remain extremely open – therefore, uncertain.

It is, in fact, this extraordinary openness that enables our International Research Network with LASC (Architecture, Subjectivity and Culture Lab at UFRJ) based on the word “ambiência”, which sounds good both in the Anglo-Saxon field and in the Latin languages. It is, as we say in French, “a Spanish inn”. Anyone can contribute with something. Each one can share their experience, then develop it and exchange it with the others. If we had a very closed concept, as often happens within knowledge, someone would quickly say: “This is

not my territory” or “I don’t want anyone in this territory, if you don’t think like me”. Fortunately, *ambiance* is a perfectly ecumenical notion.

So, why would the *ambiance* be indescribable? We can certainly still describe it somewhat, since we will talk about it here, and later elsewhere, in everyday life. But initially, we are talking about things that exist here and now. *Ambiances* are tangible, audible, visible, singular and, therefore, go beyond language. And, at the same time, we try to bring them together, “tie them together”, and as the Stoics would say: “*We must grab all opportunities*”. Furthermore, in French, the word *indescribable* also means “I don’t know what”, something impalpable, volatile, exactly atmospheric. I am thinking of Tellenbach’s (1968) inspiring work on taste, smells and air. Tellenbach is one of the first great modern authors to talk about *ambiance*, because he talks about wind, smells, flows: just like many intangible concepts that play with our language skills.

Thus, with as many words as we can, we will begin by entering the *ambiance*, before we are above it, and finally through it. Let us go inside first, the first stage of our journey.

INSIDE

For this first exploration, I chose some concepts that seem important to me. Those who know CRESSON understand the notion of effect that I proposed in the 1970s and later developed with this laboratory (AUGOYARD, 1995b; AUGOYARD; TORGUE, 2006). Environmental effects are intermediate notions that try to bring together and cross, as much as possible, that which is concrete and that which is abstract, singular and universal aspects, collective and individual. Therefore, it is a precious concept for those who design and build simultaneously. Some of these effects will guide us specifically through an immersion, the *asyndeton* and *metabole*, which have been discovered and extensively studied within the sound, visual and even smell aspects.⁴

4. A great book on odors and olfactory effects will be released and is based on the thesis written by one of my doctoral students, Suzel Balez (2001).

IMMERSIONS

Immersion is, first, the most innate situation within sensation. I am *in* an atmosphere (we will use this term now), but I am not aware of it. I am in a fusional state, where my identity⁵ is diluted. I am immersed in it. Immersed, for example, as we feel when listening to rock at 100 or 105 dB with a loss of personality. Then, the object and the subject intersect, mix, merge. When you are at a rock concert, you no longer say “I am the guy in this song and I also distinguish the other individuals”; there is just one great sound and a general dance. You are in a rhythmic fusional group. There are many other analogous situations in which sensitive matter and emotion are perfectly confused, each time you are in an atmosphere without precisely noticing extraordinary or sublime situations (due to natural or cultural phenomena), but it is also the case with the thread of everyday atmospheres.

A second effect neutralizes the possible perception of the atmospheric background. It is *the* asyndeton which eliminates and suppresses. This is the language example of the telegram. We removed many elements from speech. We say: “I-here-Rio-stop”. We keep the minimum elements for an understanding. Likewise, during the perception of the present, there are all kinds of cuts, elisions, and deletions. Let us test this right away. I ask you:

- What was the dominant background noise in this place so far?

Silence. Then a woman in the audience replies:

- Here? Air conditioner!

I would not imagine that at every second you would say, “Ah, wait! We have very interesting air conditioning! It is a bit fluctuating, by the way, etc. “. If not, you would not have heard me! This is the experience that we can easily try out with everyone. Ask yourself, “What do I remember today? Which atmospheres precisely marked the preceding hours?”

5. Basic personality system, which has an unconscious content, according to the second Freudian theory of the psychic apparatus (NT).

“The light at the entrance when you went up the stairs or took the elevator? You have performed elisions most of the time, and what you have excluded will allow you to value the most important things. For example, in a verbal exchange, the content of the voice is valued, rather than the intonation or texture of the voice. Finally, there is also a radical asyndeton, precisely the fact that I do not understand the qualitative circumstances of time and place, except those that serve what I must do. Nothing was memorized from the background ambiance because the perception was perfectly insignificant from a conscious point of view.

Another effect that I find interesting is the *bourdon*⁶. The bourdon effect is *just* as this air conditioner that we can now be aware of. We have a continuous sound that doesn't really change and that can happen and we can forget very quickly due to its monotony. Everyday life, especially urban life, is full of *bourdons*, or contents. Thus, circulation can be violent, where sounds cannot be distinguished from each other. During my investigations, they told me: “there is a lot of noise, but I can still notice a truck, a car, a boy who screams, a voice ... I am at home. But at other times it is impossible: everything is merged, everything is confused “. The situation then becomes potentially distressing, “uninhabitable”, people say, because the perception is not supported by anything else. Another bourdon type experience: you are on a very noisy street, then you enter a building, close the door and suddenly there is nothing left. You will enter another *bourdon* that will be a “deafening silence” that we could consider a poetic oxymoron. We call this ‘the cut effect’.

THE ANTI-CATEGORY

When we are on our journey, what kind of relationship do we have with the ambiance? What happens when nothing happens in the realm of perception?

6. The Bourdon effect is an axial deformation of the mechanical pressure measuring tube through pressure gauges. The measuring element is often referred to as a Bourdon tube: French engineer Eugène Bourdon used this functional principle in the mid-19th century. The continuous sound makes it possible to measure pressure and define atmospheric relations.

First observation: when no visual or auditory perception other than the environment is not authentic, when we forget what is perceptible and are submerged by the ambiance, we are in a pre-verbal state: that moment in which we are not clearly aware of what surrounds us nor the words that would be needed to describe it precisely.

This *infra-categorical status* was very well developed by phenomenology, and especially by the Darmstadt School. A great philosophy historian, Hermann Schmitz, wrote absolutely fascinating pages about the roots of Western thought. Before the fourth century BC, the cultural model was the model of the *Iliad*. That is, humans are completely afflicted and guided by the gods on how they should conduct disputes and conflicts. They do not even have control over their emotions. The gods send these emotions to them and throw every possible affection towards them. And in this case, they are not even aware of being subjects - even if just minimally -, owning their own destinies and situations to which they are submerged. We would thus have a historical model of thought from the pre-Socratic era, between the 4th and 5th centuries BC. This very atmospheric moment would then be a stage in the history of the Western thought process.

However, the second observation, which is characteristic in the atmospheric moment, is immediately below the distinction between object and subject. The object that is felt and the subject that feels it merged into a single feeling. On this subject, I must quote Erwin Strauss (1935), a physiologist from the first half of the twentieth century, converted to phenomenology and convinced that the laboratory experience on human behavior, *in vitro*, omits the essential aspects of the situations experienced. What does he mean? That our emotional state and our way of being in the present situation are rooted in an indissoluble articulation between feeling and moving, a thesis that the recent contemporary neurophysiology has completely validated.

This *stimmung* (which can be roughly translated as “affective tonality”) has two main modes: pathic - I am immersed in the situation and there is no way out- or cognitive, when I clearly perceive things and distinguish their qualities. Another distinction: pathic moments are divided according to two main tones. The first tone is geared towards euphoria. It is a fusion consented with pleasure. I “let it happen”, as Malebranche would say, echoing the Stoics or even Lao Tzu. The second tone is inclined towards dysphoria, with the feeling of being thrown somewhere, helpless towards what is happening. And negative

emotions dominate me: typical situation amplified by the ancient drama in a long historical line inaugurated by *Iliad* and Aeschylus.

METABOLES

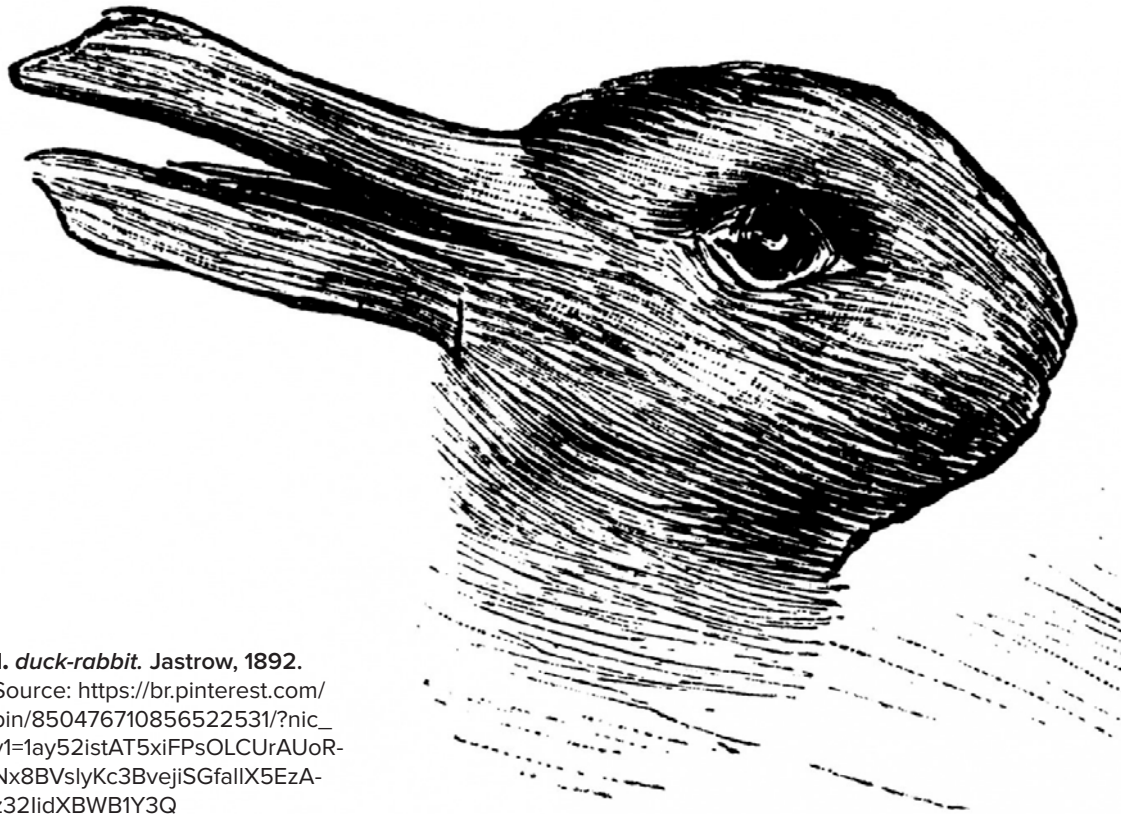
I would like to move on to a slightly less radical form of involvement, which is the metabole scheme. What is this? We all know this ambiance that we can evoke as “it throbs, it whispers, it sparkles”, a list that we can continue according to the various sensory elements we observe. A perfect example is the brightness of the sea reflecting the sun; the noise of a lively street market, but where we can distinguish sounds. In these situations, the components of a place and a moment, maintain an unstable relationship between them.

If we refer to the *Gestalt* theory, the figures emerge from the bottom, but they return quickly to make room for other apparitions that will soon disappear, and so on repeatedly. This time, however, and unlike the immersion, we can see the elements that emerge, but, according to the order of time, very fleeting, they remain indescribable. We then return to a context that can be perceived globally and according to various sensory registrations. Through vision, we will alternate between accommodation in infinity and focus. Through hearing, there is discreet listening, fluctuating with the sudden emergence, but soon after with the disappearance of the sound. Through smell - which makes me think precisely of the precious book by Suzel Balez, which will be published soon, and is based on her thesis (BALEZ, 2001), there is the “*patchwork* effect” that manifests itself when different smells coexist in disorder and then each one emerges and then disappears into an unstable metabolic mixture.

UNCERTAINTY MAINTAINED

This hesitation between that which is distinct and indistinct, global and precise, is not easily overcome; it is, therefore, always a scheme of “being in”, but in a particular and borderline manner. In terms of perception, attention is suspended, almost challenged by the difficulty of identifying the different elements separately. The objectification process

remains partial. There is a type of vertigo of perception illustrated by the famous drawing of the “rabbit-duck illusion”, by Jastrow, widely commented by Ernst Gombrich (1987), whose original work was published in 1960, and Ludwig Wittgenstein (1922). Is it a duck, is it a rabbit? No lasting perception is possible, neither for one nor for the other, and even less possible for a satisfactory and complete synthetic view of the entire drawing.



1. *duck-rabbit*. Jastrow, 1892.

Source: https://br.pinterest.com/pin/850476710856522531/?nic_v1=1ay52istAT5xiFPsOLCUrAUoR-Nx8BVslYKc3BvejiSGfallX5EzA-z32lidXBWB1Y3Q
(public domain image).

Gombrich (1987) considers that it is impossible to separate a form from its interpretation. Undoubtedly, this is a prank drawing featured in a German humorous newspaper in 1915. But a more common experience can take place through figurative art, as Gombrich notes in the same paragraphs. It is impossible to see the entire canvas and brushstroke details at the same time. One must step back to see the whole picture. It is the magic of the relationship between art (construction) and illusion (figurative representation).

In addition, a whole stream of art from the middle of the last century toyed with this uncertainty of perception. From Delaunay to Vasarely and passing through Escher. But we also find this kind of fragmented perception in Jerome Bosch's work, where it is difficult to define where the cosmogenic point really is, as Kandinsky would say. We do not know exactly how and from where the world is organized because we are together within it. "By articulating in a language, we continue to prove that we are no longer there", comments Michel de Certeau (1976). We walked from place to place without a steady predominance, as in the Japanese engravings of the 11th and 12th centuries, free from all continuity between patterns: a tree here and a tea house there. There is really no perspective, and we do not know exactly what to focus on. Better yet, it means that, with our legs, we will virtually walk in this scene or in this landscape populated by autonomous and freely articulating figures.

Evidently, these metaboles simmer in our daily lives, especially in our listening experience. At first, we could have a negative opinion of these sound metaboles, because the distinction, the intelligibility of the meanings, the clarity of the composition, to use musical terms, are not very functional. But they are not necessarily negative.

Let's listen to the sound of our street fairs⁷. There is a mutual penetration of the noise in the food stands, crates, cutters, scales, trade discussions, the buzz of conversations that the air carries, and all of this is in the context of 'atmospheric accidents' and more or less distant vehicles passing by. In the opinion of city dwellers, it is undoubtedly the warmest and most pathic public space in the city. There is free contact and the feeling of being

7. Jean François indicated that, during the lecture, he heard the sound "Entrance to the building on the great avenues of Grenoble" (14 - Les halls et leurs effets. 2'27". CRESSOUND). Available at: <https://aau.archi.fr/cresson/cres-sound/sonorite-sociabilite-urbanite-audio/>

within! Another multisensory example is the train stations during *rush-hour*. They give us that visual, tactile and sound impression of being submerged at the same time that we are able to capture some distinct sensitive items without having to ask ourselves all the time how we get out of it. Moments of abandonment in the daily flow are possible.⁸

And if, in such situations, the issue is ultimately to find the function of the utilitarian way of knowing how to get out of it, it is also the question that we can ask ourselves when we are on our journey. How to get rid of the seductive fusional atmosphere? In other words, how do we move from atmospheric to environmental?

An emblematic sequence of Andrei Tarkovski's film, *Nostalgia* (00.46'37" - 00.48'16"), will help us move forward (AUGOYARD, 2011): one man: lonely / in front of a landscape / cut by a frame / which he is not part of. With these four characters, we have everything we need to understand a situation that has several names: suspension, headland, point of view, viewpoint, immersion (in cinema), perspective view (in painting) - and the Tuscan landscape that is seen in the sequence by Tarkovski is a strong indication of the origin of that device. In any case, we emerged from everything that would be fusional and atmospheric. The distance gets more severe, an effect of withdrawal.

ABOVE, FAR FROM ...

At this moment, we emerge. We have left the stable atmospheric perception. This does not mean that the atmosphere disappears; but the immediate feeling gives way to a place or a window to perceive it. Now we can leave the notion of atmosphere to talk more about ambiance. I spoke earlier about Hermann Schmitz, that great German philosopher, who also says that after the *Iliad* one may reach the *Odyssey*. It is a beautiful emblematic figure of what happens in Ancient history and will mark the entire western continent. It also helps us to think about the delicate transition from the atmosphere to ambiance.

8. Augoyard again indicated another type of sound, "Everyone is going". (21 - Tout le monde s'en va. 1'48". CRESSOUND). Available at :<https://aau.archi.fr/cresson/cres-sound/la-portee-ferroviaire-audio/>

Then, in the *Odyssey*, the famous and cunning Ulysses appears, and will fight against the whole world, against who is above and who is below. In the end, he will survive, as he is the last to leave this terrible adventure. He will have fought against the gods, but also against humans and their families, in a long series of episodes that show that he is able to control all of his emotions and only trust himself. Among a hundred examples, let us simply remember the passage in which he asked the rowers to cover their ears so that they could cross a dangerous stretch and also to tie him to the mast, so that he could hear the treacherous and seductive singing of the mermaids without giving in to their deadly mirage. Sensory deprivation on one side; and a restriction of one's ability to act on the other side. It is a test of the divorce between immediate sensation-emotion and autonomy of will. The *Odyssey* is the moment of a crucial metamorphosis in the Western thought process, with the first subject arising with four capacities: to cut himself off from the world of objects, to elaborate concepts, to have his own emotions, to be aware of himself. The era of Classic Greek Philosophy can begin with Socrates based on this opposition, point by point, to the characteristics of the representation of a so-called archaic world. Ulysses is the resurrection of the subject who will struggle to gradually gain his autonomy until the classical era.

ABOVE THE CLOUDS

I would like to reflect on a famous pictorial representation of this subject development process that reached its peak in the articulation of the 17th and 18th centuries. It's the painting by Caspar David Friedrich, which you obviously know. The *Traveler on the Sea of Mists* is located on top of a headland, which is very emblematic of the romantic era in which the SELF needs affirmation and must be above the world. But, in addition to the initial euphoria, retreating into yourself and the affirmation of subjectivity has a price. It is the price of being exiled from the world. And this painting perfectly describes this scheme of being distant, opposite, far, without the object denial, however. On the contrary, there is an oscillation, a dialectical relationship (this is Hegel's time) between fascination and distancing.



2. *Wanderer above the sea of fog* (Caspar David Friedrich, 1818).
Source: <https://www.wikiart.org/pt/caspar-david-friedrich/caminhante-sobre-o-mar-de-nevoa-1818> (public domain image).

The entire history of the western landscape is intertwined by this tense implication between subject and object. Here we see the result of a construction of a certain representation of space with principles that have been stabilized since the Renaissance and the following two centuries. I remember the four main specificities of the western landscape that directly affect the representation of ambiances. First, there is distancing; there is this “distance” from a country that was once established, cultivated and now seen as what we will call *paesaggio*, cut and framed by a selective visual device, the *veduta*. Therefore, the *voyeur*, that is, the subject is out of focus. And it is precisely because it is out of focus that he can objectify, cut and frame it. Secondly, the geometric construction of the visual device appears with the invention of the so-called Italian perspective (Alberti, Dürer). Third, the landscape will be affected by the characterization of the Cartesian-type space - later refined by Newton - with its own parameters (continuity, homogeneity, isotropy, etc.) that make it possible to treat spatial data through a series of rational operations (permutation, substitution, subsumption ...) and, therefore, recomposing it: what will then be the object of the treatises on landscape and garden art. And finally, “**artiation**” appears (ROGER, 1978), because the western landscape is thought of and conceived from a specialized dialogue between “Arts and Landscape”, seeing nature as a work of art and work as an art invention (in the primary sense): find, rediscover).

Let us return to our traveler on the headland. The backlit cut effect is impressive. This highly contrasted relationship between figure and background accentuates the ontological gap between the subject and the part of nature represented, as if there were a painting within the painting. The trick here is to represent the traveler from behind. Far enough from the reason for his contemplation, an exiled figure of the landscape, inviting the spectator of the painting to adopt his own point of view. “*Stand behind me and see nature as I see it*”.

The classic era and the first romanticism will thus exacerbate the paradox of *the* Renaissance *paesaggio*. From the 17th century on, pictorial landscape art became autonomous as a genre and, at the same time, man as a motive began to really leave paintings. Caspar Friedrich enshrines this subject’s farewell to the landscape as he will become an exiled master. Meditative loneliness is obvious. We can almost hear the silence of the gap between the observer and the panorama. Three other paintings by Caspar Friedrich, *Moon-*

rise over the sea, Evening landscape with two men and Woman before the setting sun, show a similar structure. The characters are not facing us. They are turned, like the traveler, like the hero of Tarkovsky, who inaugurated our sequence of suspension and whose face we can only have a glimpse of at the end and in twilight. Wrapped up and imprisoned in their subjectivity, they begin to be absent from what they contemplate. How can we not think then about the famous writings of Michel Foucault (1968) about the subject that disappears without a trace. Finally, these paintings exude a latent affective tone among us tinged with twilight, an absence and a death impulse. In any case, a “never again”.

LISTENING POINT VERSUS POINT OF VIEW

A small note for those who work close to ambiances: all of this depends on your *point of view*. It will be enough that I suggest that you preferably choose a *listening point*. What would happen to this Traveler landscape? I spent a lot of time with architecture students to disturb them with this question previously asked by Leonardo da Vinci, in his diaries (DA VINCI, 1942). He mentions in his writings that he had been wondering all his life about the difference between a loud distant noise and a weak nearby noise. In this enigma, we realize that, suddenly, it is not as simple as a *point of view*. What can we say about smell and an aeraulic landscape? A student completed his DEA (*Doctorat en Architecture*) along with our doctoral training regarding the “aeraulic landscape”, the landscape of sounds and flows. The work includes elements before and after. What is a sound dimension and what is an olfactory dimension? So what is the nature of the limits? There are so many questions that we are really interested in asking when working with the ambiances and that seriously question this dominant plan of sight-tactile distance.

FIRST FORM OF DISTANCING: FALLING INTO ABANDONMENT

A very strong entry into the visual representation of space does not exist without consequences. The first price to pay for this distance and exile is the price of abandonment. Here is a beautiful poem, Salvatore Quasimodo (1930), which perfectly expresses this quietly pathetic feeling of being exiled from the world:

Ognuno sta solo sul cuor della terra
 Traffito da un raggio di sole:
 Ed è subito sera.⁹

Everything is said so briefly. Night falls like the blow of fate. Both Brazilians and Portuguese are familiar with *homesickness*, which is based on the poignant uncertainty of destiny far from the place of origin. Likewise, the Swiss tradition of *homesickness*. Vertigo of tragedy. I also think of Blaise Pascal, when he asks himself what man is and replies: “A self-left to chance and facing infinity”.

I suggest another sequence of *Nostalgia*, by Andreï Tarkovski. Night falls in a hotel room. In addition to the rain and the flickering of an uncertain light. Nothing is happening. Soon there will be no more horizon, because the openings decorated with a lunar blue offer no promise and everything goes dark. A dog enters and is mixed in with the dark. The man falls on the bed. What was distinct disappears slowly. The atmospheric element takes over. We are in fact within this feeling of nostalgic abandonment and loss of self that has been widely analyzed throughout the existentialist movement from Kierkegaard to Heidegger, *Sein und Zeit* (1927). It is about the subject in time, when everything is finished, everything is doomed to finitude. And we put in parentheses the biological, the physiological and the impulse of life. The unfortunate consciousness described by Hegel remains. It is a dead end, it is the path of abandonment.

SECOND FORM OF DISTANCING: CONQUERING THE WORLD THROUGH KNOWLEDGE

But distancing has another property. It allows me to take over the world. Moving away from the sensitive stable perception, I can distinguish, abstract, categorize, as we saw in the landscape's renaissance revolution. Currently, the most common examples in urban-

9. Everyone is alone in the heart of the earth / Pierced by a ray of sunshine: / And it is immediately late (Translation).

ism, architecture, geography and cinema are aerial views. Whether it's the mockup, the perspective view, the set photo, the "immersion", Google Maps etc., all of this is the result of an elision, an escape from the atmospheric and sensitive experience.

I will give you an example of this process to manufacture the world and the (re) construction of an environmental reality. Let's see an excerpt from Stanley Kubrick's *film Eyes Wide Shut*.¹⁰ It is the scene where the hero wanders the streets of New York at night, followed by another man from afar.

We have the impression of being in New York, but it is a new composition, a meticulous reconstruction of an ambiance that has an apparent warmth through the colors and the characteristic symbols of that city. In fact, it all takes place in a Pinewood studio. Everything is absolutely recomposed. However, the disturbing strangeness of space and the very existence of this man in this situation are gradually insinuated through vision. And Kubrick's choice is precisely to have a scenario that is extremely accurate. Very much so. Because a series of imperceptible details, particularly climatic, introduce a hyper-realistic atmosphere. However, as Plato mentioned the theater scenario, sufficient falsifications and approximations are necessary to cause a feeling of verisimilitude.

This kind of restlessness that appears little by little will lead us to the psychological state of the hero who is the victim of jealousy, possessed by a resentment that obsesses him. He no longer sees the reality around him.

In everyday urban experience, we often move away from the atmosphere. Sometimes we do it to *dominate the situation, to put it in perspective, to put things in perspective*, which is what we usually say in restrictive or stressful situations. And that power, when there is a result, can provide a feeling of temporary euphoria. The entire Western adventure of categorizing the Aristotelian model starts from this anthropological attitude of being able to extract oneself from the environmental flow. Our kind of knowledge based on defined concepts assumes this. Very often, we move out of practicality and use scenography elements for an indexed function and situational orientations, finding contextual support for

10. Jean François Augoyard suggested the exact part of the film: *Eyes Wide Shut*, by Stanley Kubrick., Scene 31: 01.56'37" - 01.59'37".

action. This process of building a functional reality presupposes the distinction of sensory registers and the correct selection for better efficiency. But also mastering emotions to rationalize situations before the world and others.

Does our adventure end here? Is knowledge the end of the journey through ambiances? Would it end with this dualism that sanctions the rupture between subject and object? As if there were only two possible attitudes towards ambiances: being immersed and possibly contemplating, or analyzing and having knowledge. In other words, from the research point of view, should ambiances be understood only from within, as a lived atmosphere, or from the outside, as a set of physical, social and cultural phenomena that are clearly describable and relatively objectifiable? A dynamic and proactive pathway is missing. Something like the pragmatism (an action theory) of ambiances.

After the previous conferences¹¹, our network started to provide more space for a third pathway. From 2008 to 2018, this was the progressive deepening of the issues that commanded each Conference:

- What makes an ambiance? Who creates an ambiance and how? What is an environmental action?¹²

Thus, in addition to inside and outside, it may be necessary to reconsider the virtues of an extended diagonal journey, somewhere between what is subjective and what is objective, understanding them differently.

THROUGH

Through this new way of understanding an ambiance, we undoubtedly immerse ourselves again in the atmospheric realm, feeling the qualities of the atmosphere - now, however, to

11. Jean François Augouyard refers to participation in the previous editions of the International Conferences by the “International Ambiances Network”: 2008 (Grenoble, “Creating an Atmosphere”), 2012 (Montreal, “Ambiances in Action), 2016 (Volos, “ Ambiances Tomorrow) .

12. cf. 2008-Congress (Grenoble) “Creating an atmosphere”, cf. 2012-Congress (Montreal) “Ambiances in action”, cf. 2016 (Volos) “Ambiances Tomorrow”, all are available at: Events of the Network: <https://ambiances.net/>

do something, to react and act. Instinctive, intuitive or specialized, skills are based on environmental components. It is a reorganization of the sensitive environment for a guided present: what there is *to do*. I propose four main figures for this everyday *hybrid* reality, four sensory-motor schemes: exploring (to trace your own path in the complex and resistant environment), finding the right segment, taking advantage of architectural offerings, reimagining sensitive data.

EXPLORE: SET YOUR OWN PATH

As an example, you can consider my first work on displacements based on narratives of everyday paths (AUGOYARD, 1979). People told me about *how they walked*. I would meet them several times and hear about all the different routes at first. I designed the paths, first, on a background and then interpreted them qualitatively - which changes everything.

Understand the background of the neighborhood of Arlequim: the pedestrian walkway is 1 km long, with buildings with up to sixteen floors and integrated equipment along the sidewalks. There is a 15-hectare park with a lake, which is an example of urbanism in 1970 (see Figure 3).

On this developed board, I detailed two hikers during a period of fifteen days of their daily life. The first (routes in yellow) works with public services and makes a short trip to pick up his car in the garage building that we see on the left, and then proceeds to his workplace. He takes on a tiny path (less than 100 m). So this person is someone who seems to live in the neighborhood, at least. However, the second walker (the one in blue) is a young teacher. He visits a large part of the neighborhood, and when landscape designers and planners observe this, they are delighted. *“Ah, we made a neighborhood that is very busy and full of people who go around everywhere. This is great!”* But the scheme shows only one segment of the displacement, because the real exploring is completely different.

The walker on the blue stretch is sleepy: his dog takes him for morning and night walks. He's tired, he thinks about his students, his classes. He manages to walk for great distances, however, the quality and experience are not that great. In addition, he often says, *“I don't remember well. Maybe I went there ... Oh, no, I had to go somewhere else”*. The first

walker, on the other hand, despite completing a very short journey, has an extremely in-depth interpretation of all possible indicators: a small puddle of urine, the case of a registry box lying on the road, beer bottles and an abandoned bag . He imagines what happened during his absence, and also during the night. He always has very rich narratives about his



3. Walks in the Arlequin neighborhood.
Source: Author, 1979.

journeys. Thus, he constantly reinvents the space he passes through, and this makes him condense life in the neighborhood in his imagination.

In addition to these two extreme examples, for all inhabitants, the same routes described can be very different according to the days of the week. It is like language, there are specific and figurative meanings and, therefore, a kind of pedestrian rhetoric, a type of displacement. We do not “fill” the plan. There is no content / accommodation logic in the space we live in. In everyday life, we practically subject the constructed space to the permanent fragmentation and desire for feeling and action.

In fact, this fragmentation, and sometimes great “exclusions” or forgetting, provide room for important things to happen in the future. Among all observed pedestrian practices and in addition to an abundant and varied catalog of space-motor configurations, two fundamental and perfectly complementary figures guarantee the logic, or rather, the rhetoric of displacements. One creates an emptiness and it is the precious figure of the asyndeton: forgetfulness, insignificance, without which everything would be too full. The other allows individuals to value what is important and to characterize the original, personal profile of each passerby: it is the figure of the synecdoche, where the partial, singular and accidental elements occupy the necessary space.

The same person can go through the same route every day, but on Sundays, for example, when taking friends to visit the neighborhood, the same route has a completely different emotional and qualitative density. These are experiences that we have all had. These configuring actions, evidently, use the elements of the ambiance that will be valued, reconsidered according to a certain *meaning*, in practical terms (direction) and what makes sense to the passerby at that moment.

FIND THE RIGHT SEGMENT

This is the second scheme, which is also present in everyday life. It plays with the cunning approach, the tricks, the Greek hybrids, to be able to survive, despite the obstacles. I remember a sound scene recorded in a large building in which a mother on the eighth floor was able to supervise her children playing downstairs, just by listening to their sound.

When the children wanted to call their mother, they realized that through their voice, even if intense, it would be impossible – because of the traffic noise. So, intuitively, they used the melody, the musicalization of their voice: “MamAaAnhêeeeE!”, or whatever could emerge from the street. There is a small acoustic permeability to the modulation of treble that will be used so that we can make ourselves heard, and this call becomes a game that other children understand in the same way.¹³

Another example was recorded in Bogotá, Colombia, by CRESSON researchers. On a very noisy street, you can still hear the only sound that could appear: small high-pitched sounds. It was a beggar who rhythmically tinkles small pieces on a metal container. This time, a frequency and rhythm segment is added to the frequency segment. It’s perfect! This is exactly what needed to be done to attract attention in this environment filled with bass and middle sounds. There are many situations in which an intuitive skill can highlight your presence. Involving all ages in life, many professions in public spaces and at construction sites, as well as the frequent household situations where there is always a sound competition. Let’s be cunning, let’s find a way to get by, making it work. In short, we are sometimes inside, but also too far away to choose the right procedure that will make communication or an interaction work.

I mentioned the work we do at CRESSON, especially regarding sound effects (AUGOYARD; TORGUE, 1995, 2004, 2006), visual effects and olfactory effects, which are tools that we use a lot. About the visual effects (CHELKOFF; THIBAUD, 1992), there is a selective framework where we extract something from the landscape, building, the atmosphere of the biotope, the environment we are in. We can also have exposure effects enabled by bright contrasts. Often, we do not reflect before making this adaptation to the physical and spatial properties of the environment, with defects that are returned with quality that is favorable to my action.

13. Augoyard suggested hearing the sound “Oral exchanges 1. Acoustic proxemia in the environment”. (Echanges oraux 1. La proxémie acoustique dans l’habitat. 22’09”. CRESSOUND). Available at: http://doc.cresson.grenoble.archi.fr/index.php?lvl=notice_display&id=4798

UNDERSTANDING ARCHITECTURAL OFFERINGS

We cannot forget the possibilities provided by architectural and urban offerings, along the lines of *Gibson's* (1979) affordances. It is fascinating to observe how people use a whole series of small things in everyday life: the curbs of the sidewalks, the columns and posts, the parapets, the unevenness of the coatings, the nooks, grooves and steps. I did this for four years with a *CRESSON multi-site* team to diversify the types of urban fabrics and local cultures (AUGOYARD *et al.*, 2003). Behaviors and conducts are extremely varied: from mimicry to humor or irony, through playing, aggressiveness and, of course, the unexpected utility of the object or spatial device. All of these elements, all of these offerings, are subject to “reemployment”, deviations, reuse and transfiguration. What is the purpose most of the time? Interrupting the urban routine!

A sequence taken from the film *Lovers on the Bridge*, by Leos Carax, perfectly illustrates the playful use of architectural offerings, intentionally or not, disseminated throughout the city. Here, all the bridge's accessories - handrails, guardrails, parapets, grooves and steps, street lights - enter an interactive and joyful ballet, mixed with characters or elements, and we don't exactly know who is leading the dance and who is contemplating it. Thus, we approach a fourth means of penetrating ambiances, by playing with its propositions.

RESENSITIZING CITIES

The fourth way of going through ambiances involves what we can call a re-sensitization, a sensory revival, a change of tone in perceptions and in the usual and unnoticed representations.

Artistic expressions had the main role of remodeling the experience of ‘feeling’ in the urban space, and these expressions experienced significant growth and received incentives from the 1980s onwards, with the main effect of stimulating numb imagination.

The art “outside of walls” began to modify the habit of the spectators who, by sacrificing the rituals in theaters, concerts and cinemas, forgot the richness of the ordinary stage in

public spaces, where the only advertising design triumphed over all its colors next to the sad statue in the square.

As we discovered during our ten-year research on this new phenomenon, a new figure emerged, resulting from a mixture between the emotion provoked by a professional artistic expression and the ordinary action of strolling around in public spaces. This is the “spectator” figure, a non-captive spectator, free to react in his own way and, at times, a partner in the artistic expression (*AUGOYARD et al.*, 1999; 2000).

By transforming the city with drama, narrations or sound effects, the festivities on streets create gaps in the compact usual urban representations. The surprised passerby may keep the following message “this is possible”.

Why wouldn't a square become a dormitory for 'snoring' taxis, why wouldn't building fronts be shelters for an opera house, a venerable statue - the centerpiece of a carnival carousel, or even the black building of a large university amphitheater, a mysterious spaceship carefully surrounding it? Why shouldn't a bunch of hole-shaped branches be the deep pupil of a giant fish?

Thus, the creative imagination of urban artists, actors, musicians, visual artists and graffiti artists generally produces a perceptual orientation, relying on elements of the urban space to transfigure the atmosphere of places. After the artistic event is over, there are often traces of memory left, not only “I never saw this”, but also “I can't go there without reviewing or listening to what happened again”. Hence, sometimes, the impertinent conducts that persist in the practice of climbing, crossing, improbable shortcuts, the transgression of sensory codes received or issued, forgetting the boundaries between public, semi-private and private (institutional) realms.

However, at the deepest level of ordinary elements, I would also like to remind you that atmospheric experiences are undergoing constant change. We frequently forgot to observe detail in the sensitive geographies intuitively produced by inhabitants.

Again, the imagery constantly resynthesizes the sensitive elements and constantly reconfigures the perception of the most familiar landscapes, with misleading apparent stability. The perceptual habit is based on visible appearances. However, each sense has its own

logic. For example, a sound limit is by no means a visual limit, as it is not, likewise, for an olfactory gradient, a tactile decomposition, or a threshold of an aeraulic sensation (temperature, wind pressure). The sensory elements that are articulated fundamentally based on temporality design the territories that are under constant changes, that are generally tiny, but very real. Under personal, social or cultural perceptual habits, under one's own perception, feeling and moving follow their course, weaving through territories, articulating the qualities of space and relationships with others. It is the flesh of vital impulse.

Such atmospheric dynamics are very conveniently observed by the researcher or inhabitant during notable changes in automatic behaviors, in sensitive errors or spatial deviations that occur due to carelessness. Thus: to go the wrong way, see or hear in a different way than usual - risking false recognition - allowing oneself to be deeply surprised by the olfactory or audible indicators, instead of those seen usually, to come and go without settling in a conglomerate of sensations that follow logic (intersensory metaboles) are such mistakes. Or even: being lost when one of the components of the ambiance changes, without noticing the expected emotional tone; to witness a threatening dawn, a horizon eliminated by the storm, a sulfur odor that insinuates itself in the tranquil domestic intimacy without anyone knowing where it came from, the unexpected friendly voice that appears in a place resonating with hostile voices. Sometimes deliberately tonic insolences (in the etymological sense) are decided or invented when the repetition of the same forms of 'existence' suddenly becomes unbearable.

The imaginary element, then, offers inexhaustible resources for motor actions (getting lost on purpose in the city, walking in circles) and for sensitive actions that modify the order in space, its colors, its perspectives or impose invasive sounds or odors.

In the beautiful illustration in cinema, in *I want to sleep alone*, by Tsai Ming Liang, we see a big mattress wandering around the city, as a kind of big insect whose legs are the legs of the men who transport him to organize an settlement. Due to its incongruity, this ironic cross-section decontextualizes an inexpressive city, giving it an entirely new affective tone, causing the spectator to breathe joyfully, a kind of joy in which the impossible is achieved.

CONCLUDING REMARKS TO EXTEND OUR JOURNEY

To conclude our trip, I believe there are two ways to respond to the challenge of this audacious Event (Resensitizing Cities / Resensitizing Cities) that we are in. On the one hand, to advance research on ambiances; on the other hand, to point out the possibilities of improving specialized practices in architectural and urban environments.

In research, there are three ways to observe and understand ambiances.

DIVING / IMMERSING

The first way to do this is an immersion according to the general scheme described in the first part of our journey. This is our most intuitive and immediate everyday attitude, and that which concerns the ethnographer, but the main difference here is that there is fluctuating attention ready to capture notable indicators or relevant traits that characterize the typicality of that environment at that time.

These highlights in the environmental flow that have an influence on our feeling of the situation and our behaviors, but that most of the times do not reach consciousness, are, for example, the qualitative limits, the sensory dominants, the rhythm of the evolution of the sensitive phenomena etc. There is no research, then, without singular and contextualized matter. The ambiances, the atmospheres are described as the interior. Once these indicators are collected, the problem for the ethnographer (or aspirant) is access to the universal, generalization and verification expected in a research report.

However, it is impossible to reproduce these phenomena in a very detailed way, and also to group them. I remember that, more broadly, contemporary epistemology shows the impossibility of a suspension / impartiality approach for the researcher. Observation conditions always permeate the process and the results.

The declaration of relatively comparable interactions, the structural analysis of a sequence and the narrative of the observer's experience are left to be compared with the

narrative of the inhabitants of the place researched. Among other references, we can mention the techniques of directing the narratives, “*de la conduite de récit*” (AUGOYARD, 2001a), an interview about reactivated listening, “*l’entretien sur écoute réactivée*” (AUGOYARD, 2001b), and the method of commented walks, “*la méthode des parcours commentés*” (CHELKOFF; THIBAUD, 1997).

IDENTIFY CONCEPTS THAT ARE ADAPTED TO THE FIELD OF AMBIANCES

The second means is to find concepts adapted to the field of ambiances. It is not an easy process, when it comes to ambiances, because the transition from the observed atmosphere to the conceptualized ambiance remains tense and dangerous (cf. DUARTE; THIBAUD, 2013). Not an easy task, because there is no concept that is entirely adequate.

Whether it is a concept in the field of physics, or in the human and social sciences, or in the sciences of conception and representation of built environments, it will undoubtedly be relevant and enlightening for the ambiances learned from the field they come from, but will always carry along the kind of resulting thought process.

However, an environmental phenomenon is always complex. It is necessary - therefore, to “forge” (as Nietzsche said) new transversal concepts open to the different disciplines involved and to the extremely diverse and evolving variety of situations in the ambiance. If they are not closed concepts, they must be paradigms, concepts that gather together and represent as many unique situations as possible. We can cite, as an example of paradigms, the effects (used previously), the figures (as figures of displacements) (AUGOYARD, 1979) and the ambiance itself, developed in our laboratory “Ambiances, Architecture, Urbanities” for at least thirty years and valued from an interdisciplinary perspective due to their scope.

DEVELOPING AN ENVIRONMENTAL ACTION THEORY

This third guideline was the least used in the set of international research on ambiances. What is an environmental action when we generally think that an environment is essentially a matter of perception? Who creates / makes the ambiances? How do we create an ambiance in everyday life? How are they manufactured by professionals in architecture, urbanism, landscaping, *design*? How do donors of ambiances operate, such as station markers, the types of appearances by those who occupy public space? I like this phrase by Pat Calahan: “People are the city’s melody”.

HOW TO IMPROVE SPECIALIZED PRACTICES IN ARCHITECTURAL AND URBAN ENVIRONMENTS?

In this field, there are genuine questions that I want to ask ingenuously. But the conference will be the right time to clarify many things with each of your skills contributing.

I believe that initially we must promote environmental qualification based on the pleasures of immersions. I am specifically considering the accentuations given to architectural rhythms, the color treatments, the qualitative variety of materials, the aerial landscape composed of the mass of the urban totality without details, and the differences in the depth of buildings. Undoubtedly, any architecture and any successful urban composition, intending to provide pleasure and emotion, precisely respects this wealth of qualities.

But the balance is a little complicated between what does not reach the senses, which proposes a latent atmosphere and the appreciation of different sensitive signs that will attract a perceptual activity, perhaps a game, sources of aesthetic pleasure. In any case, there is important work to be done on the emergence of passive sensitive properties in organized space.

I would just like to evoke a remarkable architectural example. During a four-year research project in Paris and two other French cities, in order to better understand the aesthetic perception in architecture (AUGOYARD *et al.*, 2003), we found something absolutely

unanimous: all inhabitants complain about the absence of variety in certain architectural compositions (very simple coatings, monotonous panels, monotonous urban masses and very regular proportions were mentioned). We don't like anything that is standard, that perception cannot cling to - it's good to point this out, regardless of the style and type of urban fabric. It is the wealth of sensitive information that must therefore be valued.

Then, and this is not contradictory, we must not forget the value of positive non-intervention. The excess of stimuli, the excess of architectural gestures provoke a feeling of discomfort. Bernard Lassus (1995), an architect and landscape architect who dealt with the *design* of several cruise ships, noticed that people complained that everything was too predictable, everything was determined by leisure. He then proposed an empty and neutral space, like breathing within the overabundance of the affected spaces. A positive non-intervention in a master plan, a project for a neighborhood as a whole would encourage us to take care of the holes, the white, empty spaces, the "escape" zones. This seems very important and also involves the responsibility of people working on the ambiances.

Last practical conclusion: ***offerings should receive incentives***. We still see many architectural and urban designs that do not offer possibilities for imagination and stimulus to the *affordances* presented by Gibson (1979). For designers, among others, the choice is difficult, but, when composing shapes and volumes, there is always the opportunity to accentuate small accidents, roughness, folds, angles, perforations, sound or light reverberations, enigmatic or paradoxical signals - all non-mandatory passive propositions that provide freedom to grasp these small gestures or not. I think that we must always rehabilitate the dimensions of the organic, plural and disparity elements that can provide pleasure and comfort to the spaces we inhabit. It is a discreet but effective way to "resensitize" the city.

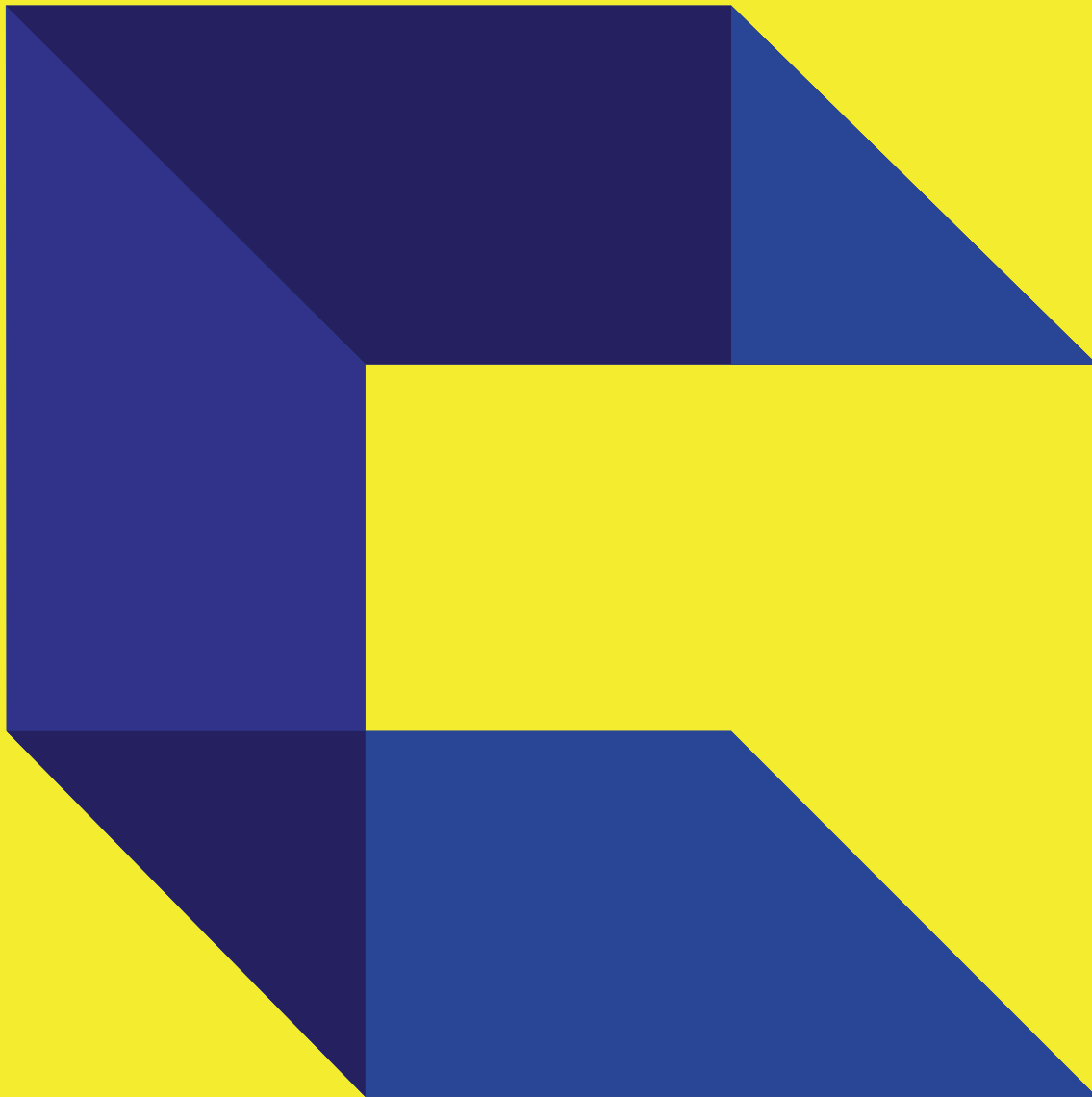
REFERENCES

- AUGOYARD, E. 13 interludes filmiques pour les ambiances. *In*: AUGOYARD, J.-F. (dir.). **Faire unites ambiance**. Grenoble: À la Croisée, 2011. p. 474-481. (Actes de Colloque).
- AUGOYARD, J.-F. *et al.* L'espace urbain et l'action artistique. **[Rapport de recherche] 42 bis**, CRESSON; Plan Urbain, 2000, 115 p.
- AUGOYARD, J.-F. *et al.* **L'expérience esthétique ordinaire de l'architecture**. Grenoble: CRESSON UMR 1563; Ministère de la Recherche, ACI Ville, 2003. 2 tomes, 521p.
- AUGOYARD, J.-F. *et al.* Médiations artistiques urbaines. **[Rapport de recherche] 42b**, CRESSON; DDF; FAS; DIV; Ministère de la culture; Plan urbain, 1999, 207 p.
- AUGOYARD, J.-F. La conduite de récit. *In*: GROSJEAN, M. ; THIBAUD, J.-P. **L'espace urbain en méthodes**. Marseille: Editions Parenthèses, 2001a.
- AUGOYARD, J.-F. La sonorización antropológica del lugar. *In*: AMERLINCK, MJ (ed.). **Hacia una antropología arquitectónica**. Trad. JL Carles. Jalisco, Mexico: Ed Universidad de Guadalajara, 1995a. (Colección Jornadas Académicas).
- AUGOYARD, J.-F. La vue est-elle souveraine dans l'esthétique paysagère ?. *In*: ROGER, Alain (ed.). **La théorie du paysage en France (1974-1994)**. Seyssel: Ed. Champ Vallon, 1995b.
- AUGOYARD, J.-F. L'entretien sur écoute réactivée. *In*: GROSJEAN, M. ; THIBAUD, J.-P. **L'espace urbain en méthodes**. Marseille: Editions Parenthèses, 2001b.
- AUGOYARD, J.-F. **Pas à pas**: essai sur le cheminement quotidien en milieu urbain. Paris: Ed du Seuil, 1979.
- AUGOYARD, J.-F.; TORGUE, H. **A l'écoute de l'environnement**: répertoire des effets sonores. Marseille: Parenthèses, 1995.
- AUGOYARD, J.-F. ; TORGUE, H. (eds.). **Repertorio degli effetti sonori**. Lucca: Libreria Musicale Italiana, 2004. [Trad. di Sabrina Doria, a cura di Adolfo Conrado, versione riveduta e corretta da J. F. Augoyard].
- AUGOYARD, J.-F. ; TORGUE, H. (eds.). **Sonic experience**. Montréal: McGill University Press, 2006.
- BALEZ, S. **Ambiances olfactives dans l'espace construit**: perception des usagers et dispositifs techniques et architecturaux pour la maîtrise des ambiances olfactives dans des espaces de type tertiaire. 2001. Thèse (Doctorat en Architecture, aménagement de l'espace) – Université de Nantes, 2001.
- BINNSWANGER, L. **Das Raumproblem in der Psychopathologie**. Berlin: Springer, 1933. [Trad. Fr. : The problem of space in psychopathology. Toulouse: Université Toulouse II Le Mirail, 1999].
- BINNSWANGER, L. **Introduction à l'analyse existentielle**. Paris: Éditions de Minuit, 1971.
- CERTEAU, M. de. Délires et délices by Jérôme Bosch. **Jardins. Contre Nature. Traverses**, Paris, n. 5/6, p. 37-54, 1976.
- CHELKOFF, G. ; THIBAUD, J.-P. **Ambiances sous la ville**. Grenoble: CRESSON; ENSAG, 1997.
- CHELKOFF, G. ; THIBAUD, J.-P. **Les Mises en vue de l'espace public**. Grenoble: CRESSON, 1992.
- DA VINCI, L. **Carnets**. Paris: Gallimard, 1942.
- DUARTE, CR de S. ; THIBAUD, J.-P. **Ambiances urbaines en partage**. Paris: Métis Presses, 2013.
- FOUCAULT, M. **Les mots et les choses**. Paris: Gallimard, 1968.
- GIBSON, JJ **The ecological approach to visual perception**. Boston: Houghton Mifflin Harcourt, 1979. [Trad. Fr. : Approche écologique de la perception visuelle. Paris: Ed Dehors, 2014].
- GOFFMAN, E. **Ritual interaction**: essays on face-to-face behavior. New York: Pantheon Books, 1982.

- GOFFMAN, E. **The presentation of self in everyday life.** Edinburgh: University of Edinburgh; Social Sciences Research Center, 1959.
- GOMBRICH, E. **Art and illusion. A Study in the Psychology of Pictorial Representation.** Oxford: Phaidon Press, 1987.
- LASSUS, B. L'obligation de l'invention: du paysage aux ambiances successives. *In*: ROGER, A. (ed.). **La théorie du paysage en France (1974-1994).** Seyssel: Champ Vallon, 1995. p. 424-437.
- QUASIMODO, S. **Acque e terre.** Firenze: Solaria, 1930.
- ROGER, A. **Nus et paysages.** Paris: Aubier, 1978.
- SCHMITZ, H. **Kurze Einführung in die Neue Phänomenologie.** Freiburg: München, 2014.
- STRAUSS, E. **Vom Sin der Sinne.** Berlin: Springer Verlag, 1935. [Trad. Fr. : Du sens des sens. Grenoble: Ed. Jérôme Million, 1989].
- TELLENBACH, H. **Geschmack und Atmosphäre.** Salzburg: O. Müller, 1968. [Trad. Fr. : Goût et atmosphère. Paris: Presses universitaires de France, 1983].
- WITTGENSTEIN, L. **Tractatus Logico-Philosophicus.** London: Routledge, 1922.

JEAN-FRANÇOIS AUGOYARD

Undergraduate degree in Philosophy, Sociology, Musicology. PhD in Urban Planning. Research coordinator (HDR) at the Centre National de la Recherche Scientifique (CNRS) in France. Founder of the Center de Recherche sur l'espace sonore et l'environnement urbain (CRESSON). Visiting professor at several universities around the world. He has published in several countries (books and articles) and has guided a large number of theses since he founded the post-graduate department "Ambiances architecturales et urbaines".



RUMO A UMA “ECOLOGIA AMBIENTE” DO URBANO¹

O mundo urbano contemporâneo desafia cada vez mais nossos modelos de inteligibilidade e nossas capacidades de compreensão. Sujeitos a alterações inéditas, multiformes, mais ou menos manifestas ou latentes, de magnitude variável de acordo com as regiões, o urbano tende a se tornar um verdadeiro enigma, a abalar nossas certezas e nossos modos de ser mais definidos. As transformações do mundo em que vivemos não se manifestam em nossas experiências sensoriais mais banais e cotidianas? O campo sensível não é um analista e um operador particularmente poderoso para explorar as transformações em nossos modos de habitar?

Como observou corretamente Félix Guattari (1992, p. 141), “O poder estético de sentir, embora seja igual ao direito de outros poderes de pensar filosoficamente, de conhecer cientificamente, de agir politicamente, parece-nos estar em vias de ocupar uma posição privilegiada dentro dos arranjos coletivos de enunciação de nosso tempo”. Devemos compreender que, nessa estética, trata-se de sentir – fluxos, tonalidades, atmosferas, afetos e outros vetores de intensidade da experiência que a partir de agora tem precedência sobre

1. Este texto foi publicado em francês em versão estendida. Disponível em: <http://journals.openedition.org/eue/2135>. O título original do texto de Jean-Paul Thibaud é “Vers une écologie ambiante de l’urbain”. Para a tradução do termo “écologie ambiante”, um neologismo proposto pelo autor em sua língua natal, o francês, optamos por manter a tradução mais direta (‘ecologia ambiente’), sempre entre aspas simples, por acreditar que o termo precisa ser entendido como um conceito. O mesmo procedimento se manteve para quando a palavra ‘ambiente’ se apresentou, no texto, associada ao conceito (N.T.).

um mundo cheio de objetos e de substâncias. Esse novo paradigma estético que Guattari chamava de seus desejos e que ele mobilizava para fundar sua ecosofia se situa no centro dos debates que atravessam atualmente os estudos urbanos. De fato, o meio urbano funciona como uma condição de possibilidade, como o ressonador por excelência da experiência sensível contemporânea. Ele se estabelece como um formidável laboratório que permite revelar novas formas de sentir, de testar estruturas de pensamento originais e de experimentar dispositivos de investigação inéditos.

Mas então e quanto a esse poder estético de sentir? O que essa problemática do sensível revela sobre o mundo urbano atual e futuro? Como a problemática das ambiências e das atmosferas participa da renovação dos estudos urbanos?

INAUGURAR O URBANO AO SEU TEOR “AMBIENTE”

A ambiência faz parte de um movimento geral de abertura ao sensível e participa da emergência de novos quadros da sensibilidade. Evidentemente, as ambiências de hoje não são aquelas de ontem; a atmosfera das passagens parisienses do século XIX tem pouco a ver com aquela dos centros comerciais do século XXI. Porém, mais fundamentalmente, é a nossa maneira de ser sensível aos espaços que habitamos que está em processo de mudança. Um cenário inédito da pesquisa se desenha, visando compreender precisamente a relação socioestética que mantemos com nossos meios de vida. Sem dúvida, estamos envolvidos em um momento histórico de tematização e de transformação de nossas condições sensíveis de existência. A esferologia de Peter Sloterdijk (2005a, p. 30) descreve com grandes detalhes esse movimento de esclarecimento que contribui para “a elevação do atmosférico ao nível da teoria”. O sensível está efetivamente emergindo à superfície, sendo ouvido, e a ambiência é um dos seus porta-vozes mais poderosos. Se esse aumento no poder do sensível não é mais demonstrado, é possível então se perguntar por que as ambiências e as atmosferas sensíveis são proeminentes no assunto. Dois argumentos principais podem ser levantados, afirmando a capacidade da ambiência de convocar uma versão fortalecida do sensível e de pôr à prova o ordinário do urbano.

UMA VERSÃO FORTALECIDA DO SENSÍVEL

Sem entrar em detalhes, é importante entender que a ambiência não é um domínio sensível entre outros, mas sim aquilo pelo qual o mundo se torna sensível. Desse ponto de vista, a ambiência não seria outra senão a carne do mundo sensível. Portanto, ela não é um objeto de percepção – como um espetáculo ou até mesmo uma paisagem poderia ser, por exemplo –, mas a própria condição da percepção. Enquanto meio (ar, som, luz etc.), intermediário, *metaxu*, a ambiência é o que torna a percepção possível, é a partir do como percebemos, o que *faz o sensível existir* (COCCIA, 2010). Em outros termos, nós não percebemos a ambiência propriamente dita, nós percebemos *segundo* ela. Essa observação é importante: faz da ambiência o lugar por excelência de formação de nossos hábitos perceptivos, da ativação de nossos esquemas sensorio-motores e do envolvimento de nossa relação socioestética com o mundo. Isto é, compartilhando perceptos anônimos e sentindo afetos² impessoais, a ambiência impregna nossos meios de vida e infunde a sensibilidade contemporânea (THIBAUD, 2018).

O mesmo acontece com o poder formador da ambiência, à sua capacidade de abrir o mundo urbano ao seu teor sensível e às suas nuances atmosféricas. De certa forma, uma ambiência filtra o que é perceptível e imperceptível, distribui o habitual e o incomum em termos de sensação, traça os pontos cegos da percepção, participa fundamentalmente do compartilhamento do sensível. Em suma, se há transformação da nossa sensibilidade, então nós devemos ser capazes de encontrar vestígios nas ambiências que nos habitam no dia a dia. Nós a compreendemos – a ambiência ergue-se do fundo prático da experiência, convoca nosso senso de nuances e nossa sensibilidade às pequenas percepções, e dá o tom para nossos feitos e gestos mais comuns. Ela aparenta ser o que François Bonnet (2015, p. 72) chama de *inframundo*: “o meio das sensações não objetivas, das impressões inconscientes, dos eventos mal percebidos, ou não notados suficientemente para ser lembrados”. Estamos aqui no limiar do perceptível, no nível das microssensações, no seio do reino da

2. A palavra “affecto” aparece várias vezes no texto original (em francês). Em português, no sentido legado pelo texto, a melhor tradução seria “afetação” como empreendido por Deleuze em suas obras *Aula sobre Spinoza* (1978) e *Spinoza: filosofia prática* (2002). Portanto, para manter o termo livre de associações, decidimos manter a tradução como “afeto” (N.T.).

hipersensibilidade (GROSSMAN, 2017). Em nenhum caso pode ser reduzido ao registro de representação. A ambiência demonstra um poder de imersão, de impregnação e contágio que molda os nossos estados corporais e a nossa própria capacidade de sentir. É menos uma questão de apreciação estética particular do que leva a restaurar um pensamento de *aisthesis* e a questionar a própria disciplina estética.

A PROVA SENSÍVEL DO COTIDIANO URBANO

Mas então o que o ambiente urbano faz com as ambiências e, reciprocamente, o que elas fazem a ele? Se a noção de ambiência permite prestar atenção às nuances do infrassensível e às suas inflexões mais tênues, ela só tem existência efetiva em relação a situações concretas e contextos singulares. Devemos, portanto, falar das ambiências no plural, em suas diversidades e suas especificidades.

Basta ler relatos de experiências das cidades para constatar como suas ambiências diferem e entender como os blocos de sensação são formados e modalizados de acordo com os ambientes urbanos (THIBAUD; THOMAS, 2004): as ambiências de Los Angeles se dariam preferencialmente no modo de furor (NANCY, 2011); as de Las Vegas procederiam mais de uma experiência alucinatória (BÉGOUT, 2002); enquanto as ambiências de Moscou do século passado emergiriam preferencialmente de desestabilização e de hesitação (BENJAMIN, 1983). Não se trata, nesses exemplos, de essencializar ou estereotipar tais meios ambientes (seria necessário, aliás, voltar precisamente à escala concreta das situações), mas, sobretudo, de aumentar seu poder de informar e reconfigurar maneiras de sentir, de colocar o corpo em certas disposições sensório-motoras e afetivas, de modelar e modular a *pele atmosférica da cidade* (GRIFFERO, 2013). Visitantes ocasionais dessas cidades, nossos três autores são levados a descentralizar, a revisar as formas normais de sua percepção, a se aclimatar com essas novas atmosferas, tornando-se significativamente outro.

Nas palavras de Jean Ladrière (1973), a cidade funciona como um verdadeiro *indutor afetivo ou existencial*. Ela demonstra um poder tonalizante que delimita e enquadra os afetos coletivos. Se o sensível da ambiência é fundamentalmente discreto e difuso, quase imperceptível, ele é, no entanto, canalizado. Nunca se manifestando no estado selvagem, é filtra-

do, domesticado e normalizado por nossas formas de vida urbana. A cidade, portanto, coloca o sensível em condição, ela lhe dá consistência, conferindo-lhe seu caráter ordinário e familiar. É a esse preço que nosso relacionamento com o mundo cotidiano é mantido em um contexto de segurança ontológica, de confiança de base, nos garantindo a continuidade e a confiabilidade de nossos meios de vida (COURTRIGHT, 2013). Nesse sentido, trabalhar uma ecologia urbana das ambiências significa atualizar as modalidades e os processos que participam dessa política do sensível.

Seria, portanto, um erro procurar hipostasiar o sensível e tentar pensar nele independentemente das condições que o informam e dos contextos que o especificam. Se a ambiência se mostra particularmente operante em matéria de ecologia urbana é porque ela postula um sensível encaixado nos territórios e nas materialidades, nas narrativas e nas atividades, nos climas e nas sociabilidades, nas expectativas normativas e nos afetos de fundo. Estar atento às ambiências consiste então em demonstrar sensibilidade aos esquemas complexos que tecem o mundo perceptível, ao fundo indistinto e às linhas de força que cruzam uma situação. De certa maneira, uma ambiência constitui uma composição de base, um formato elementar a partir do qual o sensível emerge ao urbano e se presta à experiência.

A URBANIDADE POSTA EM AMBIÊNCIA

Essa “ecologia ambiente” consiste em interessar-se pelos processos de estetização dos espaços urbanos. Alguns a veriam como um caso particular de estetização do mundo na era do capitalismo contemporâneo (LIPOVETSKY; SERROY, 2013), enquanto outros reconheceriam uma expressão da *arte ao estado gasoso* (MICHAUD, 2003). Evidentemente, essa estetização do urbano não é de forma alguma reduzida a simples operações de embelezamento ou decoração de espaços habitados; pelo contrário, ela procede do resultado de seu governo sensorial, de sua “ambientação”. É então o lugar do corpo e a experiência sensível que é afirmada, tanto como um valor antropológico fundamental de habitar quanto como um instrumento privilegiado da *economia da experiência* (PINE; GILMORE, 1999). A própria noção de experiência revela agora uma questão socioeconômica na construção da cidade e se impõe como uma das chaves mestras da governança urbana (HASSE, 2014). A

ambiência – enquanto operadora privilegiada de experiência sensível – é, portanto, objeto de crescente cuidado, de uma formatação e de uma ordenação deliberadas e, às vezes, até de uma instrumentalização estratégica. Em outras palavras, ela se mostra cada vez menos uma *consequência não intencional da ação* (SOUBEYRAN, 2014).

Podemos, portanto, nos perguntar como as ambiências participam de diversas figurações da cidade contemporânea: da patrimonialização da cidade histórica aos novos palcos da cidade criativa, do *design* funcional da cidade móvel à vegetalização da cidade sustentável, do ar condicionado da cidade subterrânea à animação da cidade do evento, do condicionamento da cidade mercantil à gentrificação da cidade central – tantas intervenções singulares que participam da estetização “ambiente” dando o tom a esses espaços. Estamos então testemunhando o surgimento de uma *ambiência-manifesta*, consciente em se tornar a vitrine urbana, exibindo uma imagem de marca sedutora e ansiosa para mostrar uma atmosfera atrativo? A ambiência teria se tornado um domínio para mostrar e exibir? Uma pluralidade de mundos urbanos se desdobra aqui, e a ambiência desempenha um papel específico em cada um deles, em sua capacidade de lhes instalar, lhes qualificar e lhes dar vida. Compreendemos que os modos de existência das ambiências urbanas são múltiplos e variados, atuando tanto em meios naturais como em ambientes artificiais.

Um verdadeiro canteiro seria aberto nessa área, distinguindo entre as formas de ambientação³ do urbano e especificando como o domínio sensível se encontra encaixado nos processos de transformação da cidade. Nessa perspectiva, não se trataria tanto de vislumbrar tipos de espaços ou figuras da cidade, mas sim de se interessar nas condições da experiência sensível urbana: se interrogar, por exemplo, sobre a higienização do nosso ambiente de vida (SENNETT, 2002; THOMAS *et al.*, 2009), a programação urbana de animação (HAJER; REIJNDORP, 2001), a emergência de uma cidade garantida (BREVIGLIERI, 2013), a espetacularização do urbano (JEUDY; BERENSTEIN-JACQUES, 2006), a uniformização da estrutura de vida (JEUDY, 2003), o reino das sensações fracas (KOOLHAAS, 2011) ou do urbanismo *clean* (DOLLE, 2005). Tantas propostas tentam explicar as deficiências e as formas deri-

3. Por indicação do autor do texto, traduzimos a expressão “mise en ambiance”, em francês, por “ambientação”; em português, apesar do significado imediato de “ambientação” referir-se à “aclimação” na língua portuguesa (N.T.).

vadas de estetização da cidade. Tudo acontece como se a cidade atual participasse de um empobrecimento de experiências sensíveis e de uma redução no campo das percepções.

Segundo outro caminho, poderíamos partir de uma lógica do sensível e nos questionar sobre as operações elementares que participam de uma ambientação. Seria menos uma questão de descrever detalhadamente a deterioração das qualidades e amenidades urbanas do que considerar o próprio poder das ambiências de fazer (e desfazer) o território com o sensível. O conceito de *ritornelo*, desenvolvido por Gilles Deleuze e Félix Guattari (1980), é um modelo, possibilitando compreender como traços sensíveis e marcas expressivas qualificam um território e operam um arranjo territorial. Assim, poderíamos nos perguntar qual é a capacidade de uma ambiência para *animar* (insuflar a vida), *condicionar* (influir condutas), *climatizar* (controlar as condições), *atmosferizar* (impregnar os espaços) e *tonalizar* (compor os afetos) um meio urbano. Uma gramática generativa seria desenvolvida, descreveria as diversas modalidades de sensibilização dos espaços habitados. É aqui que o poder crítico da noção de ambiência está verdadeiramente em ação, permitindo mostrar os processos subjacentes constitutivos da instalação de uma atmosfera comum na qual banha qualquer pessoa. Se existe política das atmosferas, é no nível pré-discursivo que deve ser procurado, na capacidade de um espaço para imergir e impregnar um público, na sua aptidão de produzir um meio compartilhável. Essa psicopolítica consiste então em desconstruir o condicionamento atmosférico necessário para que um espaço público possa existir e perdurar (SLOTTERDIJK, 2005b).

Sem dúvida, seria um erro procurar afiliar demasiadamente a ambientação do urbano a determinado tipo de território ou de saber. Estamos realmente lidando com um movimento transversal, difuso e multiforme, que tende a estender-se a todas as áreas da vida urbana. A ambiência funciona ao mesmo tempo como um analista e como um operador das transformações sensíveis da urbanidade contemporânea. Aqui reside o interesse heurístico de uma perspectiva em termos de ambiência: poder circular entre múltiplas escalas (da microssituação urbana ao espaço globalizado das cidades), colocando-se ao serviço de questões muito diversas (segurança, saúde, risco, comércio, transporte, hospitalidade, turismo, museografia etc.), articulando dimensões técnicas, estéticas e sociais num mesmo movimento (AMPHOUX, 2006). Os anais dos três congressos internacionais sobre

as ambiências (AUGOYARD, 2011; THIBAUD; SIRET, 2012; REMY; TIXIER, 2016) testemunham essas numerosas orientações.

Se a ambiência é frequentemente solicitada nos trabalhos que tratam do bem-estar e da qualidade de vida urbana, ela também é fortemente mobilizada numa versão mais crítica. Trata-se então de descrever como a ambientação do urbano se inscreve no contexto da cidade neoliberal e de uma psicopolítica usando *emotional design* e o *smart power* (HAN, 2016). Uma abordagem pelas ambiências permite, por exemplo, compreender como os processos de globalização estão sendo estabelecidos e realmente tomando forma (URRY *et al.*, 2016). Particularmente formatada e condicionada, a ambiência dos aeroportos é analisada como uma manifestação concreta da globalização e como um fenômeno mais geral que se propaga para além dos estritos ambientes aeroportuários. Sem dúvida, nós temos um exemplo concluído da produção de um ambiente hermético e artificial, se inscrevendo como parte de um movimento geral de *capsularização* de espaços coletivos (DE CAUTER, 2004). Outros tomarão o *shopping* (CRAWFORD, 1992; PERON, 2004) ou o *parque temático* (SORKIN, 1992; BÉGOUT, 2010) como casos paradigmáticos do devir “ambiente” do mundo.

Vários pesquisadores estão investigando empiricamente essas tendências urbanas contemporâneas, se apoiando em estudos de casos concretos para destacar um novo regime de experiência sensível: a *disneyficação* da Times Square permite mostrar como uma paisagem urbana é transformada em *imagescapes* pelo valor de mercado e dá origem a um sentimento de reencantamento, de ordem da simulação e da suspensão da incredulidade (BOYER, 2000); a privatização dos espaços públicos na Potsdamer Platz em Berlim ilustra como a ambiência participa de uma nova estratégia de poder jogando a inclusão, a sedução e uma verdadeira economia do afeto (ALLEN, 2006); a disposição de diversas ambiências no gigantesco shopping ION Orchard em Singapura revela como cada uma delas se direciona a um segmento particular da sociedade, ao mesmo tempo que contribui para forjar a identidade afetiva dessa cidade-Estado (HUDSON, 2015). Nesses trabalhos, tudo acontece como se essas ambiências participassem, de certa forma, de uma desrealização da experiência urbana, de uma relação distendida com a realidade da ordem da flutuação e do maravilhoso, saindo, de certa maneira, de uma *plataforma de sonho* (RATOUIS, 2004). Walter Benjamin (1989) não tinha antecipado tal evolução em seu tempo quando fazia das passagens parisienses o reino da fantasmagoria urbana consagrando a estetização da mercadoria?

As ambiências de hoje se inscrevem em um processo massivo de mercantilização e *comoditificação*. Trata-se, portanto, de participar do *marketing* urbano, de implementar novas técnicas de *branding*, de *packaging* e de *benchmarking* para dar às cidades uma identidade e *climatizar o mercado* (GRANDCLÉMENT, 2004). Em seu *Estética das atmosferas*, o filósofo alemão Gernot Böhme (2017) elabora, a esse propósito, uma crítica da economia estética contemporânea. Baseando-se nas teorias de Walter Benjamin e Jean Baudrillard, ele vem propor a noção de *staging-value*, complementar às noções mais clássicas de valor de uso e de valor de troca. Essa crítica à estetização do mundo comercial convide-nos, assim, a tomar nota do papel que as atmosferas desempenham na sua capacidade de expor e valorizar os produtos de consumo, de incitar à compra vendendo uma imagem e suscitando o desejo (MICHAUD, 2013). Experimentada desde os anos 1970 (KOTLER, 1973), essa estratégia comercial intervém em múltiplos fatores da ambiência, como na música, nas cores, nos cheiros e em outras sensações táteis. A ambiência torna-se aqui um instrumento utilizado para fins comerciais, visa aos cidadãos enquanto consumidores, e é concebida de maneira a produzir efeitos específicos. Nesse contexto, ela perde o seu poder crítico para se tornar um instrumento a serviço da cidade neoliberal e da *kenourbanização* (DEAR, 2002). De certa forma, a ‘ecologia ambiente’ do urbano encontra aqui a nova escola de ecologia urbana em Los Angeles.

Por mais importante que sejam, tais trabalhos não devem mascarar a diversidade do mundo urbano e a insistência dos meios ambientes em perseverar nas suas formas ordinárias, plurais e informais. Se as observações anteriores revelaram justamente a incursão do capitalismo contemporâneo nos espaços urbanos, não é menos verdade que a ambiência está, na maior parte do tempo, implantada em qualquer espaço, mais discreto e silencioso, menos espetacular, sem *lugar susceptível de ser circunscrito como um lugar próprio* (CERTÉAU, 1980). Isso quer dizer que uma ambiência não se decreta tão facilmente. A produção de espaços introvertidos nas ambiências formatadas constitui apenas um dos lados da realidade urbana contemporânea, mesmo que testemunhe uma força de influência crescente. A parcela de práticas sociais, memórias habitantes, costumes locais e sociabilidades públicas não se dá por acaso na existência atmosférica de uma situação urbana (ANGIBOUST *et al.*, 2014). Sobre isso poderíamos falar da *aderência ambiental de um lugar*, da força de uma ambiência local de persistir e perdurar, da sua resistência à mudança de uma forma excessivamente voluntarista e súbita. É assim que poderíamos

igualmente tomar a medida das práticas urbanas comuns que contribuem para instalar as atmosferas e configurar o meio ambiente, de modo a torná-lo habitável, até mesmo hospitaleiro (CHASE; CRAWFORD; KALISKI, 2008; AMIN, 2014). Talvez devesse ser feita uma distinção da ambientação dos espaços urbanos, entre *instaurar* e *instalar* uma ambiência, entre implementar uma estratégia de sedução e imediatismo comercial, e apoiar o mundo no dia a dia, permitindo trabalhar as práticas informais e as impregnações sustentáveis (THIBAUD, 2014). Isso se aplica aos desafios da ambiência para o seu poder de imersão, de sua capacidade de afetar e tonalizar os meios de vida de uma forma mais ou menos aberta ou restritiva.

A EMERGÊNCIA DE UMA SENSIBILIDADE “AMBIENTE”

Abrindo o caminho para uma concepção situada, encarnada e partilhada do mundo sensível, a ambiência se situa na interface da pesquisa e da produção. Ela permite conduzir a investigação bem como projetar, questionar a cidade sensível (poder heurístico), assim como moldá-la (poder operativo). Mas também, como uma espécie de Janus de duas faces – imagem dialética ao estilo Walter Benjamin –, ela pode funcionar ainda como uma ferramenta poderosa de crítica e desconstrução dos meios urbanos, assim como um instrumento ativo e eficaz da cidade neoliberal. Sem dúvida, a ambiência é um bem comum que podemos cultivar ou degradar, cuidar ou abusar. Isso significa que, se interessar pelos fenômenos “ambientes” é o caráter mais precário e frágil da existência urbana que é posto à prova.

Finalmente, o que mostraria uma ‘ecologia ambiente’ do urbano e o que ela traria a mais para os estudos urbanos? Digamos, primeiramente, que se trata de ressaltar uma ecologia sensível que devolve o direito à cidade às entidades fugidias e frágeis que são os fluxos, as atmosferas, os climas. Quer dizer que o ambiente urbano não é redutível a um mundo de objetos ou entidades bem definidas, mas também procede de um espaço fluido, poroso e difuso, em contínuo movimento, formação e transformação. Devemos, portanto, aprender a reconhecer esse mundo de existências menores (LAPOUJADE, 2017), que passa a maior parte do tempo despercebido, mas não é menos efetivo. Tal programa poderia abrir o caminho para uma nova ecologia das situações urbanas, atenta aos fenômenos de envol-

vimento e impregnação constitutivos de toda experiência situada. Situada sob a égide do sentir, da nossa capacidade de ser afetados pelo meio envolvente, essa ‘ecologia ambiente’ dotar-se-ia dos meios para captar e descrever as várias tonalidades urbanas que infundem o mundo contemporâneo. A esse respeito, a questão já não seria apenas compreender como o urbano se fabrica e se transforma, mas também compreender que tipos de entradas, influências e afetos lhe dão origem.

Vizinha da Escola de Chicago e da nova Escola de Los Angeles, relacionada tanto à ecosofia de Felix Guattari como à ecologia da percepção de James Gibson, essa ‘ecologia ambiente’ do urbano participaria assim da *emergência de uma sensibilidade à existência “ambiente” dos nossos meios de vida*. Ao aguçar a nossa sensibilidade às micropercepções e às nuances da experiência, aos afetos da vitalidade e aos poderes de ação, ela funcionaria como uma espécie de guia pela atenção: atenção aos sentimentos difusos de vulnerabilidade que um ambiente urbano pode suscitar, às sensações de desorientação de um mundo difícil de reconhecer, aos fenômenos de baixa intensidade que tornam um espaço habitável e hospitaleiro. Não é menos que a nossa relação sensível com os espaços habitados que está aqui em jogo, na sua dimensão vital e existencial. As formas de vida urbana teriam então que reportar às nossas formas de sermos sensíveis aos espaços que habitamos e com as nossas capacidades de mostrar pequenas atenções. Não estaríamos então a assistir a um movimento de sensibilização do próprio pensamento urbano?

REFERÊNCIAS

- ALLEN, J. Ambient power: Berlin's Potsdamer Platz and the seductive logic of public spaces. **Urban Studies**, v. 43, n. 2, p. 441-455, 2006.
- AMIN, A. Lively infrastructure. **Theory, Culture and Society**, v. 31, n. 7-8, p. 137-161, 2014.
- AMPHOUX, P. **Une expertise "ambiance" est-elle possible?** Réserve, propositions et plaidoyer. Paris: Éditions de la Villette, 2006. p. 57-68. (Cahiers RAMAU, n. 4).
- ANGIBOUST, S.; DOUSSON, X.; MELEMIS, S.; TIXIER, N. Retour vers le futur. "Études sur Paris", un film d'André Sauvage (1928). **Cahiers de la recherche architecturale et urbaine**, n. 30-31, p. 207-235, 2014.
- AUGOYARD, J.-F. (ed.). **Faire une ambiance**. Bernin: La Croisée, 2011.
- BÉGOUT, B. **Le Park**. Paris: Allia, 2010.
- BÉGOUT, B. **Zéropolis**: l'expérience de Las Vegas. Paris: Allia, 2002.
- BENJAMIN, W. **Journal de Moscou**. Paris: L'Arche, 1983.
- BENJAMIN, W. **L'œuvre d'art à l'époque de sa reproductibilité technique**. Paris: Allia, 2012.
- BENJAMIN, W. **Paris capitale du XIXe siècle, le livre des passages**. Paris: Éditions du Cerf, 1989.
- BÖHME, G. **The aesthetics of atmospheres**. New York: Routledge, 2017. [Edited by Jean-Paul Thibaud].
- BONNET, F. J. **L'infra-monde**. Paris: MF Editions, 2015.
- BOYER, C. Twice-told stories: the double erasure of Times Square. *In*: BORDEN, I.; KERR, J.; RENDELL, J.; PIVARO, A. (ed.). **The unknown city**: contesting architecture and social space. Cambridge, Mass.: The MIT Press, 2000. p. 30-53.
- BREVIGLIERI, M. Une brèche critique dans la ville garantie? Espaces intercalaires et architectures d'usage. *In*: LANZA, E. C.; PATTARONI, L.; PIRAUD, M.; TIRONE, B. (eds.). **De la différence urbaine**. Genève: MétisPresses, 2013. p. 213-236.
- CERTEAU, M. de. **L'invention du quotidien**: arts de faire. Paris: Gallimard, 1980.
- CHASE, J.; CRAWFORD, M.; KALISKI, J. (eds.). **Everyday urbanism**: expanded. New York: The Monacelli Press, 2008.
- COCCIA, E. **La vie sensible**. Paris: Payot, 2010.
- COURTRIGHT, J. M. Is trust like an "atmosphere"? Understanding the phenomenon of existential trust. **Journal for Philosophy in the Contemporary World**, v. 20, n. 1, p. 39-51, 2013.
- CRAWFORD, M. The world in a shopping mall. *In*: SORKIN, M. (ed.). **Variations on a theme park**. New York: Hill and Wang, 1992. p. 3-30.
- DEAR, M. (ed.). **From Chicago to L.A.**: making sense of urban theory. Thousands Oaks: Sage Publications, 2002.
- DE CAUTER, L. **The capsular civilization**. Bruxelles: NAI Publishers, 2004.
- DELEUZE, G.; GUATTARI, F. **Mille plateaux**. Paris: Minuit, 1980.
- DOLLE, J.-P. **Le territoire du rien, ou la contre-révolution patrimonialiste**. Paris: Lignes, 2005.
- GRANDCLÉMENT, C. Climatiser le marché: les contributions des marketings de l'ambiance et de l'atmosphère. **Ethnographiques**, n. 6, 2004. Disponível em: <http://www.ethnographiques.org/2004/Grandclement.html>.
- GRIFFERO, T. The atmospheric "skin" of the city. **Ambiances**, 2013. Disponível em: <http://ambiances.revues.org/399>.
- GROSSMAN, E. **Eloge de l'hypersensible**. Paris: Éditions de Minuit, 2017.
- GUATTARI, F. **Chaosmose**. Paris: Galilée, 1992.
- HAN, B.-C. **Psychopolitique**: le néolibéralisme et les nouvelles techniques de pouvoir. Paris: Circé, 2016.
- HASSE, J. Atmospheres as expressions of medial power. Understanding atmospheres in urban governance and under self-guidance. **Lebenswelt**, v. 4, n. 1, p. 214-229, 2014.
- HUDSON, C. ION Orchard: atmosphere and consumption in Singapore. **Visual Communication**, v. 14, n. 3, p. 289-308, 2015.
- JEUDY, H.-P. **Critique de l'esthétique urbaine**. Paris: Sens & Tonka, 2003.

- KOTLER, P. Atmospheric as a marketing tool. **Journal of Retailing**, v. 49, n. 4, p. 48-64, 1973.
- HAJER, M.; REIJNDORP, A. **In search of new public domain**. Rotterdam: NAI Publishers, 2001.
- JEUDY, H.-P.; BERENSTEIN-JACQUES, P. (eds.). **Corps et décors urbains**. Paris: L'Harmattan, 2006.
- KOOLHAAS, R. **Junkspace**. Paris: Payot, 2011.
- LADRIÈRE, J. La ville comme inducteur existentiel. *In: ---. Vie sociale et destinée*. Gembloux: Duculot, 1973. p. 139-160.
- LAPOUJADE, D. **Les existences moindres**. Paris: Minuit, 2017.
- LIPOVETSKY, G.; SERROY, J. **L'esthétisation du monde**. Vivre à l'âge du capitalisme artiste. Paris: Gallimard, 2013.
- MICHAUD, Y. **L'art à l'état gazeux**. Essai sur le triomphe de l'esthétique. Paris: Stock, 2003.
- MICHAUD, Y. **Le nouveau luxe**. Expériences, arrogance, authenticité. Paris: Stock, 2013.
- NANCY, J.-L. **La ville au loin**. Paris: La Phocide, 2011.
- PERON, R. **Les boîtes**. Les grandes surfaces dans la ville. Nantes: L'Atalante, 2004.
- PINE, J.; GILMORE, J. **The experience economy**. Boston: Harvard Business School Press, 1999.
- RATOUIS, O. **La plateforme du rêve**. Figures américaines de la fonction de loisir. Strasbourg: Ecole supérieure des arts décoratifs, 2004.
- REMY, N.; TIXIER, N. **Ambiances, demain**. Volos: Réseau International Ambiances; Université Thessaly, 2016.
- SENNETT, R. **La chair et la pierre**. Paris: Éditions de la Passion, 2002.
- SLOTERDIJK, P. **Ecumes sphères III**. Paris: Maren Sell Éditions, 2005a.
- SLOTERDIJK, P. Atmospheric politics. *In: LATOUR, B.; WEIBEL, P. (eds.). Making things public*. Cambridge, Mass.: MIT Press, 2005b. p. 944-951.
- SORKIN, M. See You in Disneyland. *In: ---. (ed.). Variations on a theme park*. New York: Hill and Wang, 1992. p. 205-232.
- SOUBEYRAN, O. **Pensée aménagiste et improvisation**. L'improvisation en jazz et l'écologisation de la pensée aménagiste. Paris: Éditions des archives contemporaines, 2014.
- THIBAUD, J.-P. **En quête d'ambiances**: éprouver la ville en passant. Genève: Métis Presses, 2015.
- THIBAUD, J.-P. Installing an atmosphere. *In: TIDWELL, P. (ed.). Architecture and atmosphere*. Helsinki: Tapio Wirkkala-Rut Bryk Foundation, 2014. p. 49-66.
- THIBAUD, J.-P. Les puissances d'imprégnation de l'ambiance. **Communications**, n. 102, p. 67-80, 2018.
- THIBAUD, J.-P.; SIRET, D. **Ambiances en actes**. Montréal: Réseau International Ambiances; CCA, 2012.
- THIBAUD, J.-P.; THOMAS, R. L'ambiance comme expression de la vie urbaine. **Cosmopolitiques**, n. 7, p. 102-113, 2004.
- THOMAS, R.; BALEZ, S.; BERUBE, G.; BONNET, A. **L'aseptisation des ambiances piétonnes au XXIème siècle**. Grenoble: CRESSON, 2009. (Rapport de recherche, n. 78).
- URRY, J.; ELLIOTT, A.; RADFORD, D.; PITT, N. Global utopia? On airport atmospherics. **Emotion, Space and Society**, v. 19, p. 13-20, 2016.

JEAN-PAUL THIBAUD

Graduado em Sociologia, doutor em Urbanismo e Planejamento Urbano. Docente na École Nationale Supérieure d'Architecture de Grenoble (ENSAG), pesquisador do CRESSON e professor orientador (Habilitation à Diriger les Recherches - HDL) junto ao CNRS. Fundador da Rede Internacional de Pesquisas sobre Ambiências (ambiances.net). Possui inúmeras publicações em revistas científicas de diversos países, e publicou diversos livros.



TOWARDS AN AMBIENT ECOLOGY OF THE URBAN

Contemporary urban world challenges our intelligibility models and understanding. The urban itself tends to become a real enigma that is subjected to unique multifaceted changes, which are more or lesser expressed and latent, but that shacks our certainties and most defined ways of living. Would the transformations in the world we live in manifest themselves in our most banal and ordinary sensory experiences? Would the sensory domain a particularly powerful analyzer and operator to explore changes in our ways of living? As properly stated by Félix Guattari (1995, p. 101), “The aesthetic power of feeling, although equal in principle with the other powers of thinking philosophically, knowing scientifically, acting politically, seems on the verge of occupying a privileged position within the collective Assemblages of enunciation of our era”. We must understand that, based on such an aesthetics, it concerns first and foremost feeling – flows, tones, atmospheres, affections and other vectors of the experienced intensity that, from now on, prevails over a pure world of objects and substances. This new aesthetic paradigm that Guattari elaborated and mobilized in order to launch his ‘ecosophy’ lies on the very core of debates that nowadays cross urban studies. Actually, the urban milieu works as the condition of possibility, as the very resonator of the contemporary sensory experience. It sets as an excellent laboratory that allows disclosing new forms of feeling, of testing original frames of thinking and of experiencing unique investigation devices.

But then, what about this aesthetic power of feeling? What does this problematic of feeling reveal about the current and future urban world? How does the problematic of ambiances and atmospheres participate in the urban studies’ renewal?

OPENING THE URBAN TO ITS AMBIENT FEATURE

Ambiance is part of a general movement of openness to the sensory and participates in the emergence of new sensitivity frames. Of course, nowadays ambiances are not the ones from yesterday; the atmosphere of Parisian passages from the 19th century has little to do with the ones from the 21st century's malls. However, based on an in-depth analysis, it is our way of feeling the spaces we live in that is undergoing changes. A unique landscape of research is to be drawn in order to accurately understand the socio-aesthetic relationship we have with our everyday environment. No doubt, we are living a historical moment concerning the configurations, assemblages and changes in our sensory conditions of existence. The 'spherology' developed by Peter Sloterdijk (2005a, p. 30) describes with details this enlightenment moment that contributes to the "elevation of atmosphere to the level of theory". The sensitive is indeed rising to the surface, making itself heard and ambiance is one of its most powerful resonator. If this rise of the senses is no longer to be demonstrated, it is possible asking why ambiances and affective atmospheres prevail in this subject. Two main arguments can be addressed to reinforce ambiance's ability to call for a strengthened version of the sensorial and to put to test the ordinary feature of the urban.

A STRONG VERSION OF THE SENSITIVE

Without getting into details, it is important understanding that ambiance is not a sensory domain among the other ones, but what the world becomes sensitive to. From this viewpoint, ambiance would be none other than the flesh of the sensitive world. Therefore, it is not an object of perception – such as a spectacle or even a landscape could be, for example – but the very condition for perception. As a medium (air, sound, light, among others), in-between, *metaxu*, ambiance is what makes perception possible, what we perceive from, what makes the *sensible realm exist* (COCCIA, 2010). In other words, we do not perceive ambiance itself, we perceive *based on* it. Such an observation is important: it makes ambiance the place for excellence for the formation of our perceptual habits, the activation of our sensory-motor schemes and for the engagement of our social-aesthetic relationship to the world. Thus, by sharing autonomous percepts and by feeling interper-

sonal affections, ambiance fulfils our means of living and gives birth to the contemporary sensibility (THIBAUD, 2018).

The same goes with the shaping power of ambiance, its ability to open the urban world to its sensitive content and atmospheric nuances. In other words, an ambiance filters what is perceptible and imperceptible, distributes the usual and the unusual in terms of sensation, it traces the blind spots of perception, and fundamentally participates in the communing and sharing of the sensorial world. In short, if there is any change in our sensitivity, then we must be able to find traces in the ambiances housing us in daily life. We understand it now – ambiance is rooted in the pathic feature of sensory experience, summons our sense of nuances and our sensitivity to small perceptions, and sets the tone for our most ordinary deeds and common gestures. It is similar to what François Bonnet (2015, p. 72) calls *infraworld*: “the midst of unobjectified sensations, unconscious impressions, events barely noticed, or not enough to be remembered”. We are in the very edge of what is perceptible, at micro-sensation level, in the core of the reign of hyper-sensibility (GROSSMAN, 2017). In no way reducible to the register of representation, ambiance shows a power of immersion, impregnation and contagion that shapes our body states and our very capacities to feel. It derives less from a particular aesthetic appreciation than leads to restoring a thought of *aisthesis* and to questioning the aesthetic discipline itself.

THE SENSORY TASTE OF URBAN ROUTINE

But, then, what does the urban do to ambiances and, on the other hand, what do they do to it? If the sense of ambiance allows paying attention to nuances of the infra-sensory and of its finest inflections, it just effectively exists within concrete situations and odd contexts. Therefore, we must talk about ambiances in the plural, given their diversities and specificities.

We just need to read the reports on the experiences of the cities to find out how their ambiances differ and to understand how the blocks of sensations are formed and fashioned based on urban milieus (THIBAUD; THOMAS, 2004): ambiances in Los Angeles would preferably take place at furor mode (NANCY, 2011), the ones in Las Vegas would mostly derive

from a delusional experience (BÉGOUT, 2002), whereas ambiances in 20th century Moscow would preferably emerge from destabilization and hesitation (BENJAMIN, 1983). These examples do not aim at essentializing or stereotyping these ambient milieus - it would be necessary going back to the concrete scale of situations- but, mostly, to increase its power to inform and rearrange the ways of feeling, of putting the body in certain sensory-motor and affective dispositions, of modeling and modulating the *atmospheric skin of the city* (GRIFFERO, 2013). Occasional visitors in these cities, our three authors are encouraged to decentralize, to revise the normal ways of their perception, to acclimate to these new ambient milieus in order to significantly become effectively other people.

According to Jean Ladrière (1973), the city works as a *real affective or existential inducer*. The city shows a totalizing power that limits and frames collective affections. If the sensory of ambiance is fundamentally discreet and diffuse, almost imperceptible, it is, however, channeled. It never expresses itself at the wild state, it is filtered, domesticated and made normal by our urban lifestyles. The city, though, puts the sensory under condition, the city gives it consistence, and provides its ordinary and familiar profile. This is the price paid to keep our relationship with the world within an ontological safety context, based on trustfulness, which ensures us the continuity and reliability of our means of living (COURTRIGHT, 2013). Accordingly, working out an urban ecology of ambiances means up-dating the modalities and processes encompassing such a policy of the sensory.

Therefore, it would be a mistake to try to hypothesize the sensory and to think of it by disregarding the conditions forming it and the contexts specifying it. If ambiance emerges particularly operational in terms of urban ecology, it is so, because it gives room for a sensory that fits the territories and materiality, the narratives and activities, climates and sociability, normative experiences and background affections. Being attentive to ambiances means showing sensitivity to complex schemes that needle the perceptible world, to different backgrounds and to the lines of power crossing a given situation. Somehow, an ambiance forms a basic composition, an elementary shape from which the sensible emerges to the urban and opens itself to the experience.

URBANITY TURNED INTO AMBIANCES

This ambient ecology consists in getting interested in the aesthetic processes of the urban space. Some individuals would see it as a particular case of aesthetics of the world in the

contemporary capitalist world (LIPOVETSKY; SERROY, 2013), whereas others would recognize an expression of *art to the gaseous state* (MICHAUD, 2003). Clearly, such an aesthetics of the urban is not reduced to simple embellishment operations or to the decoration of inhabited spaces, it actually results from its sensory management, from its “ambiance”. It is, then, the place of the body and of the sensory experience set either as the fundamental anthropological value of inhabiting or the privileged instrument of the *experience economy* (PINE; GILMORE, 1999). The feeling of experience, itself, now shows a socioeconomic matter in city construction and emerges as the main key for urban governance (HASSE, 2014). Ambiance – as the privileged operator of the sensory experience – is, therefore, the object of growing care, of formatting and of deliberate ordering and, sometimes, of strategic action. In other words, it emerges as losing its status of *non-intentional consequence of an action* (SOUBEYRAN, 2014).

Thus, we can ask ourselves how do ambiances participate in different profiles of the contemporary city: from the historical city turned into patrimony to the new stages of the creative city, from the mobile city design to the vegetal profile of the sustainable city, from the air conditioning of the underground city to the hyper of the city of happenings, from the mercantile city conditioning city to the gentrification of the central city – numerous interventions involve ambient aestheticization by setting the tone to these spaces. Are we witnessing the rise of an “ambiance-manifesto”, which is consistent in making itself the showcase of the urban by showing off an image of the seductive brand that is longing to present an attractive atmosphere? Would have ambiance become a domain to show off and exhibit? A plurality of urban worlds is then unfolded and ambiance plays a specific role in each one of them, in its ability to install them, to qualify and to give them life. The modes of existence of urban ambiances are multiple and diverse, since they involve both the natural and climatic milieus and the artificial and technological environments.

A real garden would be planted for this field, it would differ between ambiance¹ forms and specify how the sensible domain fits the city-transformation processes. Accordingly, it does not concern the conditions of the urban sensory experience: if one asks, for example,

1. Based on recommendations by the authors of the text, we have translated the expression “mise en ambiance”, in French, to “ambiance”, in Portuguese, although the immediate meaning of “ambiance” refers to “acclimation” in Portuguese language (N.T)

about the sanitation of our environment of life (SENNETT, 2002; THOMAS *et al.*, 2009), the urban animation programming (HAJER; REIJNDORP, 2001), the emergence of an assured city (BREVIGLIERI, 2013), the spectacle of the urban (JEUDY; BERENSTEIN-JACQUES, 2006), the standardization of life structures (JEUDY, 2003), the reign of weak sensations (KOOLHAAS, 2011) or about the clean urbanism (DOLLE, 2005). So many propositions try to explain the abnormalities and shapes deriving from the aesthetics of the city. Everything happens as if the current city would participate in the impoverishment of sensory experiences and in reducing the perception fields.

By taking a different path, we could start from the logics of sensory and question ourselves about the elementary operations that take part in ambiance. It would be a matter of describing in detail the deterioration of urban qualities and amenities rather than just considering the power of ambiances themselves in order to make (and destroy) the territory through the sensory. The concept of *ritornelo*, developed by Gilles Deleuze and Félix Guattari (1980), is a model that makes it possible understanding how sensory traces and expressive marks qualify a territory and operate in territorial arrangement. Thus, we could ask ourselves what is the ability of an ambiance to *animate* (give life), *conditioning* (impose a behavior), *acclimate* (control de conditions), *make an atmosphere* (fulfil a space) and *give tons* (compose the affections) in urban milieu. A generative grammar would be created, and it would describe the several modalities of sensitivity towards the inhabited spaces. It is at this very point that the critical power of feeling the ambiance is truly in action, since it allows showing the underlying process accounting for implementing a common atmosphere that surrounds anyone. If there is a policy of atmospheres, it must be sought at pre-discursive level, in the ability of a space to submerge and fulfil the audience given its ability to produce a sharable milieu. This psycho-policy consists in destroying the atmospheric conditioning necessary for a public space to exist and last (SLOTERDIJK, 2005b).

No doubt, it would be a mistake to try to deeply affiliate the urban ambiance to a given type of territory or knowledge. We are actually dealing with a cross-sectional movement, which is diffuse and multi-shaped, and that tends to expand itself towards all fields of urban life. Ambiance works simultaneously as analyst and operator of sensory changes in contemporary urbanity. Here, one finds the heuristic interest of a perspective of ambiance: being able to circulate among multiple scales (from the urban micro-condition to the globalized

space of cities) that put themselves in service to several matters (safety, health, risk, trade, transportation, hospitality, tourism, museography, among others) by articulating technical, aesthetic and social dimensions into the same movement (AMPHOUX, 2006). The annals of the three international congresses about ambiances (AUGOYARD, 2011; THIBAUD; SIRET, 2012; REMY; TIXIER, 2016) are the witnesses of these numerous orientations.

If ambiance is often requested in studies focused on addressing urban well-being and quality of life, it is also deeply mobilized within a more critical version. It means describing how urban ambiance subscribes itself in the neoliberal city context, as well as in the psycho-policy by using emotional design and smart power (HAN, 2016). An approach focused on ambiance allows understanding how globalization processes have been established and gaining shape (URRY *et al.*, 2016). Particularly shaped and conditioned, ambiance of airports is assessed as concrete expression of globalization; it is seen as a general phenomenon that outspreads to places beyond the ones limited to airport environments. No doubt, we have the concluded example of producing a hermetic and artificial environment that subscribes itself as part of an overall move towards the capsulation of collective spaces (DE CAUTER, 2004). Some others would take the malls (CRAWFORD, 1992; PERON, 2004) or thematic parks (SORKIN, 1992; BÉGOUT, 2010) as paradigms of what will become the “environment” of the world.

Several researchers are empirically investigating such contemporary urban trends based on concrete case studies in order to highlight a new regime of sensory experience: the process that has been turning Times Square into a Disney park shows how an urban landscape is turned into *imagescape* based on market value and gives birth to a feeling of (re) enchantment, of reordering the simulation and the suspension of disbelief (BOYER, 2000). The privatization of public spaces in Potsdamer Platz, Berlin, illustrates how ambiance takes part in a new strategy of power by playing with inclusion, seduction and with the real economy of affection (ALLEN, 2006). The disposition of different ambiances in the huge ION Orchard mall in Singapore shows how each one of them aims a particular segment of society, and, at the same time, contributes to forge the affective identity of this City-State (HUDSON, 2015). Everything in these studies happens as if these ambiances were part of undoing the urban experience, of an expanded relationship with the reality of fluctuation and beauty, as if they, somehow, leave from a *platform of dreams* (RATOUIS, 2004).

Has Walter Benjamin (1989) anticipated such an urban phantasmagoria that has crowned the aesthetic of goods?

Nowadays ambiances subscribe themselves within a massive commodification process. Therefore, it concerns participating in urban marketing, in implementing new *branding, packaging and benchmarking* techniques in order to provide cities with an identity and to *acclimate the market* (GRANDCLÉMENT, 2004). In his book *Atmospheric Architectures: The aesthetics of felt spaces*, German philosopher Gernot Böhme (2017) elaborated a critic to the contemporary economic aesthetics. Based on the theories by Walter Benjamin and Jean Baudrillard, he proposed the sense of *staging-value*, which is complementary to the most classic feeling of using and exchanging value. Such a criticism to the aesthetics of the commercial world invites us to pay close attention to the role atmospheres play in its ability to expose and valorize goods and services, to boost purchase by selling an image and teasing desire (MICHAUD, 2013). In place since the 1970s (KOTLER, 1973), this commercial strategy influences multiple ambiance factors, such as music, colors, smells and other tactile sensations. Ambiance becomes an instrument used for commercial ends, it aims residents as consumers, it is conceived in such a fashion to have specific outcomes. Thus, it loses its critical power in order to become an instrument to the service of the neoliberal city and of the Keno Urbanization (DEAR, 2002). Somehow, the ambient ecology of the urban finds a new school of urban ecology in Los Angeles.

No matter how important they are, the aforementioned studies must not mark the diversity of the urban world and the insistence of environment milieus in preserving its ordinary, plural and informal shapes. If the previous observations have shown the route of contemporary capitalism in urban spaces, it is not untrue that ambiance is, most of the time, implemented in any space, be it more discreet and silent, lesser spectacular, without *a sustainable place to be subscribed as a place of its own* (CERTEAU, 1980). It means that an ambiance does not come true easily. The production of introverted spaces in formed ambiances is only one of the sides of the contemporary urban reality, even if it witnesses the power of growing influence. The fraction of social practices, memories of residents, local customs and public sociability does not take place out of the blue, in the atmospheric existence of an urban condition (ANGIBOUST *et al.*, 2014). When it comes to such a subject, we can talk about the environmental adherence of a location, about the power of local

ambiance to persist and last, of its resistance to change based on an excessively voluntarist and sudden way. It is how we could also measure common urban practices that contribute to install the atmospheres and to configure the ambiance in order to make it inhabitable, even welcoming (CHASE; CRAWFORD; KALISKI, 2008; AMIN, 2014). Perhaps, it would be recommendable distinguishing ambiance in urban spaces between implementing and installing an ambiance, between implementing a seduction strategy and commercial rush, as well as support the world in daily life in order to work out informal practices and sustainable impregnations (THIBAUD, 2014). This process is applied to the challenges of ambiance, to its submersion power, to its ability to affect and coloring the means of living based on a more or lesser open or restrictive way.

THE EMERGENCE OF AN AMBIENT SENSITIVITY

Ambiance places itself in the interface of research and production and opens a new path to the herein addressed, embodied and shared concept of sensory world. It allows guiding a well-projected investigation, as well as designing and questioning the sensitive city (heuristic power) and forging it (operational power). But also, as a kind of two-face Janus – dialectic image based on Walter Benjamin – it can work as a powerful tool of criticism and deconstruction of urban milieu, as well as active and effective instrument of the neoliberal city. No Doubt, ambiance is a common asset we can grow and degrade, take care of and be abusive to. It means that being interested in the ambient phenomena is the most precarious and fragile profile of urban existence, which is put into test.

Finally, what would an ambient ecology show about the urban and what would it bring to urban studies? Let us say, in the first place, that it concerns highlighting a sensible ecology that gives the city back to labile and fragile entities: the flows, atmospheres and climates. It means that the urban ambient cannot be reduced to a world of objects and well-defined entities, but that it also derives from a fluid, porous and diffuse space within continuous move, formation and transformation. Therefore, we should learn to recognize such a world of smaller existences (LAPOUJADE, 2017), which is most of the time imperceptible, although effective. Such a program could open a new path to a new ecology of urban conditions, an ecology attentive to involvement and impregnation phenomena common to all

situated experience - situated under the hands of feelings, under our ability to be affected by the surrounding milieu. Such an ambient ecology would be adopted from the ways to capture and describe the several urban tons that gather the contemporary world. At this point, the matter would no longer lie on understanding how the urban proceeds and changes itself, but also on understanding what types of gateways, influences and affections give birth to it.

Similar to the Chicago School and to the New School of Los Angeles, and related either to the ecosophy by Felix Guattari or to the ecology of perception by James Gibson, this ambient ecology of the urban would be part of *the emergence of a sensitivity to the atmospheric existence of living environments*. But teasing our sensitivity to micro-perceptions and to the nuances of experience, to the affections of vitality and to the powers of action, would work as a sort of guide through attention: attention to the diffuse feelings of vulnerability generated by an urban environment that can lead to disoriented sensations in a world hard to be recognized, as well as to low-intensity phenomena that make a space inhabitable and welcoming. It is our sensible relationship with inhabited spaces, in their vital and existential dimension, that is into test. The ways of urban life would have to report the ways for us to be sensitive to the spaces we live in and to our ability to pay small attention. Are we witnessing a movement to sensitize the urban thinking itself?

REFERENCES

- ALLEN, J. Ambient power: Berlin's Potsdamer Platz and the seductive logic of public spaces. *Urban Studies*, v. 43, n. 2, p. 441-455, 2006.
- AMIN, A. Lively infrastructure. *Theory, Culture and Society*, v. 31, n. 7-8, p. 137-161, 2014.
- AMPHOUX, P. **Une expertise "ambiance" est-elle possible? Réserve, propositions et plaider.** Paris: Éditions de la Villette, 2006. p. 57-68. (Cahiers RAMAU, n. 4).
- ANGIBOUST, S.; DOUSSON, X.; MELEMIS, S.; TIXIER, N. Retour vers le futur. "Études sur Paris", un film d'André Sauvage (1928). *Cahiers de la recherche architecturale et urbaine*, n. 30-31, p. 207-235, 2014.
- AUGOYARD, J.-F. (ed.). **Faire une ambiance.** Bernin: La Croisée, 2011.
- BÉGOUT, B. **Le Park.** Paris: Allia, 2010.
- BÉGOUT, B. **Zéropolis: l'expérience de Las Vegas.** Paris: Allia, 2002.
- BENJAMIN, W. **Journal de Moscou.** Paris: L'Arche, 1983.
- BENJAMIN, W. **L'œuvre d'art à l'époque de sa reproductibilité technique.** Paris: Allia, 2012.
- BENJAMIN, W. **Paris capitale du XIX^e siècle, le livre des passages.** Paris: Éditions du Cerf, 1989.
- BÖHME, G. **The aesthetics of atmospheres.** New York: Routledge, 2017. [Edited by Jean-Paul Thibaud].
- BONNET, F. J. **L'infra-monde.** Paris: MF Editions, 2015.
- BOYER, C. Twice-told stories: the double erasure of Times Square. *In*: BORDEN, I.; KERR, J.; RENDELL, J.; PIVARO, A. (ed.). **The unknown city: contesting architecture and social space.** Cambridge, Mass.: The MIT Press, 2000. p. 30-53.
- BREVIGLIERI, M. Une brèche critique dans la ville garantie? Espaces intercalaires et architectures d'usage. *In*: LANZA, E. C.; PATTARONI, L.; PIRAUD, M.; TIRONE, B. (eds.). **De la différence urbaine.** Genève: MétisPresses, 2013. p. 213-236.
- CERTEAU, M. de. **L'invention du quotidien: arts de faire.** Paris: Gallimard, 1980.
- CHASE, J.; CRAWFORD, M.; KALISKI, J. (eds.). **Everyday urbanism: expanded.** New York: The Monacelli Press, 2008.
- COCCIA, E. **La vie sensible.** Paris: Payot, 2010.
- COURTRIGHT, J. M. Is trust like an "atmosphere"? Understanding the phenomenon of existential trust. **Journal for Philosophy in the Contemporary World**, v. 20, n. 1, p. 39-51, 2013.
- CRAWFORD, M. The world in a shopping mall. *In*: SORKIN, M. (ed.). **Variations on a theme park.** New York: Hill and Wang, 1992. p. 3-30.
- DEAR, M. (ed.). **From Chicago to L.A.: making sense of urban theory.** Thousands Oaks: Sage Publications, 2002.
- DE CAUTER, L. **The capsular civilization.** Bruxelles: NAI Publishers, 2004.
- DELEUZE, G.; GUATTARI, F. **Mille plateaux.** Paris: Minuit, 1980.
- DOLLE, J.-P. **Le territoire du rien, ou la contre-révolution patrimonialiste.** Paris: Lignes, 2005.
- GRANDCLÉMENT, C. Climatiser le marché: les contributions des marketings de l'ambiance et de l'atmosphère. **Ethnographiques**, n. 6, 2004. Disponible em: <http://www.ethnographiques.org/2004/Grandclement.html>.
- GRIFFERO, T. The atmospheric "skin" of the city. **Ambiances**, 2013. Disponible em: <http://ambiances.revues.org/399>.
- GROSSMAN, E. **Eloge de l'hy-persensible.** Paris: Éditions de Minuit, 2017.
- GUATTARI, F. **Chaosmosis : an ethico-aesthetic paradigm.** Translated by Paul Bains and Julian Pefanis, Bloomington &

- Indianapolis: Indiana University Press, 1995.
- HAN, B.-C. **Psychopolitique: le néolibéralisme et les nouvelles techniques de pouvoir.** Paris: Circé, 2016.
- HASSE, J. Atmospheres as expressions of medial power. Understanding atmospheres in urban governance and under self-guidance. *Lebenswelt*, v. 4, n. 1, p. 214-229, 2014.
- HUDSON, C. ION Orchard: atmosphere and consumption in Singapore. *Visual Communication*, v. 14, n. 3, p. 289-308, 2015.
- JEUDY, H.-P. **Critique de l'esthétique urbaine.** Paris: Sens & Tonka, 2003.
- KOTLER, P. Atmospheric as a marketing tool. *Journal of Retailing*, v. 49, n. 4, p. 48-64, 1973.
- HAJER, M.; REIJNDORP, A. **In search of new public domain.** Rotterdam: NAI Publishers, 2001.
- JEUDY, H.-P.; BERENSTEIN-JACQUES, P. (eds.). **Corps et décors urbains.** Paris: L'Harmattan, 2006.
- KOOLHAAS, R. **Junkspace.** Paris: Payot, 2011.
- LADRIÈRE, J. La ville comme inducteur existentiel. *In: ---. Vie sociale et destinée.* Gembloux: Duculot, 1973. p. 139-160.
- LAPOUJADE, D. **Les existences moindres.** Paris: Minuit, 2017.
- LIPOVETSKY, G.; SERROY, J. **L'esthétisation du monde. Vivre à l'âge du capitalisme artiste.** Paris: Gallimard, 2013.
- MICHAUD, Y. **L'art à l'état gazeux. Essai sur le triomphe de l'esthétique.** Paris: Stock, 2003.
- MICHAUD, Y. **Le nouveau luxe. Expériences, arrogance, authenticité.** Paris: Stock, 2013.
- NANCY, J.-L. **La ville au loin.** Paris: La Phocide, 2011.
- PERON, R. **Les boîtes. Les grandes surfaces dans la ville.** Nantes: L'Atalante, 2004.
- PINE, J.; GILMORE, J. **The experience economy.** Boston: Harvard Business School Press, 1999.
- RATOUIS, O. **La plateforme du rêve. Figures américaines de la fonction de loisir.** Strasbourg: Ecole supérieure des arts décoratifs, 2004.
- REMY, N.; TIXIER, N. **Ambiances, demain.** Volos: Réseau International Ambiances; Université Thessaly, 2016.
- SENNETT, R. **La chair et la pierre.** Paris: Éditions de la Passion, 2002.
- SLOTERDIJK, P. **Ecumes sphères III.** Paris: Maren Sell Éditions, 2005a.
- SLOTERDIJK, P. Atmospheric politics. *In: LATOUR, B.; WEIBEL, P.* (eds.). **Making things public.** Cambridge, Mass.: MIT Press, 2005b. p. 944-951.
- SORKIN, M. See You in Disneyland. *In: ---.* (ed.). **Variations on a theme park.** New York: Hill and Wang, 1992. p. 205-232.
- SOUBEYRAN, O. **Pensée aménagiste et improvisation. L'improvisation en jazz et l'écologisation de la pensée aménagiste.** Paris: Éditions des archives contemporaines, 2014.
- THIBAUD, J.-P. **En quête d'ambiances: éprouver la ville en passant.** Genève: Métis Presses, 2015.
- THIBAUD, J.-P. Installing an atmosphere. *In: TIDWELL, P.* (ed.). **Architecture and atmosphere.** Helsinki: Tapio Wirkkala-Rut Bryk Foundation, 2014. p. 49-66.
- THIBAUD, J.-P. Les puissances d'imprégnation de l'ambiance. *Communications*, n. 102, p. 67-80, 2018.
- THIBAUD, J.-P.; SIRET, D. **Ambiances en actes.** Montréal: Réseau International Ambiances; CCA, 2012.
- THIBAUD, J.-P.; THOMAS, R. L'ambiance comme expression de la vie urbaine. *Cosmopolitiques*, n. 7, p. 102-113, 2004.
- THOMAS, R.; BALEZ, S.; BERUBE, G.; BONNET, A. **L'aseptisation des ambiances piétonnes au XXIème siècle.** Grenoble: CRESSON, 2009. (Rapport de recherche, n. 78).
- URRY, J.; ELLIOTT, A.; RADFORD, D.; PITT, N. Global utopia? On airport atmospherics. *Emotion, Space and Society*, v. 19, p. 13-20, 2016.

JEAN-PAUL THIBAUD

Undergraduate degree in Sociology, PhD in Urban Planning and Urbanism. Professor at the École Nationale Supérieure d'Architecture de Grenoble (ENSAG), researcher at CRESSON and research coordinator (HDR) at the Centre National de la Recherche Scientifique (CNRS) in France. Founder of the International Ambiances Network (ambiances.net). Several publications in scientific journals from different countries, and a variety of published books.



MEMÓRIA, ARQUIVO E VONTADE DE LEMBRAR DA/NA CIDADE

Na Roma Antiga, os lugares físicos eram o suporte para a “organização” das informações a ser evocadas numa prática oratória: era a técnica mnemônica, na qual o orador criava uma espécie de mapa mental em que os lugares e as coisas representavam os pontos que deveriam ser destacados em seu discurso. Tal técnica consistia, para aquele que discursaria, imaginar de antemão um lugar – por exemplo, um quarto – e associar cada objeto desse cômodo com as ideias que pretendia “reter” na memória. Assim, no momento do discurso, esse orador “passeava” mentalmente pelo quarto, recordando-se dos pontos previamente selecionados. Forma curiosa e remota de aproximar memória e lugar.

Os gregos, por sua vez, fizeram da memória uma deusa, Mnemósine. O poeta, na Grécia arcaica, uma vez que era aquele que recebia da deusa da memória os segredos do passado, estava entre os “mestres da verdade”. Qualidade para iniciados, a memória distinguia-se da *anamnese*, da recordação, uma técnica a ser exercitada. Tal distinção repercutirá em Platão e Aristóteles, para quem a memória, já não mais no plano mítico, mas no mundo da alma, seria uma faculdade sensível de conservar o passado, enquanto a reminiscência seria a faculdade intelectual de evocar voluntariamente esse passado. Uma memória-dádiva, seja de Mnemósine, seja da alma (VERNANT, 1973).

Continuidades e discontinuidades – eis a trajetória de todo pensamento e, portanto, também de diferentes racionalidades que as épocas tiveram e têm acerca da relação entre a memória e os lugares, a memória e a cidade, a memória e a história.

Assim como a racionalidade medieval ocidental acreditou na escritura como chave para “congelar a memória”, a modernidade foi aquela que começou a desconfiar disso, e “muita água rolou” até que essa desconfiança se transformasse no reconhecimento de que o efeito do arquivamento pode não ser, necessariamente, o de “conservação” da memória, mas, pelo contrário, o de sua substituição (ARANTES, 1999; HUYSSSEN, 1994, 2000; JEUDY, 1990, 2005; NORA, 1997; e outros).

Com essa desconfiança, um “desafeto”, por parte da racionalidade contemporânea, incluindo-se a racionalidade arquitetônica e urbanística, surge com relação ao arquivo como dispositivo da memória. A ideia de arquivo passa a ser, de maneira ampla, vinculada, não de modo homogêneo, evidentemente, uma não vontade de memória na sociedade.

A inserção da psicanálise no pensamento ocidental é inegável, mesmo que através de portas de entrada e com relevâncias bastante diferenciadas. Esse legado psicanalítico à cultura deve-se, basicamente, aos textos freudianos, lidos e interpretados nos mais diversos campos do pensamento contemporâneo.

Na arquitetura, segundo Nesbitt (2007), são nítidos os rebatimentos da psicanálise, especialmente no campo da teoria e da crítica, a partir de conceitos específicos como o de inconsciente, o de estranho, entre outros, que chegam à arquitetura, principalmente a partir da segunda metade do século passado. Como toda obra complexa, extensa e não linear, como é a obra freudiana, alguns textos adquirem uma saliência maior enquanto outros “caem no esquecimento” ou se mostram menos atrativos.

Em 1895, Sigmund Freud escreve um texto chamado *Projeto para uma psicologia científica* (1996e). Num momento ainda iniciante de sua teorização, Freud propõe um modelo de psiquismo pensado como uma “máquina de escrever”. Essa máquina, ou aparelho psíquico, como Freud acabou denominando, iria, em passos sucessivos e complementares, capturando, organizando e disponibilizando elementos para ser o repertório a partir do qual as experiências perceptivas, comportamentais, cognitivas e afetivas de cada pessoa encontrariam um suporte. Tal máquina de escritura dotaria a memória humana de uma extraordi-

nária capacidade de “montar”, movida por mecanismos psicológicos extremamente complexos, “verdades” a partir das quais a vida adquire significado e realidade para cada sujeito. O psiquismo seria um arquivo de memória, e é a partir desse arquivo e de sua maneira de arquivamento que o homem se relaciona consigo mesmo e com o mundo que o cerca.

Trata-se de modelo engenhosamente interessante, segundo Derrida (2005), do ponto de vista de uma revolução no estatuto da memória e de uma provocação nos paradigmas filosóficos da verdade, do tempo e da história, o qual ele estaria colocando em cena.

Esse texto, curiosamente, é um dos menos lidos e menos conhecidos entre os textos freudianos, na cultura de modo geral (BIRMAN, 2008). Por algum motivo, ele é pouco atrativo para o pensamento contemporâneo e, ao que tudo indica, “esquecido” pela arquitetura e pelo urbanismo em suas reflexões sobre o arquivo e a memória na cidade moderna.

Segundo Freud (1996c), todo esquecimento insistente é sinal de encobrimento, e, portanto, é um convite a interrogações. O que esse modelo de psiquismo, de memória, de sujeito, de história e de verdade poderia estar dizendo ao pensamento contemporâneo para que ele tenha “conquistado” a posição do “negligenciado” e do “esquecido” na cultura? Quais contribuições uma concepção de memória como arquivo e de arquivo como máquina de escritura de memória traria às reflexões e inquietações da arquitetura na atualidade?

Essas são interrogações seminais do presente artigo, no qual apresentaremos, num primeiro plano, ideias e conceitos do campo psicanalítico, que, a nosso ver, trazem contribuições importantes para a arquitetura e o urbanismo em suas leituras e teorizações sobre memória e arquivo. Num segundo plano, traremos alguns elementos tirados de estudos desenvolvidos no Laboratório Arquitetura, Subjetividade e Cultura do Programa de Pós-Graduação em Arquitetura da Universidade Federal do Rio de Janeiro (LASC/PROARQ-UFRJ), baseados na escrita de histórias de lugares no Rio de Janeiro, montadas pela memória de moradores desta cidade.

ARQUIVO E UMA NÃO VONTADE DE LEMBRAR

Muitas têm sido as análises, algumas mais recentes e outras menos, que concorrem para uma crítica a certo estatuto que a memória teria adquirido nas práticas sócias, nas vonta-

des e sensibilidades da cultura ocidental contemporânea.¹ Entre essas análises, focaremos aqui as discussões de Pierre Nora e de Andreas Huyssen.

Para Nora (1997), quando uma memória escrita, que precisa se inscrever sob forma de registro, substitui uma memória viva e espontânea, é que ela (a memória) sofre uma mudança radical nas racionalidades e sensibilidades da humanidade. E a sociedade atual,² sob o princípio de um “produtivismo arquivista”, de um “culto documentário”, de uma “memória registradora”, ao delegar ao arquivo o cuidado de se lembrar por ela e de multiplicar os signos onde ela se deposita, seria o ápice dessa metamorfose. Uma “metamorfose contemporânea”, diz Nora (1997): uma memória viva, coletiva e englobante é engolfada por uma memória voluntária e deliberada, vivida como um dever e não de forma espontânea.

Uma cultura (contemporânea) obcecada pela conservação integral de todo o presente e pela preservação integral de todo o passado, dominada pelo sentimento de um esvaziamento rápido e definitivo, combinado com a inquietude por uma significação exata do presente e por uma incerteza do futuro. Frente a isso, o mais modesto dos vestígios, o mais humilde dos testemunhos adquiriria a dignidade virtual de memorável. Para Nora (1997, p. 32), atualmente todos se sentiriam impelidos a guardar, a conservar quaisquer signos indicativos de memória, mesmo que não se saiba exatamente de qual memória eles são indicativos: “Produzir arquivo é o imperativo da época”.

Tal análise apresenta filiações, entre outras, às reflexões de Bourdieu (1965), feitas algumas décadas antes, para quem o álbum de família, com o aparecimento da fotografia no séc. XIX, passa a ser um dos importantes sistemas de inscrição da memória, no qual o “tempo perdido” é buscado em imagens do passado dispostas em ordem cronológica, enquanto

1. Note-se que os autores que traremos como ilustrativos dessas, no conjunto de seus escritos, reportam um período que vai da segunda metade do século XX ao início do nosso século.

2. Pierre Nora difunde de uma forma mais adensada suas ideias sobre lugares de memória na obra homônima, editada pela primeira vez em 1984. A atualidade de suas análises, portanto, refere-se ao início dos anos 1980. Note-se, contudo, que essa obra, e o conceito lugar de memória, é considerada até os dias de hoje, seja no campo da história, da arquitetura e outros, como uma perspectiva relevante e forte, para análises sobre o contemporâneo.

guardiões dos acontecimentos que mereceriam ser conservados. E a fotografia digital, nessa ótica, é o desdobramento de uma tecnologia voltada à montagem de uma memória-prótese, nas palavras de Nora (1997), que todos sentir-se-iam convocados a montar.

Nessa mesma direção, de tomar os modos de registro, de escritas, de uma cultura, como analisadores do estatuto da memória nessa cultura, Huyssen (2000) se aproxima de Nora e Bordieu. Para esse autor, o “vasto corpo de registros” que as tecnologias digitais, cada vez mais avançadas, são capazes de produzir, tem estreita e direta relação com uma diminuição da memória no contemporâneo. Tal diminuição está atrelada a uma “vontade de não lembrar” da cultura moderna, que atribuiria à tecnologia a tarefa de “armazenar” aquilo que teme esquecer, pela sua própria falta de “necessidade” de memória (HUYSSSEN, 2000).

A (verdadeira, viva) memória não se registra, sustenta Nora (1997, p. 25), e a [...] “história é a reconstrução sempre problemática e incompleta daquilo que não é mais”, ou seja, o que a história monta são (meras) “memórias-próteses”. Para esse autor, a memória é rechaçada e destruída pelas histórias. Entre elas, entre memória e história, há uma relação de suspeita: a história deslegitima o passado vivido da memória. Uma ambição histórica não é exaltação do que realmente aconteceu, diz ele, mas sua neantização.

Para Huyssen (1994, p. 15), as decepções da sociedade moderna criaram uma consciência de final do século (XX) que tomou para si a “responsabilidade pelo passado”, a partir da qual teria se fortalecido no pensamento e na cultura contemporâneos um modo “nostálgico de busca das origens, como se o objetivo fosse conseguir puxar todos os vários passados para o presente”. Uma “memória arquivista” apareceria na cidade para dar suporte a uma cultura que, frente ao medo do esquecimento, almeja uma recordação total do passado; memória que teria, de forma subjacente, uma “vontade de se precaver contra as ameaças de um desaparecimento” (JEUDY, 2005). Tal vinculação entre cidade e memória não deixaria de ser a expressão de uma incapacidade ou falta de vontade de lembrar das pessoas, de seu grupo e da sua comunidade (HUYSSSEN, 2000).

Essas reflexões, como vemos por suas argumentações, são bastante críticas do arquivo, visto como ferramenta de uma “memória registradora”, numa sociedade que teria perdido a vontade de lembrar.

MEMÓRIA FICCIONAL

Para Derrida (1973), a obra freudiana provocou uma guinada fundamental no estatuto da memória em sua relação com a escrita. Guinada na medida em que, nas culturas de tradição greco-romana, analisa o autor, a voz, enquanto sensorialidade da “presença”, teria uma superioridade sobre a escrita; a voz, a fala e o visível garantiriam, para essa tradição, a “presença da coisa” e, portanto, a sua (da coisa) verdade; a voz seria a linguagem primitiva das experiências humanas; e a escrita, apenas uma ferramenta. Para a racionalidade psicanalítica – e aqui estaria o sentido de guinada a que Derrida (1973) se refere – psiquismo é memória; as inscrições psíquicas são arquivos feitos de traços que se inscrevem no psiquismo. O psiquismo é aquilo que nele se inscreve, e memória é escrever “aquilo que aconteceu” no psiquismo.

Assim, sob uma ótica psicanalítica, a relação da escrita com a memória não é de substituição – como parece ser para Pierre Nora e Andreas Huyssen, segundo nossa leitura sobre as teorizações desses autores, sucintamente discutidas aqui anteriormente. Para a psicanálise, memória é escrit(ur)a.

Em sua primeira teorização sobre sintoma neurótico, Freud (1996a) é categórico: os histéricos sofrem principalmente de reminiscências. A causa da histeria seria a vivência real, concreta, de uma situação traumática que o sujeito não quer recordar, sofrendo, por isso, de lembranças (reminiscências) que não quer ter. Numa segunda teorização, Freud (1996b) propõe que o psiquismo está marcado por lembranças das quais o sujeito sofre. Contudo, essas lembranças não são de algo que realmente aconteceu, mas de algo fantasiado; a “cena de sedução”, que provocava os sintomas de suas pacientes histéricas (paralisias e outros), não tinha acontecido realmente, mas sido fantasiada por elas. E, como fantasias, essas cenas mantinham a capacidade de provocar um trauma. Ou seja, há uma dimensão ficcional no psiquismo e na memória, “descobre” Freud (1996e). O psiquismo é marcado por desejos e fantasias, e são essas que inscrevem os traços de memória. As inscrições psíquicas, a memória, é produto das fantasias e não da realidade (FREUD, 1996e).

Para Derrida (2005), essa noção de uma documentação ficcional é, ao se contrapor a uma documentação positivada, a grande contribuição das teorias freudianas ao discurso da história. Se as inscrições psíquicas da memória (os traços) são atravessadas por fantasias,

os fatos que compõem uma história, individual ou coletiva, aconteceram ou são uma ficção daquele que escreve tal história? Não tem como saber, ensina a teoria freudiana. A História se aproxima de imaginário literário. O processo de inscrição (o trabalho da memória) é, em si, reconstrução ou montagem “daquilo que aconteceu”.

As ideias freudianas acerca do aparelho psíquico, e mais precisamente suas teorias sobre o sintoma, sempre tiveram inspiração no modelo da História. Em todo o pensamento freudiano, o psiquismo é pensado como um “arquivo”. As inscrições psíquicas são arquivos, para a teoria freudiana. O psiquismo é memória; e a história construída por esse arquivo, o arranjo das marcas que se inscrevem (memória) no psiquismo, “monta” a realidade psíquica.

Na opinião de Deleuze (2006), as teorizações freudianas possibilitam pensar o duplo, o caráter ficcional da memória. Para ele, a memória, na linha argumentativa das ideias de Freud, pode ser pensada como “repetição diferencial”, como simulacro. E o simulacro, segundo o autor, produz “disfarces sucessivos”, funda mundos diferenciais, e, portanto, mundos artísticos, ficcionais.

Estou certo de que os muros contra incêndios têm o maior poder de impacto em nossa memória que as fachadas principais [...] em certo sentido, uma cidade se define por seu impacto na memória das pessoas. Tudo que é um pouco mórbido causa, naturalmente, um impacto latente na memória. (WENDERS, 1994, p. 89).

Se tomarmos essas afirmações de Win Wenders³ – dadas num contexto no qual ele falava acerca das escolhas que faz para os cenários de seus filmes: fachadas esquecidas, rugosas, imperfeitas das cidades – sob as noções freudianas de memória, podemos dizer que concordamos. A montagem de arquivos, o trabalho da memória, é ativada, principalmente, no

3. Win Wenders (1945-) é cineasta, fotógrafo e produtor de cinema alemão. Uma das mais importantes figuras do Novo Cinema Alemão. Figuram em suas obras « Alice nas Cidades », 1974 ; « As Asas do Desejo », 1987; « Tão longe, tão Perto », 1993 ; « O Hotel de um milhão de dólares », 2000.

encontro com as fissuras, as rachaduras dos acontecimentos da vida. Memória é trabalho de registrar (montando arquivos, e histórias) aquilo que não encontrou lugar na cadeia dos significantes que cada um dispõe para compreender e dar sentido a si e ao mundo, e que, por não ter encontrado lugar nessa cadeia, constitui-se como trauma.

Mais do que rememorar – lembrando que, para Freud (1996f), esquecer faz parte do trabalho de memória –, toda intervenção psicanalítica visa ao trabalho de encontrar um símbolo para o que não tem marcas no psiquismo. Foi com esse intuito que Freud abandonou a hipnose como tratamento de seus pacientes e, no lugar dela, introduziu a associação livre, ou seja, a (re)montagem de arquivos, de histórias significativas (e não verdadeiras) para os acontecimentos traumáticos.

Memória não é um arquivo com registros a ser recuperados; ela é o exercício do registro, a construção do arquivo, acionado pelas fissuras da vida.

Toda história, no nível individual ou no nível coletivo, é um eterno recomeço. Frente a um trauma (por exemplo, a destruição de uma edificação importante para a vida de um grupo de pessoas causada por demandas imobiliárias de novas construções), resta “juntar os pedaços”, fazer uma reinscrição do que era. Este é o movimento da história na vida: reconstruir. E a memória é a (re)escritura que vai tecendo outros possíveis para a vida, outras histórias (não necessariamente com final feliz!) para a vida.

ARQUIVOS DO RIO DE JANEIRO

Em 2004, iniciava-se a construção do Shopping Leblon, na Zona Sul da cidade do Rio de Janeiro. Esse *shopping* seria edificado em um terreno bastante peculiar: uma grande rocha ao lado de um conjunto residencial popular. Essa rocha e a Comunidade Cruzada São Sebastião (nome do conjunto habitacional) formavam uma espécie de ilha na paisagem do bairro, tipicamente de classe média e bastante adensado em termos de espaços construídos.

No âmbito das discussões no LASC/PROARQ, sobre memória na cidade, tomamos essa construção como objeto de nossas reflexões (DUARTE; UGLIONE, 2005). Como essa transformação na paisagem do bairro repercutia na memória local, das pessoas que moravam

no entorno da construção? A partir de um trabalho de campo etnográfico, fomos montando arquivos do lugar, que contavam, entre outros, com registros sobre um grande incêndio criminoso que teria sido a origem do desmantelamento de um grupo de moradias pobres que existiu no local havia décadas, e que, por sua vez, tinha dado origem à Cruzada, como era chamado o conjunto habitacional, por seus moradores.

Esses arquivos contavam, também, sobre as festas e brincadeiras que aconteciam em cima da pedra, espaço vivido como “pátio” dos moradores da Cruzada, ao longo de anos de uma ocupação restrita no bairro, dada por linhas invisíveis de separação entre moradores da Cruzada e demais moradores do bairro. Histórias que mostravam um trabalho de memória, difícil e doloroso para alguns moradores, feito pela montagem de traços, como a lembrança vaga que tinham das chamas do incêndio, que viram ou que imaginavam. Trabalho de luto, nas palavras de Freud (1996d), por meio do qual buscavam dar sentido e enfrentar o desmantelamento de seus espaços de vida no presente que a chegada do *shopping* anunciava.

Com esses arquivos, ou essas histórias do lugar, podemos dizer que o *shopping* não acabou com a memória local, o que muitas vezes é uma leitura simplista e rápida que se faz sobre as transformações numa cidade. A memória é um trabalho humano de ressignificação das fissuras da/na vida, que esse grupo de pessoas vinha realizando ao ser convocado para escrever histórias do lugar em que vivem. No entanto, também podemos dizer que, olhando para o espaço transformado com/por esse *shopping*, o que inclui o seu edifício e seu entorno, ele não escondia uma vontade de não lembrar daqueles pelos quais essa transformação tinha sido planejada e edificada. Um espaço sem lugar para os moradores da Cruzada – eles que, até então, tinham sido ocupantes daquele pedaço do bairro. Com a construção do *shopping*, restou-lhes como pátio o espaço livre em frente ao conjunto residencial. E isso apenas por alguns anos. Atualmente, e por causa de outras transformações decorridas, principalmente, pelo aumento de tráfego na região do *shopping*, esse pátio virou uma rua movimentada, de carros e ônibus que circulam pelo bairro.

Em 2007, entre outros projetos com os quais o LASC/PROARQ deu continuidade a suas reflexões e teorizações sobre memória na cidade, escolhemos o antigo Cassino da Urca, em outro bairro da Zona Sul do Rio de Janeiro, como objeto de estudo. Fomos atraídos por esse edifício pois, após muitos anos sem ocupação, e com partes já em ruínas, iniciavam-

-se nele obras de restauração, com vista à instalação da sede de uma escola internacional de *design*. Da mesma forma, iniciamos um trabalho de montagem de arquivos do lugar, junto com os moradores do bairro, mas utilizando, então, uma abordagem metodológica que estávamos desenvolvendo no LASC, chamada Arquivo Mnemônico do Lugar (DUARTE et al., 2007).

Nesse estudo de caso, o crucial para nossas reflexões é que se trata de arquivos que foram montados com uma extraordinária riqueza, em termos de metáforas e detalhes (UGLIONE, 2008). Se as ruínas já estavam presentes na paisagem cotidiana dessas pessoas, foi a iminência de uma transformação daquele lugar que parecia provocar, de uma forma exigente, ávida, uma vontade de memória do/no lugar.



Entre 2009 e 2014, no contexto do estágio de pós-doutorado que realizei no LASC/PROARQ, desenvolvemos um projeto que tomou a região do entorno da praça Mauá, no centro da cidade do Rio de Janeiro – na época epicentro de transformações como a construção do Museu do Amanhã, inaugurado em 2015 –, como principal objeto de nossas inquietações de pesquisa. Nesse projeto, mantivemos nossa abordagem de campo, agora com instrumentos metodológicos mais consolidados no LASC (DUARTE *et al.*, 2011), e ampliamos nossas problemáticas, com a inserção da ambiência na centralidade de nossas referências conceituais, junto com memória e arquivo (UGLIONE, 2014).

Nesse projeto, uma gama expressiva de pessoas participou da construção de arquivos do lugar – entre elas, funcionários e reservistas da Marinha do Brasil (que se localiza na



1. Antigo Cassino da Urca.

Fonte: Arquivo da autora, 2007.

2. Antigo Cassino da Urca.

Fonte: Arquivo da autora, 2008.

praça Mauá), moradores e ex-moradores do entorno da praça, comerciantes e frequentadores de estabelecimentos próximos. Tais arquivos se destacaram, a nosso ver, por serem diversos, e muito heterogêneos, feitos pela inscrição de traços muito “modestos” – vamos chamar assim, em referência a termos usados por Pierre Nora – no sentido de que falavam de uma escala enormemente menor e, certamente, imperceptível para os projetos e para as obras (tanto de desmanche como de edificações) que já mudavam radicalmente o lugar.

Arquivos feitos da montagem de pequenos vestígios do lugar, como as argolas de uma escadaria, a salinidade da água que vinha da torneira, a sombra no lado da casa, a cadeira que “dormia” na calçada, a vertigem das ladeiras; arquivos feitos de humildes testemunhos, que em nada pareciam vontades de não lembrar – pelo contrário, pela quantidade e



criatividade de palavras, termos com que foram escritos, mostram um esforço intenso em montar histórias daquilo que as transformações estavam esquecendo: as pequenas coisas do lugar.

VONTADE DE MEMÓRIA NA CIDADE

No final de 2019, após um ano fora do Rio de Janeiro, retorno à cidade por alguns dias, e, no percurso do ônibus Aeroporto-Centro, me demoro um pouco na região do Porto Maravilha. Meus olhos, meio incrédulos, caem na roda-gigante, prometida na época em que fizemos o trabalho de campo na região, e mencionada nos arquivos montados pelos sujeitos da pesquisa como mais uma piada do prefeito. Um reflexo do sol atinge meu olho. Ele vem



3. “As pequenas coisas do Lugar”, Pedra do SAL, RJ.
Fonte: Arquivo da autora, s/d.

4. “Fissuras no RJ”, Praça Mauá.
Fonte: Arquivo da autora, s/d.



5. “Outras fissuras no RJ”, Praça Mauá.

Fonte: Arquivo da autora, s/d.

**6. “A memória resvala na cidade”,
Praça Mauá, RJ.**

Fonte: Arquivo da autora, s/d.

da fachada de um dos edifícios suntuosos e envidraçados (por onde a memória resvala, diria Wim Wenders) que acabaram, aqui e ali, instalados entre os vazios criados pelos desmontes todos que o furacão Porto Maravilha fissurou na região. Mas são das paredes descascadas, fincadas, visíveis por trás do veículo leve sobre trilhos (VLT) que desliza, que uma saudade enorme invade meu olhar. Uma saudade da cidade. Não exatamente daquela região, nem de outra especificamente, mas de diversos e misturados lugares, momentos, cheiros, cores de um Rio de Janeiro que, nesse retorno, precisava ser reinscrito nos meus arquivos. Dessas paredes é que veio uma vontade inconfundível de lembrar (e também de esquecer) da/na cidade.



**MEMÓRIA, ARQUIVO E
ARQUITETURA**

Uma concepção de arquivo mnemônico, nos termos propostos pelo modelo freudiano de psiquismo, é um elogio à memória como trabalho – individual e coletivo, indistintamente

– de significações, e, portanto, é um afastamento e uma crítica conceitual de/a noções de memória e de história como mimese e/ou como recuperação.

Os arquivos de memória são montados por traços selecionados por aqueles que contam uma história – entre eles, os historiadores, os arquitetos, os pesquisadores. Há, nesse entendimento de arquivo, uma dimensão ética e política nas montagens de arquivos, afirma Derrida (2005).

A memória não se confunde com rememoração, e implica, também, o esquecimento. Assim, se a noção de arquivo pode ser tomada como critério para se teorizar, pensar, construir e ocupar as cidades no contemporâneo, isso não significa, necessariamente, uma vontade e/ou crença de “trazer todos os passados para o presente”, usando palavras de Huyssen.

Para Freud, montar arquivos é um imperativo, não desta época, como acredita Nora, ou de outra especificamente, que atravessa nossa humanidade como tarefa humana inalienável, de transmissão, de filiação e de pertencimento ao mundo subjetivo e real que “habitamos”.

Trouxemos essas noções neste texto, bem como algumas das conclusões que chegamos nos estudos de caso que desenvolvemos na cidade do Rio de Janeiro, porque entendemos que podem contribuir para reflexões no campo da arquitetura, principalmente ao indicar: 1) que transformações na cidade não significam anulação da memória e ou da história desta cidade, como vimos no caso da Urca, já que portam promessas de mudança que fazem parte dos movimentos que põem a “máquina escriturária” da memória a funcionar; 2) ler pequenos vestígios, de humildes testemunhos, é uma conduta profissional, ética e política, de vontade e de compromisso com a memória, na direção de construirmos e habitarmos lugares e cidades mais democráticos e inclusivos.

Os conceitos que escolhemos trazer no presente artigo são bastante complexos, em uma discussão, sabemos, como a que aqui fizemos, restrita e incompleta. Esses conceitos demandam aprofundamentos. Mais do que explicitar todas essas noções, construídas num campo disciplinar outro, pretendíamos, neste artigo, aproximar, um pouco mais, e de forma mais ampliada, a psicanálise e à arquitetura, o que o LASC/PROARQ, em sua abertura interdisciplinar, tem apostado e possibilitado.

REFERÊNCIAS

- ARANTES, O. Arquitetura simulada. *In*: NOVAES, A. **O olhar**. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.
- BOURDIEU, P. **Un art moyen**: essai sur les usages sociaux de la photographie. Paris: Minuit, 1965.
- BIRMAN, J. **Memória, arquivo e inconsciente**: da história à genealogia. Rio de Janeiro: Polo de Pensamento Contemporâneo, jul. 2008. [Curso Livre ministrado no Polo de Pensamento Contemporâneo].
- DELEUZE, G. **Diferença e repetição**. São Paulo: Graal, 2006.
- DERRIDA, J. Gramatologia. São Paulo: Perspectiva, 1973.
- DERRIDA, J. **Mal de arquivo**: uma impressão freudiana. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 2005.
- DUARTE, C. R.; UGLIONE, P. A memória coletiva e as transformações do espaço urbano nas cidades latinoamericanas. *In*: **SEMINÁRIO DE ARQUITETURA LATINOAMERICANA**, 11., 2005, Cidade do México. **Anais [...]**. Cidade do México: [s.n.], 2005.
- DUARTE, C. R. *et al.* Exploiter les ambiances: dimensions et possibilités méthodologiques pour la recherche en architecture. *In*: AUGOYARD, J.-F. **Faire une ambiance**. Bernin: La Croisée, 2011.
- DUARTE, C. R. *et al.* O projeto como metáfora: explorando ferramentas de análise do espaço construído. *In*: _____. **O lugar do projeto no ensino e na pesquisa em arquitetura e urbanismo**. 1. ed. Rio de Janeiro: Contra Capa, 2007.
- FREUD, S. **Estudos sobre a histeria**. Rio de Janeiro: Imago, 1996a. [Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud].
- _____. **A etiologia das neuroses**. Rio de Janeiro: Imago, 1996b. [Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud].
- _____. **A interpretação dos sonhos**. Rio de Janeiro: Imago, 1996c. [Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud].
- _____. **Luto e melancolia**. Rio de Janeiro: Imago, 1996d. [Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud].
- _____. **Projeto para uma psicologia científica**. Rio de Janeiro: Imago, 1996e. [Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud].
- _____. **Recordar, repetir e elaborar**. Rio de Janeiro: Imago, 1996f. [Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud].
- HUYSEN, A. **Seduzidos pela memória**: arquitetura, monumento, mídia. 2. ed. Rio de Janeiro: Aeroplano Editora, 2000.
- _____. **Twilight memories**: marking time in a culture of amnesia. Routledge: London, 1994.
- JEUDY, H.-P. **Espelho das cidades**. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2005.
- JEUDY, H.-P. **Memórias do social**. Rio de Janeiro: Forense, 1990.
- NESBITT, K. **Uma nova agenda para a arquitetura**: antologia teórica (1965-1995). São Paulo: Cosac Naify, 2007.
- NORA, P. Entre mémoire et histoire: la problématique des lieux. *In*: _____. **Les lieux de mémoires**. Paris: Gallimard, 1997.
- UGLIONE, P. **Arquivo mnemônico do lugar**: memória e história na/cidade. 2008. Tese (Doutorado em Arquitetura) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2008.
- UGLIONE, P. **Memória e ambiência urbana**: ampliando campos de pesquisa e de intervenção. Rio de Janeiro: FAPERJ, 2014. [Relatório Final para o Programa de Pós-Doutorado da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro – FAPERJ].
- VERNANT, J.-P. **Mito e pensamento entre os gregos**: estudos de psicologia histórica. São Paulo: Difel, 1973.
- WENDERS, W. Seção livre: entrevista de Win Wenders a Hans Kollhoff. **Espaços e Debates**, São Paulo, n. 38, p. 83-91, 1994.

PAULA UGLIONE

Graduada em Psicologia (1992) e mestre em Psicologia Social (1996) pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul - PUC-RS, com doutorado (2008) e pós-doutorado (2014) em Arquitetura pelo Programa de Pós-graduação em Arquitetura - UFRJ, além de doutorado em Psicologia (2020) pelo Instituto de Psicologia da Universidade Federal do Rio de Janeiro, com período sanduíche na Université de Liège, Bélgica.



MEMORY, ARCHIVE AND THE WILL TO RECALL THE/IN THE CITY

Physical places in Ancient Rome accounted for information “organization”, since it was outspread orally: it followed the mnemonic technique, according to which, the lecturer creates a sort of mental map based on places and objects to represent the items to be addressed in the speech. For the one who was about to speak, such a technique consisted in previously imagining a place – for example, a room – and associating each object in this room with ideas the lecturer aimed at “keeping” in memory. Thus, at the time to speak, the lecturer mentally “pictures” the room to recall the previously selected items. This is a curious and remote way to join memory and place.

The Greek, in their turn, turned memory into a goddess, Mnemosyne. Poets in Ancient Greece were the ones who received the secrets of the past from the goddess; therefore, they were among the “masters of truth”. This skill only belonged to the initiates, memory was different from *anamneses*, from recalling, it was a technique to be exercised. Such a difference reflected on Plato and Aristotle, according to whom, memory would be the sensory ability to keep the past, just as reminiscence would be the intellectual ability to voluntarily call up this past, not within the mythical plane, but in the world of the soul. A memory-gift, be it from Mnemosyne, or from the soul (VERNANT, 1973).

Continuities and discontinuities – this is the trajectory of all thoughts and, therefore, of different rationalities that times have had, and still have, about the association between memory and place. The memory and the city, the memory and history.

The Western medieval rational believed in gospel as the key “to freeze the memory”, but modernity started to question it and “a lot had passed” until such a questioning became the recognition that the effect of feeling may not necessarily be memory’s “conservation”, but, actually, replacement (ARANTES, 1999; HUYSSSEN, 1994, 2000; JEUDY, 1990, 2005; NORA, 1997; among others).

Based on such an argument, one can see the rise of “disaffection” of contemporary rationality, including the architectural and urbanistic rationality, with archives as memory devices. The idea of archive becomes – in a broad and bond way, although not homogeneous – the non-desire for memories of society.

The presence of psychoanalysis in Western thinking is undeniable, even if it was inserted through different front doors that, in their turn, have different relevance. This psychoanalytical legacy left to culture basically came from Freudian texts read and interpreted by the most diverse fields of contemporary thinking.

According to Nesbitt (2007), responses to psychoanalysis in architecture, mainly in the theoretical and critical field, and based on specific concepts - such as that of unconscious and strange, among others -, has emerged in the late 20th century. Similar to what happens to any other complex, long and non-linear work, such as that by Freud, some texts were more relevant, whereas others “fell into forgetfulness” or emerged as less attractive.

In 1895, Sigmund Freud wrote a text called “Project for a Scientific Psychology” (1996e). Yet, in the very beginning of his theory, Freud suggested a model of psyche depicted as a “typewriter”. This typewriter or psychic device, as Freud called it, would, through successive and complementary steps, capture, organize and make available some elements of a repertoire that would support the perceptive, behavioral, cognitive and affective experiences of each person. Such a typewriter would foster the human memory, which is extremely capable of “assembling” - due to extremely complex psychological mechanisms - “truths” from which life acquires meaning and becomes real to each individual. Psyche

would be an archive of memory; it is from such an archive, and from its ways of feeling, that humans get together to themselves and to the world around them.

According to Derrida (2005), memory concerns an ingeniously interesting model from the viewpoint of a revolution in the statute of memory and of teasing the philosophical paradigms of truth, time and history that the individual would put in the scene.

Curiously, the aforementioned text is one of the lesser read and known among the Freudian texts about culture (BIRMAN, 2008). For some reason, it is little attractive to the contemporary thinking and, as it seems, it was “forgotten” by architecture and urbanism in reasoning about archive and memory in modern cities.

According to Freud (1996c), all insisting forgetfulness is a sign of coverage; therefore, it is an invitation for questioning. What could this model of psyche, memory, subject, history and truth be saying to the contemporary thinking in order to be “neglected” and “forgotten” by culture? What would be the contributions a concept of memory as archive and of archive as typewriter of memory could bring to the reasoning and arguments of current architecture?

These are seminal questions in the current article, which will firstly present the ideas and concepts of the psychoanalytical field. We believe that they bring important contributions to architecture and urbanism when it comes to their readings and theories about memory and archive. Secondly, we will address some elements taken from studies carried out at the Laboratory of Architecture, Subjectivity and Culture of the Post-Graduation Program in Architecture of Federal University of Rio de Janeiro (LASC/PROARQ-UFRJ), based on the written stories about places in Rio de Janeiro deriving from the memories of city residents.

ARCHIVE AND AVOIDANCE TO RECALL

Several analyses - some recent, some older - compete to criticize the statute assumingly acquired by memory through social practices, will and the sensitivity to the contemporary Western culture.¹ Despite all these analyses, we will focus the discussion between Pierre Nora and Andreas Huyssen.

1. It is important noticing that the authors we will address as illustrative of these factors, in the very set of their writings, report a period-of-time that goes from the second half of the 20th century, to early 21st century.

According to Nora (1997), when a written memory needs to subscribe itself as a record, it replaces a living and spontaneous memory, since it undergoes (the memory) a radical change in mankind's rational and sensitivity. Archives are in charge of recalling things for current society,² as well as of multiplying the signs where society is, based on the principle of "archivist yield", "documental cult" and "recording memory", which would be the peak of such a metamorphosis. A "contemporary metamorphosis", as says Nora (1997): a living, collective and encompassing memory is swallowed by a voluntary and deliberate memory experienced as a duty, rather than as a spontaneous event.

The contemporary culture is obsessed for the full conservation of the present and for the full preservation of all the past, it is dominated by the feeling of fast and ultimate emptying, which is combined to questioning the exact meaning of the present and the uncertainty of the future. Accordingly, the slightest of all traces, the humblest of all testimonies, would get the virtual dignity of being memorable. Based on Nora (1997, p. 32), nowadays, all individuals would feel like keeping and conserving any sign indicative of memory, even if they did not know exactly what the memory is actually indicative of: "Producing archives is the imperative of time".

Such an analysis presents links to the reflection by Bourdieu (1965), who made his statement few decades ago. According to him, family photo albums – after the rise of photography, in the 19th century – became one of the most important memory writing systems; the "time lost" is captured in images from the past that are organized within chronological order; they are the gate keepers of events that deserved to be conserved. The digital photograph, based on such a concept, is the outcome from a technology focused on assembling a memory-prosthesis that, according to Nora (1997), everybody would be prone to assemble.

Similarly, Huyssen (2000) gets close to Nora and Bourdieu by taking the means to record and write, as well as to take culture as the analyzers of the statute of memory in this culture. According to him, the "vast body of records" of digital technologies - which are getting

2. Pierre Nora densely outspread his idea about places of memory in the work published in 1984. The contemporaneity of his analyses refers to the early 1980s. However, this work, and the concept of place of memory, are still seen, either in the history, architecture and other fields, as a relevant and strong perspective, for the analysis of the contemporary.

more advanced every day – are capable of producing, having close and direct relation to and reducing the contemporary memory. Such a reduction is linked to the “avoidance of recalling” observed in the contemporary culture, which gives technology the task of “storing” what individuals try to forget, since they do not “need” memory (HUYSEN, 2000).

Real and alive memory is not recorded; as states Nora (1997, p. 25), and [...] “history is always the problematic and incomplete reconstruction of what no longer exists” (translated by the author), in other words, history assembles (mere) “memory-prosthesis”. According to him, memory is denied and disrupted by stories. There is suspicious relationship between memory and history: history delegitimizes the experienced past of the memory. A historical ambition is not the exaltation of what really happened, he says, but neantization.

According to Huyssen (1994, p. 15), delusions of modern society have created a conscience of late century (20th) that holds the “responsibility for the past”. Such a responsibility would have become stronger in contemporary thinking and culture would be the “nostalgic search for the origins, as if the goal was to pull all the different pasts to the present” (translated by the author). An “archivist memory” would emerge in the city to support a culture that aims at recalling all the past, in face of the fear to forgetfulness; memory would have an adjacent “will to protect itself from the threats of vanishing” (JEUDY, 2005) (translated by the author). The bond between city and memory would not stop being the expression of disability and lack of will to recall people, groups and the community itself (HUYSEN, 2000).

The reflections above are quite critical towards archives, which are seen as tools for “recording memory”, by a society that would have lost its will to remember.

FICTIONAL MEMORY

According to Derrida (1973), the Freudian work was a fundamental turning point in the statute of memory due to its association with writing. Based on the Greek-Roman traditional culture, it was an inflection point because the voice – as sensory of “presence” – would overcome the writing. According to this tradition, voice, speech and the visible world would ensure the “presence of the thing” and, therefore, its (the thing) truth. Voice

would be the primitive language of human experiences and writing would be only a tool. Based on the psychoanalytic rational – and at this point one finds the turning point by Derrida (1973) – psyche is memory; psychic inscriptions are archives made of traces that subscribe themselves in psyche. Psyche is what is written in it, and memory means writing in psyche “what has happened”.

Thus, from a psychoanalytic viewpoint, the relationship between writing and memory does not concern replacement – as it seems to be to Pierre Nora and Andreas Huyssen, based on our literature on their, which were herein briefly addressed. Based on psychoanalysis, memory is script(ur)e.

In his first theory about the neurotic symptom, Freud (1996a) is categorical: the hysterical ones mainly suffer of reminiscences. The cause of hysteria would be the real and concrete living of a traumatic situation that the individual does not want to recall; therefore, the individual suffers with memories (reminiscences) he/she does not want to have. In his second theory, Freud (1996b) suggests that psyche is marked by memories the individual suffers of. However, these memories are not something that have really happened, but a fantasy; the “scene of seduction” that caused the symptoms of his lady hysterical patients’ palsy (and others) did not actually happen, but was their fantasy. Thus, as fantasy, these scenes were able to cause trauma. In other words, the fictional dimension of psyche and memory was “discovered” by Freud (1996e). Psyche is marked by desire and fantasy, which subscribe the traces of memory. Psychic subscriptions (the memory) are the product of fantasies, rather than of reality (FREUD, 1996e).

According to Derrida (2005), this feeling of fictional documentation is, in opposition to a positive documentation, the great contribution from the Freudian theories to the discourse of history. If the psychic subscriptions of memory (the traces) are crossed by fantasies, did facts that do not compose a story (be them individual or collective) happen or were a dilution of the one who wrote such a story? Based on the Freudian theory, it is impossible to know for sure. History gets close to the literary imagination. The subscription process (the work of memory) is, in itself, the reconstruction of “what has happened”.

Freudian ideas about the psychic system, more precisely his theories about symptoms, were always inspired by the model of History. Psyche is addressed as an “archive” in all

Freudian thoughts. Based on the Freudian theory, psychic subscriptions are archives. Psyche is memory; and the story built by this archive, the arrangement of marks subscribed (memory) in psyche, “assemble” the psychic reality.

Based on Deleuze (2006), the Freudian theories allow having a double thinking, which is the fictional character of memory. According to him, by following the argumentation line of Freud, memory can be thought as “differential repetition”, as simulacrum that produces “successive disguise”, launches differential, artistic and fictional worlds.

I am certain that the walls against fire have greater power of impact over our memory than the main façades [...] in some sense, a city defines itself through its impact on the memory of people. Everything that is a little morbid naturally has latent impact on memory. (WENDERS, 1994, p. 89) (translated by the author).

If we follow the statements by Win Wenders³ when he talks about the choices he made for the forgotten, rough and imperfect façades of the city as scenarios for his movies and based on the Freudian senses of memory, we can say that we agree with Wenders. Archive assembling (the work of memory) is mainly activated by meeting the cracks in the events of life. Memory is the work of recording (assembling archives and histories) what did not find place in the chain of significance everyone has in order to understand and give meaning to oneself and to the world. Because such an event did not find a place in this chain, it became a trauma.

By having in mind that, according to Freud (1996f), forgetting is part of the work of memory, all psychic subscriptions aim at finding a symbol for what has no mark in psyche rather than just recalling. That was the reason why Freud abolished hypnoses as treat-

3. Win Wenders (1945-) is a German movie director, photographer and movie producer. One of the most important characters of the New German Cinema. Some of his works are « Alice nas Cidades », 1974; « As Asas do Desejo », 1987; « Tão longe, tão Perto », 1993; « O Hotel de um milhão de dólares », 2000.

ment to his patients and introduced the free association in its place, i.e., (re)assembling the archives, the stories significant for the traumatic events.

Memory is not an archive with records to be recovered; it is the exercise of recording, the construction of an archive triggered by the cracks in life.

Every history, at individual or collective level, is an eternal restart. After a trauma (for example, the destruction of a building relevant for the lives of a group of people to open room for a new construction sites), all one can do is to “collect the pieces” and re-subscribe what they were. This is the moment of history in life: rebuild; and memory is the (re) writing that sews other possibilities in life, other stories (not necessarily “happy ending” ones!) for life.

RIO DE JANEIRO ARCHIVE

In 2004, the construction site of Leblon Mall was set in the Southern Rio de Janeiro City. This mall was built in a quite peculiar terrain: a big rock by a popular condominium. This rock and *Comunidade Cruada São Sebastião* formed a sort of island in the landscape of the neighborhood, which was densely built.

We selected this construction as the object of our reflection due to discussions at LASC/PROARQ, about the memory of the city (DUARTE; UGLIONE, 2005). How would this change in the landscape of the neighborhood influence the local memory of people who lived close to the construction site? Based on an ethnographic field study, we assembled archives of the place. The archives counted, among other factors, on records about a great illegal fire accountable for the demolition of a group of poor houses in this location, a few decades ago. The fire, in their turn, allowed the construction of *Cruzada* condominium.

These archives also depicted the celebrations and plays on the rock; the space was the “patio” of *Cruzada* residents after years of restrict occupation in the neighborhood. There were invisible separation lines between *Cruzadas’* residents and other citizens in the neighborhood. Stories have shown the work of memory, which was hard and painful for some, but assembled by traces, such as distant memories residents had about the fire they

had seen and imagined. This process was the work of mourning; in Freud's words (1996d), they aimed at giving meaning and at facing the disruption of their space of life due to the mall's "arrival".

After having these archives, or the stories of the place, we can say that the mall did not kill the memory of the place; it is a simplified and fast reading of transformations in a city. Memory is a human work of (re)signifying the cracks of/in life; this group of people had been doing so, since they were asked to write the story of the place they live in. However, we can also say that, by looking at the space changed with/by this mall, including its building and surrounding areas, one can observe that it did not hide the avoidance to recall the ones who had planned and set this transformation. A place with no room for *Cruzada* residents – they, who, at this point, were the ones occupying that area in the neighborhood. The only free space they had left because of the mall construction site was an area right in front of the condominium, which only lasted a few years. Nowadays, other changes in the neighborhood and traffic jam around the mall turned the "patio" into a rush street, full of cars and buses.

In 2007, based on other projects by LASC/PROARQ and on its reflections and theories about memory in the city, we chose the old Urca Casino, Southern Rio de Janeiro City, as object of study. We were attracted by its building, because, although part of it is in ruins after many years of occupation, it was about to be renovated to house the international school of design. We started assembling the archive of this place along with residents in the neighborhood; at this time, we used the methodological approach known as "Mnemonic Archive of the Place", which we were developing at LASC (DUARTE *et al.*, 2007).

The fact that this case study concerned archives assembled with extraordinary richness of metaphors and details was essential for our reflections (UGLIONE, 2008). If the ruins were part of the daily landscape of people in the neighborhood, it was the possibility of transforming a place, and it seemed to have triggered the will for recalling the place.

Between 2009 and 2014, during the post-doctorate I attended at LASC/PROARQ, we developed a project concerning the area around Mauá Square, downtown Rio de Janeiro City, which was the main object of our research's questionings. At that time, the area was the very core of changes such as the construction of Tomorrow Museum, launched in 2015. We

kept the field approach in this project, but now we used more consolidated methodological instruments developed at LASC (DUARTE *et al.*, 2011). We also broadened our problematic, given the insertion of ambiance in our conceptual references, as well as memory and archive (UGLIONE, 2014).

A wide range of people helped building the archive of the place; among them, employees and reservists of the Brazilian Navy (which is located at Mauá Square), residents and former residents of the square, salesmen and regulars in commercial establishments around the square. These archives were outstanding, given their number and heterogeneity. Based on the terms used by Pierre Nora, they were built from the subscription of very “humble” traces, since they regarded a significantly smaller scale imperceptible for



projects and construction sites (either for demolition or construction), that have radically changed the place.

The archive derived from the assemblage of small traces of the place, such as chains in a stairway, salinity of tap water, the shade by the house, the chair “sleeping” on the sidewalk, the vertigo of the hill. These archives were made of humble testimonies that were not similar to avoidance of recalling, at all. Actually, by the amount and creativity of words, the terms forming the writings have shown the strong effort to assemble stories transformations were erasing: the small things of the place.



1. Old Urca Casino.

Source: Author's file, 2007.

2. Old Urca Casino.

Source: Author's file, 2007.

WILL OF RECALLING IN THE CITY

At late 2019, after one year out of Rio de Janeiro, I returned to the city for a few days and, throughout the route from the airport to downtown, I stayed a little longer in Porto Maravilha region. My eyes, kind of suspiciously, looked at the Ferris wheel, which was a promise when we were carrying out the field work. Participants in the archives construction used to call it more lie of the local mayor. A sun ray reached my eyes. It was the reflex from the façade of a luxurious and glass buildings (when the memory comes up, would say Win Wenders) that ended up built among the empty spaces created by all the demolitions fuzz for Porto Maravilha's construction in the region. But, the peeled walls were visible through the windows of the light rail vehicle (LRV); my eyes missed all. I missed the city, not exactly that region, not any other in particular, but the many and mixed places, mo-



ments, smells and colors of a Rio de Janeiro that, at this time of return, needed to be (re) subscribed in my archives. It was from these walls that the unmistakable will of recalling (and also of forgetting) the city came from.

MEMORY, ARCHIVE AND ARCHITECTURE

A concept of mnemonic archive based on the terms proposed by the Freudian model of psyche is a complement to memory as individual and collective, undistinguishable main object of our research questionings of significations. Therefore, it is a distancing and conceptual criticism of/to the feeling of memory and history as mimesis and/or recovery.



3. “The small things of the place”,
Pedra do SAL, RJ.
Source: author’s files, s/d.

4. “Cracks in RJ”,
Mauá Square.
Source: author’s files, s/d.



5. “Other fissures in RJ”, Mauá Square.

Source: author’s archives, s/d.

**6. “The memory touches the city”,
Mauá Square, RJ.**

Source: author’s files, s/d.

Memory archives are assembled through traces selected by the ones who tell the story; among them, historians, architects and researchers. Such an understanding of archive brings along an ethical and political dimension to archive assembling, as states Derrida (2005).

Memory does not get mixed to recalling, it also implies forgetting. Thus, the idea of archive can be taken as criterion to theorize, think, build and occupy the city at present times. However, in the words by Huyssen, it does not necessarily mean the will and/or belief of “bringing all past to the present”.

According to Freud, assembling archives is an imperative, not from our time, as stated by Nora, nor from other times, in particular. It crosses mankind as the inalienable human task of transmitting, affiliating and belonging to the subjective and real world we “live in”. We brought up these feelings in the current text, as well as some conclusions we got to, based on the case studies we have developed in Rio de Janeiro City. We understand that we can contribute to reflections



on the architecture field, mainly by addressing that: 1) transformations in the city do not mean erasing the memory or the history of it, as we saw in Urca's case, since it carries promises of change that are part of actions that make the "writing machine" of memory work; 2) reading small traces of humble testimonies is a professional, ethical and political conduct concerning the will and commitment to memory in order to build and experience more democratic and inclusive places and cities.

The concepts we chose to address in the present article are quite complex; we know that it is limited and incomplete in a debate like the current one. These concepts demand in-depth studies. More than explaining all these feelings built in a different field, we aimed at getting closer to psychoanalysis and architecture in a broader way, because that is what LASC/PROARQ has been betting on through its interdisciplinary opening.

REFERENCES

- ARANTES, O. Arquitetura simulada. *In*: NOVAES, A. **O olhar**. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.
- BOURDIEU, P. **Un art moyen**: essai sur les usages sociaux de la photographie. Paris: Minuit, 1965.
- BIRMAN, J. **Memória, arquivo e inconsciente**: da história à genealogia. Rio de Janeiro: Polo de Pensamento Contemporâneo, jul. 2008. [Curso Livre ministrado no Polo de Pensamento Contemporâneo].
- DELEUZE, G. **Diferença e repetição**. São Paulo: Graal, 2006.
- DERRIDA, J. **Gramatologia**. São Paulo: Perspectiva, 1973.
- DERRIDA, J. **Mal de arquivo**: uma impressão freudiana. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 2005.
- DUARTE, C. R.; UGLIONE, P. A memória coletiva e as transformações do espaço urbano nas cidades latinoamericanas. *In*: **SEMINÁRIO DE ARQUITECTURA LATINOAMERICANA**, 11., 2005, Cidade do México. **Anais [...]**. Cidade do México: [s.n.], 2005.
- DUARTE, C. R. *et al.* Exploiter les ambiances: dimensions et possibilités méthodologiques pour la recherche en architecture. *In*: AUGOYARD, J.-F. **Faire une ambiance**. Bernin: La Croisée, 2011.
- DUARTE, C. R. *et al.* O projeto como metáfora: explorando ferramentas de análise do espaço construído. *In*: ----. **O lugar do projeto no ensino e na pesquisa em arquitetura e urbanismo**. 1. ed. Rio de Janeiro: Contra Capa, 2007.
- FREUD, S. **Estudos sobre a histeria**. Rio de Janeiro: Imago, 1996a. [Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud].
- **A etiologia das neuroses**. Rio de Janeiro: Imago, 1996b. [Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud].
- **A interpretação dos sonhos**. Rio de Janeiro: Imago, 1996c. [Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud].
- **Luto e melancolia**. Rio de Janeiro: Imago, 1996d. [Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud].
- **Projeto para uma psicologia científica**. Rio de Janeiro: Imago, 1996e. [Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud].
- **Recordar, repetir e elaborar**. Rio de Janeiro: Imago, 1996f. [Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud].
- HUYSEN, A. **Seduzidos pela memória**: arquitetura, monumento, mídia. 2. ed. Rio de Janeiro: Aeroplano Editora, 2000.
- **Twilight memories**: marking time in a culture of amnesia. Routledge: London, 1994.
- JEUDY, H.-P. **Espelho das cidades**. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2005.
- JEUDY, H.-P. **Memórias do social**. Rio de Janeiro: Forense, 1990.
- NESBITT, K. **Uma nova agenda para a arquitetura**: antologia teórica (1965-1995). São Paulo: Cosac Naify, 2007.
- NORA, P. Entre mémoire et histoire: la problématique des lieux. *In*: ----. **Les lieux de mémoires**. Paris: Gallimard, 1997.
- UGLIONE, P. **Arquivo mnemônico do lugar**: memória e história na/cidade. 2008. Tese (Doutorado em Arquitetura) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2008.
- UGLIONE, P. **Memória e ambiência urbana**: ampliando campos de pesquisa e de intervenção. Rio de Janeiro: FAPERJ, 2014. [Relatório Final para o Programa de Pós-Doutorado da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro – FAPERJ].
- VERNANT, J.-P. **Mito e pensamento entre os gregos**: estudos de psicologia histórica. São Paulo: Difel, 1973.
- WENDERS, W. Seção livre: entrevista de Win Wenders a Hans Kollhoff. **Espaços e Debates**, São Paulo, n. 38, p. 83-91, 1994.

PAULA UGLIONE

Research coordinator (HDR) at the Centre National de la Recherche Scientifique (CNRS) in France and researcher for the CRESSON team at the École Nationale Supérieure d'Architecture de Grenoble (ENSAG) and a member of the International Ambiances Network (ambiances.net). Visiting professor (CNPq) at the Urban Laboratory at the Faculty of Architecture and Urbanism at the Federal University of Bahia - FAU / UFBA (2010).



MEMÓRIA DAS POLÍTICAS PÚBLICAS EM FAVELAS E DAS FORMAS DE SEGREGAÇÃO SOCIOESPACIAL NO RIO DE JANEIRO

A memória é um elemento fundamental tanto para a reprodução como para a continuidade da vida social, na medida em que possibilita a reconstrução do passado, visando à interpretação do presente e à projeção do futuro. Está diretamente vinculada aos contextos vividos pelos atores sociais, revelando a importância do lugar que se ocupa no presente na construção da memória coletiva. Assim, o passado será sempre reconstruído a partir do presente, tomando como referência os *quadros sociais da memória*, a partir dos quais a memória individual é construída (HALBWACHS, 1952).

Dessa forma, este artigo toma como objeto de análise o processo de construção social da memória das políticas públicas implementadas nas favelas do Rio de Janeiro e de seus efeitos em termos de processos de segregação socioespacial, considerando as narrativas de seus habitantes, no presente, em diálogo com as análises sócio-históricas produzidas

sobre o tema. Busca-se assim chamar atenção para a recorrência da ameaça de expulsão que marcou as experiências de vida nas favelas enquanto forma de habitar a cidade, e como esse modo de habitar foi sendo representado e classificado ao longo dos anos, justificando sempre a sua expulsão. A partir da reconstituição do processo de construção social dessa memória coletiva, buscaremos evidenciar a lógica que orientou as políticas públicas nesses espaços e seus impactos sobre a experiência vivida por seus moradores.

A análise do processo de construção dessa memória nos permite colocar em questão as formas de representação e classificação social historicamente construídas sobre as favelas que se tornaram hegemônicas no imaginário urbano do Rio de Janeiro. Essa análise toma como referência as primeiras descrições e imagens construídas sobre as formas de habitação popular, ainda no fim do século XIX e no início do século XX. A análise aqui apresentada foi elaborada a partir de uma pesquisa etnográfica realizada em favelas do Rio de Janeiro, em particular nas favelas Santa Marta e Chapéu Mangueira-Babilônia, onde realizávamos trabalho de campo no momento de efetivação das políticas de “pacificação” das favelas, em 2008, no contexto de preparação da cidade para a realização dos megaeventos esportivos internacionais como a Copa do Mundo, em 2014, e os Jogos Olímpicos, em 2016 (CUNHA; MELLO, 2011).

No entanto, para compreender a profundidade histórica e a densidade simbólica do significado das narrativas dos habitantes e das categorias que eles utilizavam durante a realização de nosso trabalho de campo para falar de suas experiências vividas em termos de políticas públicas, foi necessário recorrer a personagens, eventos e cenários passados. Entendendo a etnografia como um trabalho de construção textual complexa, essa perspectiva busca inscrever a diacronia e a sincronia como dimensões complementares da pesquisa socioantropológica (CUNHA, 2005).

Assim, apresentaremos inicialmente a reconstituição sócio-histórica do processo de políticas públicas nas favelas do Rio de Janeiro. Essa reconstituição foi orientada pela escuta atenta dos relatos das experiências vividas e da memória coletiva dos habitantes de favelas. Em seguida, apresentaremos o contexto das recentes políticas de “pacificação” de favelas (CUNHA; MELLO, 2011). Essa parte foi elaborada a partir da observação direta dos impactos dessas políticas no cotidiano de seus moradores. Finalmente, buscaremos evidenciar as relações entre construção social das formas de representação e classificação

das favelas e o processo mais amplo de *produção do espaço* (LEFÈBVRE, 2000), no Rio de Janeiro, por meio das políticas de renovação urbana e habitação popular. Busca-se, assim, analisar os efeitos dessas políticas públicas em termos de reestruturação do espaço urbano e das formas de segregação das populações mais pobres das áreas mais valorizadas da cidade, que marcaram profundamente a memória coletiva dos habitantes de favelas.

AS POLÍTICAS PÚBLICAS DE RENOVAÇÃO URBANA NO INÍCIO DO SÉCULO XX

Antes mesmo do surgimento das favelas no Rio de Janeiro, no final do século XIX, os “cortiços” eram a forma predominante de habitação das classes populares. Essa forma de habitação popular foi classificada como “insalubre, fonte de doenças e vícios, refúgio da criminalidade” (CHALHOUB, 1996). Essa classificação foi reforçada no final do século XIX com o surgimento das favelas, onde os trabalhadores pobres e os escravos libertos foram se estabelecer, particularmente após a destruição dos “cortiços”. Essa população era considerada pertencente às *classes perigosas*¹ e, como tal, deveria ficar longe das áreas centrais e mais nobres da cidade (CUNHA; MELLO, 2011). Do ponto de vista do poder público, essa forma de classificação dizia respeito não apenas às ameaças sanitárias, mas, sobretudo, aos perigos que essa população representava à ordem pública. Tal como os “cortiços”, as favelas passaram a representar, ao mesmo tempo, um risco de contágio e proliferação de doenças e epidemias, devido as suas condições precárias e insalubres de habitação, mas pelo risco de “contágio moral”. Assim, as medidas adotadas pelo Estado nesse período para combater os “cortiços” e as primeiras favelas basearam-se em uma ideologia higienista e visavam controlar o espaço central da cidade, expulsando as classes pobres e trabalhadoras e liberando terrenos para o mercado imobiliário (BENCHIMOL, 1990; CHALHOUB, 1996).

No início do século XX, o primeiro grande projeto de renovação urbana foi implementado no Rio de Janeiro. As chamadas políticas de renovação urbana são caracterizadas pela “demolição-reconstrução” de habitações em bairros populares e foram implementadas em

1. Expressão consagrada por Louis Chevalier em seu livro *Classes laborieuses et classes dangereuses à Paris pendant la première moitié du XIX* (Plon, Paris, 1958).

diversos contextos nacionais, em diferentes períodos da história (DÉBOULET; LELÉVRIER, 2014). No caso da cidade do Rio de Janeiro, essa iniciativa foi do prefeito Pereira Passos que, em 1902, realizou um vasto programa de renovação urbana e de saneamento da cidade, então capital da República do Brasil.²

Pereira Passos concentrou vigorosamente suas ações na destruição dos “cortiços”, dando início ao “bota-abaixo”, uma campanha cujo objetivo era “sanear” e “civilizar” a cidade, eradicando esse tipo de habitação e tudo que elas representavam (BENCHIMOL, 1990). Para além da importância das questões sanitárias, esse conjunto de políticas públicas buscou legitimar decisões extremamente autoritárias de reestruturação urbana da cidade, produzindo nela uma significativa segregação socioespacial. Essa primeira grande reforma urbana no Rio de Janeiro levou à destruição de 1.681 edifícios e ao despejo de cerca de 20 mil pessoas, provocando uma dinâmica de demolição-reconstrução que esteve na origem do desenvolvimento do mercado imobiliário (VAZ, 1988; ROCHA; CARVALHO, 1995).

Como resultado dessas ações, a ocupação dos morros e a expansão das favelas tornaram-se um *problema público* (DEWEY, 2010). Sob a influência de representantes da elite política carioca, que desempenharam o papel de *empreendedores morais* (BECKER, 1985) do higienismo, o diagnóstico inicialmente formulado para os “cortiços” foi estendido às favelas, e suas formas de classificação retomaram a ideia de “mal contagioso” e de “patologia social” a ser combatida (VALLADARES, 2005). Dessa perspectiva, as favelas eram sempre classificadas pela ideia de “falta” ou “ausência”, tanto do ponto de vista de infraestrutura e serviços urbanos (acesso à água, à energia elétrica, aos serviços de esgoto, de coleta de lixo etc.) como do ponto de vista moral, sendo concebidos pelo poder público como “territórios sem ordem, sem regras e plenos de promiscuidade” (CHALHOUB, 1996; SILVA, 2004). Assim, desde as primeiras décadas do século XX, foram regularmente formuladas propostas de políticas públicas de “erradicação” de favelas.

Ao longo da década de 1920, as favelas se expandiram consideravelmente. Nesse momento, uma nova concepção de urbanismo já começava a tomar forma, para além das políticas inspiradas pela ideologia higienista. Assim, as favelas passaram também a ser classifi-

2. Visando associar a reforma urbana à reforma sanitária, Pereira Passos convidou Oswaldo Cruz, médico bacteriologista e epidemiologista, formado no Instituto Pasteur, em Paris.

cadadas como um espaço desviante com relação às noções de “modernidade”, “eficiência” e “estética” que, de acordo com essa nova concepção do urbanismo, deveriam prevalecer na produção do espaço urbano. Essa forma de classificação das favelas tinha como pressuposto fundamental a ideia de que esse modo de habitar constituía uma maneira de ocupação do espaço urbano contrária aos princípios racionalistas de organização e desenvolvimento da cidade, reivindicados pelo poder público (ROCHA; CARVALHO, 1995; CUNHA; MELLO, 2012).

Orientado por esse novo paradigma de planejamento e modernização urbana, o “Plano de Extensão, Renovação e Embelezamento da Cidade do Rio de Janeiro”, elaborado pelo arquiteto e urbanista francês Alfred Agache (1930) na administração do prefeito Prado Junior, visava à reestruturação da cidade com base em critérios funcionais e de hierarquização do espaço. Esse plano previa a construção de moradias populares nas periferias da cidade e, nesse sentido, considerava que a “erradicação” das favelas era totalmente justificada. Em 1937, a prefeitura do Rio de Janeiro aprovou um novo Código de Obras, que orientou as políticas públicas urbanas até a década de 1970. Esse texto dava uma atenção especial às formas de habitação popular e, segundo Gonçalves (2010), foi o primeiro documento jurídico a introduzir a categoria “favela” na legislação urbana, classificando-a como “ilegal”. Mas o fez sob a forma de uma dupla interdição: proibia a criação de novas favelas e, ao mesmo tempo, impedia todas as formas de melhoria das habitações já existentes nesses espaços. Essa classificação ambígua acabou por consolidar essa forma de habitação popular no espaço urbano.

AS POLÍTICAS DE “ERRADICAÇÃO” DE FAVELAS E A RESISTÊNCIA DE SEUS MORADORES

Embora a ideia de “erradicação” das formas de habitação popular tenha surgido ainda no início do século XX, com a reforma urbana de Pereira Passos, em relação às favelas essas políticas públicas só começaram a ser efetivamente implementadas a partir da década de 1940 (VALLADARES, 2005). Elas se iniciaram sob o modelo dos chamados parques proletários e se desenvolveram a partir da construção de Centros de Habitação Provisória (CHP)

e, finalmente, da construção de grandes conjuntos habitacionais nas periferias da cidade, para onde foram removidos os moradores de algumas das principais favelas localizadas na Zona Sul do Rio de Janeiro, área em que se concentram os “bairros nobres” da cidade.³ Os parques proletários eram uma forma de habitação destinada a alojar temporariamente a população expulsa de algumas favelas, com a justificativa de que esses espaços de habitação seriam reabilitados (BURGOS, 1998; VALLADARES, 2005). Entre 1942 e 1944, quatro favelas da Zona Sul do Rio foram destruídas e 8 mil pessoas foram realojadas em três parques proletários. No entanto, a reabilitação das favelas destruídas, como havia sido prometido, nunca se realizou, e esses parques proletários acabaram se transformando, por sua vez, em novas favelas (BURGOS, 1998; GONÇALVES, 2010). Essa política pública tinha também um caráter “civilizador”, que visava converter os favelados a um novo modo de vida, com o objetivo de integrá-los à “cidade formal”, a partir de sua segregação socioespacial (BURGOS, 1998; BRUM, 2012).

No final da década de 1940 e início da década 1950, os *empreendedores morais* intensificaram a campanha pública contra as favelas.⁴ Essa campanha foi denominada “A Batalha do Rio” e defendia, já naquele momento, as parcerias entre instituições públicas e privadas, visando enfrentar definitivamente o “problema das favelas” (SILVA, 2005). É quando ocorre, então, uma significativa conjunção entre os interesses econômicos dos promotores imobiliários e do poder público para promover uma reestruturação do espaço urbano do Rio de Janeiro.

Em 1948, a prefeitura do Rio realizou o primeiro recenseamento demográfico de favelas, que mostrou que os favelados representavam 7% da população total da cidade. Esses dados, mais uma vez, legitimaram a proposta de políticas públicas destinadas a “erradicar as favelas” ou, pelo menos, “impedir seu desenvolvimento” (GUANABARA, 1949). Finalmente, entre 1962 e 1974, as chamadas “políticas de remoção” de favelas ganharam forma definitiva e foram implementadas. Durante as sucessivas administrações dos governadores Car-

3. Os habitantes expulsos de favelas como Ilha das Dragas, Morro do Pasmado, Praia do Pinto, Morro da Catacumba, Favela do Esqueleto foram enviados a conjuntos habitacionais como Cidade de Deus, Cidade Alta, Vila Paciência, Vila Aliança, Vila Esperança, Vila Kennedy, Nova Holanda, Manguinhos, entre outros.

4. Essa campanha foi lançada pelo jornalista Carlos Lacerda a partir de uma série de artigos sobre as favelas do Rio publicados em 1948 pelo jornal *Correio da Manhã*. Para mais informações, ver Silva (2005).

los Lacerda, Negrão de Lima e Chagas Freitas, a cidade do Rio de Janeiro suprimiu oitenta favelas, e foram expulsos de suas residências algo em torno de 140 a 200 mil habitantes, forçados a partir de então a morar em conjuntos habitacionais nas periferias da cidade. Segundo Lícia Valladares (2005, p. 133). essa foi “a mais importante intervenção pública contra as favelas que o Rio de Janeiro já conheceu”. Nesse contexto, os setores de construção imobiliária foram os que mais se beneficiaram com essas medidas.

Assim, os transtornos impostos por um modelo de planejamento urbano de caráter autoritário, apoiado pelas ações violentas do aparato estatal, marcariam profundamente as condições de vida de grande parte da população pobre do Rio de Janeiro. Essas políticas impuseram uma mobilidade residencial forçada a alguns habitantes de uma cidade já profundamente marcada pelas desigualdades urbanas (CUNHA; MELLO, 2011). O postulado permanente dessas ações era de que o lugar dos pobres deveria ser às margens ou nas periferias da cidade. Não importava que fossem áreas cuja infraestrutura, no que diz respeito aos serviços públicos urbanos, praticamente inexistia. Desse modo, essas políticas públicas não visavam melhorar as condições de vida dessas populações, nem projetar um espaço urbano menos desigual e injusto. Ao contrário, elas se constituíram como políticas de segregação, resultando sempre na expulsão dos habitantes das áreas mais valorizadas da cidade (CUNHA; MELLO, 2012).

Todas essas operações, em termos de políticas públicas, acabaram por mobilizar a resistência dos moradores de favelas, que continuaram a se opor a essas políticas de remoção forçada. Foi nesse contexto que as associações de moradores de inúmeras favelas se reuniram, em 1963, e criaram a Federação das Associações das Favelas do Estado da Guanabara (FAFEG),⁵ que reivindicava o reconhecimento legal desses espaços de habitação popular e o acesso aos serviços públicos urbanos. Durante os anos 1960-1970, as propostas da FAFEG defenderam a permanência dos habitantes nas favelas, buscando sua participação ativa na realização das obras de infraestrutura por meio de formas de ação cooperativa (VALLADARES, 2005). Mas a resposta do regime militar a essas formas de resistência e às propostas de urbanização das favelas foi imediata. A partir de 1964, com a ditadu-

5. Em 1974, com a incorporação do estado da Guanabara ao estado do Rio de Janeiro, a FAFEG tornou-se FAFERJ.

ra militar, o governo federal retomou as políticas de “erradicação” e decidiu coordenar diretamente as ações nas favelas do Rio, com o objetivo de liberar espaços cada vez mais valorizados e cobiçados pelo mercado imobiliário (VALLADARES, 2005; GONÇALVES, 2010).

O AUMENTO DA VIOLÊNCIA NAS FAVELAS E AS “POLÍTICAS DE PACIFICAÇÃO”

A partir da década de 1980, com o fim das chamadas “políticas de remoção”, que caracterizaram os anos 1960-1970, constata-se uma relativa diminuição das intervenções do Estado nas favelas. Nesse momento, a expansão do tráfico de drogas tornou ainda mais complexas as formas de intervenção do poder público nesses espaços, que passaram a ser então identificados como “territórios da violência e da criminalidade”.⁶ Particularmente no final da década de 1980, a política de “guerra às drogas” que orientava as ações do poder público nas favelas aumentou significativamente a violência nesses territórios. O resultado dessa “guerra” foi a produção de um ambiente de insegurança e de medo, que acabou por se generalizar atingindo a cidade como um todo. Foi nesse contexto que, em 1993, foi implementado o Programa Favela-Bairro. O programa marcou, de algum modo, uma mudança de perspectiva em relação às políticas públicas nas favelas e, segundo seus formuladores, pretendia prover esses espaços de infraestrutura e serviços urbanos (LEITÃO; DELECAVE, 2015). A ideia de “remoção” dos moradores estava, pela primeira vez na história das políticas públicas em favelas, excluída, e o programa tinha como proposta reduzir a distância social entre a favela e a “cidade formal” ao tratar esses espaços de habitação popular como bairros da cidade. No entanto, o aumento da violência devido às políticas de “guerra às drogas” tornou-se um obstáculo à realização dos objetivos previstos pelo Programa Favela-Bairro (CUNHA; MELLO, 2012; LEITÃO; DELECAVE, 2015).

6. No final da década de 1970, formou-se o Comando Vermelho, o primeiro grupo de traficantes do Rio de Janeiro. Durante a década de 1990, ele se dividiu em dois grupos dissidentes: Amigos dos Amigos e Terceiro Comando. Esses grupos passaram a controlar o comércio de drogas no Rio e disputavam entre si, contribuindo fortemente para o aumento da violência nas favelas (SOUZA, 1996).

Mais recentemente, a escolha da cidade do Rio de Janeiro para a realização da Copa do Mundo de Futebol (2014) e dos Jogos Olímpicos (2016), teve como consequência imediata uma série de propostas de políticas públicas visando à preparação da cidade para a realização desses megaeventos esportivos internacionais. Grande parte dessas intervenções se concentrava em espaços de habitação popular, particularmente as favelas. Nas complexas negociações entre o poder público e o setor privado, buscando assegurar os investimentos necessários à implantação dos projetos de renovação urbana, a questão da segurança pública tornou-se fundamental. O índice de violência registrado no Rio de Janeiro nas últimas décadas, considerado um dos mais altos do mundo, tornou essa questão uma prioridade. Desse modo, a segurança tornou-se o pré-requisito para a transformação dessas áreas urbanas (CUNHA; MELLO, 2011).

Assim, em dezembro de 2008, a Secretaria de Segurança Pública do Estado do Rio de Janeiro iniciou a implantação das Unidades de Polícia Pacificadora (UPP) em algumas favelas da cidade. Tratava-se de uma forma de ocupação desses espaços por um contingente policial permanente que, de acordo com a própria secretaria, tinha por objetivo “conter a criminalidade violenta” e “recuperar territórios empobrecidos e dominados pelos traficantes de drogas”.⁷ As UPPs tiveram um impacto imediato na mídia, que se apressou em fazer o elogio da “pacificação” das favelas, chamando atenção, particularmente, para a suposta ambiência de “segurança” e “tranquilidade” que teria passado a existir nesses espaços (CUNHA; MELLO, 2011).

No entanto, na prática, essa política pública e a presença policial ostensiva nas favelas foram rapidamente questionadas pelos moradores e observadores locais, na medida em que ela recorria, mais uma vez, à violência e ao abuso de autoridade. Essas práticas violentas por parte dos policiais das UPPs não provocaram qualquer reação do poder público e a elas se somava a corrupção praticada pela polícia, expressa nas relações de extorsão e de “venda de proteção” aos traficantes, sob a forma de “mercadoria política” (MISSE, 2002). Todas essas ações acabaram por reforçar o sentimento de desconfiança e medo que sempre existiu, por parte dos moradores de favelas, em relação à ação da polícia militar nesses territórios (OLIVEIRA; CARVALHO, 1993).

7. Mais informações disponíveis em: http://www.upprj.com/index.php/o_que_e_upp.

A favela Santa Marta foi escolhida para o projeto-piloto da UPP.⁸ Essa favela está localizada nos contrafortes dos morros situados entre os bairros de Botafogo e Laranjeiras, no coração da Zona Sul da cidade.⁹ Assim, no dia 19 de dezembro de 2008, foi instaurada a primeira UPP da cidade, sob o comando da então capitã Priscila Azevedo (CUNHA; MELLO, 2011). Desde a instalação da UPP, a favela Santa Marta tornou-se modelo e laboratório para as políticas de segurança pública. A política adotada foi acompanhada por várias ações de substituição gradual de práticas “informais” de acesso aos serviços urbanos, que foram então sendo regularizadas, afetando significativamente o sistema de “gatos” (instalações clandestinas), que caracterizava os espaços de favelas.

No início do processo de regularização dos serviços urbanos nas favelas, previu-se a criação de uma “tarifa social”, que permitia uma redução do valor das tarifas daqueles moradores que possuísem um Número de Inscrição Social (NIS), como beneficiários de programas como o Bolsa-família, por exemplo. Porém, a partir de 2011, as tarifas foram padronizadas, e todos os habitantes da favela passaram a pagar o mesmo valor fixado para os bairros formais da cidade (LORETTI; CUNHA, 2015; CUNHA; MELLO, 2012). Também o controle nas obras de manutenção das habitações e a exigência de sua adequação às normas estabelecidas tiveram como consequência o aumento considerável dos custos das construções, a ponto de torná-las muitas vezes inacessíveis aos moradores da favela.

Essa tentativa de controle mais sistemático das estratégias informais de acesso à moradia e aos serviços urbanos provocou inúmeros conflitos entre os habitantes de favelas e o poder público (CUNHA; MELLO, 2012). De acordo com os habitantes, ela resultou em um aumento significativo no custo de vida nas favelas. Eles reconheciam que era importante pagar pelos serviços urbanos, mas argumentavam que os critérios de definição dos valores cobrados não eram claros e, sobretudo, não eram justos. Alegavam que os habitantes de

8. Entre 2008 e 2014, novas UPPs foram criadas em favelas como Cidade de Deus, Batam, Chapéu Mangueira/Babilônia, Pavão-Pavãozinho, Cantagalo, Tabajaras, Cabritos, Providência, Borel, Formiga, Andaraí, Turano, Macacos, entre outros. Um total de 38 UPPs foram instaladas até 2014.

9. Segundo os dados da Secretaria de Segurança Pública, essa favela contava naquele momento com 6 mil habitantes, distribuídos em um espaço de 54.692 m². Para obter dados atualizados da Secretaria de Segurança Pública em favelas com UPP, consulte: <http://www.upprj.com>. No entanto, notamos que existem diferenças entre os órgãos públicos em relação aos dados das populações e áreas das favelas.

favelas, que continuavam a sofrer as deficiências no que concerne aos serviços e infraestrutura básica, como esgoto a céu aberto e ruas sem calçamento e mal iluminadas, não podiam pagar o mesmo valor cobrado nas áreas mais nobres da cidade, já que a qualidade dos serviços era muito diferente (LORETTI; CUNHA, 2015). Além disso, a criação da UPP resultou em uma valorização de até 400% dos preços dos terrenos e imóveis na favela e seus arredores, tanto para o aluguel como para compra e venda (CUNHA; MELLO, 2011). Finalmente, os habitantes falavam de uma espécie de “expulsão branca”, em função do aumento do custo da vida e da especulação imobiliária.

CONCLUSÃO

Nas últimas décadas, testemunhamos em todo o mundo o desenvolvimento de novas dinâmicas econômicas que intensificaram os efeitos mais perversos dos processos de globalização. A economia global tem produzido, cada vez mais, uma forte vulnerabilidade social e provocado a expulsão de um grande número de pessoas do centro da ordem econômica e social. Esse modelo econômico responde a uma lógica de financiarização de todos os domínios da vida social, imposta por diferentes escolhas e decisões políticas. Como nos chama atenção Saskia Sassen (2016), em um sentido mais amplo, essa lógica de financiarização e de produção de formas de segregação em curso no mundo contemporâneo pode ser vista como uma “tendência sistemática subterrânea” mais profunda que, ao longo das últimas décadas, articula realidades que nos parecem, muitas vezes, desconectadas e cujos modos de ação podem ser caracterizados por sua complexidade, podendo incluir diferentes dinâmicas e até mesmo coexistir com o crescimento econômico (SASSEN, 2016).

Os Estados nacionais estão diretamente envolvidos nesses processos e, na maioria dos casos, estão mesmo na origem dessas novas dinâmicas de expulsão. O desenvolvimento da economia global e sua capacidade de criação de capital poderiam ter sido utilizados para integrar os grupos sociais mais vulneráveis e aumentar o bem-estar da sociedade. Mas, ao contrário, na medida em que as políticas públicas passaram a ser orientadas pelos imperativos do sistema financeiro, a ação dos Estados tem servido, antes de tudo, para esgarçar o tecido social pela produção de formas de desigualdades e de governo de populações cada vez mais complexas (HARVEY, 1985; ROLNIK, 2015). E uma das áreas que mais eviden-

ciam a variedade dessas novas dinâmicas, em vários contextos nacionais, é a de políticas públicas de renovação urbana e habitação popular.

Dessa perspectiva, o Rio de Janeiro pode ser considerado um caso emblemático para pensar as relações que podem existir entre as políticas públicas e a produção de formas de segregação socioespaciais. A memória social de seu desenvolvimento urbano ao longo dos últimos cem anos, aproximadamente, pode assim revelar algumas peculiaridades sobre os modos de governo das populações mais pobres e os processos de segregação, na medida em que a produção do seu espaço sempre reafirmou a ideia de uma cidade orientada para o mercado em detrimento dos direitos dos cidadãos (CUNHA, 2018).

Se as políticas de renovação urbana implementadas no Rio de Janeiro ao longo de sua história, particularmente as chamadas políticas de “remoção” ou “erradicação” de favelas, implementadas nas décadas de 1960 e 1970, deixaram marcas profundas na memória e na morfologia urbana do Rio de Janeiro, bem como um número alto em termos de remoção de moradores de favelas, os resultados das “políticas de pacificação” e dos projetos de renovação urbana implementados no contexto de preparação da cidade para a Copa do Mundo de 2014 e as Olimpíadas de 2016 são ainda mais dramáticos.

De acordo com Faulhaber e Azevedo (2016), enquanto 20 mil pessoas foram deslocadas durante a gestão de Pereira Passos e 30 mil durante a gestão de Carlos Lacerda, que entraram para a história como prefeitos que haviam “arrasado” a cidade, as políticas de “remoção forçada” implementadas por Eduardo Paes expulsaram 67 mil pessoas, na maioria dos casos para locais distante cerca de 70 km de seus espaços de habitação iniciais. Assim, ao longo da história urbana do Rio de Janeiro, podemos dizer que o processo de produção de espaço por meio das políticas públicas nas favelas teve sempre como resultado a expulsão dos grupos sociais mais vulneráveis da urbe e sua exclusão da *civitas* (CUNHA; MELLO, 2012).

A análise retrospectiva dessas políticas públicas mostra que a lógica por trás dessas formas de expulsão assumiu formas distintas ao longo do tempo. Podemos dizer que, inicialmente, ela foi orientada pela *ideologia higienista* que, para além do aspecto sanitário, visava controlar o espaço central da cidade, afastando as classes populares e liberando terrenos para a promoção do mercado imobiliário. Tais medidas visavam principalmente liberar a cidade de sua má reputação como “porto sujo” ou “porto da morte” e lidar com as

epidemias frequentes que assolavam o Rio de Janeiro e desestabilizavam a economia local, impedindo o projeto desenvolvimentista das elites governamentais da época (CHALHOUB, 1996; CUNHA, 2005).

Em seguida, elas se basearam no argumento da necessidade de reorganizar a cidade com base em critérios funcionais de estratificação do espaço urbano, a partir de uma concepção racionalista do urbanismo e do planejamento urbano. Essa nova concepção consolidou e fortaleceu o mercado imobiliário, levando a uma divisão espacial hierárquica que contribuiu ainda mais fortemente para a acumulação de capital. Finalmente, quando as favelas passaram a ser vistas como a grande ameaça à segurança pública e à imagem da cidade, as “políticas de pacificação” tornaram possível, no contexto das cidades concebidas como mercadorias (cidades *commodities*), novos projetos de reestruturação do espaço pela valorização do solo urbano como uma forma de “ativo financeiro” (ROLNIK, 2015; CUNHA, 2018). Nesse sentido, essa política intensificou ainda mais as condições de reapropriação dos espaços dos assentamentos urbanos de favelas pelo mercado.

Assim, vemos que, no passado como no presente, as políticas públicas postas em prática nas favelas do Rio, em suas distintas formas e contextos, se inscrevem em uma lógica de expulsão e segregação socioespacial das classes populares dos territórios que foram sendo valorizados pela ação combinada entre o Estado e o capital, sob a forma da especulação imobiliária. Esses efeitos têm se tornando cada vez mais violentos, na medida em que as políticas públicas estão agora submetidas à rentabilidade financeira.

Assim, podemos considerar, como Saskia Sassen (2016), que existe uma “tendência sistêmica subterrânea” que faz com que a economia global nos confronte à formas de expulsão e segregação socioespacial das populações mais pobres ainda mais complexas, intensas e agressivas, como consequência de um novo ciclo da economia global em termos de acumulação do capital, que inclui o processo de financiarização urbana. E, apesar da resistência dos habitantes de algumas favelas que ainda lutam para permanecer nas áreas mais valorizadas e disputadas da cidade do Rio de Janeiro, a ameaça de “remoção forçada” continua a ser um espectro que os assombra permanentemente, desde a grande “diáspora urbana forçada” das décadas de 60 e 70 do século passado (MELLO, 2010).

REFERÊNCIAS

- AGACHE, A. H. D. **Cidade do Rio de Janeiro**: remodelação, extensão e embelezamento. Paris: Foyer Brésilien, 1930.
- BECKER, H. S. **Outsiders**: études de sociologie de la déviance. Paris: Éditions Métailié, 1985.
- BENCHIMOL, J. L. **Pereira Passos**: um Haussmann tropical. Rio de Janeiro: Secretaria Municipal de Cultura, Turismo e Esportes, 1990.
- BRUM M. **Cidade Alta**: histórias, memórias e estigma de favela num conjunto habitacional do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Ponteio, 2012.
- BURGOS, M. Dos parques proletários ao Favela-Bairro, as políticas públicas nas favelas de Rio de Janeiro. In: ZALUAR, A.; ALVITO, M. (org.). **Um século de favela**. Rio de Janeiro: FGV, 1998.
- CARVALHO, L. A. **Contribuição aos estudos das habitações populares (1886-1906)**. Rio de Janeiro: Secretaria Municipal de Cultura, Turismo e Esportes, 1986.
- CHALHOUB, S. **Cidade febril**: cortiços e epidemias na corte imperial. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.
- CUNHA, N. V. **Viagem, experiência e memória**: narrativas de profissionais da saúde pública dos anos 30. Rio de Janeiro: EDUSC; ANPOCS, 2005.
- CUNHA, N. V.; MELLO, M. A. Novos conflitos na cidade: a UPP e o processo de urbanização na favela. **Dilemas, Revista de Estudos de Conflito e Controle Social**, v. 4, n. 3, p. 371-401, 2011.
- CUNHA, N. V.; MELLO, M. A. A UPP e o processo de urbanização na favela Santa Marta: notas de campo. In: MELLO, M. A.; SILVA, L. A. M.; LUNA, L.; SIMÕES, S. (org.). **Favelas cariocas**: ontem e hoje. Rio de Janeiro: Garamond, 2012.
- CUNHA, N. V. L'expulsion comme mode de gouvernement. Les politiques des favelas à Rio. **L'Année sociologique**, v. 68, n. 1, p. 135-154, 2018.
- DÉBOULET, A.; LELÉVRIER, C. **Rénovations urbaines en Europe**. Rennes: PUR, 2014.
- DEWEY, J. **Le publiques et ses problèmes**. Paris: Gallimard, 2010.
- FAULHABER L.; AZEVEDO L. **Remoções no Rio de Janeiro olímpico**. Rio de Janeiro: Mórula; SMH, 2016.
- GONÇALVES, R. **Les favelas de Rio de Janeiro**: histoire et droit XIXe et XXe siècles. Paris: L'Harmattan, 2010.
- GUANABARA (Estado). Prefeitura do Distrito Federal. **Censo das favelas**: aspectos gerais. Rio de Janeiro: Departamento de Geografia e Estatística, 1949.
- HALBWACHS, M. **Les cadres sociaux de la mémoire**. Paris: Les Presses Universitaires de France, 1952.
- HARVEY, D. **The urbanization of capital**. Oxford: Blackwell, 1985.
- LEFÈVRE, H. **La production de l'espace**. Paris: Éditions Anthropos, 2000.
- LEITÃO, G.; DELECAVE, J. Favela-Bairro e Morar Carioca: reflexões sobre o que muda e o que permanece na política de urbanização das favelas da cidade do Rio de Janeiro ao longo dos últimos 20 anos. In: LIMA, K.; MELLO, M. A. S.; FREIRE, L. L. **Pensando o Rio**: políticas públicas, conflitos urbanos e modos de habitar. Niterói: EdUFF, 2015.
- LORETTI, P.; e CUNHA N.V., 2015.. A eficiência energética na favela Santa Marta: usos e conflitos no espaço urbano. In: LIMA, K.; MELLO, M. A. S.; FREIRE, L. L. **Pensando o Rio**: políticas públicas, conflitos urbanos e modos de habitar. Niterói: EdUFF, 2015.
- MELLO, M. A. S. Cidades: *commodities* para consumo? **Jornal da UFRJ**, ano VI, n. 53, p. 13-16, maio 2010. [Entrevista],
- MISSE, M. O Rio como bazar. A conversão da ilegalidade em mercadoria política. **Inteligência**, v. 3, n. 5, p. 12-16, 2002.
- OLIVEIRA, A.; CARVALHO C. **Favelas e as organizações comuni-**

- tárias.** Petrópolis: Vozes-Centro de Defesa dos Direitos Humanos Bento Rubião, 1993.
- ROCHA, O. P.; CARVALHO, L. A. **A era das demolições:** habitações populares. Rio de Janeiro: Secretaria Municipal de Cultura, 1995.
- ROLNIK, R. **Guerra dos lugares:** a colonização da terra e da moradia na era das finanças. São Paulo: Boitempo, 2015.
- SASSEN, S. **Expulsions:** brutalité et complexité dans l'économie globale. Paris: Gallimard, 2016.
- SILVA, J. S. Favelas: além dos estereótipos. **Democracia Viva**, n. 22, 2004.
- SILVA, M. L. P. **Favelas cariocas (1930-1964).** Rio de Janeiro: Garamond, 2005.
- SOUZA M. L. As drogas e a “questão urbana” no Brasil: a dinâmica socioespacial nas cidades brasileiras sob a influência do tráfico de tóxicos. *In: ELIAS, C. et al. (org.). Brasil: questões atuais da reorganização do território.* Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1996.
- VALLADARES, L. **Do mito de origem à favela.com.** Rio de Janeiro: FGV Editora, 2005.
- VAZ, L. F. Do cortiço à favela, um lado obscuro da modernização do Rio de Janeiro. *In: SAMPAIO, M. R. A. (org.). Habitação e cidade.* São Paulo: FAU; USP-FA-BESP, 1988.

NEIVA VIEIRA DA CUNHA

Mestrado em Sociologia e doutorado em Antropologia pelo PPGSA/IFCS-UFRJ (doutorado-sanduiche na EHESS/Paris). Possui pós-doutorado pelo Centre D'Études des Mouvements Sociaux - CEMS-EHESS/Paris. Graduação em Ciências Sociais pelo Instituto de Filosofia e Ciências Sociais da Universidade Federal do Rio de Janeiro - IFCS-UFRJ. Atualmente é Professora Associada da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), vinculada ao Programa de Pós-Graduação em Educação, Cultura e Comunicação em Periferias Urbanas (UERJ). Pesquisadora associada do LeMetro/IFCS-UFRJ. Pesquisadora afiliada ao CEMS-EHESS e do INCT-InEAC, e coordenadora do Núcleo de Estudos sobre Periferias (FEBF/UERJ).



MEMORY OF PUBLIC POLICIES IN FAVELAS AND OF SOCIO-SPATIAL SEGREGATION IN RIO DE JANEIRO

Memory is key element for both unfolding and stabilizing social life, since it allows re-framing the past from interpreting present and the projection of the future. As memory is directly linked to the empirical experiences of social agents, their present dwelling places are essential to build a collective memory. Therefore, past will be always reframed from present, since it regards the *social frameworks of memory* the individual memory is built from (HALBWACHS, 1952).

Therefore, the present article is an analysis of social memory process applied to public policies in Rio favelas in order to understand their effects on socio-spatial segregation processes. Recent reports by favela residents were assessed based on their socio-historical context. The aim of the present study was to raise awareness on recurring expulsion threats marking the everyday life in favelas as an urban way of life, and on how the portrayals and labels set by this way of living have been justifying favela dwellers expulsion over the years. The social collective memory process was reframed to expose the logic behind public policies and their impacts on favela residents' daily lives.

The analysis of this memory construction process helped discussing hegemonic socially constructed depictions and labels in Rio de Janeiro's urban imagination throughout the years. The analysis was based on the first descriptions and images portraying low-class housing in the late 19th and early 20th centuries, as well as on an ethnographic research carried out in Rio favelas, mainly in *Santa Marta* and *Chapéu Mangueira-Babilônia*. The field study was carried out at "pacification" policy implementation in them back in 2008. This policy aimed at preparing the city for the big international sporting events to come, namely: 2014 World Cup and 2016 Olympic Games (CUNHA; MELLO, 2011).

However, researchers needed to resort to past characters, events and scenarios to grasp the historical depth and symbolic density of residents' reports, as well as how they described their experience based on the "pacification" policy. This approach sought to define diachrony and synchrony as complementary dimensions of socio-anthropological research, for ethnography is a work of complex textual elaboration (CUNHA, 2005).

The introduction section describes the socio-historical reframing of public policies in Rio favelas based on attentively listening to favela residents' life experience reports and collective memory. The recent "pacification" policies in favelas are discussed (CUNHA; MELLO, 2011) and assessed by observing their impact on favela residents' daily lives. Attention was driven to the relationship among socially constructed depictions, favela's labels and the broadest *space building* process (LEFÈBVRE, 2000) based on urban renewal and low-class housing policies in Rio de Janeiro. The aim of present study was to assess the effects of these public policies on urban space reconstruction and on the segregation of the poorest populations to the most upscale areas of the city. Such a process have deeply affected favela's residents' collective memory.

PUBLIC URBAN RENEWAL POLICIES IN THE EARLY 20TH CENTURY

"Cortiços" prevailed as lower-class housing long before favelas have rose in Rio de Janeiro at late 19th century. This housing style was labelled as "unhealthy, a source of disease and addiction, a criminal refuge" (CHALHOUB, 1996), and it was reinforced by favelas,

where poor workers and freed slaves settled themselves, mostly after “cortiços” demolition. These populations were regarded to as *dangerous classes*,¹ therefore, they should stay away from the central and noble urban zones (CUNHA; MELLO, 2011). Public authorities regarded lower classes not only as health threats, but mostly as a threat to public order. Favelas, just as “cortiços”, ended up representing risk for infection and, disease and epidemics’ proliferation, mostly due to “moral contagion”, rather than to their poor and unhealthy housing conditions. Measures adopted by the State to counteract “cortiços” and the first favelas were based on eugenic ideology, which aimed at controlling downtown areas by expelling the poor working classes to make room for the real estate market (BENCHIMOL, 1990; CHALHOUB, 1996).

The first major urban renewal project of Rio de Janeiro City was carried out at early 20th century. The so-called urban renewal policies consisted in the “demolition-reconstruction” of houses in low-class neighborhoods. These policies have been employed in different national contexts and historical periods (DÉBOULET; LELÉVRIER, 2014). In 1902, Rio de Janeiro’s Mayor, Pereira Passos, carried out a vast urban renewal and sanitation program in the city, which was the capital of the Brazilian Republic at that time.²

Pereira Passos focused the destruction of “cortiços”, he conducted the *Bota Abaixo* campaign in order to “sanitize” and “civilize” the city by eradicating them and everything they represented (BENCHIMOL, 1990). Despite the health issue discourse, these public policies sought to legitimize extremely authoritarian orders regarding urban restructuring, which led to significant socio-spatial segregation. This first major urban reform led to the demolition of 1.681 buildings and to the eviction of approximately 20 thousand people in the city. This process triggered the demolition-reconstruction dynamics that would later on allow the real estate market to develop (VAZ, 1988; ROCHA; CARVALHO, 1995).

The occupation of the hills around the downtown area and favelas’ expansion became a *public issue* resulting from the aforementioned actions (DEWEY, 2010). The “cortiços” profile reflected on the favelas, which were once again labelled as “contagious evil” and

1. Term coined by Louis Chevalier in his book *Classes laborieuses et classes dangereuses à Paris pendant la première moitié du XIX* (Plon, Paris, 1958).

2. Pereira Passos invited bacteriologist and epidemiologist Oswaldo Cruz (graduated from Pasteur Institute, Paris) to foster the association of urban reform with health reform.

“social pathology to be fought” (VALLADARES, 2005). All this campaign was influenced by Rio’s political elite, which played the *moral entrepreneurs* (BECKER, 1985) and eugenicists. Favela labels were always based on the sense of “lack” or “absence” of infrastructure and urban services (access to water, electricity, sewage, garbage collection, among others) or of moral value. Favelas were regarded to as “territories without order, rules and full of promiscuity” by the public power (CHALHOUB, 1996; SILVA, 2004). Public policies to “eradicate” favelas have been systematically set since the early 20th century.

Favelas grew considerably in the 1920s, as well as a new urbanism conception; therefore, new eugenic-ideology inspired policies started shaping up. Favelas were depicted as spaces deviated from “modernity”, “efficiency” and “aesthetics” senses that, according to this new urbanism conception, should prevail in urban environments. Assumingly, based on this “new urbanism” favelas’ way of life was against the rationalist principles of organization and development followed by the public power in Rio de Janeiro City, at the time (ROCHA; CARVALHO, 1995; CUNHA; MELLO, 2012).

Rio de Janeiro Expansion, Renovation and Embellishment Plan was inspired by this new paradigm of planned urban modernization; it aimed at restructuring the city based on functional urban hierarchy criteria. The French architect and urban planner Alfred Agache (1930) conducted this process under the administration of mayor Prado Junior. Favela “eradication” was fully justified by the construction of low-class housing on the city’s outskirts. The new Construction Code approved in Rio de Janeiro City in 1937 guided the urban public policies in the city until the 1970s - this code gave special attention to low-class housing. Gonçalves (2010) argued that it was the first legal document introducing the category “favela” to urban legislation, although it was classified as “illegal”. Illegality represented a double ban, since it was forbidden to build new favelas and prevented the possibility of improving pre-existent favela houses. This ambiguity ended up consolidating this form of urban low-class housing.

FAVELA ERADICATION POLICIES AND THE RESISTANCE OF FAVELA RESIDENTS

Although the idea of “eradicating” low-class housing at Pereira Passos administration was developed in the early 20th century, these public policies were only effectively implement-

ed in favelas from the 1940s onwards (VALLADARES, 2005). They followed the proletarian park model and developed from both Temporary Housing Centers (CHP) and large housing complexes settled on the city's outskirts. Residents in some of the main favelas in Southern Rio de Janeiro (known for its "upscale neighborhoods") were resettled.³ Proletarian parks were designed to temporarily house the population expelled from some favelas due to the narrative that favela houses would be rebuilt (BURGOS, 1998; VALLADARES, 2005). Four favelas in Southern Rio were taken down and 8.000 people were resettled in three proletarian parks from 1942 to 1944. However, the promised reconstruction of destroyed favelas was never fulfilled and the proletarian parks became new favelas (BURGOS, 1998; GONÇALVES, 2010). This public policies held the "civilizing" duty of converting "favelados" (favela residents) into a new life style in order to integrate them to the "formal city" through socio-spatial segregation (BURGOS, 1998; BRUM, 2012).

Moral entrepreneurs intensified their public campaign against favelas in the late 1940s and early 1950s.⁴ This campaign was called "A Batalha do Rio" (Rio's Struggle) and advocated for partnerships between public and private institutions to ultimately tackle the "favela issue" (SILVA, 2005). The economic interests of real estate developers and public authorities made a strong alliance to restructure Rio de Janeiro' urban space.

In 1948, Rio's city hall carried out a new demographic census in favelas, and its results showed that favela residents accounted for 7% of the total urban population in the city. These data once again legitimized the "eradicating favelas" or "preventing their development" public policies. (GUANABARA, 1949). The favela "wipe-out policies" definitely came into effect from 1962 to 1974. Rio de Janeiro City's officers suppressed 80 favelas and expelled approximately 140 to 200 thousand favela residents from their homes during the successive administrations of governors Carlos Lacerda, Negrão de Lima and Chagas Freitas; they were forced to live in housing complexes on the city's outskirts. According to Lícia Valladares (2005, p. 133), this process was "the most important public intervention

3. Residents expelled from favelas such as Ilha das Dragas, Morro do Pasmado, Praia do Pinto, Morro da Catacumba and Favela do Esqueleto were sent to housing complexes such as Cidade de Deus, Cidade Alta, Vila Paciência, Vila Aliança, Vila Esperança, Vila Kennedy, Nova Holanda, Mangunhos, among others.

4. This campaign was launched by journalist Carlos Lacerda from a series of articles on Rio favelas, published in 1948 by the newspaper *Correio da Manhã*. Please refer to Silva (2005) for more information.

against favelas that Rio de Janeiro has ever heard of". Therefore, the real estate market was the economic sector taking these policies for granted.

Turmoil imposed by the authoritarian urban planning model, which was based on the violent actions by the state apparatus, deeply affected the living conditions of most Rio de Janeiro's poor populations. These policies imposed residential changes to some city residents and it marked Rio's urban inequalities (CUNHA; MELLO, 2011). Ultimately, these actions postulated the sense that the poor should live on the edges or outskirts of the city. The almost non-existent infrastructure (urban services) in the new settlements did not matter to public authorities; actually, these public policies were not aimed at improving the living conditions of these populations, nor at fostering a less unequal and unfair urban space, but they were planned segregation policies focusing residents' expulsion from the most privileged areas in the city (CUNHA; MELLO, 2012).

All of these public policy measures made favela residents resist, they kept on oppose forced eviction policies. In 1963, residents' associations in countless favelas gathered to create the Federation of Favela Associations of Guanabara State (FAFEG),⁵ which claimed the legal recognition of low-class housing spaces and access to urban public services. During the 1960s-1970s, FAFEG's advocated for the permanence of the poor in favelas and sought their active participation in infrastructure projects based on cooperative actions (VALLADARES, 2005). Nevertheless, the military regime gave a prompt response to this resistance and to favela-urbanization propositions. From 1964 on, during the military regime, the federal government resumed the "wipe out" policies and decided to lead actions to free spaces that had been increasingly valued and coveted by the real estate market in Rio favelas (VALLADARES, 2005; GONÇALVES, 2010).

INCREASED VIOLENCE IN FAVELAS AND "PACIFICATION POLICIES"

There was relative decrease in State interventions in favelas from the 1980s on, due to the end of the "wipe out policies" from the 1960s-1970s. Drug trafficking expansion justi-

5. FAFEG became FAFERJ through the incorporation of Guanabara State into Rio de Janeiro State in 1974.

fied more aggressive interventions by public authorities in favelas, once again labelled as “territories of violence and crime”.⁶ The “war on drugs” policy guided government actions in favelas and significantly increased violence in these territories, mainly in the late 1980s. This “war” led to insecurity and fear, and eventually spread to the whole city. The Favela-Bairro Program was launched in 1993 to provide proper infrastructure and urban services to favelas. This program changed in the perspective of public policies in these spaces (LEITÃO; DELECAVE, 2015) and the idea of “wiping out” residents was not on the mainstream for the first time in the history of favelas. It aimed at reducing social distance between favelas and the “formal city” by treating them as city neighborhoods. However, the increased violence caused by the “war on drugs” was an obstacle to Favela-Bairro Program’s targets (CUNHA; MELLO, 2012; LEITÃO; DELECAVE, 2015).

When Rio de Janeiro City was designated to host of 2014 World Cup and the 2016 Olympic Games it set a series of public policy proposals to prepare Rio for these major international sporting events. Most of the proposed interventions focused low-class housing areas, mainly favelas. Rio de Janeiro recorded one of the highest violence rates in recent decades in the world. The public security issue became a priority during complex negotiations between the government and the private sector to ensure investments in urban renewal projects; in other words, security was prerequisite for transforming these urban zones (CUNHA; MELLO, 2011).

The Public Security Department of Rio de Janeiro State launched the Pacifying Police Units (UPP) in some favelas in the city in December 2008 to occupying these spaces with permanent law enforcement to “suppress violent crime” and “recover territories impoverished and dominated by drug dealers”.⁷ UPPs had immediate impact on the media, which rushed to praise favelas’ “pacification” and shine light on the alleged “safety” and “peace” atmosphere, assumingly prospering in these spaces (CUNHA; MELLO, 2011).

6. Comando Vermelho was the first drug-trafficking gang in Rio de Janeiro, it was launched in the late 1970s. It was split into two splinter groups: Amigos dos Amigos and Terceiro Comando. These groups started to rule the drug trade in Rio and they competed against each other, and it led to significant violence increase in the favelas (SOUZA, 1996).

7. Further information available at: http://www.upprj.com/index.php/o_que_e_upp.

However, it did not take long for this public policy and the ostensible presence of police in favelas to be criticized by residents and local observers, since it once again led to violence and abuse of authority. Violent practices by UPP policemen did not trigger any reaction from public authorities, and police corruption accounted for unlawful extortion schemes and “trade for protection” to drug dealers, known as “political commodities” (MISSE, 2002). All these actions ended up toughening favela residents’ feeling of mistrust and fear of military police actions in these territories (OLIVEIRA; CARVALHO, 1993).

Favela Santa Marta held the UPP pilot project.⁸ It is located in the buttresses of hills between Botafogo and Laranjeiras neighborhoods, at the heart of Southern Rio de Janeiro.⁹ This first UPP was established on December 19, 2008, and was ruled by Captain Priscila Azevedo (CUNHA; MELLO, 2011). Favela Santa Marta became a model and laboratory for public security policies. Several actions were taken to gradually replace “informal” practices by access to urban services, which significantly affected the “jerry-rig” system (clandestine installations) featuring favela spaces when the aforementioned “informal” practices were regulated.

The “social tariff” was created to regulate the urban service process in Rio favelas in order to reduce tariffs paid by favela residents who owned a Social Insurance Number (SIN) and benefited from government programs such as *Bolsa-familia*. All favela residents were forced to pay the same tariffs forest for Rio’s upscale neighborhoods in 2011 (LORETTI; CUNHA, 2015; CUNHA; MELLO, 2012). The control of housing maintenance services and houses adaptation to the standards considerably increased construction costs, which rendered most houses inaccessible to favela residents.

The attempt to systematically control informal access to housing strategies and urban services led to several conflicts between favela residents and public authorities (CUNHA;

8. New UPPs were recruited in favelas such as Cidade de Deus, Batam, Chapéu Mangueira/Babilônia, Pavão-Pavãozinho, Cantagalo, Tabajaras, Cabritos, Providência, Borel, Formiga, Andaraí, Turano, Macacos, among others. A total of 38 UPPs were established by 2014.

9. This favela covered 6.000 residents and spread over an area of 54.692 m², according to data from the Public Security Department. For updated Public Security Department’s data on favelas with UPPs, please refer to: <http://www.upprj.com>. However, please note that data on favela populations and areas may vary according to public agency.

MELLO, 2012). Favela inhabitants claimed that such a process significantly increased their living expenses, although they acknowledged the fairness of paying for urban services, but they also argued that criteria defining tariff prices were not clear and, above all, not fair. They claimed that favela residents remained suffering from deficient services and basic infrastructures such as open sewers, and unpaved and poorly lit streets, so they could not pay the same tariff charged for most upscale Rio neighborhoods, since the quality of their services was much higher than that in favelas. (LORETTI; CUNHA, 2015). UPPs increased by 400% rent and, land and property purchase-sale prices in favelas and in their surroundings (CUNHA; MELLO, 2011). Favela residents also mentioned the “white expulsion” deriving from both rising cost of living and real estate speculation.

CONCLUSIONS

In the last few decades, we have been witnessing the most perverse effects of globalization processes being intensified by the development of new economic dynamics. Global economy has triggered intense social vulnerability and led to populations’ exclusion from the very core of the economic and social order. This economic model is in compliance with the financialization logic imposed by different political choices and decisions that affect all fields of social life. Saskia Sassen (2016) shares a broader insight on the contemporary financialization and social segregation logic, he argues that it can be regarded as a deeper “systematic underlying trend” articulating realities seemingly disconnected from each other, whose *modus operandi* in complex, since it may include different dynamics and coexist with economic growth (SASSEN, 2016).

National States are directly involved in the aforementioned processes, as they are basically at the root of these new expulsion dynamics. Global economic development and its ability to create capital could have aimed at integrating the most vulnerable social groups and at increasing social well-being; however, State’s public policies guided by the dictates of the financial system have essentially tear the social tissue apart by fostering inequality and the management of increasingly complex populations (HARVEY, 1985; ROLNIK, 2015). Urban renewal and low-class housing public policies embody several of these new socio-economic dynamics in different national contexts.

Rio de Janeiro is an emblematic case of dynamics between public policy and socio-spatial segregation. The social memory of its urban development over the last one hundred years reveals some governance practices imposed to the poorest populations and their segregation process. The construction of their space has always been based on the sense of a market-oriented city to the detriment of citizens' rights (CUNHA, 2018).

Urban renewal policies — mainly the so-called “expulsion” or “wipe out” policies from the 1960s and 1970s — implemented in Rio de Janeiro throughout its history left wounds on the memory and urban morphology of the city and expelled a significant number of people from the favelas. The “pacification policies” and urban renewal projects implemented to prepare the city for the 2014 World Cup and the 2016 Olympics Games account for even more dramatic results.

Faulhaber and Azevedo (2016) argue that while 20.000 people were evicted from their houses under Pereira Passos administration and 30.000 under Carlos Lacerda administration — who went down in history as mayors who had “razed” the city —, the “forced eviction” policies launched by Eduardo Paes evicted 67.000 people to sites approximately 70 km away from their original living spaces. The process of opening space in favelas based on public policies has always resulted in the expulsion of the most socially vulnerable groups from the city and in their exclusion from *civitas* throughout the urban history of Rio de Janeiro (CUNHA; MELLO, 2012).

The retrospective analysis applied to these public policies allowed stating that the logic behind evictions from favela houses embodied different shapes, over time. At first, it was inspired by the *eugenic ideology*, which focused control over the city's core — rather than improvements in its sanitary conditions — by evicting low-class residents to make room for the real estate market to develop. These measures mainly aimed at saving the city from its bad reputation as “dirty port” or “port of death”, as well as at tackling the relentless epidemics that has devastated Rio de Janeiro, destabilized its local economy and impaired the developmental project of governmental elites (CHALHOUB, 1996; CUNHA, 2005).

Public policies followed the narrative of reorganizing the city based on functional criteria set for social stratification in urban zones according to a rationalist conception of urbanism and urban planning. This new concept has consolidated and strengthened the real es-

tate market, and led to an urban hierarchy focused on capital accumulation. When favelas were regarded as threat to city's public security and image in the city-commodity scenario (*commodity cities*), "pacification policies" substantiated urban space restructuring projects by valuing urban land as "financial asset" (ROLNIK, 2015; CUNHA, 2018). These policies further tightened the conditions for the market to take over urban favela settlements.

Both past and present public policies applied in Rio favelas, regardless of their different forms and contexts, were based on expelling and socially and spatially segregating the low-class population from the territories targeted by the partnership between State and real estate market for speculation. These actions have become increasingly violent as public policies have surrendered to financial profitability.

The "underlying systemic trend" mentioned by Saskia Sassen (2016) can be deemed credible, since it makes the expulsion and socio-spatial segregation measures imposed to the poorest populations by the global economy even more complex, intense and aggressive. This phenomenon derives from a new global capital-accumulation economic cycle that comprises the urban financialization process. Despite the resistance of some favela residents who still struggle to stay in the most valued and disputed areas of Rio de Janeiro City, the "forced eviction" threat remains a specter that has haunted them relentlessly since the great "forced urban diaspora" of the 1960s and 70s (MELLO, 2010).

REFERENCES

- AGACHE, A. H. D. **Cidade do Rio de Janeiro**: remodelação, extensão e embelezamento. Paris: Foyer Brésilien, 1930.
- BICKER, H. S. **Outsiders**: études de sociologie de la déviance. Paris: Éditions Métailié, 1985.
- BENCHIMOL, J. L. **Pereira Passos**: um Haussmann tropical. Rio de Janeiro: Secretaria Municipal de Cultura, Turismo e Esportes, 1990.
- BRUM M. **Cidade Alta**: histórias, memórias e estigma de favela num conjunto habitacional do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Ponteio, 2012.
- BURGOS, M. Dos parques proletários ao Favela-Bairro, as políticas públicas nas favelas de Rio de Janeiro. In: ZALUAR, A.; ALVITO, M. (org.). **Um século de favela**. Rio de Janeiro: FGV, 1998.
- CARVALHO, L. A. **Contribuição aos estudos das habitações populares (1886-1906)**. Rio de Janeiro: Secretaria Municipal de Cultura, Turismo e Esportes, 1986.
- CHALHOUB, S. **Cidade febril**: cortiços e epidemias na corte imperial. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.
- CUNHA, N. V. **Viagem, experiência e memória**: narrativas de profissionais da saúde pública dos anos 30. Rio de Janeiro: EDUSC; ANPOCS, 2005.
- CUNHA, N. V.; MELLO, M. A. Novos conflitos na cidade: a UPP e o processo de urbanização na favela. **Dilemas, Revista de Estudos de Conflito e Controle Social**, v. 4, n. 3, p. 371-401, 2011.
- CUNHA, N. V.; MELLO, M. A. A UPP e o processo de urbanização na favela Santa Marta: notas de campo. In: MELLO, M. A.; SILVA, L. A. M.; LUNA, L.; SIMÕES, S. (org.). **Favelas cariocas**: ontem e hoje. Rio de Janeiro: Garamond, 2012.
- CUNHA, N. V. L'expulsion comme mode de gouvernement. Les politiques des favelas à Rio. **L'Année sociologique**, v. 68, n. 1, p. 135-154, 2018.
- DÉBOULET, A.; LELÉVRIER, C. **Rénovations urbaines en Europe**. Rennes: PUR, 2014.
- DEWEY, J. **Le publiques et ses problèmes**. Paris: Gallimard, 2010.
- FAULHABER L.; AZEVEDO L. **Remoções no Rio de Janeiro olímpico**. Rio de Janeiro: Mórula; SMH, 2016.
- GONÇALVES, R. **Les favelas de Rio de Janeiro**: histoire et droit XIXe et XXe siècles. Paris: L'Harmattan, 2010.
- GUANABARA (Estado). Prefeitura do Distrito Federal. **Censo das favelas**: aspectos gerais. Rio de Janeiro: Departamento de Geografia e Estatística, 1949.
- HALBWACHS, M. **Les cadres sociaux de la mémoire**. Paris: Les Presses Universitaires de France, 1952.
- HARVEY, D. **The urbanization of capital**. Oxford: Blackwell, 1985.
- LEFÈVRE, H. **La production de l'espace**. Paris: Éditions Anthropos, 2000.
- LEITÃO, G.; DELECAVE, J. Favela-Bairro e Morar Carioca: reflexões sobre o que muda e o que permanece na política de urbanização das favelas da cidade do Rio de Janeiro ao longo dos últimos 20 anos. In: LIMA, K.; MELLO, M. A. S.; FREIRE, L. L. **Pensando o Rio**: políticas públicas, conflitos urbanos e modos de habitar. Niterói: EdUFF, 2015.
- LORETTI, P.; e CUNHA N.V., 2015.. A eficiência energética na favela Santa Marta: usos e conflitos no espaço urbano. In: LIMA, K.; MELLO, M. A. S.; FREIRE, L. L. **Pensando o Rio**: políticas públicas, conflitos urbanos e modos de habitar. Niterói: EdUFF, 2015.
- MELLO, M. A. S. Cidades: *commodities* para consumo? **Jornal da UFRJ**, ano VI, n. 53, p. 13-16, maio 2010. [Entrevista],
- MISSE, M. O Rio como bazar. A conversão da ilegalidade em mercadoria política. **Inteligência**, v. 3, n. 5, p. 12-16, 2002.

- OLIVEIRA, A.; CARVALHO C. **Favelas e as organizações comunitárias**. Petrópolis: Vozes-Centro de Defesa dos Direitos Humanos Bento Rubião, 1993.
- ROCHA, O. P.; CARVALHO, L. A. **A era das demolições: habitações populares**. Rio de Janeiro: Secretaria Municipal de Cultura, 1995.
- ROLNIK, R. **Guerra dos lugares: a colonização da terra e da moradia na era das finanças**. São Paulo: Boitempo, 2015.
- SASSEN, S. **Expulsions: brutalité et complexité dans l'économie globale**. Paris: Gallimard, 2016.
- SILVA, J. S. Favelas: além dos estereótipos. **Democracia Viva**, n. 22, 2004.
- SILVA, M. L. P. **Favelas cariocas (1930-1964)**. Rio de Janeiro: Gramond, 2005.
- SOUZA M. L. As drogas e a “questão urbana” no Brasil: a dinâmica socioespacial nas cidades brasileiras sob a influência do tráfico de tóxicos. *In: ELIAS, C. et al.* (org.). **Brasil: questões atuais da reorganização do território**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1996.
- VALLADARES, L. **Do mito de origem à favela.com**. Rio de Janeiro: FGV Editora, 2005.
- VAZ, L. F. Do cortiço à favela, um lado obscuro da modernização do Rio de Janeiro. *In: SAMPAIO, M. R. A.* (org.). **Habitação e cidade**. São Paulo: FAU; USP-FA-BESP, 1988.

NEIVA VIEIRA DA CUNHA

Master's in Sociology and PhD in Anthropology from PPGSA / IFCS-UFRJ (sandwich PhD at EHESS / Paris). Postdoctoral degree from the Center D'Etudes des Mouvements Sociaux - CEMS-EHESS / Paris. Undergraduate degree in Social Sciences from the Philosophy and Social Sciences Institute of the Federal University of Rio de Janeiro - IFCS-UFRJ. Currently an Associate Professor at the State University of Rio de Janeiro (UERJ), linked to the Postgraduate Program in Education, Culture and Communication in Urban Outskirts (UERJ). Associate researcher at LeMetro / IFCS-UFRJ. Researcher affiliated with CEMS-EHESS and INCT-InEAC, and coordinator of the Center for Studies on Outskirts (FEFB / UERJ).



AMBIÊNCIAS CRIATIVAS NA CIDADE

Na contemporaneidade a cidade tem sido paradoxalmente reconhecida como, por um lado, promotora de grandes densidades humanas e, por outro lado, uma das principais motivadoras do distanciamento entre as pessoas, debate que explica o abandono/esvaziamento dos espaços públicos. Focalizando possibilidades para atenuar esse paradigma, este capítulo foca sua atenção sobre a sensibilização da ocupação dos espaços da cidade por meio de ambiências criativas, entendidas como aquelas que inspiram as pessoas a agirem criativamente.

Como reação à supervalorização da arquitetura de grife praticada pelo *international star system*, o “reconhecimento da vida real” (SONTAG, 1991) é uma importante tendência da área de Arquitetura, Urbanismo e Design (AUD) contemporânea. Sob esse ponto de vista, Berke (2010) defende que a arquitetura pode, entre outros: reconhecer a vida doméstica; acolher a diversidade; assumir significado coletivo e simbólico, mas sem ser monumental; mudar com rapidez, seguindo a moda, mas sem ser a moda. Os profissionais podem/devem investir em ambientes que se mostrem mais viscerais e sensíveis, intimamente ligados às pessoas ali presentes. Complementando essa argumentação, autores como Agarez e Mota (2015), Raith (2000) e Upton (2002) indicam que movimentos ligados à adoção de uma abordagem realista e ao estudo da paisagem têm potencial para contribuir

1. A autora agradece aos estudantes e profissionais da área de Arquitetura e Urbanismo que gentilmente se envolveram com a investigação proposta, e ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), pela bolsa de produtividade em pesquisa.

positivamente para a emergência de uma arquitetura que acolha o cotidiano e otimize as atividades que o caracterizam.

Em sentido semelhante, reconhecendo-se que, conforme a literatura denuncia desde os anos 1960 (JACOBS, 2001; SENNET, 1988; HABERMAS, 1984; ARENDT, 1991), o meio urbano vive uma crise de conformismo que precisa ser enfrentada coletivamente. A partir da década de 1980 tem crescido o movimento das “cidades criativas” – entendidas como aquelas que oferecem “condições para as pessoas pensarem, planejarem e agirem com imaginação [...] dando visibilidade aos recursos criativos invisíveis em seu ambiente físico e à forma como se vive a cidade” (LANDRY, 2012, p. 11). Nesse campo, cidades como Nova York, Berlim, Londres, Paris, Amsterdam, Barcelona, Santiago, Osaka e Lisboa têm se reinventado continuamente, em geral utilizando estratégias voltadas para promover a apropriação do espaço público pela população. Para tanto, em muitas situações, a vitalidade de uma área tem sido garantida por meio de ações ligadas ao chamado “urbanismo efêmero” ou tático (LYNDON; GARCIA, 2011)² ou relacionadas à “acupuntura urbana” (LERNER, 2013)³.

No contexto brasileiro, Rio de Janeiro, São Paulo, Recife e Fortaleza foram recentemente reconhecidas como “cidades criativas” pela Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (*United Nations Educational, Scientific and Cultural Organization* – UNESCO). Nelas destacam-se iniciativas como o movimento Ruas Completas (BARRETO, 2019) ou a criação de micro florestas urbanas (MIRANDA, 2017) que, inspiradas nos modelos supracitados, promoveram a (re)ocupação dos lugares trabalhados, ressignificando-os e trazendo importantes mudanças para as comunidades envolvidas.

Em busca de outro enfoque para a questão, em vez de apresentar o produto da atuação criadora de profissionais no espaço da cidade, este artigo busca identificar ambiências que estimulem as pessoas a se tornarem (ou se sentirem) criativas. De fato, a cidade precisa promover ambiências que estimulem cada pessoa a atuar/produzir criativamente. Nomi-

2. Urbanismo efêmero ou tático (*tactical urbanism*): conjunto de estratégias utilizadas para, a partir de modificações rápidas, facilmente reversíveis e de baixo custo, dar novos significados para áreas da cidade (EBOLI, 2019).

3. Acupuntura urbana: ação pontual em setor urbano degradado, cuja ativação pode promover mudanças em cadeia que atingem várias outras áreas da cidade (FERREIRA; OLIVEIRA, 2019).

namos esse conceito como “ambiência criativa”, tema de pesquisa em andamento (ELALI, 2019) e de palestra seguida por roda de conversa realizada no Laboratório Arquitetura, Subjetividade e Cultura (LASC) em maio de 2019. Este capítulo, que também se baseou em *survey on-line*, discute o que vem a ser uma “ambiência criativa” a fim de subsidiar a busca por meios para promovê-la.

SOBRE CRIATIVIDADE E AMBIÊNCIA

As atividades humanas ditas “criadoras” estão associadas ao exercício da imaginação, promovendo a (re)construção e a modificação de elementos conhecidos de modo a, em vez de reproduzir situações/resultados já experimentados, promover o surgimento de obras diferenciadas (VIGOTSKI, 2009). Autores como Boden (1999), Mayer (1999) e Bohn (2011) indicam, ainda, a importância de que a comunidade valorize a nova proposta como uma solução adequada e pertinente para o problema tratado, isto é, que entenda sua coerência com a situação vivenciada pelo grupo, respondendo a suas necessidades. Além disso, vários investigadores (COHEN, 1989; BASSAT, 2016; CORAZZA, 2016) ressaltam que a transformação do potencial criativo (individual ou grupal) em um produto concreto depende tanto da influência do ambiente físico existente como do ambiente social vivenciado, entendendo-se que pessoa e ambiente interagem continuamente a fim de promover a solução de problemas que se apresentem.

Por sua vez, Sakamoto (2000), Alencar e Fleitch (2009) e Lubart (2007) defendem a necessidade de as pesquisas sobre criatividade assumirem uma visão integradora, agregando fatores pessoais (cognitivos, emocionais e motivacionais) e ambientais (sociais, físicos e culturais), os quais se articulam para delimitar importantes aspectos do processo e do produto. Em sentido similar, Kamylyis e Valtanen (2010) identificam o avanço das pesquisas nesse campo em direção à “criatividade consciente”, enfatizando a importância de se ampliar o entendimento sobre as habilidades humanas que alicerçam as atividades cotidianas.

Lauer, Ekvall e Britz (2000) utilizam os conceitos de “clima organizacional” (conjunto de padrões recorrentes de comportamento, atitudes e sentimentos que caracterizam o contexto de trabalho) e “perspectiva situacional” para analisar situações em que as pessoas

envolvidas relatam o papel do ambiente como estímulo/apoio ao uso da criatividade. Sob tal ponto de vista, eles avaliaram dez dimensões da criatividade: desafio, envolvimento, liberdade, confiança/abertura, tempo para ideia, brincadeira/humor, conflito, suporte para a ideia, debate e riscos.

Em pesquisa com estudantes, Hasirci e Demirkan (2003) relacionaram os componentes físicos à organização espacial, solicitando aos participantes que criticassem a sala de aula utilizada naquele momento e, com base naquela análise, planejassem uma segunda sala na qual se sentissem felizes e criativos. O resultado enfatizou a flexibilidade do ambiente como qualidade fundamental a ser perseguida para a geração de ambientes criativos. Por sua vez, as investigações realizadas por Studente, Seppala e Sadwoska (2016) e Runco (2014) associaram a criatividade à existência de oportunidades para usufruto de ambientes restauradores da atenção (KAPLAN; KAPLAN; RYAN, 1989), mostrando que o contato direto com a natureza ou o simples contato visual com ela pode promover o pensamento divergente essencial ao desenvolvimento do processo criativo.

Estudantes de arquitetura têm sido alvo frequente de estudos recentes sobre a criatividade, tanto abordados como grupo específico (RAMARAJ; ONSMAN, 2016; STUDENTE, SEPPALA; SADWOSKA, 2016; TSCHIMMEL, 2009) como em comparação com outros cursos (PRINGLE; SOWDEN, 2017; DALY *et al.*, 2016). Em geral, em seus resultados, tais pesquisadores ressaltam que o fomento do processo criativo está ligado ao tipo de relação que se estabelece entre o ambiente físico e o social, neste último apontando especialmente o impacto do contexto disciplinar e da motivação individual.

Somando ambiente físico e social, e valorizando a experiência como elemento fundamental à compreensão de uma situação, o estudo realizado investigou a ambiência como fonte de criatividade, entendendo que ela “se revela no cotidiano” e, ainda, “é dependente dos valores colocados pela cultura” (MALARD, 1993, p. 364).

Derivado dos estudos de Baudrillard (1988), Thibaud (2004) e Augoyard (2011), o conceito de ambiência situa “o observador no meio do mundo que ele percebe, e privilegia o envolvimento face a face” (THIBAUD, 2018, p. 16). Segundo o autor, a ideia de ambiência pode se vincular à qualidade de uma situação, ao estímulo que promove seu uso ou, ainda, ao pano de fundo sensível que a alicerça, condições que ele relaciona (respectivamente), às abordagens ecológica, praxeológica e fenomenológica utilizadas em sua investigação.

A ambiência pode ser entendida o lugar urbano somado de tudo que envolve - sons, cheiros, temperatura, movimento das pessoas, luz, etc. - sendo composta por dimensões visíveis e invisíveis do lugar (DUARTE, 2013), o que corresponde a uma imensa lista de fatores a trabalhar, abarcando tanto o suporte espacial constituído pelo lugar (incluindo fatores de ordem ambiental), quanto dados memoriais, identitários e culturais. Além disso, a noção de ambiência não pode ser reduzida a uma soma de fatores isolados, uma vez que ela unifica e preenche de significados todo suporte espacial (DUARTE; PINHEIRO, 2013, p. 43). Logo, a ambiência influencia e é influenciada pela percepção das pessoas que vivenciam e continuamente (re)interpretam aquele local (ELALI, 2013), as quais, em função de suas características/peculiaridades individuais (gênero, idade, história de vida, condição física, fase do ciclo vital vivenciado e outros) decodificam as condições sociais e físicas ali presentes e a atribuem significado ao lugar.

Ao adjetivar o conceito de ambiência, acrescentando “criativa”, nos alinhamos à terminologia utilizada atualmente pela UNESCO (2009) e outras instituições ligadas ao ensino/aprendizagem no campo de arquitetura e urbanismo, sobretudo no tocante ao incentivo à atividade criadora e à busca por inovação na área.

A INVESTIGAÇÃO

A fim de subsidiar um projeto maior voltado para o estudo de ambiências criativas em escolas de arquitetura (ELALI, 2019), neste artigo apresentamos os resultados de uma micro investigação na área, planejada como uma etapa preliminar ligada à prospecção de ideias aplicáveis àquele trabalho. A atividade apostou no uso de redes sociais, mais especificamente, o WhatsApp (envio de mensagem para indivíduos e não para grupos). Foi postada uma solicitação simples em nome da pesquisadora que dizia: “Oi, vou participar de uma mesa-redonda sobre ‘ambiências criativas na cidade’. Estou procurando exemplos. Você me indica algum? (Em qualquer cidade)”.

Para as pessoas que retornaram a mensagem pedindo algum esclarecimento sobre o que se entendia como “ambiência criativa”, o esclarecimento adicional enviado foi: “ambiência criativa é aquela que estimula sua criatividade, na qual você se sente criativo/a”.

Por se tratar de uma questão bastante específica, não havia a expectativa de recebermos um grande número de respostas. No entanto, como retorno, em 24 horas foram recebidas 197 mensagens, das quais 34 foram descartadas (pois fugiram à temática ou não foi possível compreender sua procedência), resultando em 163 respostas válidas.

Refletindo as práticas associadas aos novos meios de comunicação, as respostas recebidas assumiram três formatos: textuais (mensagens de texto), imagéticas (fotos e pequenos vídeos) e sonoras (mensagens de áudio). Outra curiosidade é que, embora as mensagens iniciais tenham sido dirigidas a pessoas vinculadas à área de arquitetura e urbanismo, como é comum acontecer em pesquisas *on-line*, alguns participantes repassaram a pergunta para outros possíveis interessados, de modo que também foram obtidas respostas de designers, psicólogos, pedagogos, comunicadores e biólogos. Nesses casos, na mensagem de agradecimento (“Obrigada, sua opinião será muito útil para esta investigação”) era perguntada a formação do participante: “Para completar nosso cadastro, não é preciso que você se identifique nominalmente, mas, por favor indique seu maior nível de estudo/formação. Agradeço antecipadamente”.

Cumpre ressaltar que, ocorrendo de modo anônimo e por meio digital (sem contato direto com os participantes), esse tipo de investigação se enquadra como “pesquisa de opinião” e, de acordo com a Resolução nº 510/16 do Conselho Nacional de Saúde (CNS, 2016) em seu art. 1º, parágrafo único, prescinde de aprovação pelo comitê de ética da pesquisa.

PRINCIPAIS RESULTADOS

Em geral, os participantes se envolveram positivamente com a investigação, como mostram os trechos aqui transcritos (representativos do conjunto de dados obtido), exibidos em bloco e com indicação da formação do/a participante após cada citação.

Encontro muita **inspiração na rua, no espaço público, nas pessoas simples em ambientes cotidianos**. Quando tenho um problema complexo pra resolver, um recurso é ir pra rua com a mente aberta. As ideias podem vir

de qualquer lado, mesmo de algo comum que eu ainda não tinha olhado do jeito certo. Mas há sempre alguns lugares mais especiais. A ambiência de mercados públicos, por exemplo, me parece muito criativa. Aquela mistura de gente, de vozes com sotaques próprios, dos cheiros e cores das frutas e da comida, é inspiradora. (Arquiteto).

Pratico esportes radicais. Para mim os **lugares desafiadores**, com ondas altas para o surf, ou desníveis grandes, para o rapel, estimulam a criatividade. Neles eu passo muito tempo concentrado, para não ter surpresas desagradáveis e, depois de algumas horas de esporte, boas ideias sempre começam a aparecer. (Designer).

Viagens são uma inspiração, talvez porque não temos as exigências do dia a dia, e até a trabalho tudo parece mais leve, o tempo rende mais, fico mais sensível para o conjunto e foco menos os detalhes. Os lugares em que me sinto mais criativa são aqueles com horizontes largos, com vista ampla pro mar ou pra uma paisagem. Também me solto no alto de um edifício vendo a cidade. Me sinto mais livre, e isso me ajuda a resolver outras coisas. Pra completar, uma boa música, um bom vinho ou um drinque legal, e um prato bem preparado alimentam a alma. (Jornalista).

Em Valparaíso tirei muitas fotos e desenhei muito. O local gerava empolgação. Tinha **muita coisa acontecendo**. Artistas de rua, malabaristas, desenhistas, pintores, cantores, músicos, dançarinos e artesãos se misturavam. Aquela **ebulição** exigiu que eu fizesse algo, artisticamente. Aquele local me induziu a querer fazer arte. Peguei meu caderninho. Mais do que fotografar, eu quis pegar uma parte daquela paisagem com a mão. (Arquiteta).

Parque do Choupal em Torres Vedras, Portugal. Antes a área era degradada. A intervenção no parque conectou o centro histórico medieval à zona norte da cidade, que era segregada e se desenvolveu ao redor do matadouro no início do séc. XX, enquanto a cidade crescia ao sul. O parque é incrível. Recebeu dois prêmios. A ambiência é única, **culturalmente efervescente, e com o acolhimento carinhoso** dos portugueses. Tem aulas para crianças, atividades artísticas para jovens e adultos, lugares para relaxar, espaços para concertos e recitais. Mesmo sendo brasileira **me senti acolhida, pertencente ao lugar**. Tive vontade de escrever, desenhar, fotografar, cantar. (Arquiteta).

Central Park (Nova York), Parque Guell (Barcelona), Museu da Amazônia – MUSA (Manaus), Parque das Garças (Belém), em especial, o restaurante [...] Gosto da forma como o **patrimônio cultural se mistura com a natureza** e também das peças de mobiliário, que são simples mas inspiradoras. Sempre que vou tiro montes de fotografias, saio renovado, cheio de ideias. (Biólogo).

Na minha situação atual, com crianças e pais idosos em casa, com muitas demandas e sem tempo pra muita coisa, para que eu me sinta criativa a ambiência tem que ter **muita paz, muito silêncio**. Tudo que eu preciso é me concentrar para conseguir ser eu mesma. (Designer e mãe).

Lugares com arte são ambiências criativas. Arte atrai arte, e o caldo vai ficando cada vez mais saboroso. Não precisa ser a grande arte dos museus, pode ser a feirinha de artesanato, um setor grafitado da cidade, crianças desenhando no chão, show de marionetes ou até um músico mambembe solitário numa esquina. Se o lugar consegue ter essa **atmosfera artística** ele vai inspirar as pessoas a continuar a fazer aquilo, e atrair novos artistas. Isso é um ciclo virtuoso a ser incentivado. (Comunicóloga).

Sugiro estudar o **carnaval** como ambiência criativa. Ele é **inspirador**. Não só os famosos, como Rio de Janeiro, Olinda ou Salvador. Pelo país inteiro as pessoas são atraídas pelo som, pela **alegria**, pela **diversidade**, pela **democracia** dos blocos. Para participar elas se tornam naturalmente muito criativas. Inventam músicas e coreografias, improvisam fantasias. Adoro a **irreverência**. De onde aparece a ideia de se fantasiar de cotonete ou de camisinha? Em Natal, “os cão” se fantasiam de lama. É gente simples, sem dinheiro, que arrumou uma fantasia natural e grátis pra entrar na festa... (Arquiteto).

As **manifestações de rua** me inspiram. Olhar de cima, de fora, já é bonito. Mas estar lá dentro, entre os manifestantes, é uma **energia** incrível. Pra mim essa energia é a ambiência criativa que faz a gente viajar num monte de ideias. O **sentimento de lutar por uma causa comum** é muito forte. A rua ganha um outro significado, o melhor significado possível. Tirar o lugar do carro já é um empoderamento para as pessoas, para os pedestres. Cantar ou gritar um bordão junto com amigos pode ser bom, mas notar que existe um elo com desconhecidos é melhor ainda. Participar de uma manifestação me deixa revigorado, em todos os sentidos, e estimula demais meu lado criativo. (Estudante).

Tal variedade de respostas exigiu a análise de discurso do tipo categorial. Para tanto, o conjunto de respostas foi observado e se recorreu a diversos tipos de agrupamento das informações, atendendo a recortes específicos. No que se refere ao ambiente físico mencionado e sua inserção na malha urbana, as principais tendências encontradas foram:

1. **Ambientes com forte presença de natureza** – parques, praia, passeios de barco ou trilhas, que podem representar uma possibilidade de fuga

do estresse cotidiano, a exemplo do Central Park (Nova York), do parque Ibirapuera (São Paulo), das margens do Sena (Paris), da floresta da Tijuca, do sítio de Roberto Burle Marx, do Aterro do Flamengo e de Santa Teresa (Rio de Janeiro), da Overseas Highway (estrada para Key West, Estados Unidos), do Bosque nos Namorados (Parque das Dunas, Natal, Rio Grande do Norte), entre outros.

2. **Locais em que obras de arte são disponibilizadas ao ar livre** – foram mencionados: museu-paisagem Inhotim (em Brumadinho, Minas Gerais), Fundação Gulbenkian (Lisboa, Portugal), Fundação Serralves (Porto, Portugal), Parque Guell (Barcelona, Espanha).
3. **Edifícios específicos** – destaque para museus e templos, como Louvre (Paris), Tate e Serpentine Galleries (Londres), Guggenheim (Bilbao, Nova York, Rio de Janeiro), East Side Gallery (Berlim, Alemanha), Museu da Língua Portuguesa (São Paulo, mesmo atualmente fechado), Templo de Uluwatu (Bali), Capela de Bruder Klaus (Alemanha), Capela de Notre-Dame du Haut (Ronchamp, França), Catedral de Brasília (Brasília), e também as diversas sedes do Google e do Facebook, e livrarias como a LX Factory (Lisboa).
4. **Intervenções de grande porte em área urbana** – notadamente envolvendo espaços de interesse patrimonial, como High Line (parque em Nova York que ocupa via férrea suspensa desativada), Parque do Choupa (Torres Vedras, Portugal), la Villette e Chartres Labyrinth (Paris).
5. **Intervenções pontuais em setor urbano** (à semelhança da “acupuntura urbana”) – foram mencionadas o Centro Aberto e Requalificação da Área Central de Santana (São Paulo), Estar Urbano, Rua da Esperança e Projeto R.U.A.S. (Fortaleza), Mais Vida nos Morros (Recife), Ecopraça (Natal), Beco do Batman (São Paulo), Beco da Lama (Natal, Rio Grande do Norte).

6. **Áreas com efervescência artística** – vão do Museu de Arte de São Paulo (MASP) no fim de semana, Vila Madalena e saraus na periferia (São Paulo), feirinhas de SanTelmo e dos Mataderos (Buenos Aires, Argentina), Montmartre (Paris), Alexanderplatz e Checkpoint Charlie (Berlim), centro de Valparaíso (Chile), Harbour Bridge (Sidney, Austrália), festival de inverno de Ouro Preto (Minas Gerais), feira de Caruaru (Pernambuco), rua central de Pipa (Tibau do Sul, Rio Grande do Norte).
7. **Ocupações do espaço urbano durante períodos específicos**, cuja temporalidade variou (semanal, sazonal, anual ou mesmo eventual), e que se relacionaram a eventos conhecidos como carnaval, celebrações religiosas e manifestações populares (sobretudo de cunho político).

Em termos de situação geográfica, foi evidente a diversidade de locais mencionados, no Brasil e no mundo, denotando não apenas o repertório ampliado do grupo em questão, mas, principalmente, não haver fronteiras nesse sentido ou, ainda, que, em suas viagens as pessoas conseguem encontrar locais especiais nos quais “recarregam as baterias” e se permitem se mostrar mais criativas.

No tocante à percepção do ambiente socioafetivo que caracteriza as ambiências indicadas, o material coletado foi dividido em ideias-síntese (quadro 1) indicadas na ordem decrescente de sua menção no *corpus* em questão.

Note-se que, além de imaginação/criatividade (ideia óbvia diante da temática estudada), destacaram-se acolhimento, estímulo, diversidade (étnica, social, de gênero, formação, interesses etc.), liberdade e diálogo. Corroborando Hennessey (2015) e Corazza (2016), entre outros, subtende-se que, para estimular a criatividade das pessoas, a ambiência deve acolhê-las e respeitar suas peculiaridades, a fim de que se sintam livres para serem elas mesmas, para dialogarem entre si, e se permitirem percorrer caminhos divergentes e gerar novas ideias.

QUADRO 1. Ideias-síntese relacionadas à ambiência

Fonte: Elaboração do autor.

IDEIAS-SÍNTESE	PRINCIPAIS PALAVRAS CORRELATAS*
Imaginação	Imaginação, imaginário, pensamento, criatividade
Acolhimento	Acolhimento, aceitação, respeito, autoconfiança, superação, sem regras, sem cobrança, sem exigências, sem medo
Estímulo	Estímulo, valorização, inspiração
Diversidade	Diferente, diverso, diferenciado, mistura, heterogêneo, não homogêneo, interdisciplinar
Sentidos	Som, cheiro, cor, visão, audição, olfato, tato
Experiência	Experiência, vivência, atividade, oficina, experimentação
Liberdade	Liberdade, iniciativa, autonomia
Colaboração	Colaborar com, dialogar, conversar, trocar, interagir, participar, cooperar
Flexibilidade	Flexível, modificável, com escolha, com opções
Cidadania	Cidadania, cidadão, direito
Presença de arte	Arte, escultura, pintura, música

Nota: *Palavras indicadas nesse quadro no masculino singular, mesmo havendo respostas nas quais tenha sido detectado seu uso no feminino ou no plural.

Outros aspectos a destacar em relação ao conjunto de respostas obtidas estão ligados à exploração dos sentidos (visão, audição, tato, olfato, paladar, cinestesia) e da experiência humana (vivência pessoal e intransferível do lugar, mas, também, vida em grupos). Neste campo, corroborando Landry (2017), vários dos depoimentos apontaram (quer direta, quer indiretamente) para a importância das investigações sobre a ambiência criativa na cidade levarem em consideração a abordagem fenomenológica do espaço.

CONSIDERAÇÕES FINAIS: DEBATES EMERGENTES

Entre as muitas questões que emergiram a partir da análise do material coletado, três chamaram especialmente atenção: a aproximação entre a compreensão de ambiência criativa e de ambientes restauradores; a importância de discutir a gentrificação com um fator envolvido na questão em estudo; e a incorporação da noção de espaço de participação e de manifestações públicas (ou seja, de vida em democracia) à compreensão de ambiência criativa.

No que diz respeito ao **primeiro tópico**, a teoria dos ambientes restauradores (KAPLAN; KAPLAN; RYAN, 1987) define que, para garantir reequilíbrio da atenção e das condições psíquicas, é preciso que o ambiente proporcione fascinação, extensão, afastamento e compatibilidade às pessoas que o utilizam. Sob essa perspectiva, conforme descrição baseada em Alves (2008) e Gresser e Gunther (2013), por fascinação compreende-se o despertar da atenção involuntária e sem esforço, condição que permite menor uso da atenção concentrada e, portanto, maior relaxamento/descanso. Extensão (ou escopo) é a sensação de estar em contato com o ambiente ao redor e desobrigar-se das demandas cotidianas, dando-se conta desse afastamento e desenvolvendo senso de pertencimento ao novo local. Como afastamento (ou escape) se entende a distância física e/ou conceitual entre o ambiente cotidiano e o ambiente restaurador, o que garante algum distanciamento cognitivo do cotidiano. Em geral, a compatibilidade entre tais aspectos indica possibilidades de uso para o local, em função da (maior ou menor) congruência entre o que a pessoa deseja e o que o ambiente oferece a ela. Muitos depoimentos coletados se referiram a ideias correlatas às supracitadas como modo de afastar a mente das preocupações imediatas, o que permitiria o surgimento de novos *insights*. Ou seja, reduzir o pensamento convergente e possibilitar o afloramento do pensamento divergente.

Com relação ao **segundo tópico**, alguns participantes chamaram atenção para o fato de algumas das ambiências que estimulam sua criatividade também parecerem ser exemplos de gentrificação, pois são frutos de projetos específicos que investiram nesses lugares a fim de torná-los atraentes a uma população de maior poder aquisitivo, o que significaria “entrar na lógica de reprodução capitalista do espaço”. Certamente essa é uma preocupação legítima a ser considerada, sobretudo em realidades como a brasileira, nas quais grandes

discrepâncias sociais frequentemente se associam a questões de vulnerabilidade ambiental. De todo modo, o próprio *corpus* de pesquisa permite a discussão desse ponto, pois o conjunto de respostas envolveu ambiências em vários contextos, inclusive socioeconômicos.

Finalmente, no tocante ao **terceiro tópico**, a incorporação da noção de espaço de participação e de manifestações populares em espaço público à ideia de ambiência criativa é oportuna, inovadora e inspiradora, conforme valoriza a ideia de criatividade como atividade coletiva e, principalmente, mostra a importância da democratização dos espaços urbanos e sua (re)tomada pela população, abrindo possibilidade para que todos se envolvam em atividades de criação.

Encerrando este capítulo, retomo a argumentação de Oppenheimer (2017, p. 315) que, ao discutir a inserção da América Latina num contexto de globalização econômica, social e ambiental, comentou que a região se encontra diante de um dilema: “criar ou morrer”. Corroborando tal ideia, entendo que o enfrentamento da questão passa pela revitalização e ressignificação do meio urbano, para o que é fundamental sua ressensibilização por meio do reconhecimento e estímulo às ambiências criativas. Eis um caminho a ser urgentemente explorado.

REFERÊNCIAS

- AGAREZ, R.; MOTA, N. Architecture in everyday life. **Footprint: The 'Bread & Butter' of Architecture**, n. 17, v. 9/2, p. 01-08, 2015.
- ALENCAR, E. L. S.; FLEITH, D. M. S. **Criatividade**: múltiplas perspectivas. Brasília: EdUnB, 2009.
- ALVES, S. M. Ambientes restauradores. *In*: CAVALCANTE, S.; ELALI, G. A. (org.). **Temas básicos e psicologia ambiental**. Petrópolis: Vozes, 2008. p. 42-52.
- ARENDT, H. **A condição humana**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1991.
- AUGOYARD, J. F. **Faire une ambiance**. Bernin: La Croisée, 2011.
- BARRETO, C. F. Ruas completas: uma contribuição funcional e estética ao projeto. *In*: CONGRESSO BRASILEIRO DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE TRANSPORTES PÚBLICOS, 22., 2019, São Paulo. **Anais [...]**. São Paulo: ANTP, 2019.
- BASSAT, L. **La creatividad**. Buenos Aires: Conecta, 2016.
- BAUDRILLARD, J. The system of objects. *In*: POSTER, M. (ed.). **Selected writings**. Cambridge: Polity Press, 1988.
- BERKE, D. Pensamentos sobre o cotidiano. *In*: SYKES, K. (org.). **Constructing a new agenda for architecture**: architectural theory (1993-2009). Nova York: Princeton Architectural Press, 2010. p. 59-63. [Publicado originalmente em 1997].
- BODEN, M. A. **Dimensões da criatividade**. Porto Alegre: Artmed, 1999.
- BOHN, D. **Sobre a criatividade**. São Paulo: Editora da Unesp, 2011.
- COHEN, L. M. A continuum of adaptive creative behaviors. **Creativity Research Journal**, v. 2, n. 3, p. 169-183, 1989.
- CSN - CONSELHO NACIONAL DE SAÚDE. **Resolução no 510/2016**. Ética na pesquisa na área de ciências humanas e sociais. Brasília: CNS, 2016.
- CORAZZA, G. E. Potential originality and effectiveness: the dynamic definition of creativity. **Creativity Research Journal**, v. 28, n. 3, p. 258-267, 2016.
- DALY, S. *et al.* An investigation of design studio performance in relation to creativity, spatial ability, and visual cognitive style. **Thinking Skills and Creativity**, n. 22, p. 1-13, 2016.
- DUARTE, C. R. Ambiance: pour une approche sensible d l'espace. *In*: THIBAUD, J.-P.; DUARTE, C. R. (org.). **Ambiances urbaines em partage**. Genève: Metis Presses, 2013. p. 21-30.
- DUARTE, C. R. S.; PINHEIRO, E. Imagine uma tarde chuvosa... pesquisas sobre ambiência, alteridade e afeto. *In*: PROJETER, 6., 2013, Salvador. **Anais [...]**. Salvador: FAUFBA, 2013. p. 40-50.
- EBOLI, P. C. O urbanismo tático e seus limites políticos. **Revista Políticas Públicas & Cidades**, v. 8, n. 1, p. 50-62, 2019.
- ELALI, G. A. **Ambiências criativas**: um estudo sobre o ambiente sociofísico de cursos de arquitetura e urbanismo em países lusófonos. *[S.L.]*: CNPq, 2019. [Projeto de pesquisa].
- ELALI, G. A. Criar ou não criar, eis a questão: breve discussão sobre o papel da criatividade no projeto de arquitetura. *In*: PROJETER, 6., 2013, Salvador. **Anais [...]**. Salvador: FAUFBA, 2013. p. 1-18.
- FERREIRA, K. P. M.; OLIVEIRA, M. D. Psicologia ambiental e acupuntura urbana. Notas de aula. *In*: CONGRESSO DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE PSICOLOGIA AMBIENTAL E RELAÇÕES PESSOA-AMBIENTE, 1., 2019, João Pessoa. **Anais [...]**. João Pessoa: ABRAPA, 2019.
- GRESSER, S. C.; GUNTHER, I. A. Ambientes restauradores: definição, histórico, abordagens e pesquisas. **Estudos de Psicologia**, v. 18, n. 3, p. 487-495, set. 2013.
- GUILFORD, J. Creativity: yesterday, today and tomorrow. **Journal of Creative Behaviour**, n. 1, p. 3-14, 1967.
- HABERMAS, J. **Mudança estrutural da esfera pública**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1984.

- HASIRCI, D.; DEMIRKAN, H. Creativity in learning environments: the case of two sixth grade art rooms. **The Journal of Creative Behavior**, v. 37, n. 1, p. 17-45, 2003.
- HENNESSEY, B. Creative behavior, motivation, environment and culture: the building of a systems model. **The Journal of Creative Behavior**, v. 49, n. 3, p. 194-210, 2015.
- KAMPYLIS, P.; VALTANEN, J. Redefining creativity: analyzing definitions, collocations and consequences. **The Journal of Creative Behavior**, v. 44, p. 3, p. 191-214, 2010.
- KAPLAN, R.; KAPLAN, S.; RYAN, T. **The experience of nature: a psychological perspective**. New York: Cambridge University, 1989.
- JACOBS, J. **Morte e vida de grandes cidades**. São Paulo: Martins Fontes, 2001. [Original em inglês publicado em 1961].
- LANDRY, C. **Cidades criativas**. Lisboa: inPrintout, 2012.
- LANDRY, C. A paisagem sensorial das cidades. Lisboa: inPrintout, 2017.
- LAUER, S.; EKVAL, G.; BRITZ, A. Perceptions of the best and worst climates for creativity. **Creativity Research Journal**, v. 13, n. 2, p. 171-184, 2000.
- LERNER, J. **Acupuntura urbana**. Rio de Janeiro: Record, 2013.
- LYNDON, G.; GARCIA, A. **Tactical urbanism: short-term action for long term change**. Washington: Island Press, 2011. v. 1.
- LUBART, T. **Psicologia da criatividade**. Porto Alegre: ARTMED, 2007.
- MALARD, M. L. Os objetos do cotidiano e a ambiência. In: ENCONTRO NACIONAL DE CONFORTNO NO AMBIENTE CONSTRUÍDO, 2., 1993, Florianópolis. **Anais [...]**. Florianópolis: ANTAC, 1993.
- MAYER, R. Fifty years of creativity research. In: STERNBERG, R. J. (ed.). **Handbook of creativity**. New York, NY: Cambridge University Press, 1999. p. 449-460.
- MIRANDA, L. **Rede de microfloreas urbanas TodaVida**. Proposta para Porto Alegre. Porto Alegre: *[s.n.]*, 2017.
- OPPENHEIMER, A. **Crear o morir!** Buenos Aires: Debate, 2017.
- PRINGLE, A.; SOWDEN, P. The Mode Shifting Index (MSI): A new measure of the creative thinking skill of shifting between associative and analytic thinking. **Thinking Skills and Creativity**, n. 23, p. 17-28, 2017.
- RAITH, F.-B. **Everyday architecture: in what style should we build?** Daidalos, n. 75, 2000.
- RAMARAJ, A.; NAGAMMAL, J. Investigating the creative processes and outcomes of an open ended design task. **Thinking Skills and Creativity**, n. 21, p. 1-8, 2016.
- RUNCO, M. **Creativity: theories and themes: research, development and practice**. Burlington, Mass.: Elsevier, 2014.
- SAKAMOTO, C. Criatividade: uma visão integradora. **Psicologia: Teoria e Prática**, São Paulo, v. 2, n. 1, p. 50-58, 2000.
- SENNET, R. **O declínio do homem público**. São Paulo: Companhia das Letras, 1988. [Original publicado em 1974].
- SONTAG, S. **The way we live now**. Nova York: Noonday Press, 1991.
- STUDENTE, S.; SEPPALA, N.; SADOWSKA, N. Facilitating creative thinking in the classroom. **Thinking Skills and Creativity**, v. 19, p. 1-8, 2016.
- THIBAUD, J.-P. **Ambiência**. In: CAVALCANTE, S.; ELALI, G. A. (orgs.). **Psicologia ambiental: conceitos para a leitura da relação pessoa-ambiente**. Petrópolis: Vozes, 2018, p. 13-25.
- THIBAUD, J.-P. O ambiente sensorial das cidades: para uma abordagem de ambiências urbanas. In: TASSARA, E. T. O.; RABINOVICH, E. P.; GUEDES, M. C. (orgs.). **Psicologia e ambiente**. São Paulo: Educ, 2004.
- UNESCO – ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS PARA A EDUCAÇÃO, A CIÊNCIA E A CULTURA. **Investing in cultural diversity and intercultural dialogue**. Paris: UNESCO, 2009.
- UPTON, D. Architecture in everyday life. **New Literary History**, v. 33, n. 4, p. 707-723, 2002.
- VIGOTSKI, I. S. **Imaginação e criação na infância**. São Paulo: Ática, 2009.

GLEICE AZAMBUJA ELALI

Graduada em Arquitetura e Urbanismo e Psicologia pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte - UFRN, com mestrado e doutorado em Estruturas Ambientais Urbanas pela Universidade de São Paulo - USP, e pós-doutoramento em Arquitetura pela Universidade de Lisboa. Professora titular na UFRN, pesquisadora com bolsa de produtividade do CNPq, vinculada ao grupo de pesquisa “Inter-Ações Pessoa-Ambiente” (UFRN) e ao grupo de pesquisa Projetar (UFRN). Coordenadora do Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo - PPGAU/UFRN (gestões 2010-12 e 2012-14). Coordenadora Adjunta para Programas Profissionais da área 29 – Arquitetura, Urbanismo e Design (AUD) da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - CAPES (2018-2022).



CREATIVE AMBIANCES IN THE CITY

Nowadays, the city has been paradoxically acknowledged by promoting great human densities, on the one hand, and as one of the main factors encouraging distancing among individuals on the other, a fact that explains the abandonment/emptying of public spaces. The aim of the current chapter is to raise awareness about the occupation of city spaces through creative ambiances, herein understood as the ones inspiring individuals to act creatively, by focusing on possibilities to mitigate this paradigm.

“Real-life acknowledgement” (SONTAG, 1991) is an important trend in the contemporary Architecture, Urbanism and Design (AUD) field. It is the reaction to the overvaluation of the architecture brand practiced by the international star system. Berke (2010) advocates that architecture can, among other factors, acknowledge domestic life, welcome diversity, assume collective and symbolic meaning - although without being monumental - and change fast by following fashion, rather than being it. Professionals can/should invest in more visceral and sensory environments entangled to individuals in them. Scholars such as Agarez and Mota (2015), Raith (2000) and Upton (2002) point out that movements linked to adopting realistic approaches and to landscape studies have the potential give birth to

1. The author would like to thank students and professionals in the Architecture and Urbanism field who kindly got involved with the herein proposed investigation, as well as to the National Council for Scientific and Technological Development (CNPq), for granting the research productivity scholarship.

an architecture capable of embracing everyday life and optimizing the activities featuring it.

Since the 1960s (JACOBS, 2001; SENNET, 1988; HABERMAS, 1984; ARENDT, 1991), the literature has been reporting that urban environment is experiencing a conformism crisis that needs to be faced in a collective manner. The movement called “creative cities” has grown since the 1980s; based on it, cities are understood as the ones providing “conditions for people to think, plan and act with imagination [...] giving visibility to invisible creative resources in their physical environment and to the way the city is experienced” (LANDRY, 2012, p. 11). Cities such as New York, Berlin, London, Paris, Amsterdam, Barcelona, Santiago, Osaka and Lisbon have continuously reinvented themselves in this field, mostly through strategies aimed at promoting public space appropriation by the population. Therefore, the vitality of a given area has been guaranteed through actions linked to the so-called “ephemeral (or tactical) urbanism” (LYNDON; GARCIA, 2011)² or associated with “urban acupuncture”, in different situations (LERNER, 2013)³.

With respect to the Brazilian context, Rio de Janeiro, São Paulo, Recife and Fortaleza were recently acknowledged as “creative cities” by the United Nations’ Educational, Scientific and Cultural Organization (UNESCO). Initiatives such as *Ruas Completas* movement (BARRETO, 2019) or the creation of micro urban forests (MIRANDA, 2017) stand out in these cities. They were inspired by the aforementioned models in order to promote the (re)occupation of worked places by giving them new meaning and enabling significant changes in the involved communities.

Instead of presenting the product of the creative performance of professionals in the city space, the aim of the current article is to identify ambiances capable of encouraging individuals to become (or feel) creative. In fact, the city needs to promote ambiances capable of encouraging each person to act/produce in a creative way. This concept, which we call “creative ambiance”, is the subject of an ongoing research (ELALI, 2019) and of a lecture

2. Ephemeral or tactical urbanism: set of strategies used to give new meanings to city areas, based on quick, easily-reversible and low-cost changes (EBOLI, 2019).

3. Urban acupuncture: punctual action taken in a degraded urban sector, whose activation can promote chain changes capable of affecting several other city areas (FERREIRA; OLIVEIRA, 2019).

that was followed by a conversation circle held at the Architecture, Subjectivity and Culture Laboratory (LASC - Laboratório Arquitetura, Subjetividade e Cultura) in May 2019. The current chapter, which was also based on an online survey, addresses the concept of “creative ambiance” in order to subsidize the search for means to promote it.

ABOUT CREATIVITY AND ENVIRONMENT

Human activities called “creative” are associated with imagination, since they (re) construct and modify well-known elements in order to enable different works to emerge, rather than the mere reproduction of previously experienced situations/outcomes (VIGOTSKI, 2009). Scholars such as Boden (1999), Mayer (1999) and Bohn (2011) advocate that community must see the new proposal as an appropriate and pertinent solution to the addressed issue, i.e., community members must understand the coherence of such a proposal with the situation experienced by the group, since it must meet their needs. In addition, several researchers (COHEN, 1989; BASSAT, 2016; CORAZZA, 2016) emphasize that turning the creative potential (individual or collective) into a tangible product depends both on the influence of existing physical environments and on experienced social environments, based on the understanding that individuals and the environment interact continuously to solve arising issues.

On the other hand, according to Sakamoto (2000), Alencar and Fleitch (2009) and Lubart (2007), studies about creativity must adopt an integrative perspective to aggregate and articulate personal (cognitive, emotional and motivational) and environmental (social, physical and cultural) factors to help defining important aspects of both process and product. Likewise, Kampylis and Valtanen (2010) highlight the progress of studies in this field towards “conscious creativity” by emphasizing the importance of broadening the understanding about human skills underlying daily activities.

Lauer, Ekvall and Britz (2000) use concepts such as “organizational climate” (set of recurring behavior, attitude and feeling patterns featuring the work context) and “situational

perspective” to analyze situations whose involved individuals report the role played by the environment as stimulus / support for creativity using. From this viewpoint, they evaluated ten creativity dimensions, namely: challenge, involvement, freedom, trust/openness, time for idea, play/humor, conflict, and support to the idea, debate and risks.

Hasirci and Demirkan (2003) have associated physical components and spatial organization in research conducted with students who, based on their analysis, were asked to criticize the classroom used at that time and to plan a second room where they would feel happy and creative. Results have emphasized environment flexibility as the fundamental feature to be pursued in order to generate creative environments. Studente, Seppala and Sadwoska (2016) and Runco (2014), in their turn, have associated creativity with opportunities to enjoy attention-restorative environments (KAPLAN; KAPLAN; RYAN, 1989). They have shown that direct contact with nature, or simple eye contact with it, can promote essential divergent thinking for the development of creative processes.

Architecture students have been the constant target of recent studies about creativity. They are either approached as specific group (RAMARAJ; ONSMAN, 2016; STUDENTE, SEPPALA; SADWOSKA, 2016; TSCHIMMEL, 2009) or in comparison to students from other courses (PRINGLE; SOWDEN, 2017; DALY *et al.*, 2016). Overall, results in these studies often emphasize that creative process promotion is linked to relationship types established between physical and social environments, as well as the impact of disciplinary context and individual motivation on social environment is often emphasized.

The current study has investigated environments as creativity source by associating physical and social environment, by valuing experience as fundamental element to help understanding a given situation and by taking into consideration that creativity “reveals itself in everyday life” and that it “depends on values set by culture” (MALARD, 1993, p. 364).

Based on studies conducted by Baudrillard (1988), Thibaud (2004) and Augoyard (2011), the concept of ambiance places “observers in the middle of the world perceived by them and gives priority to face-to-face interaction” (THIBAUD, 2018, p. 16). According to the aforementioned author, the idea of ambiance can be linked to the quality of a given situation, to the stimulus promoting its use or, still, to the sensitive background underlying it. He

associates these conditions with the ecological, praxeological and phenomenological approaches used in his investigation, respectively.

Ambiance can be understood as the urban place comprising everything around it - sounds, smells, temperature, people's movement, light, among others - i.e., it encompasses the visible and invisible dimensions of the place (DUARTE, 2013), which correspond to an extensive list of factors to be worked. Such factors cover the spatial support represented by the place (including environmental factors), as well as memorial, identity and cultural data. In addition, the idea of ambience cannot be reduced to the sum of isolated factors, since it gathers and fills the whole spatial support with meaning (DUARTE; PINHEIRO, 2013, p. 43). Therefore, ambience influences and is influenced by the perception of individuals who experience and continuously (re)interpret the place (ELALI, 2013) and who decode social and physical conditions found in it, as well as who assign meaning to it based on their individual features/peculiarities (gender, age, life history, physical condition, life cycle stage, among others).

We align ourselves with the terminology currently used by UNESCO (2009) and by other institutions linked to teaching/learning in the Architecture and Urbanism field by attributing the adjective "creative" to the concept of ambience, mainly with respect to encouraging creative activity and pursuit for innovation in this field.

THE INVESTIGATION

The current article presents the results of a micro investigation conducted in the Architecture field in order to substantiate a larger project aimed at investigating creative ambiances in Architecture schools (ELALI, 2019). The aforementioned micro investigation was planned as preliminary step to prospect ideas applicable to the study. The activity focuses on using social networks, more specifically, WhatsApp (messages sent to individuals, rather than to groups). A simple request was posted on behalf of the researcher; it said: "Hi, I am going to participate in a roundtable about 'creative ambiances in the city'. I am looking for examples. Would you indicate any? (In any city)".

Additional information was sent to individuals who answered the message and asked for some clarification about what we understood as “creative ambiance”, namely: “creative ambiance is the one that stimulates your creativity that makes you feel creative”.

We did not expect to receive many responses since the matter was extremely specific. However, we got 197 messages within 24 hours, although 34 of them were discarded because they escaped the theme or because it was not possible understanding their origin. Thus the final sample counted on 163 valid responses.

The analyzed responses reflected practices associated with the new media, in three different formats: textual (text messages), imagery (photos and short videos) and sound (audio messages). Interestingly, although the initial messages were addressed to individuals linked to the Architecture and Urbanism field, as it is often seen in online surveys, some participants forwarded the question to other likely interested parties; thus, responses were also received from designers, psychologists, pedagogues, communicators and biologists. In these cases, the acknowledgement message (“Thank you, your opinion will be very useful for this investigation”) asked participants about their area of expertise: “You do not need to identify yourself by name, but please indicate your highest school / training level to help us complete our registration. Thank you in advance”.

It is worth emphasizing that, this investigation type is classified as “opinion poll” because it takes place anonymously and digitally (without direct contact with participants). Thus, according to the National Health Council Resolution N. 510/16 (CNS, 2016) art. 1, sole paragraph, it does not require approval by any research ethics committee.

MAIN OUTCOMES

Overall, participants were positively involved with the investigation. The herein transcribed excerpts (representative of the collected data set) are displayed in blocks and indicate participants’ area of expertise, after each quote.

I find significant inspiration **on the street, in public spaces and in simple people in everyday environments**. Whenever I have a complex

problem to solve, one of the resources I use lies on going out on the street with my mind open. Ideas can come from anywhere, even from something common that I had not yet looked at correctly. But there are always some special places. The ambiance of public markets, for example, seems highly creative. That mix of people, of voices with their own accents, of smells and colors of fruits and food is inspiring. (Architect).

I practice extreme sports. In my opinion, **challenging places** with high waves for surfing, or big gaps for rappelling, stimulate creativity. I spend a lot of time concentrated in them to avoid unpleasant surprises; good ideas always emerge after a few hours of sport. (Designer).

Trips are an inspiration, maybe because we do not have the demands of day-to-day, and everything seems lighter even in business trips, since working hours are more productive, I am more sensitive to the whole and less focused on details. The places where I feel most creative are those with wide horizons, with a wide view of the sea or a landscape. I also loose myself at the top of a building looking out over the city. I feel freer, and it helps me to solve other things. To top it off, good music, a good wine or a nice drink, and a well-prepared dish feed the soul. (Journalist).

I took many pictures and drew a lot in Valparaíso. The place triggered excitement. There was **a lot going on**. Street artists, jugglers, draftsmen, painters, singers, musicians, dancers and artisans mingled. That **boiling** atmosphere required me to do something, artistically. That place made me want to do art. I took out my notebook. More than photographing, I wanted to take part of that landscape with my own hands. (Architect).

Choupal Park in Torres Vedras, Portugal. Before, the area was degraded. The intervention in the park connected the medieval historical down-

town to the Northern zone of the city, which was segregated and developed around the local slaughterhouse at the early 20th century, while the city grew towards the South. The park is incredible. It received two awards. The ambiance is unique, **culturally effervescent, and the Portuguese people are warm and welcoming**. It provides classes for children, artistic activities for young and adult individuals, places to relax, spaces for concerts and recitals. Although I am Brazilian, **I felt welcomed, belonging to the place**. I wanted to write, draw, take photographs, and sing. (Architect).

Central Park (New York), Guell Park (Barcelona), Museum of the Amazon - MUSA (Manaus), Parque das Garças (Herons' Park) (Belém), mainly, the restaurant [...] I like the way **cultural heritage mingles with nature** and I also like the pieces of furniture that are simple, although inspiring. Whenever I go there I take lots of photographs and I leave there feeling fresh, full of ideas. (Biologist).

In my current situation, living with children and elderly parents at home, with many demands and no time to do a lot of things, the ambiance must be very peaceful, incredibly quiet, to make me feel creative. All I need to do is concentrate to be myself. (Designer and mother).

Art places are creative environments. Art attracts art, and things get more and more tasty. It does not have to be the great art of museums, it can be the craft fair, a graffiti section of the city, children drawing on the floor, a puppet show or even a lonely second-rate musician on a street corner. If the place manages to have that **artistic atmosphere**, it will inspire people to keep on doing that and attract new artists. It is a virtuous cycle to be encouraged. (Communicologist).

I suggest studying **Carnival** as creative ambiance. It is **inspiring**. Not only the famous events, like the ones held in Rio de Janeiro, Olinda or Salvador. All over the country people are attracted by the sound, **joy, diversity** and **democracy** of Carnival blocks. They naturally become highly creative in order to participate in these events. They create music, choreography and improvise costumes. I love **irreverence**. Where does the idea of dressing up as a cotton swab or a condom come from? In Natal City, members of the block called “Os Cão” (the dogs) dress up in mud. They are simple people, who do not have money, but they found a free and natural costume to join the party ... (Architect).

Street demonstrations inspire me. Looking from above, from outside, is something beautiful. But being inside, among the protesters, is an incredible **energy**. In my opinion, this energy is the creative ambiance that makes us travel on a lot of ideas. The **feeling of fighting for a common cause** is extraordinarily strong. The street takes on another meaning, the best meaning possible. Taking the place of the car is an empowerment for people, for pedestrians. Singing or shouting a catchphrase along with friends may be good but perceiving the bond with strangers is even better. Participating in a demonstration makes me invigorated, in every way, and it significantly stimulates my creative side. (Student).

Such a variety of responses required categorical discourse analysis. The set of responses was observed and several types of information grouping were adopted based on specific clippings. With regard to the aforementioned physical environment and to its insertion in the urban fabric, the main trends comprised:

1. **Environments with strong presence of nature** - parks, beach, boat trips or trails, which may represent a possibility of escape from everyday stress, such as Central Park (New York), Ibirapuera Park

(São Paulo), the banks of Seine River (Paris), Tijuca Forest, Roberto Burle Marx site, Flamengo and Santa Teresa Parks (Rio de Janeiro), Overseas Highway (road to Key West, United States), Dunes Park (Natal City, Rio Grande do Norte State), among others.

2. **Places where art pieces are made available outdoors** - the following ones were mentioned: Inhotim museum-landscape (in Brumadinho County, Minas Gerais State), Gulbenkian Foundation (Lisbon, Portugal), Serralves Foundation (Porto, Portugal), Guell Park (Barcelona, Spain).
3. **Specific buildings** - with emphasis on museums and temples, such as Louvre (Paris), Tate and Serpentine Galleries (London), Guggenheim (Bilbao, New York, Rio de Janeiro), East Side Gallery (Berlin, Germany), Portuguese Language Museum (São Paulo, although it is currently closed), Uluwatu Temple (Bali), Bruder Klaus Chapel (Germany), Notre-Dame du Haut Chapel (Ronchamp, France), Brasília Cathedral (Brasília), as well as several Google and Facebook headquarters and bookstores like the LX Factory (Lisbon).
4. **Large-scale interventions in urban areas** - notably involving spaces of heritage interest, such as the High Line (New York Park that occupies a disabled suspended railway), Choupa Park (Torres Vedras, Portugal), la Villette and Chartres Labyrinth (Paris).
5. **One-off interventions in the urban sector** (similar to “urban acupuncture”) - Respondents have mentioned interventions such as *Centro Aberto e Requalificação da Área Central de Santana* (Open Downtown and Requalification of Downtown Santana) in São Paulo; *Estar Urbano* (Being Urban), *Rua da Esperança* (Hope Street) and *Projeto R.U.A.S.* (S.T.R.E.E.T.S. Project), in Fortaleza; *Mais Vida nos Morros* (More Life in the Hills) in Reci-

fe; *Ecopraça* (Ecosquare) in Natal; *Beco do Batman* (Batman's alley) in São Paulo; and *Beco da Lama* (Mud alley) in Natal, Rio Grande do Norte State.

6. **Artistically effervescent areas** - São Paulo Museum of Art (MASP), over the weekend; Vila Madalena and soirées on the outskirts (São Paulo); SanTelmo and Mataderos craft markets (Buenos Aires, Argentina); Montmartre (Paris); Alexanderplatz and Checkpoint Charlie (Berlin); downtown Valparaíso (Chile); Harbour Bridge (Sidney, Australia); Ouro Preto winter festival (Minas Gerais); Caruaru fair (Pernambuco); main street of Pipa (Tibau do Sul, Rio Grande do Norte).
7. **Urban space occupation during specific periods**, whose temporality range from weekly to seasonal, annual or even occasional, and that were associated with well-known events such as Carnival, religious celebrations and popular demonstrations (mainly of political nature).

In terms of geographical situation, the diversity of the aforementioned places was evident, both at national and international level. Such a fact not only emphasizes the expanded repertoire of the investigated group, but, most of all, the lack of boundaries in this sense or, yet, the fact that individuals can find special places in their travels, where they “re-charge their batteries” and become more creative.

With respect to individuals' perception about the socio-affective environment featuring the indicated ambiances, the herein collected material was divided into synthesis-ideas (Table 1), which were indicated in decreasing order of mentioning in the *corpus* in question.

It is important emphasizing that, besides imagination / creativity, other factors such as reception, encouragement, diversity (ethnic, social, gender, training, interests, among others), freedom and dialogue stood out in the study. Similar to Hennessey (2015) and Corazza (2016), among others, we understand that ambiance must welcome individuals and respect their peculiarities, so they can feel free to be themselves, to talk to each other and to allow themselves to walk divergent paths and to generate new ideas in order to stimulate their creativity.

TABLE 1. Synthesis-ideas associated with ambiAnce.

Source: Elaborated by the author.

SYNTHESIS-IDEAS	MAIN CORRELATED WORDS
Imagination	Imagination, imaginary, thinking, creativity.
Welcoming	Welcoming, acceptance, respect, self-confidence, overcoming, no rule, no charge, no demand, no fear.
Stimulus	Stimulus, appreciation, inspiration.
Diversity	Different, diverse, differentiated, mix, heterogeneous, non-homogeneous, interdisciplinary.
Senses	Sound, smell, color, vision, hearing, smell, touch.
Experience	Know-how, experience, activity, workshop, experimentation.
Freedom	Freedom, initiative, autonomy.
Collaboration	Collaborate with, dialogue, talk, exchange, interact, participate, cooperate.
Flexibility	Flexible, modifiable, choice, options.
Citizenship	Citizenship, citizen, law.
Presence of art	Art, sculpture, painting, music.

Other aspects associated with the set of responses analyzed in the current study deserve to be highlighted. Among them, one finds the exploration of senses (vision, hearing, touch, smell, taste, kinesthesia) and human experience (personal and non-transferable experiences lived in the place, but also lived in groups). Similar to Landry (2017), several reports in the current study have pointed (either directly or indirectly) towards the importance of investigating creative ambiances in the city by taking into account the phenomenological approach of space.

FINAL CONSIDERATIONS: EMERGING DEBATES

Three among the several topics that emerged from the analysis of the collected material have stood out, namely: proximity between understanding creative ambiance and restorative environments, the importance of addressing gentrification as factor involved in the investigated issue and the incorporation of the idea of space for public participation and manifestation (i.e., life in democracy) in order to understand creative ambiance.

With respect to the **first topic**, the theory of restorative environments (KAPLAN; KAPLAN; RYAN, 1987) states that the environment must provide fascination, extension, distancing and compatibility to people who use it in order to rebalance their attention and psychic conditions. Based on this perspective, and according to the description based on Alves (2008) and Gresser and Gunther (2013), fascination is understood as the awakening of involuntary and effortless attention, a condition that allows lesser use of concentrated attention and, therefore, greater relaxation / rest. Extension (or scope) is the feeling of being in contact with the surrounding environment and of releasing oneself from everyday demands by acknowledging the distancing from, and by developing a feeling of belonging to the new place. Distancing (or escape) is understood as the physical and / or conceptual distance between the everyday environment and the restorative one, a fact that guarantees some cognitive distancing from daily routines. Overall, compatibility among these aspects indicates likely uses of the place, depending on (greater or lesser) congruence between what individuals want and what the environment offers to them. Many reports collected in the current study referred to ideas linked to the aforementioned ones as a way to take the mind away from immediate concerns, which would allow the emergence of new insights – i.e., reducing convergent thinking and enabling the emergence of divergent thinking.

With regard to the **second topic**, some participants have highlighted the fact that some of the ambiances that stimulate their creativity also seem to be examples of gentrification. They result from specific projects that have invested in them in order to make them attractive to populations with higher power of purchase - it would mean “entering the logic of capitalist reproduction of space”. This is certainly a legitimate concern to be taken into consideration, mainly in realities such as that experienced in Brazil, where large social discrepancies are often associated with environmental vulnerability issues. In any case,

the research *corpus* itself allows addressing this point, since the set of responses analyzed in the current study encompassed ambiances in different contexts, including the socio-economic one.

With regard to the **third topic**, the addition of the feeling of participation, space and popular manifestation in public spaces to the idea of creative ambiance is timely, innovative and inspiring, since it values the feeling of creativity as collective activity and, mainly, shows the important role played by the democratization of urban spaces, and by urban spaces (re)taken by the population, in opening room for everyone to get involved in creative activities.

Finally, I return to the argument by Oppenheimer (2017, p. 315), who addressed the insertion of Latin America in a context of economic, social and environmental globalization and stated that the region faces a dilemma, namely: “creating or dying”. I understand that facing the herein addressed issue involves revitalizing and reframing the urban environment. In order to do so, it is essential re-sensitizing it through the acknowledgement and encouragement of creative ambiances. It is a path to be explored as soon as possible.

REFERENCES

- AGAREZ, R.; MOTA, N. Architecture in everyday life. **Footprint: The 'Bread & Butter' of Architecture**, n. 17, v. 9/2, p. 01-08, 2015.
- ALENCAR, E. L. S.; FLEITH, D. M. S. **Criatividade: múltiplas perspectivas**. Brasília: EdUnB, 2009.
- ALVES, S. M. Ambientes restauradores. *In: CAVALCANTE, S.; ELALI, G. A. (org.). Temas básicos e psicologia ambiental*. Petrópolis: Vozes, 2008. p. 42-52.
- ARENDT, H. **A condição humana**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1991.
- AUGOYARD, J. F. **Faire une ambiance**. Bernin: La Croisée, 2011.
- BARRETO, C. F. Ruas completas: uma contribuição funcional e estética ao projeto. *In: CONGRESSO BRASILEIRO DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE TRANSPORTES PÚBLICOS*, 22., 2019, São Paulo. **Anais [...]**. São Paulo: ANTP, 2019.
- BASSAT, L. **La criatividade**. Buenos Aires: Conecta, 2016.
- BAUDRILLARD, J. The system of objects. *In: POSTER, M. (ed.). Selected writings*. Cambridge: Polity Press, 1988.
- BERKE, D. Pensamentos sobre o cotidiano. *In: SYKES, K. (org.). Constructing a new agenda for architecture: architectural theory (1993-2009)*. Nova York: Princeton Architectural Press, 2010. p. 59-63. [Publicado originalmente em 1997].
- BODEN, M. A. **Dimensões da criatividade**. Porto Alegre: Artmed, 1999.
- BOHN, D. **Sobre a criatividade**. São Paulo: Editora da Unesp, 2011.
- COHEN, L. M. A continuum of adaptive creative behaviors. **Creativity Research Journal**, v. 2, n. 3, p. 169-183, 1989.
- CSN – CONSELHO NACIONAL DE SAÚDE. **Resolução nº 510/2016**. Ética na pesquisa na área de ciências humanas e sociais. Brasília: CNS, 2016.
- CORAZZA, G. E. Potential originality and effectiveness: the dynamic definition of creativity. **Creativity Research Journal**, v. 28, n. 3, p. 258-267, 2016.
- DALY, S. *et al.* An investigation of design studio performance in relation to creativity, spatial ability, and visual cognitive style. **Thinking Skills and Creativity**, n. 22, p. 1-13, 2016.
- DUARTE, C. R. Ambiance: pour une approche sensible d l'espace. *In: THIBAUD, J.-P.; DUARTE, C. R. (org.). Ambiances urbaines em partage*. Genève: Metis Presses, 2013. p. 21-30.
- DUARTE, C. R. S.; PINHEIRO, E. Imagine uma tarde chuvosa... pesquisas sobre ambiência, alteridade e afeto. *In: PROJETAR*, 6., 2013, Salvador. **Anais [...]**. Salvador: FAUFBA, 2013. p. 40-50.
- EBOLI, P. C. O urbanismo tático e seus limites políticos. **Revista Políticas Públicas & Cidades**, v. 8, n. 1, p. 50-62, 2019.
- ELALI, G. A. **Ambiências criativas: um estudo sobre o ambiente sociofísico de cursos de arquitetura e urbanismo em países lusófonos**. [S.l.]: CNPq, 2019. [Projeto de pesquisa].
- ELALI, G. A. Criar ou não criar, eis a questão: breve discussão sobre o papel da criatividade no projeto de arquitetura. *In: PROJETAR*, 6., 2013, Salvador. **Anais [...]**. Salvador: FAUFBA, 2013. p. 1-18.
- FERREIRA, K. P. M.; OLIVEIRA, M. D. Psicologia ambiental e acupuntura urbana. Notas de aula. *In: CONGRESSO DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE PSICOLOGIA AMBIENTAL E RELAÇÕES PESSOA-AMBIENTE*, 1., 2019, João Pessoa. **Anais [...]**. João Pessoa: ABRAPA, 2019.
- GRESSER, S. C.; GUNTHER, I. A. Ambientes restauradores: definição, histórico, abordagens e pesquisas. **Estudos de Psicologia**, v. 18, n. 3, p. 487-495, set. 2013.
- GUILFORD, J. Creativity: yesterday, today and tomorrow. **Journal**

- of **Creative Behaviour**, n. 1, p. 3-14, 1967.
- HABERMAS, J. **Mudança estrutural da esfera pública**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1984.
- HASIRCI, D.; DEMIRKAN, H. Creativity in learning environments: the case of two sixth grade art rooms. **The Journal of Creative Behavior**, v. 37, n. 1, p. 17-45, 2003.
- HENNESSEY, B. Creative behavior, motivation, environment and culture: the building of a systems model. **The Journal of Creative Behavior**, v. 49, n. 3, p. 194-210, 2015.
- KAMPYLIS, P.; VALTANEN, J. Redefining creativity: analyzing definitions, collocations and consequences. **The Journal of Creative Behavior**, v. 44, p. 3, p. 191-214, 2010.
- KAPLAN, R.; KAPLAN, S.; RYAN, T. **The experience of nature: a psychological perspective**. New York: Cambridge University, 1989.
- JACOBS, J. **Morte e vida de grandes cidades**. São Paulo: Martins Fontes, 2001. [Original em inglês publicado em 1961].
- LANDRY, C. **Cidades criativas**. Lisboa: inPrintout, 2012.
- LANDRY, C. **A paisagem sensorial das cidades**. Lisboa: inPrintout, 2017.
- LAUER, S.; EKVALL, G.; BRITZ, A. Perceptions of the best and worst climates for creativity. **Creativity Research Journal**, v. 13, n. 2, p. 171-184, 2000.
- LERNER, J. **Acupuntura urbana**. Rio de Janeiro: Record, 2013.
- LYNDON, G.; GARCIA, A. **Tactical urbanism: short-term action for long term change**. Washington: Island Press, 2011. v. 1.
- LUBART, T. **Psicologia da criatividade**. Porto Alegre: ARTMED, 2007.
- MALARD, M. L. Os objetos do cotidiano e a ambiência. In: ENCONTRO NACIONAL DE CONFORTNO NO AMBIENTE CONSTRUÍDO, 2., 1993, Florianópolis. **Anais [...]**. Florianópolis: ANTAC, 1993.
- MAYER, R. Fifty years of creativity research. In: STERNBERG, R. J. (ed.). **Handbook of creativity**. New York, NY: Cambridge University Press, 1999. p. 449-460.
- MIRANDA, L. **Rede de microflorestas urbanas TodaVida**. Proposta para Porto Alegre. Porto Alegre: [s.n.], 2017.
- OPPENHEIMER, A. **Crear o morir!** Buenos Aires: Debate, 2017.
- PRINGLE, A.; SOWDEN, P. The Mode Shifting Index (MSI): A new measure of the creative thinking skill of shifting between associative and analytic thinking. **Thinking Skills and Creativity**, n. 23, p. 17-28, 2017.
- RAITH, F.-B. Everyday architecture: in what style should we build? **Daidalos**, n. 75, 2000.
- RAMARAJ, A.; NAGAMMAL, J. Investigating the creative processes and outcomes of an open ended design task. **Thinking Skills and Creativity**, n. 21, p. 1-8, 2016.
- RUNCO, M. **Creativity: theories and themes: research, development and practice**. Burlington, Mass.: Elsevier, 2014.
- SAKAMOTO, C. Criatividade: uma visão integradora. **Psicologia: Teoria e Prática**, São Paulo, v. 2, n. 1, p. 50-58, 2000.
- SENNET, R. **O declínio do homem público**. São Paulo: Companhia das Letras, 1988. [Original publicado em 1974].
- SONTAG, S. **The way we live now**. Nova York: Noonday Press, 1991.
- STUDENTE, S.; SEPPALA, N.; SADOWSKA, N. Facilitating creative thinking in the classroom. **Thinking Skills and Creativity**, v. 19, p. 1-8, 2016.
- THIBAUD, J.-P. Ambiência. In: CAVALCANTE, S.; ELALI, G. A. (orgs.). **Psicologia ambiental: conceitos para a leitura da relação pessoa-ambiente**. Petrópolis: Vozes, 2018, p. 13-25.
- THIBAUD, J.-P. O ambiente sensorial das cidades: para uma abordagem de ambiências urbanas. In: TASSARA, E. T. O.; RABINOVICH, E. P.; GUEDES, M. C. (orgs.). **Psicologia e ambiente**. São Paulo: Educ, 2004.

UNESCO – ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS PARA A EDUCAÇÃO, A CIÊNCIA E A CULTURA. **Investing in cultural diversity and intercultural dialogue**. Paris: UNESCO, 2009.

UPTON, D. Architecture in everyday life. **New Literary History**, v. 33, n. 4, p. 707-723, 2002.

VIGOTSKI, I. S. **Imaginação e criação na infância**. São Paulo: Ática, 2009.

GLEICE ELALI

Undergraduate degree in Architecture and Urbanism and Psychology from the Federal University of Rio Grande do Norte - UFRN, with a master's and PhD in Urban Environmental Structures from the University of São Paulo - USP and postdoctoral degree in Architecture from the University of Lisbon. Full professor at UFRN, researcher and CNPq productivity scholar, linked to the "Person-Environment Interactions" research group (UFRN) and the Projetar research group (UFRN). Coordinator of the Post-graduate Program in Architecture and Urbanism - PPGAU /UFRN (2010-2014). Adjunct Coordinator for Professional Programs in Architecture, Urbanism and Design (AUD) at the Coordination for the Improvement of Higher Education Personnel - CAPES (2018-2022).



METÁPOLIS ANTROPOGÊNICA: ATMOSFERA, ANTROPOCENO, URBANIDADE

Este estudo exploratório busca discutir algumas correlações entre atmosfera, antropoceno e urbanidade. A ideia é a seguinte: os geólogos pensam em nossa era como uma nova época geológica – o “antropoceno” –, uma vez que as atividades humanas têm (tiveram) um impacto significativo no planeta Terra, em seus ecossistemas e na geologia. Concomitantemente, pesquisadores voltados ao urbano consideram a nossa era como a “Era Urbana”, já que mais de 50% da população do planeta vive atualmente nas cidades, sendo esperado um aumento desse percentual nas próximas décadas. O futuro da vida na Terra, e da própria Terra, provavelmente será marcado principalmente pela urbanização e pelo impacto humano no planeta. No futuro, o urbanismo enfrentará novos desafios devido ao emaranhado entre os processos urbano e antropogênico.

Os geólogos ainda não chegaram a um consenso sobre a proposição do antropoceno, sendo o próprio conceito bastante contestado. O planeta teria sido transformado pela humanidade, pelo capitalismo ou por algo mais? Resultado: “capitaloceno” ou outras cenas (HARRAWAY, 2015). O conceito também tem a capacidade de provocar questionamentos, e coloca em xeque muitas distinções (modernas) conhecidas, como progressiva-regressiva, cultura-natureza, racional-romântica, global-local, cidade-país, parcial-total, humano-ani-

mal. Ele pede novas periodizações, novas concepções políticas, e questiona o que significa ser humano diante das multiplicidades das outras espécies existentes na Terra (LATOURE, 2015; 2017). Neste estudo, apesar das contraposições, manterei o conceito de antropoceno por causa de seus poderes de contestação e por ter se mostrado útil como um guarda-chuva para diálogos interdisciplinares entre ciências naturais e humanidades.

A tese da Era Urbana está imbuída de questões semelhantes. Paradoxalmente, quanto mais humanos estiverem vivendo e vierem a viver em cidades, mais nebuloso ficará – como veremos – o significado de cidade ou de urbano. A Era Urbana exige novas conceituações ou reconceituações da urbanidade, precisamente no contexto do antropoceno. É necessário que haja uma conexão.

O conceito de atmosfera é importante. A atmosfera é um aspecto vital da vida urbana. Onde você está e como se sente sobre isso (*Befindlichkeit*) influenciam fortemente as maneiras de se viver na cidade. Ademais, uma vez que existe uma atmosfera em que os seres humanos estão presentes sensivelmente em um ambiente, mudar os ambientes urbanos significa também mudar as atmosferas e, portanto, a vida e as experiências, para melhor ou para pior. Outra razão é a impossibilidade de gerenciar a condição antropocêntrica; a crise climática é esmagadora e as preocupações presentes na nossa vida cotidiana dificultam a ação acerca disso. Aqui o atmosférico tem algo a dizer: “Precisamos mais do que apenas a percepção instrumental e cognitiva para influenciar atitudes e comportamentos na direção de responder às condições do antropoceno. Precisamos ser emocionalmente afetados, ser emocionalmente tocados por esses processos, que já estão destruindo a vida que dá suporte ao nosso mundo” (SIEVERTS, 2017, p. 101). Tal afetação emocional é um assunto de interesse principalmente no campo das atmosferas. Outro ponto sobre o conceito de atmosfera é que ele pode ser afetado pelo antropoceno. A atmosfera é frequentemente separada no sentido meteorológico e no sentido estético, sensível ou afetivo. A urbanização antropogênica não parece exigir tal divisão.

A seguir, procedo na ordem inversa do título deste estudo. Para começar, trato do paradoxo da Era Urbana, considerando as implicações para o conceito de urbanidade. Aqui, trago o conceito de Metápolis como cidade graduada. Então, traço primeiro considerações acerca da relação entre Metápolis e antropoceno, em seguida da relação entre Metápolis e atmosfera e, em terceiro lugar, a maneira como a atmosfera, enquanto clima, é abordada

na Metápolis antropogênica. O texto termina com algumas colocações sobre diferentes posicionamentos a respeito da ação política na Metápolis antropogênica.

O PARADOXO DA ERA URBANA

Mais da metade da população da Terra vive atualmente nas cidades. Esse fato demográfico deu origem à noção de Era Urbana (BURDETT; SUDJIC, 2007). No entanto, não está claro o que significa urbano neste contexto. O que conta como populações residentes nas cidades varia significativamente entre os países. O que se entende como cidadão em um país pode não ser em outro. Na França, são necessárias 2 mil pessoas habitando continuamente em uma área construída com não mais que 200 metros entre as construções, na Dinamarca 200, no Japão, 30.000 (MARCHAL; STÉBÉ, 2009, p. 11). Em outros países, são outros tipos de critérios. Para citar apenas dois exemplos: no Paquistão, considera-se cidade uma zona com um governo municipal; em Botsuana, é uma aglomeração com 5 mil habitantes e menos de 25% de economia agrícola (DAMON, 2008, p. 4-5). Não é de se admirar que o conceito de Era Urbana tenha sido criticado por ser incoerente, caótico e obsoleto (BRENNER; SCHMID, 2014).

O conceito de cidade também foi problematizado. No limiar da Era Urbana, as cidades foram diagnosticadas em desaparecimento. A historiadora urbana Françoise Choay (2006, p. 168, 191), em 1991, anunciou a morte da cidade desde que a unidade *urbs* (o território físico) e *civitas* (a comunidade de cidadãos) se foram. O filósofo Vilém Flusser (1991, p. 54) não conseguia entender uma enorme aglomeração como São Paulo como cidade: “São Paulo tem 16 a 17 milhões de habitantes; [...] eu não chamaria isso de ‘cidade’, já que não há centro e muito menos periferia. A cidade parece a mesma em todos os lugares, torres com galpões no meio. Deve-se encontrar um novo nome para isso; eu sugeriria ‘formigueiros”.

Para o sociólogo Dag Østerberg (1998, p. 34), o entendimento de Oslo enquanto uma “cidade” estava ultrapassado. Era “apenas uma ideia, uma obsessão da qual devemos nos libertar”. Oslo não estava claramente delimitado em relação a sua parte rural. Era uma região separada em diferentes camadas ou sedimentações, conectada por sistemas de tráfego e sem um centro, uma vez que o centro histórico não é um verdadeiro centro de poder

ou o lugar de uma esfera pública política (ØSTERBERG, 1998, p. 136). O sociólogo urbano Alan Bourdin (2009, p. 43) enfatizou que o conceito de cidade não desapareceria, mas seu uso dependeria de decisões mais ou menos arbitrárias dos atores locais, uma vez que “o espaço não organiza mais uma ordem urbana e a cidade não mais designa uma realidade claramente definível”.

Essas declarações de despedida da ideia de cidade compartilham um ponto de vista comum; todas elas se apoiam em concepções específicas de urbanidade. Alguém pode perguntar: a refutação da cidade em tais concepções é motivo suficiente para se rejeitar o conceito¹ de cidade?

Uma resposta ao desaparecimento da cidade foi a expansão do conceito de urbanidade. Uma vez separado das ideias herdadas, o conceito de urbanidade parece ter sido liberado para diversas aplicações:

Os critérios tradicionais de urbanidade, como construção e densidade populacional, são substituídos por critérios relacionais, como acessibilidade e interconectividade e, não menos importante, a capacidade produtiva da cidade para criar ‘o novo’. Nesta situação, ‘a cidade está potencialmente em todo lugar e se dissolve em um princípio de rede ilimitada de espaços construídos e abertos em *continuum* – uma paisagem urbana’. (TIETJEN, 2011, p. 134).

Outra ampla versão é a tese da urbanização planetária, segundo a qual, muito além dos núcleos tradicionais da cidade e das periferias suburbanas, os espaços se tornaram parte integrante do “tecido urbano mundial”, variando de rotas marítimas transoceânicas a enclaves turísticos, oceanos e atmosfera do mundo (BRENNER; SCHMID 2011, p. 12).

1. Devo a distinção entre conceito e concepção à ideia apresentada por Rawls de que as pessoas podem ter concepções diferentes (e contenciosas) de justiça, com essas concepções ainda compartilhando um papel comum especificado como o conceito de justiça (RAWLS, 1999, p. 5).

Se a urbanização pode estar em toda parte, o conceito está, no entanto, propenso a se tornar confuso. Como há muito tempo enfatizou Andrew Sayer (1984, p. 281): se tudo é cidade ou urbano, então nada o é! O conceito “falha em se referir a qualquer coisa”. O paradoxo é que “precisamente no momento em que o mundo nos parece se tornar cidade, a cidade deixa de ser mundo” (HÉNAFF, 2008, p. 11). Da mesma forma, no momento exato em que a urbanização parece se tornar planetária, ela deixa de existir. O paradoxo disso é que as cidades desaparecem por causa de concepções cidadinas restritas, enquanto a urbanidade e a urbanização desaparecem por causa de suas concepções muito amplas. A cidade como mundo desaparece e, ao mesmo tempo, o mundo se torna cidade! O conceito de urbanidade e de cidadão poderia ser resgatado desse duplo desaparecimento e, com ele, o conceito de Era Urbana? Entre a cidade/urbanidade como mínimo e máximo, existiria um intermediário entre esses dois desaparecimentos? Eu acho que sim,² e proponho chamá-lo de *cidade graduada*.

A CIDADE GRADUADA

Ao pesquisar essa conceitualização, vamos primeiro revisitar as duas posições clássicas da primeira metade do século XX dos sociólogos René Maunier (1910) e Louis Wirth (1938). Para o primeiro, o que faria de uma cidade ser considerada como tal seria a união de complexidade social e densidade territorial. Ele enfatizou que isso é mais uma questão de *relatividade* do que de medidas absolutas (MAUNIER, 2010, p. 544), uma questão mais ou menos de grau, eu diria. A densidade e a complexidade social ou heterogeneidade também fariam parte da definição sociológica clássica “mínima” de Wirth (1938, p. 8) sobre a cidade: “Para fins sociológicos, uma cidade pode ser definida como um assentamento relativamente grande, denso e permanente de indivíduos socialmente heterogêneos”. Aqui “relativamente” indica que essa definição também é uma questão de grau: mais ou menos extensa, mais ou menos densa e mais ou menos heterogênea?

2. O que se segue depende, em parte, de uma palestra proferida na Escola de Arquitetura de Aarhus, em março de 2015, no contexto do Centro de Pesquisa Urbana Estratégica, “Gentænk bybegrebet” (Repensar o conceito de cidade), juntamente com meu colega, professor Tom Nielsen.

Por que essas duas definições clássicas da cidade não são adequadas à Era Urbana? Não é que tamanho, densidade, complexidade social/heterogeneidade e relatividade sejam critérios irrelevantes. O que é inadequado é a ideia de *covariação* entre elas: quanto mais presente um dos critérios, mais outros e mais urbanidade. Na Era Urbana, no entanto, as áreas urbanas podem ser grandes, enquanto as densidades são baixas, sem que a heterogeneidade se transforme em homogeneidade. As dimensões não são apenas questões de grau, mas também *composições diferenciais de graus diferenciais*, nas quais você pode ter mais ou menos de uma dimensão sem ter mais ou menos das outras dimensões. Os geógrafos Jacques Lévy (2001) e Michel Lussault (2000; 2007) categorizaram essas composições em uma variedade de “geotipos” urbanos típicos ideais, concentrando-se na densidade e na heterogeneidade.³ A centralidade é o caso clássico de altos graus de densidade e heterogeneidade; as áreas suburbanas e periurbanas têm baixos graus de densidade; as áreas paraurbanas têm baixo grau de heterogeneidade; e as áreas infraurbanas têm baixo grau de ambos, sendo consideradas o limite para as áreas não urbanas (LUSSAULT, 2000, p. 32). Nas grandes cidades europeias contemporâneas, esses “geotipos” diferentes estão dispersos entre si – não são distribuídos concêntricamente a partir de um centro histórico. As centralidades podem estar localizadas em muitos outros lugares, e o centro histórico geralmente exibe características suburbanas e periurbanas (LUSSAULT, 2007, p. 330-334).

As redes de mobilidade das infraestruturas mantêm unida essa pluralidade ou diferenciação composta pelos *tipos urbanos* (como chamaremos daqui em diante). Aqui encontramos outro aspecto do gradualismo da cidade graduada, o aspecto temporal. Tamanho, densidade e complexidade/heterogeneidade social devem ser repensados em termos topológicos,⁴ em vez de apenas topográficos. Topograficamente, a cidade graduada pode ser

3. Em continuidade explícita com Wirth Jacques, Lévy (2001, p. 16) afirma que “densidade e diversidade representam uma boa medida de urbanidade, que pode ser definida como o que faz de uma cidade uma cidade”.

4. A topologia investiga as propriedades das figuras geométricas que são invariantes por deformação contínua. Um círculo se transforma em um triângulo que se transforma em um quadrado sem quebrar a

dispersa em vez de uma densa formação heterogênea, mas topologicamente a densidade aparecerá como distâncias curtas no tempo devido à infraestrutura de mobilidade. O que está topograficamente distante fica próximo e denso no tempo, e o que está topograficamente próximo se torna distante no tempo se não estiver conectado às redes de infraestrutura (LUSSAULT, 2007, p. 65).

Esse conceito de cidade graduada pode servir como um *denominador mínimo comum* para as múltiplas urbanidades da Era Urbana. Ele combina as dimensões espaciais clássicas (tamanho, densidade) e as dimensões sociais (complexidade-heterogeneidade) com a acessibilidade-dimensão, que também é como o “valor fundamental” ou o “núcleo estável da urbanidade” (JOSEPH, 1995, p. 26) “faz da cidade uma cidade” (LÉVY, 2001, p. 16). Mas não mais do que isso! Não diz nada sobre tamanho, densidade, heterogeneidade e acessibilidade serem compostos e combinados. Portanto, ao contrário das concepções clássicas, as dimensões podem se combinar de maneiras topográficas e topológicas tão diversificadas a ponto de acomodar um multiverso de urbanidades. Elas podem acomodar o centro construído da cidade, relativamente delimitado, com espaços públicos intactos, bem como a esparsa metrópole. *Isso não exige distinção entre cidade e urbano, inclui os dois.*⁵

Inclui-se também a *Metápolis* de François Ascher (1995, 2001, p. 58), isto é, formar separadamente áreas urbanas e paisagens que, por meio de infraestruturas de mobilidade, foram agregadas em “vastas conurbações”, consistindo em territórios “dispersos e descontínuos, heterogêneos e multipolarizados”, nos quais “os limites e as condições físicas e as diferenças sociais entre cidade e país se tornam cada vez mais desfocadas”. A seguir, utilizarei o conceito de Ascher de outra maneira, como sinônimo de cidade graduada, como um *metaconceito* que compreende o multiverso de urbanidades na Era Urbana.

coerência contínua da linha e sem fornecer mais nada à figura. O conceito de urbanidade “se comporta” da mesma forma. Como conceito topológico de densidade e heterogeneidade, é distendido e dobrado, mas não quebra. Densidade topológica e heterogeneidade não estão em toda parte. A cidade não é muito reduzida (algumas poucas formas específicas transmitidas da história cabem nesse modelo) nem muito extensa (em todos os seus aspectos). Isso ocorre porque cidades definidas como heterogênea cobrem apenas 2% da superfície terrestre do mundo (PIN CETL, 2017, p. 75).

5. Doravante, não vou distinguir entre eles.

A METÁPOLIS ANTROPOGÊNICA

A ideia geral do conceito de antropoceno é de que vivemos em uma nova época geológica devido ao impacto da humanidade no planeta Terra. A humanidade se tornou uma “superpotência geológica”, “uma força da natureza” que muda radicalmente a própria Terra por meio da extinção de espécies, do esgotamento dos recursos de combustíveis fósseis, do impacto dos gases de efeito estufa nas mudanças climáticas, das transformações da paisagem etc. (CRUTZEN; STOERMER, 2000; BARRY; MASLIN, 2016). Os seres humanos são forças da natureza, não somos apenas parte da natureza. Dramaticamente: “A natureza somos nós”, “A natureza não governa mais a Terra, nós que o fazemos” (CRUTZEN; SCHWÄGERL, 2011; LYNAS, 2011, p. 8 *apud* BASKIN, 2011, p. 10).

O conceito é, como já mencionado, *contestado*. Isso inclui discordâncias acerca da periodização. O antropoceno começou com a Revolução Industrial e o motor a vapor, com a era atômica após a Segunda Guerra Mundial (a grande aceleração) ou com as trocas pós-Colombo entre a Europa e as Américas das plantações, animais e doenças, colonialismo e escravidão (daí: plantationoceno)? Até toda a ideia de periodização é contestada: diz-se que obscurece os processos socialmente diferenciados e duradouros das alterações humanas nos ambientes (BAUER; ELLIS, 2018).

Como já declarado, vou manter o conceito de antropoceno. Na periodização, decidi pela Grande Aceleração, não para me posicionar na disputa de periodização, mas porque coincide com a ideia de Metápolis como cidade graduada e o multiverso de urbanidades na Era Urbana.

A Grande Aceleração denota o aumento simultâneo e generalizado, por volta de 1950, de escalas e taxas de crescimento populacional, uso de energia, industrialização, mudança de *habitat*/biótico, início de mudanças marítimas, economia do petróleo, era nuclear, globalização (ZALASIEWICZ; WATERS, 2015). Desde 1950, os seres humanos movem anualmente mais sedimentos do que o vento, as geleiras e os rios combinados, e o consumo de energia pelos seres humanos excede em 1,6 mais vezes que toda a história humana antes de 1950 (ZALASIEWICZ *et al.*, 2018, p. 221).

A partir da década de 1950, a urbanização aumentou rapidamente (um dos indicadores da grande aceleração). Entre 1950 e 2015, o número de metrópoles (10 milhões de habitantes)

aumentou de uma (Nova York) para 36 (ZALASIEWICZ; WATER; WILLIAMS, 2017, p. 344). Entre os anos 1980 e 1990, a Metápolis graduada sucedeu a expansão de 1950-1970 da cidade modernista estruturada em centro-periferia e funcionalmente dividida em zonas. Nesse processo, as cidades foram as principais impulsionadoras da aceleração antropogênica, principalmente por meio do aumento das emissões de carbono das regiões urbanas do Hemisfério Norte (DAVIS, 2010, p. 41). Mobilidade, dispersão, suburbanização, expansão e ampliação das infraestruturas geraram efeitos antropogênicos. As cidades cobrem apenas 2% da superfície terrestre da Terra, mas consomem mais de 75% dos recursos materiais (PIN CETL, 2017, p. 75).

Com o surgimento da Metápolis, o conceito de *metabolismo urbano* tornou-se proeminente. O conceito se baseia em uma analogia com os organismos vivos, vendo a cidade como semelhante a organismos que “consomem recursos de seu entorno e excretam resíduos” (KENNEDY; PIN CETL; BUNJE, 2011, p. 1965). Do ponto de vista geológico, o metabolismo urbano e suas consequências antropogênicas funcionam em uma escala de tempo que corresponde ao “presente geológico”. Além dessa escala, a cidade ocorre geologicamente como um “sistema sedimentar”. Geologicamente, as cidades são compostas de diferentes materiais da Terra (rochas, minerais, petróleo) transformados em tijolo, concreto, aço, vidro, plástico, sendo também sistemas de fluxos de materiais e energia. Assim como o transporte de materiais pelos rios leva a sedimentações, os seres humanos transportaram materiais por distâncias maiores ou menores para construir as cidades, cujas diferentes camadas constituem estratos urbanos. Geologicamente, a Metápolis graduada é material da Terra por completo (ZALASIEWICZ; WATER; WILLIAMS, 2017, p. 330-336).

AS ATMOSFERAS DA METÁPOLIS

“Mehr Atmosphäre – weniger Wetter” (mais atmosfera – menos clima) – era possível ler essa inscrição, em maio de 2011, na estação Ostkreutz-Berlin, no Berlin S-Bahn. Era o anúncio de uma futura cobertura da estação. Ao proteger as plataformas das intempéries, um ambiente menos exposto a mudanças nas condições climáticas e mais “atmosférico” passou, obviamente, a ser estabelecido. O anúncio separou conceitualmente o clima (a atmosfera meteorológica) da *atmosfera afetiva* no sentido de corpos sensíveis afetan-

do e experimentando afetivamente os ambientes, como conceituado por Gernot Böhme (1993). As atmosferas não emergem de projeções subjetivas em objetos; pelo contrário: elas nos capturam. Nem emergem das propriedades de objetos isolados; o que conta são as constelações de coisas (e pessoas) “extáticas” que se colorem e se misturam (BÖHME 1995, p. 30, 32-34).

Viver nas cidades significa viver sensivelmente nas e com as atmosferas urbanas do meio. Isso tem validade geral para a vida urbana, mas, em suas últimas décadas, a Metápolis antropogênica tem testemunhado intensificações atmosféricas.

Considere os ambientes condicionados dos *shopping centers*, as áreas verdes dos bairros ecológicos, o processo de ‘patrimonialização’ dos centros históricos da cidade, a privatização de condomínios fechados, as novas cenas da cidade criativa e a atmosfera funcional dos meios de transporte público: em cada caso, são feitos todos os esforços para criar uma ambiência, canalizar sensações e fazer as pessoas se sentirem de uma maneira particular. (THIBAUD, 2015, p. 39).

A metápolis antropogênica pode ser por completo parte da Terra; de muitas maneiras, ela também se tornou cada vez mais orientada para a sensualidade e os sentimentos, ou seja, a atmosfera afetiva, e não meteorológica (GANDY, 2017, p. 355), exatamente como pretendido para o Ost-Bahnhof.

Se olharmos especificamente para as cidades europeias, a metápolis nos últimos anos parece ter sido caracterizada por um duplo movimento: a “atmosferação” dos centros históricos, por um lado, e a pluralização de atmosferas ao longo dos tipos urbanos, por outro. Os centros históricos não são mais os centros funcionais das regiões urbanas. Mas eles se tornaram cada vez mais importantes como *atmosferas urbanas intensificadas*. À medida que a densa cidade histórica cada vez se dissolvia mais em termos de critérios comerciais, industriais, políticos, sociais, de bem-estar e mobilidade, tudo isto é incorporado como atmosfera.

Deixe-me tomar minha cidade natal, Aarhus, como exemplo. A densidade e a heterogeneidade do ambiente construído e da população (pelo menos durante o dia) no centro histórico fazem dela, de diferentes maneiras, o *centro atmosférico* de Aarhus. Aqui encontramos a *Era da atmosfera* (ALBERTSEN, 2019, p. 21), que torna possível sentir a cidade como antiga sem saber muito sobre história. O centro histórico também é um centro comercial, amparado numa *atmosfera de compras* (BISGAARD, 2006, p. 109). Simultaneamente, encontramos uma atmosfera da vida de cidade grande, com sua multiplicidade de impressões e diferenças. Louis Wirth chamaria isso de *atmosfera do urbanismo*. Nas últimas décadas, o centro foi “erguido” de diferentes maneiras seguindo o que as *Eras das atmosferas, compras e urbanismo* têm intensificado. Essa, muito provavelmente, é uma das principais razões pelas quais o centro histórico de Aarhus “atmosfericamente” para muitas pessoas é tido como “a verdadeira Aarhus” (RAAHAUGE, 2007, p. 164).

Ainda usando a área de Aarhus como exemplo, as atmosferas se pluralizam se mudarmos para outros tipos urbanos. No subúrbio, três áreas, que não divergem muito em termos de renda e assentamento da classe alta, acabam sendo bastante diferentes em termos de atmosfera. Nas colinas de Skaade, ao sul do centro histórico, prevalece um “sentimento de dono de terras” na área chamada “Fedet”. Em Risskov, ao norte, prevalece uma atmosfera semelhante a do jogo “Klondike”, enquanto o pequeno bairro ao redor de Stationsgade, na mesma área, mostra um forte sentimento de comunidade (RAAHAUGE, 2007).

Em contraste com essas atmosferas dependentes de locais únicos e divergentes, a metápolis graduada também é caracterizada por *atmosferas mais típicas*. Se nos ativermos à habitação temos os bairros de moradias com recuos laterais e gramado com atmosferas de privacidade ao redor da casa; os grandes conjuntos habitacionais sociais que originalmente apresentavam atmosferas de uma “neutralidade” padronizada, mas que posteriormente receberam vários dispositivos de acolhimento; e as propriedades de baixa densidade com uma atmosfera de comunidade como a aldeia, sustentada pela densidade dos enclaves, pequena escala e relativa proximidade (ALBERTSEN, 2019, p. 12).

Passando para as áreas paraurbanas e infraurbanas, encontramos uma pluralidade de constelações mistas de construções e paisagens. Uma vila pode ser cercada por moradias particulares separadas entre si e com os fundos voltados para a estrada da vila, a fim de obter uma atmosfera de calma derivada da paisagem dos campos, ou a própria vila pode

ter recebido novos edifícios verticalizados que alteram significativamente a sua atmosfera de vila. As áreas ao redor das saídas da rodovia são muito diferentes, onde as atmosferas emergem das constelações de grandes edifícios comerciais em forma de caixa, equipamentos de tráfego, mobilidade e paisagens abertas (NIELSEN, 2011, p. 46-47; NIELSEN, 2009, p. 71).

CLIMA ATMOSFÉRICO NA METÁPOLIS ANTROPOGÊNICA

A chegada do multiverso afetivo da atmosfera de metápolis também foi um processo antropogênico, contribuindo para a aceleração das emissões de CO₂ e das mudanças climáticas, afetando o sistema terrestre e deteriorando a biodiversidade. Ambos os processos influenciam a vida urbana, e parece cada vez menos provável que as atmosferas afetivas e meteorológicas possam ser separadas como formas mutuamente indiferentes de experiência e conhecimento.

Vamos voltar ao clima. Em seu esboço de uma fenomenologia do clima, Gernot Böhme mantém, por um lado, uma clara distinção entre clima meteorológico e clima afetivo (para abreviar). O primeiro indica a medição objetiva da temperatura, vento, umidade etc. Isso não nos dá “o clima”. O clima é mais do que suas partes meteorológicas, uma totalidade que só acessamos experimentalmente. “O clima como *impressão total* [...] é dado apenas na experiência corporal e sensual” (BÖHME, 2011, p. 153, grifo nosso). Por outro lado, o clima meteorológico influencia o clima afetivo, embora não como fato(s) causal(is). As condições meteorológicas *geram* (Erzeugen) uma atmosfera afetiva no mesmo sentido que uma xícara azul “azula” seus arredores, isto é, como êxtase (BÖHME, 1995, p. 32-34). Fenomenologicamente, para Böhme (2011, p. 165-166), as condições devem ser “lidas” como momentos de uma impressão totalmente extática do clima.

Com essa distinção entre causa e criação, Böhme mantém igualmente uma separação entre a abordagem fenomenológica e a ciência natural-científica do clima, e reconhece a importância *afetiva* do clima meteorológico. A questão, no entanto, é esta: essa separação ainda se mantém no antropoceno? A atmosfera meteorológica emerge apenas afetivamente como êxtase? Considere o verão longo, bonito, ensolarado, quente e seco na Dinamarca

em 2018. A atmosfera climática-afetiva era maravilhosa, mas a afetação era, no nível dos sentimentos, perturbada pela impressão de que algo poderia estar seriamente errado do ponto de vista climático. A atmosfera meteorológica perturbava diretamente a atmosfera afetiva, não apenas em formas extáticas. A preferência da fenomenologia por se distanciar das ciências naturais foi posta em causa pela *ambivalência e ansiedade desse conhecimento sensível*.

O QUE É PARA SER FEITO?

Quando se trata de ação política no antropoceno, três posições principais parecem competir entre si. Uma posição vale para o *fortalecimento das “superpotências” dos seres humanos*, a fim de moldar um “bom antropoceno” por meio do clima e da geoengenharia da atmosfera. O segundo se concentra em *cercear os poderes destrutivos da gestão humana*, debatendo com o capitalismo e modificando a modernidade. Ambos têm foco principal em seres humanos, culturas e sociedades. A terceira posição acentua o repensar a Terra como *coabitação de humanos e não humanos*, redefinindo rios, plantas e animais como parentes, em vez de recursos. Para os indígenas de Awajun-Wampi, no Amazonas, “o rio é nosso irmão, não matamos nosso irmão poluindo e jogando lixo nele” (JENSEN, 2016, p. 7).

Como principais impulsionadores do antropoceno, as cidades também são contextos principais de mudança no antropoceno. Também aqui competem diferentes posições, semelhantes às anteriores. As cidades são consideradas suas próprias soluções se voltarmos à *cidade topograficamente densa*. “A maioria das cidades contemporâneas, em países ricos ou pobres, reprime as eficiências ambientais potenciais inerentes à densidade de assentamentos humanos. O talento ecológico da cidade continua sendo um vasto e amplo poder oculto” (DAVIS, 2010, p. 43). Isso corresponde à posição de cerceamento. Outra posição escolhe as ecocidades, ou seja, enclaves recém-construídos que “integram ambiente e infraestrutura reorganizando arquitetura, ecologia e tecnologia para internalizar fluxos de energia, água, alimentos, resíduos e materiais no desenvolvimento” (HODGSON; MARVIN, 2010, p. 308). Isso corresponde à posição da superpotência. Uma terceira posição opta por repensar a cidade como coabitação de seres humanos e não humanos, pensando nas mudanças climáticas no contexto de uma cidade multiespécies além da humana, com ani-

mais, plantas etc. (HOUSTON et al., 2018). As duas primeiras posições são principalmente abordagens centradas no homem que subestimam a interconectividade ecológica das cidades com seus campos e áreas ao redor da Terra (PINCETL, 2017), assim como o caráter metápolis das cidades. O terceiro parece propriamente antropogênico, mas ainda é pouco desenvolvido. Todos devem considerar o emaranhamento da atmosfera meteorológica e afetiva, e sua importância para que se possa engajar emocionalmente numa ação política.

REFERÊNCIAS

- ALBERTSEN, N. Urbane atmosfærer. **Sosiologi i dag**, v. 29, n. 4, p. 5-29, 2019.
- ASCHER, F. **Les nouveaux principes de l'urbanisme**. La Tour d'Aigues: Éditions de l'Aube, 2001.
- ASCHER, F. **Métapolis ou l'avenir des villes**. Paris: Editions Odile Jacob, 1995.
- BARRY, A.; MASLIN, M. The politics of the anthropocene: a dialogue. **Geo: Geography and Environment**, v. 3, n. 2, 2016.
- BASKIN, J. Paradigm dressed as epoch: the ideology of the anthropocene. **Environmental Values**, n. 24, p. 9-29, 2011.
- BAUER, A. M.; ELLIS, E. C. The anthropocene divide. Obscuring understanding of social-environmental change. **Current Anthropology**, v. 59, n. 2, p. 209-215, 2018.
- BISGAARD, U. Æstetikens overflade og dybde – shoppingcentret i nyt lys. In: BISGAARD, U.; FRIEBERG, C. (eds.). **Det æstetiske aktualitet**. København: Forlaget Multivers, 2006. p. 100-112.
- BOURDIN, A. **Du bon usage de la ville**. Paris: Descartes & Cie, 2009.
- BRENNER, N.; SCHMID, C. Planetary urbanization. In: GANDY, M. (ed.). **Urban constellations**. Berlin: Jovis Verlag, 2011. p. 11-14.
- BRENNER, N.; SCHMID, C. The "urban age in question". In: BRENNER, N. (ed.). **Implosions/explosions: towards the study of planetary urbanisation**. Berlin: Jovis Verlag, 2014. p. 310-337.
- BÖHME, G. Das Wetter und die Gefühle. Für eine Phänomenologie des Wetters. In: ANDEMAN, K.; EBERLEIN, U. (eds.). **Gefühle als Atmosphären**. Neue Phänomenologie und philosophische Emotionstheorie. Deutsche Zeitschrift für Philosophie, Sonderbände 29. Berlin: Akademie Verlag, 2011. p. 153-166.
- BÖHME, G. **Atmosphäre**. Essays zur neuen Ästhetik. Frankfurt: Suhrkamp Verlag, 1995.
- BÖHME, G. Atmosphere as the fundamental concept of a new aesthetics. **Thesis Eleven**, n. 36, p. 113-26, 1993.
- BURDETT, R.; SUDJIC, D. (eds.). **The endless city**. London; New York: Phaidon Press, 2007.
- CHOAY, F. Le règne de l'urbain et la mort de la ville" In: ----. **Pour une anthropologie de l'espace**. Paris: Éditions du Seuil, 2006. p. 165-198.
- CRUTZEN, P. J.; SCHWÄGERL, C. Living in the anthropocene: toward a new global ethos. **Yale Environment 360**, 2011. Disponível em: http://e360.yale.edu/feature/living_in_the_anthropocene_toward_a_new_global_ethos/2363/.
- CRUTZEN, P. J.; STOERMER, E. F. The anthropocene. **IGBP Newsletter**, n. 41, p. 17-18, 2000.
- DAMON, J. Urbanisation planétaire, villes et modes de vie urbains. In: ----. (ed.). **Vivre en ville**. Observatoire mondial des modes de vie urbains. Paris: Presses Universitaires de France, 2008. p. 1-27.
- DAVIS, M. Who will build the ark. **New Left Review**, n. 61, p. 29-46, 2010.
- FLÜSSER, V. **Ende der Geschichte, Ende der Stadt?** Wien: Picus, 1991.
- GANDY, M. Urban atmospheres. **Cultural Geographies**, v. 24, n. 3, p. 353-374, 2017.
- HARAWAY, D. Anthropocene, capitalocene, plantationocene, chthulucene: making kin. **Environmental Humanities**, v. 6, p. 159-165, 2015. Disponível em: <https://environmentalhumanities.org/arch/vol6/6.7.pdf>.
- HÉNAFF, M. **La ville qui vient**. Paris: Éditions de L'Herne, 2008.
- HODGSON, M.; MARVIN, S. Urbanism in the anthropocene: ecological urbanism or premium ecological enclaves. **City**, v. 14, n. 3, p. 298-313, 2010.
- HOUSTON, D.; HILLIER, J.; MACCALLUM, D.; STEELE, W.; BYRNE, J. Make kin, not cities! Multispecies entanglements and 'becoming world' in planning

- theory. **Planning Theory**, v. 17, n. 2, p. 190-212, 2018.
- JENSEN, C. B. **Thinking the Earth**: new disciplinary alliances in the anthropocene. Osaka: Osaka University Graduate School of Human Sciences, 2016. Disponível em: <https://www.hus.osaka-u.ac.jp/en/node/979>.
- JOSEPH, I. Reprendre la rue. In: ---- (ed.). **Prendre place**. Espace publique et culture dramatique. Paris: Éditions Recherches; Plan Urbain, 1995. p. 11-35.
- KENNEDY, C.; PINCETL, S.; BUNJE, P. The study of urban metabolism and its applications to urban planning and design. **Environmental Pollution**, v. 159, n. 8-9, p. 1965-73, 2011.
- LATOURE, B. **Face à Gaïa**. Huit conférences sur le nouveau régime climatique. Paris: La Découverte, 2015.
- LATOURE, B. **Où atterrir?** Comment s'orienter en politique. Paris: La Découverte, 2017.
- LÉVY, J. Measuring urbanness. In: ANDERSSON, H.; JORGENSEN, G.; JOYE, D.; OSTENDORF, W. (eds.). **Change and stability in urban Europe**. Andershot: Ashgate Publishing Limited, 2001. p. 15-25.
- LUSSAULT, M. **L'homme spatial**. La construction sociale de l'espace humain. Paris: Éditions du Seuil, 2007.
- LUSSAULT, M. La ville des géographes. In: PAQUOT, T.; LUSSAULT, M.; BODY-GENDROT, S. (eds.). **La ville et l'urbain, l'état des savoirs**. Paris: Éditions de la Découverte, 2000. p. 21-35.
- LYNAS, M. **The God species**: how the planet can survive the age of humans. London: HarperCollins, 2011.
- MARCHAL, H.; STÉBÉ, J.-M. Introduction. In: ---- (eds.). **Traité sur la ville**. Paris: Presses Universitaires de France, 2009. p. 5-40.
- MAUNIER, R. The definition of the city. **American Journal of Sociology**, v. 15, n. 4, p. 536-548, 1910.
- NIELSEN, T. **Det urbaniserede territorium**. Østjylland under forandring. Aarhus: Arkitektskolens Forlag, 2009.
- NIELSEN, T. Nye urbane typologier. In: CLEMMENSEN, T. J. (ed.). **Grænseløse byer**. Nye perspektiver for by- og landskabsarkitekturen. Aarhus: Arkitektskolens Forlag, 2011.
- PINCETL, S. Cities in the age of the anthropocene: climate change agents and the potential for mitigation. **Anthropocene**, n. 20, p. 74-82, Dec., 2017.
- RAWLS, J. **A theory of justice**. Cambridge, Massachusetts: The Belknap Press of Harvard University Press, 1999. [Revised edition].
- RAAHAUGE, K. M. **En Århusantropologi**: Ph.d.-afhandling. Hørsholm: SBI forlag, 2007. 266p.
- SAYER, A. Defining the urban. **Geographical Journal**, v. 9, n. 3, p. 279-285, 1984.
- SIEVERTS, T. The principle of heritage: preservation and its generalisation in the anthropocene. **The Planning Review**, v. 53, n. 1, p. 99-105, 2017.
- THIBAUD, J.-P. The backstage of urban ambiances: when atmospheres pervade everyday experience. **Emotion, Space and Society**, n. 15, p. 39-46, May, 2015.
- TIETJEN, A. **Towards an urbanism of entanglement**. Site explorations in polarised Danish urban landscapes. Aarhus: Arkitektskolens forlag, 2011.
- WIRTH, L. Urbanism as a way of life. **The American Journal of Sociology**, v. 44, n. 1, p. 1-42, 1938.
- ZALASIEWICZ, J.; WATERS, C. The anthropocene. **Environmental Science**, 2015. Disponível em: <https://oxfordre.com/environmentalscience/view/10.1093/acrefore/g780199389414.001.0001/acrefore-g780199389414-e-7>.
- ZALASIEWICZ, J.; WATERS, C.; HEAD, M. J.; STEFFEN, W.; SYVITSKI, J. P.; VIDAS, D.; SUMMERHAYES, C.; WILLIAMS, M. The Geological and earth system reality of the anthropocene. **Current Anthropology**, v. 59, n. 2, p. 220-223, 2018.
- ZALASIEWICZ, J.; WATERS, C.; WILLIAMS, M. Les strates de la ville de l'anthropocène. **Annales HSS**, v. 72, n. 2, p. 329-351, 2017.
- ØSTERBERG, D. **Arkitektur og sosiologi i Oslo**: en sosio-materiell fortolkning. Oslo: Pax, 1998.

NIELS ALBERTSEN

Mestre em Ciências Políticas pelo Institute of Political Science, Aarhus University (1982). Professor Emérito na Aarhus School of Architecture, Dinamarca. Foi pesquisador do “Centre for Strategic Urban Research/Department of Landscape and Urbanism” E chefe do “Department of Landscape and Urbanism”. É atualmente coordenador da pesquisa “Atmospheres in the urban anthropocene”, desenvolvida pelo “The Danish Council for Independent Research/Culture and Communication”.



THE ANTHROPOGENIC METAPOLIS: ATMOSPHERE, ANTHROPOCENE, URBANITY

This explorative essay searches some arguable connections between atmosphere, anthropocene and urbanity. The idea is this: Geologists think of our age as a new geological epoch – the ‘Anthropocene’ – because human activities have (had) significant impact on the planet Earth, its ecosystems and geology. Concomitantly urban researchers think of our age as ‘The Urban Age’ since more than 50% of the Earth’s population now lives in cities. The percentage is expected to increase in the coming decades. Future life on Earth and the Earth itself will most probably be fundamentally marked by both urbanization and the human impact on the planet. Future urbanism will face new challenges due to this entanglement of urbanisation and anthropogenic processes.

Geologists have not yet finally agreed upon the anthropocene proposition, and the concept itself is a contested one. Is it humanity that has transformed the planet, or is it capitalism or something else? Hence: Capitalocene or other –cenes (Haraway 2015). The concept also has contesting powers: It calls into question many well-known (modern) distinctions such

as progressive-regressive, culture-nature, rational-romantic, global-local, city-country, part-totality, human-animal). It asks for new periodizations, new conceptions of the political and questions what it means to be human together with multiplicities of other species on Earth (Latour 2015, 2017). In this essay I shall, despite the contestability, keep the concept of the anthropocene because of its contesting powers, and because it has shown useful as umbrella for interdisciplinary dialogues between natural sciences and humanities.

The Urban Age thesis is imbued with similar issues. Paradoxically, the more humans are and will be living in cities the more it becomes unclear – as we shall see – what city or urban means. The Urban Age calls for new- or re-conceptualisations of urbanity, precisely in the context of the anthropocene. There must be a connection.

In this context the concept of atmosphere is important. Atmosphere is a vital aspect of city-life. Where you are and how you feel about it (*Befindlichkeit*) highly influences ways of living in the city. Additionally: Since there is atmosphere wherever human beings are sensually present in an environment, changing urban environments *eo ipso* means changing atmospheres, and hence life-experiences, to the better or the worse. A further reason is the unmanageability of the anthropocene condition; the climate crisis is overwhelming and the preoccupations of our everyday lives make it difficult to act upon it. Here atmospheric has something to say. “We need more than just instrumental, cognitive perception to influence attitudes and behaviour in the direction of responding to the conditions of the Anthropocene. We need to be emotionally affected, to be emotionally touched by those processes, which are already destroying our life supporting world” (Sievarts 2017: 101). Such emotional affectedness is precisely the subject matter of atmospheric. The other way around the concept of atmosphere may be affected by the anthropocene. Atmosphere is often separated into the meteorological concept and the aesthetic, sensual or affective concept. Anthropogenic urbanisation does not seem to call for such division.

In what follows I proceed in the reverse order of the title of this essay. To begin with I address the paradox of the urban age and consider the implications for the concept of urbanity. Here I launch the concept of the Metapolis as graduated city. Then I venture first into the relationship between Metapolis and anthropocene, second into the relationship

between Metapolis and atmosphere, and thirdly atmosphere as weather in the anthropogenic Metapolis is addressed. The essay closes with a few remarks on different positions on political action in the anthropogenic Metapolis.

THE PARADOX OF THE URBAN AGE

More than half of the population of the Earth now lives in cities. This demographic fact has given rise to the notion of The Urban Age (Burdett & Sudjic 2007). It is however, not clear what urban means in this context. What counts as populations dwelling in cities vary significantly between countries. An urbanite in one country may not count as one in another. In France it takes 2.000 people dwelling in a continuously built up area with no more than 200 metres between the buildings, in Denmark 200, in Japan 30.000 (Marchal & Stébé, 2009: 11). In other countries the criteria are of another kind. To mention just two examples: In Pakistan a city is a zone with a municipal government, in Botswana it is an agglomeration with 5.000 inhabitants and less than 25 % agricultural economy (Damon 2008: 4-5). No big wonder that the concept of The Urban Age has been criticised as being incoherent, chaotic and better forgotten (Brenner & Schmid 2014).

The concept of city has been problematized as well. At the threshold of The Urban Age cities were diagnosed as disappearing. Urban historian Françoise Choay in 1991 announced the death of the city since the unity of urbs (the physical territory) and civitas (the community of citizens) was gone (Choay 2006: 168, 191). Philosopher Vilém Flusser could not understand a huge agglomeration like Sao Paulo as a city:

Sao Paulo has 16-17 million inhabitants; [...] I would not call it a 'city', since there is no centre and also no periphery. The city everywhere looks the same, towers with sheds in between. One should find a new name for this; I would suggest 'ant hills' (Flusser 1991: 54).

For sociologist Dag Østerberg understanding Oslo as a ‘city’ was out-dated. It was “just an idea, an obsession which we must liberate ourselves from” (Østerberg 1998: 34). Oslo was not clearly delimited from the countryside. It was a region, separated in different layers or sedimentations, connected by traffic systems and without one centre, since the historical centre is not a real centre of power or the place of a political public sphere (1998: 136). Urban sociologist Alan Bourdin emphasized that the concept of the city would not disappear, but the use of it would depend on more or less arbitrary decisions by local actors, since “space no longer organizes an urban order and the city no longer designates a clearly definable reality” (Bourdin 2009: 43).

These farewells to the city share a common property; they all rely upon specific conceptions of city-ness. One may ask: Is the dismissal of such conceptions of the city sufficient reason to dismiss the concept¹ of the city itself?

One response to the disappearance of the city was to expand the concept of urbanity. Once separated from inherited ideas, the concept of urbanity seems to have been liberated for multifarious applications:

Traditional criteria of urbanity such as building and population density are replaced by relational criteria such as accessibility and interconnectedness and not least the productive capacity of the city to create ‘the new’¹. In this situation “the city is potentially everywhere and dissolves into an in principle unlimited networked continuum of built-up and open spaces – an urban landscape” (Tietjen 2011: 134).

1. I owe the distinction between concept and conception to Rawls’ and Hart’s idea that people can have different (and contentious) conceptions of justice with these conceptions still sharing a common role specified as the concept of justice (Rawls 1999 [1971]: 5).

Another expansive version is the thesis of planetary urbanisation according to which spaces well beyond the traditional city cores and suburban peripheries have become integral parts of the “worldwide urban fabric” ranging from transoceanic shipping lanes to tourist enclaves, the world’s oceans and the atmosphere (Brenner & Schmid 2011: 12).

If urbanisation can be everywhere, the concept is, however, up for trouble. As Andrew Sayer emphasised long time ago: If everything is city or urban, nothing is! The concept “fails to refer to anything” (Sayer 1984: 281). The paradox is that “precisely at the moment where the world seems to us to become city, the city ceases to be a world” (Hénaff 2008: 11). Similarly: precisely at the moment urbanisation seems to become planetary, urbanisation ceases to exist. The paradox of then is this: Cities disappear because of narrow conceptions of citiness, and urbanity and urbanisation disappears because of too expansive conceptions of both. The city as world disappears and at the same time, the world as city! Can both the concepts of urbanity and citiness be rescued from this double disappearance, and with it the concept of an urban age? Is there an in-between of the two disappearances, between the city/urbanity as too little and too much? I think there is,² and I propose to call it *the graduated city*.

THE GRADUATED CITY

Searching such conceptualisation let us first re-visit the two classical first half 20th century positions of sociologists René Maunier (2010) and Louis Wirth (1938). For Maunier, what made a city a city was the coming together of social complexity and territorial density. He stressed that this is a matter of *relativity* rather than absolute measures (Maunier 2010: 544), a matter of more or less, of degree, I would say. Density and social complexity or heterogeneity was also part of Wirth’s classical “minimal” sociological definition of the city. “For sociological purposes a city may be defined as a relatively large, dense, and perma-

2. What follows in part relies upon a lecture given at the Aarhus School of Architecture in March 2015 in the context of The Centre for Strategic Urban Research, “Gentænk bybegrebet” (Rethink the concept of the city) together with my colleague, professor Tom Nielsen.

ment settlement of socially heterogeneous individuals” (Wirth 1938: 8). Here “relatively” indicates that this definition is also a matter of degree: more or less large, more or less dense, and more or less heterogeneous?

Why are these two classical definitions of the city not adequate to the Urban Age? It is not that size, density, social complexity/heterogeneity and relativity are irrelevant criteria. What is inadequate is the idea of *co-variation* between them: the more of one, the more of the others, and the more urbanity. In the Urban Age however, urban areas may be large, while densities are low without heterogeneity turning into homogeneity. Dimensions are not only questions of degree but also of *differential compositions of differential degrees*, where you can have more or less of one dimension without having more or less of the others. Geographers Jacques Lévy and Michel Lussault (Lussault 2000, 2007) have categorised such compositions into a variety of ideal-typical urban “geotypes”, focusing on density and heterogeneity.⁵ Centrality is the classical case of high degrees of density and heterogeneity; sub- and peri-urban areas have low degrees of density; para-urban areas have low degrees of heterogeneity and infra-urban areas low degrees of both, being the limit case to non-urban areas (Lussault 2000: 32). In contemporary large European cities such different ‘geotypes’ are dispersed among each other, they are not distributed concentrically from one, historical centre. Centralities can be located in many other places, and the historical centre often exhibits sub-urban and peri-urban features (Lussault 2007: 330–334).

Infrastructural mobility networks keep this plurality of differentially composed *urban types* (which I shall call them henceforth) together. Here we encounter another aspect of the gradualism of the graduated city, the time-aspect. Size, density and social complexity/heterogeneity must be re-thought in *topological*⁴ rather than only topographical terms.

3. In explicit continuity with Wirth Jacques Lévy states that “density and diversity represent a good measure of urbanness, which can be defined as what makes a city a city” (Lévy 2001: 16).

4. Topology investigates properties of geometrical figures that are invariant through continuous deformation. A circle deforms into a triangle deforms into a square without breaking the continuous coherence of the line and without supplying anything else to the figure. The concept of urbanity ‘behaves’ similarly. As a topological concept of density and heterogeneity it is stretched and bent, but it does not break. Topological density and heterogeneity is not everywhere. The city is neither too little (a few spe-

Topographically, the graduated city may be a dispersed rather than dense heterogeneous formation, but topologically density will show up as short distances in time due to infrastructures of mobility. What is topographically distant becomes close and dense in time, and what is topographically close becomes distant in time, if not connected to infrastructural networks (Lussault 2007: 65).

This concept of the graduated city can serve as a *minimal common denominator* for the multiple urbanities of The Urban Age. It combines the classical spatial (size, density) and social dimensions (complexity-heterogeneity) with the accessibility-dimension, which also as “fundamental value” or “hard core of urbanity” (Joseph 1995: 26) “makes a city a city” (Lévy, note 3). But not more than that! It does not say anything about how size, density, heterogeneity and accessibility are composed and combined. Precisely therefore, and contrary to classical conceptions, the dimensions may combine in such diversified topographical and topological ways that it can accommodate a multiverse of urbanities. It can accommodate the relatively delimited, centred built up city with intact public spaces as well as the sprawling metropolis. *It does not require a distinction between city and urban, it includes both of them.*⁵

Included is as well François Ascher’s *Métapolis* (1995), i.e. former separated urban areas and landscapes that through mobility infrastructures have been assembled into “vast conurbations” consisting of “dispersed and discontinuous, heterogeneous and multipolarized” territories, where “the limits and the physical and social differences between city and country become increasingly blurred” (Ascher 2001: 58). In what follows I shall utilize Ascher’s concept in another way, namely as synonymous with the graduated city, as a *meta-concept* comprising the multiverse of urbanities in The Urban Age.

cific forms handed down from history) nor too much (everywhere). It fits the fact that heterogeneously defined cities only cover 2% of the world’s land surface (Pincetl 2017: 75).

5. Henceforth I shall not distinguish between them.

THE ANTHROPOGENIC METAPOLIS

The general idea of the concept of the anthropocene is that we live in a new geological epoch due to the impact of humanity on the planet Earth. Humanity has become a “geological superpower”, “a force of nature” that changes the Earth itself radically through species extinctions, the depletion of fossil fuel resources, the impact of greenhouse gasses on climate change, landscape transformations etc. (Crutzen & Stoermer 2000; Barry & Maslin 2016). Humans are forces of nature, we are not only part of nature. Dramatically: “Nature is us”, “Nature no longer runs the Earth, we do” (Crutzen & Schwägerl, 2011, Lynas, 2011: 8, quoted in Baskin 2011: 10).

The concept is, as already mentioned, a *contested* one. This includes disagreement on periodization. Did the anthropocene begin with the industrial revolution and the steam engine, the atomic age after WWII (the Great Acceleration), or the post-Columbus exchanges between Europe and the Americas of crops, animals and diseases, colonialism and slavery (hence: *Plantationocene*)? Even the whole idea of periodization is contested: it is said to obscure the socially differentiated and long-enduring processes of human alterations of environments (Bauer & Ellis 2018).

As also already mentioned I shall keep the concept of the anthropocene. On periodization I settle on the Great Acceleration, not in order to take a position in the periodization dispute, but because it matches the idea of the Metapolis as graduated city and the multiverse of urbanities in the Urban age.

The Great Acceleration denotes the simultaneous and widespread rise from around 1950 in scales and rates of population growth, energy use, industrialisation, habitat/biotic change, the beginning of maritime changes, of the oil economy, the nuclear age, of globalisation (Zalasiewicz & Waters 2015). Since 1950 humans have been moving more sediment annually than wind, glaciers, and rivers combined, and energy consumption by humans has exceeded, by 1.6 times, that of all human history before 1950 (Zalasiewicz et.al. 2018: 221).

From the 1950s urbanisation increased rapidly (one of the indicators of the great acceleration). Between 1950 and 2015 the number of metropolises (10 million inhabitants) rose from

one (New York) to 36 (Zalasiewicz et.al. 2017: 344). From the 1980-1990s the graduated Metapolis succeeded the 1950-1970 expansion of the functionally zoned centre-periphery structured modernist city. In this process cities were a prime mover in the anthropogenic acceleration, not least through increases in the carbon footprints of urban regions in the Northern Hemisphere (Davis 2010: 41). Mobility, dispersion, suburbanization, sprawl and expanded infrastructures generated anthropogenic effects. Cities cover only 2 per cent of the Earth's land surface, but consume over 75% of the material resources (Pincetl 2017: 75).

With the rise of the Metapolis the concept of *urban metabolism* became prominent. The concept relies upon an analogy with living organisms, seeing the city as similar to organisms that “consume resources from their surroundings and excrete wastes” (Kennedy et.al. 2011: 1965). From a geological point of view urban metabolism and its anthropogenic consequences functions at a time-scale that corresponds to “the geological present”. Beyond that scale the city geologically occurs as a “sedimentary system” (Zalasiewicz et.al. 2017: 336). Geologically, cities are composed of different Earth materials (rock, minerals, oil) turned into brick, concrete, steel, glass, plastic, and they are also systems of flows of materials and energy. Just as the transport of materials by rivers leads to sedimentations, so humans have transported materials over longer or shorter distances to build the cities, the different layers of which constitute urban strata (ibid: 330-335). Geologically, the graduated Metapolis is Earth material through and through.

METAPOLITAN ATMOSPHERES

“Mehr Atmosphäre – weniger Wetter” (more atmosphere – less weather) one could read in May 2011 at the Ostkreuz-Berlin station at the Berlin S-Bahn. It was an announcement of a future covering of the station. By shielding the platforms from the weather an environment less exposed to shifting weather conditions and more ‘atmospheric’ should obviously be established. The announcement separated weather (the *meteorological* atmosphere) conceptually from *affective* atmosphere in the sense of sensuous bodies affectively perceiving and experiencing environments, as e.g. conceptualised by Gernot Böhme (Böhme

1993). Atmospheres do not emerge from subjective projections on objects; on the contrary: they capture us. Neither do they emerge from properties of isolated objects; what count is the *constellations* of 'ecstatic' things (and persons) that colour and tinge each other (Böhme 1995: 30, 32-34).

Living in cities means living sensuously in and with the environing urban atmospheres. This has general validity for urban life, but recent decades of the anthropogenic Metapole have witnessed atmospheric intensifications.

Consider the conditioned environments of shopping malls, the planted areas of eco-neighbourhoods, the process of 'heritagization' of historic town centres, the privatization of gated communities, the new scenes of the creative city, and the functional atmospheres of public transport facilities: in each case, every effort is made to create an ambiance, to channel sensations and to make people feel a particular way (Thibaud 2015: 39).

The anthropogenic Metapole may be Earth material through and through; in many ways it also has become increasingly oriented towards sensuousness and feelings, i.e. the affective rather than meteorological atmosphere (Gandy 2017: 355), just as intended for the Ost-Bahnhof.

If we look specifically to European cities the Metapole in recent years seem to have been characterized by a double movement: the 'atmospherization' of the historical centres on the one hand, and the pluralisation of atmospheres throughout the urban types on the other. The historical centres are not the functional centres of the urban regions any more. But they have become increasingly important as *intensified urban atmospheres*. As the historical dense city increasingly dissolved in terms of commercial, industrial, political, social, welfare and mobility criteria, *it returned as atmosphere*.

Let me take my hometown Aarhus as an example. The density and heterogeneity of the built environment and the population (at least in daytime) in the historical centre, makes it, in different ways, the *atmospheric centre* of Aarhus. Here we find an *atmosphere of age* (Albertsen 2019: 21) that makes it possible to sense the city as old without knowing much about history. The historical centre is also a commercial centre, which supports an *atmosphere of shopping* (Bisgaard 2006: 109). Simultaneously, we find an atmosphere of big city life with its multiplicity of impressions and differences. Louis Wirth would call it *an atmosphere of urbanism*. In recent decades the centre has been ‘lifted’ in different ways following which the *atmospheres of age, shopping and urbanism* have been intensified. This, very probably, is one main reason why the historical centre of Aarhus ‘atmospherically’ for many people counts as “the real Aarhus” (Raahauge 2007: 164).

Still using the Aarhus area as example, atmospheres pluralize if we move to other urban types. In the suburb three areas, which do not diverge very much in terms of income and upper class settlement, turn out to be quite different in terms of atmosphere. In the Skaade Hills south of the historical centre a “landlord feeling” prevails, in the area called ‘Fedet’ in Risskov towards the north a “Klondike”-like atmosphere prevails, while a small neighbourhood around Stationsgade in the same area shows a strong feeling of community (Raahauge 2007: 71f).

In contrast to such unique and diverging place dependent atmospheres the graduated Metapolis is also characterised by more *typical* atmospheres. If we stick to habitation: the neighbourhoods of detached housing with atmospheres of privacy around the house and the lawn; the large social housing estates which originally presented atmospheres of standardised ‘neutrality’, but subsequently was provided with various devices of homeliness; the low-dense estates with an atmosphere of village like community, supported by the density of the enclaves, small scale and relative closed-ness (Albertsen 2019: 12).

Moving to the para- and infra-urban areas, we find a plurality of mixed built-up and landscape constellations. A village may be surrounded by detached private housing that turns the back to the road of the village in order to get a calm landscape atmosphere from the fields, or the village itself may have been provided with new storey buildings that signifi-

cantly alter the village atmosphere. Quite different are the areas around the highway exits where atmospheres emerge from constellations of large box-shaped commercial buildings, traffic facilities, mobility and open landscapes (Nielsen 2011: 46, 47; Nielsen 2009: 71).

ATMOSPHERIC WEATHER IN THE ANTHROPOGENIC METAPOLIS

The arrival of the affective atmospheric multiverse of the Metapolis was also an anthropogenic process contributing to the acceleration of CO₂ emissions and climate change, affecting the Earth system and deteriorating biodiversity. Both processes influence urban living and it seems less and less probable that meteorological and affective atmospheres can be kept apart as mutually in-different forms of experience and knowledge. Let us return to the weather. In his sketch of a phenomenology of the weather Gernot Böhme on the one hand maintains a clear distinction between meteorological weather and affective weather (for short). The former denotes the objective measurement of temperature, wind, humidity etc. This does not give us “the weather”. The weather is more than its meteorological parts, a totality we only access experientially. “The weather as *total impression* [...] is only given in bodily-sensual experience” (Böhme 2011: 153, 163f). On the other hand, meteorological weather influences affective weather, though not as causal fact(or)s. Meteorological weather conditions *generate* (Erzeugen) affective atmosphere in the same sense as a blue cup ‘blues’ its surroundings, that is as *ecstasies* (Böhme 1995, 32-34). Phenomenologically the conditions should be “read” as moments in a total ecstatic impression of the weather (Böhme 2011: 165-166).

With this distinction between causation and generation Böhme both upholds a separation between the phenomenological and the natural-scientific approach to the weather and acknowledges the *affective* importance of meteorological weather. The question, however, is this: Does this separation still hold in the Anthropocene? Does meteorological atmosphere only emerge affectively as ecstasies? Consider the long, beautiful, sunny, warm and dry summer in Denmark in 2018. The affective weather-atmosphere was wonderful,

but the affection was, at the level of feelings, disturbed by the background *knowledge* that something might be climatically seriously wrong. Meteorological atmosphere disturbed affective atmosphere directly, not only in ecstatic forms. The preference of phenomenology for distancing itself from the natural sciences was called into question by such *knowledge-cum-feeling ambivalence and anxiety*.

WHAT IS TO BE DONE?

When it comes to political action in the anthropocene three main positions seem to compete with each other. One position goes for *strengthening 'the superpowers' of humans* in order to shape a 'good anthropocene' through climate and geo-engineering of the atmosphere. The second one focalises on *curtailing the destructive powers of human agency*, struggling with capitalism and modifying modernity. Both of these have primary focus on humans, cultures and societies. A third position accentuates rethinking the Earth as *cohabitation of humans and non-humans*, redefining rivers, plants and animals as kin, rather than resources. The indigenous people of Awajun-Wampi in the Amazonas: "The river is our brother, we do not kill our brother by polluting and throwing waste on it" (Bruun Jensen 2016: 7, 10).

As main drivers of the anthropocene, cities are also main contexts for change in the anthropocene. Also here different positions, similar to the above ones, compete. Cities are considered their own solutions if we *go back to the topographically dense city*. "Most contemporary cities, in rich countries or poor, repress the potential environmental efficiencies inherent in human-settlement density. The ecological genius of the city remains a vast, largely hidden power" (Davis 2010: 43). This corresponds to the curtailing position. Another position picks Eco-cities, i.e. new-built enclaves that "integrate environment and infrastructure by rebundling architecture, ecology and technology to internalise energy, water, food, waste and material flows within the development" (Hodgson & Marvin 2010: 308). This corresponds to the superpower position. A third position opts for rethinking the city as cohabitation of humans and non-humans, thinking climate change in the context of

a more-than-human multispecies city with animals, plants etc. (Houston et.al. 2018). The first two positions are mainly human-centred approaches that underestimate the ecological interconnectedness of cities with their hinterlands and around the Earth (Pincetl 2017) as well as the metapolitan character of cities. The third seems properly anthropogenic, but is still underdeveloped. They all should consider the entanglement of meteorological and affective atmosphere and the importance of atmosphere for emotionally engaging political action.

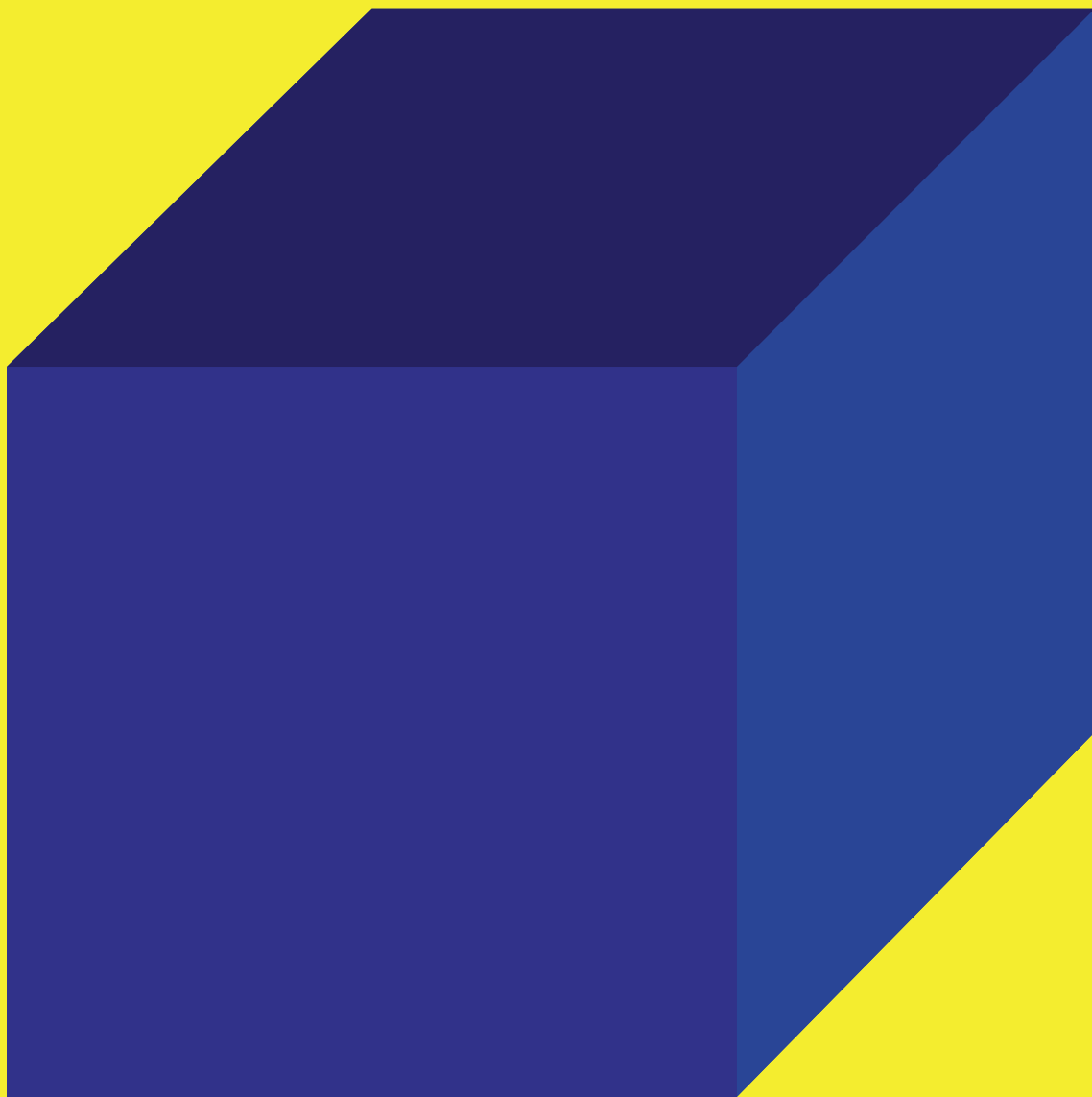
REFERÊNCIAS

- ALBERTSEN, N. Urbane atmosfærer. **Sosiologi i dag**, v. 29, n. 4, p. 5-29, 2019.
- ASCHER, F. **Les nouveaux principes de l'urbanisme**. La Tour d'Aigues: Éditions de l'Aube, 2001.
- ASCHER, F. **Métapolis ou l'avenir des villes**. Paris: Editions Odile Jacob, 1995.
- BARRY, A.; MASLIN, M. The politics of the anthropocene: a dialogue. **Geo: Geography and Environment**, v. 3, n. 2, 2016.
- BASKIN, J. Paradigm dressed as epoch: the ideology of the anthropocene. **Environmental Values**, n. 24, p. 9-29, 2011.
- BAUER, A. M.; ELLIS, E. C. The anthropocene divide. Obscuring understanding of social-environmental change. **Current Anthropology**, v. 59, n. 2, p. 209-215, 2018.
- BISGAARD, U. Æstetikens overflade og dybde – shoppingcentret i nyt lys. In: BISGAARD, U.; FRIBERG, C. (eds.). **Det æstetiske aktualitet**. København: Forlaget Multivers, 2006. p. 100-112.
- BOURDIN, A. **Du bon usage de la ville**. Paris: Descartes & Cie, 2009.
- BRENNER, N.; SCHMID, C. Planetary urbanization. In: GANDY, M. (ed.). **Urban constellations**. Berlin: Jovis Verlag, 2011. p. 11-14.
- BRENNER, N.; SCHMID, C. The “urban age in question”. In: BRENNER, N. (ed.). **Implosions/explosions: towards the study of planetary urbanisation**. Berlin: Jovis Verlag, 2014. p. 310-337.
- BÖHME, G. Das Wetter und die Gefühle. Für eine Phänomenologie des Wetters. In: ANDEMAN, K.; EBERLEIN, U. (eds.). **Gefühle als Atmosphären**. Neue Phänomenologie und philosophische Emotionstheorie. Deutsche Zeitschrift für Philosophie, Sonderbände 29. Berlin: Akademie Verlag, 2011. p. 153-166.
- BÖHME, G. **Atmosphäre**. Essays zur neuen Ästhetik. Frankfurt: Suhrkamp Verlag, 1995.
- BÖHME, G. Atmosphere as the fundamental concept of a new aesthetics. **Thesis Eleven**, n. 36, p. 113-26, 1993.
- BURDETT, R.; SUDJIC, D. (eds.). **The endless city**. London; New York: Phaidon Press, 2007.
- CHOAY, F. Le règne de l'urbain et la mort de la ville” In: ----. **Pour une anthropologie de l'espace**. Paris: Éditions du Seuil, 2006. p. 165-198.
- CRUTZEN, P. J.; SCHWÄGERL, C. Living in the anthropocene: toward a new global ethos. **Yale Environment 360**, 2011. Disponível em: http://e360.yale.edu/feature/living_in_the_anthropocene_toward_a_new_global_ethos/2363/.
- CRUTZEN, P. J.; STOERMER, E. F. The anthropocene. **IGBP Newsletter**, n. 41, p. 17-18, 2000.
- DAMON, J. Urbanisation planétaire, villes et modes de vie urbains. In: ---- (ed.). **Vivre en ville**. Observatoire mondial des modes de vie urbains. Paris: Presses Universitaires de France, 2008. p. 1-27.
- DAVIS, M. Who will build the ark. **New Left Review**, n. 61, p. 29-46, 2010.
- FLUSSER, V. **Ende der Geschichte, Ende der Stadt?** Wien: Picus, 1991.
- GANDY, M. Urban atmospheres. **Cultural Geographies**, v. 24, n. 3, p. 353-374, 2017.
- HARAWAY, D. Anthropocene, capitalocene, plantationocene, chthulucene: making kin. **Environmental Humanities**, v. 6, p. 159-165, 2015. Disponível em: <https://environmentalhumanities.org/arch/vol6/6.7.pdf>.
- HÉNAFF, M. **La ville qui vient**. Paris: Éditions de L'Herne, 2008.
- HODGSON, M.; MARVIN, S. Urbanism in the anthropocene: ecological urbanism or premium ecological enclaves. **City**, v. 14, n. 3, p. 298-313, 2010.
- HOUSTON, D.; HILLIER, J.; MACCALLUM, D.; STEELE, W.; BYRNE, J. Make kin, not cities! Multispecies entanglements and ‘becoming world’ in planning

- theory. **Planning Theory**, v. 17, n. 2, p. 190-212, 2018.
- JENSEN, C. B. **Thinking the Earth**: new disciplinary alliances in the anthropocene. Osaka: Osaka University Graduate School of Human Sciences, 2016. Disponível em: <https://www.hus.osaka-u.ac.jp/en/node/979>.
- JOSEPH, I. Reprendre la rue. In: ---- (ed.). **Prendre place**. Espace publique et culture dramatique. Paris: Éditions Recherches; Plan Urbain, 1995. p. 11-35.
- KENNEDY, C.; PINCETL, S.; BUNJE, P. The study of urban metabolism and its applications to urban planning and design. **Environmental Pollution**, v. 159, n. 8-9, p. 1965-73, 2011.
- LATOUR, B. **Face à Gaïa**. Huit conférences sur le nouveau régime climatique. Paris: La Découverte, 2015.
- LATOUR, B. **Où atterrir?** Comment s'orienter en politique. Paris: La Découverte, 2017.
- LÉVY, J. Measuring urbanness. In: ANDERSSON, H.; JORGENSEN, G.; JOYE, D.; OSTENDORF, W. (eds.). **Change and stability in urban Europe**. Andershot: Ashgate Publishing Limited, 2001. p. 15-25.
- LUSSAULT, M. **L'homme spatial**. La construction sociale de l'espace humain. Paris: Éditions du Seuil, 2007.
- LUSSAULT, M. La ville des géographes. In: PAQUOT, T.; LUSSAULT, M.; BODY-GENDROT, S. (eds.). **La ville et l'urbain, l'état des savoirs**. Paris: Éditions de la Découverte, 2000. p. 21-35.
- LYNAS, M. **The God species**: how the planet can survive the age of humans. London: HarperCollins, 2011.
- MARCHAL, H.; STÉBÉ, J.-M. Introduction. In: ---- (eds.). **Traité sur la ville**. Paris: Presses Universitaires de France, 2009. p. 5-40.
- MAUNIER, R. The definition of the city. **American Journal of Sociology**, v. 15, n. 4, p. 536-548, 1910.
- NIELSEN, T. **Det urbaniserede territorium**. Østjylland under forandring. Aarhus: Arkitekt skolens Forlag, 2009.
- NIELSEN, T. Nye urbane typologier. In: CLEMMENSEN, T. J. (ed.). **Grænseløse byer**. Nye perspektiver for by- og landskabsarkitekturen. Aarhus: Arkitekt skolens Forlag, 2011.
- PINCETL, S. Cities in the age of the anthropocene: climate change agents and the potential for mitigation. **Anthropocene**, n. 20, p. 74-82, Dec., 2017.
- RAWLS, J. **A theory of justice**. Cambridge, Massachusetts: The Belknap Press of Harvard University Press, 1999. [Revised edition].
- RAAHAUGE, K. M. **En Århusantropologi**: Ph.d.-afhandling. Hørsholm: SBI forlag, 2007. 266p.
- SAYER, A. Defining the urban. **Geojournal**, v. 9, n. 3, p. 279-285, 1984.
- SIEVERTS, T. The principle of heritage: preservation and its generalisation in the anthropocene. **The Planning Review**, v. 53, n. 1, p. 99-105, 2017.
- THIBAUD, J.-P. The backstage of urban ambiances: when atmospheres pervade everyday experience. **Emotion, Space and Society**, n. 15, p. 39-46, May, 2015.
- TIETJEN, A. **Towards an urbanism of entanglement**. Site explorations in polarised Danish urban landscapes. Aarhus: Arkitekt skolens forlag, 2011.
- WIRTH, L. Urbanism as a way of life. **The American Journal of Sociology**, v. 44, n. 1, p. 1-42, 1938.
- ZALASIEWICZ, J.; WATERS, C. The anthropocene. **Environmental Science**, 2015. Disponível em: <https://oxfordre.com/environmentalscience/view/10.1093/acrefore/g780199389414.001.0001/acrefore-g780199389414-e-7>.
- ZALASIEWICZ, J.; WATERS, C.; HEAD, M. J.; STEFFEN, W.; SYVITSKI, J. P.; VIDAS, D.; SUMMERHAYES, C.; WILLIAMS, M. The Geological and earth system reality of the anthropocene. **Current Anthropology**, v. 59, n. 2, p. 220-223, 2018.
- ZALASIEWICZ, J.; WATERS, C.; WILLIAMS, M. Les strates de la ville de l'anthropocène. **Annales HSS**, v. 72, n. 2, p. 329-351, 2017.
- ØSTERBERG, D. **Arkitektur og sosiologi i Oslo**: en sosio-materiell fortolkning. Oslo: Pax, 1998.

NIELS ALBERTSEN

Master of Political Science from the Institute of Political Science, Aarhus University, Denmark (1982). Professor Emeritus at Aarhus School of Architecture, Denmark. Researcher at the “Center for Strategic Urban Research / Department of Landscape and Urbanism” and head of the “Department of Landscape and Urbanism”. Currently coordinates the “Atmospheres in the urban anthropocene” research, developed by “The Danish Council for Independent Research / Culture and Communication”.



LUGARES, PAISAGENS E INTERFACEAMENTOS ENTRE CORPOS, AMBIÊNCIAS E SENTIDOS

No momento em que ainda comemoramos os vinte anos de existência do Laboratório Arquitetura, Subjetividade e Cultura (LASC), este livro surge para celebrar nossa parceria como parte dessa história. de pesquisa. Para desenvolver este capítulo, fiz reavivar lembranças que antecedem a criação dos grupos Lugares e Paisagens - ProLUGAR¹ em 1998 e LASC em 1999. O ProLUGAR nasceu da parceria com Vicente del Rio em sua pesquisa sobre percepção e qualidade do lugar (1998), com a participação de Cristiane Rose Duarte, e se consolidou na organização do Seminário Internacional Psicologia e Projeto do Ambiente Construído.² Foi quando comecei a me interessar pelos efeitos da subjetividade na arquite-

1. O grupo criado em 1998, teve a designação original *Qualidade do lugar e Paisagem* atualizada em 2019, com base no entendimento de que os lugares não têm qualidade *em si*; que *qualidade do lugar é uma relação* ou conjunto de relações que performado em uma *rede sociotécnica* ou *coletivo* de atores humanos e não humanos.

2. Organizado pelo PROARQ em parceria com o Instituto de Psicologia da UFRJ em 2000, que resultou no livro *Projeto do lugar: colaboração entre psicologia, arquitetura e urbanismo* (DEL RIO; DUARTE; RHEINGANTZ, 2002), reunindo um conjunto representativo dos trabalhos apresentados no referido seminário.

tura dos edifícios e lugares. Com a mudança de Vicente para a Califórnia, em 2002 assumi a liderança do ProLUGAR, mantendo parceria com Cristiane e suas então orientandas do LASC, Alice Brasileiro, Ethel Pinheiro e Paula Uglione. Nessa época, comecei a explorar os efeitos de duas proposições no entendimento de lugar: viver é conhecer, de Humberto Maturana e Francisco Varela (1995), e a metáfora do “estar presente” em um horizonte que muda, portanto desprovido de localização.³

As discussões sobre um “estar presente” feito de vivências e interesses que flutuam nos fluxos de experiências, sonhos, lembranças e seus efeitos sobre conhecimento, conhecimento científico, sabedoria e suas relações com a arquitetura e o *lugar* ajudaram a consolidar o ProLUGAR.⁴ Inspirados em Humberto Maturana (2001), entendíamos que, sendo a *realidade* “uma proposição explicativa”, existem múltiplas realidades diferentes e igualmente legítimas, situadas em diferentes domínios de realidade (RHEINGANTZ, 2004).

ABORDAGEM EXPERIENCIAL E OBSERVAÇÃO INCORPORADA

Mas foi a partir da parceria com Rosa Pedro⁵ que começamos a discutir a cognição atuacionista – que “não é formada por representações, mas por *ações incorporadas*” (VARELA, 1992, p. 27) – e delinear a *abordagem experiencial* (AE). Como as relações que produzimos *com e nos* ambientes mudam de significado conforme mudam as circunstâncias, passamos a entender *percepção* como um conjunto de ações intencionalmente guiadas (VARELA,

3. Cf. Steind-Rast (1991, p. 95): “[...] o horizonte é parte inseparável da paisagem. Não pode haver uma paisagem sem um horizonte, nem um horizonte sem uma paisagem. Mas o horizonte não é a paisagem. O horizonte recua à medida que você caminha em direção a ele e ele continua sendo o horizonte; à medida que você se move, o HORIZONTE muda, e portanto ele não é, na realidade, alguma coisa absoluta. É UM CONCEITO QUE MUDA”.

4. Participavam do grupo as doutorandas Denise Alcântara, Monica Queiroz, os mestrandos Ana Claudia Pena, Monique Abrantes, Helena Rodrigues, Ana Paula Simões, José Ricardo Flores e Marcelo Sbarra, além dos bolsistas IC Henrique Houyaek e Aldrey Cavalcante, e de Alice Brasileiro, então doutoranda de Cristiane Duarte com minha co-orientação.

5. Iniciada com a banca final de dissertação de Monique Abrantes (2004).

1992) em uma *relação de circularidade* em que humanos e ambiente agem continuamente na produção de si mesmos (MATURANA; VARELA, 1995).

E nossas observações se transformaram em um encadeamento de associações dependentes do contexto que, em conjunto, configuram um ponto de vista aproximado e particular de uma experiência que não pode ser “representada” nem generalizada. Assim surgiu a *observação incorporada*. Durante a experiência, o observador* – o asterisco especifica o incorporado – lida com os padrões emocionais, assumindo suas emoções e reconhecendo sua influência na observação. Como nosso corpo é uma interface que aprende “a ser afetada” (LATOURE, 2008, p. 39),⁶ cada relato sobre aquilo que faz *traduz uma* experiência que é sempre singular, situada e compartilhada com os outros envolvidos. A dinâmica do aprender a ser afetado por diferenças até então desconhecidas transforma a observação* em um empreendimento progressivo que produz tanto um meio sensorial quanto um mundo sensível (LATOURE, 2008).⁷ Na esperança de estreitar a coordenação corpo-mente, convicto de que a separação consciência-experiência resulta de um hábito que pode ser quebrado com a meditação⁸ atenta (VARELA *et al.*, 2003), interessado em explorar os bons hábitos, procurei o Centro Nyingma de Budismo Tibetano para me iniciar na atenção-consciência plena na investigação da experiência no lugar.⁹

Na medida em que observador* aprendia a conversar com o corpo, seus relatos *corpó-rificavam* e delimitavam *um mundo* ou uma experiência de realidade que emergia das minhas experiências situadas.¹⁰ A parceria com Rosa Pedro e o interesse pela Teoria Ator-

6. “[...] se o contrário de ser um corpo é morrer, não podemos pretender ter uma vida separados do corpo [...] adquirir um corpo é um empreendimento progressivo que produz simultaneamente um meio sensorial e um mundo sensível” (LATOURE, 2008, p. 39-40).

7. O interesse pelo mundo sensível é um ponto de convergência com as colegas do LASC.

8. Segundo John Welwood (2003, p. 99), “a tradição Mahamudra do budismo tibetano descreve a meditação como ‘o ato de misturar a mente e o espaço’”.

9. Aqui temos mais uma bifurcação entre as abordagens do LASC e do ProLUGAR, que pode vir a ser negociada em futuras parcerias.

10. Como sua compreensão será sempre local ou *situada*, qualquer pretensão de generalizar as descobertas perde sentido.

-Rede (TAR) marcaram um segundo ponto de inflexão de horizontes do ProLUGAR com os do LASC – que na época iniciava sua parceria com o Laboratório Cresson, além do envolvimento com a Rede Internacional Ambiances. Ao focalizar a *experiência em si*, o ProLUGAR se afasta da fenomenologia, que, “por ser uma atividade teórica após o fato, [...] não poderia recapturar a riqueza da experiência” (VARELA *et al.*, 2003, p. 37). Mas ambos compartilhavam o interesse pelos modos de ser e habitar nas cidades.¹¹

Enquanto o artigo “De corpo presente: sobre o papel do observador e a circularidade de suas interações com o ambiente construído” (RHEINGANTZ, 2004), a tese de Denise Alcantara (2008), o livro *Observando a qualidade do lugar* (RHEINGANTZ *et al.*, 2009) e a dissertação de Fabíola Angotti (2013) reúnem os fundamentos e contribuições da abordagem experiencial para o campo da arquitetura-urbanismo, e a tese de Alice Brasileiro (2007) corporifica a parceria ProLUGAR e LASC.

MERGULHANDO NOS ESTUDOS CIÊNCIA-TECNOLOGIA-SOCIEDADE (CTS) E NA TEORIA ATOR-REDE (TAR)

Segundo Henrique Cukierman (2007), a TAR,¹² ou *sociologia das associações*, se alinha com os estudos CTS, que caracterizam o conhecimento científico e tecnológico como uma construção em permanente transgressão das fronteiras arbitrárias entre o “técnico” e o “social”. Essa transgressão gera uma legião de híbridos de ciência e cultura que coloca lado a lado, entre tantas misturas, cientistas, leis científicas, legislação pública, revistas, políticos, edifícios, animais, micróbios, jornais diários, cartas pessoais, relatórios científicos, produzindo uma narrativa menos gloriosa, porém de mais historicidade, sobre a produção do conhecimento e da ciência.

11. O alinhamento de interesses pelo mundo sensível é reforçado pelo entendimento de *ambiência*, que abandona um enfoque morfológico dos espaços e associa os aspectos sensoriais e dinâmicos “que envolvem o Lugar urbano e, por consequência, traz à tona a ativação de um corpo ‘encarnado’, que não se desenvolve sem a presença e a ação do espaço que o circunda” (DUARTE, 2015, p. 72).

12. Designação que caracteriza uma concepção de ciência e de realidade, cujas condições de possibilidade são modeladas pelas práticas cotidianas de nossas interações.

A TAR se fundamenta na ideia de redes sociotécnicas – a partir daqui designadas redes* – formadas por múltiplas conexões ou associações envolvendo os diferentes atores que participam da rede* que fazem referência a um meio para reassociar os atores (LATOURET, 2012), e não a uma unidade pronta. E, por isso, a TAR não parte de hipóteses ou ideias preestabelecidas. Em vez de demonstrar alguma afirmação, seus adeptos apenas acompanham os movimentos, conexões e associações dos diversos atores. A metáfora das redes* evidencia sua fragilidade, instabilidade e inteira dependência de suas condições materiais. Seu lema é *seguir e dar voz aos atores em ação*.

John Law (2007) descreve a TAR e seus desdobramentos contemporâneos como uma abordagem que reúne uma família disparatada de dispositivos e métodos que tratam os mundos natural e social como efeitos continuamente gerados por redes de relações para estudá-las, explorá-las, descrevê-las e acompanhar a produção ou remodelação de todo tipo de relações envolvendo múltiplos atores – humanos, animais, “natureza”, objetos, máquinas, ideias, organizações, desigualdades, escalas ou arranjos geográficos. Por princípio, são as *relações* que dão corpo às múltiplas configurações de realidades – além de não serem inteiramente imutáveis, sua modelagem é sempre uma questão em aberto. Segundo Mol (2008, p. 64-65),

se a realidade é feita, se é *localizada* histórica, cultural e materialmente, também é *múltipla*... falar da realidade como *múltipla* depende de outro conjunto de metáforas. Não as de perspectiva e construção, mas sim as de intervenção e performance. Estas sugerem que a realidade é feita e *performada* [*enacted*].¹³

Como alguns autores da TAR lidam com um processo mais fluido, aberto e inacabado de fazer existir realidades cuja estabilidade é relativa, aumenta o interesse pelo acompanhamento dos modos como as redes heterogêneas produzem realidades, e como essas reali-

13. Tradução aceita pela autora do termo derivado de *enact*, que utiliza para falar de uma realidade múltipla que é mais *feita e performada* (*enacted*) do que *observada*.

dades são colocadas em cena (MORAES; ARENDT, 2013). Mas a metáfora da *performance* demanda outras estratégias para lidar com a proliferação das múltiplas traduções¹⁴ e dos interfaceamentos com outros campos de estudo (LAW, 2007; 2008).

Admitindo-se que as realidades são criadas, que são as práticas dos atores *que colocam o mundo em cena*, a possibilidade de interferir nessa criação e encenar outros mundos, a performance de uma realidade envolve muita negociação, trabalho e política ontológica – ou seja, “tem a ver com a forma como o ‘real’ está implicado no ‘político’ e vice-versa” (MOL, 2008, p. 63). Mas além de feita ou *performada* a realidade também é manipulada por meio de vários dispositivos no curso de diferentes práticas. Com isso se produz diferentes versões da *realidade em si* (MOL, 2008). Em vez de unidades prontas, a instabilidade das redes* faz referência a um meio para reassociar os atores (LATOURE, 2012). Para acompanhar seus movimentos, devemos começar com um quadro limpo, assumindo que interação é tudo e perguntando: como alguns tipos de interação conseguem se estabilizar mais do que outros e se reproduzir? como essas interações conseguem superar as resistências e parecem se tornar “macrossociais”? Como é que elas parecem produzir efeitos tais como poder, fama, tamanho, escopo ou organização? Considerando que reis, políticos, atores e favelados não são diferentes em espécie, nem as multinacionais se diferem de barracos – um dos pressupostos centrais da TAR –, deveríamos estar estudando *como* eles são gerados.

E foi assim que começamos a explorar os efeitos de uma abordagem TAR no entendimento de lugar como uma rede* ou *coletivo*¹⁵ instável cujas múltiplas possibilidades de tradução imperfeitas do “real” estão implicadas no “político”. Como as traduções produzem diferentes versões da apropriação local de cada ator sobre o que circula na rede, não existem traduções “certas”, “erradas” ou “indiscutíveis”. O maior efeito da TAR sobre nosso enten-

14. Para Law (2008), *traduzir* é fazer conexão, é “se ligar a”, e também supõe percepção, interpretação e apropriação: “[...] a tradução também supõe percepção, interpretação e apropriação [...] estão envolvidas nesta dinâmica tanto a ‘possibilidade de equivalência’ quanto a ‘transformação’”.

15. Para Latour (2001, p. 355), “palavra [que] não se refere a uma entidade existente em si mesma, governada por suas próprias leis, oposta a outras entidades como a natureza; significa o resultado de um ‘acordo’ que, por razões políticas, divide artificialmente as coisas em esfera natural e esfera social. Para me referir, não ao artefato sociedade, mas às muitas conexões entre humanos e não humanos, prefiro a palavra ‘coletivo’”.

dimento de lugar foi o deslocamento do relato da experiência do observador* – protagonista de uma experiência no lugar compartilhada com outros humanos até então – escrito na primeira pessoa do singular – para dar voz aos outros. E o relato *sobre as experiências compartilhadas* com os outros no ambiente se transforma em uma *ação situada e focalizada* denominada escreverCOM (BONAMIGO, 2017), desdobramento do pesquisarCOM – modo de pesquisar *com ou outro* e não *sobre o outro* (MORAES; BERNARDES, 2014). Isso requer a ação de outros atores – inclusive os não humanos – em mapeamento, composição, transformação e tradução das experiências vivenciadas por todos, “trazendo o mundo da vida para a escrita, com sua polifonia, sua multiplicidade e suas conexões diversas” (BONAMIGO, 2017, p. 151). Mas compartilhar pesquisa e escrita requer

uma ampliação da lista de atores e agências; aprofundamento de conflitos em torno da metafísica prática; abandono do divisor de águas artificial entre “dimensões” sociais e dimensões técnicas; busca através de áreas escassamente visitadas até agora; nova prática no sentido de encontrar controvérsias mais recompensadoras e, ao cabo, mais estáveis do que pontos de partida absolutos; e, finalmente, um convite para desenvolver uma prática nova e instigante para compartilhar generosamente a metalinguagem, a teoria social e a reflexividade com os próprios atores, que deixam de ser considerados como meros “informantes”. (LATOIR, 2012, p. 129).

Mas pesquisarCOM e escreverCOM produziram outros dois efeitos: a necessidade de abrir mão de formular hipóteses ou ideias preestabelecidas, que interferem e modificam os relatos, produzindo outro efeito; e o desinteresse pela epistemologia enquanto “estudo da ciência”. Para seguir e mapear as associações que se produzem nas redes*, basta estar presente, atento para as falas do corpo e dar voz aos diferentes atores envolvidos. Por decorrência, o relato do observador* e as “verdades” que emergem dos dispositivos requisitados se diluem entre os relatos dos atores humanos e não humanos convocados para performar as múltiplas espacialidades dos lugares em ação.

AS MÚLTIPLAS ESPACIALIDADES E OS LUGARES EM AÇÃO

Contudo, assumir que as realidades são construídas e localizadas impõe a tarefa de descrever as condições em que suas fabricações se processam (LAW; MOL, 2000). Também implica reconhecer que o caráter material das realidades não implica qualquer fixidez, pois os corpos e lugares estão sempre sujeitos a transformações (CETINA, 2001). Aceitar essas condições amplia os horizontes topológicos em direção a outras espacialidades além da euclidiana – como das redes, fluida e do fogo (LAW; MOL, 2000)¹⁶ – que nem sempre estão todas presentes nas configurações dos lugares, mas que se complementam, misturam e associam em diferentes topologias, que possibilitam pensar o global a partir de outras realidades locais e situadas.

Ao questionar a “universalidade” da ciência, Law e Mol (2000) enunciam duas perguntas: *se a ciência não é “universal”, onde ela se localiza na terra?* Em que tipo de espaço? Rastreando os fatos científicos, argumentam que as descobertas e as teorias científicas são produzidas em lugares específicos: os movimentos dos fatos, teorias e matérias-primas da ciência têm a ver com os correios, com o transporte e com a qualidade das redes de dados, mas sua difusão não se resume a um problema de transporte físico. Eles precisam ser tratados como fatos quando chegam a seu destino; precisam ser reconhecidos e estar equipados no seu contexto – os próximos laboratórios,¹⁷ *“o que significa que a configuração dos fatos-e-contextos deve ser mantida estável”* (LAW; MOL, 2000, p. 2).

“Na espacialidade euclidiana os corpos e lugares mantêm sua singularidade a partir de um sistema de coordenadas neutro e preexistente, que define as condições de existência e possibilidades de os objetos exercerem a experiência de proximidade ou distância” (LAW; MOL, 2000, p. 2). Por isso, todos os objetos e elementos que constituem sua materialidade precisam ser funcionalmente mantidos no lugar. Mas os desenhos dos edifícios e lugares no espaço euclidiano não incluem o ambiente em que são construídos nem o mundo no qual são vivenciados (LATOURE; YANEVA, 2008).

16. Rheingantz *et al.* (2019) exploraram outras duas espacialidades: *ambiência e urbanidade-desurbanidade*, enquanto Costa (2019) explorou outras cinco especialidades: *interação, biossegurança, flexibilidade, eficiência energética e marketing* em sua pesquisa sobre um edifício de pesquisa biomédica.

17. Designação que faz referência aos lugares de produção de conhecimento na perspectiva dos estudos CTS/TAR.

Como os objetos e lugares se movem no espaço e no tempo, sua posição e seus movimentos são determinados por suas coordenadas cartesianas. Topologicamente, produzir *objetos-formas* e definir o que se entende por continuidade no seu deslocamento demandam a produção simultânea das condições espaciais de possibilidade. Mas performar continuidade e identificação, medir a distância ou definir as possibilidades das condições espaciais de subsistência dos objetos implica *fazer existir* o espaço euclidiano. A quase reificação da espacialidade euclidiana pelo senso comum e pelos arquitetos e urbanistas pode resultar na desconsideração do trabalho necessário para produzi-la (LAW, 2000), levando a uma naturalização desse sentido.

Na *espacialidade das redes*, que emerge quando formas e objetos estáveis e singulares se movem e circulam em outros tipos de veículos, um conjunto estável de ligações se configuram com outras entidades. Na espacialidade das redes importam as relacionabilidades e conectividades. Funcionar corretamente na estrutura incerta da espacialidade de uma rede, mantendo a estabilidade e a continuidade das formas e dos objetos, demanda outra sintaxe cuja invariância depende que seus objetos e elementos façam seu trabalho: “pedir emprestado” a luz do sol, a energia elétrica, a força e a vontade dos cidadãos e incorporá-los; criar estruturas de relações que garantam que edifícios, mobiliário e equipamento urbano, vias, vento, energia elétrica, cidadãos e outras entidades sejam funcionalmente mantidos.

Mesmo se deslocando no espaço cartesiano, as entidades precisam se manter estáveis em suas posições relativas sintáticas, que concorrem para performar a coerência da cidade – e isso demanda muito esforço e trabalho, daí a importância de se compreender como viajam as máquinas e as maquinações. Os ônibus movendo-se nos trajetos urbanos configuram uma rede de dupla produção, ou “móvel imutável” (LATOUR, 2000) – aquilo que se move mantendo sua forma imutável pertence ao espaço de rede ou sintático –, cuja mobilidade se torna possível pela imutabilidade da rede.

O móvel imutável lida com duas espacialidades interligadas: a *euclidiana* – o ônibus permanece imóvel em um ponto de parada, ou se move em direção a outro ponto de parada; e a *da rede* – em relação à qual permanece imutável, mesmo quando se move. Como seus diversos componentes prendem-se uns aos outros em seus lugares, os ônibus formam redes invariáveis, materialmente heterogêneas e imutáveis. O conjunto de vias, pontos de parada, quebra-molas, sinalização, semáforos, sol, vento, nuvens, estrelas, passageiros, motoristas, cobradores, técnicos de trânsito e transporte e seus empresários configura um

espaço de rede que possibilita a mobilidade imutável de um objeto – como um ônibus urbano circulando na cidade. Se durante o deslocamento, por algum imprevisto, for necessário trocar um ou mais componentes do ônibus, ele se transforma em um *móvel mutável*.

Na *espacialidade fluida*, que tem a ver com coisas adaptáveis que mudam de forma e assumem o formato de seus contextos – como os hotéis de uma rede internacional que se espalha pelo mundo –, ideias, fatos, informações e tecnologias podem se espalhar com maior ou menor fluidez. Nela, nada é fixo: cada unidade muda de forma conforme o lugar, a região e a cultura; alguns componentes quebram e são substituídos; outros, inicialmente não previstos, são adicionados. A variação das configurações das unidades de uma rede de hotéis a transforma em um *móvel mutável*: em lugares distintos, o hotel é o “mesmo objeto” e um “objeto diferente”. Uma rede de hotéis muda de forma no espaço euclidiano e opera diferentemente em cada lugar em que é implantada (LAW; MOL, 2000).

Tal característica variável na forma e no conteúdo permite que se “mova” para tantos lugares no mundo, mesmo não sendo uma forma invariável na rede ou no espaço euclidiano. Mas a mutabilidade também se estende para o uso, os serviços e as acomodações ofertadas de cada unidade, mas não para sua “materialidade”, o que torna cada unidade um *imóvel mutável*. Como os serviços e sistemas de infraestrutura dependem das condições locais de oferta, dos cuidados de manutenção, da qualidade, do esforço de trabalho, das políticas locais, regionais, nacionais e internacionais de economia e turismo, alguns atendem a critérios internacionais, e outros não. Trata-se de uma espacialidade com outro tipo de invariância da forma: são as conexões que fazem uma forma invariável de fluido mudar gradual e incrementalmente. A adaptação, instalação, gestão e manutenção gradual das unidades permitem que cada uma continue operando sem grandes pausas ou interrupções, garantindo a *invariância da forma*. Ela é fixada por um deslocamento que resiste à ruptura e se mantém constante durante algum tempo. As alterações introduzidas na instalação e na operação de cada unidade indicam que projetistas e gestores também performam com a fluidez de uma espacialidade cujo interior mantém certa constância de forma.

Na *espacialidade do fogo*, a continuidade depende da descontinuidade, e a presença, da ausência. Sua topologia tem a ver com “formas estáveis criadas em padrões de relações de alteridade conjunta” (LAW; MOL, 2000, p. 8), segundo três atributos de constância da forma ou continuidade: como um efeito da *descontinuidade*; pela *presença e ausência de alteridade*; e, eventualmente, como o padrão de diversidade simultânea de ausência e pre-

sença do brilho de uma *estrela*. Como a performance é uma associação complexa entre o que está presente em um projeto urbano e o que não está, o problema não se limita a lidar com uma parte materialmente heterogênea da rede. Existe uma irreduzível *descontinuidade* que não se pode perder de vista entre o que está ou não está no papel. Nas relações do projeto impresso, elaborado em um escritório por um grupo de profissionais, não existe espaço para acidentes ou interdições, que podem ser pensados como *interrupções* ou *lapsos* entre presença-ausência e ausência-presença.

Na lista de *outros* associados que estão ausentes (no papel) e presentes (eles têm que estar lá), muitas entidades são incluídas ao longo do processo, de modo que a estabilidade emerge da continuada performance das descontinuidades com esses *outros* materiais e contextos. Isso se aplica aos componentes e ao todo que tomam a forma de um *padrão de brilho estelar*. Várias alteridades são associadas a uma presença central. Existe uma ida e uma volta. As entidades e os mundos irreduzíveis em que estão localizados são mantidos juntos – e para além –, enquanto a forma fogo se mantém no lugar.

Em alinhamento com essas questões, na pesquisa *Tecendo a qualidade do lugar: espacialidades, urbanidades e lugares em ação* discuto os lugares como, a um só tempo, situados ou localizados e globais; como ambiências ou urbanidades, laboratórios ou interfaces que aprendem e performam conhecimentos que são modelados por diferentes “políticas ontológicas”.¹⁸ Recorro à cartografia das controvérsias para tentar explicar *como* as espacialidades múltiplas (LAW; MOL, 2000) se misturam e recrutam *outros* para performar os processos de fabricação de um conjunto de edifícios e lugares da zona portuária do Rio de Janeiro; recorro à cartografia das controvérsias.¹⁹ Os edifícios e lugares passam a ser

18. Como a multiplicidade das espacialidades não tem sido suficiente para dar conta da heterogeneidade da vida dos lugares, recentemente comecei a navegar, ainda de salva-vidas, no mar revolto da proposição cosmopolítica (STENGERS, 2018), que aponta para o trabalho de articulação de disputas entre as versões promulgadas, impedindo a exclusão a priori de quem conta e quem não conta na produção da vida urbana e na composição de um mundo comum.

19. Para explorar os desdobramentos práticos da TAR, Latour propõe a cartografia de controvérsias, um exercício de mapeamento despido de pressupostos conceituais baseado em observar com a maior simplicidade e descrever as controvérsias em sua máxima complexidade (COSTA, 2019). Em lugar de impor procedimentos específicos, a cartografia das controvérsias nos convida a utilizar as ferramentas à mão, misturando-as sem restrições. A controvérsia funciona como fórum híbrido, um espaço de conflito e negociação entre atores (CALLON; LASCOUMES; BARTHE, 2001). Seguir a evolução de uma controvérsia

entendidos como dispositivos “móveis imutáveis”, “móveis mutáveis” e “imóveis mutáveis”, territórios contestados que não podem ser reduzidos àquilo que “são” ou “significam”. E que a reflexão sobre as associações entre pessoas e coisas, matéria e significado contribua para a produção de ontologias alternativas para esses “objetos” desordenados e evasivos que são os *edifícios* e *lugares* e seus modos de “estar presente”; com a formulação de diretrizes para as políticas públicas e práticas cotidianas capazes de tornar os edifícios e lugares em ação mais “resilientes”.

Se essa aventura for compartilhada COM o LASC, explorar os horizontes produzidos a partir dos caminhos trilhados pelo LASC e pelo ProLUGAR pode vir a ser uma aventura fascinante, conforme espero estar ilustrando a seguir.

INTERFACEAMENTOS

Para concluir, exploro alguns possíveis interfaceamentos para os dois grupos pesquisarem-COM e escreverem-COM sobre questões como subjetividade, políticas ontológicas e cosmologias presentes nas disputas entre suas versões das ambiências,²⁰ atmosferas, urbanidade.

Talvez as diferenças se relacionem com o reconhecimento, pelo ProLUGAR, do protagonismo das tecnologias e dos objetos da natureza como atores de pleno direito na performance²¹ das ambiências, atmosferas urbanas ou urbanidades dos lugares em ação; e no seu esforço por se desvincular das amarras da fenomenologia, da epistemologia, das categorizações e premissas previamente determinadas.

Os lugares urbanos passam a figurar como lócus privilegiados para investigar a produção dessas múltiplas realidades, do desafio adicional da compreensão de como elas se articulam para compor um mundo comum. Três noções derivadas dos estudos CTS-TAR

possibilita desdobrar as dimensões sociais e políticas dos edifícios e lugares urbanos cujas configurações e materialidades costumam ser tomadas como estáveis e garantidas (COSTA, 2019).

20. Na perspectiva CTS/TAR sendo performada e instável, o entendimento e a descrição de *ambiência* são dependentes dos recursos próprios do analista.

21. Os aspectos sensoriais e dinâmicos do entendimento de ambiência do LASC (DUARTE, 2013; 2015) se aproximam da *performance* dos *lugares* e suas *associações* do ProLUGAR.

são fundamentais para essa articulação. A noção de *política ontológica* que, ao admitir a existência de múltiplas e heterogêneas realidades modeladas pelas práticas (MOL, 1999), possibilita apreender os diferentes lugares que um lugar ou cidade comporta – realidades conflitantes, complementares ou concorrentes que evidenciam a complexidade da vida urbana. A noção de *espacialidades múltiplas* (LAW; MOL, 2000; RHEINGANTZ 2016), e suas diferentes regras de existência, emerge como um vetor potente para pensar a performance de lugares e cidades a partir de sua interseção ou justaposição, reconhecendo as diferentes espacialidades associadas às múltiplas realidades. Por último, a noção de *cosmopolítica* (STENGERS, 2005; 2018) afirma a multiplicidade e heterogeneidade das espacialidades que configuram os lugares urbanos e implica um esforço no sentido de coordenar a convivência dos heterogêneos “sob o mesmo teto” (COSTA *et al.*, 2018). Como pontos de proximidade, penso que os dois grupos trabalham com *tradução*: o LASC a associa com empatia – ponto de vista do outro para o outro (DUARTE, 2015), ou para transportar, converter, interpretar, transladar (DUARTE *et al.*, 2012); o ProLUGAR, para deslocamento, desvio de rota, mediação ou invenção de relações antes inexistente e que, de algum modo, modificam os atores nela envolvidos. Ambos sugerem que as traduções são sempre imperfeitas, pois significam a apropriação local que cada ator (ProLUGAR) ou pesquisador/outro (LASC) faz do que circula na rede; que não existem traduções “certas”, “erradas” ou “indiscutíveis”.

A evidente associação entre *ambiências* (LASC) e *urbanidade* (ProLUGAR) é um ponto de afinidade. *Ambiências* – “conjunto de aspectos sensíveis e dinâmicos dos lugares, assim como de seus usuários, abre possibilidades de compreensão das experiências sensíveis das cidades, apontando para novas maneiras de pensar e atuar sobre o meio urbano” (DUARTE, 2013, p. 1) – é uma designação que não implica juízo de valor. *Urbanidade* induz reconhecer a preexistência de atributos de qualidade. As arestas a aparar se limitam a: um possível conflito entre “atuar sobre o meio urbano” (LASC) e “atuar com o meio urbano” (ProLUGAR); a possibilidade de as ambiências terem qualidades em si, algumas capazes de motivar ações e intervenções (LASC); de que as ambiências contenham em si outras dimensões além da sensível, problema relacionado com a dificuldade de a escrita dar conta da performance de outras espacialidades.

Outro ponto de convergência é o interesse pela *empatia*, relação de reciprocidade ou capacidade de se colocar no lugar de outro, muito forte nos estudos dos dois grupos. Mas acredito que sua importância se diluía com o deslocamento do *pesquisador-autor* sobre um lugar e seus atores para *pesquisadorCOM* os outros também autores humanos e não

humanos sobre as relações que se produzem no lugar. Por sua vez, a *Empatia Espacial* (LASC), que “se volta para a capacidade dos espaços de produzirem nas pessoas um reconhecimento de si mesmos nos ambientes” (DUARTE *et al.*, 2014) e o *outro* inclui pessoa, arquitetura ou espaço (DUARTE, 2015), flerta com o entendimento de *coletivo* (ProLUGAR). O reconhecimento da agência de um não humano (ProLUGAR) ou do espaço (LASC) é mais um ponto de convergência. Assim como explorar a correspondência entre “religamento” (LASC) e “associação” (ProLUGAR) no reconhecimento do social como uma relação envolvendo múltiplas cadeias híbridas de elementos heterogêneos e fugazes continuamente reunidos em novos coletivos ou associações fluidas.

Em vez de abordar aspectos e domínios dos lugares como entidades delimitadas e coesas, procuramos abordar a multiplicidade e superposição das performances que corporificam a vida urbana. E isso requer um método de análise abrangente e capaz de levar em conta os aspectos humanos e não humanos das cidades; de examinar e mapear dispositivos, tecnologias, edifícios e lugares; de contemplar a persistência da história, do imaginário e dos elementos virtuais da vida da cidade, as políticas e os desafios de uma abordagem que incorpora múltiplos atores como cadeias híbridas de causações ou causalidades (FARÍAS, 2010).

As associações entre entidades urbanas produzem realidades urbanas emergentes que colidem entre si, se sobrepõem e interferem umas nas outras. Entender os lugares em ação como objetos múltiplos envolve um importante desafio para a pesquisa urbana: identificar, descrever e entender como essas múltiplas performances dos edifícios e lugares são articuladas, ocultas, expostas, recrutadas ou descartadas.

Espero ter evidenciado os horizontes possíveis e mutáveis do entendimento de lugares, paisagens e interfaceamentos entre corpos, ambiências e sentidos nas caminhadas – em comum ou não – dos grupos LASC e ProLUGAR, mas sem confundir os horizontes com as paisagens.

REFERÊNCIAS

- ABRANTES, M. **Um olhar cognitivo sobre o lugar de trabalho:** avaliação de desempenho em ambientes de escritório: Estudo de caso em empresa de advocacia. 2004. Dissertação (Mestrado em Arquitetura) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2004.
- ALCANTARA, D. **Abordagem experiencial e revitalização de centros históricos:** os casos do Corredor Cultural no Rio de Janeiro e do Gaslamp Quarter em San Diego. 2008. Tese (Doutorado em Arquitetura) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2008.
- ALCANTARA, D. **Projeto, desempenho urbano e construção do lugar:** avaliação da qualidade ambiental do Parque Guinle, 2002. Dissertação (Mestrado em Arquitetura) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2002.
- ANGOTTI, F. B. **Porto Maravilha em ação:** qualidade do lugar na zona portuária do Rio de Janeiro. 2019. Tese (Doutorado em Arquitetura) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2019.
- ANGOTTI, F. B. **Rua do Lavradio:** cartografando traços e rastros do coletivo-lugar. 2013. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2013.
- ANGOTTI, F. B.; RHEINGANTZ, P. A.; PEDRO, R. M. L. R. Performações e múltiplas realidades do Porto Maravilha: entre consensos, resistências e controvérsias na zona portuária do Rio de Janeiro. **URBE: Revista Brasileira de Gestão Urbana**, v. 11, p.1-19, 2019.
- BONAMIGO, I. S. O texto científico como laboratório de fabricação de mundos. **Polis e Psique**, v. 6, n. 1, p. 149-161, 2016.
- BRASILEIRO, A. **Rebatimento espacial de dimensões socioculturais:** ambientes de trabalho. 2007. Tese (Doutorado em Arquitetura) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2007.
- CAPRA, F.; STEINDL-RAST, D. **Perfendendo ao universo.** São Paulo: Cultrix, 1991.
- CETINA, K. K. Postsocial relations: theorizing society in a postsocial environment. In: RITZER, G.; SMART, B. (ed.). **Handbook of social theory.** Londres: Sage, 2001. p. 520-537.
- DUARTE, C. R. **Ambiência:** por uma ciência do olhar sensível no espaço. In: THIBAUD, J-P; DUARTE, C. R. (orgs.). **Ambiances urbaines en partage.** Genebra: Metis-Presses, 2013. p. 21-30.
- DUARTE, C. R. **Empatia espacial e sua implicação nas ambiências urbanas.** **Revista Projetar**, Natal, 2015. [Edição especial de lançamento].
- DUARTE, C. R.; PINHEIRO, E.; UGLIONE, P.; LIRA, E.; THOMAS, B. GUERRA, J. Uma ambiência urbana à luz do conceito de “empatia espacial”: a Pedra do Sal, no Rio de Janeiro. In: CONGRESSO INTERNACIONAL ESPAÇOS PÚBLICOS, 1., 2015, Porto Alegre. **Anais [...].** Porto Alegre: EDIPUCRS, 2015. v. 1, p. 72-78.
- DUARTE, C. R.; PINHEIRO, E.; BRASILEIRO, A. H.; COHEN, R.; UGLIONE, P.; MELO, N. R.; CASTELLANO, C.; LIRA, E. R.; THOMAS, B.; PEDROSO, E.; GUERRA, J. **Empatia espacial:** corpo e linguagem na tradução de uma alteridade. Rio de Janeiro: Laboratório Arquitetura, Subjetividade e Cultura; Programa de Pós-graduação em Arquitetura, 2014. Disponível em: <http://lasc.fau.ufrj.br/public/upload/2019-01-24/195a055e595f4e1ebf606f6dec3f88e5.pdf>. Acesso em: 30 jan. 2020.
- FARIAS, I. Introduction: decentring the object of urban studies. In: FARIAS, I.; BENDER, T. (ed.). **Urban assemblages:** how actor-network theory changes urban studies. Nova York: Routledge, 2010. p. 1-24.

- LATOURE, B. **Cogitamus: seis cartas sobre as humanidades científicas**. São Paulo: Editora 34, 2016.
- LATOURE, B. Como falar do corpo? A dimensão normativa dos estudos sobre a ciência. *In*: NUNES, J. A.; ROQUE, R. (orgs.). **Objetos impuros: experiências em estudos sobre a ciência**. Porto: Edições Afrontamento, 2008. p. 39-62.
- LATOURE, B. **Reagregando o social**. Salvador: EDUFBA; Bauru: EDUSC, 2012.
- LAW, J. **After methods**. Nova York: Routledge, 2004.
- LAW, J. Notes on the theory of actor-network: ordering, strategy and heterogeneity. **Systems Practice**, v. 5, n. 4, 1992. [Tradução de Fernando Manso].
- MATURANA, H.; VARELA, F. **A árvore do conhecimento**. Lisboa: Editorial Psi, 1995.
- MATURAMA, H. **Cognição, ciência e vida cotidiana**. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2001.
- MOL, A. Política ontológica: algumas ideias e várias perguntas. *In*: NUNES, J. A.; ROQUE, R. (orgs.). **Objetos impuros: experiências em estudos sobre a ciência**. Porto: Edições Afrontamento, 2008. p. 63-78.
- MORAES, M. O conceito de rede na filosofia mestiça. **Revista Informare**, v. 6, n. 1, p. 12-20, 2000.
- MORAES, M.; BERNARDES, A. G. Apresentação. *In*: BERNARDES, A. G.; TAVARES, G. M.; MORAES, M. (orgs.). **Cartas para pensar políticas de pesquisa em psicologia**. Vitória: Edufes, 2014. p. 7-11.
- COSTA, R. N. **Debaixo do mesmo teto: prática projetual em edifícios de pesquisa e desenvolvimento biotecnológico**. 2019. Tese (Doutorado em Arquitetura) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2019.
- PEDRO, R. Sobre redes e controvérsias: ferramentas para compor cartografias psicossociais. *In*: FERREIRA, A.; FREIRE, L.; MORAES, M.; ARENDT, R. (orgs.). **Teoria ator-rede e psicologia**. Rio de Janeiro: NAU, 2010. p. 78-97.
- PINHEIRO, E. C. de F.; PINHEIRO, A. I. de F. (orgs.). **Rua do Lavradio**. Rio de Janeiro: Rio Scenarium Decorações e Antiguidades, 2007.
- RHEINGANTZ, P. A. De corpo presente: sobre o papel do observador e a circularidade de suas interações com o ambiente construído. *In*: SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE PESQUISA EM TECNOLOGIA DA ARQUITETURA E URBANISMO DA UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO, 3., 2004, São Paulo. **Anais [...]**. São Paulo: FAUUSP, 2004.
- RHEINGANTZ, P. A. O [controverso] significado de urbanidade. *In*: TÂNGARI, V.; BRONSTEIN, L.; ROCHA-PEIXOTO, G.; SALGADO, M. (orgs.). **A pesquisa em arquitetura: caminhos e proposições**. 1. ed. Rio de Janeiro: Proarq; FAU/UF RJ, 2010a. p. 1-15.
- RHEINGANTZ, P. A. Espacialidades. **Arquitextos**, São Paulo, v. 190, n. 2, p. 1-10, 2016.
- RHEINGANTZ, P. A. Narrativas ou traduções de urbanidade. *In*: AGUIAR, D.; NETTO, V. (orgs.). **Urbanidades**. Rio de Janeiro: Folio Digital: Letra e Imagem, 2012. p. 135-161.
- RHEINGANTZ, P. A. **Tecendo a qualidade do lugar: cartografando narrativas e experiência de urbanidade**. Rio de Janeiro: Proarq, 2010b. [Projeto de pesquisa].
- RHEINGANTZ, P.; ALCANTARA, D. Cognição experiencial, observação incorporada e sustentabilidade na avaliação pós-ocupação de ambientes urbanos. **Ambiente construído**, Porto Alegre, v. 7, n. 1, p. 35-46, jan./mar 2007. Acesso em: 28 maio 2011.
- RHEINGANTZ, P. A.; PEDRO, R. M. L. R.; ANGOTTI, F. B.; SBARRA, M. H. Arena do Morro e Museu do amanhã: dois lugares em ação. **URBE: Revista Brasileira de Gestão Urbana**, v. 9, p. 387-400, 2017.
- RHEINGANTZ, P. A.; PEDRO, R. M. L. R.; ANGOTTI, F. B.; SBARRA, M. H.; GUERRA, J. M. Contributions from science-technology studies and actor-network theory to urban studies. **Area**

- and Development Policy** v. 1, p. 1-26, 2019.
- RHEINGANTZ, P. A. Centro Empresarial Internacional Rio - RB1: território de conflitos de percepções, imagens e expectativas. *In: DEL RIO, V. (org.). Arquitetura: pesquisa & projeto.* São Paulo: ProEditores; Rio de Janeiro: FAU/UFRJ, 1998.
- RHEINGANTZ, P. A. **Centro Empresarial Internacional Rio:** análise pós-ocupação, por observação participante, das condições internas de conforto. 1995. Dissertação (Mestrado em Arquitetura) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1995.
- ROCHA, I. S. **Unidades de polícia pacificadora:** controvérsias que tecem a vida urbana. 2012. Dissertação (Mestrado em Psicossociologia e Ecologia Social) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2012.
- SANCOVSCHI, I.; DUARTE, C. R. The power of narratives about ambiances in the construction of territorialities and identities. Images of the Jewish life in Bashev Singer's work. Ambiances, tomorrow. *In: INTERNATIONAL CONGRESS ON AMBIANCES*, 3., 2016, Volos, Greece. **Proceedings** [...]. Volos, Greece: [s.n.], Sept. 2016. p. 859-864.
- SANTANA, E. P. **Cidades “ENTRE”:** dimensões do sensível em arquitetura ou a memória do futuro na construção de uma cidade. 2010. Tese (Doutorado em Arquitetura) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2010.
- STENGERS, I. A proposição cosmopolítica. **Revista do Instituto de Estudos Brasileiros**, n. 69, p. 442-464, 2018.
- VARELA, F.; THOMPSON, E.; ROSCH, E. **A mente incorporada:** ciências cognitivas e experiência humana. Porto Alegre: Artmed, 2003.
- WELWOOD, J. **Em busca de uma psicologia do despertar.** Rio de Janeiro: Rocco, 2003.

PAULO AFONSO RHEINGANTZ

Arquiteto, doutor em Engenharia de Produção pela Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ, com pós-doutorado na California Polytechnic State University, San Luis Obispo. Professor Associado aposentado da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da UFRJ. Docente permanente no Programa de Pós-graduação em Arquitetura – PROARQ (Teoria e Prática do Ensino de Projeto e Avaliação de Desempenho do Ambiente Construído). Professor visitante nacional sênior CAPES do Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal de Pelotas – PROGRAU (2014-2018). Pesquisador 1D do CNPq. Lidera o grupo de pesquisa Qualidade do Lugar e Paisagem – ProLUGAR/PROARQ



PLACES, LANDSCAPES AND INTERFACES AMONG BODIES, AMBIANCES AND SENSES

The present book celebrates our partnership with the history of research during the celebration of LASC's (Architecture, Subjectivity and Culture Laboratory) the twentieth anniversary. I recalled some experiences before the creation of Places and Landscapes - ProLUGAR¹ groups in 1998 and of LASC in 1999 to write this chapter. ProLUGAR derived from a partnership with Vicente del Rio's research on the perception and quality of places (1998), which was carried out with the collaboration by Cristiane Rose Duarte. The International Seminar "Psychology and the Built Environment Project" consolidated its preparation,² since it triggered my interest in subjectivity effects on the architecture

1. The original title *Quality of the place and Landscape* of the group created in 1998 was updated in 2019, based on the consensus that places have no *inherent* quality; that *quality of the place is a relationship* or set of relationships enacted in a *socio-technical or collective network* of human and non-human actors.

2. It was founded by PROARQ in partnership with UFRJ Psychology Institute in 2000, which resulted in the book *Project of the place: collaboration among psychology, architecture and urbanism* (DEL RIO; DUARTE; RHEINGANTZ, 2002), which brought together the representative set of works presented in the referred seminar.

of buildings and places. I took over ProLUGAR's leadership, in 2002, upon Vicente's move to California and kept the partnership with Cristiane and her LASC advisors Alice Brasileiro, Ethel Pinheiro and Paula Uglione. At that time, I started to explore the effects of two proposals on the understanding of places, namely: living is to know, by Humberto Maturana and Francisco Varela (1995), and the metaphor of "being present" in an ever-shifting horizon- devoid of place.³

ProLUGAR resulted from discussions on "being present" based on experiences and interests flowing from experiences, dreams and memories, as well as on their effects on knowledge, scientific knowledge, wisdom and relationship with architecture and *places*.⁴ Humberto Maturana (2001) inspired us to infer the existence of multiple, different and equally legitimate realities in different reality domains, since *reality* is "an explanatory approach" (RHEINGANTZ, 2004).

EXPERIMENTAL APPROACH AND EMBODIED OBSERVATION

Our partnership with Rosa Pedro⁵ allowed the discussion on embodied cognition – which "is not composed by representations, but by embodied actions" (VARELA, 1992, p. 27) – and outlined the *experiential approach* (EA). The meaning of relationships we have with and in milieus change as circumstances change; therefore, we understand *perception* as a set of intentionally guided actions (VARELA, 1992) in a *circular relationship* driven by humans and the environment to build themselves (MATURANA; VARELA, 1995).

3. Cf. Steindl-Rast (1991, p. 95): "[...] the horizon belongs inseparably to the landscape. There can't be a landscape without a horizon, nor a horizon without a landscape. But the horizon is not the landscape. The horizon recedes as you go and remains the horizon; as you move, the HORIZON changes, thus it is not, in reality, something absolute. IT IS A CHANGING CONCEPT".

4. The group was composed of the following participants: doctoral students Denise Alcântara, Monica Queiroz; Master's students Ana Claudia Pena, Monique Abrantes, Helena Rodrigues, Ana Paula Simões, José Ricardo Flores and Marcelo Sbarra; research fellowship students Henrique Houyaek and Aldrey Cavalcante; Alice Brasileiro, former doctoral student of Cristiane Duarte under my co-supervision.

5. Conducted by the final defense committee of Monique Abrantes (2004).

Our observations formed a chain of context-dependent associations that, together, became an estimated and particular experience standpoint that cannot be “represented” or generalized. It gave birth to the embodied observation, according to which, the observer* – the asterisk indicates embodiment – deals with emotional patterns by assuming its emotions and recognizing their influence on the embodied observation experience. Each report on our body’s actions *translates a unique* experience lived and shared with others (involved in it), since our body is an interface that learns “*to be affected*” (LATOURE, 2008, p. 39)⁶. The dynamics of learning to be affected by hitherto unknown differences turns observation* into a progressive enterprise that creates both sensory medium and world (LATOURE, 2008)⁷. Nyingma Center for Tibetan Buddhism helped me initiating into full mindfulness to assess lived experiences⁸, so I could strengthen the body-mind connection given my interest in adopting good habits and my conviction that the separation between consciousness and experience stems from habits that can be broken through attentive meditation⁹ (VARELA *et al.*, 2003).

As an observer*, I learned to connect to my body; therefore, its reports *embodied* and enclosed *a world* or an experience of reality emerging from my lived experiences.¹⁰ The partnership with Rosa Pedro and our interest in the Actor-Network Theory (ANT) accounted for the second inflection point in ProLUGAR and LASC. Both ProLUGAR and LASC were partners of the Cresson Laboratory, at the time, and of the *International Ambiances Network*. ProLUGAR focused the *experience on itself* and moved away from phenomenology “because it is a theoretical activity after the fact, [...] incapable of recapturing or explaining

6. “[...] if the opposite of being a body is dead, there is no life to expect apart from the body [...] acquiring a body is thus a progressive enterprise that produces at once a sensory medium and a sensitive world” (LATOURE, 2008, pp. 39-40).

7. Interest in the sensitive world is a common point among LASC colleagues.

8. According to John Welwood (2003, p. 99), “the Mahamudra tradition of Tibetan Buddhism describes meditation as ‘the act of mixing mind and space’.”

9. It indicates one more divergence between the LASC and ProLUGAR approaches, which might be discussed in future partnerships.

10. Any claim to generalize findings is meaningless, as interpretation will always be either local or *situated*.

the richness of experience” (VARELA *et al.*, 2003, p. 37). However, both ProLUGAR and LASC shared interest in the ways of being and living in cities.¹¹

The article “In a living body: role of the observer and its circular interaction with the constructed environment” (RHEINGANTZ, 2004); Denise Alcantara’s (2008) thesis, in the book *Observing the quality of places* (RHEINGANTZ *et al.*, 2009); and Fabíola Angotti’s dissertation (2013), were the vary basis of and contributions to the experiential architecture and urban planning field approach. The thesis by Alice Brasileiro (2007) embodied ProLUGAR and LASC partnership.

IMMERSION IN SCIENCE-TECHNOLOGY-SOCIETY STUDIES (STS) AND ACTOR-NETWORK THEORY (ANT)

According to Henrique Cukierman (2007), ANT¹² or *sociology of associations* is in line with STS studies, which define scientific and technological knowledge as a construction under constant transgression of arbitrary boundaries between “technical” and “social”. This transgression leads to a plethora of hybrid scientific and cultural fields that encompass several subfields, as well as scientists, scientific laws, public legislation, journals, politicians, buildings, animals, microbes, daily newspapers, personal letters and scientific reports. This blend created a lesser glorious but more historical narrative on scientific knowledge production.

ANT is based on the idea of socio-technical networks – hereinafter referred to as networks* – formed by multiple connections or associations of different actors in the same network* and refers to reassigning these actors (LATOUR, 2012) rather than to a finished unit; therefore, ANT does not stem from pre-established hypotheses or ideas. Supporters

11. The alignment of interests in the sensitive world is reinforced by the conception of *ambiance*, which dismisses morphological focus on spaces and associates the sensory and dynamic aspects “that involve urban place, thus eliciting the activation of an ‘incarnated’ body that does not develop without the presence and action of its surrounding space. (DUARTE, 2015, p. 72).

12. Term that designates a conception of science and reality, whose existence conditions are shaped by daily interactions.

of this theory only follow its different actors' movements, connections and associations rather than prove their own statements. The network* metaphor lays bare its fragility, instability and full dependence on its own physical conditions. Its motto is *to follow active actors and give them voice*.

John Law (2007) describes ANT and its contemporary developments as the approach encompassing an unrealistic set of devices and methods to view natural and social worlds as results constantly spawned by relationship networks. It is done to assess, explore and describe these devices and methods and to follow the production or remodeling of all types of relationships with multiple actors – humans, animals, “nature”, objects, machines, ideas, organizations, inequalities, scales or geographical arrangements. In principle, ANT encompasses *the relationships* embodying the multiple dimensions of reality – in addition to not being entirely immutable, its modeling is always an open question. According to Mol (2008, p. 64-65),

if reality is *done*, if it is historically, culturally and materially *located*, then it is also *multiple*... Talking about reality as *multiple* depends on another set of metaphors. Not those of perspective and construction, but rather those of intervention and performance. They suggest a reality that is *done* and *enacted* rather than observed.¹³

The increased interest in assessing how heterogeneous networks create realities and how these realities are materialized can be attributed to some ANT authors' fluid, open and unfinished approach to produce realities whose stability is relative (MORAES; ARENDT, 2013). The *performance* metaphor demands other strategies to tackle the proliferation of multiple translations¹⁴ and the interrelationships with other study fields (LAW, 2007; 2008).

13. Accepted translation of the term *enact*, which refers to the concept of a multiple reality that is more *done* and *enacted* than *observed*.

14. Law (2008) argues that to *translate* is to connect, it is “to connect to”, and it also implies perception, interpretation and appropriation: “[...] translation also implies perception, interpretation and appropriation [...] both the ‘possibility of equivalence’ and the ‘transformation’ are involved in this dynamics”.

If realities are created, then it is the act of actors *that put the world on stage*. The possibility of interfering in creation and of enacting other worlds - the enactment of reality - requires negotiation, work and ontological politics: “it has to do with how the ‘real’ is involved in the ‘political’ and vice versa” (MOL, 2008, p. 63). However, more than being *done* or *enacted*, reality can also be manipulated through various mechanisms in the course of different actions. This manipulation produces different versions of reality in itself (MOL, 2008). The instability of networks* refers to the means to reassign actors rather than to take advantage of finished units (LATOUR, 2012). One must start with a clean picture to follow networks’ movements, assume that interaction is the key and ask: how can some interaction types stabilize more than others and reproduce themselves? How do these interactions manage to overcome resistance and to become “macrosocial”? How do they produce effects such as power, fame, size, scope or organization? If kings, politicians, actors and favela residents are not different in kind, then multinationals are also not different from shacks - this is one of the core assumptions of ANT; therefore, we should investigate *how* they are generated.

We started to assess ANT approach potential by conceiving place as unstable network* and unstable *collective*¹⁵ whose multiple possibilities of imperfect translation of “real” are implied by the “political” sphere. If translations produce different versions of each actor’s interpretation about what surrounds the network, there are no “right”, “wrong” or “unquestionable” translations. The displacement of the observer’s experience report* was the greatest impact of ANT on our interpretation of place. The observer’s report is the protagonist of an experience in a place so far shared with other humans (written in first-person singular) in order to give them voice. Reports *on experiences shared with others* in the same environment become a *situated and focused action* called writeWITH (BONAMIGO, 2017), which is preceded by researchWITH, i.e., researching *with others* and not *about others* (MORAES; BERNARDES, 2014). This research type requires the action by other actors

15. Latour (2001, p. 355) claims that “the word does not refer to an entity that exists in itself and is ruled by its own laws by opposition to other entities, such as nature; it means the result of a ‘settlement’ that, for political reasons, artificially divides things between the natural and the social realms. To refer not to the artifact of society but to the many connections between humans and non-humans, I use the word ‘collective’ instead”.

– including non-humans – to map, compose, transform and translate experiences lived by everyone, to “bring the living world into writing, along with its polyphony, multitude and diverse connections” (BONAMIGO, 2017, p. 151). sharing research and writing requires

an extension of the list of actors and agents; a deepening in conflicts about metaphysical practice; abandoning the artificial division between social and technical “dimensions”; searching for areas that have rarely been visited up until now; a new practice of encountering rewarding controversies; starting points that are more stable than absolute; and finally, an invitation to develop a new enigmatic use for shared metalanguage, social theory, and reflexivity with actors that are no longer considered mere “informants”. (LATOURET, 2012, p. 129).

The researchWITH and writeWITH approaches resulted in two other consequences: a) need of giving up on pre-established hypotheses or ideas influencing and changing the reports - which results in another consequence -; and b) lack of interest in epistemology as science. One needs to be present, attentive to the speeches of the body and give voice to each actor involved in order to follow and map associations taking place in networks*. The observer’s report* and “truths” emerging from the requested mechanisms are diluted in the reports of human and non-human actors requested to enact the multiple spaces of living places.

MULTIPLE SPACES AND THE LIVING PLACES

Assuming that realities are constructed and situated implies describing the conditions to produce them (LAW; MOL, 2000); it also implies recognizing that the physical nature of reality does not imply any fixture, since bodies and places are always subjected to change (CETINA, 2001). Accepting these conditions broadens the topological perspectives towards other spaces, such as network, fluid and fire spaces, besides the Euclidean one (LAW; MOL,

2000)¹⁶. Although these spaces are not always found in the configuration of places, they complete each other by mixing and associating different topologies. This process allows conceiving the global perspective from other local and situated reality.

Law and Mol (2000) address two questions on the “universality” of science: *if science is not “universal”, where is it located on Earth? In what kind of space?* Based on scientific facts, they argue that scientific discoveries and theories are produced in specific places: the transportation of facts, theories and raw materials of science are associated with post offices, transport and the quality of data networks, but their spread is not limited to the physical transport issue. They need to be treated as *facts* when they get to their destination; they need to be recognized and fit the context – the next laboratories:¹⁷ *“the configuration of facts-and-context has to be held stable”* (LAW; MOL, 2000, p. 2).

“In *Euclidean space*, bodies and places maintain their uniqueness due to a neutral and pre-existing coordinate system, which defines the existence conditions and the possibilities for objects to experience proximity or distancing” (LAW; MOL, 2000, p. 2). All objects and subjects making up materiality need to be functionally held in place; however, the designs of buildings and places in Euclidean space do not include the environment where they are built or the world where they are experienced (LATOURE; YANEVA, 2008).

The position and movement of objects and places are determined by their Cartesian coordinates, since they move in space and time. *Shapes and object production* and the definition of their continued displacement in topology require fulfilling the spatial conditions for possibility, but the requirements for the subsistence of objects, such as continuity and identification performance, distance measuring or the definition of spatial conditions for possibilities imply *enacting* the Euclidean space. The almost-embodiment of the Euclidean space by common sense, as well as by architects and urban planners, can disregard the endeavor needed to give life to it (LAW, 2000) and make such a disregard normal.

16. Rheingantz *et al.* (2019) studied two other fields: *ambiance* and *urbanity/non-urbanity*, whereas Costa (2019) studied five other fields: *interaction, biosafety, flexibility, energy efficiency and marketing* in his research on a biomedical research building.

17. STS/ANT designation that refers to knowledge production places.

Network spaces consist of stable arrays of connections to other entities; they emerge when stable and singular shapes and objects move and circulate in other types of vehicles. Relationships and connectivity matter in network spaces. Functionality in the structure of an uncertain network space and maintenance of stability and continuity of shapes and objects demand a syntax whose invariance depends objects and subjects to do their job: “borrowing” sunlight and electricity, as well as the strength and will of citizens to embody them all; creating relationship structures to ensure that buildings, furniture and urban equipment, roads, wind, electricity, citizens and other entities are functionally maintained.

Even entities moving on the Cartesian space must remain stable in their relative syntactic positions, since they compete against each other to achieve urban coherence. This competition requires effort and labor, which explains the importance of understanding how machines and machinations move. Buses moving on urban routes articulate a dual network, or “immutable mobile” (LATOURE, 2000). Everything that moves while maintains its immutable shape belongs to the network or syntactic space, whose mobility is facilitated by the immutability of networks.

The immutable mobile encompasses two interconnected spaces: the *Euclidean* – a bus remains motionless at one stop or moves towards another stop – and the *network* – the bus remains immutable even when it moves. Buses form invariable, materially heterogeneous and immutable networks since their components are attached to each other but stay in their own place. The array of roads, stopping points, speed bumps, signaling, traffic lights, sun, wind, clouds, stars, passengers, drivers, collectors, traffic and transport technicians and their entrepreneurs are the *network space* allowing the immutable mobility of the object (urban bus circulating in the city, for instance). If one or more bus component need to be changed during the journey due to unforeseen circumstances, it becomes a *mutable mobile*.

Fluid topology encompasses adaptable elements that change shape and embody the shape of their context, as it happens with an international hotel chain acting at global scale. Ideas, facts, data and technologies can spread with more or lesser fluidity; in other words, nothing is fixed in fluid spaces: each unit changes shape according to its place, region and culture; some components break and are replaced; others are added if they were not foreseen. Variations in hotel chain components turn it into a *mutable mobile*: the hotel is

the “same object” and the “different object” within different places. A hotel chain changes shape in the Euclidean space and operates differently in each place it is inserted in (LAW; MOL, 2000).

Variability in shape and content allows objects to “move” to many places in the world, even though they are not immutable shapes in the network or in the Euclidean space. However, mutability also extends to uses, services and accommodations offered by each unit, but not to its “materiality”; since each unit is a *mutable immobile*. Infrastructure services and systems depend on many factors that may, or may not, meet international criteria, namely: local supply conditions, maintenance care, quality, work effort; and local, regional, national and international economic and tourism policies. Fluid spaces have another shape stability type: connections that make a stable form of fluid change gradually and incrementally. The adaptation, installation, management and gradual maintenance of units allow each unit to continue operating without major pauses or interruptions, which ensures the *stability of the form* fixed by a displacement that resists rupture and remains constant for some time. Changes inflicted at units’ installation and operation indicate that designers and managers account for enacting the fluidity of a space whose interior maintains a certain shape stability.

Continuity depends on discontinuity and presence depends on absence in *fire topology*, which encompasses “stable shapes created by patterns in relationships of conjoined alterity” (LAW; MOL, 2000, p. 8) based on three shape constancy or continuity features as effect of *discontinuity; presence and absence of Otherness*; and, eventually, effect of a *star-like* pattern in simultaneous absence and presence. The problem is not limited to dealing with the material heterogeneous part of the network, since performance is a complex association between what is present in an urban project and what is not. There is no room for accidents or interdictions in relationships of a blue print developed a group of professionals in an office, since they can be considered *interruptions* or *lapses* between presence/absence and absence/presence.

Many entities are implemented throughout the process of *other* associates that are absent (on paper) and present (because they have to be there), so that stability emerges from the continued enactment of discontinuities with *other* materials and contexts. This rule applies to components and to the whole, which embodies the shape of a *star-like pattern*.

Several alterities are associated with a central presence. There is a departure and a return where entities and irreducible worlds held together – and beyond – as long as the *fire shape* remains in place.

I understand places as simultaneously situated or located, and global; as ambiances or urbanities, laboratories or interfaces learning and enacting knowledge shaped by different “ontological politics” in the research *Weaving the quality of the place: spaces, urbanities and living places*.¹⁸ I take the cartography of controversies as reference to explain how multiple spaces (LAW; MOL, 2000) blend together, as well as select others to enact the manufacturing processes of buildings and places in Rio de Janeiro’s port area; I resort to the cartography of controversies.¹⁹ Buildings and places are understood as “immutable mobiles”, “mutable mobiles” and “mutable immobiles”, as disputed territories that cannot be reduced to what they “are” or “mean”. The reflection on associations among people and things, matter and meaning must help creating alternative ontologies for these disorderly and evasive “objects” (*buildings and places*) and for their ways of “being present”. Guidelines should be developed for public policies and everyday practices in order to make living buildings and places more “resilient”.

If the present scientific adventure is shared with LASC, the exploration of the perspectives awakened in the paths traced by LASC and ProLUGAR can become a fascinating adventure, as I hope to illustrate below.

18. As the multitude of spaces has not been enough to account for the heterogeneity of life in places, I have recently started to sail, still as a lifeguard, in the troubled sea of the *cosmopolitical proposal* (STENGERS, 2018), which draws attention to the work of communicating disputes between enacted versions, thus preventing the exclusion *a priori* of those who count and do not count on the production of urban life and on the composition of a common world.

19. Latour proposed the cartography of controversies to explore the practical developments of ANT. It consists of a mapping exercise devoid of conceptual assumptions, based on observing with maximum simplicity and describing controversies in their maximum complexity (COSTA, 2019). Instead of imposing specific procedures, the cartography of controversies invites actors to equip themselves with manual tools and mix them unrestrictedly. Every controversy works as a hybrid forum, a space of conflict and negotiation among actors (CALLON; LASCOUMES; BARTHE, 2001). Following the evolution of a controversy makes it possible to unfold the social and political dimensions of buildings and urban places whose configurations and materialities are usually taken for granted and regarded as stable (COSTA, 2019).

INTERFACES

I explored some potential interfaces on matters such as subjectivity, ontological politics and cosmologies in disputes among their ambiance,²⁰ atmosphere and urbanity versions in the researchWITH and writeWITH groups.

These different versions are assumingly related to the acknowledgement of technologies and objects of nature as fully-fledged actors in the enactment²¹ of ambiances, urban atmospheres or urbanities of living places by ProLUGAR; and of its effort to detach itself from the bonds of predetermined phenomenology, epistemology, classifications and premises.

Urban places are now conceived as privileged *locus* to investigate the creation of multiple realities and of additional challenge of understanding how these realities are managed to become a common world. Three STS-ANT senses are essential for such a management: *ontological politics*, which provides for the apprehension of different places held by a place or city – conflicting, complementary or concurrent realities that highlight the complexity of urban life – when the existence of multiple and heterogeneous realities shaped by actions is admitted (MOL, 1999); *multiple spaces* (LAW; MOL, 2000; RHEINGANTZ 2016), and their different existence rules as powerful vector for assessing the performativity of places and cities based on their intersection or juxtaposition, by recognizing the different spaces associated with multiple realities; *cosmopolitics* (STENGERS, 2005; 2018), which claims the multitude and heterogeneity of spaces shaping urban places, it implies efforts to coordinate the coexistence of heterogeneous people “under the same roof” (COSTA *et al.*, 2018). I believe that both LASC and ProLUGAR work with *translation*: LASC associates it with empathy – point-of-view from the other to the other (DUARTE, 2015), or aimed at conveying, converting, interpreting, translating (DUARTE *et al.*, 2012); whereas ProLUGAR associates it with displacement, deviation from a route, mediation or creation of relationships that did not exist before, which somehow change the actors involved in these

20. In the enacted and unstable STS/ANT perspective, the understanding and description of ambiance depend on the observer's own resources.

21. LASC's perspective of ambiance includes sensory and dynamic aspects (DUARTE, 2013; 2015) similar to ProLUGAR's enactment of places and their associations.

actions. In other words, both groups suggest that translations are always imperfect, as they indicate the local apprehension of each actor (ProLUGAR) or researcher/other (LASC) about what circulates on the network. Therefore, there are no “right”, “wrong” or “unquestionable” translations.

The evident association between *ambiances* (LASC) and *urbanity* (ProLUGAR) is a common ground shared by these groups. Ambiances, which form “an array of sensory and dynamic aspects of places, and their actors, provide the opportunity to grasp the sensory experiences of cities and for discovering new ways of thinking and acting on the urban environment” (DUARTE, 2013, p. 1). This designation does not imply value judgment, but urbanity implies recognizing the preexistence of quality attributes. Corners to be cut are limited to potential conflict between “acting on the urban environment” (LASC) and “acting with the urban environment” (ProLUGAR); the possibility of ambiances having inherent qualities, some of them capable of motivating actions and interventions (LASC); ambiances containing dimensions other than the sensory one. This issue is related to literature’s limited capacity to account for enacting other spaces.

Interest in *empathy*, which is the reciprocal relationship, or the ability to put oneself in the shoes of another is another common ground shared by these groups. I believe its importance was diluted in the *researcher-author* displacement in a place; its actors engaged to *researching WITH* other human and non-human authors about the existent relationships in a place. *Spatial Empathy* (LASC), in its turn, “focuses spaces’ capacity to recognize themselves in people and in their environments” (DUARTE *et al.*, 2014); the *other* includes person, architecture or space (DUARTE, 2015), and sympathizes with understanding the *collective* (ProLUGAR). The recognition of non-human (ProLUGAR) or space (LASC) actions is yet another common ground between groups, as well as the investigation of the correlation between “reconnection” (LASC) and “association” (ProLUGAR) in recognizing the “social” as the relationship involving multiple hybrid chains of heterogeneous and fleeting elements that are continuously brought together in new collective or fluid associations.

Instead of addressing aspects and domains of places as bound and cohesive entities, we seek to address the multiple and overlapping enactments forming the urban life. This approach requires a comprehensive analytical method capable of taking the human and non-human aspects of cities into account; examining and mapping devices, technologies,

buildings and places; envisaging the persistence of history, the imaginary and the virtual elements of city life, the policies and the challenges of an approach that encompasses multiple actors as hybrid chains of causation or causality (FARÍAS, 2010).

Associations among urban entities enact emerging urban realities that collide against, overlap and interfere in each other. Conceiving living places as multiple objects is an essential challenge for urban research, as well as identifying, describing and understanding how these multiple performances of buildings and places are articulated, hidden, exposed, selected or discarded.

I hope to have highlighted the potential ever-shifting horizon of understanding places, landscapes and interfaces among bodies, ambiances and feelings assessed along the way – similar, or not – of both LASC and ProLUGAR groups, without mistaking horizon for landscape.

REFERENCES

- ABRANTES, M. **Um olhar cognitivo sobre o lugar de trabalho:** avaliação de desempenho em ambientes de escritório: Estudo de caso em empresa de advocacia. 2004. Dissertação (Mestrado em Arquitetura) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2004.
- ALCANTARA, D. **Abordagem experiencial e revitalização de centros históricos:** os casos do Corredor Cultural no Rio de Janeiro e do Gaslamp Quarter em San Diego. 2008. Tese (Doutorado em Arquitetura) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2008.
- ALCANTARA, D. **Projeto, desempenho urbano e construção do lugar:** avaliação da qualidade ambiental do Parque Guinle, 2002. Dissertação (Mestrado em Arquitetura) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2002.
- ANGOTTI, F. B. **Porto Maravilha em ação:** qualidade do lugar na zona portuária do Rio de Janeiro. 2019. Tese (Doutorado em Arquitetura) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2019.
- ANGOTTI, F. B. **Rua do Lavradio:** cartografando traços e rastros do coletivo-lugar. 2013. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2013.
- ANGOTTI, F. B.; RHEINGANTZ, P. A.; PEDRO, R. M. L. R. Performações e múltiplas realidades do Porto Maravilha: entre consensos, resistências e controvérsias na zona portuária do Rio de Janeiro. **URBE: Revista Brasileira de Gestão Urbana**, v. 11, p.1-19, 2019.
- BONAMIGO, I. S. O texto científico como laboratório de fabricação de mundos. **Polis e Psique**, v. 6, n. 1, p. 149-161, 2016.
- BRASILEIRO, A. **Rebatimento espacial de dimensões socioculturais:** ambientes de trabalho. 2007. Tese (Doutorado em Arquitetura) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2007.
- CAPRA, F.; STEINDL-RAST, D. **Perfendendo ao universo.** São Paulo: Cultrix, 1991.
- CETINA, K. K. Postsocial relations: theorizing society in a postsocial environment. *In:* RITZER, G.; SMART, B. (ed.). **Handbook of social theory.** Londres: Sage, 2001. p. 520-537.
- DUARTE, C. R. **Ambiência:** por uma ciência do olhar sensível no espaço. *In:* THIBAUD, J-P; DUARTE, C. R. (orgs.). **Ambiances urbaines en partage.** Genebra: Metis-Presses, 2013. p. 21-30.
- DUARTE, C. R. **Empatia espacial e sua implicação nas ambiências urbanas.** **Revista Projetar**, Natal, 2015. [Edição especial de lançamento].
- DUARTE, C. R.; PINHEIRO, E.; UGLIONE, P.; LIRA, E.; THOMAS, B. GUERRA, J. Uma ambiência urbana à luz do conceito de “empatia espacial”: a Pedra do Sal, no Rio de Janeiro. *In:* CONGRESSO INTERNACIONAL ESPAÇOS PÚBLICOS, 1., 2015, Porto Alegre. **Anais [...].** Porto Alegre: EDIPUCRS, 2015. v. 1, p. 72-78.
- DUARTE, C. R.; PINHEIRO, E.; BRASILEIRO, A. H.; COHEN, R.; UGLIONE, P.; MELO, N. R.; CASTELLANO, C.; LIRA, E. R.; THOMAS, B.; PEDROSO, E.; GUERRA, J. **Empatia espacial:** corpo e linguagem na tradução de uma alteridade. Rio de Janeiro: Laboratório Arquitetura, Subjetividade e Cultura; Programa de Pós-graduação em Arquitetura, 2014. Disponível em: <http://lasc.fau.ufrj.br/public/upload/2019-01-24/195a055e595f4e1ebf606f6dec3f88e5.pdf>. Acesso em: 30 jan. 2020.
- FARÍAS, I. Introduction: decentering the object of urban studies. *In:* FARÍAS, I.; BENDER, T. (ed.). **Urban assemblages:** how actor-network theory changes

- urban studies. Nova York: Routledge, 2010. p. 1-24.
- LATOOUR, B. **Cogitamus**: seis cartas sobre as humanidades científicas. São Paulo: Editora 34, 2016.
- LATOOUR, B. Como falar do corpo? A dimensão normativa dos estudos sobre a ciência. *In*: NUNES, J. A.; ROQUE, R. (org.). **Objetos impuros**: experiências em estudos sobre a ciência. Porto: Edições Afrontamento, 2008. p. 39-62.
- LATOOUR, B. **Reagregando o social**. Salvador: EDUFBA; Bauru: EDUSC, 2012.
- LAW, J. **After methods**. Nova York: Routledge, 2004.
- LAW, J. *Notes on the theory of actor-network: ordering, strategy and heterogeneity*. **Systems Practice**, v. 5, n. 4, 1992. [Tradução de Fernando Manso].
- MATURANA, H.; VARELA, F. **A árvore do conhecimento**. Lisboa: Editorial Psi, 1995.
- MATURAMA, H. **Cognição, ciência e vida cotidiana**. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2001.
- MOL, A. Política ontológica: algumas ideias e várias perguntas. *In*: NUNES, J. A.; ROQUE, R. (org.). **Objetos impuros**: experiências em estudos sobre a ciência. Porto: Edições Afrontamento, 2008. p. 63-78.
- MORAES, M. O conceito de rede na filosofia mestiça. **Revista Informare**, v. 6, n. 1, p. 12-20, 2000.
- MORAES, M.; BERNARDES, A. G. Apresentação. *In*: BERNARDES, A. G.; TAVARES, G. M.; MORAES, M. (orgs.). **Cartas para pensar políticas de pesquisa em psicologia**. Vitória: Edufes, 2014. p. 7-11.
- COSTA, R. N. **Debaixo do mesmo teto**: prática projetual em edifícios de pesquisa e desenvolvimento biotecnológico. 2019. Tese (Doutorado em Arquitetura) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2019.
- PEDRO, R. Sobre redes e controvérsias: ferramentas para compor cartografias psicossociais. *In*: FERREIRA, A.; FREIRE, L.; MORAES, M.; ARENDT, R. (org.). **Teoria ator-rede e psicologia**. Rio de Janeiro: NAU, 2010. p. 78-97.
- PINHEIRO, E. C. de F.; PINHEIRO, A. I. de F. (orgs.). **Rua do Lavradio**. Rio de Janeiro: Rio Scenarium Decorações e Antiguidades, 2007.
- RHEINGANTZ, P. A. De corpo presente: sobre o papel do observador e a circularidade de suas interações com o ambiente construído. *In*: SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE PESQUISA EM TECNOLOGIA DA ARQUITETURA E URBANISMO DA UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO, 3., 2004, São Paulo. **Anais [...]**. São Paulo: FAUUSP, 2004.
- RHEINGANTZ, P. A. O [controver-so] significado de urbanidade. *In*: TÂNGARI, V.; BRONSTEIN, L.; ROCHA-PEIXOTO, G.; SALGADO, M. (org.). **A pesquisa em arquitetura**: caminhos e proposições. 1. ed. Rio de Janeiro: Proarq; FAU/UF RJ, 2010a. p. 1-15.
- RHEINGANTZ, P. A. Espacialidades. **Arquitextos**, São Paulo, v. 190, n. 2, p. 1-10, 2016.
- RHEINGANTZ, P. A. Narrativas ou traduções de urbanidade. *In*: AGUIAR, D.; NETTO, V. (orgs.). **Urbanidades**. Rio de Janeiro: Folio Digital: Letra e Imagem, 2012. p. 135-161.
- RHEINGANTZ, P. A. **Tecendo a qualidade do lugar**: cartografando narrativas e experiência de urbanidade. Rio de Janeiro: Proarq, 2010b. [Projeto de pesquisa].
- RHEINGANTZ, P.; ALCANTARA, D. Cognição experiencial, observação incorporada e sustentabilidade na avaliação pós-ocupação de ambientes urbanos. **Ambiente construído**, Porto Alegre, v. 7, n. 1, p. 35-46, jan./mar 2007. Acesso em: 28 maio 2011.
- RHEINGANTZ, P. A.; PEDRO, R. M. L. R.; ANGOTTI, F. B.; SBARRA, M. H. Arena do Morro e Museu do amanhã: dois lugares em ação. **URBE**: Revista Brasileira de Gestão Urbana, v. 9, p. 387-400, 2017.

- RHEINGANTZ, P. A.; PEDRO, R. M. L. R.; ANGOTTI, F. B.; SBARRA, M. H.; GUERRA, J. M. Contributions from science-technology studies and actor-network theory to urban studies. **Area and Development Policy** v. 1, p. 1-26, 2019.
- RHEINGANTZ, P. A. Centro Empresarial Internacional Rio - RB1: território de conflitos de percepções, imagens e expectativas. *In*: DEL RIO, V. (org.). **Arquitetura: pesquisa & projeto**. São Paulo: ProEditores; Rio de Janeiro: FAU/UFRJ, 1998.
- RHEINGANTZ, P. A. **Centro Empresarial Internacional Rio: análise pós-ocupação, por observação participan-** te, das condições internas de conforto. 1995. Dissertação (Mestrado em Arquitetura) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1995.
- ROCHA, I. S. **Unidades de polícia pacificadora: controvérsias que tecem a vida urbana**. 2012. Dissertação (Mestrado em Psicossociologia e Ecologia Social) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2012.
- SANCOVSCHI, I.; DUARTE, C. R. The power of narratives about ambiances in the construction of territorialities and identities. Images of the Jewish life in Bassev Singer's work. Ambiances, tomorrow. *In*: INTERNATIONAL CONGRESS ON AMBIANCES, 3., 2016, Volos, Greece. **Proceedings** [...]. Volos, Greece: [s.n.], Sept. 2016. p. 859-864.
- SANTANA, E. P. **Cidades “ENTRE”**: dimensões do sensível em arquitetura ou a memória do futuro na construção de uma cidade. 2010. Tese (Doutorado em Arquitetura) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2010.
- STENGERS, I. A proposição cosmopolítica. **Revista do Instituto de Estudos Brasileiros**, n. 69, p. 442-464, 2018.
- VARELA, F.; THOMPSON, E.; ROSCH, E. **A mente incorporada: ciências cognitivas e experiência humana**. Porto Alegre: Artmed, 2003.
- WELWOOD, J. **Em busca de uma psicologia do despertar**. Rio de Janeiro: Rocco, 2003.

PAULO AFONSO RHEINGANTZ

Architect, PhD in Production Engineering from the Federal University of Rio de Janeiro - UFRJ, with postdoctoral degree at the California Polytechnic State University, San Luis Obispo. Retired Associate Professor at the Faculty of Architecture and Urbanism at UFRJ. Permanent professor at the Graduate Program in Architecture - PROARQ (Theory and Practice of Design Teaching and Performance Evaluation of the Constructed Environment). CAPES senior national visiting professor at the Postgraduate Program in Architecture and Urbanism at the Federal University of Pelotas - PROGRAU (2014-2018). 1D Researcher at CNPq. Leads the Quality of Place and Landscape - ProLUGAR research group - PROARQ.



DA CIDADE PACÍFICA À ASSEPTIZAÇÃO DAS AMBIÊNCIAS URBANAS AS MODULAÇÕES DO *SENSORIUM* *HUMANO*¹

As mudanças físicas da cidade e de suas ambiências não dependem apenas de progressos técnicos ou de estilos de vida, mas também de questões sociais. Por mais de vinte anos, o aumento das preocupações ambientais (combate ao aquecimento global e à poluição atmosférica, redução de resíduos e emissões de gases de efeito estufa, proteção da biodiversidade...) e saúde pública (campanhas contra obesidade e doenças cardiovasculares) têm mudado o planejamento da mobilidade. Trata-se de oferecer aos habitantes condições para uma melhor “qualidade de vida” e promover “uma boa convivência coletiva”. Mui-

1. Este artigo é uma versão resumida do capítulo 2 de *Une critique sensible de l'urbain*. Disponível em: <https://hal.archives-ouvertes.fr/tel-01818999>.

tas cidades então – para atender ao modelo de uma cidade pacífica (DUMONT; VON DER MÜHLL, 2006) – têm promovido a marcha a pé.

Além da lentidão, é uma convocação do sensível que esse modelo exige: as qualidades ambientais dos espaços são trabalhadas para despertar os sentidos e as impressões do pedestre (NASAR, 1994; AUGOYARD *et al.*, 2003; AUGOYARD, 2011; ZARDINI, 2005). As operações de incentivo à caminhada nos centros urbanos da Europa tem utilizado, assim, cenografias que reproduzem as ambiências do passado: retorno aos paralelepípedos, instalação de candelabros, estilização de mobiliário urbano e elementos desse tipo. Alguns espaços são iluminados à noite com cores ou “naturalizados” para dar a eles sua própria identidade e uma “marca” adicional. Em nome da acessibilidade para todos, os pisos são nivelados e os obstáculos removidos. O escoamento dos diferentes fluxos de deslocamento é garantido por corredores de circulação que condicionam a jogos de distância e proximidade entre os corpos. A atenção voltada à limpeza e segurança é aumentada: combate à poluição visual, atribuição de cheiros característicos, instalação de dispositivos de monitoramento. “O retorno e a circulação de declarações higienistas mediam [também] o projeto urbano” (RIVIÈRE D’ARC, 2010). Além do esteticismo, há a expulsão de populações pobres, cuja presença e estilo de vida são tomados como incômodos.

AS ESTÉTICAS DO SIMULACRO *VERSUS* AS DO RE-ENCANTAMENTO

Em outras palavras, quaisquer que sejam as peculiaridades de cada cidade, de cada cultura local e de planejamento, esse processo de pacificação dos espaços públicos tem se difundido e homogeneizado as ambiências pedonais. Isso dá origem a dois tipos de análise crítica.

A primeira denuncia uma estética do simulacro e o risco de uma anestesia das sensibilidades dos pedestres (SENNETT, 1994; BÉGOUT, 2003; BERENSTEIN-JACQUES; JEUDY, 2006).

Por iniciar um modo de percepção baseado na contemplação e no fascínio, essas estéticas manteriam o habitante em uma forma de ilusão propícia ao seu desengajamento e à uma neutralização de sua distância crítica. Suavizando as ambiências, colocando o pedestre longe dos estímulos da rua e de situações conturbadas, tais estéticas induziriam à passivi-

dade e até ao retraimento. Introduzindo formas de monitoramento de multidões, regulação dos fluxos e de orientação, elas também limitariam as relações tangíveis e levariam a uma “supressão dos corpos” (LÉVY, 2004).

A essa crítica severa acerca da estetização dos espaços urbanos se tem, como contraponto, a tese de seu “ré-encantamento” (WINKIN, 1998; ROUX, 2002; GILLOT; BRUYAS, 2004; BOUTAUD, 2007; CUNHA; DELABARRE; MAEDER, 2015).

As encenações e as ambiências desses espaços, seu caráter zeloso e polido, refletiriam uma estética de fuga. Esta produziria um “vazio” menos evidente do que as ambiências “extraordinárias”, rompendo com melancolia e tensões patogênicas. Por projetar o pedestre em um espaço-tempo ambíguo – desconectado da vida cotidiana, mas contido no presente – ela o abstrairia das agitações da vida urbana. Por vir como uma divagação – a intensidade das estimulações sensoriais é reduzida e “tudo parece sob controle” – elas propiciariam sentimentos de tranquilidade.

Apesar do interesse nesses estudos, não questiono aqui as transformações sensíveis da cidade pedonal a partir dessa perspectiva dualista.

São os tipos de ambiências geradas, das artes do movimento e das impressões sensíveis que criam nos pedestres que me interessam. Além dos efeitos projetados e idealizados (distração, fuga) ou perversos (simulacro, neutralização), qual é a natureza exata das ambiências da cidade pacífica? Que maneiras de andar elas convocam? Também busco apreciar o tipo de impressões sensíveis que elas geram nos pedestres: como nos sentimos nesse tipo de ambiência? Em que estado elas nos colocam? Ao fazer essas perguntas, meu objetivo não é tanto saber se essas transformações nas estruturas sensíveis da vida dos caminhantes fazem parte de uma passividade ou um encantamento do pedestre e sim entender como modificam o *sensorium humano* (BENJAMIN, [1935]1991).

O PEDESTRE, UM ANALISADOR ESCLARECIDO DAS VARIÇÕES DAS AMBIÊNCIAS

É recorrendo ao trabalho de Simmel, de Kracauer e de Benjamin sobre as transformações da grande cidade que abro o debate. Embora desatualizados e pouco dedicados na questão

das ambiências, eles oferecem perspectivas interessantes de reflexão: relativizam o discurso alarmista de choque ou nostálgico da anestesia; revelam as dinâmicas trabalhadas entre as estruturas e os registros sensíveis da experiência urbana.

Os trabalhos desses autores revelam como as transformações tecnológicas e de planejamento reconfiguram – mais do que comprometem – as sensibilidades e as relações dos pedestres com seu ambiente. Kracauer ([1926]1995), por exemplo, em suas crônicas detalhadas das ruas de Berlim, descreve como a generalização do uso de asfalto, a intensificação do tráfego, o uso de iluminação artificial etc. – promovendo a hiperestesia sensorial e saturação do campo perceptivo – contribuem para o surgimento de novas formas do pedestre perceber, sentir e se locomover

Essa perspectiva de trabalho é também interessante do ponto de vista metodológico. Ela permite reafirmar a presença do pedestre em relação às ambiências urbanas. Se a caminhada é realmente uma maneira de ancorar ambiências, ela é também uma ferramenta para a leitura crítica da cidade. Para conduzir essa observação, trago o conhecido *flâneur* de Benjamin, que enquanto elemento colocado na cena do espaço público, é também um comentarista irônico. Vou prosseguir nessa direção fazendo do pedestre – a nova aposta da cidade pacífica – um analisador esclarecido dessas variações de ambiências.

Esses trabalhos também trazem o estudo do corpo em uma escala espaço-temporal raramente prevista pelos adeptos de uma “sociologia dos sentidos”: a escala urbana e não apenas da situação localizada; da história e não apenas do presente. Os modos de ser, de perceber e de sentir variam em vigor ao mesmo tempo em que as tecnologias de comunicação, a infraestrutura de transporte, os planejamentos evoluem... e, portanto, novos sons, novas configurações visuais emergem. O corpo é então o lugar em que essas mudanças de ambiência são incorporadas; os modos de se cumprimentar, de se olhar, de escutar traduzem a cultura sensível de uma época e as modulações do *sensorium humano*.

Estenderei essa reflexão defendendo a hipótese de que essas “artes de se mover”, se tão bem revelam a encarnação das ambiências, tornam inteligível a plasticidade dos corpos. O ato de caminhar sempre supõe, por parte do pedestre, uma adaptação aos contextos e uma maleabilidade de seus gestos, suas percepções, seus ritmos (THOMAS, 2019). No entanto, essas expressões corporais são sempre sinais visíveis e observáveis das variações no ambiente e nas relações plurais que elas induzem no pedestre.

IN SITU: IMPREGNAR-SE – ENCARNAR – TRADUZIR

É essa última hipótese que norteou o trabalho de pesquisa dedicado à “higienização dos ambientes de pedestres no século XXI” (THOMAS *et al.*, 2010). Esse trabalho foi realizado em três cidades, afetadas em diferentes graus pela expansão do modelo de cidade pacífica: Montreal, no Canadá; Salvador, Bahia; no Brasil; e Grenoble, na França.

Três equipes participaram da pesquisa: o Centro Léa Roback (Universidade de Montreal), o Laboratório Urbano (Universidade Federal da Bahia – UFBA) e o Cresson (Escola de Arquitetura de Grenoble). Eles testaram essas hipóteses durante três seminários,² cada um dando origem a trabalhos de pesquisa.

UMA EPISTEMOLOGIA DA IMPREGNAÇÃO

Nesta fase, queríamos construir as ferramentas de um pensamento corporal. “Perguntar sobre o corpo, além de questionar sobre o seu movimento, é também questionar sensações, afetos, humores quase palpáveis, difíceis de expressar. Como observar e descrever o que seria indescritível ao corpo?” (THOMAS, 2013).

O caminho aqui escolhido consistiu em desenvolver uma epistemologia da impregnação. O corpo do pesquisador, “tomado” e afetado pelas situações em que participa, constitui um instrumento de captação e de inteligibilidade dos processos trabalhados entre pedestres e ambiências. O desvio da subjetividade do pesquisador – a recusa também de uma posição de destaque – apareceu como um meio de revelar a complexidade da experiência sensível comum.

Esse período de pesquisa tomou a forma de marchas urbanas coletivas de uma hora e meia cada, em três bairros:³ o Pelourinho, em Salvador; Europole; em Grenoble; e o bairro internacional de Montreal.

2. Na Bahia, em outubro de 2009; em Grenoble, em dezembro de 2009; e em Montreal, em junho de 2010.

3. Cada um dos bairros havia passado por uma operação de requalificação questionando esse modelo de cidade pacífica.

Para cada caminhada, foram dadas as mesmas instruções aos participantes (cerca de quinze, divididos em grupos de três pesquisadores): descobrir o bairro, deixando-se “levar” e “se impregnar” por suas ambiências e seu ritmo. Nenhum tipo de mapa ou carta foi previamente fornecido. Apenas um ponto de partida, um local de retorno, os limites do bairro e a duração da viagem foram indicados. Todos tinham uma câmera digital para registrar os elementos destaques de seu percurso. No final dessa caminhada, depois de um período de isolamento para registrar suas impressões em um diário de campo, os grupos de pesquisadores se reuniram para compartilhar um pouco de experiência.

UMA EPISTEMOLOGIA DA ENCARNAÇÃO

O tempo de “tomar corpo” com as ambiências urbanas respondeu mais a uma epistemologia da encarnação. Ele se consolidou a partir de dois movimentos: despertar os corpos dos pesquisadores e testar sua plasticidade.

No Brasil, o tempo do despertar tomou a forma de uma oficina de dança temática em torno dos vínculos entre corpo e espacialidade.⁴ Seu objetivo era nos fazer tomar consciência da natureza sinestésica de nossos movimentos: toda “locomoção” envolve nosso corpo e nossos sentidos em conjunto. Diferentes exercícios modificando nossa organização corporal (caminhar “em um cardume” ou “como siameses”, evitando um obstáculo móvel) nos ajudaram a experimentar a maleabilidade de nossos movimentos e de nossas atenções em situações de adaptação ao ambiente.

Na França, a organização de um *workshop* sobre deficiência física tinha dois objetivos: conscientizar-se das mobilizações (corporais e sensoriais) trabalhadas durante um percurso urbano e ajudar na verbalização. O processo de pesquisa consistiu em um percurso a partir de uma situação que simulava cegueira e surdez. No final, todos foram convidados a trocar e compartilhar suas impressões. Mais do que a deficiência em si, tratava-se de verbalizar o que a ambiência “faz ao meu corpo”, o que e como ela desfoca minhas impressões, que táticas elas demandam da minha parte.

4. Para mais detalhes sobre esses *workshops*, ver Thomas (2010).

No Canadá, é o retorno à técnica da “caminhada exploratória” que permitiu o diálogo entre as questões da cidade pacífica e as ambições de nossa pesquisa. Essa técnica consistia em caminhar em um grupo no bairro internacional e identificar, usando um questionário semiaberto, os elementos do ambiente que provavelmente modificariam nossas maneiras de caminhar, perceber e sentir.

Em um segundo momento, realizamos observações nos lugares cujas configurações colocariam em questionamento as teses de assepsização e encantamento: a feira de São Joachim e o Shopping Salvador, em Salvador, Bahia; Cours Berriat e os Grands Boulevards em Grenoble; a Praça Riopelle e a Praça Victoria, em Montreal. Tratava-se de realizar – enquanto caminhava – um levantamento físico e sensível dos locais, e observar as formas de movimentação dos pedestres. Cada pesquisador recebeu um caderno no qual poderia anotar suas observações e uma câmera fotográfica para capturar os elementos que se destacavam. Essas marchas, com duração média de uma hora e meia, foram repetidas durante a semana, em diferentes horários. Ao final, eram tirados alguns momentos de discussão para que os participantes pudessem compartilhar e debater as observações.

UMA EPISTEMOLOGIA DA TRADUÇÃO

A terceira fase da investigação foi baseada no pressuposto de que a construção de um pensamento do corpo envolve a criação de linguagens descritivas específicas. Uma das preocupações desse trabalho colaborativo foi então encontrar maneiras de traduzir o plano de fundo da experiência corporal urbana comum.

A análise dos diferentes corpos está, portanto, conectada a descrever – além da variada paleta de ambiências de pacificação – as variações na dinâmica da marcha e nas impressões dos pedestres. É o que mostro nos dois estudos de caso a seguir. Além de um trabalho sobre a precisão dos vocabulários, foi iniciada uma discussão em torno da noção de “estado” – emprestada do léxico da dança (GUISGAND, 2004). O estado qualifica nessas descrições as mutações de impressões e movimentos do pedestre, ao mesmo tempo que expressa certa presença nessas ambiências pacificadoras.

NO BAIRRO INTERNACIONAL DE MONTREAL: ENVOLTO, PORÉM APÁTICO

AS CAIXAS ARTEALIZADAS

A Praça Victoria e a Praça Riopelle estão localizadas no coração do bairro Internacional de negócios de Montreal, inaugurado em 2004, e abrigam escritórios corporativos, bancos internacionais e empresas de luxo.

O bairro reúne todos os ingredientes das políticas de pacificação. Ele está organizado em torno de espaços verdes pontuados por espelhos d'água e fontes, de inúmeros bancos públicos e de um mobiliário urbano em um estilo refinado. Vinte trabalhos artísticos pontuam o espaço e tematizam o percurso entre as praças.

1. Alameda das fontes, Montreal.

Fonte: arquivo da autora, s/d.

2. Vegetação e orientação sobre a Circulação (no fundo, a escultura de Ming), Montreal.

Fonte: arquivo da autora, s/d.



Orientada ao longo de um eixo norte-sul, a Praça Victoria é composta por dois espaços retangulares com 250 metros de comprimento e 30 metros de largura. Separados no centro pela rue St Antoine – uma via arterial muito movimentada – eles estão ligados tematicamente por uma “alameda de fontes”. No extremo norte da Praça Victoria, uma escultura do artista Ju Ming encerra uma pequena praça onde uma sucessão de jatos d’água cercados por granito preto suaviza o caráter mineral do lugar. Um alinhamento de árvores a separa visualmente das faixas viárias. Um corredor de circulação de pedestres em ladrilho de cor clara, de um lado, e quadriláteros de gramado, do outro, afastam o tráfego viário e acenam o aspecto de “caixa” da pequena praça. Na direção sul, uma entrada de metrô em estilo *art nouveau*, assinada por “Guimard”, lembra a presença francesa.

De frente para ela, na parte sul, está uma estátua de bronze e granito da rainha Vitória. Nesse ponto a Praça também é embelezada com um espelho d’água retangular e ornamentada com fontes e bancos públicos. Mais abaixo, um espaço arborizado cria uma grande área de sombra e frescor. O plano ortogonal da Praça, suas cores e seu equipamento de controle de tráfego – dividindo o espaço em vários quadrados – lembra o tabuleiro de xadrez.



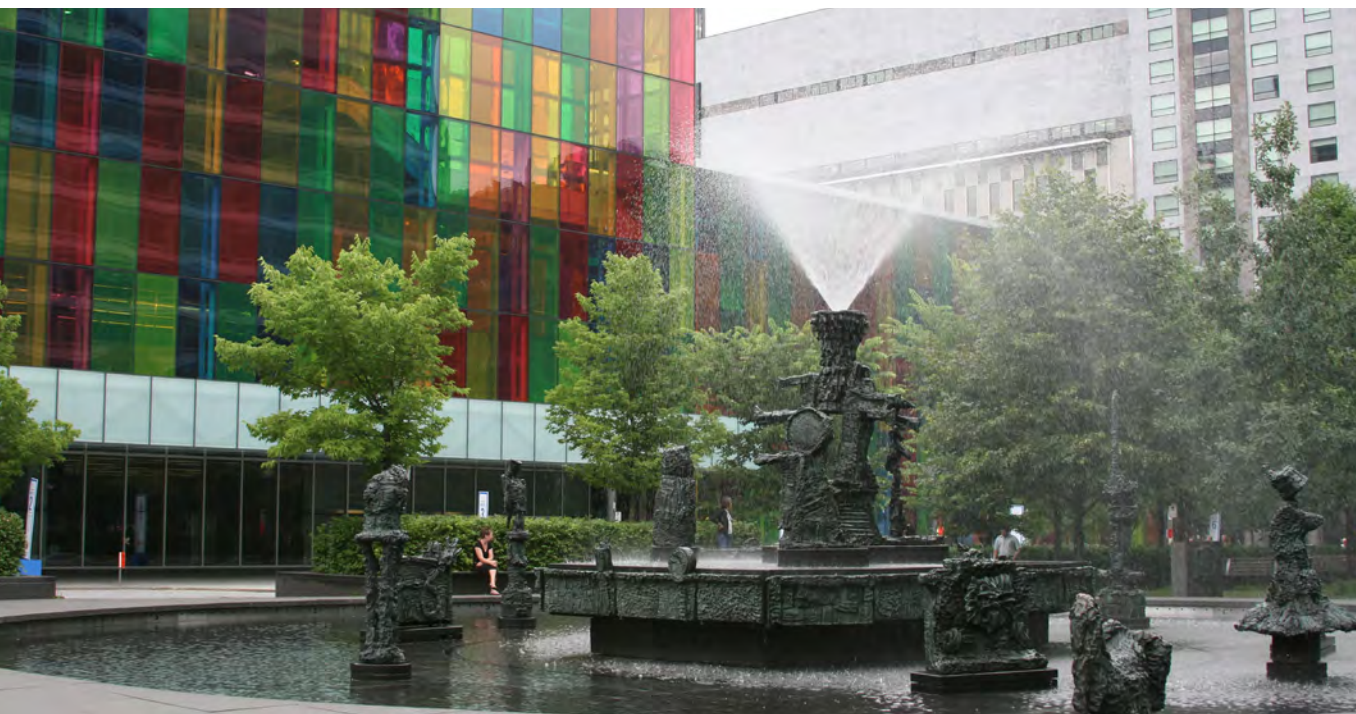
Menos extensa, a Praça Riopelle se estende aproximadamente por 160 metros de comprimento e 40 metros de largura. O layout da Praça foi projetado para torná-la um local de relaxamento e contemplação. Ela está organizada em torno da forte presença de vegetação e uma escultura-fonte do artista Riopelle denominada “La Joute”. Na entrada sul, uma floresta urbana de oitenta e oito árvores foi plantada em um padrão aleatório. Os bancos públicos são instalados sob a cobertura vegetal e em fileiras escalonadas de uma maneira que os usuários que estão sentados estejam protegidos de olhares intrusivos. No chão, canaletas redobram a trama do espaço. São elas que, à noite, projetam as luzes e a névoa que a escultura-fonte difunde.

3. A “Joute” em frente à fachada colorida, Montreal.

Fonte: arquivo da autora, s/d.

4. A névoa sob as copas das árvores do Palais des Congrès, Montreal.

Fonte: arquivo da autora, s/d.





É ao norte que “La Joute”⁵ toma lugar, em um espaço aberto e mineral. Tudo está colocado em um grande espelho d’água circular em pedra. No centro, em uma base elevada, uma torre de bronze, a “Torre da Vida”, se ergue. Ela está cercada por trinta figuras de animais. O destaque do espetáculo acontece de meados de maio a meados de outubro. Cinco vezes por dia, entre 18h e 22h, um anel de fogo começa na superfície da água, enquanto uma névoa envolve os arredores.

ESCAPAR OU ENTORPECER

Dois tipos de usuários são encontrados na Praça Victória durante o dia: os “colarinhos brancos”, funcionários de empresas, e os turistas.

5. Conjunto equestre ou de animais, que envolve combate a cavalo e com lança, de homem para homem, em que a nobreza guerreira da Idade Média fazia por demarcação de poder. Neste caso, uma escultura complexa que demonstra tal cena ou algo similar (N.T.).

Os primeiros são reconhecidos por sua vestimenta (terno escuro, gravata e sapatos de verniz para homens; *tailleurs* e saltos para mulheres), seus acessórios (telefone, bolsa ou pasta de couro) e seus passos rápidos. Os corpos são tensionados e muitas vezes inclinados por levar uma bolsa de ombro. Os passos são longos. Poucos deles permanecem na Praça Victoria. É uma questão de “passar por” para “ir para”, em um deslocamento estritamente funcional.

O padrão postural do turista é mais flexível e seu ritmo diminui. O ritmo é o da deambulação. As permanências são mais frequentes, mas rápidas. Fica-se apenas o tempo suficiente para tirar ou posar para alguma foto. Mais do que um tabuleiro de xadrez, a Praça Victoria parece um saguão de aeroporto. É apenas um espaço de trânsito que coloca o pedestre em um entremeio (entre dois cenários, entre o mineral e o vegetal).

Na Praça Riopelle, a cobertura vegetal funciona como um casulo. Denso, ele filtra a luz, e parece atenuar o nível de ruído e proteger o pedestre da hiperestimulação da cidade. A vertigem causada pela verticalidade dos edifícios e pela circulação do tráfego viário diminui. À noite, a privacidade da cobertura vegetal é aumentada pela difusão da névoa artificial que acaricia o corpo com finas partículas de água. Associado ao som e à luz da escultura, o todo oferece uma fuga poética.

A “Joute”, ao criar todo um cenário ao anoitecer, acentua essa sensação de fuga. As pessoas se acomodam ao redor da obra, esperando o início de seu espetáculo. Reina o silêncio e o entorpecimento. Então, assim que os fazedores de névoa entram em ação, o local ganha vida. Os corpos se movem, flashes piscam, as pessoas conversam umas com as outras. O cenário funciona como um gatilho de movimento.

APATIA E ENVOLVIMENTO

Na psicopatologia, a apatia caracteriza a indiferença emocional, uma ausência de reação diante dos estímulos de ordem psicológica ou física. Em relação ao local – aqui a Praça Victoria –, o estado de apatia define uma impassibilidade à ambiência. Num espaço descrito como sem alma e empobrecido, o pedestre parece entorpecido, como se colocado na letargia.

O estado do envolvimento é específico da área arborizada da Praça Riopelle. No vocabulário comum, envolvimento refere-se juntamente ao ato de gentilmente cercar alguém

5a. e 5b. Cores frias e materiais lisos no Shopping Salvador.

Fonte: arquivo da autora, s/d.



oferecendo-lhe proteção contra o repentino afluxo de sensações ou sentimentos. O envolvimento é aqui permitido pelas qualidades físicas e sensíveis do lugar: sua distância em relação à área de circulação; compartimentação visual e auditiva; enquadramento cromático e térmico. Isso cria uma sensação de tranquilidade.

**SOB CONTROLE NO
SALVADOR SHOPPING (BAHIA)**

UM CAIXOTE POLIDO E FRIO

Localizado a nordeste de Salvador, na Bahia, o Salvador Shopping possui quinhentas lojas, oito cinemas e um espaço dedicado a videogames.

No interior, os volumes são imponentes. As janelas estão dispostas na periferia das galerias que se organizam em mezaninos, em três andares. A decoração consensual faz com que não exista concorrência a ela. Não é possível visualizar o exterior, sendo a iluminação diurna fornecida por zenitais envidraçadas translúcidas. A gama de cores utilizada é branca e azul pálido para paredes verticais e os pisos mezaninos; laranja, vermelho e rosa para o piso térreo. As jardineiras de madeira adicionam um

pouco de calor e textura a este conjunto frio. Todos os outros materiais são lisos: mármore, terrazzo, vidro, concreto e metal.

A circulação vertical é feita por escadas, rampas mecânicas ou elevadores. As lojas mais populares se encontram no térreo; as mais luxuosas no terceiro andar, sob os estacionamentos. A distribuição de pedestres entre o último andar e o térreo segue essa diferenciação. O ar, mais frio e seco que o exterior, combinado com a frieza das cores e o polimento dos materiais, contribui para a notável suavidade do local.

CONTROLAR-SE

Ao entrar no *shopping* o estado de atenção é desmobilizado devido a uma menor quantidade de pessoas com que se tem contato (em relação ao exterior) e à presença de um sistema de segurança visível (câmeras de vigilância, presença de guardas observando). A agressão física, sempre uma probabilidade no espaço público, não é temida nesse espaço.

Em seguida, vem o choque térmico, visual e sonoro. Quem chega a pé (se você é pobre) ou de carro (se você é rico) depara-se com uma forte mudança térmica, causada pelo ar condicionado excessivo do local, sendo forçado a se cobrir. Visualmente tudo é claro e frio, largo e alto, impressionante. Há um burburinho de vozes misturado à música de média intensidade. Todas as sensações que não estão a serviço do comércio são erradicadas ou encobertas. Essa desmobilização dupla – atenta e sensível – permite uma remobilização visual em direção às vitrines.

Começa a ficar visível a “tomada de controle” por parte das ambiências dos ritmos de caminhada. A linha de visão precede a trajetória do percurso para quem tem um objetivo específico de compra. O ritmo é o do consumo. Para fugir desse controle só ficando o menor tempo possível no local. Em relação às vitrines, continua sendo o olhar que guia o caminho, mas em um ritmo menos contínuo. A caminhada é controlada pela força hipnótica das vitrines, algo próximo a um estado de atordoamento. A mobilização visual fica fortemente comprometida.

Rigidez e controle caracterizam os corpos. As portas principais são de correr e se abrem automaticamente. Dentro do *shopping* as pessoas se deslocam menos do que no exterior. Todos estão expostos, tanto quanto os objetos nas vitrines, e com isso se percebe que há

uma forte preocupação com a aparência. O estilo de vestimenta deixa os corpos menos evidentes do que nas ruas. Os cabelos são lisos escovados e/ou amarrados. Diferentemente da rua, os acessórios são mais visíveis e frequentes: as bolsas são levadas despreocupadamente, assim como telefones, joias e óculos de marca.

SOB HIPNOSE E ANSIOSO

Ao entrar, cada indivíduo se sente capturado pelas ambiências do *shopping*, como se estivesse fascinado por sua força sedutora. O conforto do apaziguamento dos sentidos em relação ao exterior coloca todos em um estado de *quasi* de hipnose. A maioria permite passivamente que o lugar os tome e os conduza, numa forma de fascinação assumida por essa materialidade. Outros tentam a ele resistir ao fazer parte da dinâmica do lugar.

Essas ambiências poderiam parecer tranquilizadoras se elas não gerassem também um estado de ansiedade. A constância do corpo e dos sentidos repousa numa base distorcida: aquela do respeito (forçado) pelo espaço privado (rico), em paralelo ao comportamento desrespeitoso no espaço público (dedicado aos pobres). A caminhada parece mais livre do que na rua, mas está sujeita a restrições violentas e a um deslumbramento espontâneo: a parcela da população admitida ao preço do condicionamento corporal exigido finge ignorar todos aqueles que permanecem do lado de fora. O contraste entre esses dois espaços, grande demais para que as “boas regras de conduta” de uma pessoa influenciem a indiferença em relação à outra, não faz mais que enfatizar a violência das relações sociais.

OS PARADOXOS DA PACIFICAÇÃO: O RISCO DE ASSEPTIZAÇÃO

Esses dois casos trazem complexidade às teses geralmente defendidas acerca da cidade pacífica, revelando seus paradoxos.

Tanto em Montreal como em Salvador, na Bahia, a Praça Victoria, a Praça Riopelle e o Salvador Shopping são montados como “porta-joias”. A forte presença de água e plantas e a queda significativa no nível de estímulo sensorial parecem oferecer aos pedestres um bem-estar adicional que poderia levá-los a formas inéditas de apropriação do espaço. Mas a realidade parece mais complexa.

Os pesquisadores envolvidos no trabalho de campo expressaram a sensação de se sentir como “peões em um tabuleiro de xadrez” em Montreal e particularmente “enquadrados” pelas ambiências do Salvador Shopping.

No caso de Montreal, o cenário estabelecido não substitui a força motriz da trama ortogonal dos espaços, nem sua característica de local de passagem. Essas duas qualidades parecem, de fato, determinantes nas trajetórias e nos andamentos da marcha, mais relacionadas a formas de fuga do que das *flâneries*. A própria natureza das atividades que abrigam – negócios em Montreal, comércio no Salvador Shopping – ao propiciar a mobilidade funcional e os ritmos pendulares, parece, além disso, pouco estimulante no nível sensorial, e gera tipos de comportamento “esperados”: adentrar o lugar com um passo apressado, peito para a frente, com o olhar fixo no horizonte, pronto para acelerar para não “perder tempo” – o indivíduo com pressa sendo, sem dúvida, a figura emblemática desse tipo de espaço.

É preciso criar a surpresa e dinamizar o cenário, afastando, às vezes, a lógica de sua “arteficialização” ou de ser “tomado pela ambiência” para – senão encantar ou apaziguar – criar apropriações, trocas e talvez conexões. A Praça Riopelle é uma aposta bem-sucedida, onde – ao contrário da Praça Victoria – as “surpresas sensoriais” propostas (a “Joute”, o espelho d’água, as fontes aqualuminosas), ao criar os envolvimento com a água, a névoa, as cores e as plantas invocam os sentidos, despertam curiosidade, fazem as pessoas se movimentarem e trocarem ideias.

No Shopping Salvador, a influência térmica e sonora da ambiência nos corpos – somada ao controle explícito das condutas – homogeneiza as aparências e favorece o mimetismo gestual. Como as ambiências, os modos de ser e de fazer são lapidados e uniformizados, tornando-se semelhantes em todas as partes. Se o encantamento talvez não estivesse em questão – embora a descoberta desses “porta-joias” possa possibilitar uma experiência de outro lugar para além do que se está –, o que dizer da pacificação? Artificial, sem dúvida, à beira da assepsização – o que seria um grau máximo –, porém operativo: o enquadramento, ao mesmo tempo que assegura a redução do nível de estimulações sensoriais (sonora, térmica e principalmente olfativa), tranquiliza e oferece um momento de pausa em relação à hiperestesia na rua.

Com relação a esses estudos, que seria conveniente ser complementados por entrevistas com usuários e outros exemplos, o que dizer sobre essa ideologia de compartilhamento

contida na cidade pacífica, exceto que, sem dúvida, carrega um grande paradoxo? A redução da natureza pública de nossos espaços urbanos – pelo desaparecimento de conflitos e atritos, pela impossibilidade do encontro, pela invisibilidade do Outro, pela homogeneização das aparências e das atitudes – mesmo que neles se defenda um certo “estar com” e “fazer juntos” (THOMAS, 2018).

REFERÊNCIAS

- AUGOYARD, J. F. *et al.* **L'expérience esthétique ordinaire de l'architecture**: parcours en espace public. Paris: Ministère de la Culture, 2003. (Rapport de recherche Cresson, n. 57).
- AUGOYARD, J. F. Faire une ambiance? *In: ____*. (dir.). **Faire une ambiance**. Bernin: À la Croisée, 2011 p. 17-35.
- BOUTAUD, J. J. Le sensoriel et l'expé-rientiel. Sémiotique, marketing et communication en terrain sensible. *In: BOUTAUD, J. J.; VERON, É.* (dirs.). **Sémiotique ouverte**: itinéraires sémiotiques en communication. Paris: Hermès; Lavoisier, 2007. p. 142-163.
- BÉGOUT, B. **Zéropolis**. Paris: Allia, 2003.
- BENJAMIN, W. **L'oeuvre d'art à l'époque de sa reproduction mécanisée**. Paris: Gallimard, [1935]1991. (Ecrits français).
- BERENSTEIN-JACQUES, P.; JEUDY, H. P. **Corps et décors urbains**. Paris: l'Harmattan, 2006.
- CUNHA A. da; DELABARRE M.; MAEDER, T. L'urbanisme et l'art dans la ville: entre instrumenta-lisation et enchantement. **Vues sur la ville**, Université de Lau-sanne, Observatoire universitaire de la ville et du développement durable, n. 32, p. 7-10, 2015.
- DUMONT M.; VON DER MÜHLL, D. De la rue à la ville apaisée: l'éclairage comparé des expé-riences péri/suburbaines suisses et françaises. **Flux**, n. 66-67, p. 50-61, 2006.
- GILLOT, G.; BRUYAS F. Enchante-ment, réenchantement du monde. Représentations, mise en scène, pratique et construction des territoires. *In: CONGRÈS DE L'AFEMAM*, 18., 2004, Lyon. **Annales [...]** Lyon: AFEMAM, 2004.
- GUISGAND, P. H. Pollock ou les éta-ts de corps du peintre. **DEMéter**, 2004. Disponível em: [http://de-meter.revue.univ-lille3.fr/corps/guisgand.pdf](http://demeter.revue.univ-lille3.fr/corps/guisgand.pdf).
- KRACAUER, S. **Rues de Berlin et d'ailleurs**. Paris: Gallimard, [1926]1995.
- LÉVY, J. L. **Entretiens avec David Le Breton**. Déclinaisons du corps. Montréal: Liber de vive voix, 2004.
- NASAR, J. L. Urban design aesthe-tics. **Environment and Behavior**, v. 26, n. 3, 1994. p. 377-401.
- RIVIÈRE D'ARC, H. Le retour et la circulation des énoncés hy-giénistes comme médiateurs du projet urbain: de São Paulo à d'autres métropoles. **Nuevo Mundo**, n. 10, 2010.
- ROUX, M. **Inventer un nouvel art d'habiter**. Le réenchantement de l'espace. Paris: l'Harmattan, 2002.
- SENNETT, R. Espaces pacifian-ts. *In: JOSEPH, I.* (ed.). **Prendre place**. Espace public et culture dramatique. Paris: Ed. Recher-ches, 1995. p. 129-136.
- SIMMEL, G. Les grandes villes et la vie de l'esprit. *In: ____*. **Philo-sophie de la modernité**. Paris: Payot, [1903] 2004. p. 169-200.
- SIMMEL, G. **Rome, Florence, Ve-nise**. Paris: Ed. Allia, [1898]1998
- THOMAS, R. **Une critique sensible de l'urbain**. Architecture, amé-nagement de l'espace. Grenoble: Communauté Université Greno-ble Alpes, 2018. Disponível em: <https://hal.archives-ouvertes.fr/tel-01818999/document>.
- THOMAS, R. Décrire l'arrière-plan corporel de l'expérience urbaine. *In: THIBAUD, J.-P.; DUARTE, C.* (eds.). **Ambiances urbaines en partage**. Pour une écologie so-ciale de la ville sensible. Genève: MétisPress, 2013. p. 227-239.
- THOMAS, R. Rythmes ambiants, rythmes de marche. **Space-Temps.net**, 2019. Disponível em: <https://www.espacestems.net/articles/rythmes-ambiants-rythmes-de-marche/>.
- THOMAS, R. *et al.* (dir.). **L'aseptisa-tion des ambiances piétonnes au XXIe siècle**. Entre passivité et plasticité des corps en marche. Grenoble: Programme PIRVE CNRS MEEDDM; CRESSON, 2010. (Rapport de recherche, n. 78).
- WINKIN, Y. Le touriste et son dou-ble. Éléments pour une anthro-pologie de l'enchantement. *In: OSSMAN, S.* (dir.). **Miroirs ma-ghrébins**: itinéraires de soi et paysages de rencontre. Paris: CNRS Editions, 1998.
- ZARDINI, M. **Sensations urbaines**: une approche différente de l'ur-banisme. Montréal, CCA: Lars Muller Publisher, 2005.

RACHEL THOMAS

Diretora de pesquisa no CNRS e pesquisadora da equipe do CRESSON na École Nationale Supérieure d'Architecture de Grenoble (ENSAG). Professora visitante (CNPq) no Laboratório Urbano da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal da Bahia – FAU/UFBA (2010).



FROM THE PEACEFUL CITY TO THE ASSEPTIZATION OF URBAN AMBIANCES MODULATIONS OF SENSORIUM HUMANO¹

Physical changes in cities and in their ambiances do not depend on technical progress or lifestyles, but on social matters. For more than 20 years, the increasing concern with the environment (fighting global warming and atmospheric pollution, waste and greenhouse gas emission reduction, biodiversity protection...) and public health (campaigns against obesity and heart diseases) has been changing mobility planning. It concerns providing residents with conditions capable of improving their “quality of life” and promoting “good collective conviviality”. Thus, many cities have been promoting the “march on foot” – in order to fulfil the peaceful-city model (DUMONT; VON DER MÜHLL, 2006).

1. This article is a summarized version of chapter 2 in *Une critique sensible de l'urbain*. Available at <https://hal.archives-ouvertes.fr/tel-01818999>.

Besides slowness, this model demands the call for sensitivity: environmental qualities of spaces are addressed to wake pedestrians' feelings and impressions (NASAR, 1994; AUGOYARD *et al.*, 2003; AUGOYARD, 2011; ZARDINI, 2005). Operations to encourage walks in European urban centers have been using scenography to reproduce ambiances from the past: return to cobblestones, chandeliers, urban furniture styling and all elements of this sort. Some spaces are lightened with color at night or "naturalized" in order to give them an identity, and additional "mark". Floors are leveled and obstacles removed in order to ensure accessibility to all. The discharge of different displacement flow is ensured by circulation corridors that set a distance/proximity game between bodies. Attention is paid in cleaning, safety is improved: there is fight against visual pollution, encouragement of characteristic smells, installation of surveillance devices: "the return and circulation of hygienist reports [also] mediate the urban project" (RIVIÈRE D'ARC, 2010). Besides aestheticism, one finds the expelling of poor populations, whose presence and lifestyle are taken as annoying.

THE AESTHETICS OF SIMULACUM *VERSUS* THAT OF RE-ENCHANTMENT

Local culture and planning, the pacification process applied to public spaces has been outspread and has homogenized pedestrian ambiances, regardless of peculiarities of each city. This process gave birth to two types of critical analysis.

The first analysis reports the aesthetic of simulacrum and the risk of anesthetizing pedestrians' sensibility (SENNETT, 1994; BÉGOUT, 2003; BERENSTEIN-JACQUES; JEUDY, 2006).

Because this aesthetics triggers a perception mode based on contemplation and fascination, it would keep residents within a propitious illusion about their engagement and neutralization of their critical distance. Such an aesthetics has induced passivity and shyness by smoothing ambiances and putting pedestrians away from street stimuli and troubled situations. It would also limit tangible relationships and lead to "suppression of bodies" by introducing ways to monitor the crowd and regulate flows and orientations (LÉVY, 2004).

The "re-enchancement" thesis is a deep criticism to the "aestheticization" of urban spaces (WINKIN, 1998; ROUX, 2002; GILLOT; BRUYAS, 2004; BOUTAUD, 2007; CUNHA; DELABARRE; MAEDER, 2015).

Scenes and ambiances in these spaces, their zealous and polite profile, would reflect an escape aesthetics, which, in its turn, would lead to a lesser evident “vacuum” than the “extraordinary” ambiances, as well as break pathogenic melancholy and stress. Because this aesthetics projects the pedestrian on space-time ambiguity – disconnected from daily life, but inserted in the present –, it would take pedestrians out of the fuzz of urban life. This aesthetics accounts for a feeling of easiness, since it brings along digression – the intensity of sensory stimuli is reduced and everything “seems to be under control”.

Based on such a dualistic perspective, despite the interest in these studies, I do not question the sensory changes in the pedestrian city.

The types of generated ambiances, art movements and sensory impressions by pedestrians are my real concern. Besides the projected and idealized (distraction, escape) or evil effects (simulacrum, neutralization), what is the exact nature of ambiances in the peaceful city? What are the ways of march on foot they call for? I also aim at addressing the types of sensory impressions they generate in pedestrians: how do we feel within this ambiance type? What is the mindset they put us in? My goal does not toile on knowing whether these changes in sensory structures of pedestrians’ lives are part of a given passivity or their very enchantment, but on understanding how they change the *sensorium humano* (BENJAMIN, [1935]1991).

THE PEDESTRIAN, AN ENLIGHTENED ANALYZER OF VARIATIONS IN AMBIANCES

I open the debate by introducing the studies by Simmel, Kracauer and Benjamin about changes in big cities. Although old fashion and little dedicated to the ambiance topic, they provide interesting reasoning perspectives. They relativize the alarmist shocking or nostalgic discourse of anesthesia and disclose the dynamics of places between structures and the sensible records of urban experience itself.

Studies by these authors highlight how technological and planning changes reset – more than compromise – pedestrians’ sensitivity and relationship with their own milieus.

Kracauer ([1926]1995), for example, in his detailed chronicles about the streets of Berlin, describes how the general use of asphalt, traffic jam and the use of artificial lighting, among other factors – that lead to sensory hyperesthesia and to perceptual field saturation – leads pedestrians to new forms of perceiving, sensing and moving.

Such a line of work is also interesting from a methodological viewpoint, since it allows reinforcing pedestrians' presence in urban ambiances. If walking on foot is actually a way to anchor the ambiances, it is also a tool for critically reading the city. In order to guide this observation, I address the so-called *flâneur*, by Benjamin, to guide this observation; he is also a very ironic commentator element put in the public space landscape. I will keep on such direction by turning the pedestrian – the new bet of the peaceful city – into an enlightened analyzer of the herein addressed variations in ambiances.

The aforementioned studies also introduce the study of the body at a space-time scale rarely predicted by “sociology of the senses” followers. They address the urban scale, rather than just local situations; history, not just the present time, as well as the ways of living, perceiving and sensing changes in vigor, changes in communication technologies and in transportation infrastructure. As planning processes evolve, new sounds and visual configurations rise. The body embodies these ambiance changes, the ways to greet and salute, to sight and listen for, to translate the sensitive culture of a given time, as well as to make modulations in *sensorium humano*.

I will extend this reasoning by advocating for the hypothesis that these “arts of moving”, besides well disclosing the embodiment of ambiances, also make the plasticity of bodies intangible. The act of walking on foot always makes pedestrians suppose the adaptation to contexts and the flexibility of their gestures, perceptions and pace (THOMAS, 2019). However, such body expressions are always visible and observable signs of variations in milieus, and in plural relationships induced by them, as well as in pedestrians themselves.

IN SITU: GETTING IMPREGNATED – EMBODY - TRANSLATE

This last hypothesis guided the research focusing the “hygiene of pedestrian environments in the 21st century” (THOMAS *et al.*, 2010). This research was carried out in

three cities affected by the peaceful-city model expansion at different degrees: Montreal (Canada), Salvador (Brazil) and Grenoble (France).

Three teams participated in the research: Léa Roback Center (University of Montreal), Urban Laboratory (Federal University of Bahia – UFBA) and Cresson (Architecture School of Grenoble). They tested these hypotheses throughout three seminars², each one of them gave rise to a different research.

AN EPISTEMOLOGY OF IMPREGNATION

At this stage, we wanted to build the tools for a corporal thinking. “Asking about the body, besides questioning about its moves, also means questioning the almost tangible and hard to express sensations, affections and moods. How to observe and describe what would be indescribable?” (THOMAS, 2013) (translated by the author).

The chosen path consisted in developing an epistemology of impregnation. The researcher’s body, which is “taken” and effected by situations they participate in, is an instrument to capture and understand processes taking place between pedestrians and ambiances. Changes in researcher’s subjectivity – the refusal to be in the mainstream – emerged as the way to disclose the complexity of the common sensory experience.

This research process took the shape of collective 90-minute urban marches on foot, in three different neighborhoods:³ Pelourinho (Salvador City), Europole (Grenoble) and in the International Neighborhood (Montreal).

Participants (approximately 15 individuals divided into groups with three researchers, each) received the same instructions for each walk: get to know the neighborhood, let themselves “be captured” and “get impregnated” by the ambiances and pace. They did not receive any type of map or letter. They just had to start from the same starting point, go

- 2.** The seminar took place in Bahia, in 2009; in Grenoble, in 2009, and in Montreal, in 2010.
- 3.** Each of the neighborhoods had faced a re-qualification operation that had questioned the peaceful-city model.

to the same return point, check the boundaries of the neighborhood and follow the time set for the trip. All participants had a digital camera to record the main elements in their route. At the end of the walk, after an isolation time to record their impression in a field diary, the groups met again to share a little of their experiences.

AN EPISTEMOLOGY OF EMBODIMENT

The time to “incarnate” urban ambiances was more responsive to an epistemology of embodiment. It was consolidated by two moves: awake researchers’ bodies and test their plasticity.

The time to “wake up” in Brazil was set through a thematic dance workshop focusing bonds between body and space.⁴ The aim of this workshop was to make researchers aware of their bodies and feelings as a group. Different exercises changed our body organization (walk “as a shoal” or “as siamese” by avoiding a mobile obstacle) and helped us experiencing the flexibility of our moves, and our attention at the time to adapt to the milieus.

There was a workshop in France about physical disability, which aimed at two goals: getting aware of mobilization (body and sensory) - tested throughout urban routes - and verbalization. The research process consisted of setting a route based on a situation to simulate blindness and deafness. More than the disability itself, it concerned verbalizing what ambiance “does to my body”, what and how it blurs my impressions, and the tactics they demand from me.

Researchers, in Canada, returned to the “exploratory technique”, which allowed the dialogue between peaceful-city matters and the aims of our research. This technique consisted in walking (together) in the international neighborhood and in identifying the elements in the environment that would likely change our way of walking, perceiving and feeling, by following a semi-open questionnaire.

At a second moment, we have carried out observation in places whose configurations questioned the asepsis and enchantment theses: São Joachim Fair and Salvador Mall,

4. For more details about this workshop, check on Thomas (2010).

in Salvador City, Brazil; Cours Berriat and Grands Boulevards in Grenoble, France; and Riopelle and Victoria squares in Montreal, Canada. The aim of the study was to screen physical and sensory features of the visited locations throughout the walk, as well as to observe pedestrians' ways of moving. Each researcher got a notebook where it could take notes about its observations, a digital camera was also handed out to each researcher so it could capture the outstanding elements. These "marches" lasted 90 minutes, on average, and were taken for a week, at different times of the day. At the end, there was some time for open discussions, so participants could share and debate about their observations.

AN EPISTEMOLOGY OF TRADITION

The third investigation phase was based on the assumption that building a line of reasoning about the body concerns creating a specific descriptive language. One of the aims of the current collaborative study lied on finding ways to translate the background of common urban corporal experiences.

Therefore, besides the varied shades of pacification ambiances, the analysis of different bodies is connected to describing variations in march's dynamics and in pedestrians' impressions. It is exactly what I show in the two case studies introduced below. Besides a study about the accuracy of vocabulary, we triggered a discussion about the feeling of "state" – which was borrowed from the "dancing" vocabulary (GUISGAND, 2004). "State", in this description, refers to pedestrians' impression and mutated moves, but it also expresses a certain presence in these pacifying ambiances.

IN THE INTERNATIONAL NEIGHBORHOOD OF MONTREAL: SURROUNDED, BUT APATHIC THE ARTIALIZED BOXES

Victoria and Riopelle squares are located in the very core of the international business neighborhood of Montreal, which was launched in 2004 and houses corporation offices, international banks and luxurious companies.

The neighborhood gathers all ingredients of the pacification policy. It is organized around green areas that stand out for water mirrors and fountains, for public banks and re-fined-style urban furniture. Twenty art pieces are installed in the space and they point out the route between squares.

Victoria Square lies on the North-South axis of the square and has two rectangular areas (250 m in length and 30 m in width) separated by rue St Antoine – a rush street –, although they are technically linked by an “avenue of fountains”. To the Northernmost of Victoria Square, there is a sculpture by Ju Ming and it marks a small square where one finds several waterjets surrounded by black granite, which smooths the mineral profile of the place. A line of trees separates this square from the road. A circulation corridor for pedestrians, made of

1. Avenue of fountains, Montreal.

Source: author's files, s/d.

2. Vegetation and orientation on Circulation (on the background, Ming's sculpture), Montreal.

Source: author's files, s/d.



light-color tile, on one side, and of lawn quads, on the other, takes the traffic jam away and highlights the “box” aspect of this small square. Towards South, there is an *art nouveau* style subway entrance, signed by “Guimard”, which calls back to the French presence.

There is a copper and granite statue of Queen Victoria, in front of the subway entrance. At this point, the square is also decorated by a rectangular water mirror and ornate with fountains and benches. By going down wards the square, one finds a wooded space that provides a large area of shade and freshness. The square’s orthogonal plane, its colors and traffic jam control equipment – which divide it into several squared blocks – resemble a chessboard.

Riopelle Square is approximately 160 m long and 40 m wide, its layout was designed to make it a place for relaxation and contemplation. It is organized around the remarkable presence of vegetation and of a fountain-sculpture by the artist Riopelle, called “La Joute”. There is an urban forest at the South entrance, which houses 88 trees - planted at random pattern. Benches are installed under vegetal coverage and the row follows a pattern that



protects users from intrusive sights. Channels double the space net on the ground. They project the light and mist spread by the fountain at night.

To the North, “La Joute” takes its space within an open and mineral space. Everything is placed in a big rock and circular water mirror. “Life Tower”⁷⁵ is at the center, on an elevated stage, It is surrounded by 30 figures of animals. The highlight of the spectacle takes

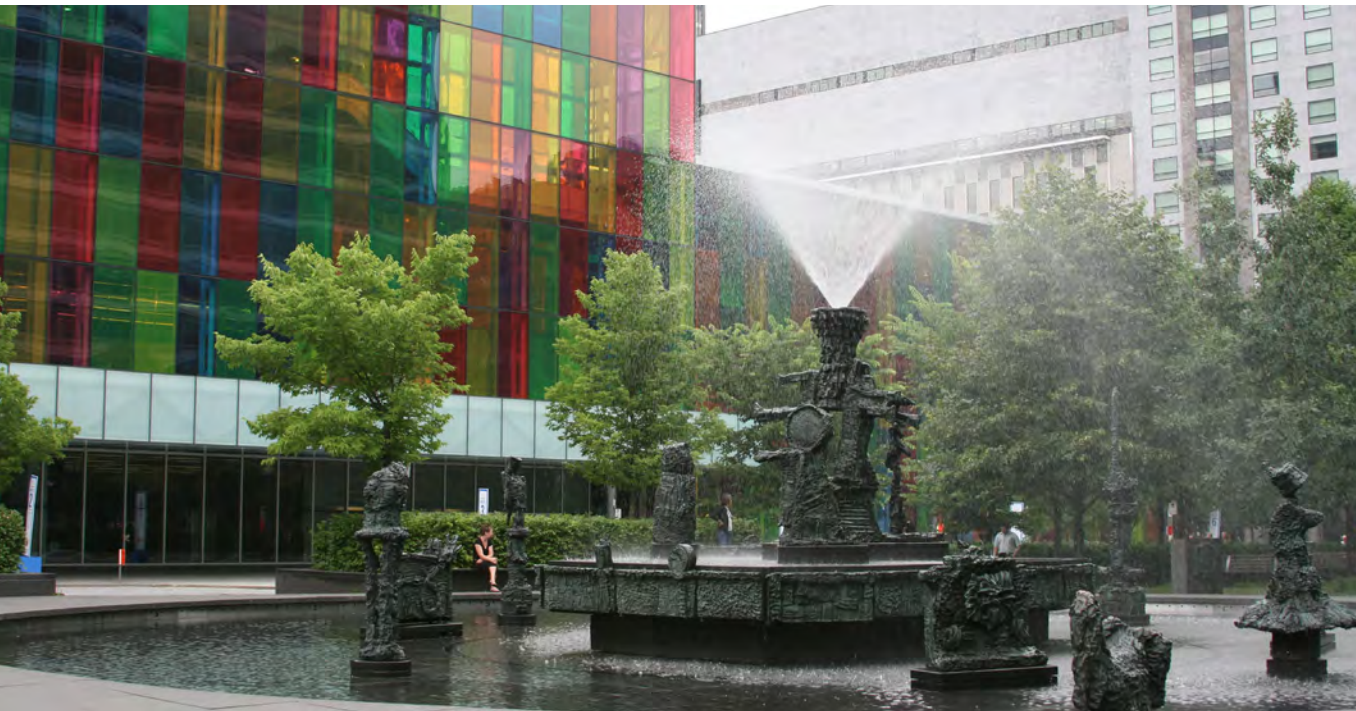
5. A set of horses or of other animals that depict combats with horses and spears, man to man, according to which the European nobles from the Middle Age fought to set their territories. In this case, a complex sculpture shows such a scene or something similar to it (N.T).

3. “Joute”, in front of a colorful façade, Montreal.

Source: author’s files, s/d.

4. Mist over tree canopies at Palais des Congrès, Montreal.

Source: author’s files, s/d.





place from May to October, when a ring of fire starts on water surface, while mist wraps the surroundings, five times a day, between 06:00 and 10:00 pm.

ESCAPING OR NUMBING

Two types of users are found at Victoria Square at day light: “white collars” – companies’ personnel – and tourists.

The white collars are recognized through their garments (dark suits, ties and man’s shoes, *tailleurs* and high hills), accessories (mobiles, suitcases and leather briefcases) and fast pacing. Their bodies are stressed and sometimes bended for carrying purses on their shoulders. Their steps are long. Only few of them remain at Victoria Square. It is just a matter of “passing by” in order to “go to”, it is a merely function displacement.

The body pattern of tourists is different, they are more flexible and their pace is slower. Their pace resembles ambulation. Their staying is more frequent, but fast. They just stay time enough to take some pictures. More than just a chessboard, Victoria Square resembles an airport hall. It is just a space for transit that puts pedestrians within an inset (between two scenarios, between mineral and vegetal).

Vegetation cover at Riopelle Square works as a cocoon, it is dense, filters the light and seems to mitigate noise and to protect pedestrians from the city's hyper-stimuli. Vertigo is caused by the verticality of buildings and by traffic jam. At night, privacy provided by vegetation cover is increased by the outspread of artificial mist, which caress the bodies with fine water particles. In addition to sound and light, the whole place provides a poetic scape.

“Joute” creates a whole landscape at dusk, which reinforces the feeling of escaping, as people gather around the art piece waiting for the spectacle to start. All one feels are silence and numbness. Thus, the place comes to life as soon as the mist makers start working. Bodies move around, flashes pop-up, people talk to each other. The landscape triggers the moves.

APATHY AND INVOLVEMENT

Based on psychopathology, apathy features emotional indifference, lack of reaction to psychological or physical stimuli. When it comes to places – in this case, Victoria Square –, apathy defines passivity towards the ambiance. Within a space described as soulless and impoverished, the pedestrian seems numbed, as if it was placed on lethargy.

The sense of involvement is specific to the wooded area at Riopelle Square. In common vocabulary, involvement refers to the act of gently approach someone by offering the other protection from the sudden flow of sensations or feelings. Involvement in the square is allowed by its physical and sensory skills: its distance from the circulation area; visual and auditory sharing; color and thermal framing, which create the feeling of easiness.

5a. e 5b. Light color and smooth materials in Salvador Mall.

Source: author's file, s/d.



UNDER CONTROL AT SALVADOR MALL (BAHIA) A POLISHED AND COLD BOX

Located in Northeastern Salvador City, Brazil, Salvador Mall houses 500 shops, 8 movie theaters and an area for videogames.

Volumes are outstanding in its inside. Windows are spread on the peripheries of galleries set on mezzanines, on three stores. Consensual decoration stops any competition to it. It is not possible seeing the outside, and day lighting is provided by translucent glazed zeniths. The color pallet encompasses white and pale blue on the vertical walls and on the floor of the mezzanines; orange, red and pink on the first floor. Wooden vessels add a little color and texture to the cold set. All other materials are smooth: marble, terrace, glass, concrete and metal.

Vertical circulation is made through stairs, mechanic ramps and lifters. The most popular shops are on the first floor and the most luxurious ones are on the third floor, right under the parking lot. Pedestrians' distribution between the last and the first floor follows such a differentiation. The colder and dried air from the inside is combined to the light colors and to the polished materials, and it contributes to the remarkable softness of the place.

TO GET UNDER CONTROL

At the time one enters the mall, its attention state is forgotten due to the reduced number of people around (in comparison to the outside) and to the presence of a visible security system (surveillance cameras, and guards). Physical aggression, which is always possible in public spaces, is not feared in this place.

Later on, one feels the thermal, visual and sound differences. Who comes in on foot (if you are poor) or by car (if you are rich) faces strong thermal change caused by the air conditioning in the place - the person is forced to put on a coat. Visually, everything is light and cold, large and high, impressive. There is fuzz of voices mixed to moderate-loudness music. All sensations that are not in service of commerce are stopped or hidden. Such a double mobilization - attention and sensitivity - allows visual mobilization towards shop windows.

“Control” becomes visible by the ambiances of walking paces. Line of sight precedes the trajectory for the one who is focused on buying. One must stay as short as possible in this place in order to run from this control. When it comes to shop windows, still, sight guides the way, but under a less continuous pace. The walk is controlled by the hypnotic power of shop windows; the feeling is close to that of numbness. Visual mobilization gets strongly compromised.

Rigidity and control feature the bodies. The main doors are automatic. Inside the mall, people move lesser than outdoors. Everybody is exposed, just as the objects in the shop windows, and it allows observing a source of concern with ones' looks. Garment styles make bodies lesser evident than on the streets. Hair style is straight, brushed and/or tight up. Different from the streets, accessories are more visible and frequent: purses are carried carelessly, as well as mobiles, jewels and expensive glasses.

UNDER HYPNOSIS AND ANXIOUS

Each individual feels like captured by the ambiances when they get to the mall, as if the person was fascinated by its seductive power. The comfort felt with the easiness of the

senses, in comparison to the outside, puts all in state of *quasi* hypnosis. Most people peacefully allow the place to take and guide them through a form of fascination embodied from this materiality. Others try to resist part of the place's dynamics.

These ambiances could seem reassuring if they did not generate anxiety, as well. Body constancy and the senses lay on a distorted basis: that of respect (force one) for the private space (rich), in parallel to the disrespectful behavior adopted in public spaces (dedicated to the poor). The walk seems freer than on the streets, but it is open to violent restrictions and to spontaneous dazzling: the fraction of society linked to the demanded price of corporal conditioning seems to ignore all those who remain outside. The contrast between the two spaces, which are too big for a person's "good rules of conduct" influences the indifference towards the others, but also emphasizes the violence of social relationships.

THE PARADOX OF PASSIFICATION: THE RISK FOR ASEPSIS

These two cases bring complexity to these overall definitions of peaceful city and highlight its paradox.

Victoria and Riopelle squares, in Montreal; and Salvador Mall, in Salvador City are set as "jewelry cases". The strong presence of water and plants, as well as the significant reduction in sensory stimuli level seem to provide pedestrians with additional well-being, and it could take them to unique forms of space appropriation. However, reality seems to be much more complex.

Researchers involved in the field study expressed the sense of feeling as "pieces on a chess-board" in Montreal, but they felt particularly "framed" by the ambiances in Salvador Mall.

In the case of Montreal, the established scenario does not replace the engine in the orthogonal net of spaces, nor its passage-location profile. These two skills actually seem to be determining to trajectories and march on foot pace; they are much more related to the forms of escaping than to those of *flâneries*. The nature of activities they hold – business, in Montreal; commerce, in Salvador Mall – by providing functional mobility and pedestrian paces, seem little encouraging at sensory level. It generates "expected" behavior types: going in

the place on fast pace, raised chest, fix sight on the horizon, ready to speed up in order “not to waste time” – the individual on hurry is the emblematic figure in this type of space.

It is essential creating some sort of surprise and making the scenario dynamic by, sometimes, taking away the logic of its “artialization” or of being “taken by ambiance” in order to, create appropriation, exchange and, perhaps, connection, rather than enchantment or mitigation. Riopelle Square is a well-succeeded bet, in which – different from Victoria Square – the proposed “sensory surprises” (“Joute”, the water mirror and the luminous fountains) make people move and exchange ideas by creating involvement with the water, the mist and colors, not mentioning the plants that call up the senses.

Thermal and sound influence of ambiances on bodies in Salvador Mall – added to the explicit control of behaviors – homogenizes the looks and favors gestural mimicry. Similar to ambiances, lifestyles and the ways to do things are polished and leveled, they become the same everywhere. Although the discovery of these “jewelry cases” could make it easier to experience the other side, one beyond what is already there, in case enchantment was not in question, what could one say about pacification? Artificial, close to asepsis; however, operational, framing: simultaneously ensures sensory stimuli level reduction (sound, thermal and olfactory), makes people calm and provides a moment of pause to the hyperesthesia of the streets.

With respect to these studies, they should be completed by interviews with users and other examples. What to say about this ideology-of-sharing found in the peaceful city, except that, it brings along a great paradox? The lack of conflicts and stress caused by the impossibility of meetings, invisibility of the other, homogenization of looks and behaviors reduced the public nature of our urban spaces, although they advocate for a certain “to be with” and “to do together” (THOMAS, 2018).

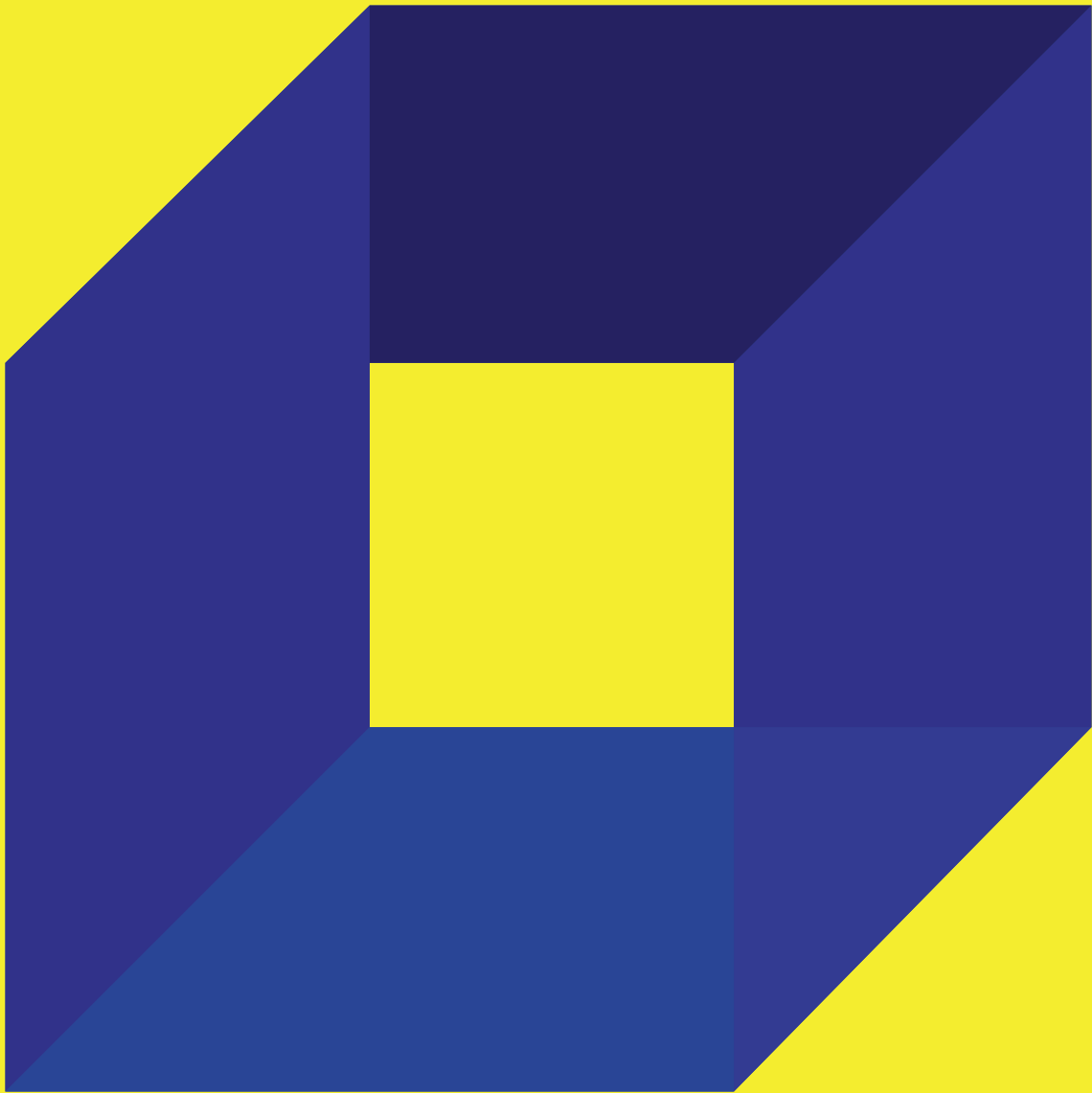
REFERENCES

- AUGOYARD, J. F. *et al.* **L'expérience esthétique ordinaire de l'architecture**: parcours en espace public. Paris: Ministère de la Culture, 2003. (Rapport de recherche Cresson, n. 57).
- AUGOYARD, J. F. Faire une ambiance? *In: ____*. (dir.). **Faire une ambiance**. Bernin: À la Croisée, 2011 p. 17-35.
- BOUTAUD, J. J. Le sensoriel et l'expé-rientiel. Sémiotique, marketing et communication en terrain sensible. *In: BOUTAUD, J. J.; VERON, É.* (dirs.). **Sémiotique ouverte**: itinéraires sémiotiques en communication. Paris: Hermès; Lavoisier, 2007. p. 142-163.
- BÉGOUT, B. **Zéropolis**. Paris: Allia, 2003.
- BENJAMIN, W. **L'oeuvre d'art à l'époque de sa reproduction mécanisée**. Paris: Gallimard, [1935]1991. (Ecrits français).
- BERENSTEIN-JACQUES, P.; JEUDY, H. P. **Corps et décors urbains**. Paris: l'Harmattan, 2006.
- CUNHA A. da; DELABARRE M.; MAEDER, T. L'urbanisme et l'art dans la ville: entre instrumenta-lisation et enchantement. **Vues sur la ville**, Université de Lau-sanne, Observatoire universi-taire de la ville et du développe-ment durable, n. 32, p. 7-10, 2015.
- DUMONT M.; VON DER MÜHLL, D. De la rue à la ville apaisée: l'éclairage comparé des expé-riences péri/suburbaines suisses et françaises. **Flux**, n. 66-67, p. 50-61, 2006.
- GILLOT, G.; BRUYAS F. Enchan-tement, réenchantement du monde. Représentations, mise en scène, pratique et construc-tion des territoires. *In: CONGRÈS DE L'AFEMAM*, 18., 2004, Lyon. **Annales** [...] Lyon: AFEMAM, 2004.
- GUISGAND, P. H. Pollock ou les états de corps du peintre. **DEMéter**, 2004. Disponible em: <http://demeter.revue.univ-lille3.fr/corps/guisgand.pdf>.
- KRACAUER, S. **Rues de Berlin et d'ailleurs**. Paris: Gallimard, [1926]1995.
- LÉVY, J. L. **Entretiens avec David Le Breton**. Déclinaisons du corps. Montréal: Liber de vive voix, 2004.
- NASAR, J. L. Urban design aesthe-tics. **Environment and Behavior**, v. 26, n. 3, 1994. p. 377-401.
- RIVIÈRE D'ARC, H. Le retour et la circulation des énoncés hy-giénistes comme médiateurs du projet urbain: de São Paulo à d'autres métropoles. **Nuevo Mundo**, n. 10, 2010.
- ROUX, M. **Inventer un nouvel art d'habiter**. Le réenchantement de l'espace. Paris: L'Harmattan, 2002.
- SENNETT, R. Espaces pacifiants. *In: JOSEPH, I.* (ed.). **Prendre place**. Espace public et culture dra-matique. Paris: Ed. Recherches, 1995. p. 129-136.
- SIMMEL, G. Les grandes villes et la vie de l'esprit. *In: ____*. **Philo-sophie de la modernité**. Paris: Payot, [1903] 2004. p. 169-200.
- SIMMEL, G. **Rome, Florence, Ve-nise**. Paris: Ed. Allia, [1898]1998
- THOMAS, R. **Une critique sensible de l'urbain**. Architecture, amé-nagement de l'espace. Grenoble: Communauté Université Greno-ble Alpes, 2018. Disponible em: <https://hal.archives-ouvertes.fr/tel-01818999/document>.
- THOMAS, R. Décrire l'arrière-plan corporel de l'expérience urbaine. *In: THIBAUD, J.-P.; DUARTE, C.* (eds.). **Ambiances urbaines en partage**. Pour une écologie so-ciale de la ville sensible. Genève: MétisPress, 2013. p. 227-239.
- THOMAS, R. Rythmes ambiants, rythmes de marche. **Espace-Temps.net**, 2019. Disponible em: <https://www.espacestems.net/articles/rythmes-ambiants-rythmes-de-marche/>.

- THOMAS, R. *et al.* (dir). **L'aseptisation des ambiances piétonnes au XXI^e siècle.** Entre passivité et plasticité des corps en marche. Grenoble: Programme PIRVE CNRS MEEDDM; CRESSON, 2010. (Rapport de recherche, n. 78).
- WINKIN, Y. Le touriste et son double. Éléments pour une anthropologie de l'enchantement. *In*: OSSMAN, S. (dir.). **Miroirs maghrébins:** itinéraires de soi et paysages de rencontre. Paris: CNRS Editions, 1998.
- ZARDINI, M. **Sensations urbaines:** une approche différente de l'urbanisme. Montréal, CCA: Lars Muller Publisher, 2005.

RACHEL THOMAS

Research coordinator (HDR) at the Centre National de la Recherche Scientifique (CNRS) in France and researcher for the CRESSON team at the École Nationale Supérieure d'Architecture de Grenoble (ENSAG) and a member of the International Ambiances Network (ambiances.net). Visiting professor (CNPq) at the Urban Laboratory at the Faculty of Architecture and Urbanism at the Federal University of Bahia - FAU / UFBA (2010).



CORTAR A CIDADE PELO MEIO: AMBIÊNCIAS, TRANSECTOS E PROJETOS

O termo transecto é definido pela geografia como “um dispositivo para observar o terreno ou a representação de um espaço, ao longo de um traçado linear e de acordo com a dimensão vertical, destinado a destacar uma superposição, uma sucessão espacial ou relações entre fenômenos” (ROBIC, 2004). Aplicado ao desenvolvimento de um território, o transecto é uma prática cujos elementos foram propostos no início do século XX, em particular pelo urbanista-botânico Patrick Geddes, na Escócia. Patrick Geddes insistiu no potencial “sinóptico” do corte, ou seja, em sua capacidade de tornar visíveis relatos decorrentes de longos períodos históricos e observáveis no presente, que ligam formas coletivas de vida humana às estruturas da geografia física.¹ O uso dessa projeção gráfica por Geddes também teve como objetivo reunir diferentes perspectivas disciplinares em uma única representação visual. Isso sem dúvida explica por que, a partir dessa época, esboçou-se uma junção entre as convenções gráficas e culturais do corte arquitetônico com as do transecto, praticadas nos campos da geografia humana e das ciências biológicas. A retomada da

1. As primeiras publicações de Patrick Geddes, de suas famosas seções no vale, datam de 1925. Para uma arqueologia dessa ideia, ver Ferretti (2012).

famosa Seção Valley pelo Team 10,² imaginada por Patrick Geddes cinquenta anos antes e por sua vez resultante das obras geográficas de Humboldt, abre a possibilidade de uma hibridização dos dois gêneros a serviço do projeto arquitetônico e urbano que, até o momento, permanece pouco desenvolvido.

Hoje o transecto é revisitado, tanto como técnica de representação quanto prática de campo. Para nós, ele se apresenta como um dispositivo híbrido entre o corte técnico e o trajeto sensível: constrói-se por desenho, foto, medição, texto ou vídeo, na medida em que é praticado *in situ*, pela percepção, pela fala, pela deambulação, em geral pela marcha, e pelas travessias.³ Reabilitando de fato a dimensão atmosférica nas representações urbanas, possibilitando a inclusão de narrativas locais em debates especializados entre disciplinas, o transecto visa ser uma ferramenta para o questionamento e a expressão de espaços sensíveis e práticas vividas.

A compreensão e a análise de um transecto se baseiam no desenvolvimento de um método que prossegue por amostragem, seleção e montagem. Com o objetivo de, em seguida, se tornar um dispositivo projetivo, pode revelar o dispositivo existente a partir de sua repetitividade e suas diferenças. São, então, introduzidos os tópicos que configurariam esse dispositivo existente no futuro, mostrando (tanto quanto sugerindo) os gestos, as experiências e as possíveis transformações, tanto no habitar como nos fluxos (pessoas, atividades, vegetação, ambiência, etc.).

O transecto não é uma ferramenta unidisciplinar, e sim um suporte aberto ao conhecimento e às representações de todas as disciplinas que podem, portanto, estabelecer um diálogo de maneira multipolar. Ele toma da prática de *inventariar* a sua vontade de identificar e coletar situações singulares tanto quanto paradigmáticas. Também adota do *álbum* sua capacidade de comparar coisas e situações. Mas permanece aberto, como o *Atlas Mnémosyne* de Aby Warburg.⁴ Não é preciso um enquadramento formatado ou uma unidade

2. Veja o famoso «O Manifesto de Doorn», de Peter Smithson (1954).

3. Este artigo repete e desenvolve dois artigos de Nicolas Tixier et al. (2016; 2018).

4. O *Atlas Mnémosyne*, de Aby Warburg, consiste em uma grande montagem (plana) de reproduções fotográficas, “substituindo a questão da transmissão pela questão de sua exposição [e, assim, organizando] uma rede de tensões e anacronismos entre imagens”. Por justaposição vertical de painéis sinópticos e

de modos de representação. Pode-se ir de uma escala para outra, de um documento para outro. Pode-se adicionar e subtrair elementos, se necessário. É literalmente um plano de trabalho (uma mesa, uma parede, no meio digital ou físico) que pode ser compartilhado e modificado onde os documentos, ao ser colocados lado a lado a partir de sua relação com um contexto, produzem significado pela linha do corte.

O transecto abre um espaço singular e uma temporalidade não hierárquica, permitindo o surgimento de diferentes projetos ou experiências a ser discutidas e conduzidas. A totalidade, a princípio, não é mais um projeto definido pelo clássico jogo de escalas (leitura do território, definição de *masterplan*, projeto arquitetônico, produção de detalhes); nem se limita à aplicação de uma solução técnica; não é um projeto que seria imposto apenas por seus projetistas, nem que, inversamente, surgiria apenas da prática dos usuários. Trata-se, sobretudo, de um espaço intermediário para o diálogo e a negociação, em que todos os atores do território (do habitante ao projetista, do político ao gestor) podem encontrar o material do projeto em sua escala, dentro de suas áreas de conhecimento e em função de suas práticas. Construir espaços a partir desse encontro (entre disciplinas, entre atores, que consideraremos aqui como tendo sua própria linguagem) nos obriga a fazer perguntas de tradução ou, mais exatamente, de tradutor, como um terceiro entre duas línguas desconhecidas também entre elas, mas um terceiro que não desaparece, que permanece presente. Em nosso trabalho, como as coisas não são traduzidas de um idioma para outro, é necessário criar as condições de leitura e compreensão entre os idiomas e dos modos de representação dos diferentes atores. É preciso criar dispositivos que, como diz Paul Ricoeur (2004), sejam acolhedores de um idioma a outro, que tenham “hospitalidade linguística” e organizem os conteúdos de modo a passá-los, fazendo dialogar com outros conteúdos. Esse papel de terceiro deve ser um desejo, não uma obrigação, como já disse Ricoeur, a fim de trabalhar para “a ampliação da própria linguagem”.

sem a intervenção do registro verbal “O Atlas de Warburg apresenta, em cada placa, uma multiplicidade de imagens, de modo que as comparações se tornam multipolares”. “O Atlas de Warburg multiplica o enquadramento e as escalas.” O atlas a partir de Warburg foi projetado não como um livro, mas como uma mesa de trabalho aberta à leitura, manipulação, novas imagens. “Os atlas criam heterotopias operando por divisões e por conjuntos de domínios geralmente separados um do outro” (MICHAUD, 2012; DIDI-HUBERMAN, 2013).

O transecto surge potencialmente como um poder de enquadramento devido ao não pertencimento às categorias previamente definidas dos elementos mobilizados e às trocas às quais ele se restringe. Pode até parecer uma crítica implícita ao zoneamento urbano e seus regulamentos, possibilitando trazer novamente ao centro das discussões as singularidades locais e as práticas dos habitantes, a fim de trabalhar o futuro das coisas para e com seu meio de maneiras variadas.

UMA ABORDAGEM DO COTIDIANO URBANO ATRAVÉS DAS AMBIÊNCIAS

O interesse teórico do transecto é, em particular, por ele aparecer como um meio de abordar uma representação plural daqueles aspectos que estão no coração de toda situação urbana: a unidade e a singularidade de um lugar, em seu cotidiano, em suas ambiências.

Não há evidências para descrever o que faria do urbano algo banal, parte do cotidiano do habitar, e é ainda mais difícil levá-lo em conta na lógica de um projeto. E, no entanto, prestamos atenção, e às vezes somos até mesmo “agarrados” pela ambiência percebida ao se chegar a determinado lugar: estamos atentos a uma excelente iluminação, a um som particular, a como somos energizados por um espaço público animado ou, ao contrário, tranquilo, a como somos levados à contemplação em um lugar impregnado de calma... Muitas vezes singular e irredutível, a ambiência de um lugar varia de acordo com dia, hora, clima, público e nossas ações. No entanto, apesar dessas variações, ela geralmente possui características que conferem ao lugar uma identidade que nos faz reconhecê-lo.

Diariamente, experimentamos as ambiências tanto quanto somos testados por elas. Enquanto sentimos e compartilhamos essas experiências sensíveis sem dificuldade, paradoxalmente, a noção de ambiência escapa a qualquer definição formal muito rigorosa. Ela reside no singular, como um todo que não se separa, nem diante dos canais sensoriais nem nossas ações de nossas percepções e representações. Mas só sabemos analisá-la dissecando-a de maneira plural, sentido por sentido, tópico por tópico. Assim, quanto mais nosso conhecimento acerca das ambiências se tornar mais preciso em termos de composição e modalidade de constituição – elas são enriquecidas por análises sonora, luminosa, térmi-

ca, tátil... e também espacial e social –, mais correremos o risco de perder o que faz sua unidade, essa relação vivida no lugar, sempre única. “Um singular fugaz, um plural disperso”, resume Jean-François Augoyard (2007).⁵

O TRANSECTO, UM DIALOGO CONTEXTUALIZADO DOS ELEMENTOS APREENDIDOS

Assim, o estudo das ambiências prossegue a partir da verificação cruzada de diferentes dados: tipologia espacial, medidas acústicas, termo-higroaerolíquidos, insolação e iluminação, observação direta de usos, coleta das falas de usuários, habitantes, atores locais, história da construção e condicionantes ambientais etc. Relatar esses dados e cruzá-los de maneira significativa não é tão óbvio: alguns são gráficos, outros são métricos, temporais, textuais, e outros ainda são fotográficos, até mesmo videográficos ou sonoros. E, dentro de cada um de seus registros, existem variedades muito fortes de natureza e *status* dos dados. O transecto aparece como uma das possibilidades de literalmente colocar lado a lado dados de diferentes registros. Esses dados interagem entre si de acordo com suas localizações e distâncias. Entre eles, eles respondem, se complementam, se matizam, se contradizem, ressoam, se ignoram etc. Não estão apenas organizados um em frente ao outro; eles têm, a princípio, um encadeamento muito específico, de estar sempre em relação ao fio do corte, ao traçado do transecto. Trata-se de uma diferença primordial em relação ao atlas de Aby Warburg, que não pressupõe nenhum contexto sobre a mesa de trabalho

5. Para os princípios de debate sobre a definição e a eficácia do conceito de ambiências, nos referimos em ordem cronológica a algumas referências, começando com o número organizado por Luc Adolphe, «Ambiances architecturales et urbaines», in *Les cahiers de la recherche architecturale et urbaine*, n° 42-43, 3e trim. 1998. Marseille, Éditions Parenthèses, depois o trabalho coletivo organizado por Pascal Amphoux, Jean-Paul Thibaud, Grégoire Chelkoff (éds), *Ambiances en débat*, Bernin, Éd. A la Croisée, 2004, depois a obra de Jean-Paul Thibaud *Enquête d'ambiances. Éprouver la ville en passant*, Genève, Éd. MetisPresses, 2015. E, mais recentemente, ainda os trabalhos de Gernot Böhme, Tonino Griffero, Jean-Paul Thibaud, Juhani Pallasmaa, *Architecture and Atmosphere*, Éd. by P. Tidwell, Tapio Wirkkala-Rut Bryk Foundation, Espoo, 2014, Gernot Böhme, *The Aesthetics of Atmospheres*, éd. por Jean-Paul Thibaud, Londres, coll. Ambiances, Atmospheres and Sensory Experiences of Spaces, Routledge, 2016, Tonino Griffero, *Quasi-Things. The Paradigm of Atmospheres*, Albany, Suny Press, 2017.

antes de depositar os elementos. Essa relação entre os dados e a aresta de corte pode ser localizada com muita precisão (por uma associação direta com um local em questão) ou mais globalizada, de acordo com o possível afastamento ao qual se pode proceder para colocar o elemento para cima (o céu) ou para baixo (a terra).

O conjunto dos elementos arranjados gera uma narrativa urbana triplamente aberta, no sentido de que:

- é o leitor de transectos que vai decidir o que lerá e em que ordem o lerá, com o que vai se conectar, o que ele manterá como importante etc.;
- novos dados sempre podem concluir o transecto e, assim, reforçar ou influenciar as histórias e os elementos depositados; e
- o futuro do local não está registrado, mas toma forma entre o perfil do local, os dados e as histórias, iniciando um vínculo entre passado, presente e futuro.

Convém retomar um ponto importante, razão pela qual cada transecto deve ser construído: o objetivo da pesquisa importa tanto quanto a razão de ser de um projeto em potencial. Essa questão inicial guia fortemente, sem que reste dúvida, a linha do transecto e a coleta de dados. Para responder a essas questões, devemos, portanto, mais que “investigar”, interpretar, relacionar e depois projetar, não uma solução, mas uma ou mais possibilidades de evolução com base nas especificidades do contexto, dando a si mesmo liberdade criativa. Como em qualquer pesquisa, apreende-se de um contexto os elementos que funcionarão com o maior número possível de pistas para interpretações e futuras projeções. Tais interpretações e projeções, juntas, formarão narrativas explicando os possíveis resultados futuros de cada situação (TIXIER, 2011, 2013; POUSIN *et al.*, 2014).

Se, portanto, houver uma orientação do tipo de dados coletados no momento da pesquisa, haverá também uma seleção daqueles que manteremos e depositaremos no transecto. Nessa operação, é aconselhável encontrar a quantidade certa do que será selecionado (nem tão pouco, sob pena de ter um transecto pobre em histórias e possíveis desenvolvi-

mentos; nem muito, também, sob pena de não se conseguir fazer visualmente associações entre elementos tomados e seu contexto). O fato de trabalhar com várias (e diferentes disciplinas), tanto na coleta como na constituição do transecto, ajuda não só a direcionar uma seleção do montante, mas a aceitar o que cada um considera pertinente destacar para daí, então, agrupar. O tamanho da mesa de trabalho e a escala escolhida para o transecto interessam muito para essa operação. Uma vez que os elementos foram colocados no transecto, eles podem ser levados à debate e ao ato projetual, disponibilizados a nós (pesquisadores e urbanistas), mas também, e sobretudo, aos atores do espaço.

Assim, a compreensão de uma situação passará por elementos presentes na fala do habitante, por um conjunto de medidas localizadas, pela forma do edifício ou tipo de vegetação, algumas fotos, um elemento que é parte da história etc. Portanto, esse entendimento não é explícito, e sim construído por cada um no momento de leitura do transecto. Ele remete ao nosso próprio conhecimento, tanto de natureza disciplinar quanto experimental. Por sua vez, precisa ser narrado e compartilhado com os outros presentes. A iniciação de um discurso crítico e projetual ocorre naturalmente e, por sua vez, pode ser registrado no transecto, cuja função representacional se torna, portanto, o suporte matricial do projeto.

A EXPLORAÇÃO DO TRANSECTO: A TRANSIÇÃO DA MESA REDONDA PARA A MESA LONGA

O dispositivo da mesa longa⁶ consiste em dispor efetivamente... de uma mesa longa na qual implantamos o trecho urbano trabalhado, incluindo um mínimo de elementos que expressem as questões a ser tratadas de acordo com o projeto em andamento (a fala dos habitantes, a fala dos especialistas, fotografias, os usos ali expressos, dados quantitativos, um recorte ampliado em um ponto específico, elementos que são parte do diagnóstico e dos problemas, esboços de projetos etc.). Trata-se, então, de convocar os atores do lugar em que a questão será tratada e prosseguir para um debate a partir do corte, provocando reações com base no que já está registrado, ou então sobre o que falta, adicionando comentá-

6. Terminologia que propusemos com Pascal Amphoux.

rios, informações ou novas narrativas, ouvindo as discussões que ocorrem em diferentes lugares ao redor da mesa etc.

Essa situação, de colocar em debate tanto as questões quanto os atores, tem a vantagem, pela presença do corte diante dos ali presentes, de manter sempre o contexto no centro das mudanças, conforme a transição para a mesa redonda (necessária para um distanciamento) coloca muitas vezes o debate no nível de uma declaração de posturas ou tomadas de posições que podem se afastar das características do local. Instigar os primeiros comentários é em si um trabalho de animador, de escuta e de debate dos atores entre eles mesmos e com a coletividade ali presente. Três propriedades utilizadas em um diagnóstico prospectivo são possíveis com esse tipo de método: um dispositivo gerador de fala, um dispositivo coletor de notas, e um dispositivo que revela realidades vividas. A multiplicidade de experiências conduzidas em diferentes contextos rapidamente permitiu identificar também alguns princípios que contribuem para uma melhor eficácia do dispositivo:

- Após as primeiras mesas longas produzidas, tornou-se imprescindível ter elementos de “descrições densas” (thick description, cf. GEERTZ, 1973), não buscando muito imediatamente uma síntese que impeça entrar na densidade da situação (por uma representação que seria muito técnica) e das vivências (por narrativas que seriam muito simplificadas).
- Posicionar ao longo do transecto um conjunto de dados que se olham (“duas imagens já formam uma história”, costuma dizer Jean-Luc Godard), e que, devido ao dispositivo gráfico, têm uma adesão no contexto, o que permite que cada elemento seja mantido em seu próprio modo de enunciação (um texto permanece um texto, uma imagem uma imagem, uma medida uma medida etc.). Diante disso, acabamos por nos afastar fortemente da lógica das camadas temáticas sobrepostas, específicas dos sistemas de informação geográfica, que geralmente exigem codificações (cores, hachuras, valores, marcadores etc.).

- Para que eles sejam aplicados da melhor maneira possível, os dois pontos anteriores precisam passar o mínimo possível por códigos que necessitem de legenda para ser interpretados. Se um dado requer uma legenda para a sua contextualização ou especificação, ele se torna mais claro quando indicado no dispositivo do transecto sob os próprios dados, simplesmente como informação.

A análise que surge ao decorrer da mesa longa é refinada com trocas entre os atores presentes. Ela resulta do consenso ou, pelo contrário, expressa fortes controvérsias locais, muitas vezes incidindo nos esboços de projetos em todas as escalas (desde a intervenção dos moradores até a orientação urbana) com o objetivo de consolidar ou mudar a situação (construída, social, assim como sensível). Uma maneira plural de colocar a vida cotidiana em debate e em projeto.

TRANSECTO E PROJETO(S)

Se o transecto permite a passagem para o projeto nos diferentes momentos de sua construção ou nos momentos em que serve como mediação entre os atores, é possível construir projetos como transectos?

Do ponto de vista formal, todo projeto de criação ou renovação de uma linha que atravessa uma existente pode ser visto como um transecto. Mas é a capacidade de um transecto de ler um contexto cruzado e reproduzir uma alteração recíproca que define sua força. Assim, projetos que tomam uma antiga ferrovia como a High Line em Nova York (inaugurada em 2009) ou como a Promenade Plantée em Paris realizada vinte anos antes (inaugurada em 1988) são exemplos conhecidos e declarados de dispositivos construídos que literalmente funcionam como transectos. Porém, no meio físico essas linhas e esses cortes às vezes assumem outros aspectos mais comuns, mas não menos poderosos na prática e na percepção da cidade por elas possibilitadas, pelas densidades espaciais, sociais e históricas que nos fazem sentir. Após as passagens do século XIX, apreciadas por Walter Benjamin e Charles Baudelaire (para quem todo transeunte é um *flâneur*), as linhas “transectas”

seriam as passagens do século XXI (onde todo transeunte é um operador sem câmera) (cf. PACI; BONNARD, 2014)?

Há também, com um aspecto mais simbólico, projetos que, por sua construção acadêmica, se assemelham a projetos transversais. Um exemplo desse tipo de projeto recente particularmente estimulante para nós é o The Newtown Creek Nature Walk, em Greenpoint, no Brooklyn. Ele foi realizado em 2007 pelo artista George Trakas e pelo paisagista Quennell Rothschild & Partners. Na nossa ótica, é um projeto que manifesta o que poderíamos chamar de “transecto”. Em sua apresentação, ele é descrito da seguinte maneira: “É uma passarela linear à beira-mar e um jardim de entrada no ponto de acesso da rua. Foi projetado para evocar as ricas e contínuas histórias ambientais, industriais e culturais em torno de Newtown Creek”. Longe de ser apenas um lugar para o corpo e as sensações – como Catherine Grout (2012) mostrou muito bem em um dos raros estudos realizados sobre esse projeto –, nós o vemos como um fio a partir do qual tudo pode se implantar: história, geografia e sociedade. É possível identificar, a partir desse projeto concreto e instigante em seu contexto, ferramentas e conceitos como corte, pistas, estrato, atlas, miniatura urbana, *taskape* etc. Tanto que esse projeto aparece para nós como paradigmático de um projeto de transecto na escala de um espaço público.

Mas é, acima de tudo, do ponto de vista estrutural, de como apreender um território, que o transecto estabelece seus potenciais, revelando espaços únicos e temporalidades não hierárquicas para todo um conjunto de projetos. O todo não é mais principalmente um projeto definido pelo clássico jogo de escalas, nem um projeto que se impõe apenas por projetistas ou, inversamente, que surge da prática dos usuários. Trata-se, sobretudo, de um espaço de negociação, onde todos os atores no território podem encontrar material do projeto em sua própria escala e em função de suas práticas.

O USO DO TRANSECTO

Como proceder quando consideramos esses elementos como pistas? Primeiro, há associações entre dados e, em seguida, comparação entre situações. É claro que há dedução e indução quando se procura generalizar, traçar regras ou verificar consequências; mas são

sempre os contextos singulares que rapidamente resistem a qualquer regra explicativa. Cada local é uma composição única que deve ser entendida em seus arranjos espaciais. Assim, a abdução, que aqui consiste mais na formulação de hipóteses das narrativas que integram as pistas, é frequentemente realizada em torno da mesa longa pela criação de um novo elo entre dois elementos que não estavam conectados, pela introdução de novos elementos por parte dos atores presentes, pela implementação de um novo arranjo relacionado a uma lógica que se aplica a elementos de outra natureza (analogia), mas também pela introdução de uma novidade que catalisa uma situação e anula as primeiras interpretações. A mesa longa é um momento fértil e abducente para a enunciação de narrativas: para experimentar, antes de tudo, a própria narrativa do lugar em termos do que está literalmente colocado sobre a mesa e depois implementar, alterar ou reforçar sua narrativa, para, em seguida, por sua enunciação a outros, testar sua validade. *A interpretação de uma situação sempre envolve um esboço de seu futuro.* O ineditismo de uma narrativa ou proposição vem antes do estabelecimento de novas relações entre elementos que já existem, de modo a tecer relações entre elementos que seriam compostos de uma maneira original com a singularidade de cada lugar. Em outras palavras, a inovação não está mais unicamente no campo da novidade, seja técnica ou estética, mas alojada na hibridação sempre singular de diferentes desafios específicos de cada situação existente, tratando-se, antes de tudo, de trazer à tona (AMPHOUX, 2009, p. 22-23).

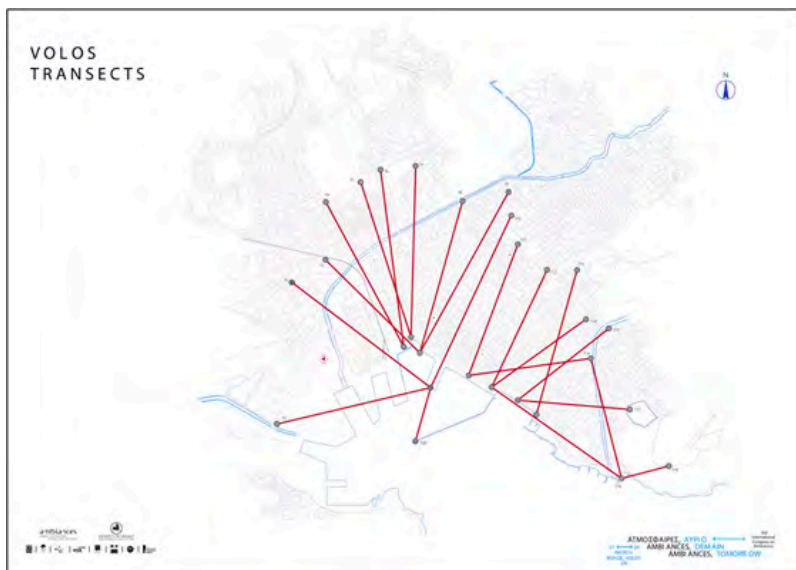
Repousa-se sobre a ideia – pragmatista – de que toda situação urbana consiste de uma “coisa pública”, que é uma construção permanente. Uma vez que os elementos foram colocados no transecto, eles podem, portanto, atuar como pistas para desenvolver as possibilidades para o futuro ou contar uma história do passado, um significado para o presente. Dessa maneira, nos parece que todo o trabalho sobre o futuro de um lugar que deseja construir com base no conhecimento do existente passa por uma fase de abdução. As pistas relevantes para manifestar uma situação muitas vezes abrem, portanto, um conjunto de possibilidades, e ajudam a atrair o público, como diria Dewey. Constrói-se então uma validade local sobre a qual um coletivo de atores ou mesmo uma política pública, mesmo de cima para baixo, deve poder contar.

1. Transectos em Volos, Grécia (2016).

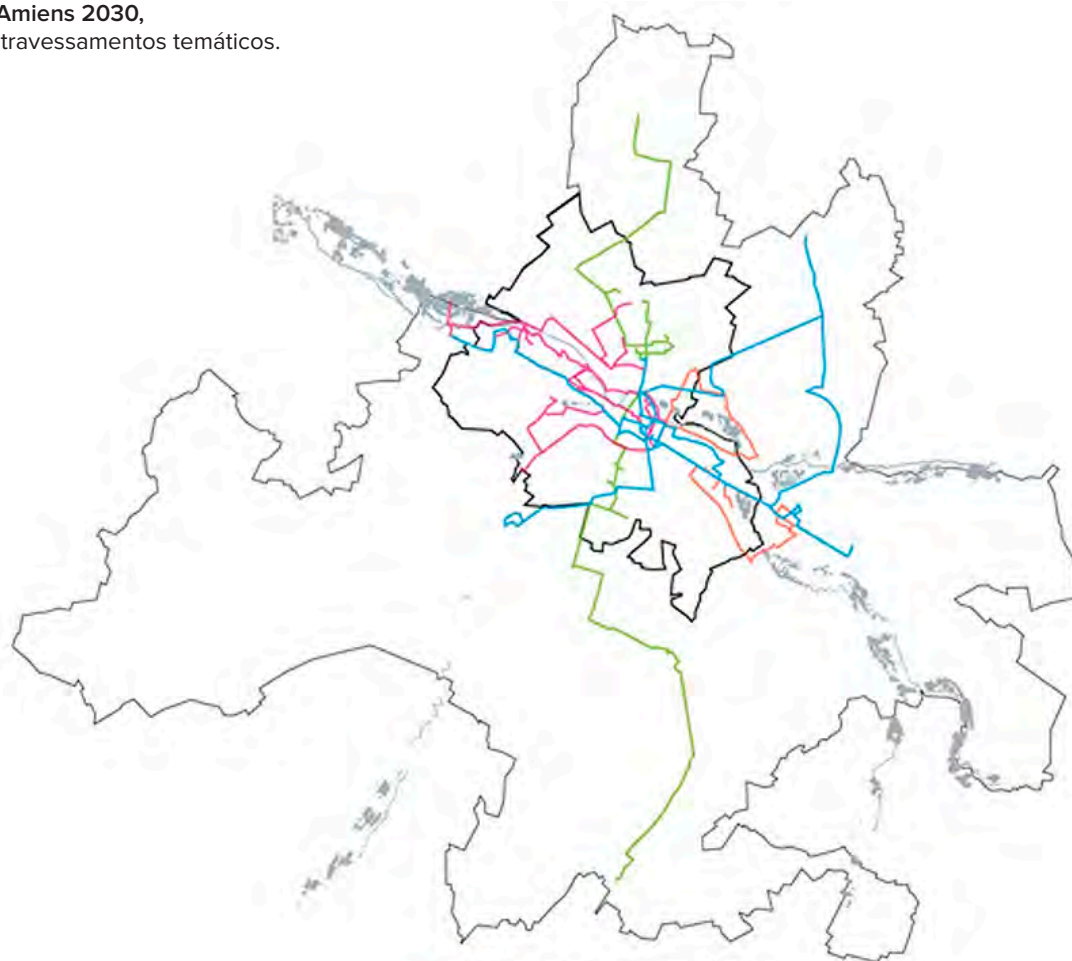
O resultado está disponível em: <http://ambiances2016.arch.uth.gr/en/program/volos-transects>

2. Transecto no parque Vacaresti, em Bucareste, Romênia.

Fonte: Workshop de estudantes de Design & Espaço da Escola Superior de Arte Ancecy Alpes, 2017.



3. Amiens 2030, 5 atravessamentos temáticos.



Repérage des traversées réalisées lors de la phase 1

- **au fil de l'eau** : territoire liquide
- **d'un mode à l'autre** : territoire de parcours, territoire de réseaux
- **d'un site à l'autre** : territoire de patrimoines ordinaires
- **transect Nord / Sud** : territoires de savoirs, de productions et de cultures
- **d'un clic à l'autre** : territoire numérique des représentations amiénoises

4. GWL – Grande Workshop de Licenciatura - Seis transectos – na Escola Nacional Superior de Arquitetura Paris La Villette, Plaine Saint-Denis 2014.

Um vídeo relata todo este workshop em: <https://vimeo.com/107319872>

5. GWL – Grande Workshop de Licenciatura – Mesa Longa – na Escola Nacional Superior de Arquitetura Paris La Villette, Plaine Saint-Denis 2014.





6. D-Transecto. O Vale do Huveaune e os projetos de infraestrutura em curso.

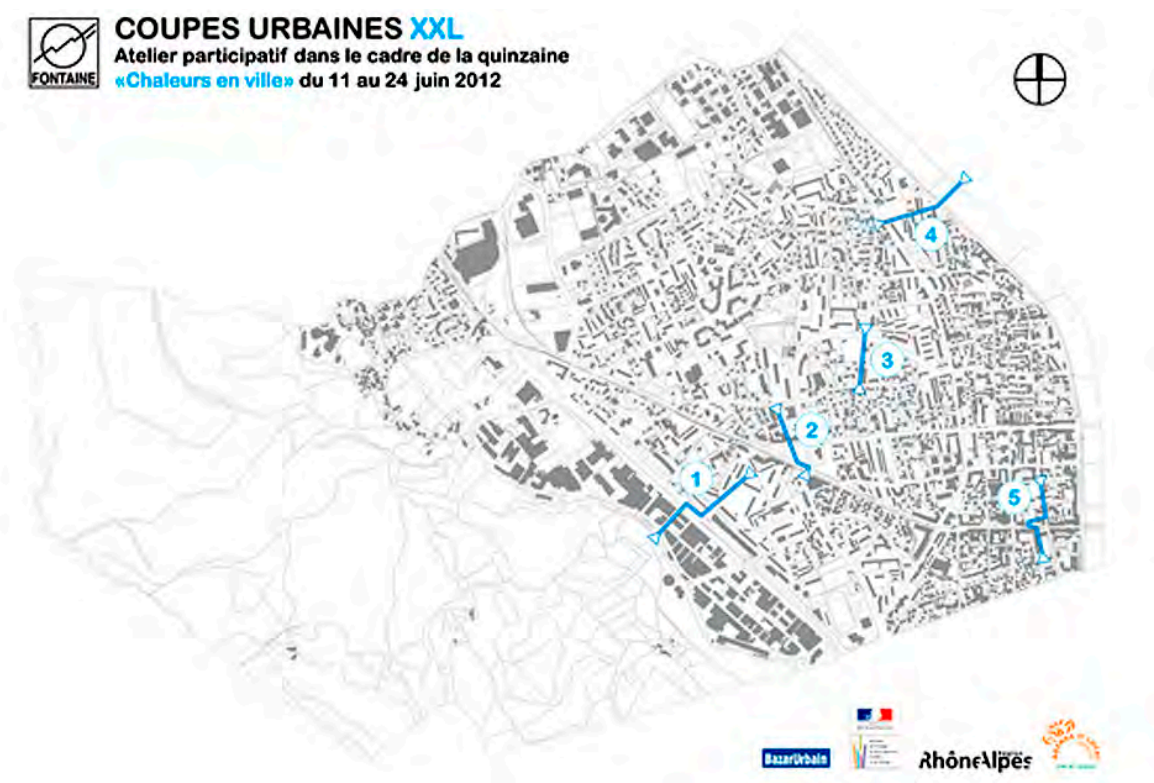
7. D-Transecto. Trabalho colaborativo presencial contando com sociólogos, etnobotânicos, paisagistas, planejadores urbanos, arquitetos na seção transversal do transecto do vale do Huveaune.





COUPES URBAINES XXL

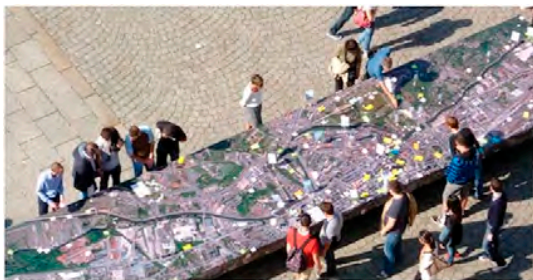
Atelier participatif dans le cadre de la quinzaine
«Chaleurs en ville» du 11 au 24 juin 2012



8. Seção de cortes apresentados no âmbito do projeto: “Chaleurs urbaines”, BazarUrbain, na cidade de Fontaine, junho de 2012.

9. Atelier-cidadão no âmbito do projeto: “Chaleurs urbaines”, BazarUrbain, na cidade de Fontaine, junho de 2012.



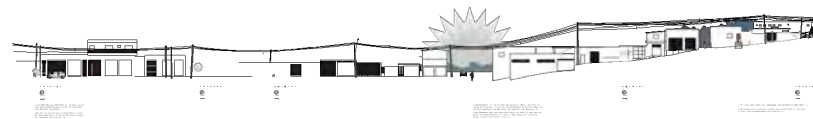
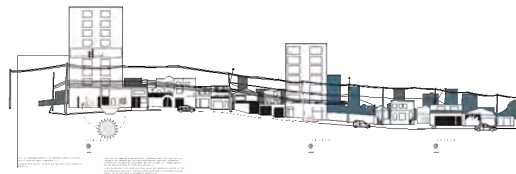
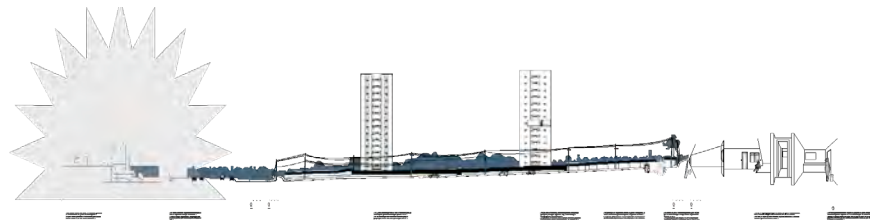
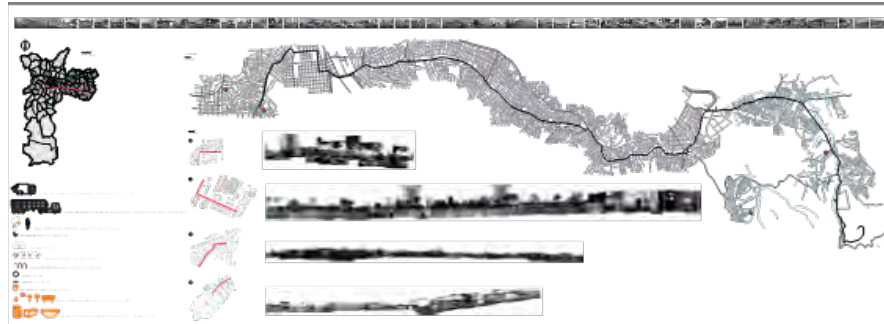


10. AMIENS 2030,
projeto metropolitano
Mapa de ANGERS ,
eventos em NANTES,
GRENOBLE, PARIS,
SANTIAGO DO CHILE,
ateliers pedagógicos
SÃO PAULO, pesquisa
de Pascal Amphoux,
Nicolas Tixier e colabo-
radores.

11. Transectos e levantamentos fotográficos para a montagem dos cortes.

São Paulo, por Damien Masson & Laure Brayer, 2009.

12. Cortes-narrativas sobre as situações escolhidas e que foram objeto de enquetes. São Paulo, por Damien Masson & Laure Brayer, 2009.



REFERÊNCIAS

- AMPHOUX, P. L'innovation architecturale n'est pas toujours là où on l'attend. **Culture & recherche**, n. 121, p. 22-23, 2009.
- AUGOYARD, J.-F. Ambiance(s): dossier L'espace anthropologique. **Les cahiers de la recherche architecturale et urbaine**, Paris, n. 20-21, p. 33-37, 2007.
- DIDI-HUBERMAN, G. **L'album de l'art à l'époque du musée imaginaire**. Paris: Hazan; Musée du Louvre, 2013. 208p.
- FERRETTI, F. Aux origines de l'aménagement régional: le schéma de la Valley Section de Patrick Geddes (1925). **M@ppemonde**, n. 108, 2012. Disponível em: <http://mappemonde.mgm.fr/num36/articles/art12405.html>.
- GEDDES, P. The valley in the town. **The Survey**, n. 54, 1925a.
- GEDDES, P. The valley plan of civilization. **The Survey**, n. 54, 1925b.
- GEERTZ, G. **The interpretation of cultures**. New York: Basic Books, 1973. 480p.
- GROUT, C. Paysage et art contemporain (Erwin Straus et George Trakas) », in revue en ligne **DEMéter**, 2012.
- MICHAUD, P.-A. **Aby Warburg et l'image en mouvement**. Paris: Macula, 2012. 298p.
- PACI, V.; BONNARD, M. Le flâneur de la high line de New York: un opérateur sans caméra et une vue urbaine sans film. **Annales de géographie**, n. 695-696, 2014.
- POUSIN, F. *et al.* **D'TRANSECT. Les délaissés des traversées de la vallée de l'Huveaune: dispersion des espèces, pratiques vernaculaires, médiations paysagères**. Programme de recherche ITTECOP, Ministère de l'écologie, collaboration LAREP, CRESSON, LPED, COLOCO, BazarUrbain, 2012-2014, Relatório de pesquisa. Disponível em: <http://dtransect.jeb-project.net>.
- RICCEUR, P. **Sur la traduction**. Paris: Éd. Bayard, 2004.
- ROBIC, M.-C. Coupe (transect). **Hypergééo**, 10 maio 2004. Disponível em: www.hypergeo.eu/spip.php?article60#.
- THIBAUD, J.-P. **En quête d'ambiances**. Éprouver la ville en passant. Genève: Éd. Metis Presses, 2015.
- TIXIER, N. *et al.* **Amiens 2030**. Le quotidien en projets. Grenoble: Éd. Bazar Urbain, 2013. 488p.
- TIXIER, N. *et al.* L'ambiance est dans l'air. **La dimension atmosphérique des ambiances architecturales et urbaines dans les approches environnementalistes**. Relatório de pesquisa PIRVE (CNRS & PUCA), Grenoble, CRESSON, 2011.
- TIXIER, N. *et al.* Le transect: un opérateur abductif. In: CLOT-
- GOUDARD, R.; HUYS, V.; VERNANT, D. (dir.). **Abduction. Recherches sur la philosophie et le langage**, Paris, n. 34, 2018.
- TIXIER, N. *et al.* Le transect urbain. Pour une écriture corrélée des ambiances et de l'environnement. In: BARLES, S.; BLANC, N. (dir.). **Écologies urbaines**. Sur le terrain. Paris: Éd. Economica-Anthropos; PIR Ville et Environnement, 2016. p. 130-148.

NICOLAS TIXIER

Graduado em Arquitetura, docente na École Nationale Supérieure d'Architecture de Grenoble – ENSAG, na École Supérieure d'Art Annecy Alpes (ESAAA) e no Institut d'Urbanisme et de Géographie Alpine (IUGA). Pesquisador do CRESSON e membro da Rede Internacional Ambiances (ambiances.net). Membro fundador do BazarUrbain collective (ganhador do prêmio “Young French Urban Designers Award” in 2007). Responsável pelas pesquisas no “Bureau de la recherche architecturale, urbaine et paysagère” au Ministère de la Culture et de la Communication de 2003 a 2010. Presidente da Cinemateca de Grenoble desde 2009. Diretor do CRESSON e diretor adjunto do Centro “Ambiances, architectures, urbanités” (UMR) desde 2018.



CUTTING THE CITY IN HALF: AMBIANCES, TRANSECTS AND PROJECTS

The term ‘transect’ is defined by geography as “a field observation device - or the “representation” of a given space, along a linear path, based on the vertical dimension - aimed at highlighting superpositions, spatial successions or associations between phenomena” (RO-BIC, 2004). Transect elements were suggested at the early 20th century, mainly by Scottish urban-botanist Patrick Geddes, to develop a given territory. Patrick Geddes insisted on the section’s “synoptic” potential, i.e., on its ability to give visibility to reports arising from long historical periods that can still be observed in present days and link collective forms of human life to physical geography structures.¹ Geddes used this graphic projection to bringing together different disciplinary perspectives in a single visual representation and it certainly explains why, from that time on, the merge of graphic and cultural conventions of architectural sections to those of transect was outlined. These sections were practiced in the human geography and biological sciences fields. The resumption of the famous Valley Section by Team 10² brought back the famous Valley Section envisioned by Patrick

1. Patrick Geddes’ first publications, his famous valley sections, date back to 1925. For an archeology of this idea, see Ferretti (2012).

2. See the famous “Doorn Manifesto”, by Peter Smithson (1954).

Geddes fifty years earlier. The Valley Section resulted from geographic works by Humboldt and opened room for the hybridization of the two genres available for architectural and urban design, since they remained undeveloped until then..

Nowadays, the transect is often revisited as representation technique and field practice. According to the present authors, it is a hybrid device between technical section and sensitive path built through drawings, photos, measurements, texts or videos, since it is applied *in situ*, as well as through perceptions, speeches, wanderings and, overall, walks and crossings.⁵ The transect aims at being a tool to question and express sensitive spaces and experienced practices by rehabilitating the ambiance dimension in urban representations and by enabling the inclusion of local narratives in specialized debates between disciplines.

Transect understanding and analysis processes follow the development of a method based on sampling, selection and assembly procedures that can become a projective device supported by its repeatability and differences from other devices. Topics further featuring this device are introduced next in the text. They show (as well as suggest) the gestures, experiences and likely transformations in the act of living and flow of people, activities, vegetation, ambiance, among others.

Transect is not a unidisciplinary tool, it is an open support to knowledge and representations of all disciplines that likely dialogue in a multipolar way. Its ability to identify and collect unique and paradigmatic situations lies on practicing *inventorying*, and to compare things and situations is associated with the concept of *album*. However, transect remains open like Aby Warburg's *Atlas Mnémosyne*.⁴ There is no need of having a format-

3. This article repeats and develops two articles by Nicolas Tixier *et al.* (2016; 2018).

4. The *Atlas Mnémosyne* by Aby Warburg is a large (flat) montage of photographic reproductions capable of “replacing the transmission issue with the matter of its exposure [thus, organizing] a network of tensions and anachronisms between images”. Based on the vertical juxtaposition of synoptic panels, and without the intervention of the verbal register, “the Warburg’s Atlas presents, on each plate, a multiplicity of images, so that the comparisons become multipolar”. “Warburg’s Atlas multiplies the framework and the scales”. The atlas based on Warburg was not designed as a book, but as a worktable open to the reading and manipulation of new images. “Atlases are capable of creating heterotopias by operating across divisions and sets of domains that are often separate from one another” (MICHAUD, 2012; DI-DI-HUBERMAN, 2013).

ted framework or a unit of representation modes. It is possible going from one scale to another, from one document to another, as well as adding to and removing elements from the transect, whenever necessary. Transect is literally a work plan (a table, a wall, in the digital or physical environment) that can be shared and changed, because when documents placed side by side, based on their association with a given context, produce meanings along the section line.

The transect enables unique space and non-hierarchical temporality, since it boosts different projects or experiences to be discussed and conducted. At first, totality is no longer a project defined by the classic game of scales (territory reading, masterplan definition, architectural design, and details' production) or limited to applying technical solutions. It is not a project imposed by its designers or only arising from users' practice, but above all, an intermediate space for dialogue and negotiation where all actors in the territory (from residents to designers, from politicians to managers) can find project materials that fit their scale, expertise and practices. Building spaces based on this conjunction (between disciplines and actors who having their own language) requires having translation-related or, more precisely, translators' questions, as the third party between two unknown languages that do not understand one another; this third party does not disappear, it remains present. It is necessary creating conditions to read and understand different languages and representation modes adopted by different actors since things are not translated from one language into another in our work field. According to Paul Ricœur (2004), it is necessary creating devices capable of welcoming any language, of showing "linguistic hospitality" and of organizing contents in order to pass them on and to make them dialogue with other contents. As Ricœur has already said, this third-party role should be a wish, rather than an obligation to help "improving one's own language".

The transect emerges as a framing power because it does not belong to the previously defined categories of mobilized elements and is limited to some exchanges. It may even seem like an implicit criticism towards urban zoning and regulations to bringing local singularities and residents' practices back to the very core of discussions, as well as to act on things in the future for and with their environment, in different ways.

APPROACHING URBAN DAILY LIFE BASED ON AMBIANCES

The theoretical interest on transect is mainly explained by its use as means to approach a plural representation of aspects observed at the heart of any urban situation, namely: unity and uniqueness of a given place, its daily life and ambiances.

There is no evidence describing what would make the urban aspect something banal, part of the daily routine of dwelling. It is even harder to be taken into account at the logic of a project. And yet, we pay attention to, and sometimes are “caught” by, the perceived ambiance at the time we get to a certain place. We are attentive to excellent lighting, to a particular sound, to how we are energized by a lively public space or, otherwise, calmed by it, to how we are led to contemplation in a place steeped in calm... Ambiance in a given place, often singular and irreducible, can change depending on the day, time, and climate, public and on our actions. However, despite these variations, it often presents features that give places an identity that enables acknowledging them.

We experience and are tested by ambiances on a daily basis. Although we can easily feel and share our sensitive experiences, paradoxically, the concept of ambiance escapes any significantly-strict formal definition. It lies on what is singular, it is a whole whose parts do not separate from one another before our sensory channels, actions, perceptions and representations. However, we only analyze it by dissecting it in a plural way, feeling by feeling, topic by topic. Thus, the more accurate our knowledge about ambiances' composition and constitution the more we risk losing what makes its unit and unique relationship with the place. Ambiances are enriched by sound, light, thermal, tactile, as well as by spatial and social analysis. “A fleeting singular, a dispersed plural”, according to Jean-François Augoyard (2007).⁵

5. With respect to the principles of debate about the definition and effectiveness of the concept of ambiances, we herein refer to some references in chronological order, starting with the number organized by Luc Adolphe, “*Ambiances architecturales et urbaines*”, in *Les cahiers de la recherche architecturale et urbaine*, N. 42-43, 3rd trim. 1998. Marseille, Éditions Parenthèses; then, the collective work organized by Pascal Amphoux, Jean-Paul Thibaud, Grégoire Chelkoff (eds), *Ambiances en débat*, Bernin, ed. A la Croisée, 2004 ; the work by Jean-Paul Thibaud *Enquête d'ambiances. Éprouver la ville en passant*, Genève, Éd. MetisPresses, 2015. And, most recently, studies by Gernot Böhme, Tonino Griffero, Jean-Paul

TRANSECT, THE CONTEXTUALIZED DIALOGUE OF SEIZED ELEMENTS

Studies about ambiances are based on cross-checking different data such as spatial typology; acoustic measurements; aero-hygro-thermal fluids; sunlight and lighting; direct observation over methods of use; collection of statements by users, residents and local actors; history of construction and environmental conditions, among others. Reporting these data and crossing them in a meaningful way is not so obvious, some data are graphical, whereas others are metric, temporal, textual, photographic, or even video- or sound-based. Each recording presents significant variations in data's nature and status. The transect is one more possibility to literally putt data from different recordings side by side. These data interact with each other, based on their locations and distances. They respond to, complete, blend to, contradict, resonate and ignore each other, among others. They are not just organized in front of each other, but represent extremely specific thread, since they always comply the cutting edge, the transect layout. It is completely different from Aby Warburg's atlas, which does not assume any worktable context before element deposition. The association between data and cutting edge can quite accurate (through direct association with a given location) or globalized if one takes into account the likely distance one can cover in order to place the element upwards (the sky) or downwards (the ground).

The set of arranged elements generates the triple-open urban narrative, in the sense that:

- transect reader is the one who decides what he/she is going to read and in what order he/she is going to do it, what he/she is going to connect with, what he/she is going to keep as important, among others;

Thibaud, Juhani Pallasmaa, *Architecture and Atmosphere*, ed., by P. Tidwell, Tapio Wirkkala-Rut Bryk Foundation, Espoo, 2014; by Gernot Böhme, *The Aesthetics of Atmospheres*, ed. by Jean-Paul Thibaud, London, coll. Ambiances, Atmospheres and Sensory Experiences of Spaces, Routledge, 2016; and by Tonino Griffero, *Quasi-Things. The Paradigm of Atmospheres*, Albany, Suny Press, 2017.

- new data can always complete the transect; thus, they can reinforce or influence stories and deposited elements; and
- the future of places is not registered, but it takes shape among their profile, data and stories, as well as link past, present and future.

It is important going back to the reason why each transect must be built, in other words, the aim of a research matters just as much as the *raison d'être* of a potential project. No doubt, this initial issue strongly guides the transect line and data collection; therefore, we must do more than just “investigate”, interpret, associate and design one, or more, evolution possibilities, but a solution based on context specificities through creative freedom. Context gives the elements to work with the largest number of clues possible for interpretations and future projections. Such interpretations and projections, all together, form narratives to explain likely outcomes of each situation (TIXIER, 2011, 2013; POUSIN *et al.*, 2014).

Data selected to be kept and deposited in the transect follow likely orientation about data type to be collected at research implementation time. The right amount of data to be selected in this operation must be found; it cannot be so little to the point of leading to poor transect in stories and likely developments, nor too large to the point of hindering visual associations between the taken elements and their context. Working with several and different disciplines, both in data collection and transect construction processes, not only helps guiding data amount selection, but also accepting what each person wants to highlight and, consequently, to group. Worktable size and the scale selected for transect play an important role in this operation. Once elements are placed on the transect, they can be brought to the debate and design process, as well as be made available to researchers, urban planners and, above all, to local actors.

Understanding a given situation demands elements found in residents' speech, a set of localized measurements, building or vegetation shape, photos, an element belonging to the story, among others. Such an understanding is not explicit; it is built by each person at transect-reading time. It refers to our own disciplinary or experimental knowledge. It needs to be narrated and shared with others. Implementing a critical and designed dis-

course takes place naturally and it can be recorded in the transect, whose representational function is the matrix supporting the project.

TRANSECT EXPLOITATION: TRANSITIONING FROM THE ROUND TO THE LONG TABLE

The long table ⁶ device consists in effectively having “a long table” where the worked urban section is implemented. It includes a minimum number of elements to express issues to be addressed, based on the on-going project, on residents and experts’ speech, photographs, uses expressed therein, quantitative data, an enlarged section at a specific point, elements of diagnosis and problems, project sketches, among others. Based on the aforementioned section, actors living in where the issue will be addressed must be summoned to participate in the debate in order to trigger reactions depending on what is registered or still missing, as well as to add comments, information or new narratives resulting from parallel discussions around the table, among others.

Putting issues and actors to debate keeps the context at the core of changes given since the section is put in front of participants. The transition to the round table often takes the debate to opinions or positions that may deviate from the features of the place. Triggering the first comments is in itself a moderator-like task, since it is necessary listening and encouraging actors to debate among themselves and with attendees participating in the process. Speech-generating device, notation-collection device and a device to reveal experienced realities are the three properties of prospective diagnosis applicable for this method. Multiple experiments conducted in different contexts identified some principles contributing to improve device efficiency:

- It was essential having “thick description” elements (cf. GEERTZ, 1973) after the first long tables were held, although we were not initially looking for a synthesis to stop us from analyzing situation (through

6. Terminology that we have proposed along with Pascal Amphoux.

a highly-technical representation) and experience density (through significantly-simplified narratives).

- Positioning a set of data “looking at each other” (“two images can form a story”, as Jean-Luc Godard used to say) along the transect and adhering them to the context due to the graphic device - which enables maintaining each element in its own enunciation mode (a text remains a text, an image remains an image, a measure remains a measure, among others). Consequently, we ended up significantly straying away from the logic of overlapping thematic layers specific to geographic information systems that, in their turn, overall require codifications such as colors, hatches, values, markers, among others.
- The previous two points must be subjected to little encoding based on captions to be interpreted. If a given datum requires caption to be contextualized or specified, it becomes clearer when it is simply indicated as information in the transect device under the data.

Analyses taking place during the long table are refined through exchanges among actors participating in it. This process results from consensus or expresses strong local controversies, and often focuses project sketches at all scales (from residents’ intervention to urban orientation) to consolidate or change the built, social or sensory situation. It is a plural way of putting everyday life into debate and projects.

TRANSECT AND PROJECT(S)

If the transect enables transiting to project at different times of its construction or when it works as mediation between actors, is it possible building projects as transects?

From the formal viewpoint, any project focusing the creation or renewal of a line crossing an existing line can be a transect. However, the ability of transects to read a crossed con-

text and reproduce a reciprocal change is what defines their strength. Projects comprising an old railroad, such as the High Line in New York (launched in 2009), or the *Promenade Plantée* in Paris (launched twenty years earlier, in 1988), are well-known and consolidated examples of built devices that literally work as transects. However, these lines and sections in the physical environment sometimes take on more common aspects in the practice of, and perception about, the city enabled by them. However, these lines and sections are not lesser powerful due to spatial, social and historical densities that trigger certain feeling in individuals. Passageways were created in 19th century and were appreciated by Walter Benjamin and Charles Baudelaire, according to whom, every passerby is a *flâneur*; therefore, would the “transect” lines be the passageways of the 21st century, where every passerby is an operator without a camera? (cf. PACI; BONNARD, 2014)?

Some projects present more symbolic aspects resembling transversal projects due to their academic construction. The Newtown Creek Nature Walk, in Greenpoint, Brooklyn was launched in 2007 by artist George Trakas and landscaper Quenell Rothschild & Partners, and is an interesting example of such recent projects particularly exciting to us. From our viewpoint, this project expresses what we could call “transect”, “It is a linear walkway by the sea and an entrance garden at the access point of the street. It was designed to evoke the rich and continuous environmental, industrial and cultural stories surrounding Newtown Creek”. Far from being just a place for the body and sensations - as Catherine Grout (2012) has shown very well in one of the rare studies carried out about this project -, we see it as a thread from which everything can be implanted: history, geography and society. Based on this solid and thought-provoking project, it is possible identifying tools and concepts such as section, tracks, stratum, atlas, urban miniature, among others. It is so, to the point that this project appears as the paradigm of a transect project at public space scale.

From the structural viewpoint of how to understand a given territory, transect consolidates its potential by revealing unique spaces and non-hierarchical temporalities for a whole set of projects. The whole is no longer a project defined by the classic game of scales, or a project that is only imposed by its designers or that arises from users' prac-

tice. It is, above all, a space for negotiation, where all actors in the territory can find project materials in compliance with their own scale practices.

TRANSECT USING

How do we proceed when we consider these elements as clues? First, we associate data and, then, we compare situations. Clearly, there is deduction and induction whenever one tries to generalize, establish rules or check consequences; but unique contexts are always the ones that quickly resist any explanatory rule. Each place is a unique composition that must be understood based on its spatial arrangements. Thus, abduction - which is herein understood as hypothesis formulation into narratives integrating the clues - is often carried out around the long table. It is done by developing new links between two elements not previously connected, by introducing new elements by actors participating in the long table, by implementing new arrangements associated with a logic applied to elements of other nature (analogy), but also by introducing novelty to catalyze a given situation and overrule previous interpretations. The long table is a fertile and abductive time to enunciate narratives, to experience the very narrative of the place in terms of what is literally placed on the table and, then, to implement, change or reinforce such a narrative to test its validity by announcing it to others. *Interpreting a given situation always requires outlining its future.* The novelty of a given narrative or proposition comes before the establishment of new relationships between existing elements to set relationships between originally composed elements, based on the singularity of each place. In other words, innovation no longer lies just on the novelty field, neither it is technical nor aesthetic; it lies on the always unique hybridization of different challenges specific to each existing situation. It is, above all, a matter of bringing things up (AMPHOUX, 2009, p. 22-23).

It rests on the pragmatic idea that every urban situation is a “public thing”, that it is a permanent construction. Once elements are placed in the transect, they can work as clues to develop possibilities for the future or to tell a story about the past, to give meaning to the present. Thus, assumingly, based on knowledge about what already exists,

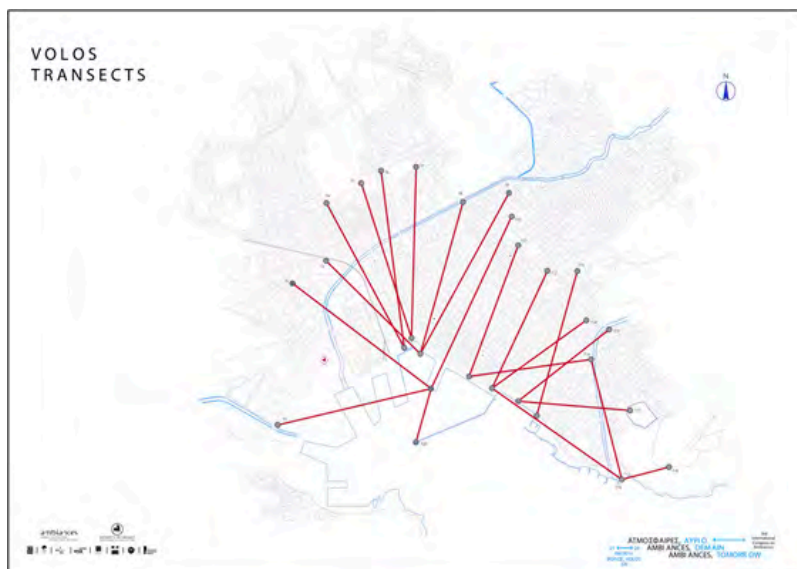
all the work in the future of a given place one wants to build goes through an abduction phase. Therefore, as Dewey would say, relevant clues necessary to manifest a given situation often give room to a set of possibilities and help attracting the public. This process enables a local validity that a group of actors, or even public policies, must be able to count on, even from top to bottom.

1. Volos Transects (2016)

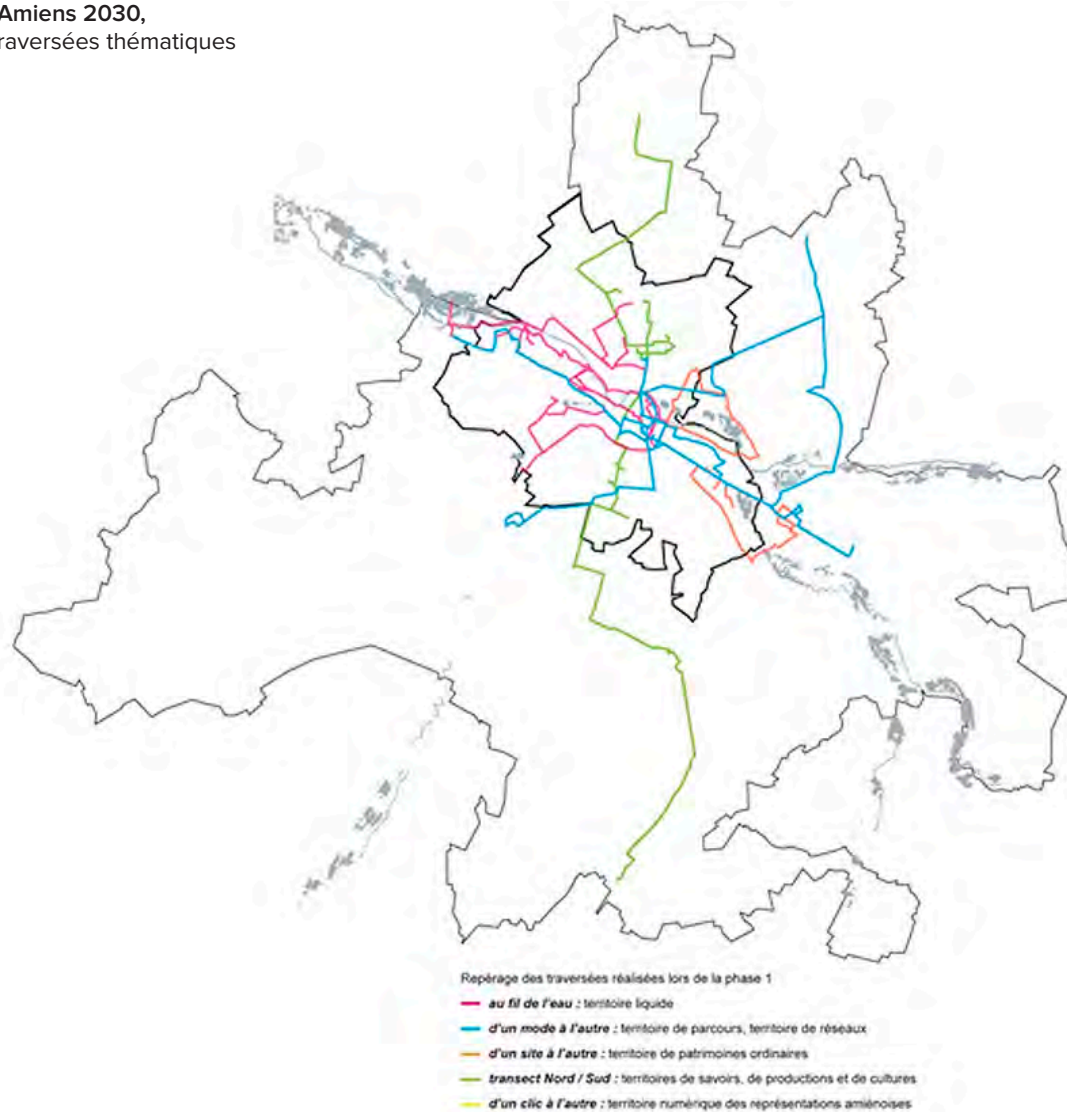
Le résultat est consultable ici : <http://ambiances2016.arch.uth.gr/en/program/volos-transects>

2. Transect à Bucarest, Parc Vacaresti, Roumanie.

Workshop étudiants Design & espace - ESAAA, 2017.

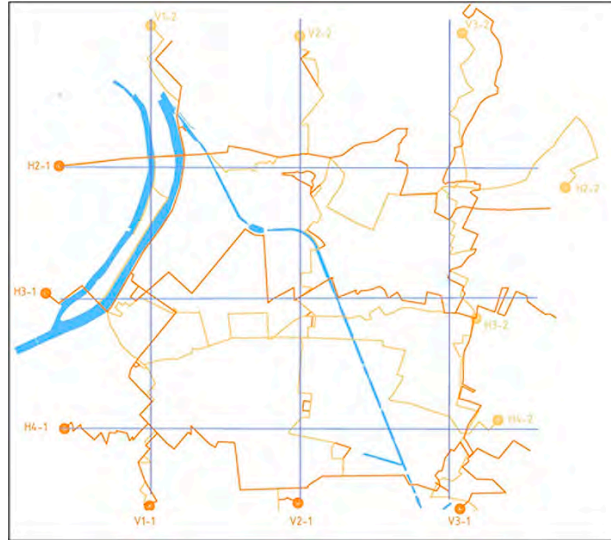


3. Amiens 2030, 5 traversées thématiques



4. GWL – Grand Workshop de Licence - Six transects - Plaine Saint-Denis
ENSA Paris La Villette, 2014.
Un film rend compte de l'ensemble de ce workshop : <https://vimeo.com/107319872>

5. GWL – Grand Workshop de Licence - Table longue - Plaine Saint-Denis – ENSA Paris La Villette – 2014





6. D-Transect. La Vallée de l'Huveaune et les projets d'infrastructures en cours.

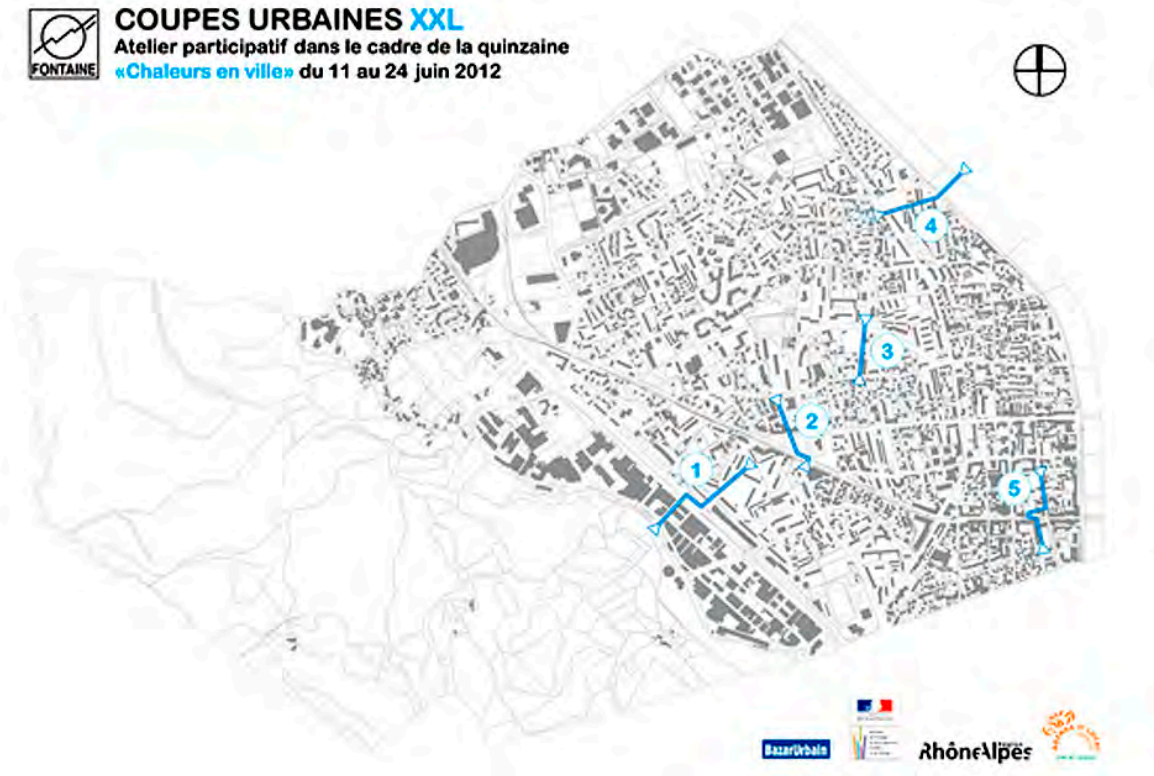
7. D-Transect. Travail collaboratif en direct entre sociologues, ethnobotanistes, paysagistes, urbanistes, architectes sur la coupe du transect sur la vallée.





COUPES URBAINES XXL

Atelier participatif dans le cadre de la quinzaine
«Chaleurs en ville» du 11 au 24 juin 2012



8. Section de coupes:
“Chaleurs urbaines”,
BazarUrbain, Ville de Fon-
taine, juin 2012.

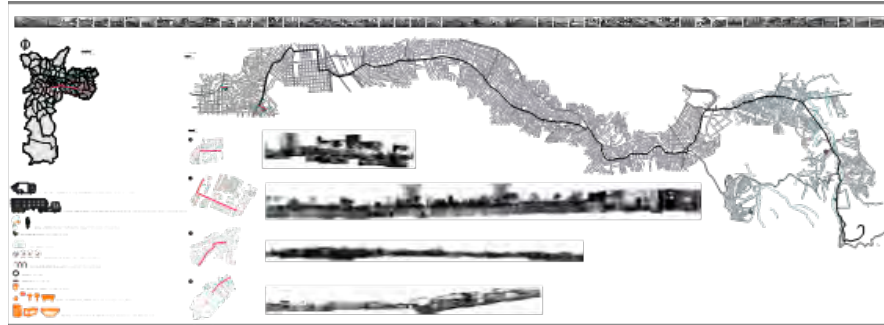
9. Atelier citoyen : “Chaleu-
rs urbaines”, BazarUrbain,
Ville de Fontaine, juin 2012.



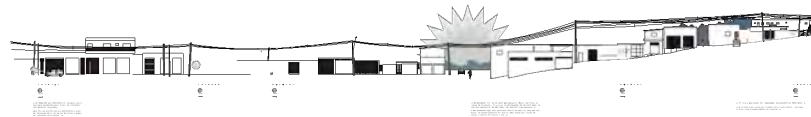
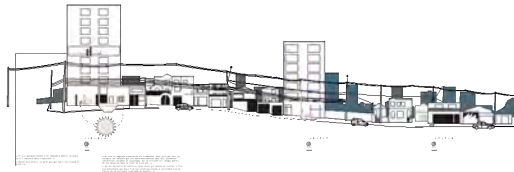
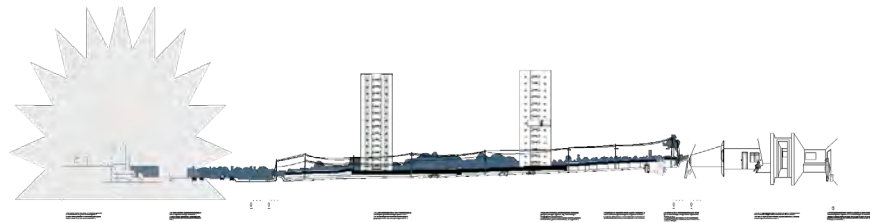


10. AMIENS 2030,
projet métropolitain
ANGERS MAP, événement.
NANTES, GRENOBLE, PA-
RIS, SANTIAGO DU CHILI,
ateliers pédagogiques
SÃO PAULO, recherche
Pascal Amphoux, Nicolas
Tixier et collaborateurs.

11. Transects et relevés photographiques pour le montage des coupes. São Paulo, Damien Masson & Laure Brayer, 2009.



12. Coupes narratives sur les situations choisies et enquêtées. São Paulo, Damien Masson & Laure Brayer, 2009



REFERENCES

- AMPHOUX, P. L'innovation architecturale n'est pas toujours là où on l'attend. **Culture & recherche**, n. 121, p. 22-23, 2009.
- AUGOYARD, J.-F. *Ambiance(s): dossier L'espace anthropologique. Les cahiers de la recherche architecturale et urbaine*, Paris, n. 20-21, p. 33-37, 2007.
- DIDI-HUBERMAN, G. **L'album de l'art à l'époque du musée imaginaire**. Paris: Hazan; Musée du Louvre, 2013. 208p.
- FERRETTI, F. Aux origines de l'aménagement régional: le schéma de la Valley Section de Patrick Geddes (1925). **M@mpe monde**, n. 108, 2012. Disponible em: <http://mappemonde.mgm.fr/num36/articles/art12405.html>.
- GEDDES, P. The valley in the town. **The Survey**, n. 54, 1925a.
- GEDDES, P. The valley plan of civilization. **The Survey**, n. 54, 1925b.
- GEERTZ, G. **The interpretation of cultures**. New York: Basic Books, 1973. 480p.
- GROUT, C. Paysage et art contemporain (Erwin Straus et George Trakas) », in revue en ligne **DEMéter**, 2012.
- MICHAUD, P.-A. **Aby Warburg et l'image en mouvement**. Paris: Macula, 2012. 298p.
- PACI, V.; BONNARD, M. Le flâneur de la high line de New York: un opérateur sans caméra et une vue urbaine sans film. **Annales de géographie**, n. 695-696, 2014.
- POUSIN, F. *et al.* **D'TRANSECT. Les délaissés des traversées de la vallée de l'Huveaune: dispersion des espèces, pratiques vernaculaires, médiations paysagères**. Programme de recherche ITTECOP, Ministère de l'écologie, collaboration LAREP, CRESSON, LPED, COLOCO, BazarUrbain, 2012-2014, Relatório de pesquisa. Disponible em: <http://dtransect.jeb-project.net>.
- RICCEUR, P. **Sur la traduction**. Paris: Éd. Bayard, 2004.
- ROBIC, M.-C. Coupe (transect). **Hypergééo**, 10 maio 2004. Disponible em: www.hypergeo.eu/spip.php?article60#.
- THIBAUD, J.-P. **En quête d'ambiances**. Eprouver la ville en passant. Genève: Éd. Metis Presses, 2015.
- TIXIER, N. *et al.* **Amiens 2030**. Le quotidien en projets. Grenoble: Éd. Bazar Urbain, 2013. 488p.
- TIXIER, N. *et al.* L'ambiance est dans l'air. **La dimension atmosphérique des ambiances architecturales et urbaines dans les approches environnementalistes**. Relatório de pesquisa PIRVE (CNRS & PUCA), Grenoble, CRESSON, 2011.
- TIXIER, N. *et al.* Le transect: un opérateur abductif. In: CLOT-
- GOUDARD, R.; HUYS, V.; VERNANT, D. (dir.). **Abduction. Recherches sur la philosophie et le langage**, Paris, n. 34, 2018.
- TIXIER, N. *et al.* Le transect urbain. Pour une écriture corrélée des ambiances et de l'environnement. In: BARLES, S.; BLANC, N. (dir.). **Écologies urbaines**. Sur le terrain. Paris: Éd. Economica-Anthropos; PIR Ville et Environnement, 2016. p. 130-148.

NICOLAS TIXIER

Undergraduate degree in Architecture, professor at the École Nationale Supérieure d'Architecture de Grenoble - ENSAG, at the École Supérieure d'Art Annecy Alpes (ESAAA) and at the Institut d'Urbanisme et de Géographie Alpine (IUGA). Researcher at CRESSON and member of the International Ambiances Network (ambiances.net). Founding member of the BazarUrbain group (winner of the "Young French Urban Designers Award" in 2007). Responsible for research at the "Bureau de la recherche architecturale, urbaine et paysagère" at the Ministère de la Culture et de la Communication in France between 2003 and 2010. President of the Cinematheque de Grenoble since 2009. Director at CRESSON and deputy director of the "Ambiances, architectures, urbanités" (UMR) department since 2018.



ANTROPOLOGIA E ARQUEOLOGIA URBANA, UMA CONTIGUIDADE PROBLEMÁTICA: CONTROVÉRSIAS E DISPUTAS NO CAMPO CIENTÍFICO¹

A cidade se embebe como uma esponja
dessa onda que reflui das recordações e se dilata.
(Ítalo Calvino, *As Cidades Invisíveis*, 2003)

1. Esta pesquisa foi apresentada durante o XVI Congreso de Antropología en Colombia/V Congreso de la Asociación Latinoamericana de Antropología (ALA), no simpósio *Desafíos de investigación sobre el urbano en Latinoamérica*, coordenado pelas professoras Cornélia Eckert (Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS) e Ana Silva (UNICEN, Costa Rica), realizado em Bogotá, Colômbia, de 6 a 9 de junho de 2017. Uma versão expandida do texto foi publicada pelos autores na revista *Antropolítica*, n. 38, 1^o sem. 2015, sob o título *Além das ruínas: a arqueologia urbana como modo de reconhecer e fazer conhecer a cidade*.

Este capítulo analisa uma tentativa de aproximação e diálogo, no Rio de Janeiro do início dos anos 1980, entre estudos urbanos de várias áreas – arqueologia, antropologia, sociologia, história, arquitetura e urbanismo – no contexto da proposta de criação do Laboratório de Arqueologia Urbana (LAU) no Museu Nacional. Os autores retraçam detalhadamente o contexto e os desdobramentos de um projeto inovador (porém não implementado), inspirado pela então recente experiência etnográfica dos antropólogos Arno Vogel, Marco Antonio da Silva Mello e do arquiteto e urbanista Orlando Mollica no bairro do Catumbi (*Quando a rua vira casa*, 1980). O debate sobre o projeto em questão, escrito em 1982 pelos antropólogos autores do referido livro, tira do esquecimento um pedaço importante da história urbana contemporânea do Rio de Janeiro.

O PROJETO EXUMADO

No início da década de 1980, uma tentativa de restituir o engajamento conversacional entre antropologia e arqueologia, disciplinas irmãs, foi a criação do projeto de instalação LAU, elaborado pelos professores Arno Vogel (Arquitetura e Urbanismo, Universidade Federal Fluminense) e Marco Antonio da Silva Mello (Antropologia Cultural, Instituto de Filosofia e Ciências Sociais da Universidade Federal do Rio de Janeiro – IFCS/UFRJ). O convite para a sua formulação original partiu da professora Maria da Conceição Beltrão, à época responsável pelo setor de Arqueologia do Museu Nacional. O projeto foi resultado do ambiente de convivência próxima, permeado por almoços na cantina e longas conversas entre professores, estudantes, estagiários e bolsistas dessa instituição de ensino e pesquisa – entre eles os autores do projeto, sua proponente da área de arqueologia e outros tantos colegas do Departamento de Antropologia.

O diálogo frutífero em torno das questões abordadas no livro *Quando a rua vira casa*, de Arno Vogel, Marco Antonio da Silva Mello e Orlando Mollica, motivou o gesto do convite de Maria da Conceição Beltrão a dois de seus autores, considerando a possibilidade de inauguração no Museu Nacional do subcampo da arqueologia urbana, ressaltando sua importância estratégica como lugar da inovação científica, em sintonia com a emergên-

cia das discussões sobre esse tema em países da Europa, como Grã-Bretanha, Bélgica, França e Portugal.

A partir de um estudo de caso sobre o bairro do Catumbi, afetado pela demolição de parte de seu antigo casario para a construção do viaduto da Linha Lilás, o livro trouxe a público a perspectiva da arqueologia urbana do *sistema construído* como um *sistema de memória*, capaz de despertar um poderoso dispositivo mnemotécnico nos moradores de áreas submetidas a rápidas e radicais transformações no espaço urbano. Segundo os autores:

O atual Catumbi é um território mapeado através de uma geografia fantástica. Eventuais restos são evocados como testemunhos de um conhecimento tornado meio inútil. É o caso de uma enorme chaminé; hoje um signo estranho e deslocado, único elemento que conseguiu sobreviver de toda uma fábrica de açúcar e que enfeita insolitamente um gramado.

'Aqui era o quarto de mamãe e ali o meu. Do outro lado morava meu irmão.' Em pé, no meio das pistas do eixo viário, o morador vai reconstituindo um espaço que ainda é real em sua cabeça. Recapitula como era a circulação de um cômodo a outro, põe de novo em seu lugar móveis e objetos domésticos. O suporte de antes, mesmo com o uso radicalmente alterado, segue sendo uma referência fundamental. A retórica de introdução ao Catumbi não esquece de restaurar oficinas, fábricas, casas de comércio. Sugere cheiros e gostos. Vai também introduzindo atores, ao lembrar acontecimentos que envolveram ciganos, ou portugueses, ou italianos, ou 'cariocas'. Relembra um pequeno escândalo espanhol; revive intrigas locais. (VOGEL; MELLO; MOLLICA, 2017, p. 43-45).

O livro foi publicado inicialmente como relatório final, com o título *Apropriação de espaços de uso coletivo em um centro de bairro*, do projeto de pesquisa "Espaço social e lazer: estudo antropológico e arquitetônico do bairro do Catumbi", elaborado, entre maio e dezembro de 1979, no Centro de Pesquisas Urbanas (CPU) do Instituto Brasileiro de Admi-

nistração Municipal (IBAM), sob o patrocínio da Financiadora de Estudos e Projetos (FINEP), com a colaboração do Fundo Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (FNDCT), cuja proposta inicial para financiamento data de 19 de janeiro de 1978. Pesquisa de cunho interdisciplinar, dela participaram os antropólogos Arno Vogel, na qualidade de coordenador do projeto, e Marco Antonio da Silva Mello, que o consolidaram etnográfica e conceitualmente, e foram responsáveis por sua redação final. Participaram também o arquiteto-deseñista Orlando de Magalhães Mollica, o arquiteto-fotógrafo Paulo Pavel, o arquiteto-cineasta Sérgio Péo, a cineasta Tetê Moraes² e as pedagogas-sociólogas Magali Alonso de Lima e Zilda Clarice Martins Nunes; além do arquiteto e urbanista Carlos Nelson Ferreira dos Santos, à época coordenador do CPU-IBAM, autor da apresentação do livro datada de abril de 1980.

O referido trabalho, além das duas tiragens feitas pelo IBAM, respectivamente, em abril e junho de 1980, conheceria, logo no ano seguinte, sua segunda edição, revista e atualizada, com o título que passaria então a tornar o livro referência obrigatória na literatura sobre os estudos urbanos: *Quando a rua vira casa. A apropriação de espaços de uso coletivo em um centro de bairro* (1981). Após uma série de dificuldades de montagem, o filme *Quando a rua vira casa* finalmente ficou pronto no mesmo ano, sendo exibido em 29 de abril de 1981 no auditório da FINEP, no Rio de Janeiro.³ Rapidamente esgotada a segunda edição do livro, uma terceira edição veio a público em outubro de 1985, envolvendo, dessa vez, além do IBAM e da FINEP, a Editora Projeto, dirigida por Vicente Wissenbach em São Paulo, fundador e editor da revista de arquitetura Projeto. Uma quarta edição do livro foi publicada pela

2. Nomes artísticos dos cineastas Sérgio Casemiro Jucá dos Santos e Maria Teresa Porciúncula Moraes, que o substituiu na finalização do filme *Quando a rua vira casa* (1981). Sérgio Péo já havia antes realizado o filme *Rocinha 77* (1977), em que passeia com a câmera pelos labirintos da grande favela carioca, onde residiu por seis meses. Tetê Moraes, por sua vez, dirigiu depois o filme *Lajes, a força do povo* (1982), sobre uma experiência bem-sucedida de participação popular na administração municipal em Santa Catarina.

3. O título intrigante e preciso foi concebido pelo cineasta Tetê Moraes, porque o nome original do projeto soava muito amplo e inadequado para um filme. Sua sugestão, rapidamente acolhida, passou também a dar o nome que consagraria o livro a partir de sua segunda edição (1981), conforme revelada, após tantos anos a um auditório surpreso, durante uma exibição do filme no Instituto Pereira Passos, em 8 de junho de 2018, na inauguração do Auditório Carlos Nelson Ferreira dos Santos.

EdUff em 2017, a partir das matrizes felizmente conservadas por Vicente Wissenbach e pelo empenho editorial de seu diretor Aníbal Bragança. Uma introdução crítica, elaborada pelos professores Soraya Silveira Simões (Instituto de Pesquisa e Planejamento Urbano e Regional da Universidade Federal do Rio de Janeiro – IPPUR/UFRJ) e Felipe Berocan Veiga (Programa de Pós-Graduação em Antropologia da Universidade Federal Fluminense – PPGA/UFF), contextualizou a pesquisa etnográfica e ressaltou a atualidade de suas questões.

Essa experiência anterior de pesquisa de campo no Catumbi foi bastante favorável à aprovação do novo projeto pela mesma agência de fomento. Entretanto, um novo campo empírico foi proposto para o *LAU*: o bairro de São Cristóvão, na Zona Norte carioca, com vistas a compreender as transformações no *campus* vicinal da instituição. Ao considerar o entorno imediato do Museu Nacional como estudo de caso, conforme a tradição sociológica da Escola de Chicago, a equipe de pesquisadores estaria então diante de uma *sucessão* de formas de ocupação, quando o Bairro Imperial, de endereço nobre no século XIX, passou a ser um bairro industrial, por sua posição estratégica e invejável infraestrutura disponível. Em seguida, com a desindustrialização da área e a consequente precarização de seu sistema construído, veio a tornar-se um bairro decadente, em meio à construção de linhas ferroviárias, viadutos e avenidas atravessando seu perímetro ao longo do século XX.⁴ Entremetres, surgiam novos distritos industriais bem longe do centro urbano, no contexto das transformações da Região Metropolitana do Rio de Janeiro.

O LAU se estruturava em torno de um projeto-piloto, a partir de uma proposta de pesquisa de campo sistemática sobre o bairro de São Cristóvão, considerando as sucessivas ocupações do bairro, tal como antes realizado no estudo sobre o Catumbi. No setor de exposições do Museu Nacional, o projeto previa a organização de um pequeno ambiente que permitisse aos visitantes apreender o bairro e a cidade como um todo, a partir da apresentação de maquetes, plantas, perfis e objetos. É importante lembrar que então não havia museu carioca que considerasse a cidade seu objeto central, papel que hoje, por exemplo, o Museu de Arte do Rio (MAR) procura encarnar, no contexto dos megaeventos (LA BARRE, 2015).

4. Entre os grandes projetos viários que atravessaram o bairro, figuram a Estrada de Ferro Leopoldina (1926), a avenida Brasil (1946), o elevador do Gasômetro (década de 1950), a avenida Radial Oeste (anos 1960-70), a Linha 2 do Metrô Rio (1981) e a Linha Vermelha (1992).

No âmbito do Departamento de Antropologia, o projeto, embora de escopo reduzido e experimental, era considerado ambicioso. Apesar de ter sido entusiasticamente acolhido por seu caráter inovador, recomendado por pareceristas e com indicações de financiamento aprovado pelos consultores da FINEP, não saiu, entretanto, das promessas de papel. Sua tramitação posterior no Museu Nacional sofreria várias restrições, marcada por percalços da política departamental e por protocolos burocráticos e institucionais interrompidos, que teriam sido necessários para o cumprimento de exigências junto ao órgão de fomento para a implantação da proposta e consequente liberação dos recursos.

Diante das solicitações recentemente feitas pelo antropólogo Gabriel Ferreira Barbosa (PP-GA-UFF e Laboratório de Etnografia Metropolitana – LeMetro/IFCS-UFRJ) para fins desta publicação, a arqueóloga responsável pela Reserva Técnica do Museu Nacional, Angela Maria Camardella Rabello, gentilmente elaborou breve e preciso histórico da tramitação interna do projeto do LAU, entre julho de 1982 e abril de 1983:

LABORATÓRIO DE ARQUEOLOGIA URBANA – LAU/MN

Setor de Arqueologia/Museu Nacional/UFRJ – FNDCT/FINEP

Coordenação: Prof^a. Dr^a. Maria da Conceição de Moraes Coutinho Beltrão.

Histórico:

1. Julho/1982 – Solicitação para a instalação do Laboratório de Arqueologia Urbana, através de Ofício nº 286 de 30.07.82, guia 104/82, assinado pela Direção do Museu Nacional.
2. Janeiro/1983 – Resposta da FINEP: enquadramento do projeto nas linhas de Apoio do FNDCT como Consulta Prévia nº. 952/82, Projeto: Instalação de Laboratório de Arqueologia Urbana, documento nº 000927 de 25.01.1983. O documento prioriza *‘a realização da pesquisa piloto proposta, devendo a instalação de um laboratório de arqueologia urbana ficar para uma fase*

- posterior*'. Estabelece, ainda, o prazo de 60 (sessenta) dias para a entrega da Solicitação Formal de Financiamento em roteiro anexo, sem o qual o projeto seria automaticamente arquivado naquela Financiadora.
3. Março/1983 – Pedido de prorrogação do prazo para entrega da Solicitação Formal de Financiamento, Of. nº 101 de 10.03.83, assinado pelo Diretor do Museu Nacional, José Henrique Millan.
 4. Abril/1983 – Adiamento do pedido de auxílio para o projeto em carta do Diretor do Museu Nacional, José Henrique Millan, ao chefe do Departamento Regional e Social da FINEP, Celso Alves da Cruz” (RABELLO, A. M. C., 10/Ago/2015, com. pess.).

A partir das referências ao projeto identificadas e elencadas por Angela Rabello, contando ainda com o auxílio e as indicações de Claudine Borges Leite, secretária da Direção do Museu Nacional, Gabriel Barbosa encaminhou-se à Seção de Memória e Arquivo (SEMEAR). Foi atendido pelo funcionário Jorge Dias Junior que, finalmente, disponibilizou o acesso ao acervo, tornando possível localizar a correspondência entre o Museu Nacional e a FINEP referente à proposta do LAU. A partir de outra consulta realizada junto ao órgão de fomento, Guida Wajnbergier (em 28 de julho de 2015), analista e coordenadora da área de logística da FINEP, enviou as seguintes informações por correio eletrônico: “Localizei somente o número de referência do projeto: 836/82 – UFRJ/Museu Nacional. Instalação do *Laboratório de Arqueologia Urbana – LAU/MN*, com a finalidade de aprofundar os estudos a respeito do desenvolvimento da sociedade urbana brasileira. [...] O projeto foi enquadrado em 10 de janeiro de 1983 e depois arquivado em 05 de maio de 1983”.⁵

5. Agradecemos aqui a Amélio Gabriel Machado, Claudine Borges Leite (Secretaria da Direção), Angela-Maria Camardella Rabello (Reserva Técnica) e Jorge Dias Junior (Seção de Memória e Arquivo – SEMEAR) no Museu Nacional, e a Guida Wajnbergier, na FINEP, pelos documentos importantes fornecidos para a realização deste artigo.

O arquivamento da proposta, tal como evidencia-se a partir da documentação aqui referida, põe fim às protelações, encerrando abruptamente as tratativas até então bem-sucedidas entre o órgão proponente e a agência financiadora. O expediente do diretor do Museu Nacional, dr. José Henrique Millan, interrompendo o projeto com financiamento aprovado é esclarecedor a esse respeito. Os argumentos que sobressaem da decisão de cancelar o pedido de auxílio estão distribuídos em três justificativas: a primeira é de ordem orçamentária e contábil; a segunda refere-se à sobreposição de atividades decorrentes de outro projeto no campo da arqueologia pré-histórica; e, finalmente, a terceira diz respeito à equipe técnica e à alegação da coincidência de seus compromissos.

O exame atento dos termos nos quais se estrutura o Ofício nº 176/83, contudo, permite alcançar outra ordem: o primeiro argumento referido revela o que outros arquivos não conservaram, ou seja, o orçamento total de Cr\$ 20 milhões ao longo de 24 meses de execução do projeto-piloto, de caráter experimental para a implantação do LAU.⁶ O motivo alegado no documento, de que “o índice da inflação para o período de dois anos [...] terá erodido essa verba antes do término de seu primeiro ano” era, na realidade, um falso argumento, uma vez que um órgão federal do porte da FINEP, comprometido com a promoção da pesquisa e do desenvolvimento científico-tecnológico, realizava todos os ajustes monetários e correções para o bom andamento dos projetos sob seu patrocínio.

O terceiro item, por sua vez, soa como um argumento de conveniência, pois os recursos humanos e técnicos para implantação do projeto-piloto, com pesquisas empíricas de caráter etnográfico no bairro de São Cristóvão, não exigiam uma equipe numerosa que onerasse o Setor de Arqueologia do Museu Nacional ou que prejudicasse a execução de qualquer outro projeto simultâneo. Arranjos de cooperação entre as instituições federais de ensino e pesquisa supririam perfeitamente a alocação de recursos humanos previstos desde o início para o bom andamento do projeto, com uma equipe sabidamente reduzida. Recaem, portanto, sob o segundo argumento, todas as marcas de uma escolha deliberada em favor da tradição disciplinar:

6. Segundo a tabela de correção monetária, o valor seria equivalente a R\$ 292 mil em 2015, ou a US\$ 76,6 mil pela cotação da época em que os documentos foram localizados.

Paralelamente, o Setor de Arqueologia obteve a confirmação da presença de professores das universidades de Indiana e Harvard no Projeto Central, a ser desenvolvido no estado da Bahia sob a coordenação do professor titular acima citado [Maria da Conceição Beltrão] e financiado pelo CNPq. Seu início está previsto para julho do ano em curso [1983], coincidindo com a execução do projeto de Arqueologia Urbana. (Ofício nº 176/83, MN-UFRJ, 18 de abril de 1983).

É, pois, esse item do ofício que traz o argumento definitivo, no qual o Setor de Arqueologia comunica à FINEP ter outras prioridades de pesquisa, previstas para o mesmo ano e já financiadas pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), reforçando sua filiação plena ao campo da arqueologia pré-histórica. O Projeto Central, que se desdobraria desde então até a atualidade, tinha o condão de reconstituir a ocupação humana pré-histórica no sertão da Bahia, explorando a planície calcária da Chapada Diamantina, no médio São Francisco, o que certamente exigiria coordenar uma logística complexa, administrar altos recursos humanos e financeiros, adquirir equipamentos e organizar excursões. Maria da Conceição Beltrão viria a encontrar ossos de animais pleistocênicos extintos, artefatos líticos e pinturas rupestres em novos sítios por ela identificados, como Toca dos Búzios, Toca do Aragão e Toca da Esperança, onde faria uma série de escavações importantes. A recepção a pesquisadores de notáveis universidades norte-americanas era fundamental para a legitimação de suas novas descobertas, na busca de certificação do projeto junto à comunidade acadêmica internacional e, ao mesmo tempo, de ampliação das alianças transdisciplinares desejadas com as ciências naturais, tais como a física, a química, a geologia, a botânica, a zoologia e a paleontologia.⁷ Diante desse quadro de alegações, não é de se estranhar, pois, que a arqueologia urbana não tenha prosperado naquele momento crucial.

7. Informações sobre o Projeto Central e publicações a seu respeito, de Maria da Conceição Beltrão e equipe, estão disponíveis no seguinte portal da internet: <http://www.projetocentral.com>.

O CAMPO EM DISPUTA

Face ao acima exposto, esperamos ter justificado nossa decisão, ao mesmo tempo que esperamos contar com o apoio dessa Fundação quando retomarmos o projeto de Arqueologia Urbana, que se destaca pelo pioneirismo neste campo de pesquisa arqueológica. (Ofício nº 176/83, MN-UFRJ, 18/04/1983)

O projeto do LAU trazia consigo uma aposta ousada com vistas ao alargamento do campo da disciplina no Brasil. A opção por seu cancelamento interromperia, de parte a parte, a possibilidade de abertura de um diálogo almejado entre a arqueologia histórica e os estudos urbanos. Contudo, seu cancelamento traz os signos da ambiguidade, com o reconhecimento institucional de seu caráter inovador, deixando no horizonte a possibilidade de sua realização futura, jamais concretizada. Sua proponente formal, embora inicialmente motivada com a ideia, não aceitou o desafio de se arriscar em uma área nova, tendo em vista os cálculos de seus custos e benefícios e as tendências de homogeneização no campo científico, concebido como um campo de disputa. Pois, segundo Pierre Bourdieu (1983, p. 126-127), “Não há ‘escolha’ científica [...] que não seja uma estratégia política de investimento objetivamente orientada para a maximização do lucro propriamente científico, isto é, a obtenção do reconhecimento dos pares-concorrentes”.

Os autores do projeto, Arno Vogel e Marco Antonio da Silva Mello, embora pertencentes, na qualidade de professores-pesquisadores, a dois departamentos acadêmicos de universidades públicas federais (UFF e UFRJ), não tendo assento em nenhuma instância deliberativa no Museu Nacional, não puderam participar das decisões sobre seu cancelamento. Tampouco foram devidamente informados sobre sua tramitação interrompida ou mesmo sobre os argumentos evocados na correspondência com a agência financiadora. Diante do projeto frustrado e do embaraço entre seus proponentes, a publicação de um texto sobre o tema na *Revista de Arqueologia* seria logo depois proposta como uma espécie de reparação a seus autores. Assim, o artigo “Sistemas construídos e memória social: uma arqueologia urbana?” tornou-se conhecido ao ser publicado na *Revista de Arqueologia* (VOGEL; MELLO,

1984), fundada um ano antes por Maria da Conceição Beltrão. O periódico era originalmente editado pelo Museu Paraense Emílio Goeldi, publicado com apoio do CNPq e da FINEP, e mais tarde tornou-se revista oficial da Sociedade de Arqueologia Brasileira (SAB). Em seus conselhos editorial e científico originais, figuravam, entre outros, Luciana Pallestrini,⁸ Salete Maria Neme,⁹ Gilberto Velho e Luiz de Castro Faria.

Os autores nem sequer tinham visto ainda o artigo publicado quando Castro Faria, de modo inesperado, surpreendeu Mello ao entrar em sua sala, varejando a revista em sua direção e indagando em alta voz: “Vão fazer buraco na rua agora?!?” Mais do que impertinência, o gesto súbito era uma espécie de alerta, por quem havia escrito os primeiros balanços sobre a arqueologia no Brasil e conhecia muito bem seus arranjos e condições situacionais – ou o *estado de coisas do campo* (*Sachverhalt*), como gostava de dizer. Em sua atitude, Castro Faria encarnava o papel da estrutura e das posições de poder, diante de uma instituição, um museu de história natural, e de sua conjuntura, onde as chances de sucesso naquela aposta eram muito reduzidas. Havia uma desproporção visível entre as partes envolvidas, e o projeto em jogo poderia parecer uma “jogada” (GOFFMAN, 2009), espécie de pretexto para uma afiliação espúria a uma instituição consagradora.

Apesar da manifestação histriônica de sua resistência à novidade, Castro Faria não desconhecia de todo as sugestivas propostas no campo da arqueologia industrial que chegavam ao Brasil na década de 1970 –sobretudo a partir das conferências realizadas pelo brasiliana-

8. Luciana Pallestrini foi orientanda do professor André Leroi-Gourhan em Paris, com quem aprendeu o método de *escavação de superfícies amplas*, que divulgou no Brasil a partir da criação do Projeto Paranapanema e da estruturação do setor de Arqueologia no Museu Paulista (Universidade de São Paulo – USP), na década de 1970. Leroi-Gourhan, por sua vez, havia sido vice-diretor do Musée de l’Homme, onde supervisionou o estágio de Luiz de Castro Faria, e sucessor de Marcel Griaule na Sorbonne na década de 1950, atuando na cátedra de Pré-História no Collège de France entre 1969 e 1982.

9. Salete Maria Neme foi assistente de Maria da Conceição Beltrão no Museu Nacional, integrante da equipe do Projeto Central. Como historiadora de formação, realizou seus estudos acadêmicos em Arqueologia Histórica, sob orientação de Eulalia Lameyer Lobo (mestrado) e Francisco Falcon (doutorado) no IFCS/UFRJ. Agradecemos aqui a Salete Maria Leme e a Luiz Felipe Baêta Neves (Museu Nacional – UFRJ e Universidade do Estado do Rio de Janeiro – UERJ) pelos esclarecimentos recentes, que permitiram reconstituir a ambiência intelectual do Setor de Arqueologia e suas complexas relações no Departamento de Antropologia do Museu Nacional.

nista Eddy Stols, professor emérito da Universidade Católica de Leuven, na Bélgica, e também por José Amado Mendes, na ocasião professor de História Econômica da Universidade de Coimbra. Mendes é autor de estudos sobre a indústria de vidros em Leiria, Portugal, em funcionamento desde a primeira metade do século XVIII, e seu papel modernizador durante o reinado de d. João V.¹⁰

Como professor titular e um dos fundadores do PPGA-UFF, a convite de suas colegas e ex-alunas Aydil de Carvalho Preiss e Ismênia de Lima Martins, Castro Faria não só esteve presente às conferências como as difundiu entusiasticamente entre seus colegas e alunos. Quando o recém-criado PPGH-UFF recebeu o historiador *flamand* como conferencista, Eddy Stols desenvolvia um programa de pesquisa nos marcos teóricos da história econômica, tendo como propósito investigar o capitalismo belga e sua expansão nos países periféricos. No caso brasileiro, algumas fábricas de tecido de capital belga, coincidentemente, encontravam-se nas cidades de Niterói e São Gonçalo, nos bairros industriais do Barreto e de Neves. Sua pesquisa visava reconstituir o espaço construído e os processos fabris, considerando os recursos tecnológicos disponíveis no século XIX e início do século XX, tais como a construção de canais, comportas e eclusas, e o uso expressivo da arquitetura metálica em estações ferroviárias, portos, pontes, moinhos, silos, faróis, mercados, galerias e fábricas.

Após sua conferência sobre arqueologia industrial, Eddy Stols realizou, na companhia de sua colega Maria Célia Falcon, professora de História da UFF, uma espécie de visita guiada de caráter exploratório a essas fábricas, muitas delas já fechadas, e a antigos esqueletos de instalações industriais. Esse encontro gerou uma relação de amizade duradoura entre historiadores fluminenses e o conferencista, que retornaria outras vezes ao Brasil, e em 1994 receberia três colegas da UFF e da UFRJ em Bruxelas: Francisco Falcon, Maria Célia Falcon e Maria Yedda Linhares. Assim como Lille, no norte da França, a região de

10. Agradecemos aos professores Francisco Falcon (professor emérita da UFF e da UFRJ), Maria Célia Falcon (UFF), César Honorato (UERJ e UFF), Antonio Edmilson Martins Rodrigues (UERJ e Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro – PUC-RJ) e Aydil de Carvalho Preiss (UFF) pelas informações e conversas que permitiram reconstituir o campo da arqueologia industrial e da história econômica no Brasil, a partir da década de 1970. Wagner Neves Rocha (UFF) também foi de fundamental ajuda para a busca de informações e contatos a esse respeito.

Flandres, no norte da Bélgica, conheceu intensa industrialização, seguida de processos de desindustrialização, o que permitia considerar as transformações no espaço e seus testemunhos materiais em distintas fases da Revolução Industrial.

Para além do projeto engavetado, por que motivos, afinal, a inserção da área de arqueologia urbana nos cursos de Arqueologia não vingou, mesmo posteriormente? Quais seriam os problemas, os *enjeux*, as perdas e ganhos na aproximação entre as duas disciplinas, uma vez que a arqueologia é o passado da antropologia (HUDSON, 1976, p. 17), conforme a clássica definição? Ao analisar o campo e suas vicissitudes, é de se notar que a arqueologia esteve por décadas no Museu Nacional sem nenhum tipo de vínculo com a pós-graduação. E mesmo quando tardiamente se institucionaliza como área na universidade, a arqueologia urbana não se torna disciplina regular e obrigatória em cursos de graduação nem de pós-graduação em Arqueologia.¹² Só mais recentemente, antropólogos trabalha-

11. O primeiro curso de graduação em Arqueologia no Brasil, atualmente extinto, foi criado por Osvaldo Heredia nas Faculdades Integradas Estácio de Sá em 1979, onde dois anos depois foi fundada a Sociedade de Arqueologia do Brasil (SAB). A partir de 2005, vários cursos de graduação surgiram na área: três na região Norte (Universidade do Estado do Amazonas – UEA, Universidade Federal de Rondônia – UNIR e Universidade Federal do Oeste do Pará – UFOPA), quatro no Nordeste (Universidade Federal de Pernambuco – UFPE, Universidade Federal do Piauí – UFPI, Universidade Federal do Vale do São Francisco – UNIVASF e Universidade Federal de Sergipe – UFS), um no Centro-Oeste (PUC-GO), três no Sudeste (UERJ, Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG e Universidade Metropolitana de Santos – UNIMES) e dois no Sul (Universidade Federal de Pelotas – UFPel e Universidade Federal do Rio Grande – FURG). Interessante observar que boa parte desses cursos prosperou próxima a sítios arqueológicos, ou seja, a poucas horas do canteiro de obras dos profissionais no campo, distantes, por sua vez, dos gabinetes consagrados das coleções museográficas.

12. Desde 1972, o Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo (MAE-USP) oferece a mais antiga pós-graduação em Arqueologia do país, quando criou essa área de concentração no mestrado e doutorado em Antropologia e, em 2004, constituiu seu programa independente. Em parceria com a Fundação Museu do Homem Americano (FUNDHAM), foi criado o Programa de Pós-Graduação em Arqueologia da UFPE em 2002. Quatro anos depois, foram criados o Programa de Pós-Graduação em Arqueologia (PPGARq) do Museu Nacional (UFRJ) e o PPGAN/UFMG, que oferece áreas de concentração em Antropologia Social e Arqueologia. Em 2008, na UFPI, surgiu o Programa de Pós-Graduação em Antropologia e Arqueologia (PPGAARq). Dois anos mais tarde, o Proarq no *campus* Laranjeiras da UFS e o Programa de Pós-Graduação em Antropologia da Universidade Federal do Pará – PPGA/UFPA iniciaram suas atividades, esse último com áreas de concentração em Arqueologia, Antropologia e Bioantropo-

riam em consórcio com arqueólogos e historiadores, no contexto dos projetos de consultoria ambiental e laudos periciais. A respeito das diferenças implícitas e explícitas no campo disciplinar, o arqueólogo Rossano Lopes Bastos (2015, p. 1-2)¹³ esclarece em entrevista:

A Arqueologia, diferentemente da Antropologia, no Brasil, ainda se caracteriza por uma disciplina em formação, ao passo que a Antropologia já se constitui numa disciplina com um corpo teórico mais amadurecido. Esta relação se dá, principalmente, em função dos objetos estudados por cada uma delas e pelo fato de a Arqueologia ter se desenvolvido mais lentamente, no Brasil. Se, por um lado a Antropologia tem seu nascedouro dentro dos museus, a Arqueologia nasce para os museus, isto é, para alimentá-los com a cultura material e aqui lembramos o 'período do colecionismo'. Enquanto a Antropologia sai dos museus para o campo e a academia, a Arqueologia sai da academia e do campo para os museus.

[...] A Arqueologia e a Antropologia vivem um momento de tensão sem que uma efetiva e desejável aproximação construa aportes transversais de entendimento e de utilização mútuos. No Brasil, infelizmente, a Antropologia ainda não reconhece a Arqueologia como uma disciplina irmã, e sim, uma filha bastarda. Por outro lado, os arqueólogos, lidando com um campo extremamente vasto, interdisciplinar e transversal têm procurado afirmar a Arqueologia como uma disciplina independente,

logia. Em 2012, surgiu o Programa de Pós-Graduação em Antropologia – PPGAnt/UFPel, com áreas de concentração em Antropologia Social e Cultural e em Arqueologia. Ver, a esse respeito, Bezerra (2008), Prous(2013) e Sousa(2015).

13. Rossano Lopes Bastos é graduado em Arqueologia pela Universidade Estácio de Sá (UNESA), tem especialização em Arqueologia Pré-Histórica pelo Museu Nacional, mestrado em Geografia pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) e doutorado em Arqueologia pela Universidade de São Paulo (USP). É arqueólogo do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) desde 1985 e foi presidente da Sociedade de Arqueologia Brasileira entre 2005 e 2007.

mesmo que, no passado, a Arqueologia tenha sido uma disciplina mais importante que a Antropologia.

Nesse contexto de diferenças cultivadas e de busca por legitimidade na *hierarquia dos objetos*, a arqueologia urbana foi se associar à arqueologia industrial, diante do interesse despertado pelo assunto em pesquisadores da área da história econômica, tais como Eulália Maria Lahmeyer Lobo, autora de pesquisas sobre o capitalismo industrial e o contexto operário no Rio de Janeiro, e Bárbara Levy, que investigava a memória do mercado de capitais. Eddy Stols e seus colegas Francisco Falcon e Antonio Edmilson Martins Rodrigues, juntamente com seu ex-aluno César Honorato, chegaram mesmo a esboçar um projeto nessa área, que “não teve continuidade por falta de interesse institucional”.

Assim, a arqueologia industrial também não vingou plenamente nos cursos de graduação e pós-graduação em História, dessa vez por questões referentes à redução dos estudos em história econômica que marcaram o campo disciplinar nas décadas de 1970 e 1980, permeado por disputas internas entre as abordagens marxistas, de um lado, e quantitativistas, de outro. O debate que dividia os historiadores inviabilizou posteriormente o maior fomento da história econômica e, com ela, o florescimento da arqueologia industrial no Brasil, diante da cotação dessa área em baixa no mercado acadêmico de então. Rejeitado pela segunda vez, o tema migrou de modo marginal para o campo de arquitetura e urbanismo, como única área que finalmente se interessou por seus objetos empíricos, tais como plantas industriais, edifícios históricos, maquinaria, traçados e equipamentos urbanos.

Após mais de três décadas, a oportunidade de publicação dos originais do projeto do LAU traz à tona a densidade das questões teóricas e metodológicas apresentadas que ainda permanecem atuais, *vis-à-vis* à simplicidade do texto. A *evidenciação* dos termos do projeto é também, desse modo, a proposta de exumação de uma interlocução perdida em um campo marcado por disputas. A respeito da disciplina, o arqueólogo Richard B. Woodburry (1974, p.533, tradução nossa) sentenciou:

A Arqueologia pode definir-se como a Antropologia de culturas extintas. [...] A Arqueologia pode considerar-se também como uma série de técnicas especializadas para se obter dados culturais do passado, dados que podem ser utilizados por antropólogos, historiadores, críticos de arte, economistas ou quaisquer outros especialistas interessados pelo homem e suas atividades. Esse ponto de vista tem a vantagem de eliminar o problema de determinar se Arqueologia é Antropologia ou História e permite abarcar os diversos e, às vezes, incompatíveis fins para os que se utilizam dos dados e conclusões arqueológicas. A maior contribuição da Arqueologia reside na profundidade histórica com que complementou os estudos sincrônicos da Antropologia sobre sociedades de todas as partes do mundo.

Não raro, no campo das ciências humanas, a arqueologia esbarra no problema epistemológico de uma ciência confundida com seus métodos e técnicas, ao reificar a dimensão diacrônica sob a espécie da *escavação*. Contrastivamente, a proposta de uma arqueologia urbana evidencia, na contemporaneidade, a copresença de várias temporalidades simultâneas num mesmo sistema de estruturas: a urbe e seu sistema construído.

Finalmente, a arquiteta Beatriz Mugayar Kühl (2010, p. 26), ao mapear o debate conceitual, a problematização das periodizações e a dispersão das categorias empregadas nos novos estudos em arqueologia industrial, chama atenção para o seguinte aspecto fundamental importância de para nosso argumento:

Outro ponto a ser discutido é o próprio uso da palavra ‘arqueologia’, tema de numerosas controvérsias ao longo das décadas de 1970 e 1980, pois certos autores contestavam seu emprego a esse propósito, questionando a pertinência para casos em que não fosse necessário o emprego de métodos da arqueologia ‘tradicional’ (em especial escavações) e em que não existissem testemunhos materiais da atividade produtiva. Mas a ar-

queologia industrial pode ser entendida de maneira ampla, como enfatiza Hudson, que evidenciou a largueza semântica da palavra ‘arqueologia’, associando-a a fases passadas de manifestações humanas.

REFERÊNCIAS

- BASTOS, R. L. Arqueologia no Brasil:atualizando o debate. **Comunidade Virtual de Antropologia**, n. 39. Disponível em: <https://pt.scribd.com/document/466381345/Rossano-Lopes-Bastos-Arqueologia-No-Brasil-Atualizando-o-Debate>. Acesso em: 20 jun. 2020.
- BEZERRA, M. Bicho de nove cabeças: os cursos de graduação e a formação de arqueólogos no Brasil. **Revista de Arqueologia**, São Paulo, v. 21, n. 2, p. 139-154, 2008.
- BOURDIEU, P. O campo científico. In: ORTIZ, R. (org.). **Pierre Bourdieu: sociologia**. São Paulo: Ática, 1983. p. 122-155. (Grandes Cientistas Sociais, n. 39).
- CALVINO, I. **As cidades invisíveis**. Rio de Janeiro: Biblioteca O Globo, 2003.
- GOFFMAN, E. Acalmando o otário: alguns aspectos de adaptação à falha. **Plural – Revista do Programa de Pós-Graduação em Sociologia da USP**, São Paulo, v. 16, n. 1, p. 195-211, 2009.
- HUDSON, K. **Industrial archaeology: a new introduction**. 3. ed. London: Baker, 1976.
- KÜHL, B. M. Patrimônio industrial: algumas questões em aberto. **Arquitetura e Urbanismo**, São Paulo, n. 3, p. 23-30, 2010.
- LA BARRE, J. de. O espaço carioca entre espetáculo e resistência. In: CUNHA, N. V. da; FREIRE, L. de L.; MARTINS, M. M.; VEIGA, F. B. (org.). **Antropologia do conflito urbano: conexões Rio-Barcelona**. Rio de Janeiro: Lamparina; LeMetro/IFCS-UFRJ, 2015.
- PROUS, A. As muitas arqueologias das Minas Gerais. **Revista Espinhaço**, Diamantina, v. 2, n. 2, p. 36-54, 2013.
- SOUSA, J. C. M. de. Como se tornar um arqueólogo no Brasil: lista de cursos. **Arqueologia e Pré-História**, 19 dez. 2019. Disponível em: <http://arqueologiaeprehistoria.com/o-que-e-arqueologia/como-se-tornar-um-arqueologo-no-brasil>. Acesso em: 1 jul. 2015.
- VOGEL, A.; MELLO, M. A. S. Lições da rua: o que um racionalista pode aprender no Catumbi. **Arquitetura Revista**, Rio de Janeiro, v. 1, n. 1, p. 67-79, 1983.
- VOGEL, A.; MELLO, M. A. S. Sistemas construídos e memória social: uma arqueologia urbana? **Revista de Arqueologia**, Belém, v. 2, n. 2, p. 46-50, jul./dez. 1984.
- VOGEL, A.; MELLO, M. A. S.; MOLLICA, O. **Quando a rua vira casa: a apropriação de espaços de uso coletivo em centro de bairro**. 4. ed. Niterói: EdUff, 2017.
- WOODBURRY, R. B. Arqueologia:objeto. In: SILLS, D. L. (dir.). **Enciclopedia Internacional de las Ciencias Sociales**. Madrid: Aguilar, 1974.v. 1, p. 533-540.

FELIPE BEROCAN VEIGA

Possui doutorado (2011) e mestrado (2002) e pós-doutorado (2015 e 2011) em Antropologia pela Universidade Federal Fluminense – UFF. Graduação em Comunicação/Jornalismo (1997) pela Universidade de Brasília – UnB. Professor Adjunto do Departamento de Antropologia (GAP/ICHF-UFF) desde 2015. Professor efetivo do Programa de Pós-Graduação em Antropologia da Universidade Federal Fluminense – PPGA/ICHF-UFF (desde 2017). Atua como pesquisador do LeMetro/IFCS-UFRJ e do INCT-InEAC/UFF.

MARCO ANTONIO DA SILVA MELLO

Doutor em Antropologia (Ciências Sociais) pela USP (1995), com Pós-doutorado no Département de Sociologie da Université de Paris X-Nanterre (2000-2001). Especialização em Antropologia Social no Programa de Pós-Graduação do Museu Nacional - PPGAS/MN-UFRJ (1980). Bacharel em Ciências Sociais pela UFF (1975). Professor associado do Departamento de Antropologia Cultural do Instituto de Filosofia e Ciências Sociais – DAC/IFCS-UFRJ desde 1978. Professor do Programa de Pós-Graduação em Antropologia do Instituto de Ciências Humanas e Filosofia – PPGA/ICHF-UFF desde sua fundação, em 2004. Professor do Departamento de Antropologia – GAP/ICHF-UFF (1976-2014). Coordenador do Laboratório de Etnografia Metropolitana (LeMetro/IFCS-UFRJ). Pesquisador sênior do Instituto de Estudos Comparados em Administração Institucional de Conflitos (INCT-InEAC/CNPq).



ANTHROPOLOGY AND URBAN ARCHAEOLOGY, A PROBLEMATIC RELATIONSHIP: CONTROVERSIES AND CONFLICTS IN THE SCIENTIFIC COMMUNITY¹

As this wave from memories flows in,
the city soaks it up like a sponge and expands.
(Ítalo Calvino, *Invisible Cities*, 2003)

1. This research was presented at the *XVI Congreso de Antropología en Colombia / V Congreso de la Asociación Latinoamericana de Antropología (ALA)*, at *Desafíos de investigación sobre el urbano en Latinoamérica* symposium held in Bogota, Colombia, from June 6 to 9, 2017, which was coordinated by Professors Cornélia Eckert (Federal University of *Rio Grande do Sul* - UFRGS) and Ana Silva (UNICEN, Costa Rica). An expanded version of the text was published by the same authors in the journal *Antropolítica*, n. 38, 1st sem. 2015, under the title *Beyond ruins: urban archaeology as a means to make cities acknowledgeable*.

This chapter approaches studies on several urban fields, such as archaeology, anthropology, sociology, history, architecture and urbanism, which accounted for the establishment of an Urban Archaeology Laboratory (UAL) in the National Museum of Rio de Janeiro in the early 1980s. It addresses the history and development of this innovative project, which was inspired by ethnographic research on Catumbi neighborhood (*When the street becomes home*, 1980) by anthropologists Arno Vogel, Marco Antonio da Silva Mello and architect-urban planner Orlando Mollica. The present discussion about the project written by the aforementioned anthropologists in 1982 saved a crucial fraction of Rio de Janeiro City's modern urban history from oblivion.

THE UNVEILED PROJECT

UAL project was developed in the early 1980s to restore the relationship between twin subjects: anthropology and archaeology. It was launched by Professors Arno Vogel (Architecture and Urban Planning, Fluminense Federal University) and Marco Antonio da Silva Mello (Cultural Anthropology, Institute of Philosophy and Sociology, Federal University of Rio de Janeiro - UFRJ). The project was encouraged by Professor Maria da Conceição Beltrão - Head of Archaeology at the National Museum of Brazil. Close social interaction at lunch time in the cafeteria and long conversations among teachers, students, interns and scholars in the Federal University of Rio de Janeiro gave birth to the project. The group comprised project authors, its archeologist in chief and many other colleagues from the Anthropology Department.

A discussion about the book *When the street becomes home*, by Arno Vogel, Marco Antonio da Silva Mello and Orlando Mollica encouraged Maria da Conceição Beltrão to invite two of them to join her project and introduce the urban archaeology subfield in the National Museum of Brazil. The project held strategic relevance due to its scientific innovation potential in the archaeology field, at the time. This topic was already under discussion in European countries, such as Great Britain, Belgium, France and Portugal.

The aforementioned book was based on a case study about Catumbi neighborhood, which was affected by the demolition of part of its old houses in order to open room for *Linha*

Lilás Bridge construction site. The book outspread the urban archaeology and turned the built system into memory systems to encourage powerful mnemonic devices in citizens living in urban spaces subjected to fast and radical changes. The authors state the following:

Catumbi neighborhood is currently surrounded by a rich geographical landscape. Eventual remains are portrayed as witnesses of knowledge rendered almost useless, as is the case of a huge chimney — today a strange and outdated object that unusually garnishes a lawn; it is the only element that has managed to survive from an entire sugar factory.

'This was mom's room and that one was mine. My brother's room was on the other side.' As they stand in the middle of the road, residents recreate spaces that are still alive in their minds. They recalled how the passage from one room to another was like bringing furniture and household objects back to their old places. Although the streets have been radically altered, memories remain a fundamental reference for the old spaces. The rhetorical description of *Catumbi* revives establishments such as workshops, factories and shops. It suggests smells and tastes. It also introduces readers to former residents who recall events involving gypsies, Portuguese people, Italian people or even 'cariocas'. It recalls a small Spanish scandal and revives local intrigue. (VOGEL; MELLO; MOLLICA, 2017, p. 43-45) (Translated by the author).

The first edition of the book was the final report of the (*Public space appropriation in the center of a neighborhood*) research project "Social space and leisure: anthropological and architectural study of Catumbi neighborhood". The project was carried out at the Urban Research Center (CPU) of the Brazilian Institute of Municipal Administration (IBAM), from May to December 1979. It was jointly sponsored by the Funding Authority for Studies and Projects (FINEP) and the National Fund for Scientific and Technological Development (FONDECYT), whose funding proposal dates back to January 19, 1978. The interdisciplinary research was carried out by anthropologists Arno Vogel (project coordinator) and Mar-

co Antonio da Silva Mello, who consolidated the project's ethnography and concepts, and were also in charge of its final writing. The project counted on the collaboration of architect and designer Orlando de Magalhães Mollica; architect and photographer Paulo Pavel; architect and filmmaker Sérgio Péo; filmmaker Tetê Moraes²; social pedagogues Magali Alonso de Lima and Zilda Clarice Martins Nunes; and architect and urban planner Carlos Nelson Ferreira dos Santos (at the time, he was CPU-IBAM coordinator and author of introduction of the book - dated April 1980).

In addition to the two print runs by IBAM in April and June 1980, the second edition of the aforementioned book was published in the following year (1981). It was revised, updated and given a title that made it a benchmark in the urban studies field: *When the street becomes home - Public space appropriation in the core of a neighborhood* (1981). After a series of editing hardships, the movie *When the street becomes Home* was produced and finished in the same year. The movie was launched in April 29, 1981 at FINEP auditorium in Rio de Janeiro City.⁵ The second edition of the book was quickly sold out, so a third edition was published in October 1985 by IBAM, FINEP and Editora Projeto (managed by Vicente Wissenbach - founder and editor of the architecture magazine *Projeto*) in São Paulo City. A fourth edition was published by EdUff in 2017, based on the main features gladly preserved by Vicente Wissenbach and on the editorial efforts of its director Aníbal Bragança. The critical introduction developed by Professor Soraya Silveira Simões (Institute of Urban and Regional Research and Planning of Federal University of Rio de Janeiro - UFRJ) and Felipe

2. Artistic names of filmmakers Sérgio Casemiro Jucá dos Santos and Maria Teresa Porciúncula Moraes, who replaced him at the end of the movie *When the street becomes home* (1981). Sérgio Péo had previously directed the movie *Rocinha 77* (1977), in which he walks around to record through the labyrinths of the great Rio favela, where he lived for six months. Accordingly, Tetê Moraes directed the movie *Lajes, a força do povo* (1982), which addresses a successful popular participation in municipal government in Santa Catarina State.

3. The intriguing and precise title was conceived by filmmaker Tetê Moraes. It was promptly approved, as the original title seemed too broad and inappropriate for a movie. The new title was also attributed to the project's book, which earned public recognition after its second edition (1981). Many years later, the movie screening (June 8, 2018, Pereira Passos Institute, at the launching of Carlos Nelson Ferreira dos Santos Auditorium) earned the amazed reaction of the audience.

Berocan Veiga (Anthropology Graduate Program at *Fluminense* Federal University - FFU) contextualized the ethnographic research and highlighted the topics of its issues.

The previous field study experienced in *Catumbi* neighborhood helped UAL approval by the same agency that had supported it. Nevertheless, a new field was proposed for the project: *São Cristóvão* neighborhood, Northern Rio de Janeiro. This neighborhood could help understanding the changes observed in the *campus* surrounding the National Museum of Brazil. The immediate surroundings of the National Museum were selected for a case study, based on the tradition of the Chicago School of Sociology. The research team discovered *successive* occupations in *Imperial de São Cristóvão* neighborhood (in the 19th century) throughout the study, due to its strategic location and enviable infrastructure after the industrialization process. However, its building system was affected by the deindustrialization process; therefore, the neighborhood became decadent amidst the railway lines, bridges and avenues built along its boundaries in the 20th century.⁴ Meanwhile, new industrial districts emerged far from the urban center, amidst transformations within Rio de Janeiro metropolitan region.

UAL started as a pilot project to develop a systematic field research on *São Cristóvão* neighborhood due to its successive social occupations, as previously observed on *Catumbi*. Researchers envisioned a small exhibition area in the National Museum that could allow visitors to seize *São Cristóvão* neighborhood and the whole city through scale models, plants, profiles and objects. It is worth recalling that the city was not chosen as the main attraction of Rio de Janeiro museums, at the time. Nowadays, however, museums such as Rio Art Museum (MAR) seek to embody this role during big events (LA BARRE, 2015).

Despite its limited experimental scope, the Department of Anthropology considered the project ambitious. Although the innovative research was enthusiastically welcomed, recommended by reviewers and approved by FINEP consultants, ideas in the paper did not come to reality. The project faced excessive bureaucratic requirements by the departmen-

4. The major road projects of *São Cristóvão* neighborhood were featured in the following movies: *Estrada de Ferro Leopoldina* (1926), *Avenida Brasil* (1946), *Elevado do Gasômetro* (1950s), *Avenida Radial Oeste* (1960s-70s), *Linha 2 do Metrô Rio* (1981) and *Linha Vermelha* (1992).

tal policy and institutional protocols of National Museum of Brazil, which were necessary for publication approval by the supporting agency and for subsequent funding approval.

Given the recent requests by anthropologist Gabriel Ferreira Barbosa (PPGA-UFF and Urban Ethnography Laboratory - LeMetro / IFCS-UFRJ) to publish the project, the archaeologist in charge of the National Museum's Reserve Collection, Angela Maria Camardella Rabello, kindly elaborated a brief and precise history of UAL project's internal procedures, from July 1982 to April 1983:

URBAN ARCHAEOLOGY LABORATORY – UAL / MN

Department of Archaeology / National Museum / UFRJ – FONDECYT / FINEP

Management: PhD Professor Maria da Conceição de Moraes Coutinho Beltrão.

History:

1. July 1982 – Request for Urban Archaeology Laboratory installation, by Official Letter No. 286 of 07.30.82, guidebook No. 104/82, signed by the National Museum Director's Council.
2. January 1983 – FINEP's reply: The project was framed as Prior Consultation No. 952/82, based on FONDECYT's support lines. Project: Urban Archaeology Laboratory installation, document No. 000927 from January 25, 1998. The document prioritizes *'the proposed pilot research, therefore the UAL installation project shall be scheduled for later'*. The agency also established a 60 (sixty)-day deadline for the Formal Funding Request submission as attached file. The project shall be automatically filed by the funding agency; the deadline should not be met.
3. March 1983 – Deadline extension request for Formal Funding Request submission, Official Letter No. 101 of 10.03.83, signed by the National Museum Director José Henrique Millan.

4. April 1983 – Letter on project postponement, funding request by the National Museum Director José Henrique Millan to the Head of FINEP Regional-Social Department, Celso Alves da Cruz (RABELLO, AMC, Aug 10, 2015, pers. comm.).

Gabriel Barbosa visited the Memory and Archive Section (SEMEAR) through project references identified and catalogued by Angela Rabello, with the help and recommendations by Claudine Borges Leite, secretary-general of the National Museum. He was welcomed by official Jorge Dias Junior, who provided access to the much-wanted collection. It allowed access to correspondence exchanged between the National Museum and FINEP about UAL. Guida Wajnbergier (on July 28, 2015) - logistics analyst and coordinator at FINEP - sent the following information by email after another consultation to the funding agency: “I only found the project’s reference number: 836/82 – UFRJ/National Museum. Installation of the *Urban Archaeology Laboratory – AUL/MN*, aimed at in-depth studies on the development of Brazilian urban society. [...] The project was framed on January 10, 1983 and filed on May 5, 1983”.⁵

Proposal filing put an end to postponements and abruptly ceased the so far successful agreements between the proposing and funding agencies, as evidenced by the aforementioned documents. This case is enlightened by José Henrique Millan, National Museum director, who evidenced the cancellation of a project whose funding had already been approved. There were three main arguments for the decision to cancel the aid application: limited budget and accounting; overlap by another project on prehistoric archaeology; technical staff’s allegation of schedule overlap with the UAL project.

The careful examination of allegations in Official Letter n. 176/83 led to the following conclusions: files lacked budget data, i.e., the total budget of Cr\$ 20 million over 24 months

5. The authors would like to thank Amélio Gabriel Machado, Claudine Borges Leite (Directorate Secretariat), Angela Maria Camardella Rabello (Technical Reserve) and Jorge Dias Junior (Memory and Archive Section – SEMEAR) from the National Museum, and Guida Wajnbergier, from FINEP, for the important documents provided for the accomplishment of this article.

of experimental pilot project execution for UAL's establishment.⁶ Therefore, documental allegation that "the inflation rate [...] will have surpassed that amount before the end of the first year of the project" was actually a false argument, since federal government agencies, such as FINEP, which fosters scientific and technological research and development, carry out all monetary restatements and corrections for the smooth running of projects under their sponsorship.

Yet, the third argument seemed quite *pro forma*, as human and technical resources to implement the pilot project (ethnographic-empirical research in *São Cristóvão* neighborhood) did not require a large staff, which could encumber the Department of Archaeology or impair the conduction of any competing project. Cooperation between governmental educational institutes and research institutes could perfectly allocate human resources previously planned for the smooth running of the project to be carried out by a small staff. Therefore, the second argument reveals all signs of a deliberate favoritism towards academic tradition, as follows:

The Department of Archaeology concurrently received confirmation about the contribution from Indiana and Harvard professors to the Central Project, which was carried out in Bahia State under the coordination of the aforementioned professor [Maria da Conceição Beltrão] and funded by CNPq. The project was scheduled to begin July 1983, thus coinciding with the Urban Archaeology Laboratory project execution. (Official Letter n. 176/83, MN-UFRJ, April 18, 1983) (translated by the author).

The aforementioned excerpt disclosed the ultimate argument: the Department of Archaeology notified FINEP that it had other research priorities scheduled for the same year that were funded by the National Council for Scientific and Technological Development (CNPq). This notification reinforced the Council's full affiliation to the prehistoric archaeology field.

6. According to the currency exchange table, the amount was equivalent to approximately R\$ 292.000 in 2015, or to US\$ 76.600 - based on the exchange rate at the time the documents were found.

The Central Project would unfold as it had the potential to resurrect the prehistoric human occupation in Bahia State hinterlands through the exploration of *Chapada Diamantina* limestone plain, mid-São Francisco. This exploration required the ability to manage complex logistics and expensive physical and financial resources, acquire equipment and organize trips. Maria da Conceição Beltrão found the bones of extinct Pleistocene animals, lithic artifacts and rock paintings in new places identified by her, such as Toca dos Búzios, Toca do Aragão and Toca da Esperança, where she performed several important excavations. Welcoming researchers from outstanding North American universities was essential to legitimize the new discoveries and for the project to be acknowledged within the international academic community. Moreover, it could further set the highly-sought-after transdisciplinary link among natural sciences, such as physics, chemistry, geology, botany, zoology and paleontology.⁷ Accordingly, it is not surprising that urban archaeology did not prosper as research field at that crucial moment.

THE DISPUTED KNOWLEDGE FIELD

In view of the forgoing, the authors hope to have justified their decision and expect to obtain the support from your Foundation upon the resumption of the Urban Archaeology project, which stands out for bringing novelty to the archaeological research field. (Official Letter n. 176/83, MN-UFRJ, 04/18/1983) (Translated by the author)

UAL project was a daring initiative to broaden the Archaeological field in Brazil. Hence, its cancellation could impair the forge of a much-desired link between historical archaeology and urban studies. Accordingly, UAL cancellation entailed ambiguous meanings: while the project earned institutional acknowledgement for its innovative nature, its conduction remained a prospect hung on the horizon, never to be materialized. Although its formal

7. Data on the Central Project and its publications by Maria da Conceição Beltrão and collaborators is available at: <http://www.projetocentral.com>.

proposer was initially motivated by an idea, she did not accept taking risks in a new field, due the benefit-cost ratio and to the homogenization trend of projects in the scientific community; these academic fields are considered controversial by the scientific community. Pierre Bourdieu (1983, p. 126-127) argues that “No scientific ‘choice’ [...] comes without a political investment strategy objectively oriented towards maximum scientific profitability, i.e., towards earning the recognition of peer-competitors” (translated by the author).

Project authors Arno Vogel and Marco Antonio da Silva Mello were not given any say in project cancellation decisions as they had no seat in the deliberative assemblies of the National Museum, although they were Research Professors at two academic departments in federal universities (UFF and UFRJ). In addition, they were not properly informed about the interruption of their process or even about the arguments raised in the correspondence exchanged with the funding agency. In view of the frustrated project and of the embarrassment inflicted on its proposers, the authors were invited to publish the project's subject in *Revista de Arqueologia* (Archaeology Magazine) as some kind of compensation. Thus, the article “Building systems and social memory: Urban archaeology?” was acknowledged after its publication in *Revista de Arqueologia* (VOGEL; MELLO, 1984), which was launched a year earlier by Maria da Conceição Beltrão. The journal was originally edited by Museu Paraense Emílio Goeldi, and published under financial support by CNPq and FINEP. Eventually, it became the official journal of the Brazilian Archaeology Society (SAB). Its former scientific editorial board included Luciana Pallestrini,⁸ Salete Maria Neme,⁹ Gilberto Velho and Luiz de Castro Faria, among others.

8. Luciana Pallestrini was guided by Professor André Leroi-Gourhan in Paris, with whom she learned the deep excavation method. Over the 1970s, she disseminated this method in Brazil through the Parapanema Project and the establishment of the Department of Archaeology at Museu Paulista (University of São Paulo – USP). Meanwhile, Professor Leroi-Gourhan had been deputy director of Musée de l'Homme — where he guided the intern Luiz de Castro Faria — and succeeded Marcel Griaule (1950s) at Sorbonne University in the 1950s. He also held the Chair of Prehistory at Collège de France, from 1969 to 1982.

9. Salete Maria Neme was Maria da Conceição Beltrão's assistant at the National Museum and member of the Central Project team. She carried out her academic studies in Historical Archaeology as graduated historian under the guidance of Eulalia Meyer Lobo (master's degree) and Francisco Falcon (PhD) at IFCS / UFRJ. The authors would like to thank Salete Maria Leme and Luiz Felipe Baêta Neves (National Museum – UFRJ and State University of Rio de Janeiro – UERJ) for their recent clarifications, which allowed the restoration of the intellectual environment in the Archaeology Department and its complex relationship with the Anthropology Department of the National Museum.

The authors had not even seen the published article, when Castro Faria surprised Mello by unexpectedly entering his office, flapping the journal at him and asking loudly: “Are you going to dig a hole in the street now?!?” This sudden attitude was, rather than impertinence, a kind of warning by those who had written the first balance sheets on Brazilian archaeology and knew their settings and situational conditions very well — or the *state of affairs* (*Sachverhalt*) of Archaeology, as he liked to say. By acting in such a manner, Castro Faria embodied the role of the power structure and position within the institution and the Natural History Museum and its juncture; therefore, chances for successful project approval were very slim. Given the blatant power imbalance between the involved parties, the project at stake could seem like a “move” (GOFFMAN, 2009), a kind of excuse for a spurious affiliation to an established institution.

Although Castro Faria used to express histrionic resistance to novelty, he was not entirely unaware of the tempting ideas in industrial archaeology first introduced to Brazil in the 1970s, mainly conferences held by the *Brazilianist* Eddy Stols, Emeritus Professor at the Catholic University of Leuven, in Belgium, and by José Amado Mendes, former Professor of Economic History at Coimbra University. Mendes is acknowledged for his studies on the glass industry in Leiria, Portugal — operational since the first half of the 18th century — and its modernizing role under the reign of King John V.¹⁰

Aydil de Carvalho Preiss and Ismênia de Lima Martins, Castro Faria (full professor and one of PPGA-UFF founders) did not only attend the conferences, but also enthusiastically outspread their content among his colleagues and students. When the newly-founded PPGH-UFF welcomed the *flamand* historian as lecturer, Eddy Stols carried out a research program based on theoretical economic history frameworks to study Belgian capitalism and its expansion to neighboring countries. Some Belgian textile factories were coinci-

10. The authors would like to thank Professors Francisco Falcon (Emeritus Professor at UFF and UFRJ), Maria Célia Falcon (UFF), César Honorato (UERJ and UFF), Antonio Edmilson Martins Rodrigues (UERJ and Pontifical Catholic University of Rio de Janeiro – PUC-RJ) and Aydil de Carvalho Preiss (UFF) for the information provided and for the discussions that enabled the revival of the industrial archaeology and economic history fields in Brazil, dated from the 1970s. Wagner Neves Rocha (UFF) also provided valuable assistance in the search for information and contacts regarding the aforementioned fields.

dentally found in the Brazilian cities of Niterói and São Gonçalo, in the industrial districts of Barreto and Neves. The research by Eddy Stols aimed at rebuilding urban spaces and restoring manufacturing processes through technological resources available in the 19th and early 20th centuries, such building canals, floodgates and sluices, and the large-scale use of metal for railway stations, ports, bridges, mills, silos, lighthouses, markets, galleries and factories.

Eddy Stols and his colleague Maria Célia Falcon (History professor at UFF), undertook an exploratory visit to these factories — many of which have already been closed — and to old industrial skeletons, after the industrial archaeology conference. This meeting fostered a lasting friendship between historians from Rio de Janeiro and the lecturer Eddy Stols, who returned to Brazil in other occasions. In 1994, he welcomed three colleagues from UFF and UFRJ in Brussels: Francisco Falcon, Maria Célia Falcon and Maria Yedda Linhares. Brussels was undergoing intense industrialization followed by deindustrialization processes, at the time, just like Lille, in Northern France; and Flanders, in Northern Belgium. These experiences helped understanding urban space transformations and their material testimonies in each phase of the Industrial Revolution.

In addition to the shelved project, why did the introduction of urban archaeology into Archaeology programs not succeed, after all? Even later on? What would be the issues, enjeux, losses and gains from the integration of both disciplines, if, according to the classic definition, archaeology preceded anthropology (HUDSON, 1976, p. 17)? The analysis of the field and its vicissitudes made it perfectly clear that archaeology has been the main attraction of the National Museum for decades, although without any kind of connection to graduate studies. Even when it was later institutionalized as discipline at universities, urban archaeology did not become a regular and mandatory subject in Archaeology undergraduate¹¹ or graduate

11. The first Archaeology Graduate Program of Brazil, no longer in operation, was founded by Osvaldo Heredia at *Estácio de Sá* Integrated Colleges in 1979, where the Archaeology Society of Brazil (SAB) was founded two years later. Since 2005, several undergraduate programs have been created in the country: three in the Northern region (Amazonas State University – UEA, Federal University of Rondônia – UNIR and Federal University of Western Pará – UFOPA), four in the Northeast region (Federal University of Pernambuco – UFPE, Federal University of Piauí – UFPI, Federal University of Vale do São Francisco – UNIVASF and Federal University of Sergipe – UFS), one in the Midwest region (PUC-GO), three in the Southeast region (UERJ, Federal University of Minas Gerais – UFMG and Metropolitan University of San-

programs.¹² Anthropologists have only recently worked in partnership with archaeologists and historians in environmental consulting projects and expert reports. Archaeologist Rossano Lopes Bastos (2015, p. 1-2)¹⁵ shed light on the implicit and explicit differences in the academic field during an interview:

While Archaeology is still considered a developing field in Brazil, Anthropology has already established a mature theoretical framework. This imbalance can be associated with the objects studied by each of them and the fact that Archaeology has developed more slowly in Brazil. If, on one hand, Anthropology was born within museums, Archaeology was born for museums. In other words, it was born to feed them with material culture and the noteworthy 'period of collecting'. While Anthropology leaves museums

tos - UNIMES) and two in the Southern region (Federal University of Pelotas – UFPel and Federal University of Rio Grande – FURG). It is worth mentioning that most of these programs have prospered close to archaeological sites, i.e., few hours away from archaeological sites, but distant from the established museum collections.

12. Since 1972, the Museum of Archaeology and Ethnology of University of São Paulo (MAE-USP) offers the oldest Archaeology Graduate Program in Brazil. Since then, it has also focused on offering master and PhD degree in Anthropology. In 2004, USP Museum created its own program. UFPE Archaeology Graduate Program was created in 2002, in partnership with Museum Foundation for the American Man (FUNDHAM). Four years later, the Archaeology Graduate Program (PPGARq) of National Museum of Brazil (UFRJ) and PPGAN/UFMG were created to offer Social Anthropology and Archaeology Programs. In 2008, UFPI created the Anthropology and Archaeology Graduate Program (PPGAArq). Two years later, Proarq (Laranjeiras *campus* at UFS) and the Anthropology Graduate Program (Federal University of Pará – PPGA/UFPA) — which focused the fields of Archaeology, Anthropology and Biological Anthropology — started their activities. The Anthropology Graduate Program – PPGAnt/UFPel was created in 2012, with focus on Social-Cultural Anthropology and Archaeology. Please refer to Bezerra (2008), Prous (2013) and Sousa (2015) for more details on this program.

13. Rossano Lopes Bastos holds a degree in Archaeology at Universidade Estácio de Sá (UNESA), is an expert in Prehistoric Archaeology at the National Museum, holds a master's degree in Geography at Federal University of Santa Catarina (UFSC) and PhD in Archaeology at University of São Paulo (USP). He has been an archaeologist at the National Institute of Historic and Artistic Heritage (IPHAN) since 1985 and was president of the Brazilian Archaeology Society from 2005 to 2007.

to the countryside and academia, Archaeology leaves academia and the countryside to museums.

[...] Archaeology and Anthropology are facing a time of increased tension without an effective and desirable approach able to foster cross-cutting contributions of mutual understanding and application. Unfortunately, Brazilian anthropologists still do not recognize Archaeology as a twin field, but as a bastard daughter. On the other hand, archaeologists have sought to establish Archaeology as independent field, although it is an extremely vast, inter- and transdisciplinary field that earned more recognition than Anthropology in the past.

Urban archaeology was associated with industrial archaeology in the period of respected differences and searched for legitimacy in the *hierarchy of artifacts*. These fields awakened the interest of economic history researchers, such as Eulália Maria Lahmeyer Lobo, who run research on industrial capitalism and labor context in Rio de Janeiro, as well as Bárbara Levy, who assessed the memory of the capital market. Eddy Stols and his colleagues Francisco Falcon and Antonio Edmilson Martins Rodrigues, together with his former student César Honorato, outlined an economic history project, which “did not prosper due to lack of institutional interest”.

Thus, industrial archaeology did not fully succeed in undergraduate and graduate History courses at the time, due to limited economic history studies that have marked the academic field during the 1970s and 1980s. This scenario was impaired by internal disputes between Marxist and quantitative approaches. Consequently, the discussion that had divided historians rendered two unfeasible opportunities: huge encouragement to economic history and the subsequent flourishing of industrial archaeology in Brazil, given the low price of this field in the academic market, at the time. Archaeology was minimally integrated to the architecture and urbanism fields - after it was rejected (for the second time) by education institutions -, as it was the only field interested in their empirical objects, such as industrial plants, historical buildings, machinery, routes and urban equipment.

After more than three decades, the opportunity to publish UAL project originals brought to light the discussed theoretical and methodological issues, which remain topical today, *vis-à-vis* the simplicity of the text. Therefore, the terminological *disclosure* in the project is also

an invitation to unveil the lost link of a field marked by disputes. Archaeologist Richard B. Woodbury (1974, p.533, authors' translation) highlighted the matter, as follows:

Archaeology can be defined as the Anthropology of extinct cultures. [...] Archaeology can also be considered as a series of specialized techniques to gather past cultural data, which can be assessed by anthropologists, historians, art critics, economists or any other specialist interested in human activities. This standpoint solves the challenge of determining whether Archaeology is Anthropology or History, and allows the integration of diverse and oftentimes incompatible ends to those that rely on archaeological data and conclusions. Archaeology's greatest contribution lies on its historical depth, as it completes the synchronic anthropological studies on societies from all parts of the world.

It is not uncommon for archaeology to be faced by the epistemological issue of puzzling methods and techniques within the human sciences field, given the diachronic variations on excavation methods. On the other hand, the emergence of urban archaeology as academic field evidences the coexistence of several temporalities in the same contemporary structure: the city and its building system.

Architect Beatriz Mugayar Kühl (2010, p. 26) highlighted the authors' essential position upon analyzing the conceptual discussion, problematization of timeframes and different categories of new industrial archaeology studies, as highlighted below:

The very use of the word 'archaeology' is yet another discussion-worthy issue, as this word had been the target of intense controversy throughout the 1970s and 1980s. Certain authors questioned the relevance of its use for studies that did not require 'traditional' archaeology methods (mainly excavations) and did not provide any material evidence of productive activity. Nevertheless, industrial archaeology can be broadly understood, as emphasized by Hudson, who highlighted the semantic breadth of the word 'archaeology' by associating it with past human-manifestations phases.

REFERENCES

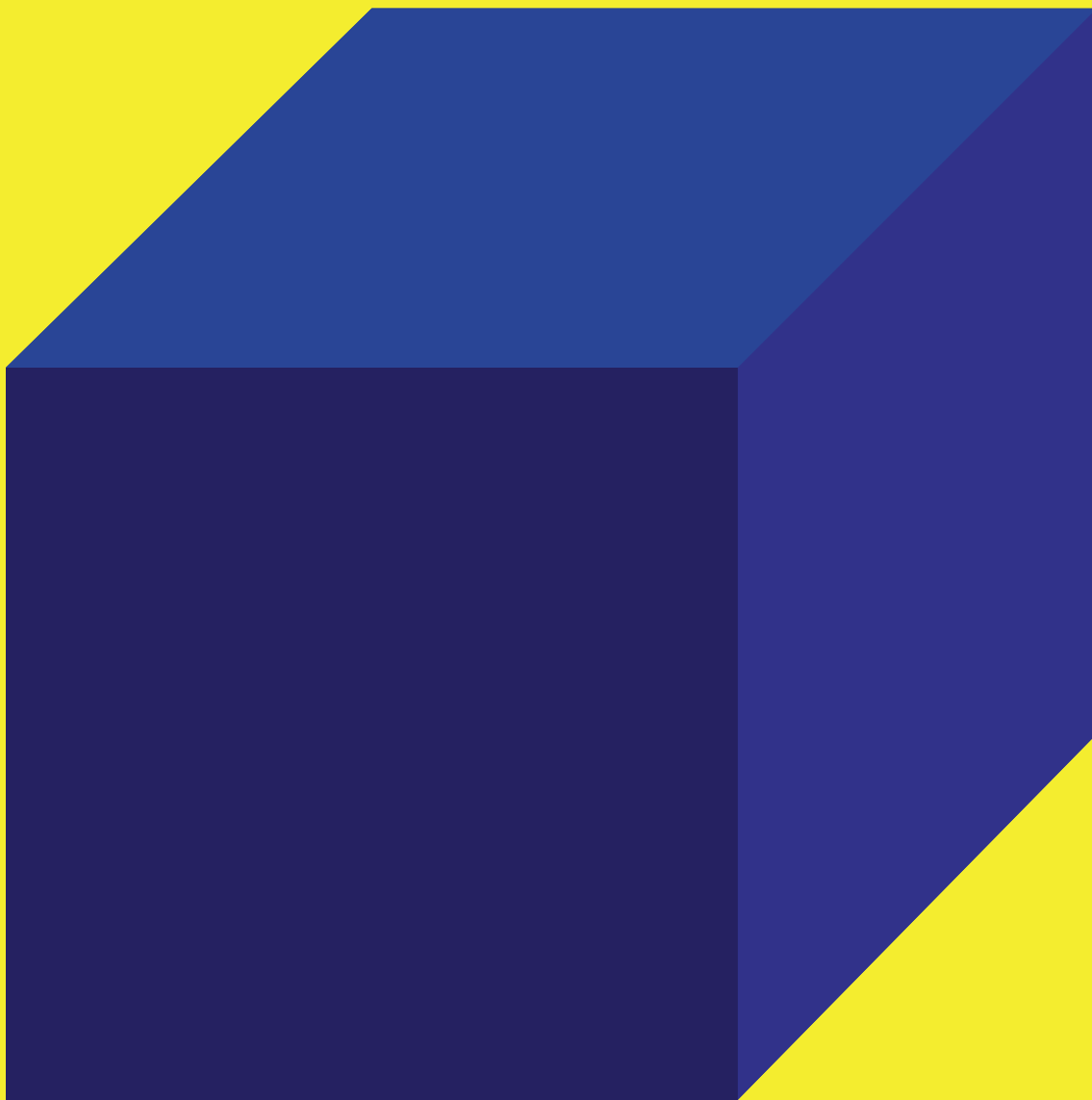
- BASTOS, R. L. Arqueologia no Brasil:atualizando o debate. **Comunidade Virtual de Antropologia**, n. 39. Disponível em: <https://pt.scribd.com/document/466381345/Rossano-Lopes-Bastos-Arqueologia-No-Brasil-Atualizando-o-Debate>. Acesso em: 20 jun. 2020.
- BEZERRA, M. Bicho de nove cabeças: os cursos de graduação e a formação de arqueólogos no Brasil. **Revista de Arqueologia**, São Paulo, v. 21, n. 2, p. 139-154, 2008.
- BOURDIEU, P. O campo científico. In: ORTIZ, R. (org.). **Pierre Bourdieu: sociologia**. São Paulo: Ática, 1983. p. 122-155. (Grandes Cientistas Sociais, n. 39).
- CALVINO, I. **As cidades invisíveis**. Rio de Janeiro: Biblioteca O Globo, 2003.
- GOFFMAN, E. Acalmando o otário: alguns aspectos de adaptação à falha. **Plural – Revista do Programa de Pós-Graduação em Sociologia da USP**, São Paulo, v. 16, n. 1, p. 195-211, 2009.
- HUDSON, K. **Industrial archaeology: a new introduction**. 3. ed. London: Baker, 1976.
- KÜHL, B. M. Patrimônio industrial: algumas questões em aberto. **Arquitetura e Urbanismo**, São Paulo, n. 3, p. 23-30, 2010.
- LA BARRE, J. de. O espaço carioca entre espetáculo e resistência. In: CUNHA, N. V. da; FREIRE, L. de L.; MARTINS, M. M.; VEIGA, F. B. (org.). **Antropologia do conflito urbano: conexões Rio-Barcelona**. Rio de Janeiro: Lamparina; LeMetro/IFCS-UFRJ, 2015.
- PROUS, A. As muitas arqueologias das Minas Gerais. **Revista Espinhaço**, Diamantina, v. 2, n. 2, p. 36-54, 2013.
- SOUSA, J. C. M. de. Como se tornar um arqueólogo no Brasil: lista de cursos. **Arqueologia e Pré-História**, 19 dez. 2019. Disponível em: <http://arqueologiaeprehistoria.com/o-que-e-arqueologia/como-se-tornar-um-arqueologo-no-brasil>. Acesso em: 1 jul. 2015.
- VOGEL, A.; MELLO, M. A. S. Lições da rua: o que um racionalista pode aprender no Catumbi. **Arquitetura Revista**, Rio de Janeiro, v. 1, n. 1, p. 67-79, 1983.
- VOGEL, A.; MELLO, M. A. S. Sistemas construídos e memória social: uma arqueologia urbana? **Revista de Arqueologia**, Belém, v. 2, n. 2, p. 46-50, jul./dez. 1984.
- VOGEL, A.; MELLO, M. A. S.; MOLLICA, O. **Quando a rua vira casa: a apropriação de espaços de uso coletivo em centro de bairro**. 4. ed. Niterói: EdUff, 2017.
- WOODBURRY, R. B. Arqueologia:objeto. In: SILLS, D. L. (dir.). **Enciclopedia Internacional de lasCienciasSociales**. Madrid: Aguilar, 1974.v. 1, p. 533-540.

FELIPE BEROCAN VEIGA

PhD (2011) and master's degree (2002) and postdoctoral degree (2015 and 2011) in Anthropology from the Universidade Federal Fluminense - UFF. Undergraduate degree in Communication / Journalism (1997) from the University of Brasília - UnB. Adjunct Professor at the Department of Anthropology (GAP / ICHF-UFF) since 2015. Regular Professor at the Postgraduate Program in Anthropology at Universidade Federal Fluminense - PPGA / ICHF-UFF (since 2017). Researcher at the Metropolitan Ethnography Laboratory (LeMetro / IFCS-UFRJ) and at the Institute for Comparative Studies on Institutional Conflict Management (INCT-InEAC / CNPq).

MARCO ANTONIO DA SILVA MELLO

PhD in Anthropology (Social Sciences) from USP, with a Postdoctoral degree at the Département de Sociologie of the Université de Paris X-Nanterre; specialization in Social Anthropology at the Post-graduation program in the Museu Nacional - PPGAS / MN-UFRJ. Bachelor's Degree in Social Sciences Associate professor at the Department of Cultural Anthropology at the Institute of Philosophy and Social Sciences - DAC / IFCS-UFRJ since 1978. Professor of the Post-graduate Program in Anthropology at the Institute of Human Sciences and Philosophy - PPGA / ICHF-UFF since its foundation in 2004. Professor at the Department of Anthropology - GAP / ICHF-UFF (1976-2014). Coordinator of the Metropolitan Ethnography Laboratory (LeMetro / IFCS-UFRJ). Senior researcher at the Institute for Comparative Studies in Institutional Conflict Management (INCT-InEAC / CNPq).



CIDADES PLANEJADAS, CIDADES REAIS: PROSTITUIÇÃO E A PRODUÇÃO DE UMA NARRATIVA CRÍTICA URBANA

Os movimentos sociais urbanos organizados nas cidades brasileiras construíram, ao longo do século XX, uma agenda centrada em questões de habitação e trabalho. A luta por serviços de transporte público mais democráticos e integrados nas áreas metropolitanas também se inscreve, na pauta desses movimentos, como parte estruturante da relação casa-trabalho. Esses movimentos construíram, portanto, uma crítica coordenada ao neoliberalismo globalizado e à mercantilização das cidades, denunciando sistemas políticos transformados em uma bolsa de valores nos níveis municipal, estadual e federal e responsáveis pela política de repressão àqueles que reclamam, nas ruas, o *direito à cidade*.

Junto a esses movimentos críticos da mercantilização das cidades, há aqueles que hoje lutam especificamente pelo *direito às ruas*, uma reivindicação do direito de *estar* de determinado modo nas ruas da cidade, com uma intenção clara de exercer um tipo de trabalho

que, ao configurar algum tipo de relação, passa a ser classificado como crime no Código Penal. Nesse cenário, desponta o movimento organizado de prostitutas, mobilizadas, no Brasil, a partir dos anos 1970 contra a repressão policial e, posteriormente, em diversas lutas pelo reconhecimento que vão se desenrolar sobretudo no campo da saúde. A agenda do movimento brasileiro de prostitutas veio se constituindo em torno da luta pelo reconhecimento da prostituição como trabalho e pelo direito à segurança nas ruas, calçadas e esquinas das cidades brasileiras. Podemos dizer que as prostitutas brasileiras vêm, portanto, se mobilizando pelo “direito à ação”, enquanto sujeitos políticos, e pelo direito ao trabalho que, nesse caso, passa também por uma reivindicação pelo *direito à rua*.

Visto dessa perspectiva, as cidades, seus lugares e ambientes, mesmo diante do desmantelamento provocado por intervenções urbanas, continuam a existir na imaginação de seus habitantes e, portanto, nas suas práticas. As práticas e exibições dessas *figures de l'urbain* que dão vida às chamadas regiões morais das cidades (PARK, 1915) são atualizadas a todo momento e em todas as cidades do mundo, insinuando-se no coração do planejamento urbano oficial. Elas enfatizam, assim, conflitos urbanos e hierarquias sociais mais ou menos rígidas, permitindo uma perspectiva comparativa transnacional.

Nas décadas de 1950 e 1960, no Brasil, o Estado promoveu o deslocamento de determinadas populações para áreas segregadas por meio de decretos, programas e leis. No caso da prostituição, as chamadas *zonas de tolerância* começaram a ser demarcadas e densificadas em muitas cidades brasileiras de médio e grande porte, tais como Fortaleza, Marabá, Curitiba, Belo Horizonte, São Paulo, São Luís, Rio de Janeiro, Natal, Uberaba e Campinas. Hoje, associações de prostitutas em todo o Brasil têm criticado a referida política de zoneamento, e essas perspectivas lançam luz sobre as múltiplas táticas de expansão do capital que encontram nas cidades o suporte para sua reprodução – e que são simbólica e fisicamente violentas, sobretudo para os que têm nas ruas das cidades o seu espaço de reprodução social. Despejos, perseguições, ameaças e demolições são o enredo dessa história que, do ponto de vista oficial, visa promover “o desenvolvimento das cidades”.

O movimento das prostitutas brasileiras possibilita abordar a liminalidade vivida nas cidades brasileiras do ponto de vista de um sujeito que deve ser interpretado sobretudo à luz do gênero e do lugar em que atua: mulheres (cis e trans) que ocupam ruas e calçadas como espaço para a oferta de serviços sexuais.

CIDADES INSUBMISSAS

Em 1979, a Boca do Lixo, setor boêmio do centro da cidade de São Paulo, foi palco da primeira manifestação organizada de prostitutas no Brasil.

A ditadura vivia seus estertores, e a violência policial contra populações contestadoras de certa noção de ordem recrudescia. Foi nesse contexto que prostitutas que trabalhavam ali, nas calçadas e nos prédios da Boca do Lixo, decidiram denunciar as violências sofridas diuturnamente utilizando a rua como palco.

Naquele momento, tomar a rua não como espaço de trabalho mas como palco para outro tipo de atuação era questão de sobrevivência. A manifestação política iria publicizar denúncias e reivindicações, e ampliar uma sensibilidade jurídica (GEERTZ, 1973; OLIVEIRA, 2008; LIMA, 1991) que, doravante, redefiniria “o problema da prostituição”: não mais o sexo comercial, mas a violação de direitos civis e humanos de mulheres prostitutas. A violência policial era então o elemento deflagrador de uma grande reflexividade entre aqueles que configuravam um grupo social excluído de muitos direitos. Entre esses direitos está aquele que passou a ser reclamado como primordial: o direito de *estar nas ruas e calçadas*, de habitar plenamente a cidade, exibindo-se de determinada maneira, disponível sexualmente para homens e mulheres então tornados clientes para encontros eróticos. Reclamava-se, portanto, o direito à determinada performance *nas ruas*, o direito ao trabalho – no caso, o trabalho sexual – e, com eles, o direito às ruas, à diversidade das ruas e à segurança nas ruas da cidade.

As ruas das grandes cidades são infinitamente distintas em seus desenhos, usos e horários. São apropriadas como local de trabalho, para além do lazer e da circulação. São as ruas, portanto, que exprimem a diversidade urbana e as particularidades de cada cidade. Autores que se dedicaram à crítica ao urbanismo modernista evocaram, há muito, que o ideal do progresso se fundamentava na máxima “menos é mais”. Esvaziar as ruas para “otimizá-las” em sua “função” era o mesmo que especializar os espaços da cidade segundo uma concepção técnico-administrativa incapaz de contemplar a diversidade dos modos de se experimentar e inventar uma existência social. Cidades planejadas e construídas à luz desse princípio, em que os espaços e fluxos são pensados funcionalmente, aboliam a rua em benefício da quadra, o *equivoco* em benefício do *unívoco*, a virtualidade polítética em benefício da razão monotética (MELLO; VOGEL, 2016). Para gerir melhor as cidades, o ur-

banismo modernista de extração racionalista usurpava o poder dos “muitos olhos da rua” (JACOBS, 1961), ou seja, dos próprios habitantes e praticantes da cidade, em benefício de formas especializadas e pretensamente universais de controle da vida cidadina. O pensamento urbanístico modernista previa, portanto, a “boa forma urbana”, independentemente das concepções da forma urbana formuladas pelos próprios habitantes no decurso de suas variadas práticas cotidianas.

Por tudo isso, a rua, por oposição aos espaços institucionalizados do trabalho, do lazer e do repouso, quando apropriada para esses fins, torna-se um espaço que confronta a lógica da produção e da acumulação capitalista. O tempo e o espaço do trabalho realizado na rua, por oposição ao tempo e ao espaço contabilizado e controlado do trabalho na fábrica ou no setor terciário, são feitos de imprevisibilidade, de circunstância, de invenção, criatividade, iniciativa pessoal. Fora da rua, o trabalho produtivo, além de controlado e contabilizado, está inserido numa escala e logística complexas, num quadro de divisão social do trabalho altamente diferenciado. Na rua, o trabalho escapa à lógica de acumulação capitalista. O trabalho na rua é, portanto, passível de ser criminalizado ou, ao menos, vitimizado. A finalidade é garantir a liberação do espaço de circulação e da força de trabalho para o seu emprego no trabalho produtivo, mantendo a produção de espaços desembaraçados de todo e qualquer constrangimento local – ou, como avaliou David Harvey (1998, p. 242), produzindo uma “compressão espaço-tempo” para uma “emancipação humana universal num espaço global tornado coeso”. As ruas do mundo, nesse sentido, permanecem sendo o espaço da contestação desse projeto de dominação.

É nas ruas das cidades, portanto, que surge o conflito entre as diferentes concepções da “boa forma urbana” e do direito à cidade. Pois é nas ruas que seus moradores e os habitantes da cidade se entrecruzam, se entreolham, se avaliam reciprocamente e delas se apropriam distintamente. Intervir em ruas é, portanto, intervir no cotidiano da vida dos cidadãos, de gente que nelas atua para desempenhar e expressar uma maneira própria de existir – ou seja, de *mostrar-se*, como sugere a etimologia da palavra – nas grandes cidades, confrontando as forças opressoras da ordem da cidade capitalista.¹ Intervir em

1. Robert Ezra Park já dizia, em 1915, que “na cidade qualquer ocupação [no original, *vocation*] é passível de se tornar profissão”. A vida urbana, o anonimato, a distância física de constrangimentos impostos pelas relações primárias – entre muitos outros aspectos abordados nos mais diversos estudos urbanos

ruas é, assim, intervir no principal lócus de construção emancipada dos sujeitos na vida urbana. A sociabilidade das ruas, obedecendo a ritmos diferenciados daquele que organiza a sociabilidade nos espaços institucionais do trabalho produtivo, subverte o padrão da previsibilidade, do controle e da mensurabilidade desejável nesses espaços, atualizando a *poiésis* de uma cidade inspirada (BOLTANSKI; THEVENOT, 1991). Como disse Robert Ezra Park (1915), nas ruas das grandes cidades qualquer atividade é passível de ser transformada em “profissão”. No decurso das interações possíveis nas ruas, a experimentação e a invenção do cotidiano situam-na no polo oposto ao dos espaços institucionais do trabalho produtivo. A produção de bens e a oferta de serviços forjados socialmente nas ruas, ou seja, em espaços não oficiais de produção e circulação de bens, serviços e mercadorias que deveriam (ou poderiam) estar sendo produzidos em ambientes institucionais, é criminalizada e perseguida pelas leis que organizam a vida nas grandes cidades.

A prostituição é apenas uma entre as muitas atividades exercidas nas ruas. Nas ruas, ela evidencia a existência do sexo pago na cidade. Sugere a realização de desejos eróticos que escapam do sexo normatizado e deixa entrever a existência de espaços heterotópicos² para a realização do sexo nas cidades. Incita, enfim, a imaginar o sexo não restrito a relações nas quais ele deve ser cultivado em instâncias domésticas – *longe da rua*. Exibe o sexo efêmero e nas ruas. A prostituição que se exhibe nas ruas revela que a cidade é também feita de libido, de desejos e, portanto, de valores que configuram o campo de uma economia libidinal que entra em conflito com a repressão própria da sociedade de produção (SAFATLE, 2008). As ruas revelam, pois, uma cidade feita por pessoas e *métiers* que encontram, nesse sentido, a prostituição como um estilo de vida.

CIDADES DOMESTICADAS

Até os anos 1960, algumas cidades brasileiras sofreram intervenções que visavam justamente concentrar e segregar a prostituição em espaços exclusivos, chamados “zonas de

desde o início do século XX - seriam condições para o florescimento de serviços variados e de processos associativos entre os variados públicos formados a partir de determinada experiência urbana.

2. Utilizamos aqui o conceito de heterotopia de Michel Foucault, para quem espaços heterotópicos são aqueles que comportam múltiplas camadas de significação que não podem ser notadas imediatamente, mas na medida em que surgem conflitos derivados das formas de apropriação.

tolerância”. Essa “política de tolerância” foi a primeira medida tomada após o Brasil ter assinado, em 1951, a Convenção para Repressão do Tráfico de Pessoas e do Lenocínio, aprovada em Lake Success, nos Estados Unidos da América, em 1950.

De norte a sul do país, as municipalidades investiram na construção de novos bairros em áreas ainda não urbanizadas ou formulavam políticas de concentração da prostituição em áreas centrais nas capitais. Essas “zonas de tolerância” do meretrício permitiram, assim, um tipo de gestão da prostituição, tratando-a como um problema público de natureza variada, inscrito nos campos da saúde e da segurança pública. A prostituição segregada facilitava o controle estatal dos corpos, dos comportamentos e dos fluxos de certos deslocamentos nas cidades (LEITE, 2005; MENEZES, 1992; RAGO, 1991; SOARES, 1993). Mas, ao mesmo tempo, viabilizava a existência de destinações urbanas que passaram a integrar um circuito da prostituição para homens e mulheres migrantes em todo o território brasileiro (BLANCHETTE; SILVA, 2005; RAMOS, 2015; SIMÕES, 2010).

No Rio de Janeiro, a disciplinarização da prostituição, associada ao discurso sanitarista, foi consolidada entre 1954 e 1974, quando vigorou uma política de concentração da prostituição na área central da cidade – conhecida como Mangue, ou “zona do Mangue” – em bordéis higienizados e controlados pela polícia. Tal política de concentração da prostituição carioca em bordéis policiados e medicados perduraria até as demolições decorrentes das obras de construção do metrô (Cidade Nova) e do centro administrativo da prefeitura (LEITE, 2005). Em Campinas, no estado de São Paulo, o bairro Jardim Itatinga foi inteiramente planejado e construído em terreno vazio para receber a população de prostitutas que seriam retiradas das ruas do centro da cidade, em meados dos anos 1960 (RAMOS, 2015). Com a existência de um lugar oficial para sua prática, a prostituição passou a ser reprimida violentamente no centro da cidade.

Com o fim da política de segregação, a prostituição em cidades como Rio de Janeiro e Campinas voltou a se exibir mais claramente nas ruas de outras áreas, embora tenha permanecido predominantemente no mesmo lugar das “zonas” institucionalmente configuradas, existindo e perdurando como um destino conhecido e desejado pelos seus frequentadores.

No Rio de Janeiro, nas décadas seguintes, face ao processo de renovação urbana que mudaria por completo aquele setor, as mulheres que lá resistiam fundaram, em 1987, a

primeira associação de prostitutas do país (MORAES, 1995), reivindicando o “direito ao lugar” em um dos últimos exemplares de todo o casario demolido do Mangue (foto). Ali, na chamada Vila Mimosa, prostitutas desejavam permanecer atuando diante do processo de renovação e modernização urbana que transformaria por completo os usos da Cidade Nova (MORAES, 1995; SIMÕES, 2010b). Ali se efetivava, portanto, um movimento associativo crítico dos processos de intervenção urbana que ganharia notoriedade na mídia e o apoio de figuras expressivas no cenário político e cultural brasileiro (fotos no Circo Voador e capa do Beijo com Jorge Amado).

1. Leila Barreto, ativista da Rede Brasileira de Prostitutas, no desfile Daspu, no IFCS-UFRJ, em 2015.

Foto: Avati Castro.



A RUA É PALCO

O movimento brasileiro de prostitutas surgia, então, nos anos 1980, revelando a cidade e seus conflitos pelo “direito ao lugar” e, por esse *bias*, atraía a atenção e o apoio de um público mais amplo em momento de recente reabertura política.

Nascido de situações liminares vividas nas ruas das grandes cidades, o movimento reuniu mulheres atacadas no desempenho cotidiano do *métier*. Mulheres que existiam, publicamente, nas ruas das cidades, exercendo um papel social desembaraçado de todas as relações configuradoras da mulher “higienizada” e “domesticada” – irmã, filha, mãe, esposa. Eram mulheres que experimentavam, nas ruas, constrangimentos de toda sorte, que viviam situações de liminaridade ao não conseguirem fazer valer seus direitos – em especial o direito ao *respeito*, porque, estando nas ruas e sexualmente disponíveis, provocavam e subvertiam o lugar conferido às mulheres de acordo com valores de uma moral burguesa.

Nesse *social drama* (TURNER, 1957), prostitutas passaram a identificar seus papéis sociais e suas performances de trabalho nas ruas como os elementos de destaque dessa luta (SIMÕES, 2010a). Observando o *espaço* e o *tempo* do desempenho de seus papéis, ou, ainda, observando como produziam um espaço e um tempo nas ruas das cidades, passaram, então, a dramatizar o trabalho sexual em manifestações de caráter performático, onde simulam abordagens, sedução e atos sexuais em passarelas-*trottoir*.³ Essa opção pela *performance* tem mobilizado a percepção do público espectador e, com isso, propiciado a ressignificação da prostituição, valorizando-a e reivindicando o seu reconhecimento como um trabalho: o *trabalho sexual* (Figura 1- IFCS).

Ao final dos anos 1980, o *Beijo da Rua*, primeiro jornal da categoria lançado no país, passou a circular em todo o território nacional veiculando novos sentidos da prostituição e reclamando um lugar marginal como lugar ideal para a formulação de críticas contra os processos hegemônicos de dominação de populações urbanas e de cidades (Figura 2 - Capa primeiro Beijo).

Entre as reportagens veiculadas, estão o I Encontro Norte-Nordeste de Prostitutas, realizado em Recife, em 1988, quando prostitutas discutiram a retirada do capítulo V do

3. Trata-se da passarela Daspu, que abordaremos mais adiante.

2. Capa do primeiro número do *Beijo da Rua* (dezembro de 1988)



Código Penal e lançaram o primeiro jornal destinado à categoria; o I Encontro das Prostitutas Gaúchas, realizado em Porto Alegre, em 1989, quando foram relatados os problemas de humilhação institucionalizada, como a existência de um “termo de vadiagem” a ser assinado na delegacia pelas prostitutas presas ilegalmente nas ruas da cidade; e o I Encontro de Prostitutas do Pará, realizado em Belém, em 1991, quando as mulheres puderam contar com o apoio institucional do governo daquele estado. Naquele mesmo ano, uma rádio comunitária foi criada na Vila Mimososa. No ano seguinte, Gabriela Silva Leite, a principal mobilizadora da manifestação de 1979, em São Paulo, e da associação de prostitutas do Rio de Janeiro, em 1987, funda a organização não governamental (ONG) Davida – prostituição, direitos civis, saúde.

A partir de então, o movimento brasileiro de prostitutas começou a se fortalecer em todo o país, mas foram os recursos provenientes do campo da saúde, para trabalhos de prevenção do HIV/Aids, que passaram a fomentar ainda mais essa mobilização. Até o início da década de 2000, foi no campo da saúde que o movimento veio sendo predominantemente construído, realidade que passa a sofrer modificações com o reconhecimento da prostituição na Classificação Brasileira de Ocupações (CBO), publicada pelo Ministério do Trabalho e Emprego, em 2002.

Com o reconhecimento pela CBO, boa parte das ativistas da Rede Brasileira de Prostitutas decide reforçar as ações pela descriminalização das relações de trabalho na prostituição, apoiadas na época pelo então deputado federal Fernando Gabeira, autor do Projeto de Lei nº 98/2003, que previa a supressão dos arts. 228, 229 e 231 do Código Penal.⁴

Em 2004, surge a grife Daspu⁵, criada pela ONG Davida. Com a grife Daspu, as ações do movimento brasileiro de prostitutas saíram dos espaços governamentais de interlocução para voltar às ruas. Com a grife, a rua se tornou definitivamente o palco para manifestações agora apresentadas com uma estética própria que realça o universo da prostituição, seu figurino, suas músicas e seus modos, tornando a causa singular e inconfundível (LENZ, 2008). (foto Daspu).

As manifestações em forma de desfile de moda transformam ruas e espaços institucionais das cidades (foto IFCS, SESC Pompeia, Praça Tiradentes), “libertando-os de seus usos

4. Que versam, respectivamente, sobre “favorecimento da prostituição” (art. 228), “casa de prostituição” (art. 229) e “tráfico de mulheres” (art. 231).

5. A Daslu é uma loja em São Paulo que atende consumidoras da elite. A loja é uma espécie de fortaleza, sem vitrines e sem letreiro, onde consumidoras de alto poder aquisitivo chegam também de helicóptero para fazerem compras de peças dispostas nos cômodos de um imenso casarão, com “total discricção”. No entanto, em 2004, as proprietárias da Daslu apareceram nas páginas policiais dos jornais acusadas de sonegação de impostos. A ong Davida, então, lançou a grife Daspu, que por um tempo foi contestada pelas proprietárias da Daslu, por intermédio de seus advogados, sob o argumento de apropriação indevida da marca. Com esse imbróglio, Daspu obteve uma significativa publicidade e acabou atraindo personalidades do mundo da moda para seus desfiles – como as atrizes e manequins Bete Lago e Alexia Deschamps, além de Elke Maravilha e Laerte –, que começaram a acontecer na Praça Tiradentes, no Rio de Janeiro, espalhando-se, em seguida, para ruas de prostituição de todo o país.

convencionais” (SCHECHNER, 2001). Além disso, colocavam o sexo pago e a figura da “puta” – vagabunda, não trabalho, trabalho improdutivo –, protagonista desse drama, no centro das atenções, elogiando e exibindo essa figura, historicamente perseguida e controlada, em ruas e *trottoirs* transformados em passarelas.

Vale lembrar que, entre os participantes dos desfiles, estão mulheres e homens, cis gênero e transgênero, prostitutas ou não, simulando a realização de desejos e gestos variados⁶ em um momento performático inserido em um espaço cenográfico heterotópico – a rua, a calçada ou a escadaria apropriada para a exibição.

Pleiteando o direito à rua em manifestações-desfiles, prostitutas reclamam pelo direito ao trabalho *inventado nas ruas*, pelo direito ao sexo comercializado, e representam, na vida e na arte, o papel provocador e contestador de padrões de beleza, valores burgueses e de todos os modelos de uma cidade domesticada e estratégica.

DESEJO DE CIDADE OU “A DESCOMPRESSÃO TEMPO-ESPAÇO”

Qual seria, então, a relação entre “as autoridades” e “as pessoas”, quando as pessoas ocupam ruas, praças, centros da cidade e prédios públicos? Podemos pensar, como o diretor de teatro Richard Schechner (1993), que na ação de se apropriar desses espaços as pessoas os “libertam”. Quando vão em massa às ruas, como nas manifestações que aqui evocamos, as pessoas celebram possibilidades de incremento da vida. E quando vestem e encenam

6. Schechner (2001) diferencia “emoções” de “sentimentos” para destacar as qualidades da estética rasa no teatro indiano. Ao considerar que, basicamente, as “emoções são comunicadas por meio de *abhinaya*, enquanto os sentimentos são experimentados”, o autor diz que “rasa”, sendo uma espécie de “tempero dos humores”, é sentimento. Ou seja, os espectadores podem sentir sem saber ao certo a emoção que sentem. Experimentam algo – um sentimento – suscitado pela encenação de uma emoção. Esta última tem, portanto, algo de objetivo: é uma “expressão pública de um sentimento”, é comunicável e é, portanto, uma convenção. Os atores, em sua performance, precisam, portanto, oficializar o *abhinaya* de uma emoção particular, conscientemente construída e objetivamente controlada, capaz de suscitar sentimentos nos espectadores. Em *A expressão obrigatória dos sentimentos* (1921), Marcel Mauss (1999, p. 325) considerava que todos os tipos de expressões orais e fisiológicas não seriam fenômenos exclusivamente psicológicos ou fisiológicos, mas “fenômenos sociais, marcados eminentemente pelo signo da não espontaneidade e da obrigação mais perfeita”.

fantasias nas ruas, tal como o fazem prostitutas e aliados nos desfiles Daspu, expressam a multiplicidade de cada vida humana.

Uma cidade imaginada é, portanto, real nas práticas de seus habitantes, no modo como definem situações e se apropriam dos espaços de uso coletivo. A rua, assim como o palco, não só é o lugar onde tudo isso é passível de ser praticado, mas, o mais importante, é o lugar em que tudo isso pode *ser visto*.⁷ Nelas ocorrem, de maneira mais espontânea ou mais organizada, as manifestações que confrontam a grande narrativa oficial. Ruas vivas, diversificadas e reivindicadas, tal como proclamava Jane Jacobs em seu *Death and life of great American cities* (1961), são condição de produção de “vigorosas imagens de possíveis outros mundos que começam até a moldar o mundo real” (HARVEY, 1998, p. 316).

Assim, a *exibição* nos importa aqui de maneira especial – a cidade desejada pelo planejamento oficial também é formulada com essa intenção: exibir-se. No Rio de Janeiro, por exemplo, a Copa do Mundo de 2014 foi inaugurada com uma ação televisionada da Polícia Civil durante o fechamento de um bar em que prostitutas trabalhavam na orla de Copacabana, em frente ao local onde havia sido instalado o equipamento *Fifa Fan Fest*, destinado a reunir o público dos jogos antes, durante e depois das partidas.⁸ Diante dos telões oficiais, a prostituição de Copacabana deveria ser ofuscada, ou melhor, reprimida e invisibilizada. Afinal, por ali circulariam torcedores e torcedoras provenientes de várias cidades do Brasil e de outros países, e o palco da festa deveria ser outro que não os bares e boates de prostituição daquele setor.

Nos meses que antecederam a Copa e, sobretudo, durante a realização dos jogos, ou seja, durante o período de “preparação da cidade”, e também durante o mundial, monitoramos seus impactos nas áreas de prostituição de cidades-sede (observando a presença de estrangeiros e a concentração ou o aumento da prostituição em determinados setores das cidades) e as ações policiais e de organizações governamentais e não governamentais que

7. Segundo Schechner (1993, p. 134), a palavra “teatro” é cognata de “teorema”, “teoria” e outras derivadas do grego *thea*, “uma vista”. *Theorein*, que quer dizer “para olhar”, relaciona-se com “teorema”, “espetáculo” e “especulação”. O que caracteriza o teatro é, assim, “a sua especularidade, as suas estratégias de ‘contemplação’”.

8. Cf. Relatório do Observatório da Prostituição, 2014.

3. A grife Daspu produziu camisetas com os dizeres “eu só jogo pelada”, “zona Padrão Fifa” e organizou partidas de futebol em frente a Assembleia Legislativa de Niterói, cidade da Região Metropolitana do Rio de Janeiro, onde prostitutas foram violentamente expulsas dos apartamentos em que trabalhavam, em um setor do centro da cidade que acabara de ser circunscrito por uma Operação Urbana Consorciada, em 2014.



vinham atuando nessas áreas, ora para coibir a exploração sexual de crianças e adolescentes, ora para promover sua visão quanto à prostituição. A pesquisa que realizamos também evidenciou as condições de trabalho nesses lugares durante os jogos e mapeou as redes formadas para viabilizar o trabalho sexual nesse período, além de acompanhar o noticiário nacional e internacional sobre prostituição no Brasil, no contexto da Copa do Mundo.

No total, foram monitorados 83 pontos de sexo comercial na cidade do Rio de Janeiro, nos quais trabalhavam aproximadamente 75% das prostitutas envolvidas com a prestação de serviços sexuais em boates, termas, bares, praias, casas de massagem e *pontos* de rua.

No período da Copa do Mundo (12 de junho a 13 de julho de 2014), o fluxo de clientes diminuiu na quase totalidade dos pontos observados, a maioria localizada no Centro da cidade. A maior parte desses pontos fechou, por iniciativa de seus donos, pelo menos um dia da semana durante a copa, porque simplesmente não havia clientes.

Tudo isso comprovou que, durante aquele período de exibição em escala planetária da cidade do Rio de Janeiro, o desejo oficial de obscurecer determinadas atividades da cidade fundou uma “cidade indecente”. No livro *A sociedade decente*, Avishai Margalit propõe compreender como *decente* a sociedade cujas instituições não humilham seus cidadãos. Estimulados por essa sugestão, fizemos um passeio por uma “cidade indecente” – o Rio de Janeiro – durante a realização dos jogos da Copa do Mundo, momento em que estimativas alarmantes sobre um suposto “aumento da prostituição”, da exploração sexual e do tráfico de pessoas surgiam por todos os lados, promovidas por ONGs e agências de governo a partir de financiamentos provenientes de órgãos internacionais. A cidade, durante a copa, mostrou-se desinibidamente indecente ao empreender, de maneira muitas vezes espetacular, ações de controle e repressão violadoras de muitos direitos, tal como aconteceu em Copacabana, com o fechamento temporário de bares e hotéis em que trabalhavam prostitutas. A cidade, tornada cenário para ser “visto” por bilhões de pessoas em todo o planeta, suspendeu temporariamente parte de suas atividades cotidianas.

CONCLUSÃO: CIDADES IMAGINADAS, CIDADES REAIS

Se existe uma tradição de construir monumentos especificamente para apresentar performances – arenas, estádios e teatros – então existe também uma longa história de performances não oficiais ‘tomando lugar’

em locais que não foram arquitetonicamente imaginados. Uma grande parte da celebração está na transformação do espaço de trabalho, ou espaço de trânsito, ou algum tipo de espaço oficial em um *campo de jogo*. (SCHECHNER, 1993, p. 59, grifo nosso).

Prostitutas ativistas no Brasil assumiram a *performance*, esse ramo da arte da cultura não oficial, para conduzir suas lutas políticas e críticas ao planejamento urbano oficial, inaugurando heterotopias em espaços e lugares convencionais – calçadas – ou carregados de valor simbólico – escadarias de prédios públicos, como a Assembleia Legislativa (ALERJ) e o Instituto de Filosofia e Ciências Sociais (IFCS), no Rio de Janeiro. Se inicialmente a forma de suas manifestações era a mesma daquelas de outros movimentos sociais que tomavam as ruas munidos de faixas e palavras de ordem, com o tempo passaram a se configurar como dramatizações do universo laboral da prostituição e da política local. Adotando a *performance* como ação política, prostitutas ativistas evidenciaram o conteúdo do trabalho que exercem, os espaços desse trabalho e as insistentes violações de direitos que neles ocorrem. Ou seja, por meio da performance objetivaram os olhares sobre a prostituição e deram densidade ao drama das violações que ocorrem nas ruas da cidade. Ao tomar a rua e os prédios públicos, carregados de significados, como palco para suas manifestações-*performances*, prostitutas ativistas redimensionam as violações sofridas por uma categoria como violações que afetam todas as demais, sobretudo aquelas compostas por mulheres e que dependem das ruas para o trabalho. Através da performance e do humor, violações sofridas por prostitutas nas ruas da cidade passam a ser compreendidas como “problemas públicos” comuns aos demais cidadãos.

Ao reclamar a rua, prostitutas ativistas reclamam, também, o direito de ser vistas nas ruas. Reclamam a rua porque reclamam o direito à convivialidade diversificada e aberta ao imprevisível, misturando classes, gêneros e cores. E reclamam a rua e o direito de nela trabalhar sem opressão e com segurança, tornando essa reivindicação algo que contempla *last but not least* todo e qualquer cidadão – desde que desnudo de suas muitas convenções e dos tabus sociais, a começar por aquele, primordial: o tabu do sexo.

REFERÊNCIAS

- BLANCHETTE, T. G.; SILVA, A. P. Nossa Senhora da Help: sexo, turismo e deslocamento transnacional em Copacabana. **Cadernos Pagu**, n. 25, p. 249-280, jul./dez. 2005.
- GEERTZ, C. **The interpretation of cultures**. New York: Basic Books, 1973.
- HARVEY, D. **Condição pós-moderna**. São Paulo: Edições Loyola, 1998.
- JACOBS, J. **The death and life of great American cities**. New York: Random House, 1961.
- LEITE, J. L. **A República do Mangue: controle policial e prostituição no Rio de Janeiro (1954-1974)**. Rio de Janeiro: Yendis, 2005.
- LENZ, F. **Daspu: a moda sem vergonha**. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2008.
- LIMA, R. K. de. Capoeira e cidadania: negritude e identidade no Brasil republicano. **Revista de Antropologia**, n. 34, p. 143-182, 1991.
- MARGALIT, A. **The decent society**. Boston: Harvard University Press, 1998.
- MAUSS, M. **A expressão obrigatória dos sentimentos (rituais orais funerários australianos)**. Rio de Janeiro: Editora Perspectiva, 1999. (Ensaio de Sociologia).
- MELLO, M. A. da S.; VOGEL, A.; MOLLICA, O. **Quando a rua vira casa**. Niterói: EdUFF, 2017.
- MENEZES, L. M. **Os estrangeiros e o comércio do prazer nas ruas do Rio (1890-1930)**. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 1992.
- MORAES, A. F. **Mulheres da Vila**. Petrópolis: Editora Vozes, 1995.
- OLIVEIRA, L. R. C. de. Existe violência sem agressão moral? **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, v. 23, n. 67, p. 135-143, jun. 2008.
- PARK, R. E. The city: suggestions for the investigation of human behavior in the city environment. **American Journal of Sociology**, n. 20, p. 777- 612, 1915.
- RAGO, M. **Os prazeres da noite: prostituição e códigos de sexualidade feminina em São Paulo (1890-1930)**. São Paulo: Paz e Terra, 1991.
- RAMOS, D. H. **Preta, pobre e puta: a segregação da prostituição em Campinas, Jardim Itatinga**. 2015. Tese (Doutorado) – Instituto de Pesquisa e Planejamento Urbano e Regional, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2015.
- SAFATLE, V. P. Por uma crítica da economia libidinal. **Ide**, São Paulo, v. 31, n. 146, jun. 2008. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S0101-31062008000100004&script=sci_arttext.
- SCHECHNER, R. **Rasaesthetics. The Drama Review**, v. 45, n. 3, p. 27-50, 2001.
- SCHECHNER, R. The street is the stage. *In*: —. **The future of the ritual: writings on culture and performance**. London; New York: Routledge, 1993.
- SIMÕES, S. S. Identidade e política: notas sobre o reconhecimento de um *métier* no Brasil. **Revista R@u**, 2010a.
- SIMÕES, S. S. **Vila Mimosa: etnografia da cidade cenográfica da prostituição carioca**. Niterói: EdUFF, 2010b.
- SOARES, L. C. **Rameiras, ilhoas, polacas: a prostituição no Rio de Janeiro do século XX**. Rio de Janeiro: Editora Ática, 1992.
- TURNER, V. **Schism and continuity in an African society: a study of Ndembu village life**. Manchester: Manchester University Press, 1957.

SORAYA SILVEIRA SIMÕES

Professora Adjunta do Instituto de Pesquisa e Planejamento Urbano e Regional – IPPUR-UFRJ. Doutora em Antropologia pelo PPGA/ICHF-UFF (2008) com estágio doutoral no Département de Sociologie da Université de Paris X-Nanterre (2005-2006, Acordo CAPES-COFECUB 447/04). Mestre em Antropologia pela UFF (2003). Graduiu-se em Comunicação Social nas Faculdades Integradas Hélio Alonso – FACHA (1997). Pós-doutora CLERSÉ/Université de Lille 1 (Acordo CAPES-COFECUB 613/08). Foi ATER na Université de Lille 1 (Institut d'Anthropologie et Sociologie, 2009-2010) e professora na Universidade Cândido Mendes (UCAM). É pesquisadora associada ao LeMetro/IFCS-UFRJ e ao INCT-InEAC/UFF.

MARCO ANTONIO DA SILVA MELLO

Doutor em Antropologia (Ciências Sociais) pela USP (1995), com Pós-doutorado no Département de Sociologie da Université de Paris X-Nanterre (2000-2001). Especialização em Antropologia Social no Programa de Pós-Graduação do Museu Nacional – PPGAS/MN-UFRJ (1980). Bacharel em Ciências Sociais pela UFF (1975). Professor associado do Departamento de Antropologia Cultural do Instituto de Filosofia e Ciências Sociais – DAC/IFCS-UFRJ desde 1978. Professor do Programa de Pós-Graduação em Antropologia do Instituto de Ciências Humanas e Filosofia – PPGA/ICHF-UFF desde sua fundação, em 2004. Professor do Departamento de Antropologia – GAP/ICHF-UFF (1976-2014). Coordenador do Laboratório de Etnografia Metropolitana (LeMetro/IFCS-UFRJ). Pesquisador sênior do Instituto de Estudos Comparados em Administração Institucional de Conflitos (INCT-InEAC/CNPq).



PLANNED CITIES, REAL CITIES: PROSTITUTION AND THE PRODUCTION OF CRITICAL URBAN NARRATIVE

Urban social movements organized in Brazilian cities built an agenda centered in housing and labor throughout the 20th century. The struggle for more democratic public transportation services integrated to metropolitan areas was also added to their agenda as structuring part of the house-labor relationship. Therefore, they built coordinate criticisms towards the globalized neoliberalism and cities commodification by reporting political systems turned into stock market at municipal, state and federal level, and accountable for repression policies focusing those who claim for the *right to the city* on the streets.

Along with these critical movements of city commodification, one can find those who nowadays fight for the right to the streets, who claim for the right *to be* on the streets of

the city, in a certain way, to exert a sort of labor that, by featuring some kind of relationship, is categorized as crime in the Penal Code. The organized movement of prostitutes in Brazil emerged within this scenario, in the 1970s, to fight police repression and, later on, to struggle for rights in the public health field. The agenda set by this movement was built around acknowledging prostitution as profession and the right to safety on the streets, sidewalks and corners of Brazilian cities. We can say that Brazilian prostitutes have been mobilized by the “right to act” as political subjects, and by the right to work, which, in this case, also encompasses the claim for the *right to the street*.

Based on such a perspective, despite the disruption deriving from urban interventions, cities, their places and milieus still exist in the imagination of their residents and, therefore, in their practices. The practices and expressions of these *figures de l'urbain* who give life to the so-called moral regions of the cities (PARK, 1915) are always up-dated in all cities worldwide, they expose themselves in the very core of official urban planning. They emphasize the more or lesser strict urban conflicts and social hierarchies, as well as allow the development of a transnational comparative perspective.

Back in the 1950s and 60s, the Brazilian State encouraged the displacement of certain populations to segregated areas through decrees, programs and laws. With respect to prostitution, the so-called *zones of tolerance* started to be limited and to get dense in many mid- and big-sized Brazilian cities, such as Fortaleza, Marabá, Curitiba, Belo Horizonte, São Paulo, São Luís, Rio de Janeiro, Natal, Uberaba and Campinas. Nowadays, prostitutes' associations countrywide have criticized the referred zoning policy. These perspectives shine light on the multiple capital-expansion tactics reproduced in the cities. However, cities are symbolically and physically violent, mainly to the ones whose social reproduction space lie on its streets. Evictions, persecution, threats and demolition are the script of this story, but, from the “official” viewpoint, these factors aim at promoting “cities' development”.

The movement of Brazilian prostitutes makes it possible approaching the liminality experienced in Brazilian cities based on the viewpoint of individuals who must be interpreted in light of gender and of the place they act in: women (cis and trans) who occupy the streets and sidewalks as spaces to offer their sexual services.

NON-SUBMISSIVE CITIES

In 1979, the “boulevard”, the bohemian sector of downtown São Paulo City, was the stage for the first demonstration organized by prostitutes, in Brazil.

The military regime was experiencing its throes; police violence against contesting populations was, somehow, getting stronger. It was in this very context that prostitutes working in that city, on its sidewalks and in buildings in the “Boulevard”, decided to report the violence they used to suffer, day and night, and used the same streets as their stage.

At the time, taking the streets, not as a space for work, but as the stage for another type of creation was a matter of survival. Political demonstrations would make their reports and claims public, as well as broaden juridical sensitivity (GEERTZ, 1973; OLIVEIRA, 2008; LIMA, 1991), which, later on, would redefine “the prostitution issue”; not as commercial sex, but as violation of the human and civil rights of women prostitutes. Police violence was, then, the element triggering great reasoning among those who encompassed a social group excluded from many rights. Among such rights, there is the one claimed as priority: the right to *be on the streets and sidewalks*, of fully experiencing the city - by showing off in a certain way - to be sexually available for men and women who were clients of erotic encounters. Therefore, they claimed for the right to a certain performance *on the streets*, to the right to work - in this case, the sexual labor - and to the right to the streets, to diversity on the streets and to safety on the streets of the city.

The streets of big cities are quite different in design, use and schedules. They are appropriated as work place, and go beyond places to leisure and circulation. Thus, streets are the ones that express urban diversity and the particularities of each city. Authors who have dedicated themselves to criticize the modernist urbanism have long ago called out that the ideal of progress was supported by the concept of “lesser is more”. Emptying the streets in order to “optimize” their “function” was the same as specializing the spaces of the city based on a technical-managerial concept unable to encompass the diversity of ways to experience and create a social existence. Planned cities built based on these principles, according to which, spaces and flows are functionally thought, have abolished the street to the detriment of the block, the *mistake* to the detriment of the *univocal*, the polytechnic virtue to the detriment of the monotheist reason (MELLO; VOGEL, 2016). The

modernist urbanism - based on rationalist extraction - stole the power from “many eyes of the street” to better manage the cities (JACOBS, 1961), as well as from residents, themselves, and from practitioners of the city, to the detriment of specialized, and assumingly intended, forms to control life in the city. The modernist urbanistic thought aimed at the “good urban form”, regardless of concepts of urban forms formulated by residents, themselves, throughout their multifaceted daily practices.

Accordingly, the street, in opposition to the institutionalized places of work, leisure and rest - whenever appropriate for such ends - becomes a space to face the logic of production and capitalist accumulation. The time and space of work performed on the streets, in opposition to the accounted and controlled time and space of labor in companies or in the tertiary sector, is made of unpredictability, circumstances, invention, creativity and personal initiatives. Outside the streets, besides the controlled and accounted work, productive work is inserted in a complex scale and logic, in a highly differentiated frame of social division of labor. Labor is disconnected from the logic of capitalist accumulation on the street. Labor on the street is, then, likely criminalized or, at least, victimized. The aim is to ensure the liberation of circulation spaces and of the labor force to join the productive work. It should be done by keeping spaces’ production free from all sorts of local embarrassment - or, based on David Harvey (1998, p. 242), by producing the “space-time understanding” for “universal human emancipation in a global space made cohesive”. Thus, the streets of the world remain the space for the observation of such a domination project.

It is on city streets that one sees the rise of conflicts among different concepts of “good urban form” and right to the city. It is on the streets that residents of the city meet, look and evaluate each other, as well as appropriate the streets. Intervening on the streets means intervening in residents’ daily lives, in the lives of people who act on them in order to draw and express their own way of living in big cities by facing the oppressive forces of the capitalist city’s order;¹ in other words, they express themselves, as suggested by the etymolo-

1. Robert Ezra Park used to say, back in 1915, that “any occupation in the city [in the original, vocation] can become a profession”. Urban life, anonymity, distance from embarrassment imposed by primary relationships - among many other aspects approached in several urban studies since the early 20th century - would be the conditions to flourish different services and associative processes among the various publics formed from a certain urban experience.

gy of the word. Therefore, intervening on the streets, means intervening in the main *locus* for the emancipated construction of subjects in the urban life. Based on the different paces of those who organize sociability in institutional spaces for productive work, sociability on the streets changes the predictability pattern applied to control and to the desired measuring within these spaces by using the *poiésis* of an inspired city (BOLTANSKI; THEVENOT, 1991). According to Robert Ezra Park (1915), it is on big cities' streets that any activity can be turned into a "profession". One can find experimentation and invention of a daily life on the opposite pole to the institutional space for productive work through interaction on the streets. Goods' production and the offer of services socially forged on the streets, i.e., in non-official production and circulation spaces of goods and services that should (or could) have been produced in institutional environments, is criticized and persecuted by the laws organizing life in big cities.

Prostitution is just one among several activities performed on the streets, it evidences the existence of paid sex in the city, as well as suggests the fulfilment of erotic desires that scape the normalized sex and allows seeing the existence of heterotopic spaces² for the performance of sex in the cities. Thus, it pushes the imagination of sex, which is not limited to relationships that cultivate sex in domestic instances – *away from the street*. It shows the ephemeral sex and the sex on the streets. Prostitution shows off on the streets and highlights that the city is also made of sex appeal, desire and of values that express the field of a libidinal economy that opposes the repression of the production society itself (SAFATLE, 2008). The streets show a city made of people and *métiers* who see prostitution as life style.

DOMESTICATED CITIES

Up to the 1960s, Brazilian cities faced interventions aimed at concentrating and segregating prostitution to exclusive spaces, the so-called "zones of tolerance". Such a "tolerance

2. We herein used the concept of heterotopia by Michel Foucault, according to whom, heterotopic spaces are the ones that encompass multiple layers of signification that cannot be immediately noticed, but noticed as conflicts caused by appropriation forms emerge.

policy” was the first measure taken after Brazil signed, in 1951, the Convention for the Suppression of Trafficking in Persons and Pimping, approved in Lake Success, USA, in 1950.

From North to South, counties in the whole country invested in building new neighborhoods in non-urbanized areas or in elaborating policies to concentrate prostitution downtown. These “zones of tolerance” for prostitutes would allow a sort of prostitution management, since it was treated as a public issue of varying nature (public health and safety fields). The segregated prostitution made it easier for the State to control the bodies, behaviors and flows of certain displacement in cities (LEITE, 2005; MENEZES, 1992; RAGO, 1991; SOARES, 1993). However, at the same time, it would make feasible having urban destinations that integrates the prostitution circuit for the possibilities of migrant men and women within the whole Brazilian territory (BLANCHETTE; SILVA, 2005; RAMOS, 2015; SIMÕES, 2010).

Prostitution control in Rio de Janeiro, and the sanitary discourse, were set between 1954 and 1974, when the policy to concentrate prostitution downtown, in sanitized brothels controlled by the police – known as Mangrove, or “Mangrove Zone” – was enacted. Such a “carioca” policy to concentrate prostitution in controlled and medicated brothels would last until the demolitions performed for subway construction sites (New City) and for the city hall’s managerial center (LEITE, 2005). In Campinas City, São Paulo State, Jardim Ipiranga neighborhood was fully planned and built in an empty land to house the population of prostitutes who would be taken from the streets, downtown, in mid-1960s (RAMOS, 2015). Given the existence of an official place for its practice, prostitution started to be violently repressed in the downtown area.

After the end of the segregation policy, prostitution in cities such as Rio de Janeiro and Campinas went back to its clear expression on the streets of other areas. However, it mostly prevailed in the institutionally featured “zones”, which remained and lasted as known and desired destiny of its regulars.

Given the urban renovation process in Rio de Janeiro, the following decades witnessed the full change of the aforementioned sector; women leaving in the “zones” launched, in 1987, the first prostitutes’ association in the country (MORAES, 1995). They claimed for the right to a “place” in one of the last examples of all houses demolished at Mangrove (pic-

ture). Despite the urban renovation and modernization process witnessed by the change of the New City using, it was right there, at the so-called Vila Mimosa, where prostitutes wished to remain (MORAES, 1995; SIMÕES, 2010b). It was right there, that one could see the emergence of a critical associative movement aimed at an urban intervention process that would gain space in the media and be supported by important characters in the Brazilian political and cultural scene (pictures of Circo Voador and Beijo's cover with Jorge Amado).

1. Leila Barreto, activist from Rede Brasileira de Prostitutas, in Daspu's Parade, at IFCS-UFRJ, in 2015.
Photo: Avati Castro.



THE STREET IS A STAGE

The Brazilian movement of prostitutes emerged in the 1980s and showed the city and its conflicts for the “right to the place”. Moreover, due to such a bias, it called the attention and support from a broader public, at the time of recent political opening.

Born from injunctions experienced on the streets of big cities, the movement encompassed women attacked in the daily performance of *métier*. Women who publically existed on the streets were playing the social disruption role of all relationships that would feature the “sanitized” and “domesticated” woman – sisters, daughter, mother, and wife. These women experienced all sort of embarrassment on the streets, they faced injunctions because they could not access their own rights. Mainly the right for respect, because, since they were on the streets and sexually available, they teased and subverted the place reserved for women, based on values set by a bourgeois moral.

Based on such a *social drama* (TURNER, 1957), prostitutes started to identify their social roles and their working performances on the streets as the highlight of their struggle (SIMÕES, 2010a). By observing the space and time of their character or, yet, by observing how they produced a space and time on the streets of the cities, they started to “play” the sexual work in performatic demonstrations through which they simulated approaches, seduction and sexual intercourse in walkways- *trottoir*.⁵ The option for *performance* has mobilized viewers’ perception and allowed prostitution resignification by valorizing it and claiming for its acknowledgment as profession: *the sexual labor* (Figure 1 – IFCS).

At the late 1980s, *Beijo da Rua* - which was the first newspaper for this category launched in the country - started circulating in the whole Brazilian territory and addressed the new direction of prostitution and the claims for a marginal place as the ideal space to formulate criticisms against the hegemonic domination process imposed to urban populations and cities (Figure 2 – First Beijo’s cover).

Among the published news reports, one finds *I Encontro Norte-Nordeste de Prostitutas*, which took place in Recife, in 1988, when prostitutes discussed Chapter V removal from the

3. It concerns the walkway known as Daspu, which will be further addressed.

2. *Beijo da Rua's* first cover
(December 1988)



Penal Code and launched the newspaper focused on their professional category. *1 Encontro das Prostitutas Gaúchas* happened in Porto Alegre, in 1989, when institutionalized-humiliation issues were firstly reported, for instance the existence of a “loitering term” to be signed in police stations by prostitutes illegally arrested on the streets of the city. *1 Encontro de Prostitutas do Pará*, in Belém City, in 1991, it was the first time women could count on the institutional support from the state government. In that same year, a community radio was launched in Vila Mimosa. In the following year, Gabriela Silva Leite, the main organizer of the 1979 demonstration, in São Paulo, and of the prostitutes’ association of Rio de Janeiro, in 1987, launched the non-governmental organization known as Davida – prostitution, civil rights and health.

From this time on, the Brazilian movement of prostitutes started to settle countrywide. The resources provided by the public health field to HIV/AIDS prevention boosted such a mobilization. Until the early 2000s, the public health field was the main supporter of the movements' development. This reality changed when prostitution was acknowledged as profession by the Brazilian Classification of Occupations (CBO) published by the Ministry of Labor and Jobs, in 2020.

After its acknowledgement by CBO, most activities of the Brazilian Network of Prostitutes focused the reinforcement of actions to decriminalize labor relationships in prostitution. Prostitutes were supported by Congressman Fernando Gabeira, who issued Bill n. 98/2003, which addressed the suppression of articles 228, 229 and 231 from the Penal Code.⁴

In 2004, Daspu⁵ was launched by NGO Davida. Actions by the Brazilian movement of prostitutes left the governmental interlocution spaces and returned to the streets due to Daspu brand. The street, once and for all, became the stage for demonstrations that embodied their own aesthetics because of the brand, which highlighted the prostitution universe, its fashion design, music and ways; this process made Daspu's cause quaint and unmistakable (LENZ, 2008). (Daspu's picture).

Demonstrations backed-up by fashion shows changed the streets and institutional spaces in cities (IFCS, SESC Pompeia, Praça Tiradentes pictures) by "freeing their conventional use" (SCHECHNER, 2001). Furthermore, they put paid sex and the "hooker" character as the starts of this drama, on the very core of attentions. However, they also complemented

4. They address "prostitution favoring" (art.228), "prostitution house" (art. 229) and "women trafficking" (art. 231), respectively.

5. Daslu is a shop in São Paulo that sells to elite consumers. The shop is a sort of fortress, it has no windows or light plates, and high-income consumers arrive at the shop on their helicopters to by the cloths displayed in the rooms of the huge house, with "total discretion". However, in 2004, Daslu's owners were seen on the police pages of newspapers due to tax evasion, NGO Davida launched a brand Daspu, that was questioned by Daslu's owners for a while, by their attorneys, who argued that the NGO was inappropriately using the brand. Given such a mess, Daspu gained the mainstreams and ended up attracting characters in the fashion universe to its fashion shows – such as the actress Bete Lago and Alexia Deschamps, besides Elke Maravilha and Laerte –, that started to happen in Praça Tiradentes, Rio de Janeiro, and outspread to the prostitution streets throughout the country.

and showed this historically persecuted and controlled character on streets and *trottoirs* turned into runways.

It is worth recalling that, among fashion show participants, one finds women and men, cis gender and transgender prostitutes (or not) who simulated the fulfilment of desires and different gestures⁶ within a performatic moment inserted in a heterotopic scenographic space – the street, the sidewalk or stairways taken for the performance.

In order to claim for the right to the street in demonstration-fashion shows, prostitutes also claimed for the right to the work *created on the streets*, for the right to commercialized sex, and represented, in life and in art, the provoking and contesting role against beauty standards, bourgeois values and of all models of a domesticated and strategic city.

DESIRE OF THE CITY OR “THE TIME-SPACE DECOMPRESSION”

What would, then, be the association between “authorities” and “people” when people occupy the streets, squares, downtown areas and public buildings? We can think just like the theater director Richard Schechner (1993), according to whom, by taking these spaces people get “free”. When the crowd takes the streets, such as in the demonstrations prostitutes called for, people celebrate the possibilities of incrementing life. When prostitutes

6. Schechner (2001) differentiates “emotions” from “feelings” in order to highlight shallow aesthetic skills in Indian theater. By taking into consideration that, basically, “emotions are expressed through *abhinaya*, whereas feelings are experienced”, the author says the “shallow”, is a kind of “spice for moods”, it is feeling. In other words, viewers can feel without knowing for sure the emotion they are sensing. They experience something - a feeling - woke by the scene of an emotion. This emotion has something of objective in it: it is “a public expression of a feeling”, it is expressible and, therefore, a convention. The actors, in their performance, need to make the *abhinaya* of a particular emotion official, consequently built and objectively controlled, and able to awake feelings in viewers. In *A expressão obrigatória dos sentimentos* (1921), Marcel Mauss (1999, p. 325) considered that all types of oral and physiological expressions would not be exclusively psychological or physiological phenomena, but “social phenomena mainly marked by the sign of non-spontaneity and of the most perfect obligation”.

dress costumes and perform on the streets, just as prostitutes and those who support Daspu's fashion shows, they express the diversity of each human life.

An imagined city is real within the practices of its residents, in the way they define the situations and take the collective-use spaces. The street, just as a stage, is not just the place where all these practices can come true, but, most of all, it is the place it all can *be seen*.⁷ It is on the streets that one sees, in the most spontaneous or organized way, the expressions that cope with the huge official narrative. Alive, diversified and claimed streets, just as stated by Jane Jacobs in her book *Death and life of great American cities* (1961), are the conditions to produce "vigorous images of likely other worlds that start to mold the real world" (HARVEY, 1998, p. 316).

Thus, *exhibition* is of our deep concern - the city desired by the official planning is also formulated with this very goal: show off. In Rio de Janeiro, for example, the 2014 World Cup was launched by a broadcasted Civil Police action when a bar, where prostitutes were working in Copacabana Shore, was closed. The bar was located right in front of the place where Fifa Fan Fest equipment was installed, and where game attendees were expected to hang out in before, during and after the games.⁸ Copacabana prostitution should be erased from the official screens, or yet, repressed and made infeasible. After all, sports fans from several cities in Brazil and foreigners would circulate in this area, and the stage for the party should not house prostitution bars and night clubs found in that sector.

During the time the Cup was going, mainly during the games, and even when the "city was [still] being prepared", as well as during the event itself, we monitored its impact on Rio's prostitution areas (by observing the presence of foreigners and the concentration and increase of prostitution in some sectors of the city) and the police actions, as well as the actions of governmental and non-governmental organizations that were working in these areas to stop sexual exploitation of children and adolescents, or to promote their

7. According to Schechner (1993, p. 134), the word "theater" is connected to "theorem", "theory" and other words coming from Greek "thea" (a sight). *Theorein*, which means "to look at", is related to "theorem", "spectacle" a speculation". It features the theater, "its speculation profile, its strategies of 'contemplation'".

8. Cf. Prostitution Watch Report, 2014.

3. DASLU. The brand Daslu manufactured t-shirts printed with the slogans “eu só jogo pelada” (I only play naked), “zona Padrão Fifa” (Fifa standard zone) and organized soccer matches in front of Niterói City’s Municipal Council, Rio de Janeiro State, since prostitutes was expelled from the apartments were they worked in. The apartments were located in a sector downtown that was just circumscribed by an Urban Consortium Operation.



viewpoint about prostitution. The research we have carried out has shown the working conditions in these places during the games and mapped the networks formed to make the sexual work viable, at this time. We also followed the national and international news about prostitution in Brazil during the World Cup.

In total, 83 commercial sex points were monitored in Rio de Janeiro City, they were the work place of approximately 75% of prostitutes involved in supplying sexual services in night clubs, bars, at the beaches, massage houses and *street spots*.

During the World Cup (from June 12 to July 13, 2014), client flow dropped almost down to zero, mainly in downtown areas. Most of these locations were closed for at least one day a week, by their owners, themselves, simply because there were no clients.

It all has proven that, during the time to “show off” Rio de Janeiro City to the world, the official desire was to blur certain activities that have created the “indecent city” stigma. In the book *A sociedade decente*, Avishai Margalit aims at understanding the society whose institutions do not humiliate their residents as *decent*. Encouraged by such a suggestion, we took a walk through an “indecent city” – Rio de Janeiro – during the World Cup, when scaring estimates expected “increase in prostitution”, sexual exploitation and trafficking of persons to pop up everywhere. This walk was promoted by NGOs and governmental agencies funded by international organizations. During the games, the city showed itself extremely indecent by amazingly investing in control actions and in repression that have violated several rights, just as it happened in Copacabana: the temporary closing of bars and hotels where prostitutes used to work in. The city, which became the stage to be “seen” by millions of people worldwide, stopped part of its daily activities, for a while.

CONCLUSION: IMAGINED CITIES, REAL CITIES

If there is the tradition of building monuments to specifically present performances – arenas, stadiums and theaters – so there is a long history of non-official performances that “take the place” in locations not imagined by an architect. Most celebration lies on transforming the work space, or the transit space, or some type of official space in the *field for games*. (SCHECHNER, 1993, p. 59, emphasis added) (Translated by the author).

Activist prostitutes in Brazil have embodied the performance, this sort of non-official art of culture, to guide their political struggles and criticism to official city planning. They launched the heterotopias in conventional spaces and places – streets – or in places full of symbolic value – staircases in public buildings, such as the State Council (ALERJ) and Philosophy and Social Sciences Institute (IFCS), in Rio de Janeiro. If, at first, the ways they chose to express their cause was the same of other social movements – that used to occupy the streets with their posters and slogans –, with time, they started to “play” their labor universe of prostitution and the local policy. They adopted “performance” as political action, activist prostitutes shone light on the content of their own work, on the spaces it takes place and on the regular violations of rights happening in it. In other words, it was through performance that their cause became the target of sights over prostitution and made the drama of violations on the streets of cities denser. By taking the streets and public buildings (full of meaning) as the stage for their demonstrations-*performances*, activist prostitutes gave a new dimension to violations suffered by this category, such as the ones affecting all other categories, mainly those composed of women who depend on the streets to work. It was through performance and humor that the violation suffered by prostitutes on the streets of the city started to be understood as a “public issue” common to all other residents.

By claiming for the streets, activist prostitutes also claim for the right to be seen on the streets. They claim for the streets because they claim for the right to diversified conviviality opened to the unpredictable by mixing classes, genders and skin colors. They claim for the street and for the right to work on it, without oppression, but with safety. Therefore, they turn such a claim into something that encompasses – at last, but not least – all and any citizen, as long as such a citizen is free from some of its conventions and social taboos, mainly from the sex taboo.

REFERENCES

- BLANCHETTE, T. G.; SILVA, A. P. Nossa Senhora da Help: sexo, turismo e deslocamento transnacional em Copacabana. **Cadernos Pagu**, n. 25, p. 249-280, jul./dez. 2005.
- GEERTZ, C. **The interpretation of cultures**. New York: Basic Books, 1973.
- HARVEY, D. **Condição pós-moderna**. São Paulo: Edições Loyola, 1998.
- JACOBS, J. **The death and life of great American cities**. New York: Random House, 1961.
- LEITE, J. L. **A República do Mangue: controle policial e prostituição no Rio de Janeiro (1954-1974)**. Rio de Janeiro: Yendis, 2005.
- LENZ, F. **Daspu: a moda sem vergonha**. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2008.
- LIMA, R. K. de. Capoeira e cidadania: negritude e identidade no Brasil republicano. **Revista de Antropologia**, n. 34, p. 143-182, 1991.
- MARGALIT, A. **The decent society**. Boston: Harvard University Press, 1998.
- MAUSS, M. **A expressão obrigatória dos sentimentos (rituais orais funerários australianos)**. Rio de Janeiro: Editora Perspectiva, 1999. (Ensaio de Sociologia).
- MELLO, M. A. da S.; VOGEL, A.; MOLLICA, O. **Quando a rua vira casa**. Niterói: EdUFF, 2017.
- MENEZES, L. M. **Os estrangeiros e o comércio do prazer nas ruas do Rio (1890-1930)**. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 1992.
- MORAES, A. F. **Mulheres da Vila**. Petrópolis: Editora Vozes, 1995.
- OLIVEIRA, L. R. C. de. Existe violência sem agressão moral? **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, v. 23, n. 67, p. 135-143, jun. 2008.
- PARK, R. E. The city: suggestions for the investigation of human behavior in the city environment. **American Journal of Sociology**, n. 20, p. 777- 612, 1915.
- RAGO, M. **Os prazeres da noite: prostituição e códigos de sexualidade feminina em São Paulo (1890-1930)**. São Paulo: Paz e Terra, 1991.
- RAMOS, D. H. **Preta, pobre e puta: a segregação da prostituição em Campinas, Jardim Itatinga**. 2015. Tese (Doutorado) – Instituto de Pesquisa e Planejamento Urbano e Regional, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2015.
- SAFATLE, V. P. Por uma crítica da economia libidinal. **Ide**, São Paulo, v. 31, n. 146, jun. 2008. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S0101-31062008000100004&script=sci_arttext.
- SCHECHNER, R. Rasaesthetics. **The Drama Review**, v. 45, n. 3, p. 27-50, 2001.
- SCHECHNER, R. The street is the stage. *In*: —. **The future of the ritual: writings on culture and performance**. London; New York: Routledge, 1993.
- SIMÕES, S. S. Identidade e política: notas sobre o reconhecimento de um *métier* no Brasil. **Revista R@u**, 2010a.
- SIMÕES, S. S. **Vila Mimosa: etnografia da cidade cenográfica da prostituição carioca**. Niterói: EdUFF, 2010b.
- SOARES, L. C. **Rameiras, ilhoas, polacas: a prostituição no Rio de Janeiro do século XX**. Rio de Janeiro: Editora Ática, 1992.
- TURNER, V. **Schism and continuity in an African society: a study of Ndembu village life**. Manchester: Manchester University Press, 1957.

SORAYA SILVEIRA SIMÕES

Adjunct Professor at the Institute of Urban and Regional Research and Planning - IPPUR-UFRJ. PhD in Anthropology from PPGA / ICHF-UFF (2008) with a doctoral internship at the Département de Sociologie at the Université de Paris X-Nanterre (2005-2006). Master in Anthropology from UFF (2003). Undergraduate degree in Social Communication at Faculdades Integradas Hélio Alonso - FACHA (1997). Postdoctoral degree at CLERSÉ / Université de Lille 1. ATER at the Université de Lille 1 (Institut d'Anthropologie et Sociologie, 2009-2010) and professor at the Cândido Mendes University (UCAM). Researcher at the Metropolitan Ethnography Laboratory (LeMetro / IFCS-UFRJ) and at the Institute for Comparative Studies on Institutional Conflict Management (INCT-InEAC / CNPq).

MARCO ANTONIO DA SILVA MELLO

PhD in Anthropology (Social Sciences) from USP, with a Postdoctoral degree at the Département de Sociologie of the Université de Paris X-Nanterre; specialization in Social Anthropology at the Post-graduation program in the Museu Nacional - PPGAS / MN-UFRJ. Bachelor's Degree in Social Sciences Associate professor at the Department of Cultural Anthropology at the Institute of Philosophy and Social Sciences - DAC / IFCS-UFRJ since 1978. Professor of the Post-graduate Program in Anthropology at the Institute of Human Sciences and Philosophy - PPGA / ICHF-UFF since its foundation in 2004. Professor at the Department of Anthropology - GAP / ICHF-UFF (1976-2014). Coordinator of the Metropolitan Ethnography Laboratory (LeMetro / IFCS-UFRJ). Senior researcher at the Institute for Comparative Studies in Institutional Conflict Management (INCT-InEAC / CNPq).



CAI A NOITE SOBRE A CIDADE: IMAGENS SORRATEIRAS DA URBE NA PINTURA DE JAN SIEBERT¹

FANTASMAS NOTURNOS

Em muitos idiomas, a palavra a palavra NOITE é formada pela letra N mais o número 8. Assim, N mais oito (noite), N mais *eight* (*night*), N mais *ocho* (*noche*), N mais *huit* (*nuite*). A letra N é o símbolo matemático do infinito, e o oito “deitado” também simboliza o infinito. NOITE significa, em todas as línguas, a união do infinito.

1. O vibrante texto de Robert Pechman encerra este livro com uma forma não positivista de abordagem das ambiências, ao contrário, completamente sensível e fenomenológica. É um texto livre que coloca a ambiência urbana como instância criativa e também libertária, fundamental ao entendimento das cidades e seus sentidos de modo empírico e sempre instável (N. org.).

No começo era a Luz. Depois vieram as Trevas. E viu Deus que era boa a Treva e dela fez a Sombra, que o Senhor separou da Luz.
Das sombras fez-se a Noite e da Noite o mistério dos homens. Dos mistérios, fêz-se então a cidade.
É noite na cidade...

Eis a noite sutil, amiga do assassino,
Ela vem como um cúmplice, a passo lupino.
(BAUDELAIRE, 1985, p. 349).

É noite na cidade...
Das espeluncas saem os ruídos do sexo e do vinho. A cidade dorme e, ao sair do estado de vigília libera desejos, gozos, o amor e o “inútil” dos gastos não econômicos. O espaço noturno liberta a ordem cerceadora da cidade-solar.
É o perigo...
Não se sabe quem vigia quem. A cidade se torna uma selva, é o apelo dos lobos. Segredos e complôs se tecem enquanto muitos dormem. É nesse momento que errantes, amorosos e criminosos despertam para seu cotidiano noturno. “Qual grande alcova o céu se fecha lentamente, E em besta-fera torna-se o homem impaciente” (BAUDELAIRE, 1985, p. 349).
Os demônios acordam e o meretrício se espalha pelas ruas colorindo-as com seu *rouge*. Cozinheiros de restaurantes, jogadores, artistas de teatro, músicos, ladrões e boêmios tomam as ruas, como uma nova fauna que se impõe à cidade. Mas também ela, a urbe, pode ser amável para com o trabalhador e para com o sábio, pois que anuncia a hora do descanso da faina selvagem.

Ó noite, amável noite, almejada por quem
Cujas mãos, sem mentir, podem dizer: Amém,
Ganhamos o nosso pão.
(BAUDELAIRE, 1985, p. 351).

Qual é, podemos nos perguntar, a essência dessa noite?

Para o poeta italiano Giacomo Leopardi, “as palavras ‘noite’, ‘noturno’ etc. e as descrições da noite são muito poéticas porque a noite, confundindo os objetos, só permite ao espírito conceber uma imagem vaga, indistinta, incompleta, tanto dela, quanto das coisas que ela contém. Da mesma forma como ‘obscuridade’, ‘profundo’” (CALVINO, 1993, p. 74).

Para o historiador da cidade de Paris Pierre Sansot, no seu livro *Poétique de la ville*, a grande pergunta sobre a especificidade da noite que se impõe é “qual a essência da deambulação noturna”. Fechado em si, argumenta Sansot (1996, p. 231), o homem era uma vítima passiva, fugindo de seu sofrimento: “Ao longo das ruas e avenidas desertas ele inicia uma aventura da qual não sairá indene, mas da qual ele assegura a responsabilidade, a qual ele conduzirá a seu termo a qualquer custo”.

Em Sansot (1996, p. 23), não podemos nos conhecer senão a partir da vivacidade da cidade, que nos fornece um excelente material de projeção, que nos reenvia nosso próprio rosto, nossos medos secretos, nossos desejos inesperados. É o que ele chama de “paisagem sentimental”, um *promenade nocturne*. Durante o dia, assinala o historiador, os homens com suas presenças indiscretas ou turbulentas colocariam um freio a essa livre projeção (SANSOT, 1996, p. 231).

O espaço neutro e dócil do dia urbano é substituído por um espaço noturno cheio de surpresas. A questão, agora, é entre o homem, a noite e a cidade. Daí o questionamento de Sansot (1996, p. 232): “quais são, pois, os papéis da noite e da cidade?”. Esvaziada dos olhares humanos, mas tomada pela presença humana, a cidade noturna espera e escuta. Ela não nos diz nada, ela não nos aprova, não nos culpa, nem nos consola, conclui o autor. Como imaginar, então, a cidade notívaga na sua diferença com a cidade diurna, quando a ordem e o trabalho pontuam como organizadores e formuladores da vida cotidiana das massas?

Entretanto, demônios insepultos no ócio
Acordam do estupor, como homens de negócio,
E estremecem a voar o postigo e a janela.
Através dos clarões que o vendaval flagela.
(BAUDELAIRE, 1985, p. 351).

À noite essas massas se dissolvem e a cidade se transforma, povoada por pessoas em busca de uma experiência menos civil e mais mundana.

O Meretrício brilha ao longo das calçadas;
Qual formigueiro ele franqueia mil entradas;
Por toda parte engendra uma invisível trilha,
Assim como o inimigo apronta uma armadilha;
Pela cidade imunda e hostil se movimenta
Como um verme que ao Homem furta o que o sustenta.
(BAUDELAIRE, 1985, p. 351).



1. Paris by night.
Fonte: Brassai Paris,
Paris, Taschen, 2008

Ocultando as identidades, a noite se faz permissiva para com os segredos individuais, que proporcionam a cada um sonhar acordado fantasias de todos os tipos.

Como capturar a aura de seres com uma espécie de invisibilidade que se impõe nas ruas? Podemos pintar esses seres? Podemos desenhar seus desejos? Fotografar suas paixões? Com que sonham? Que lhes vai na alma? Quais são seus medos? Com que fantasiam? Quais são seus sonhos de cidade? Que lhes sussurra a noite urbana? Que lhes conta a escuridão? O que sabem do silêncio, do mistério, do temor, da solidão, do abandono, da sensualidade, da liberação dos corpos, do erotismo, da procura do outro, dos encontros/desencontros, da festa...?

Atento aos murmúrios e gemidos da alma dos viventes das cidades das multidões, Baudelaire (1995, p. 72), em seu *O spleen de Paris*, diante do entardecer, vitupera: “Quais são os desgraçados que o entardecer não acalma, os que, como as corujas, tomam a chegada da noite por um sinal do sabá?”.

O crepúsculo – incita o poeta maldito – excita os loucos. Para ele enquanto a noite põe trevas no espírito de muitos, no seu espírito põe luz. A noite é seu refúgio da mediocridade das gentes e das coisas. É com ironia, cinismo e com prazer que ele saúda a noite:

Ah, noite. Ah, refrescantes trevas. Sois para mim o sinal de uma festa interior, o livramento de uma angústia. Na solidão das planícies, nos labirintos pedregosos de uma capital, fulgor de estrelas, explosão de lanternas, sois os fogos de artifício da deusa Liberdade. Crepúsculo, como és doce e suave... (BAUDELAIRE, 1995, p. 73).

No poema em prosa “À uma da manhã” o poeta já denunciava seu incômodo com o cotidiano da cidade: “Vida horrível. Cidade horrível”. Para concluir, com prazer, com as doçuras da noite: “Enfim. Sozinho... Por algumas horas teremos silêncio, senão repouso. Enfim, sumiu a tirania da face humana e agora só quero sofrer por conta própria” (BAUDELAIRE, 1995, p. 36). Ele é o cartógrafo do noturno e do soturno do formigueiro humano que ousa atravessar o deserto noturno em busca de... algo não possível sob a alacridade do sol.

Ouvem-se aqui e ali as cozinhas a chiar,
Os teatros a ganir, as orquestras a ecoar.
(BAUDELAIRE, 1985, p. 352).

É outra forma de sociabilidade que se impõe e que exige outro ritual para que as pessoas possam conviver. Para a filósofa Anne Cauquelin, nas trilhas de Baudelaire, de Alexandre Dumas e de Restif de la Bretonne, autor de *Les nuits de Paris ou Le spectateur nocturne* (passeio noturno de observação de Paris que durou 1001 noites ou vinte anos), a noite a cidade exige outra compreensão. A lei do dia não seria a mesma da noite. Liberado dos horários do trabalho e dos circuitos fechados, o homem, se pergunta a filósofa (CAUQUELIN, 1977, p. 11), seria ele mesmo? Quais são os códigos secretos desse mundo?

Para Cauquelin, a cidade noturna é a resposta à selva do dia urbano, sua contrapartida, pois ao sossegar, deixando-se dormir, a cidade libera os desejos, os gozos, o amor. As sombras, ela sugere, longe de pesarem sobre esse enorme acampamento humano, liberam o desejo espantando a codificação diurna, permitindo que alguma desordem fure o enredo e a rede trançada que contém a vida urbana funcionando com todas as suas contenções necessárias ao convívio mínimo entre os muitos diferentes.

É Baudelaire (1995, p. 351) que nos aponta as frestas, as fendas, esse laceramento, essa ruptura, essa fratura do exoesqueleto que envolve a cidade e tenta protegê-la de qualquer perturbação, de qualquer disrupção que sugira a transformação do *script* urbano:

Sobre as roletas em que o jogo encena farsas
Curvam-se escroques e rameiras, seus comparsas,
E os ladrões, que perdão ou trégua alguma têm,
Começam cedo a trabalhar, eles também,
Forçando docemente o trinco e a fechadura
Para que a vida não lhes seja assim tão dura.

Que mundo é esse em que à fábrica se impõe o cabaré; o trabalhador cede passo ao dândi;
a esposa cede à prostituta; o negócio ao jogo?

Que inversão é essa onde o civil se faz mundano, a polícia é guardiã da desordem e a cidade se torna um teatro no avesso da paisagem útil do cotidiano?

Existiria, ainda, na cidade alguma possibilidade de não ter seu corpo tão disciplinado, tão mutilado pela cultura da ordem e da utilidade?

Segundo Cauquelin (1977, p. 7), a cidade de tudo se apoderou: “a cidade é o todo, é o mundo... a realidade urbana é deus, com sua ubiquidade”.

Seria o espaço noturno, se indaga Cauquelin, outro espaço, o duplo do espaço urbano?

Seria possível que desse noctambulismo, dessas trevas, brotasse uma “antacidade”, com suas bruxas, seus ritos, suas magias? Ali, na penumbra de um *chiaroscuro*, o sexo bascula, mulheres que são homens; homens que são mulheres.

De dia o homem é um fantasma, asseado, sem odor, um robô, mas à noite ele encontra um sexo, uma voz, uma mão que apalpa, um nariz que fareja. É a dança do prazer, afirma

2. Chefatura de polícia.

Fonte: Brassai Paris, Paris, Taschen, 2008.



Cauquelin. Ao espaço quadriculado e sufocante que a civilização produz o tempo aponta a saída: a insônia.

Estar acordado sem precisar ser industrioso, apreciando seus próprios escuros, conversando com sua sombra. Mas a cidade reage e se ilumina, como se fosse uma inscrição no espaço, indicando a paz urbana, as ilhas de *pax urbis*. A paz social, portanto, passa pela luz infligida às trevas, onde a luz, revelando a “coisa” cidade, pretende preservá-la de inesperados rituais noturnos.

Mas o poder não dorme à noite, tampouco o controle da urbe. O Estado fraternal – ressaltava Cauquelin (1977, p. 166) protege e vigia cada um de noite como de dia. Mas não tem ainda o poder de impedir que se sonhe... que se sonhe que estamos acordados em plena cidade noturna. Não se trata de sonambulismo, mas de ação, de se inscrever na carne da cidade com a enorme vocação pelo desconhecido e pelo renitente desejo de desejar. Desejar ser da cidade e nela sonhar sonhos inesperados.

Entre nós, o cronista de início do século XX, considerado estilisticamente um “decadente”, herdeiro brasileiro de Huysman e de Baudelaire, João do Rio, no seu livro de contos *Dentro da noite*, supõe a noite como profunda, espessa e alegórica. Não é por menos que a epígrafe de seu livro remete ao lamento do rei David, do Antigo Testamento, quando invoca Deus pedindo proteção para seu povo: “Preservai-nos, Senhor, das coisas terríficas que andam à noite”.

Segundo Carmen T. Secco, em seu livro *Morte e prazer em João do Rio*, a noite para João do Rio é uma espécie de “zona de liberação, onde os personagens deixam vir à superfície seus fantasmas recalçados por uma “cultura opressora e homogeneizadora”. Mas, mesmo nesses espaços, o inconsciente não abre totalmente uma perspectiva para o “ser” dos personagens, já que essas áreas onde eles extravasam seus desejos reprimidos se constituem margens concedidas pelo próprio sistema para essa liberação. Dentro da mesma esfera semântica de decadência, a “noite” em João do Rio representa, como em Huysman e Baudelaire, o *là-bas*, o *bas-fond* – o submundo onde os personagens liberam o lado sombra reprimido pela sociedade.

Por baixo do progresso da cidade a noite guarda um grito, um silvo angustiado que quer vir à superfície... E ele vem metaforizado pelas sombras que percorrem todos os contos de *Dentro da Noite*, abrindo espaços

para que o 'outro lado', o lado encoberto do Rio venha à tona. E o inconsciente se libera da prisão do superego. Tal grito penetra espaço à espaço esse mundo ao avesso... O onírico tem fala própria, sentido e forma. Ele é o próprio texto tecido da noite e da morte. O sonho e o texto. A noite que revela os fantasmas que transitam em seu universo opaco e ambíguo... (SECCO, 1978, p. 31).

3. Na noite (Jan Siebert).

Fonte: Catálogo da exposição Natureza Urbana, 2014.



Para Secco (1978, p. 34), tais espaços se caracterizam como zonas de frustração, pois os personagens só irão liberar seus desejos de uma forma contemplativa, ou seja, a palavra dos narradores... O bar, os salões, os cafés e as confeitarias são espaços concedidos pela própria cultura, para de certo modo, controlar e dirigir o prazer .

O próprio João do Rio, citado por Secco (1978, p. 15), revela (vaticina) sua impressão definitiva sobre a noite: “Oh, a impressão enervante dessas figuras irreais na semisombra das horas mortas... Parece qualquer coisa de impalpável, de vago, de enorme, emergindo das trevas aos pedaços”.

Que sociologia, que antropologia podem compreender a inversão proporcionada pela noite, onde a virtude se faz vício? Nada nem ninguém é o que parece ser.

Por isso a cidade noturna se faz de fácil para aqueles únicos que podem compreendê-la em seu âmago: os artistas.

A noite é uma artista arteira.

São os artistas os únicos que podem nos contar algo desse mundo nebuloso, ali onde o pensamento racional esbarra em seus limites. Será necessário que amanheça para que história, sociologia e antropologia possam entender outra vez aquilo que a noite urbana apenas lhes permitiu vislumbrar.

Mas o que vê, afinal, o artista, que a nossa cegueira oblitera?

Ele vê tudo o que também vemos, mas como se fosse pela primeira vez. Nada é “natural” para o artista como é para o simples mortal, que tudo vê enfadado. É como se ele visse tudo sempre pela primeira vez e por isso mesmo pudesse penetrar e revelar a alma de todas as coisas. Daí seu poder de reinventar a vida, tirando-a de sua “naturalidade” e dotando-a de linguagem, de significado, de simbolismo. O artista tem o dom de erotizar as coisas que vê, ou seja, doar-lhes vida. Eros como princípio da ação, que aciona o desejo, que confirma a vida.

É noite na cidade...

O artista perambula...

Ele afia seus caninos enquanto espera as nuvens cobrirem uns restos de luar que ainda iluminam os lugares.

A cidade está às escuras e o vampiro se lança a atacar incautos noctívagos que borboleteiam pelas ruas: putas, boêmios, moradores de rua, frequentadores da noite, bandidos e toda uma fauna que constitui o avesso da cidade.

O vampiro-artista ataca, suga das gentes suas histórias e injeta-lhes a longevidade, infini-
tude, como é o tempo noturno, que na dor ou no prazer nunca quer passar, nunca termina.
É noite na cidade...

O artista deambula...

Que caminhos trilhar?

Que portas bater? Que janelas arrombar? Que fechaduras meter o olho?

Ele é um voyeur disfarçado de pintor? Ou um pintor que finge voyeurismo?

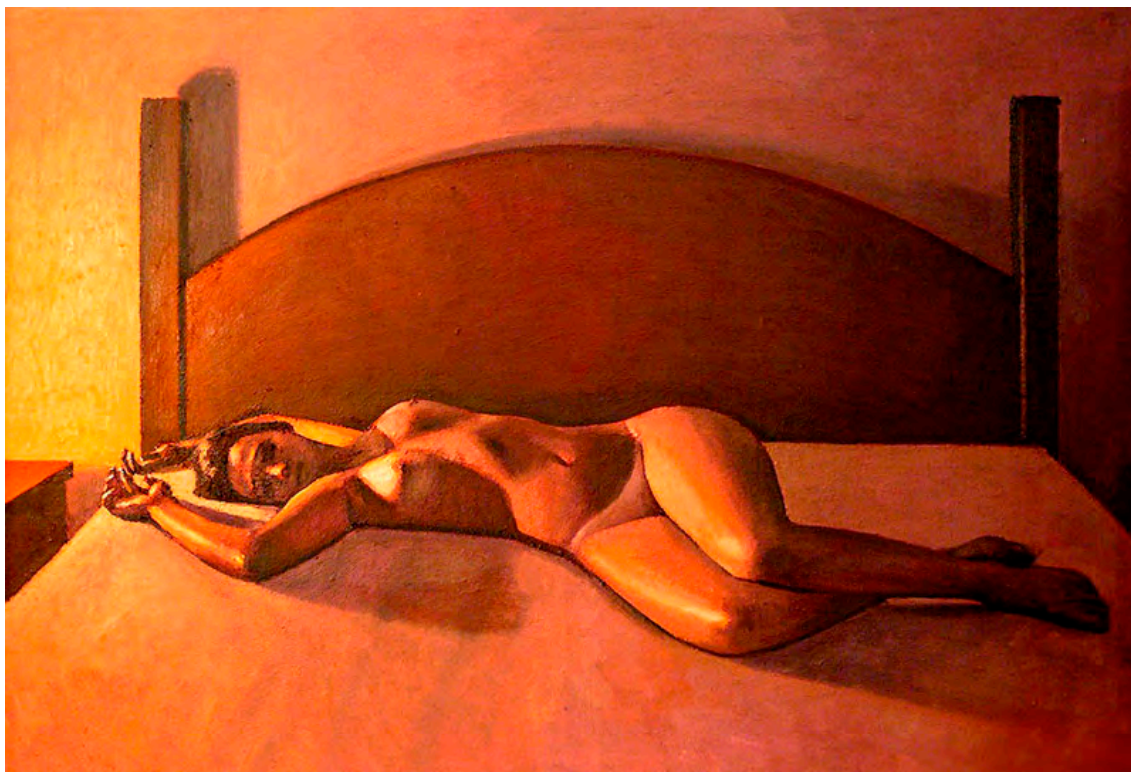
É ele um fingidor, que finge sentir a dor que sente?

O que espera o artista? Quem o espera?

Olhar ou ser olhado?

4. Na cama (Jan Siebert).

Fonte: Catálogo da expo-
sição Natureza Urbana,
2014.



Com o que sonha o artista? Que fantasias o atravessam que ele nos vende como as novas verdades do mundo? O artista acredita que as verdades do mundo estão numa natureza urbana. Pintar a cidade no seu estúdio?

A casa ou a rua, o dentro ou o fora? Qual o seu lugar? Qual o seu ponto de vista? O artista olha, vasculha, observa, perscruta, mira..

Ele sai à rua... e pinta a vida que lhe atravessa as retinas, e descreve o que suas retinas captam...

O pintor Jan Siebert, alemão radicado no Rio de Janeiro, é um desses artistas que mergulham nos baixios da cidade, mas somente à noite.

Lê-se no catálogo da exposição “O cenário do cotidiano” que para Jan, “um mesmo lugar é completamente diferente de dia e de noite. Envolvido pelas sombras, ele se esgueira por temerários vazios urbanos. Diferentemente do viajante em trânsito, meses e anos pas-



5. Jan Siebert pintando na madrugada.

Fonte: Catálogo da exposição Natureza Urbana, 2014.

sados em diferentes cidades e lugares, Siebert se dá o tempo necessário para absorver a atmosfera local, para depois produzir telas que apresentam uma arte baseada na visão, ilusoriamente natural e enganadoramente banal, de lugares e objetos do mundo visível e que têm como principal ferramenta a sua incansável observação de cenários urbanos que vêm lentamente se decompondo.

“Seus quadros revelam o olhar de quem ancora no local escolhido, e, além disso, de quem faz parte daqueles conteúdos e relações.

“Uma tela de Jan Siebert, onde quer que seja pintada – Alemanha, México, Brasil – é capaz de provocar uma forte sensação de pertencer ao nosso mundo cotidiano conhecido, com toda a sua repulsa, banalidade e beleza.

“A escolha do cenário muitas vezes é fruto de intensas procuras e pesquisas. De repente, pessoas comuns podem se transformar em protagonistas da sua própria rotina, companheiros e cúmplices da criação artística. Uma prostituta retratada à noite na esquina de uma cidade é tão real quanto o pintor a retratando. Tão real como o tempo de vida que ambos compartilham.

“Vemos também, nas pinturas, paisagens noturnas, praças, pontes, ruas vazias e abandonadas, tiradas do limbo por aquele que observa. Que melhor forma de lidar com o real, transformando-o em matéria estética e poética, que se deixar tomar pela própria sensação inspirada pelo lugar, pelos moradores e pelas marcas que foram deixados por histórias passadas?

“Nessa interação entre o retratista e o retratado, se desenvolve uma ambivalência que vai mais além do visível, penetrando na área abstrata das sensações. É a realidade da matéria comum, que Siebert escolheu como portadora do não material e que ele identifica como a essência dos objetos representados pela sua pintura”. Segundo o artista:

Durante o dia, podia-se observar o movimento de pessoas pelas ruas, assim como a grande quantidade de lojas. Após o encerramento do horário comercial, e ao cair da noite, o cenário modificava-se de maneira impressionante. O velho centro tornou-se apenas um centro comercial e segue sendo somente uma lembrança dos bons e velhos tempos: um lugar no qual ninguém gostaria de morar fora de seu horário de trabalho.

À noite, o grande fluxo de pessoas desaparecia e tinha como destino a praia e as seguras residências, afastadas do perigo. Naquele mesmo momento, no centro histórico, enquanto a maior parte dos estabelecimentos comerciais estava fechada, outra realidade podia ser vista: pequenos bares e bordéis com placas luminosas na entrada e mulheres prontas para mais uma noite de trabalho.

Descobrir o universo dessas pessoas que não vivem em ambientes seguros ou confortáveis – diferentemente daqueles que procuram esse tipo de serviço só para uma aventura – foi indescritível. Além disso, podia-se encontrar usuários de drogas e até mesmo prostitutas que chegavam de diversas partes. Assim, a dura realidade vivida por aquelas pessoas e a decadência da riqueza e da elegância tornaram-se meu tema de trabalho naquela ocasião. Por outro lado, para que eu pudesse dar continuidade a isso, era necessário que eu, de alguma forma, me aproximasse delas e daquele ambiente, o que me parecia impossível, uma vez que eu necessitava conhecer mais sobre a vida daquelas pessoas, e, portanto, necessitava de seu consentimento. A princípio, imaginei que não obteria êxito ao perguntar



se alguma daquelas mulheres poderia posar para um quadro, já que eu era um estranho e tinha dificuldades para me comunicar pelo fato de não ser falante da língua portuguesa. Fui desaconselhado a andar por aquelas ruas, sob a alegação de que eram vias perigosas. Apesar disso, optei por morar no centro da cidade para que pudesse ficar mais próximo da realidade que estava vivendo naquele momento.

Minha dedicação artística em meio a esse espetáculo um tanto sombrio foi aceita com boa vontade e tolerância pelos proprietários daqueles prostíbulos que permitiram que eu pintasse quadros dos quartos das garotas de programa e também que elas posassem para que eu as pintasse. Eram imagens que jamais pensei em registrar.

A violência e a velocidade do movimento dessa cidade lembram o apetite insaciável de um monstro que já se tornou mecanismo e vítima do próprio vício. Assim fica difícil de achar

6. Noturno de Santos
(Jan Siebert).

Fonte: Catálogo da exposição Natureza Urbana, 2014.

7. Espera... (Jan Siebert).

Fonte: Catálogo da exposição Natureza Urbana, 2014.



histórias e vestígios de pessoas e coisas que foram escritas aqui antes de serem engolidas para sempre. Apesar disso, existem lugares escondidos e esquecidos que conseguiram salvar as mensagens misteriosas das avalanches da cidade.



Elas começaram a me chamar atenção para os mais ocultos vínculos e assim comecei a ler vestígios nas minhas expedições noturnas desnordeadas. As ruas abandonadas e solitárias do fluxo diário das multidões agora mostravam uma cara mais autêntica e real. Aí estavam os restos de dias sumidos, muros com eco do passado ao lado do concreto liso que fita com o olhar vazio em um futuro lucrativo. Grafites estridentes brilharam na escassez e deixaram nascer as imagens mais estranhas na minha mente. Isso foi como um teatro surreal, um estrondo de som alto, congelado no silêncio imóvel de vistas isoladas. Os moradores desses lugares, foragidos da sociedade e fracassados, que passam seu tempo entre assaltos e drogas, viraram uma companhia de confiança. De boa vontade guardaram cuidadosamente meus materiais de trabalho, como telas e cavalete em suas barracas, ou do contrário teria que arrastar tudo a largas distâncias. Até a seguinte noite que ia passar de novo ali pintando. Desse jeito trabalhei durante esses meses de uma perspectiva muito diferente e jamais sonhada por mim. A da realidade das ruas.

8. Abandono noturno
(Jan Siebert).

Fonte: Catálogo da exposição Natureza Urbana, 2014.

9. O pintor atravessa a noite (Jan Siebert).

Fonte: Catálogo da exposição Natureza Urbana, 2014.



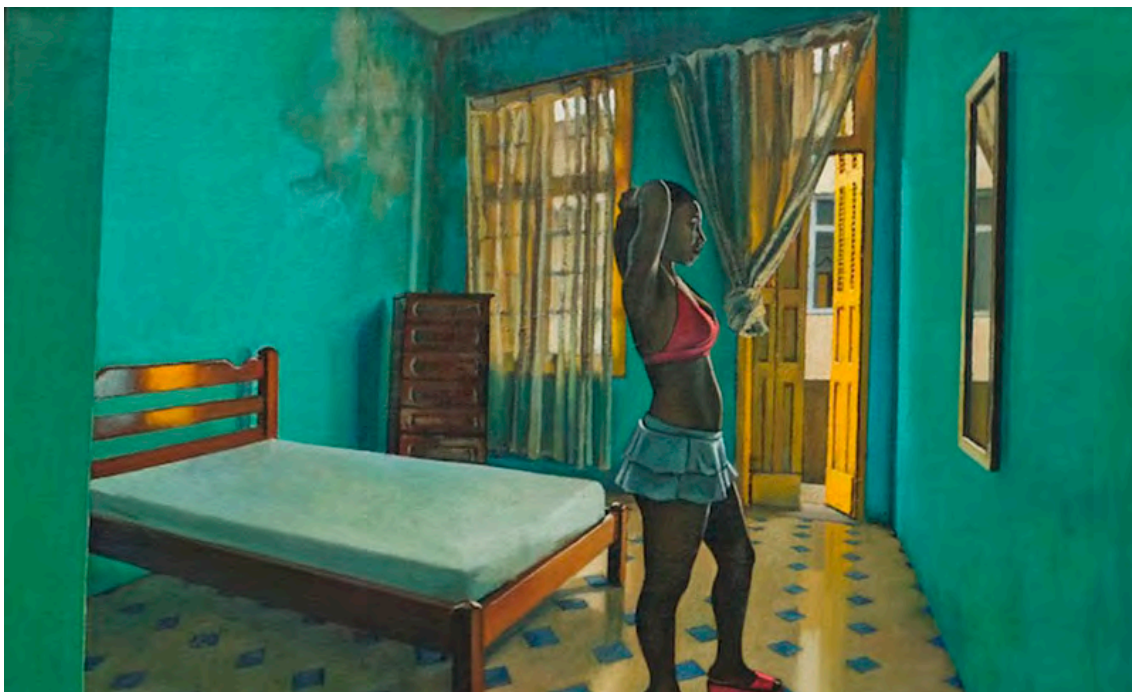
O pintor atravessa a noite, encara todas as suas interdições e liberações. A noite vai erodindo cada proibição. Os seres vão se metamorfoseando em cidadãos quando a aurora ameaça sangrar o céu com seus primeiros raios luminosos.

É hora de a fauna noturna voltar para a toca e o vampiro noctívago para o seu estúdio. A noite vai se despedindo e a mulheres cansadas, mas poderosas por terem nutrido a noite com seu amor, entre um bocejo e outro, voltam para seus segredos. A rua se esvazia.

O artista, o pintor, saciado na sua fome de mundo, repara nos primeiros trabalhadores com suas marmitas. É hora de tomar café, pensa... um real café com leite e pão com manteiga. O pintor se prepara para mais um cotidiano civil. Esperando a próxima noite... a noite infinita.

10. As mulheres voltam para seus segredos (Jan Siebert).

Fonte: Catálogo da exposição Natureza Urbana, 2014.



REFERÊNCIAS

- BAUDELAIRE, C. **As flores do mal**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.
- BAUDELAIRE, C. **O spleen de Paris**. Pequenos poemas em prosa. Rio de Janeiro: Imago, 1995.
- CALVINO, I. **Seis propostas para o próximo milênio**. São Paulo: Cia. das Letras, 1993.
- CAUQUELIN, A. **La ville la nuit**. Paris: PUF, 1977.
- GAUTRAND, J.C. **Brassai, Paris (Inglês)**. Ed. especial, Catálogo. Janeiro: Taschen, 2008.
- RIO, J. do. **Dentro da noite**. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves Editora, 1978.
- SECCO, C. L. T. **Morte e prazer em João do Rio**. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves Editora; SEEC, 1978.
- SIEBERT, J. **O cenário do cotidiano**. [S. l.: s. n.], 2014. [Álbum da exposição].
- SIEBERT, J. **México**. [S. l.: s. n.], 2002. [Álbum da exposição].
- SIEBERT, J. **Natureza urbana**. [S. l.: s. n.], 2014. [Álbum da exposição].
- SANSOT, P. **Poétique de la ville**. Paris: Armand Colin, 1996.

ROBERT MOSES PECHMAN

Bolsista de produtividade em pesquisa nível 2 do CNPq. Possui graduação em História pela USP (1977), mestrado em Planejamento Urbano e Regional pela UFRJ (1985), doutorado em História pela Universidade Estadual de Campinas - UNICAMP (1999) e pós-doutorado pela École des Hautes Etudes en Sciences Sociales de Paris (2004). Atualmente é professor Adjunto da UFRJ. Tem experiência na área de cultura e suas representações sobre a cidade, com ênfase na discussão sobre a convivência na cidade e seus desdobramentos na reflexão sobre a sociabilidade e a cidadania.



NIGHT FALLS ON THE CITY: STEALTHY IMAGES OF THE URBE IN JAN SIEBERT'S PAINTINGS¹

NIGHTLY GHOSTS

The word NIGHT is formed by letter N plus the number 8, in many languages. Thus, N plus *oito* (*noite*), N plus eight (*night*), N plus *ocho* (*noche*), N plus *huit* (*nuit*). Letter N is the mathematical symbol of infinity, whereas number eight “in horizontal position” also symbolizes the infinity. NIGHT means, in all languages, infinite oneness.

1. Robert Pechman's vibrant text closes this book with a non-positivist approach to ambiances, on the contrary, it is fully sensitive and phenomenological. It is a free text that places the urban ambiance as a creative and libertarian instance, which is fundamental to help better understanding cities, and their senses, in an empirical and always unstable way (N. org.).

In the beginning there was Light. Then, there came the Darkness. And God saw that the light was good, and He separated the light from the darkness. From the shadows the Night was made, and from the Night, the mystery of men. From the mysteries the city was built. It is night in the city...

Here's the criminal's friend, delightful evening,
come like an accomplice, with a wolf's loping.
(BAUDELAIRE, 1985, p. 349).

It is night in the city...

Noises of sex and wine come from filthy places. The city sleeps and, when it gives up on the waking state, it releases desires, joys, love and the "useless" part of non-economic expenses. The night space sets free the surrounding order of the solar city.

It is the danger...

No one knows who watches whom. The city becomes a jungle, it is the appeal of the wolves. Secrets and plots are woven while many sleep. It is the time when wanderers, lovers and criminals awaken to their nightly routine. "Slowly the sky's vast vault hides each feature, and restless man becomes a savage creature (BAUDELAIRE, 1985, p. 349).

Demons wake up and prostitutes spread along the streets and color them with their rouge. Restaurant cooks, gamblers, theater artists, musicians, thieves and bohemians take to the streets, like a new fauna that imposes itself on the city. But she too, the city, can be kind to workers and wise men, since it announces their time to rest from their tiring work.

Evening, sweet evening, desired by him who can say
without his arms proving him a liar: "Today
we've worked!"
(BAUDELAIRE, 1985, p. 351).

What - we may ask - is the essence of that night?

According to Italian poet Giacomo Leopardi, “words such as ‘night’, ‘nocturne’, among others, and descriptions of night are very poetic because the night overshadows objects and only allows the spirit to perceive a vague, blurred, incomplete image of itself (the night) and of the things it holds. The same phenomenon applies to words such as ‘obscurity’, ‘deep’ (CALVINO, 1993, p. 74).

According to Paris City’s historian Pierre Sansot, in his book *Poétique de la ville*, the big question about the specificity of the night that imposes itself is “what is the essence of nocturnal ambulation”. Closed in on himself, Sansot (1996, p. 231) argued that man was a passive victim fleeing his suffering: “Along the empty streets and avenues he starts an adventure he will not come out indene from, but he takes the responsibility for it and he will lead it to the end at any cost”.

According to Sansot (1996, p. 23), we can only know each other from the liveliness of the city, which provides us with excellent projection material, shows us back our own face, our secret fears, our unexpected desires. It is what he calls “sentimental landscape”, a *promenade nocturne* (night walk). According to the historian, men whose present is indiscreet or turbulent would suppress this free projection during the day (SANSOT, 1996, p. 231).

The neutral and docile space of urban day is replaced by a night space that is full of surprises. The question now is about the man, the night and the city. Hence, Sansot’s question (1996, p. 232): “what, then, are the roles played by the night and the city?” emptied of human eyes, but taken by human presence, the nocturnal city waits and listens. It does not tell us anything and does not approve of us, neither blame nor console us, concludes the author. Thus, how can one imagine the nocturnal city based on its difference from the city at day light, when order and work play the role of organizing and formulating the daily lives of the mob?

Yet now unhealthy demons rise again
clumsily, in the air, like busy men,
beat against sheds and arches in their flight
among the wind-tormented gas-lights.
(BAUDELAIRE, 1985, p. 351).

As the mob dissolves at night, the city is transformed, it gets filled with individuals in pursuit of lesser civil and more mundane experiences.

Prostitution switches on through the streets opening her passageways like an ant-heap: weaving her secret tunnels everywhere, like an enemy planning a coup, she's there burrowing into the wombs of the city's mires, like a worm stealing from Man what it desires. (BAUDELAIRE, 1985, p. 351).



1. Paris by night.
Source: Brassai Paris,
Paris, Taschen, 2008.

By hiding identities, the night becomes permissive towards individual secrets that enable everyone to daydream with fantasies of all kinds.

How to capture the aura of different beings with the kind of invisibility that imposes itself on the streets?

Can we paint these beings? Can we draw their wishes? Can we photograph their passions? What do they dream of? What goes on in their souls? What are their fears? What do they fantasize about? What are their city dreams? What does the urban night whisper to them? What does darkness tell them?

What do they know about silence, mystery, fear, loneliness, abandonment, sensuality, liberation of bodies, eroticism, search for the other, matches/mismatches, party...?

Attentive to the murmurs and groans of the souls of those living in the cities of crowds, Baudelaire (1995, p. 72), in his collection of short prose poems called *Paris Spleen*, criticizes at twilight: “Who are the unfortunate ones who are not calmed by the evening and who take, as owls do, the coming of night as a signal for their unholy witch’s Sabbath?”.

Twilight - says the cursed poet - excites madmen. According to him, although the night implants darkness within everyone else’s spirits, it brings light to his. The night is his refuge from the mediocrity of people and things. It is with irony, cynicism and pleasure that he greets the night:

O night, O refreshing shadows! For me, you are the signal for an interior holy day, you are deliverance from anguish! In the solitude of the plains, in the stony labyrinths of capital cities, you, the sparkling of stars and bursting forth of street lanterns, are the fire-works of the goddess Liberty. Twilight, how sweet and tender you are! (BAUDELAIRE, 1995, p. 73).

The poet had already expressed his discomfort about daily life in the city in his prose poem called “At One in the Morning”: “Horrible life! Horrible city!” and concluded, with pleasure, in the sweetness of the night: “Finally, alone! ... For a few hours, we’ll have silence, if not rest. Finally! The tyranny of the human face has disappeared, and for now my only sufferings will be of my own making” (BAUDELAIRE, 1995, p. 36). He is the cartographer of the nightly and gloomy human anthill that dares to cross the night desert in pursuit of ... something that is not possible under sunlight.

Here, there, you catch the kitchens' whistles,
the orchestras' droning, the theatres' yells.
(BAUDELAIRE, 1985, p. 352).

It is another form of sociability that imposes itself and requires another ritual for people to live together. According to the philosopher Anne Cauquelin, based on Baudelaire, Alexandre Dumas and Restif de la Bretonne, who wrote *Les nuits de Paris* or *The nocturnal spectator* (night observation tour in Paris that lasted 1001 nights or twenty years), the night in the city requires another understanding. The law of the day would not be the same as that of the night. The philosopher wanders (CAUQUELIN, 1977, p. 11): Would the man, freed from work hours and closed circuits, be himself? What are the secret codes of this world? According to Cauquelin, the nocturnal city is the answer to the jungle of urban day, it is its counterpart, because by settling down, by letting itself sleep, the city releases desires, pleasures and love. The aforementioned author suggests that, far from weighing on this huge human camp, the shadows release desire by scaring away daytime encoding and by allowing some disorder to pierce the plot and the braided net that keeps urban life functioning with all restraints necessary for the minimum coexistence among different individuals. Baudelaire (1995, p. 351) is the one who points out the gaps, cracks, laceration, rupture and fracture in the exoskeleton that surrounds the city and tries to protect it from any disturbance or disruption that may suggest the transformation of the urban script:

Low dives where gambling's all the pleasure,
filling with whores, and crooks, their partners,
and the thieves who show no respite or mercy,
will soon be setting to work, as they tenderly,
they too, toil at forcing safes and doorways,
to live, clothe their girls, for a few more days.

What world is this where cabaret is imposed on the factory, where workers give way to dandies, where wives give in to prostitutes, where business gives way to gambling?

What is this inversion where civilians become mundane; where the police are guardians of disorder and where the city becomes an upside-down theater of the useful landscape of everyday life?

Would there still be any possibility in the city of not having one's body so disciplined, so mutilated by the culture of order and utility?

According to Cauquelin (1977, p. 7), the city took over everything: "the city is the whole, it is the world ... urban reality is god ... ubiquitous".

Cauquelin asks herself: Would the night space be another space, the urban space double? Would it be possible for an "anticity" arise from this noctambulism, from this darkness, along with its witches, rites and magic? There, in the gloom of a *chiaroscuro*, sex swings, women are men; men are women.



2. Police Station.

Source: Brassai Paris, Paris, Taschen, 2008.

By day, man is a ghost ... clean ... odorless ... a robot; but at night he has a sex, a voice, a hand that touches, a nose that sniffs. It is the dance of pleasure, says Cauquelin. Time points the way out of the checkered and suffocating space produced by civilization, namely: insomnia.

It is like being awake without having to be industrious, enjoying one's own dark, talking to one's own shadow. But the city reacts and lights up, as if it were an inscription in space indicating urban peace, the *pax urbis* islands. Therefore, social peace refers to the light inflicted on the darkness, since by revealing the city "thing", light preserves it from unexpected night rituals.

Nevertheless, power does not sleep at night, nor does the control of the city. Cauquelin (1977, p. 166) emphasizes that the fraternal state protects and watches over each individual at night, as well as during the day. But it does not yet have the power to stop one from dreaming ... from dreaming that we are awake in the middle of the nocturnal city. It is not a matter of sleepwalking, but of action, of inscribing oneself in the flesh of the city with enormous vocation for the unknown and for the relentless desire to desire. It is wishing to belong to the city and dreaming up unexpected dreams in it.

João do Rio – the chronicler of the early twentieth century, Brazilian heir to Huysman and Baudelaire, who was stylistically seen as "decadent" – has described the night as deep, thick and allegorical in his short story book called *Dentro da noite* (Inside the Night). It is not by chance that the epigraph of his book refers to King David's lament, in the Old Testament, when he invokes God to ask Him to protect his people: "Preserve us, Lord, from the terrible things that go on at night".

According to Carmen T. Secco, in her book called *Morte e prazer em João do Rio* (Death and pleasure in João do Rio), João do Rio sees the night as a kind of "liberation zone, where characters let their ghosts – repressed by an "oppressive and homogenizing culture" – emerge. However, even in these spaces, the unconscious does not fully open a perspective for the "being" of characters, since those places where they set their repressed desires free are margins granted by the system itself for such a liberation. Within the same semantic sphere of decadence, "night" in João do Rio represents, as in Huysman and Baudelaire, the *là-bas* and *bas-fond* – the underworld where characters release their shadow-side repressed by society.

Beneath the city's progress, night holds a cry, an anguished hiss that wants to come to surface ... And it comes metaphorized by the shadows that run through all the tales of *Dentro da Noite* (Inside the Night), it opens room for the 'other side', the overcast side of Rio, to come up. And the unconscious gets freed from the prison of superego. Such a cry penetrates every space of this upside-down world... The dream has its own speech, meaning and form. It is the very woven text of night and death. The dream and the text. The night that reveals the ghosts traveling through its opaque and ambiguous universe ... (SECCO, 1978, p. 31).

3. At night (Jan Siebert).

Source: Catálogo da exposição *Natureza Urbana*, 2014.



According to Secco (1978, p. 34), these spaces are featured as frustration zones, since the characters will only release their desires in a contemplative way, i.e., through narrators' words ... The bar, lounges, cafes and candy shops are places granted by culture itself in order to somehow control and direct pleasure.

João do Rio himself, quoted by Secco (1978, p. 15), reveals (foresees) his ultimate impression about the night: "Oh, the unnerving impression of these unreal figures in the semi-shadow of the dead hours ... It seems something impalpable, vague, huge, emerging from darkness in pieces".

What can Sociology or Anthropology understand about the inversion provided by the night when virtue becomes addiction? Nothing and nobody is what they seem to be.

That is why the nocturnal city is easy for those unique individuals who can understand it at its core, namely: the artists.

The night is a tricky artist.

The artist is the only one who can tell us about this nebulous world, where the rational thought bumps into its limits. Morning must come, so that History, Sociology and Anthropology can understand again what the urban night only allowed them to anticipate.

But, after all, what does the artist see that is obliterated by our blindness?

He sees everything that we also see, but as if it were the first time. Nothing is "natural" for the artist as it is for the mere mortal who sees everything, bored. It is as if he always saw everything for the first time and, therefore, he could penetrate and reveal the soul of all things. Hence, its power to reinvent life by taking it out of its "naturalness" and endowing it with language, meaning and symbolism. The artist has the gift of eroticizing the things he sees, i.e., of giving them life. Eros as an action principle, which triggers desire and confirms life.

It is night in the city...

The artist wanders...

He sharpens his canine teeth while he waits for the clouds to cover some remnants of moonlight that still light up the places.

The city is in the dark and the vampire starts to attack the unwary night owls that flutter through the streets: prostitutes, bohemians, homeless people, night-goers, outlaws and a whole fauna that forms the reverse side of the city.

The vampire-artist attacks, sucks peoples' stories and injects them with longevity, infinity, similar to the nighttime that, either in pain or pleasure, never wants to go away, never ends.

It is night in the city...

The artist wanders...

What paths to take?

What doors to slam? What windows to break in? What locks to stick the eye at?

Is he a voyeur disguised as painter? Or a painter who pretends to be voyeuristic?

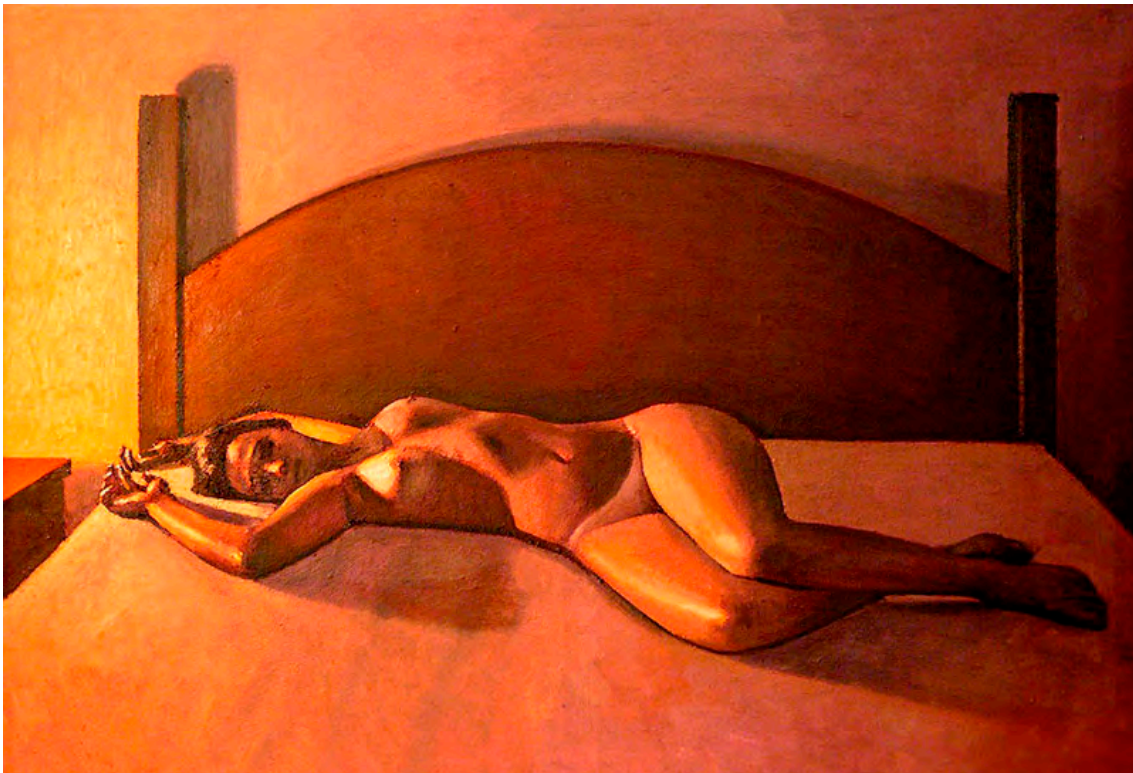
Is he a pretender, who pretends to feel the pain he feels?

What does the artist expect? Who is waiting for him?

To look or to be looked at?

4. In bed (Jan Siebert).

Source: Catálogo da
exposição Natureza
Urbana, 2014.



What does the artist dream of? What are the fantasies of him that he sells to us as the new truths of the world? The artist believes that the truths of the world lie on the urban nature. Does he paint the city in his studio?

The house or the street, inside or outside? What is his place? What is his viewpoint? The artist looks, searches, observes, scrutinizes, targets...

He goes out into the street... and paints the life that crosses his retinas, and describes what they capture...

The painter Jan Siebert, a German living in Rio de Janeiro, is one of those artists who dive into the low-lying areas of the city, although only at night.

It reads in the catalog of the exhibition called *O cenário do cotidiano* (The daily scenario) that, according to Jan, “a single place is completely different from day to night. Surrounded by shadows, he sneaks through reckless urban voids. Unlike the traveler in transit, who spends months and years in different cities and places, Siebert gives himself the time necessary to absorb the local milieu in order to paint canvases, whose art is based on the



5. Jan Siebert painting at dawn.

Source: Catálogo da exposição *Natureza Urbana*, 2014.

deceptively natural and banal vision of places and objects of the visible world. His main tool lies on his tireless observation of urban scenarios that have been slowly decomposing.

His paintings reveal the look of those who anchor in the chosen location, mainly of the ones who are part of those contents and relationships.

A painting by Jan Siebert, wherever it is painted - Germany, Mexico or Brazil - is capable of triggering a strong feeling of belonging to our known everyday world, with all its disgust, banality and beauty.

Landscape selection often results from intense search and research. Suddenly, ordinary people can become protagonists of their own routine, companions and accomplices in artistic creation. A prostitute portrayed at night, on the street corner of a city, is as real as the painter portraying her, as real as the lifetime they both share.

Paintings also show us night landscapes, squares, bridges, empty and abandoned streets removed from limbo by the one who observes them. What better way to deal with reality than transforming it into aesthetic and poetic material, other than letting oneself be taken by the very feeling inspired by the place, the residents and the marks left by past stories? The interaction between the portraitist and the depicted one presents an ambivalence that goes beyond the visible aspect, since it penetrates the abstract field of sensory. Siebert has chosen the reality of ordinary matters as the carrier of non-material, which he identifies as the essence of all objects represented by his painting". According to the artist:

“During the day, people could be seen on the streets, as well as many shops; however, the landscape changed considerably after the end of business hours and at nightfall. The old downtown area became just a trading center and it remained just a reminder of the good old days: a place where no one would like to live in after their working hours.

At night, the large inflow of people disappeared and headed towards the beach and safe homes, away from danger. At that same time, a different reality could be seen in the historic center while most commercial establishments were closed, namely: small bars and brothels with luminous signs at the entrance and women ready for another night of work.

Discovering the universe of these individuals who do not live in safe or comfortable environments - unlike those who seek this type of service just for an adventure - was indescribable. In addition, drug users, and even prostitutes, could be seen arriving from different parts. Thus, the harsh reality experienced by those individuals, and the decay of wealth and elegance, became my work theme at the time. On the other hand, in order for me to be able to continue this work, it was necessary to somehow approach them and their environment, which seemed to be impossible for me, since I needed to know more about the lives of those individuals and, therefore, I needed to have their consent. At first, I imagined that I would not be successful in asking if any of those women could pose for a painting, since I was a stranger and had a hard time communicating with them because I was not a Portuguese speaker. I was discouraged from walking those streets, based on the justification that they were dangerous. However, I chose to live in the downtown area of the city so I could be closer to the reality I was experiencing then.

My artistic dedication in the midst of this somewhat somber spectacle was accepted with goodwill and tolerance by brothel owners who allowed me to paint pictures of the prostitutes' rooms, as well as allowed them to pose to me. They were pictures that I had never thought I would paint.



The violence and fast speed in this city recall the insatiable appetite of a monster that has already become the mechanism and the victim of its own addiction. Thus, it is hard to find stories and traces of people and things that were herein written before they were consumed for good. Nevertheless, there are hidden and forgotten places that have managed to save the mysterious messages from city's avalanches.

They started calling my attention to the most hidden links so I started to read traces on my bewildered night expeditions. The lonely, abandoned streets by the daily flow of people now showed its most authentic and real face. There were the remnants of gone days, walls presenting an echo of the past besides the smooth concrete that, empty-eyed, stares a profitable future. Strident graffiti shone in scarcity and gave birth to the strangest imag-

**6. Night at Santos
(Jan Siebert).**

Source: Catálogo da
exposição Natureza
Urbana, 2014.

7. Waiting... (Jan Siebert).

Source: Catálogo da
exposição Natureza
Urbana, 2014.



es in my mind. It was like a surreal theater, a loud boom, frozen in the motionless silence of isolated views. Residents in these places, who were on the run from society and losers who spend their time between robberies and drugs, have become a reliable company. They willingly and carefully stored my work materials, such as canvases and easels, in their



tents, otherwise I would have to drag everything over long distances until the following night I was going to spend there, painting again. Thus, I worked for months, based on a remarkably different perspective I had never dreamed of, namely: reality of the streets”.

The painter goes through the night and faces all its interdictions and liberations. The night progressively erodes each ban. Night beings start metamorphosing into citizens when dawn threatens to bleed the sky with its first luminous rays.

It is time for the night fauna to return to the lair, whereas the night vampire goes back to his studio. The night fades away and women, who feel tired, although powerful, because they have nourished the night with their love, go back to their secrets between one yawn and another.

The street is empty.

8. Night abandonment
(Jan Siebert).

Source: Catálogo da
exposição Natureza
Urbana, 2014.

9. The painter goes through the night (Jan Siebert).

Source: Catálogo da ex-
posição Natureza Urbana,
2014.



The artist (the painter), whose hunger for the world was sated, notices the first workers carrying their lunchboxes. It is breakfast time, he thinks ... a good latte, bread and butter. The painter prepares himself for yet another civilian routine, while he waits for the following night... the endless night to come.

10. Women go back to their secrets (Jan Siebert).

Source: Catálogo da exposição Natureza Urbana, 2014.



REFERENCES

- BAUDELAIRE, C. **As flores do mal**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.
- BAUDELAIRE, C. **O spleen de Paris**. Pequenos poemas em prosa. Rio de Janeiro: Imago, 1995.
- CALVINO, I. **Seis propostas para o próximo milênio**. São Paulo: Cia. das Letras, 1993.
- CAUQUELIN, A. **La ville la nuit**. Paris: PUF, 1977.
- GAUTRAND, J.C. **Brassai, Paris (Inglês)**. Ed. especial, Catálogo. Janeiro: Taschen, 2008.
- RIO, J. do. **Dentro da noite**. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves Editora, 1978.
- SECCO, C. L. T. **Morte e prazer em João do Rio**. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves Editora; SEEC, 1978.
- SIEBERT, J. **O cenário do cotidiano**. [S. l.: s. n.], 2014. [Álbum da exposição].
- SIEBERT, J. **México**. [S. l.: s. n.], 2002. [Álbum da exposição].
- SIEBERT, J. **Natureza urbana**. [S. l.: s. n.], 2014. [Álbum da exposição].
- SANSOT, P. **Poétique de la ville**. Paris: Armand Colin, 1996.

ROBERT MOSES PECHMAN

Undergraduate degree in History from USP (1977), Master's in Urban and Regional Planning from UFRJ (1985), PhD in History from the University of Campinas - UNICAMP (1999) and postdoctoral degree from École des Hautes Etudes en Sciences Sociales, Paris (2004). CNPq Research Productivity Scholarship. Currently an Adjunct Professor at UFRJ. Experience researching culture and its representations towards the city, with an emphasis on the discussion about living in the city and its consequences on sociability and citizenship.

ÍNDICE REMISSIVO

REFERENCE LIST

Afetos: 27, 71, 80, 114, 173, 175, 176, 177, 179, 183, 379.

Alteridade: 281, 299, 348, 349, 353, 371.

Ambiências: 14, 15, 16, 17, 69, 75, 109, 110, 111, 121, 122, 125, 130, 131, 133, 134, 135, 136, 142, 174, 175, 176, 177, 178, 179, 180, 181, 185, 267, 268, 271, 274, 277, 279, 280, 281, 282, 299, 300, 339, 349, 350, 351, 352, 353, 371, 375, 376, 377, 378, 379, 380, 381, 388, 389, 390, 415, 418, 419, 533.

Ambiências criativas: 267, 271, 274, 280, 281, 299.

Ambiências urbanas: 109, 179, 282, 300, 353, 371, 375, 378, 380.

Antigo Cassino da Urca: 209, 211.

Antropologia: 13, 138, 169, 251, 459, 460, 463, 464, 469, 471, 472, 473, 474, 476, 477, 479, 494, 512, 513, 530, 542.

Apropriação do espaço: 32, 268, 389.

Arqueologia: 16, 415, 459, 460, 461, 464, 465, 466, 467, 468, 469, 470, 471, 472, 473, 474, 475, 476, 488, 494.

Arqueologia industrial: 469, 470, 473, 474.

Arqueologia no Brasil: 469, 471, 476, 494.

Arqueologia urbana: 16, 459, 460, 461, 464, 465, 467, 468, 471, 473, 474, 476, 494.

Arquitetura: 13, 14, 15, 16, 25, 26, 27, 29, 32, 40, 41, 58, 62, 63, 68, 69, 70, 71,

74, 78, 79, 82, 83, 106, 109, 110, 122, 124, 135, 136, 202, 203, 204, 214, 215, 216, 217, 234, 267, 268, 269, 270, 271, 272, 281, 283, 287, 299, 307, 315, 339, 340, 342, 352, 353, 354, 355, 371, 372, 373, 379, 393, 428, 435, 460, 462, 470, 473, 476, 494.

Arquitetura e urbanismo: 13, 15, 16, 25, 27, 32, 40, 41, 58, 62, 63, 83, 216, 234, 267, 271, 272, 281, 283, 299, 339, 353, 354, 355, 371, 372, 393, 460, 473, 476, 494.

Arquivo: 14, 15, 28, 40, 41, 58, 59, 67, 68, 79, 82, 106, 201, 202, 203, 204, 205, 206, 207, 208, 209, 210, 211, 212, 213, 214, 215, 216, 234, 382, 384, 387, 465, 466, 512, 530.

Arquivo mnemônico: 41, 59, 210, 214, 216, 234.

Arquivos do lugar: 209, 210, 211.

Asseptização: 375, 381, 389, 390.

Atmosfera: 15, 109, 110, 112, 113, 118, 119, 124, 125, 126, 130, 131, 134, 136, 173, 174, 176, 178, 179, 181, 182, 274, 303, 304, 306, 311, 312, 313, 314, 315, 316, 350, 545.

Caminhada: 64, 82, 106, 127, 352, 376, 378, 380, 381, 388, 389.

Cidade: 13, 14, 15, 16, 17, 25, 26, 27, 28, 31, 32, 33, 35, 38, 39, 40, 41, 58, 59, 61, 62, 63, 64, 65, 66, 67, 68, 69, 70, 71, 72, 73, 74, 75, 76, 78, 79, 80, 81, 82, 83, 106, 107, 109, 118, 119, 124, 130, 131, 133, 135, 136, 137, 176, 177, 178, 179, 180, 181, 182, 201, 202, 203, 205, 207, 208, 209, 211, 213, 214, 215, 216, 225, 234, 238, 239, 240, 241, 242, 243, 244, 245, 246, 247, 248, 249, 250, 251, 257, 260, 264, 265, 267, 268, 271, 273, 274, 278, 281, 282, 299, 300, 303, 304, 305,

306, 307, 308, 309, 310, 311, 312, 313, 315, 316, 342, 347, 348, 351, 352, 355, 373, 375, 376, 377, 378, 379, 380, 381, 386, 389, 391, 415, 423, 430, 459, 463, 470, 473, 476, 494, 497, 498, 499, 500, 501, 502, 503, 504, 505, 506, 507, 508, 509, 510, 511, 512, 530, 533, 534, 535, 536, 537, 538, 539, 540, 542, 543, 544, 545, 547, 548, 551.

Cidade contemporânea: 68, 70, 79, 80, 178.

Cidade pacífica: 375, 376, 377, 378, 379, 381, 389, 391.

Cidade-Entre: 14, 61, 62, 65, 72, 74, 78, 79, 80, 81.

Cidades criativas: 268, 282, 300.

Coletivo: 16, 22, 28, 38, 71, 111, 173, 176, 180, 208, 214, 267, 339, 344, 352, 353, 371, 419, 425, 461, 462, 476, 494, 508.

Corpo: 13, 15, 16, 62, 63, 65, 67, 68, 70, 72, 73, 74, 78, 79, 80, 176, 177, 205, 311, 339, 341, 342, 343, 345, 346, 347, 352, 353, 354,

371, 372, 376, 377, 378, 379, 380, 381, 386, 388, 389, 390, 424, 472, 502, 537, 539.

Cosmopolítica: 349, 351, 355, 367, 373.

Cotidiano: 62, 64, 82, 108, 126, 129, 176, 177, 238, 268, 270, 272, 276, 279, 281, 282, 299, 300, 418, 500, 501, 504, 534, 537, 539, 544, 545, 550, 551, 564, 571.

Cotidiano urbano: 176, 418.

Criatividade: 213, 269, 270, 271, 273, 277, 278, 279, 280, 281, 282, 299, 300, 500.

Descontinuidade: 202, 348, 349.

Diagnóstico: 240, 421, 422.

Direito à cidade: 14, 182, 497, 500.

Direito ao lugar: 503, 504.

Direito às ruas: 497, 499.

Ecologia urbana: 177, 181.

Empatia: 351, 352, 353, 371.

Espaço noturno: 534, 535, 539.

Espaços públicos: 62, 65, 180, 267, 309, 353, 371, 376.

Especulação imobiliária: 247, 249.

Estar presente: 16, 340, 345, 350.

Estética: 41, 59, 83, 107, 136, 173, 175, 175, 176, 179, 181, 241, 281, 299, 376, 377, 425, 506, 507, 545.

Estetização: 177, 178, 179, 180, 181, 377.

Estudantes de arquitetura: 15, 122, 270.

Estudos urbanos: 174, 182, 460, 462, 468, 500.

Etnográfica: 238, 460, 462, 463.

Experiência: 14, 17, 27, 28, 31, 32, 41, 58, 59, 62, 64, 65, 66, 68, 69, 70, 72, 73, 74, 78, 109, 110, 112, 113, 114, 117, 124, 128, 132, 134, 173, 174, 175, 176, 177, 178, 179, 180, 183, 202, 206, 238, 250, 264, 270, 278, 304, 314, 340, 341, 342, 345, 346, 351, 354, 355, 372,

373, 378, 379, 380, 381, 390, 416, 417, 418, 422, 460, 462, 463, 501, 536, 551.

Favelas do Rio de Janeiro: 15, 237, 238.

Fio de Ariadne: 14, 61, 63, 64, 79, 81.

Gentrificação: 15, 178, 279.

Habitação popular: 238, 239, 241, 243, 244, 245, 248.

História urbana: 248, 460.

Identidade: 27, 28, 29, 32, 39, 40, 41, 58, 59, 79, 82, 106, 180, 181, 376, 418, 512, 530, 537.

Infinito: 79, 115, 123, 533.

Labirinto: 14, 61, 62, 63, 65, 72, 79, 81, 462, 537.

Lugares em ação: 345, 346, 349, 350, 352, 354, 372.

Memória: 14, 15, 25, 27, 28, 29, 30, 31, 38, 40, 41, 58, 59, 62, 63, 64, 65, 67, 68, 69, 70, 71, 72, 73, 74, 78, 79, 80, 81, 82, 83, 106, 131, 181, 201, 202, 203, 204, 205, 206, 207, 208, 209, 210, 211, 213, 214, 215, 216, 234,

237, 238, 239, 248, 250, 264, 355, 373, 461, 465, 468, 473, 476, 494.

Memória coletiva: 27, 29, 38, 40, 58, 216, 234, 237, 238, 239.

Memória das políticas públicas: 15, 237.

Memória do futuro: 62, 64, 69, 70, 71, 72, 73, 74, 80, 81, 82, 83, 106, 355, 373.

Memória e história: 41, 59, 205, 216, 234.

Memória sensível: 68, 69.

Mesa longa: 421, 423, 425, 428.

Mobilidade: 64, 65, 73, 78, 80, 243, 308, 309, 311, 312, 314, 347, 348, 375, 390.

Múltiplas espacialidades: 345, 346.

Mundo urbano: 70, 173, 175, 175, 181.

Niterói: 250, 264, 470, 476, 490, 494, 509, 512, 527, 530.

Noite: 17, 123, 124, 128, 376, 384, 386, 512, 530, 533, 534, 535, 536, 537, 538, 539, 540, 541, 542, 543,

544, 545, 546, 549, 550,
551, 553, 560, 561, 571.

Noite urbana: 537, 542.

Observação incorporada:
16, 340, 341, 354, 372.

Participação popular: 15,
462.

Pedestre: 16, 126, 128, 275,
376, 377, 378, 379, 381,
383, 386, 388, 389.

Performance: 344, 349,
350, 351.

Performance: 22, 75, 101,
281, 286, 299, 343, 344,
351, 361, 364, 366, 370,
373, 499, 504, 507, 510,
511, 512, 517, 519, 522, 525,
528, 529, 530.

Pesquisa etnográfica: 238,
463.

Plasticidade: 378, 380.

Política ontológica: 344,
351, 354, 372.

Políticas de remoção: 342,
343, 344.

**Políticas de renovação
urbana:** 339, 348.

Políticas públicas: 15, 237,
238, 239, 240, 241, 242,

243, 244, 245, 247, 248,
249, 250, 264, 281, 299,
350.

Praça Mauá: 15, 21, 211,
212, 213, 214.

Projeto: 13, 33, 34, 40, 58,
75, 78, 83, 133, 202, 209,
211, 212, 216, 234, 239, 245,
246, 248, 249, 271, 276,
279, 281, 294, 299, 339,
349, 353, 354, 355, 371,
372, 373, 376, 415, 416, 417,
418, 420, 421, 423, 424,
429, 430, 432, 460, 461,
462, 463, 464, 465, 466,
467, 468, 469, 471, 472,
473, 482, 487, 500, 506.

Psicanálise: 14, 64, 81, 82,
106, 202, 206, 215.

Realidade: 68, 71, 72, 78,
109, 124, 125, 127, 180, 181,
203, 206, 207, 247, 279,
306, 340, 341, 342, 343,
344, 346, 350, 351, 352,
353, 371, 389, 422, 466,
506, 539, 545, 546, 547,
549.

Rede: 16, 26, 30, 61, 65, 82,
106, 109, 110, 125, 185, 271,
282, 300, 306, 308, 309,
339, 342, 343, 344, 345,
346, 347, 348, 349, 351,

364, 372, 416, 435, 503,
506, 510, 521, 538.

Re-encantamento: 376,
377.

Reminiscência: 67, 201,
206.

Representações urbanas:
131, 416.

Ressensibilização: 131,
280.

Rio de Janeiro: 15, 17, 21,
23, 25, 40, 41, 43, 58, 59,
63, 69, 82, 83, 87, 93, 106,
107, 109, 141, 203, 208, 209,
211, 213, 214, 215, 216, 217,
221, 226, 227, 230, 231,
232, 234, 237, 238, 239,
240, 241, 242, 243, 244,
245, 248, 249, 250, 251,
253, 254, 255, 256, 257,
258, 259, 260, 262, 263,
264, 265, 268, 275, 276,
281, 282, 286, 293, 294,
299, 300, 349, 353, 354,
355, 367, 371, 372, 376,
460, 462, 463, 469, 470,
473, 476, 480, 482, 483,
488, 489, 490, 492, 494,
598, 502, 505, 506, 508,
509, 510, 511, 512, 516, 520,
523, 524, 526, 527, 528,
529, 530, 544, 551, 564,
571.

Ritmos: 16, 135, 378, 388, 390, 501.

Segregação socioespacial: 15, 237, 240, 242, 249.

Segurança pública: 245, 246, 249, 502.

Sensibilidade: 14, 65, 66, 73, 174, 175, 176, 177, 182, 183, 204, 376, 378, 499.

Sensível: 14, 62, 68, 69, 70, 72, 73, 78, 82, 106, 112, 123, 124, 126, 132, 173, 174, 175, 176, 177, 178, 179, 180, 182, 183, 201, 270, 273, 304, 312, 315, 341, 342, 351, 353, 355, 371, 373, 376, 378, 379, 381, 388, 416, 423, 533.

Sensorium humano: 375, 377, 378, 395, 397, 398.

Sigmund Freud: 82, 106, 202, 216, 220, 234.

Simulacro: 69, 71, 82, 106, 207, 376, 377.

Situação urbana: 179, 181, 418, 425.

Socioestética: 174, 175.

Tempo: 27, 30, 35, 38, 61, 65, 66, 67, 68, 69, 70, 71, 72, 73, 74, 79, 80, 109, 110,

111, 113, 115, 117, 118, 119, 121, 122, 123, 173, 179, 180, 181, 182, 203, 204, 239, 241, 248, 270, 273, 274, 281, 300, 307, 309, 311, 347, 348, 349, 377, 378, 380, 381, 386, 388, 390, 467, 468, 500, 502, 504, 506, 507, 511, 540, 543, 545, 549.

Teoria ator-rede: 342, 354, 372.

Transecto: 415, 416, 417, 418, 419, 420, 421, 422, 423, 424, 425, 426, 428, 429, 433.

Urbanidade: 15, 70, 80, 135, 177, 179, 303, 304, 306, 307, 308, 309, 310, 346, 349, 350, 351, 354, 372.

Urbano: 15, 16, 32, 40, 58, 68, 70, 71, 80, 130, 131, 136, 139, 173, 174, 175, 176, 177, 178, 179, 180, 181, 182, 183, 185, 216, 234, 238, 239, 240, 241, 242, 243, 244, 246, 248, 249, 250, 264, 268, 271, 276, 277, 280, 294, 303, 304, 305, 306, 307, 308, 309, 311, 312, 313, 342, 347, 348, 349, 350, 351, 353, 354, 371, 372, 376, 377, 379, 380, 382,

391, 393, 416, 418, 421, 429, 459, 460, 461, 462, 463, 468, 473, 476, 476, 494, 497, 498, 500, 511, 512, 513, 530, 535, 539, 544, 545, 551.

Urbe: 15, 248, 353, 354, 371, 372, 474, 433, 434, 540, 553.

Vida urbana: 16, 78, 177, 179, 180, 183, 304, 312, 314, 349, 351, 352, 355, 373, 377, 500, 501, 538.

Zonas de tolerância: 498, 502.

Actor-network theory: 354, 359, 360, 371, 373.

Aesthetics: 167, 184, 187, 188, 189, 190, 191, 192, 193, 194, 197, 256, 317, 335, 392, 396, 397, 411, 419, 441, 446, 512, 524, 525, 530, 565.

Anthropology: 19, 265, 317, 318, 335, 336, 479, 480, 483, 488, 490, 491, 492, 493, 495, 531, 562.

Appropriation of space: 22, 46, 49.

Archeology: 22, 437.

Architecture: 19, 20, 21, 22, 23, 41, 43, 44, 45, 47, 48, 49, 50, 52, 54, 56, 58, 59, 75, 82, 83, 86, 87, 88, 90, 92, 93, 94, 95, 96, 98, 100, 102, 103, 104, 106, 107, 109, 122, 138, 141, 142, 144, 146, 148, 150, 152, 154, 156, 158, 160, 162, 164, 166, 167, 169, 170, 184, 185, 188, 190, 192, 194, 196, 197, 198, 199, 216, 220, 221, 222, 224, 226, 228, 230, 231, 232, 233, 234, 235, 254, 256, 258, 260, 262, 264, 281, 282, 285, 286, 287, 288, 289, 290, 292, 294, 296, 298, 299, 300, 301, 319, 322, 324, 325, 328, 330, 332,

333, 336, 337, 357, 358, 360, 362, 364, 366, 368, 369, 370, 372, 373, 392, 393, 396, 398, 399, 400, 402, 404, 406, 408, 410, 411, 412, 413, 419, 435, 438, 440, 441, 444, 446, 448, 450, 452, 454, 456, 457, 480, 482, 484, 486, 488, 490, 492, 494, 516, 518, 520, 522, 524, 526, 528, 530, 554, 556, 558, 560, 562, 564, 566, 568, 570.

Architecture and Urbanism: 20, 21, 22, 23, 43, 45, 49, 59, 86, 87, 92, 95, 102, 106, 107, 221, 235, 285, 289, 290, 301, 357, 373, 413, 480, 492.

Architecture students: 154, 288.

Archive: 20, 46, 91, 92, 103, 185, 198, 219, 220, 221, 222, 223, 224, 225, 226, 227, 228, 229, 230, 231, 232, 375, 392, 395, 411, 485.

Ariadne's Thread: 87, 88, 102.

Atmosphere: 21, 125, 139, 141, 142, 144, 150, 156, 157, 161, 163, 165, 166, 167, 170, 184, 185, 187, 188, 191, 192,

194, 195, 197, 198, 259, 291, 292, 317, 318, 319, 321, 322, 323, 325, 329, 330, 331, 332, 333, 334, 335, 336, 337, 368, 419, 441.

Being present: 358, 367.

Body: 22, 83, 86, 87, 89, 90, 92, 94, 96, 97, 98, 100, 101, 102, 104, 107, 189, 190, 191, 222, 261, 318, 336, 359, 361, 363, 365, 398, 399, 400, 401, 406, 408, 409, 445, 483, 559, 562.

Cities: 19, 21, 22, 23, 43, 45, 48, 86, 87, 88, 89, 90, 93, 94, 95, 97, 100, 101, 102, 104, 109, 133, 141, 151, 153, 162, 165, 167, 189, 190, 193, 194, 221, 233, 263, 286, 317, 318, 321, 322, 323, 325, 326, 327, 329, 330, 333, 334, 335, 336, 360, 368, 369, 395, 397, 399, 442, 479, 490, 508, 512, 515, 516, 517, 518, 519, 520, 522, 524, 526, 528, 529, 530, 553, 557, 564.

City: 19, 20, 21, 22, 23, 44, 45, 48, 50, 52, 53, 55, 56, 57, 82, 83, 85, 86, 87, 88, 89, 90, 91, 92, 93, 94, 95, 96, 97, 100, 101, 102, 103, 104, 105, 106, 107, 149, 156,

162, 163, 164, 167, 168, 184, 190, 191, 192, 193, 194, 195, 197, 219, 220, 221, 223, 225, 226, 227, 230, 231, 232, 233, 254, 255, 256, 257, 258, 259, 262, 263, 285, 286, 289, 291, 292, 293, 294, 296, 317, 318, 322, 323, 324, 325, 326, 327, 328, 329, 330, 331, 334, 335, 336, 365, 367, 368, 369, 370, 395, 396, 397, 398, 399, 400, 401, 406, 407, 409, 410, 437, 438, 445, 479, 480, 482, 483, 492, 493, 512, 515, 517, 518, 519, 520, 521, 522, 523, 525, 526, 527, 528, 529, 530, 553, 554, 555, 556, 557, 558, 559, 560, 561, 562, 564, 565, 566, 567.

Collective: 22, 45, 46, 47, 56, 86, 95, 143, 187, 190, 193, 222, 224, 226, 231, 253, 254, 285, 286, 287, 298, 357, 362, 369, 395, 399, 435, 437, 440, 526.

Collective memory: 45, 47, 56, 253, 254.

Creative process: 282, 288, 300.

Creativity: 229, 281, 282, 287, 288, 290, 291, 295, 296, 297, 298, 299, 300, 518.

Embodied observation: 358, 359.

Empathy: 368, 369.

Environment: 20, 21, 22, 44, 46, 47, 89, 92, 94, 100, 101, 143, 146, 150, 156, 157, 158, 161, 165, 166, 167, 188, 191, 192, 193, 194, 196, 256, 282, 285, 286, 287, 288, 289, 290, 292, 293, 295, 297, 298, 300, 301, 317, 318, 322, 328, 329, 330, 331, 333, 335, 336, 353, 357, 358, 360, 362, 364, 369, 371, 373, 392, 395, 396, 398, 400, 411, 439, 441, 445, 488, 491, 512, 519, 530, 566.

Ethnographic: 226, 254, 480, 483, 486.

Ethnographic research: 254, 480, 483.

Everyday Life: 21, 45, 88, 139, 143, 145, 160, 162, 167, 170, 253, 281, 282, 286, 288, 299, 301, 444, 559.

Experience: 20, 23, 45, 46, 49, 56, 86, 88, 89, 90, 92,

93, 94, 96, 97, 100, 102, 103, 138, 141, 142, 144, 145, 146, 149, 156, 158, 160, 162, 163, 166, 169, 184, 185, 187, 189, 190, 191, 192, 193, 196, 197, 198, 220, 222, 223, 224, 233, 253, 254, 282, 286, 287, 288, 289, 296, 297, 300, 318, 322, 332, 336, 357, 358, 359, 360, 362, 363, 364, 369, 392, 397, 399, 400, 401, 410, 411, 419, 438, 439, 440, 441, 443, 444, 446, 483, 490, 516, 517, 518, 522, 525, 556, 566, 571.

Future Memory: 86, 93, 94, 95, 96, 97, 104.

Gentrification: 21, 191, 297.

Heterotopic spaces: 519.

Identity: 40, 45, 46, 47, 49, 56, 57, 103, 144, 193, 194, 289, 396, 440.

In-Between City: 20, 85, 89, 95, 96, 100, 102, 103, 104.

Indecent city: 528.

Labyrinth: 20, 85, 87, 89, 96, 102, 104, 105, 276, 294, 482, 557.

Long table: 443, 444, 446.

Memory: 20, 21, 43, 44, 45, 46, 47, 48, 49, 53, 56, 86,

87, 88, 89, 91, 92, 93, 94, 95, 96, 97, 102, 103, 104, 163, 219, 220, 221, 222, 223, 224, 225, 226, 227, 228, 230, 231, 232, 233, 253, 254, 262, 481, 485, 488, 492.

Memory and history: 220, 223, 231.

Memory and place: 219, 220.

Mnemonic archive: 227, 231.

Mnemosyne: 219, 416, 438.

Mobility: 88, 89, 97, 102, 104, 326, 327, 329, 330, 332, 365, 395, 409.

Neighborhood (São Cristóvão, Catumbi): 21, 22, 158, 159, 160, 168, 226, 227, 255, 257, 259, 260, 261, 399, 400, 401, 402, 480, 481, 482, 483, 486, 520.

Network: 48, 89, 125, 141, 142, 157, 199, 235, 289, 324, 326, 327, 353, 354, 357, 359, 360, 361, 362, 363, 364, 365, 366, 369, 371, 372, 373, 413, 438, 457, 524, 528.

Night: 23, 155, 156, 158, 159, 396, 404, 406, 517, 526, 528, 533, 536, 553, 554, 555, 556, 557, 558, 559, 560, 561, 562, 564, 565, 567, 569, 570.

Niterói: 250, 264, 470, 476, 490, 494, 509, 512, 527, 530.

Ontological politics: 362, 367, 368.

Other Space: 363, 369, 559.

Peaceful city: 395, 397, 398, 409, 410.

Pedestrian: 22, 158, 160, 293, 396, 397, 398, 399, 401, 402, 406, 407, 409.

Performance: 75, 101, 281, 286, 299, 343, 344, 351, 361, 364, 366, 370, 373, 499, 504, 507, 510, 511, 512, 517, 519, 522, 525, 528, 529, 530.

Plasticity: 398, 400.

Popular participation: 21, 482.

Praça Mauá: 15, 21, 211, 212, 213, 214.

Project: 22, 50, 51, 93, 96, 101, 107, 167, 168, 195, 220, 227, 228, 229, 253, 255, 258, 259, 260, 262, 263, 289, 294, 297, 330, 357, 366, 396, 397, 404, 434, 437, 438, 439, 440, 442, 443, 444, 445, 446, 456, 480, 481, 482, 483, 484, 485, 486, 487, 488, 489, 490, 491, 492, 518, 555.

Promenade nocturne: 535, 555.

Psychoanalysis: 20, 88, 104, 220, 224, 233.

Public policy: 258, 259, 260, 262.

Public security: 259, 260, 263.

Public spaces: 86, 89, 161, 163, 184, 193, 197, 285, 290, 298, 327, 396, 408, 409.

Reality: 95, 96, 102, 156, 157, 158, 193, 194, 224, 225, 318, 324, 336, 358, 359, 360, 361, 362, 363, 364, 409, 483, 524, 559, 565, 566, 569.

Reminiscence: 91, 219, 224.

Rhythms: 22, 167.

Rio de Janeiro: 15, 17, 21, 23, 25, 40, 41, 43, 58, 59, 63, 69, 82, 83, 87, 93, 106, 107, 109, 141, 203, 208, 209, 211, 213, 214, 215, 216, 217, 221, 226, 227, 230, 231, 232, 234, 237, 238, 239, 240, 241, 242, 243, 244, 248, 248, 249, 250, 251, 253, 254, 255, 256, 257, 258, 259, 260, 262, 263, 264, 265, 268, 275, 276, 281, 282, 286, 293, 294, 299, 300, 349, 353, 354, 355, 367, 371, 372, 373, 460, 462, 463, 469, 470, 473, 476, 480, 482, 483, 488, 489, 490, 492, 494, 498, 502, 505, 506, 508, 509, 510, 511, 512, 516, 520, 523, 524, 526, 527, 528, 529, 530, 544, 551, 564, 571.

Sensitive: 20, 86, 92, 93, 94, 96, 97, 100, 102, 144, 150, 155, 156, 158, 163, 164, 165, 167, 168, 188, 189, 195, 196, 288, 291, 359, 360, 398, 438, 440, 553.

Sensitive memory: 92, 93, 94.

Sensitivity: 89, 90, 97, 188, 189, 190, 192, 195, 196, 221, 222, 396, 397, 408, 517.

Sigmund Freud: 82, 106, 202, 216, 220, 234.

Simulacrum: 93, 95, 225, 396, 397.

The cartography of controversies: 367.

The contemporary city: 92, 94, 103, 191.

Time: 28, 35, 45, 48, 49, 52, 55, 56, 82, 85, 88, 89, 90, 91, 92, 93, 94, 95, 96, 97, 100, 102, 104, 106, 114, 118, 123, 124, 130, 134, 136, 141, 142, 143, 144, 145, 147, 149, 150, 151, 153, 154, 155, 156, 158, 160, 161, 162, 163, 164, 165, 167, 180, 183, 184, 191, 193, 194, 195, 197, 202, 204, 216, 219, 220, 221, 222, 227, 231, 232, 234, 245, 255, 256, 259, 262, 269, 275, 288, 291, 292, 298, 312, 313, 315, 325, 326, 327, 328, 329, 331, 353, 358, 359, 364, 366, 371, 377, 387, 389, 397, 398, 400, 401, 405, 406, 408, 410, 437, 440, 442, 444, 445, 446, 468, 480, 482, 483, 486, 490, 492, 493, 507, 512, 517, 518, 520, 522, 523, 525, 526, 528, 529, 530, 535, 546, 554,

555, 558, 560, 562, 563, 564, 565, 566, 568, 569, 570.

Transect: 415, 416, 417, 418, 419, 420, 421, 422, 423, 424, 425, 426, 428, 429, 433, 434, 437, 437, 438, 439, 440, 441, 442, 443, 444, 445, 446, 448, 450, 451, 455, 456.

Urban: 21, 22, 46, 50, 86, 87, 92, 94, 95, 102, 103, 104, 109, 141, 145, 156, 162, 163, 165, 167, 168, 171, 184, 187, 188, 189, 190, 191, 192, 193, 194, 195, 196, 197, 198, 199, 235, 253, 254, 255, 256, 257, 258, 259, 260, 261, 262, 263, 265, 286, 289, 293, 294, 295, 298, 301, 317, 318, 319, 321, 322, 323, 324, 325, 326, 327, 329, 330, 331, 332, 335, 336, 337, 353, 354, 360, 364, 365, 366, 367, 368, 369, 370, 371, 372, 373, 392, 395, 396, 397, 398, 399, 400, 401, 402, 403, 410, 411, 413, 435, 437, 438, 439, 440, 441, 442, 443, 444, 445, 446, 457, 479, 480, 481, 482, 483, 484, 485, 486, 487, 488, 490, 492, 493, 515, 516, 517, 518,

519, 520, 521, 522, 527, 531,
553, 555, 557, 558, 559,
560, 562, 564, 565, 571.

Urban ecology: 190, 194.

Urban history: 262, 480.

Urban life: 102, 145, 190,
192, 196, 330.

Urban narrative: 441, 515.

Urban night: 557, 562.

Urban renewal policies:
254, 255, 262.

Urban representations:
163, 438.

Urban situation: 440, 446.

Urban studies: 187, 195,
197, 353, 354, 371, 373,
482.

Urban world: 94, 187, 189,
191, 194.

Urbanity: 21, 94, 104, 190,
192, 321, 322, 324, 325,
326, 327, 364, 368, 369.

URBE: 15, 248, 333, 353,
354, 371, 372, 474, 533,
534, 540, 553.

Walking: 22, 164, 398,
400, 408, 560, 566.

Writing machine: 49, 233.

CONSELHO EDITORIAL EDITORIAL BOARD

ALINA SANTIAGO < alinagsantiago@hotmail.com >

Graduação em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade de Brasília (UnB); especialização em Planejamento Habitacional pela UnB; mestrado pela Université de Paris XII – IUP (Créteil-França); doutorado pela Université de Paris I (Pantheon-Sorbonne); pós-doutorado no IREST – Université de Paris 1 (Pantheon-Sorbonne). Atuação docente: Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) (1983-2012); Faculdade IMED, Passo Fundo (desde 2015). Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo (PósARQ/UFSC) (atual). Atuação em pesquisa: Grupo de Pesquisa Desenho Urbano e Paisagem (Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico – CNPq) desde 1997, e Grupo de pesquisa da informática na Arquitetura (Infoarq/UFSC), com ênfase em paisagismo, turismo, planejamento urbano e turístico, sistema de informação geográfica, arquitetura da paisagem.

ALINA SANTIAGO < alinagsantiago@hotmail.com >

Undergraduate degree in Architecture and Urbanism from the University of Brasília (UnB); specialized in Housing Planning at UnB; has a master's degree from the Université de Paris XII - IUP (Créteil-France); PhD from Université de Paris I (Pantheon-Sorbonne); postdoctoral degree from IREST - Université de Paris 1 (Pantheon-Sorbonne). Teaching experience: Federal University of Santa Catarina (UFSC) (1983-2012); Faculdade IMED, Passo Fundo (since 2015). Post-Graduation in Architecture and Urbanism (PósARQ / UFSC) (current). Research experience: Urban Design and Landscape Research Group (National Council for Scientific and Technological Development - CNPq) since 1997, and the Architecture Computer Science Research Group (Infoarq / UFSC), with an emphasis on landscaping, tourism, urban and tourist planning , geographic information systems and landscape architecture.

ANGÉLICA BENATTI ALVIM < angelica.benatti.alvim@gmail.com >

Graduação em Arquitetura e Urbanismo pela Faculdade de Belas Artes de São Paulo; mestrado e Doutorado pela Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo (FAU/USP). Atuação docente: Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Presbiteriana Mackenzie - FAU-MACKENZIE (desde 1991); presidente da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo - ANPARQ (2015-2016). Bolsista de produtividade em pesquisa CNPq nível 2. Atuação em pesquisa: Grupo de Pesquisa Urbanismo Contemporâneo: Redes, Sistemas e Processos. Áreas de ensino e pesquisa: urbanismo, com ênfase em projeto urbano, mobilidade e meio ambiente.

ANGÉLICA BENATTI ALVIM < angelica.benatti.alvim@gmail.com >

Undergraduate degree in Architecture and Urbanism from the Faculdade de Belas Artes de São Paulo; master's and PhD from the Faculty of Architecture and Urbanism at the University of São Paulo (FAU / USP). Teaching experience: Faculty of Architecture and Urbanism at Universidade Presbiteriana Mackenzie - FAU-MACKENZIE (since 1991); president of the National Association for Research Postgraduate Studies in Architecture and Urbanism - ANPARQ (2015-2016). CNPq Research Productivity Scholarship - Level 2. Research experience: Contemporary Urbanism Research Group: Networks, Systems and Processes. Teaching and research areas: urbanism, with an emphasis on urban design, mobility and the environment.

ANA MARIA FERNANDES < anaf2017@gmail.com >

Graduação em Arquitetura e Urbanismo pela USP; mestrado na Université Paris-Est Créteil Val-de-Marne; doutorado em Aménagement et Environnement na Université de Paris XII (Paris-Val-de-Marne); pós-doutorado na Columbia University e na École d'Architecture Paris Malaquais. Professora Titular aposentada pela Faculdade de Arquitetura da Universidade Federal da Bahia (FAUFBA). Bolsista de produtividade em pesquisa CNPq nível 1A. Atuação em pesquisa: Grupo de Pesquisa Lugar Comum. Áreas de ensino e pesquisa: história e memória da cidade e do urbanismo; produção da cidade, espaços públicos, espaços comuns; política e direito à cidade.

ANA MARIA FERNANDES < anaf2017@gmail.com >

Undergraduate degree in Architecture and Urbanism from USP; master's degree at the Université Paris-Est Créteil Val-de-Marne; PhD in Aménagement et Environnement at the Université de Paris XII (Paris-Val-de-Marne); postdoctoral fellow at Columbia University and École d'Architecture Paris Malaquais. Full Professor retired from the Faculty of Architecture of the Federal University of Bahia (FAUFBA). CNPq Research Productivity Scholarship - Level 1A. Research experience : Common Place Research Group. Teaching and research areas: history and memory of the city and urbanism; city production, public spaces, common spaces; politics and the right to the city.

ANTÔNIO TARCÍSIO REIS < tarcisio@orion.ufrgs.br >

Graduação em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS); especialização na Newcastle University; doutorado pela Post-Graduate Research School – Oxford Brookes University; e pós-doutorado pela University of Sydney. Atuação docente: UFRGS (atual). Consultor do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CNPq/CAPES) e revisor de periódicos. Áreas de ensino e pesquisa: análise e avaliação espacial, percepção ambiental, desenho urbano, projeto da habitação social, segurança e estética urbana.

ANTÔNIO TARCÍSIO REIS < tarcisio@orion.ufrgs.br >

Undergraduate degree in Architecture and Urbanism from the Federal University of Rio Grande do Sul (UFRGS); specialization at Newcastle University; PhD from the Post-Graduate Research School - Oxford Brookes University; and postdoctoral degree from the University of Sydney. Teaching experience: UFRGS (current). Consultant for the National Council for Scientific and Technological Development at the Improvement for Higher Education Personnel Department (CNPq / CAPES) and reviewer for journals. Teaching and research areas: spatial analysis and assessment, environmental perception, urban design, social housing design, urban security and aesthetics.

DAMIEN MASSON < damien.masson@u-cergy.fr >

Graduação em Urbanismo; doutorado pela Université Pierri Mendès-France (Grenoble II). Atuação docente: Universidade de Cergy-Pontoise (atual). Atuação em pesquisa: Laboratório MRTE e Laboratoire Ambiances Architectures Urbanités (AAU). Áreas de ensino e pesquisa: mobilidade urbana diária: usos, práticas, experiências de transporte público urbano; ambiências, ambientes sensíveis e som urbano; representações e cartografias sensíveis.

DAMIEN MASSON < damien.masson@u-cergy.fr >

Undergraduate degree in Urbanism; PhD from Université Pierri Mendès-France (Grenoble II). Teaching experience: Cergy-Pontoise University (current). Research experience: MRTE Laboratory and Laboratoire Ambiances Architectures Urbanités (AAU). Teaching and research areas: daily urban mobility: uses, practices, urban public transportation experiences; ambiances, sensitive environments and urban sound; sensitive representations and cartographies.

EVELYN FURQUIM WERNECK < evelynfvlima@yahoo.com.br >

Graduação em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ, mestrado em História da Arte e doutorado em História Cultural pela UFRJ/EHESS, com doutorado sanduíche pela École des Hautes Études en Sciences Sociales, e pós-doutorado na Université Paris X (CAPES), além de estágio sênior no Collège de France (CNPq). Atuação docente: Instituto Metodista Bennett (1998-2005); Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro – UNIRIO, como professora Titular (atual). Bolsista de produtividade em pesquisa CNPq nível 1B. Atuação em pesquisa: Laboratório de Estudos do Espaço Teatral e Memória Urbana; Estudos do Espaço Teatral e Estudos de Áreas Históricas – Memória, Espaço e Projeto Urbano. Áreas de ensino e pesquisa: patrimônio cultural, história da arquitetura, arquitetura teatral, história da cidade e do urbanismo.

EVELYN FURQUIM WERNECK < evelynfvlima@yahoo.com.br >

Undergraduate degree in Architecture and Urbanism from the Federal University of Rio de Janeiro - UFRJ, Master in Art History and PhD in Cultural History from UFRJ / EHESS, with a sandwich PhD from École des Hautes Études en Sciences Sociales, and postdoctoral degree from Université Paris X (CAPES), in addition to a senior internship at Collège de France (CNPq). Teaching experience: Instituto Metodista Bennett (1998-2005); Federal University of the State of Rio de Janeiro - UNIRIO, as a Full Professor (current). CNPq Research Productivity Scholarship - Level 1B. Research experience: Laboratory for the Study of Theater Space and Urban Memory; Studies on the Theater Space and Studies on Historical Areas - Memory, Space and Urban Design. Teaching and research areas: cultural heritage, architectural history, theatrical architecture, city history and urbanism.

LEANDRO SILVA MEDRANO < leandro.medrano@gmail.com >

Graduação em Arquitetura e Urbanismo - FAU/USP, mestrado na Universitat Politecnica de Catalunya, doutorado na USP e pós-doutorado na Universidad Politecnica de Madrid. Atuação docente: Universidade de Campinas - Unicamp (2003-2013) e USP (atual). Bolsista de produtividade em pesquisa CNPq nível 2. Atuação em pesquisa: Grupo de Estudos do Contemporâneo do Centro de Estudos Avançados (CEAv-Unicamp); Projeto Temático da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP) Architecture and Urbanism, addressing the social space in the 21st, em parceria com Harvard (EUA) e TUDelft (Holanda). Áreas de ensino e pesquisa: teoria da arquitetura e do urbanismo, urbanismo, desenho urbano, espaço urbano, habitação coletiva, habitação de interesse social e ensino superior.

LEANDRO SILVA MEDRANO < leandro.medrano@gmail.com >

Undergraduate degree in Architecture and Urbanism - FAU / USP, master's degree at Universitat Politecnica de Catalunya, PhD at USP and postdoctoral degree at Universidad Politecnica de Madrid. Teaching experience: University of Campinas - Unicamp (2003-2013) and USP (current). CNPq Research Productivity Scholarship - Level 2. Research activities: Contemporary Studies Group at the Center for Advanced Studies (CEAv-Unicamp); Theme Project at the São Paulo State Research Support Foundation (FAPESP) Architecture and Urbanism, addressing the social space in the 21st, through a partnership with Harvard (USA) and TUDelft (Netherlands). Teaching and research areas: theory of architecture and urbanism, urbanism, urban design, urban space, collective housing, social housing and higher education.

LUIZ EIRADO AMORIM < amorim.l@gmail.com >

Graduação em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade Federal de Pernambuco - UFPE; doutorado na Bartlett School of Graduate Studies – University College London e pós-doutorado no Instituto Superior Técnico – Portugal. Atuação docente: Taubman College of Architecture and Urban Planning – University of Michigan (2004); Universidade Federal da Paraíba (UFPB) e UFPE (atual). Bolsista de produtividade em pesquisa CNPq nível 1A. Atuação em pesquisa: Laboratório de Estudos Avançados em Arquitetura (IA2) e Grupo de Pesquisa de Morfologia da Arquitetura e do Urbanismo. Áreas de ensino e pesquisa: arquitetura moderna, história e teoria da arquitetura e espaço doméstico.

LUIZ EIRADO AMORIM < amorim.l@gmail.com >

Undergraduate degree in Architecture and Urbanism from the Federal University of Pernambuco - UFPE; PhD at Bartlett School of Graduate Studies - University College London and postdoctoral degree at Instituto Superior Técnico - Portugal. Teaching experience: Taubman College of Architecture and Urban Planning - University of Michigan (2004); Federal University of Paraíba (UFPB) and UFPE (current). CNPq Research Productivity Scholarship - Level 1A. Research experience: Laboratory of Advanced Studies in Architecture (LA2) and Morphology Research Group on Architecture and Urbanism. Teaching and research areas: modern architecture, history and theory of architecture and domestic space.

MARCELO TRAMONTANO < tramont@sc.usp.br >

Graduação em Arquitetura pela École Nationale Supérieure d'Architecture de Grenoble e em Arquitetura e Urbanismo pela Pontifícia Universidade Católica de Campinas - PUC-Campinas; mestrado pela École d'Architecture de Grenoble. Doutorado pela USP e pós-doutorado na École Nationale Supérieure d'Architecture de Paris-Malaquais. Atuação docente: Instituto de Arquitetura e Urbanismo - IAU-USP (desde 1990). Atuação em pesquisa: coordenador do Nomads.usp (Núcleo de Estudos de Habitares Interativos) e editor-chefe do periódico *VIRUS* (ISSN 2175-974x). Áreas de ensino e pesquisa: habitares contemporâneos urbanos e sua história; arquitetura, parametrização e cultura digital; BIM e processos de projeto; informatização do cotidiano, políticas culturais; *design* de mobiliário; plataformas *on-line* em processos decisórios participativos para intervenções urbanas.

MARCELO TRAMONTANO < tramont@sc.usp.br >

Undergraduate degree in Architecture from the École Nationale Supérieure d'Architecture of Grenoble and in Architecture and Urbanism from the Pontifical Catholic University of Campinas - PUC-Campinas; master's from the École d'Architecture de Grenoble. PhD from USP and postdoctoral degree at the École Nationale Supérieure d'Architecture in Paris-Malaquais. Teaching experience: Institute of Architecture and Urbanism - IAU-USP (since 1990). Research experience: coordinator of Nomads.usp (Center for the Study of Interactive Housing) and editor-in-chief of the journal *VIRUS* (ISSN 2175-974x). Teaching and research areas: contemporary urban houses and their history; architecture, parameterization and digital culture; BIM and design processes; computerization of everyday life, cultural policies; furniture design ; online platforms in participatory decision-making processes for urban interventions.

NICOLAS REMY < nicola.remy@gmail.com >

Professora Adjunta do Instituto de Pesquisa e Planejamento Urbano e Regional - IPPUR-UFRJ. Doutora em Antropologia pelo PPGA/ICHF-UFF (2008) com estágio doutoral no Departement de Sociologie da Université de Paris X-Nanterre (2005-2006, Acordo CAPES-COFECUB 447/04). Mestre em Antropologia pela UFF (2003). Graduiu-se em Comunicação Social nas Faculdades Integradas Hélio Alonso - FACHA (1997). Pós-doutora CLERSÉ/Université de Lille 1 (Acordo CAPES-COFECUB 613/08). Foi ATER na Université de Lille 1 (Institut d'Anthropologie et Sociologie, 2009-2010) e professora na Universidade Cândido Mendes (UCAM). É pesquisadora associada ao LeMetro/IFCS-UFRJ e ao INCT-InEAC/UFF.

NICOLAS REMY < nicola.remy@gmail.com >

Undergraduate degree in Physics. Postdoctoral degree from the Polytechnic School of Nantes applied to architecture. Teaching experience: École Nationale Supérieure - Grenoble (2003-2006) and Marseilles (2006-2008); l'Université de Thessalie (current). Research activities: Research Center on Sonic Space and the Urban Environment and Ambiances, Architectures Urbanités (AAU). Teaching and research areas: ambiance; relationship between physics, theories of perception and architecture.

RAINER KAZIG < kazig.r@grenoble.archi.fr >

Graduação em Geografia Humana. Doutorado e pós-doutorado pela Technical University of Munich. Atuação em pesquisa: Pesquisador da Unité Mixte de Recherche CNRS Ambiances Architecture Urbanités, coordenador da International Ambiances Network, e coeditor da série Routledge “Ambiances, Atmospheres and Sensory Experiences of Space”. Áreas de ensino e pesquisa: espaços públicos; estética cotidiana; percepção ambiental; geografia sensorial (atmosferas e afetos).

RAINER KAZIG < kazig.r@grenoble.archi.fr >

Undergraduate degree in Human Geography. PhD and postdoctoral degree from the Technical University of Munich. Research experience: Researcher at Unité Mixte de Recherche CNRS Ambiances Architecture Urbanités, coordinator of the International Ambiances Network, and co-editor of the Routledge series “Ambiances, Atmospheres and Sensory Experiences of Space”. Teaching and research areas: public spaces; everyday aesthetics; environmental perception; sensory geography (atmospheres and affects).

STAEI PEREIRA COSTA < staelalvarenga@gmail.com >

Graduação em Arquitetura e Urbanismo pela Escola de Arquitetura da Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG. Mestrado em Urban Design – Oxford Polytechnic, e doutorado pela USP. Atuação docente: UFMG (atual). Atuação em pesquisa: Grupo de Pesquisa em Desenho Ambiental do CNPq e Laboratório da Paisagem vinculado ao Departamento de Urbanismo e ao Programa de Pós-graduação em Ambiente Construído e Patrimônio Sustentável - PACPS (desde 2008). Áreas de ensino e pesquisa: planejamento e projeto do espaço urbano com ênfase em morfologia urbana; paisagem urbana; desenho urbano; percepção do ambiente construído e ambiente.

STAEI PEREIRA COSTA < staelalvarenga@gmail.com >

Undergraduate degree in Architecture and Urbanism from the Faculty of Architecture at the Federal University of Minas Gerais - UFMG. Master's in Urban Design - Oxford Polytechnic, and PhD from USP. Teaching experience: UFMG (current). Research activities: CNPq Environmental Design Research Group and Landscape Laboratory linked to the Department of Urbanism and the Postgraduate Program on Constructed Environments and Sustainable Heritage - PACPS (since 2008). Teaching and research areas: planning and design of urban space with an emphasis on urban morphology; urban landscape; urban design; perception of the constructed environment and environment.

VERA TANGARI < vtangari@gmail.com >

Graduação em Arquitetura e Urbanismo pelo Instituto Metodista Bennett. Mestrado em Urban Planning, com concentração em Urban Design – University of Michigan, e doutorado em Arquitetura e Urbanismo pela USP. Atuação docente: professora associada da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da UFRJ (atual). Bolsista de produtividade em pesquisa CNPq nível 2. Atuação em pesquisa: Grupo de Pesquisa Arquitetura da Paisagem e Sistema de Espaços Livres no Rio de Janeiro. Áreas de ensino e pesquisa: paisagem; morfologia urbana; desenho urbano.

VERA TANGARI < vtangari@gmail.com >

Undergraduate Degree in Architecture and Urbanism from the Methodist Bennett Institute. Master's in Urban Planning, focussed on Urban Design - University of Michigan, and PhD in Architecture and Urbanism from USP. Teaching experience: associate professor at the Faculty of Architecture and Urbanism at UFRJ (current). CNPq Research Productivity Scholarship - Level 2. Research experience: Research Group Landscape Architecture and Free Spaces System in Rio de Janeiro. Teaching and research areas: landscape; urban morphology; urban design.

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)

DUARTE, Cristiane Rose de Siqueira e PINHEIRO, Ethel (Organizadoras)

Arquitetura, Subjetividade e Cultura: Cenários de Pesquisa no Brasil e Pelo Mundo / 1ª ed. – Rio de Janeiro: Rio Books, Programa de Pós-Graduação em Arquitetura - Faculdade de Arquitetura e Urbanismo - PROARQ - FAU-UFRJ, 2020. 598 p.: il., 21 x 21cm. ISBN: 978-65-87913-11-7 (Rio Books) ISBN: 978-65-88335-02-4 (PROARQ)

1. Ambiências 2. Arquitetura 3. Ciências Sociais Aplicadas 4. Cultura 5. Pesquisa

CDD: 720



O Laboratório “Arquitetura, Subjetividade e Cultura” é um grupo de pesquisa vinculado ao PROARQ/ UFRJ. O grupo se debruça na análise dos fatores de ordem subjetiva e cultural que participam da construção do Lugar, da memória e da identidade espacial dos grupos socio-culturais urbanos. Ao conhecer os mecanismos de Moldagem do Lugar e estabelecimento dos afetos produzidos pelas/nos espaços físicos, tal assunto tem se mostrado fundamental tanto para a geração de estratégias de promoção do bem estar humano nas ambiências urbanas como para o sucesso dos projetos de arquitetura e urbanismo desenvolvidos a partir de novas metodologias. A repercussão do conhecimento gerado tem se dado por meio de divulgação científica, cursos de extensão, workshops de ação prática, projetos de pesquisa e palestras. O LASC estabelece convênios e parcerias com pesquisadores dedicados à arquitetura em seu campo ampliado.

Todos os direitos desta edição são reservados ao selo editorial do Programa de Pós-Graduação em Arquitetura – PROARQ FAU-UFRJ, à Editora Grupo Rio Ltda. e aos autores. Nenhuma parte desta obra pode ser reproduzida ou transmitida por qualquer forma e/ou quaisquer meios (eletrônicos ou mecânicos, incluindo fotocópias e gravação) ou arquivada em qualquer sistema de banco de dados sem permissão escrita dos editores. Os artigos e as imagens reproduzidas nos textos são de inteira responsabilidade de seus autores.

Todos os esforços foram feitos no sentido de se encontrar a fonte dos direitos autorais de todo o material contido neste livro. Os editores gostariam de ouvir os detentores dos direitos autorais para corrigir qualquer erro ou omissão.

APOIO:



FINANCIAMENTO:



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO

REITORA . Profª. Drª. Denise Pires de Carvalho
VICE-REITOR . Prof. Dr. Carlos Frederico Leão Rocha
DECANA DO CENTRO DE LETRAS E ARTES . Profª. Drª. Cristina Tranjan

FACULDADE DE ARQUITETURA E URBANISMO

DIRETORA . Profª. Drª. Andrea Queiroz Rego
VICE-DIRETOR . Prof. Dr. Guilherme Lassance

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ARQUITETURA

COORDENADORA . Profª. Drª. Ethel Pinheiro Santana
VICE-COORDENADOR . Prof. Dr. Marcos Martinez Silvano
COORDENAÇÃO ADJUNTA DE EDITORIA . Profª. Drª. Vera Regina Tangari
REPRESENTANTE DA CÂMARA DE EDITORIA . Prof. Dr. Rubens de Andrade

CONSELHO EDITORIAL

Alina Santiago . UFSC
Angélica Benatti Alvim . Mackenzie SP
Ana Maria Fernandes . UFBA
Antônio Tarcísio Reis . UFRGS
Damien Masson . Université de Cergy-Pontoise
Evelyn Furquim Werneck . UERJ
Leandro Silva Medrano . FAU USP
Luiz Eirado Amorim . UFPE
Marcelo Tramontano . FAU USP
Nicolas Remy . Polytechnic School of Thessaly
Rainer Kazig . CNRS- UMR 1563/ CRESSON
Stael Pereira Costa . UFMG
Vera Regina Tangari . UFRJ



RIO BOOKS

Rua Valentin da Fonseca 21 / 504 – Sampaio
Rio de Janeiro – RJ | CEP 20950-220
Tel. (21) 2252-0084

contato@riobooks.com.br
www.riobooks.com.br

EDITORIA PROARQ

editoria.proarq@fau.ufrj.br

Programa de Pós Graduação em Arquitetura da FAU-UFRJ (PROARQ)
Av. Pedro Calmon, 550, Sala. 433 Prédio da Reitoria, Ilha do Fundão Rio de Janeiro - RJ 21941-590
Telefone: +55 (21) 3938-0288

CRISTIANE ROSE DUARTE

Professora Titular aposentada da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Graduada em Arquitetura pela Universidade Federal do Rio de Janeiro e Architecte DPLG pela École d'Architecture de Paris-La Villette, Mestrado pela Université de Paris-Est Créteil Val-de-Marne e Doutorado pela Université de Paris I (Panthéon-Sorbonne). Pós-doutorado na University of California, Berkeley. Pesquisadora 1A do CNPq. Foi membro do comitê de Assessoramento do CNPq e é Coordenadora da área AeUD na FAPERJ. Coordenadora do Laboratório de pesquisa 'Arquitetura, Subjetividade e Cultura' – LASC/Proarq.

ETHEL PINHEIRO

Professora Associada concursada da FAU/UFRJ. Formada em Arquitetura e Urbanismo pela FAU/UFRJ com Magna cum Laude, Mestrado e Doutorado pelo Programa de Pós-graduação em Arquitetura – Proarq, professora do quadro permanente do Proarq/UFRJ. Coordenadora de Editoria do Proarq (2015-2019), Coordenadora do TFG FAU/UFRJ (2018-2019), Editora-chefe da revista científica CADERNOS PROARQ e Coordenadora eleita do Proarq/UFRJ para o biênio 2020-2021. Coordenadora do Laboratório de pesquisa 'Arquitetura, Subjetividade e Cultura' – LASC/Proarq.

CRISTIANE ROSE DUARTE

Retired Full professor at the Faculty of Architecture and Urbanism at the Federal University of Rio de Janeiro - FAU / UFRJ. Undergraduate degree in Architecture from UFRJ and Architecte DPLG from ENSAPLV. Master's degree from the Université de Paris Est-Créteil and PhD from the Université de Paris I Panthéon-Sorbonne. Postdoctoral degree at the University of California, Berkeley. 1A Researcher at the National Council for Scientific and Technological Development (CNPq) and coordinates the Research Laboratory for Architecture, Subjectivity and Culture (LASC / PROARQ).

ETHEL PINHEIRO

Associate professor at FAU / UFRJ. Undergraduate degree with Magna cum laude in Architecture and Urbanism from FAU / UFRJ. Master's and PhD from the Post-graduation Program in Architecture (Proarq). Permanent professor at PROARQ/UFRJ. PROARQ Press Coordinator (2015-2019), Final Studio Coordinator at FAU/UFRJ (2018-2019), Editor-in-chief of the scientific journal Cadernos PROARQ (ISSN 2675-0392) and current Coordinator of PROARQ (2020-21). Coordinates the Research Laboratory for Architecture, Subjectivity and Culture (LASC/ Proarq).



CRISTIANE ROSE **DUARTE**
ETHEL **PINHEIRO**
FELIPE **BEROCAN VEIGA**
GLEICE **AZAMBUJA ELALI**
JEAN-FRANÇOIS **AUGOYARD**
JEAN-PAUL **THIBAUD**
MARCO ANTONIO **DA SILVA MELLO**
NEIVA **VIEIRA DA CUNHA**
NICOLAS **TIXIER**
NIELS **ALBERTSEN**
PAULA **UGLIONE**
PAULO AFONSO **RHEINGANTZ**
RACHEL **THOMAS**
ROBERT **MOSES PECHMAN**
SORAYA **SILVEIRA SIMÕES**

ISBN 978-65-87913-11-7

